



## GLADSON PEREIRA DA CUNHA

### **NÃO OS TIRES DO MUNDO:**

Estudo da relação Igreja-Mundo numa denominação presbiteriana brasileira, à luz da reflexão teológica de Leslie Newbigin e José Comblin

### **TESE DE DOUTORADO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia

Orientador: Prof. Joel Portella Amado

Rio de Janeiro  
Agosto de 2019



## GLADSON PEREIRA DA CUNHA

### **NÃO OS TIRES DO MUNDO:**

Estudo da relação Igreja-Mundo numa denominação presbiteriana brasileira, à luz da reflexão teológica de Lesslie Newbigin e José Comblin

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Joel Portella Amado**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa de Freitas Cardoso**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Valdir Stephanini**

Faculdade Unida de Vitória

**Prof. Bruno Silveira Albuquerque**

Faculdade de Teologia Iguaçuana

Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho, sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Gladson Pereira da Cunha**

Ministro ordenado da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Graduado em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller, Belo Horizonte. Graduação convalidada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2006. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2010. Especialista em Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo, em 2012. Coordenador e Professor de Teologia e Filosofia no Centro de Ensino Superior Fabra, em Serra, Espírito Santo.

#### Ficha Catalográfica

Cunha, Gladson Pereira da

Não os tiores do mundo: estudo da relação Igreja-Mundo numa denominação presbiteriana brasileira, à luz da reflexão teológica de Lesslie Newbigin e José Comblin / Gladson Pereira da Cunha ; orientador: Joel Portella Amado. – 2019.

525 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Processos evangelizadores. 3. Missão. 4. Igreja. 5. Mundo. 6. Integração. I. Amado, Joel Portella. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Às três mulheres da minha vida  
Priscila, Cecília e Zuleica.  
Esposa, mãe e irmã

## Agradecimentos

Ao Deus Uno e Trino, Criador, Mantenedor e Consumador de todas as coisas, digno sempre de toda glória, em quem também me alegro!

À minha querida esposa Priscila, que permaneceu ao meu lado, sendo minha maior incentivadora!

Aos meus queridos pais Adenor (*in memoriam*) e Cecília, cujo estímulo também me ajudaram a chegar aqui!

Aos meus queridos Zuleica e Clebson, pelo apoio e carinho demonstrado de diversas maneiras!

Ao meu orientador D. Joel Portella Amado, pastor, professor e amigo. Obrigado por sua compreensão, generosidade e acolhimento, que se traduzia numa certeza tranquila de que você estava ao meu lado, mesmo estando, às vezes, muito longe!

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Cardoso de Freitas e ao Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes pelo acompanhamento na preparação deste trabalho que culminou na participação na Banca, ambos com suas contribuições;

Ao Prof. Dr. Valdir Stephanini e ao Prof. Dr. Bruno Albuquerque que, na participação na banca avaliadora, contribuíram muito com suas observações;

À CAPES, porque este presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela excelência no ensino, pelo acolhimento e gratuidade;

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, com os quais tive o prazer aprender;

À Secretária do Departamento de Teologia da PUC-Rio em sua prontidão para resolver algumas dificuldades;

À Igreja Presbiteriana em Santa Teresa que foi me permitiu estudá-la e apoiou-me nesse intento;

À Igreja Presbiteriana Manancial e a Congregação Quilombola pelo auxílio na fase final dos meus estudos;

À Prof.<sup>a</sup> Silvana Moreira Lemos pela presteza na correção deste trabalho;

Aos meus alunos Sérgio, Jorge, Douglas, Ricardo, Elizamara, Sebastião e Valter que me auxiliaram com a transcrição das entrevistas;

A todos os meus alunos da Escola de Ensino Superior Fabra, principalmente os do curso de Teologia;

À Escola de Ensino Superior Fabra onde pude realizar meus estágios;

À Faculdade Unida de Vitória pelo empréstimo de material de sua biblioteca;

A todos que de diversas formas me auxiliam de alguma maneira nesses anos de doutoramento;

## Resumo

Cunha, Gladson Pereira; Amado, Joel Portella (Orientador). **NÃO OS TIRES DO MUNDO:** Estudo da relação Igreja-Mundo numa denominação presbiteriana brasileira, à luz da reflexão teológica de Lesslie Newbigin e José Comblin. Rio de Janeiro, 2019, 525 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A relação entre a Igreja e o Mundo é um tema sempre pertinente ao estudo teológico em sua dimensão sistemático-pastoral. A presente tese se debruça sobre essa temática para investigar como essa relação acontece nos processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa (IP-ST), uma comunidade eclesialmente jurisdicionada a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), uma denominação cristã de tradição reformada. A partir da análise dos processos evangelizadores dessa comunidade eclesial, verificou-se as percepções da sua membresia quanto ao resultado da evangelização operada pelos processos verificados. Percepções que concebem dualistamente a relação Igreja-Mundo, isto é, uma leitura em chave de oposição. Esses resultados foram submetidos ao escrutínio da reflexão teológico-missionária de Lesslie Newbigin, um teólogo de tradição presbiteriana, e José Comblin, um teólogo de tradição católica. Procurou-se compreender com esses dois autores concebiam a relação Igreja-Mundo e, diante da avaliação dos dados alcançados na pesquisa de campo, propor um modelo de ação evangelizadora que conceba a relação Igreja-Mundo numa chave de compreensão integradora. A proposta apresentada por esta tese é de uma evangelização que supere a dicotomia presente na teologia e práxis das Igrejas cristãs, como verificado e demonstrado neste trabalho, visando um mais efetivo anúncio do Evangelho para o cumprimento do mandato missionário da Igreja.

### Palavras-chave

Processos Evangelizadores; Missão; Igreja. Mundo; Integração.

## Abstract

Cunha, Gladson Pereira; Amado, Joel Portella (Advisor). **NOT TAKE THEM OUT OF THE WORLD:** Study of the Church-World relationship in the Brazilian Presbyterian denomination, in the light of theological reflection of Lesslie Newbigin and José Comblin. Rio de Janeiro, 2019, 525p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The relationship between the Church and the World is always relevant to theological study in its systematic and pastoral dimension. The present thesis focuses on this theme to investigate how this relationship happens in the evangelizing processes of the Presbyterian Church in Santa Teresa [Igreja Presbiteriana em Santa Teresa (IP-ST)], an ecclesiastically constituted community of the Presbyterian Church of Brazil [Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)], a Christian denomination of Reformed tradition. From the analysis of the evangelizing processes of this ecclesial community, the perceptions of its membership were verified as to the result of the evangelization operated by the verified processes. Perceptions that dualistically conceive the Church-World relationship, that is, a key opposition reading. These results were subjected to the scrutiny of the theological-missionary reflection of Lesslie Newbigin, a theologian of Presbyterian tradition, and Joseph Comblin, a theologian of Catholic tradition. We sought to understand with these two authors the Church-World relationship and, in view of the evaluation of the data obtained in field research, propose a model of evangelizing action that conceives the Church-World relationship in a key of integrating understanding. The proposal presented by this thesis is an evangelization that overcomes the dichotomy present in the theology and praxis of the Christian Churches, as verified and demonstrated in this work, aiming at a more effective proclamation of the Gospel for the fulfilment of the missionary mandate of the Church.

## Keywords

Evangelizing Processes; Mission; Church; World; Integration

## Sumário

1	Introdução .....	14
2	A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa e os processos evangelizadores: A Pesquisa de Campo.....	30
2.1	A Pesquisa de Campo: Algumas Indicações .....	31
2.1.1	As Questões Metodológicas e suas Definições .....	32
2.1.2	O município de Santa Teresa: Considerações para compreensão de um contexto .....	39
2.1.3	A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa: A apresentação de uma realidade .....	45
2.2	Os Processos Evangelizadores na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa: Identificação de uma realidade .....	55
2.2.1	O Culto Dominical: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos a Casa do Senhor” .....	56
2.2.2	A Escola Dominical: “Estas palavras tu as inculcarás” .....	66
2.2.3	A Reunião de Oração & Estudo Bíblico: “Orai sem cessar” .....	70
2.2.4	As Percepções dos membros da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa acerca dos Processos Evangelizadores .....	74
2.3	Os Enfrentamentos cotidianos dos Presbiterianos em Santa Teresa: Alguns resultados da ação evangelizadora .....	77
2.3.1	Lidando com as questões referentes à família .....	78
2.3.2	Lidando com questões referentes à relação Pecado-Santificação .....	88
2.3.3	Lidando com questões referentes ao testemunho cristão.....	93
2.3.4	Lidando com questões referentes ao tempo.....	98
2.3.5	Lidando com questões referentes a própria existência.....	105
2.3.6	Lidando com questões referentes a vida financeira e trabalho....	107
2.4	A Igreja no auxílio dos enfrentamentos de sua membresia .....	109
2.5	As Percepções dos Presbiterianos em Santa Teresa acerca da relação entre Igreja e Mundo .....	114
2.5.1	As Percepções dos membros da IP-ST acerca da Igreja .....	115
2.5.2	As Percepções dos membros da IP-ST acerca do Mundo .....	122
2.5.3	As Percepções dos membros da IP-ST acerca da Relação Igreja-Mundo.....	130
2.6	Síntese do Capítulo .....	136
3	Em busca de uma relação específica entre a igreja e o Mundo.....	138
3.1	Lesslie Newbigin: Uma relação de Contraste .....	142
3.1.1	Apontamentos Biográficos de Lesslie Newbigin .....	144
3.1.2	O Evangelho em uma Sociedade Pluralista: Ponto-de-partida para a compressão da proposta de Newbigin.....	152
3.1.3	Apontamentos Teológicos corroborativos para elaboração da relação Igreja-Mundo em Newbigin .....	159
3.2	José Comblin: Uma relação de Alteridade .....	215
3.2.1	Apontamentos Biográficos de José Comblin .....	216
3.2.2	A Teologia da Missão: Ponto-de-partida para a compressão da proposta de Comblin.....	220

3.2.3 Apontamentos Teológicos corroborativos para elaboração da relação Igreja-Mundo em Comblin .....	229
3.3 Indicações para uma proposta de Relação Integradora entre a Igreja e o Mundo .....	269
3.4 Síntese do Capítulo .....	276
4 Por uma Evangelização Integradora: pistas e modelos para processos evangelizadores numa relação Igreja-Mundo .....	278
4.1 Evangelização: Pistas para uma definição Integradora .....	282
4.1.1 O Aspecto Teo-referente da Evangelização .....	283
4.1.2 O Aspecto Inculturado da Evangelização .....	292
4.1.3 O Aspecto Dialogal da Evangelização .....	302
4.1.4 O Aspecto Público da Evangelização .....	313
4.1.5 O Aspecto Diaconal da Evangelização .....	322
4.2 As Responsabilidades numa Evangelização Integradora .....	329
4.2.1 As Responsabilidades Clérigo-Pastorais .....	334
4.2.2 As Responsabilidades do Laicato .....	352
4.3 OS Caminhos para uma Evangelização Integrada .....	367
4.3.1 O Caminho do Conversão .....	368
4.3.2 O Caminho da Adesão.....	373
4.3.3 O Caminho da Renovação.....	377
4.4 Síntese do Capítulo .....	380
5 Conclusão.....	382
6 Referências Bibliográficas.....	395
Anexo .....	416

## Abreviaturas

AG	Decreto Ad Gentis – Sobre a atividade missionária da Igreja
ARA	Bíblia João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada
BCW	Breve Catecismo de Westminster
BJ	Bíblia de Jerusalém
CD-IPB	Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil
CE-IPB	Comissão Executiva da Igreja Presbiteriana do Brasil
Cf.	Conforme, confira
CFW	Confissão de Fé de Westminster
CI-IPB	Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil
CMW	Catecismo Maior de Westminster
DH	H. Denzinger; P. Hünermann. El Magisterio de la Iglesia, 2000.
EG	Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
EN	Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi
GE	Constituição Pastoral Gaudium et Spes
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IP-ST	Igreja Presbiteriana em Santa Teresa
IRC	Instituição da Religião Cristã, A
LG	Constituição Dogmática Lumen Gentium
NVI	Nova Versão Internacional
PLa	Pacto de Lausanne
PL-IPB	Princípios de Liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil
Q-R	Questão e Resposta
SC-IPB	Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil

## Listas de Imagens e Tabelas

Figura 1 - Mapa de Santa Teresa (presença étnica) .....	42
Figura 2 - Reversão dialética clero-laicato .....	364
Figura 3 - Sociotransformação .....	390
Tabela 1 - Membros que não participaram da Pesquisa .....	34
Tabela 2 - Residentes por Religião em Santa Teresa .....	37
Tabela 3 - Relação Faixa Etária IPB-IPST .....	38
Tabela 4 - Quantidade de Membros e Gênero .....	52
Tabela 5 - Tabela Membros Comungantes .....	53
Tabela 6 - Divórcio .....	84
Tabela 7 - Ministérios e Ação corresponsável leiga .....	363

Todo aquele que ler estas explicações,  
quando tiver certeza do que afirmo, caminhe lado a lado comigo;  
quando duvidar como eu, investigue comigo;  
quando reconhecer que foi seu o erro, venha ter comigo;  
se o erro for meu, chame minha atenção.

Agostinho de Hipona, Trindade, III, 5

# 1 Introdução

“Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal” (Jo 17,15). Com estas palavras a comunidade joanina definiu, de maneira objetiva, o modo e a relação que deveria ser estabelecida entre a Igreja de Jesus Cristo, nascida da experiência da morte-ressurreição do seu Senhor, e o Mundo, ambiente do ser humano e palco da glória e da ação de Deus, como criador e salvador<sup>1</sup>.

Na perspectiva pós-pascal do Quarto Evangelho, a Igreja surge como comunidade enviada na mesma missão de Deus dada a Jesus de Nazaré – “Como o Pai me enviou também eu vos envio” (Jo 20,21). O âmbito, desta ação, é a realidade do mundo<sup>2</sup>, a mesma realidade tocada e experimentada por Deus através da encarnação do seu Logos. A missão era e continua sendo o anúncio da Boa-Nova de Deus e do seu Reino que, em Jesus, reconcilia consigo o mundo (2Co 5,19).

O mundo se torna, deste modo, o campo da ação da Igreja; lugar no qual deve prosperar a repetição do evangelho primeiramente anunciado por Jesus e, agora, continuado pelos seus discípulos. Não peço que os tires do mundo é a antecipação de uma nova realidade apresentada através do Nazareno, isto é, uma nova comunidade que não “era deste mundo”, assim como ele também não é, porque, vinculada ao Filho de Deus, a Igreja se identifica, em amor, com Jesus em contraste ao ódio apresentado pelo mundo contra o seu Mestre (Jo 17,18; 7,7)<sup>3</sup>.

O uso constante de uma mesma palavra para significar duas realidades distintas, aliado à influência posterior do dualismo neoplatônico que modificou, ainda que de forma mitigada<sup>4</sup>, a percepção cristã da realidade fez nascer a ideia de que a Igreja e o Mundo – incluindo ambos os sentidos – estariam em real oposição

---

<sup>1</sup> Cf. CALVINO, J. **Instituições da Religião Cristã**, Tomo I, I:VI:2. Doravante será utilizado a sigla **IRC** para se referir as Institutas, cuja referência será Livro-Capítulo-Parágrafo, que é o modo de citação clássica dessa obra.

<sup>2</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, X. **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.1, p. 14. É significativo a seguinte consideração de Léon-Dufour: “Aunque la oración se sitúa antes de la pasión, Jesús habla como si la comunidad llevase sufriendo por largo tiempo la hostilidad del mundo. Del mismo modo, los vv. 7-8 anticipaban la fe de los discípulos y, en el v. 18, su envío por el Resucitado se indica en aoristo, como algo ya ocurrido”. Cf. LÉON-DUFOUR, X. **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.3, p. 241.

<sup>3</sup> Cf. LÉON-DUFOUR, **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.3, p.241. BRUCE, F.F. **João: Introdução e Comentário**, pp. 283-284.

<sup>4</sup> Cf. RUBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade**, p.89. DUSSEL, E. **El dualismo en la antropología de la Cristiandad**, p. 17.

exigindo a negação e o desapego de tudo o que fosse “mundano”, o que incluía muito mais do que aquilo que eticamente poderia ser considerado mal, contrário e ainda pernicioso ao Evangelho e a proposta de vida oferecida em Jesus Cristo. Tornou-se comum ignorar a realidade da existência humana em favor do ideal de uma vida supra-humana. A relação conflituosa entre a Igreja e o Mundo tornou-se um paradigma, por exemplo, para definir modelos de piedade cristã, que, em geral, apresentam uma proposta de escape da realidade e dos compromissos com ela, enaltecendo “as coisas do alto”.

Diante desta concepção, a missão da Igreja no Mundo se viu prejudicada. Afinal de contas, como ir ao mundo e ao mesmo tempo negá-lo? Não é estranho que a ação missionária da Igreja implicou numa transferência e implantação de um modelo em que a Igreja determinou os rumos da sociedade europeia, que ficou conhecido como Cristandade – que no caso das nações protestantes a partir do século XVIII, se tornou atrelada ao colonialismo desses países – o que dava a impressão de uma sociedade e cultura redimidas dos seus males e pecados, em detrimento daquelas sociedades e culturas alcançadas pela Igreja. Por outro lado, a evangelização se desapegou da realidade concreta, na qual a humanidade inteira estava inserida e assumiu uma alternativa que apresentava uma proposta de Evangelho que se converteu num modo de escape do que é mundano para uma realidade celestial e espiritualizada, que nada tem a ver com o mundo da criação.

Assim, a própria evangelização também foi gravemente comprometida. Responder a graça do Deus salvador passou a demandar uma postura não-exigida pelo Evangelho. Não raro, estas demandas exigiam e continuam exigindo mais um tipo de comportamento depreciativo e desdenhoso pelo mundo do que, necessariamente, uma transformação do caráter da pessoa. Esse tipo de comportamento não consegue separar o mundo do mal. Deste modo, isolar-se da sociedade foi uma prática comum entre cristãos no desejo de evitar o mal.

No meio protestante brasileiro, essa tem sido a tendência desde sua inserção, em meados do séc. XIX<sup>5</sup>. Com uma pregação enfaticamente ético-moralista, o protestantismo brasileiro transmitiu não apenas uma normatização provisória para

---

<sup>5</sup> Cf. MENDONÇA, A. G. **O Celeste Porvir**, p. 105-106; MENDONÇA, A.G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. pp.31-34.

a vida, mas também produziu a desqualificação do mundo<sup>6</sup>, visto que, como descreve Mendonça,

o mundo protestante é um mundo dual. É um tempo dual; tempo sagrado e tempo profano. O fiel vive a sua fé em atos que se realizam no tempo, suas devoções não estão ligadas ao espaço; qualquer lugar é adequado e sagrado para as suas devoções pessoais ou coletivas. Seus atos, sua ética, ao negarem os dos infiéis, constroem um outro tempo que é aquele em que ele vive. O tempo intemporal, a-histórico do futuro, é também dual; o de felicidade eterna e o de sofrimento eterno. [...]. Negando o tempo presente de prazeres, o seu prêmio consistirá não em retribuições efêmeras, mas na aquisição de um não-tempo futuro de felicidade<sup>7</sup>.

Para se alcançar o bem futuro e eterno, fazia e ainda se faz necessário em muitos desses grupos protestantes – embora, isso não seja uma realidade restrita a esse grupo – negar toda a concretude do mundo e não apenas o mal que o dominava. A valorização do celeste porvir em detrimento do terrestre aqui marcou a evangelização inicial do protestantismo no Brasil e, de modo específico, o presbiterianismo<sup>8</sup>. Neste sentido, é possível afirmar que os processos evangelizadores presbiterianos estão influenciados por esse modelo de compreensão da realidade que cria uma ruptura e torna estas duas realidades, Igreja e Mundo, em antagonistas irreconciliáveis. Assim, o modo como a membresia de uma comunidade cristã qualquer interpreta a relação entre a Igreja e o Mundo está diretamente ligada às estruturas conceituais comunicadas pelos processos evangelizadores desta comunidade. Os processos evangelizadores são, nada mais do que, a proclamação da mensagem do Evangelho pregado, primeiramente, por Jesus de Nazaré e, desde sua Ascensão, por sua Igreja.

No caso específico da influência da percepção dualista, que coloca numa relação de oposição-exclusão a Igreja e o Mundo, os processos evangelizadores não apenas dariam lugar a uma espécie de negação da realidade do mundo, como também promoveria e apresentaria uma forma deturpada do ensino evangélico. O

<sup>6</sup> MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, p. 229.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.215. Mendonça chama a atenção do leitor para o fato que essa mentalidade dualista do protestantismo brasileiro é mera continuidade do modelo puritano nascido na Inglaterra do século XVII e desenvolvido nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX. Uma das grandes influências, ao menos num nível mais popular, foi a obra de John Bunyan intitulada *O Peregrino*. Nesta obra Bunyan narra a fuga de um personagem chamado Christian (Cristão) da Cidade da Perdição para a Nova Jerusalém. Ela é uma alegoria do entendimento do que deveria ser a vida cristã, isto é, o abandono da realidade em favor da vida eterna. Não é irrelevante dizer que a primeira escola dominical presbiteriana no Brasil teve como um dos livros textos, juntamente com a Bíblia e um catecismo infantil, o livro de Bunyan. Cf. SIMONTON, A. G. **O Diário de Simonton**, p.141.

<sup>8</sup> É importante lembrar que Antonio Gouvêa Mendonça era pastor presbiteriano e que na sua tese, publicada sob o título *O Celeste Porvir*, o foco de sua pesquisa foi o presbiterianismo do período de sua inserção no Brasil. As suas observações e consequentes considerações sobre o protestantismo como um todo partir necessariamente do modelo presbiteriano.

resultado disso seria uma práxis, também em chave de oposição-exclusão, que desprezaria o mundo, o ambiente da ação missionária da Igreja, por não compreender a integralidade com a qual o Evangelho percebe a humanidade, a sociedade e a cultura produzida, ou seja, o mundo no qual todos estão inseridos.

Diante destas considerações, a presente tese, intitulada “Não os tires do Mundo” pretende ser uma análise de caráter teológico-pastoral a investigar os processos evangelizadores presbiterianos, tanto em sua forma como o seu conteúdo, ainda que esta última seja feita de modo indireto, e mais especificamente aqueles processos encontrados na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa (IP-ST), uma pequena cidade no estado do Espírito Santo.

Desta maneira, o objeto material sobre o qual esta tese trabalhará serão os processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, enquanto meios de anúncio do Evangelho. A intenção primeira desta investigação será verificar os resultados obtidos pelos processos evangelizadores nesta comunidade presbiteriana, ou seja, como o Evangelho, anunciado nessas ações, influencia a vida desses cristãos-presbiterianos, atentando para os seguintes critérios:

Se o Evangelho anunciado e/ou entendido possui ou não um caráter dualista;

Se o Evangelho anunciado e/ou entendido torna esses membros agentes evangelizadores;

Se o Evangelho anunciado e/ou entendido capacita os indivíduos dessa comunidade ao testemunho cristão responsável diante da sociedade em que estão inseridos, o que também está relacionado com a missão da Igreja;

A escolha dessa comunidade cristã é bem simples. Ela surgiu da curiosidade de entender qual ou quais foram os resultados das ações evangelizadoras desta igreja local, isto é, que tipo de perspectiva foi formada nos presbiterianos teresenses. Perspectivas essas que definirão o modo como eles darão conta das suas exigências do Evangelho do Reino de Deus. Embora simples, essa escolha não é simplória, por se tratar de uma questão há muito tempo discutida e refletida, como se pode ver nas conhecidas palavras do Pe. Antonio Vieira, no Sermão da Sexagésima, de 1655:

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a Palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a Palavra de Deus é tão poderosa; se a

Palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da Palavra de Deus?<sup>9</sup>

Falando em seu tempo e contexto, Pe. Vieira faz a mesma pergunta que qualquer cura d'alma faria em seu próprio tempo e contexto, não importando sua tradição confessional. Indagar acerca dos processos evangelizadores utilizados na IP-ST e o modo que eles contribuem para uma experiência do cristão em relação ao mundo, é perguntar sobre os resultados que o anúncio do Evangelho nas vidas de mulheres e homens que semanalmente congregam para participar de uma celebração em que a Boa-Nova de salvação será anunciada.

Conseqüentemente, verificar a existência ou não de um modelo de dualismo em chave de oposição-exclusão, a capacitação ou não para que os mesmos se tornem agentes da missão cristã, atentos ao testemunho de sua fé diante das variadas demandas da vida humana. Para essa intuição existem duas respostas possíveis: Sim ou Não. Admitido o sim, pelo menos mais duas possibilidades precisarão ser consideradas:

Os processos evangelizadores criam uma relação dialógica entre a Igreja e o Mundo, uma relação encarnada e em chave de integração;

ou

Os processos evangelizadores criam uma relação não-dialogal entre a Igreja e o Mundo, numa patente chave de oposição-exclusão, de modo que a Igreja se torna uma sociedade paralela e alienada do mundo;

Em admitido o não, será necessário considerar o porquê da incapacidade dos processos evangelizadores da IP-ST em contribuir para uma experiência cristã no mundo. Feitas, então, essas considerações, duas perguntas deverão servir para orientar o percurso estabelecido por essa tese. Em primeiro lugar:

Os processos evangelizadores adotados na IP-ST têm sido capazes de criar um tipo de relação Igreja-Mundo não-dualista?

E, complementando essa questão, a segunda pergunta é:

De que maneira esses processos evangelizadores e a relação Igreja-Mundo, deles derivada, capacitam a membresia da IP-ST à vida de cristãos-missionários e testemunhas do Evangelho na realidade em que se encontram?

Ou, numa única questão:

---

<sup>9</sup> VIEIRA, A. **Sermão da Sexagésima**. In: BIBLIOTECA ON-LINE DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2018.

Como a relação Igreja-Mundo criada por meio dos processos evangelizadores existentes na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, ES, considerados à luz da relação da Igreja-Mundo presente na teologia de Lesslie Newbigin e José Comblin determinariam a vida no mundo daqueles cristãos diante das exigências próprias da fé cristã?

O que se está considerando aqui é a relação que se estabelece entre os processos de evangelização, que nada mais são do que os meios pelos quais se dá a formação ou iniciação cristã dos membros de uma comunidade eclesial qualquer, por meio do anúncio Evangelho, que “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1,17). E esse mesmo Evangelho é o que dá a direção a todos os cristãos para que estes vivam, efetivamente, como discípulas e discípulos de Jesus Cristo no mundo que Deus amou (cf. Jo 3,16). Afinal de contas, é por meio desses processos que são transmitidos o conteúdo e os princípios do Evangelho, que finca, as ações salvíficas de Deus Uno e Trino, no chão deste mundo.

O que se percebe, portanto, ao examinar essas questões, é que os processos evangelizadores, tanto pela sua forma como pelo seu conteúdo, ainda que esse exame seja indireto, sempre determinarão a maneira como os seus membros compreenderão a relação Igreja-Mundo.

Uma vez tendo problematizado o assunto desta tese, torna-se necessária a elaboração de uma hipótese que, ainda de maneira provisória, responderá ao problema até aqui levantado. Deste modo, a hipótese desta tese é que:

Os processos evangelizadores na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa não correspondem à atual consciência da relação Igreja-Mundo, conforme apresentada pelos autores que serão estudados, de modo que eles se tornam incapazes de possibilitar uma experiência cristã dentro do contexto sociocultural em que se encontram e, de modo mais amplo, dentro da realidade do mundo, ao mesmo tempo, que esses processos criam uma ruptura entre a Igreja e o Mundo.

Assumindo, então, esta hipótese, torna-se imprescindível que se determine o modo como ela será verificada. Esta é uma questão de metodologia. Nesse sentido, deve-se lembrar que este é um trabalho teológico. Embora, seja possível e válido que se lance mão de todo o arcabouço metodológico das ciências humanas e sociais, entre outras, é indispensável e fundamental que o método teológico seja o fio-

condutor metodológico desta tese, a despeito do caráter transcendental que a teologia possui<sup>10</sup>.

Como o propósito deste trabalho possui uma ênfase eclesial-pastoral, a metodologia mais adequada e que será adotada aqui é o Método Ver-Julgar-Agir. Esse método tem oferecido uma grande contribuição na produção teológica latino-americana<sup>11</sup>, trazendo em si os princípios básicos do método teológico clássico. Esse método é paradigmático por ensejar “uma espécie de ritual [metológico]: análise da realidade – reflexão teológica – pistas de ação pastoral”<sup>12</sup>, que possibilita ao pesquisador “ver analiticamente, julgar teologicamente e agir pastoralmente”<sup>13</sup>. O caráter intrinsecamente pastoral da Teologia da Libertação (TdL), portanto, um caráter de ação e de práxis, exige muito mais que mera reflexão à considerável distância do seu objeto. Não se tratava ou se trata de expor a problemática e estabelecer as soluções delas num âmbito simplesmente teórico-teológico. A teologia é a razão da fé e deve ser, ao mesmo tempo, a causa de toda ação da fé, como explica Boff:

Isso constitui uma verdadeira revolução metodológica diante da maneira de praticar a teologia [...]. Simplesmente não se parte já de quadros teóricos elaborados abstractamente e sistematizados totalizadamente, mas de uma leitura cientificamente mediatizada da realidade, dentro da qual se processa a práxis da fé. A partir desta, depois de captar as urgências, os anseios e as interpelações à consciência cristã, opera-se a reflexão teológica. E esta, por sua vez, não se substantiva e se fecha no gozo de sua iluminação, mas antes se abre como práxis de fé<sup>14</sup>.

No entanto, o trabalho metodológico desta tese não se limita à sua adequação ao modo como se faz teologia. É preciso que se considere os demais critérios que conferirão cientificidade que esta tese exige, uma vez que “não há ciência sem o emprego de métodos científicos”<sup>15</sup>. De um modo geral, pelo fato do método teológico ver-julgar-agir ter uma característica dialética, essa será a abordagem que

<sup>10</sup> Por transcendentalidade do método teológico, assume-se aqui duas interpretações. A primeira é o transcendental enquanto aquilo que não pode ser categorizado, isto é, seus “resultados concebidos não estão confinados categoricamente a um campo ou sujeito em particular”. Em segundo no seu sentido mais comum, por muitas vezes a teologia colocar o ser humano diante do Transcendente. Cf. LONERGAN, B. **O Método Teológico**, p.29.

<sup>11</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**, p.291-296 passim. WICKS, J. **Introdução ao Método Teológico**, p.35. LONERGAN, **O Método Teológico**, 2012, p.

<sup>12</sup> BOFF, L. **Teologia do Cativo e da Libertação**. Lisboa: Multinova, 1975, p.28.

<sup>13</sup> BOFF, L. **Puebla: ganhos, avanços, questões emergentes**. In: Revista Eclesiástica Brasileira, nº 153, 1979, pp.43-63

<sup>14</sup> BOFF, **Teologia do Cativo e da Libertação**, p.29.

<sup>15</sup> MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**, p.83.

esta tese assumirá<sup>16</sup>, embora, haja elementos de uma pesquisa indutiva, principalmente no primeiro capítulo. Estabelecido a abordagem metodológica é preciso considerar quais serão as técnicas de pesquisa que, adequadas aos estudos de caráter socioantropológicos, serão colocados ao serviço da reflexão teológica.

As técnicas de pesquisa são “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática [...] para a obtenção de seus propósitos”<sup>17</sup>. Essas técnicas terão o papel principal de documentar o primeiro capítulo desta tese, que é a observação do fenômeno que é o objeto material desta investigação, isto é, os processos evangelizadores na IP-ST. Assim, admite-se ainda o uso de três técnicas de pesquisa e documentação.

A primeira técnica é a observação participante, que consiste “na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” que será estudado<sup>18</sup>. Embora seja possível que haja objeção ao fato do pesquisador ser parte do grupo que se está observando, contudo, para fins metodológicos, o pertencimento do pesquisador ao grupo não invalida o método, porquanto, essa condição se insere no critério de uma observação natural<sup>19</sup>.

A outra técnica pela qual se fará o levantamento da documentação direta que será utilizada neste trabalho será a técnica da entrevista<sup>20</sup>. A entrevista consistir-se-á em sete questões básicas, que poderão dar origem a novos questionamentos, dependendo dos entrevistados. Essas questões básicas são as seguintes:

1. Quais os problemas que você enfrenta no cotidiano?
2. Como a Igreja te auxilia a enfrentar esses problemas?
3. Se sim, como a Igreja te auxilia? Se não, por que ela não te auxilia?
4. O que você entende como Igreja?
5. O que você entende como mundo?
6. Qual a relação que deve existir entre Igreja e Mundo?
7. O que falta na sua igreja?

---

<sup>16</sup> Ibid., p.106; SALOMON, D. V. **A Maravilhosa Incerteza**, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 331ss.

<sup>17</sup> Cf. Ibid., p. 174.

<sup>18</sup> MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**, 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011, p.79.

<sup>19</sup> Ibid., p.79.

<sup>20</sup> MARCONI; LAKATOS, **Técnicas de Pesquisa**, p.81-82.

A primeira questão visa explicitar o modo como o entrevistado encara a realidade, isto é, o mundo. As questões seguintes, a segunda e a terceira, visam determinar se e como a igreja, em princípio, por meio de seus processos evangelizadores, é capaz ou não de habilitar o fiel a lidar com o cotidiano. Nessas duas questões, poderá ser evidenciada uma percepção dualista da realidade ou não, por meio de tendências espiritualizadas.

A quarta questão objetivará a verificação do modo como os membros da IP-ST entendem a realidade eclesial em que se encontram e de uma maneira mais amplas. As possibilidades desse entendimento estão relacionadas à experiência de fé de cada membro entrevistado.

A quinta pergunta, embora pareça propor um dualismo, deve ser entendida no discurso cristão existente, inclusive nas Escrituras. Ao falar sobre o mundo, o membro poderá expressar aquilo que foi ensinado e/ou assimilado.

A sexta questão pretende encontrar a gama possível do entendimento do modo como a igreja e o mundo deveriam se relacionar. Neste caso, espera-se encontrar diversas possibilidades de compreensão, que poderão cobrir um enorme leque, conforme o Pe. Garcia demonstrou existir, que vai desde uma relação de oposição-exclusão, passando por reversões dialéticas e alcançando, por fim, uma relação de inclusão<sup>21</sup>.

A proposta da última pergunta desse questionário é interrogar sobre alguma deficiência da igreja, enquanto comunidade local. A ideia é diagnosticar as fraquezas e as ameaças, bem como a força e as oportunidades da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. Pressupõe-se também, que esse será um espaço para as críticas da membresia.

Em todos os casos, as repostas dadas determinarão o quanto os processos evangelizadores têm desenvolvido uma perspectiva dualista que valoriza o “sagrado” santificado pela igreja em detrimento do mundo e da realidade assumidos como profano, demonstrando também se os processos evangelizadores em termos de forma e conteúdo auxiliam os cristãos presbiterianos em Santa Teresa a viverem de maneira cristã dentro da sua realidade local.

Será utilizado ainda como meio fornecedor de dados para esta tese a técnica de histórias de vida. A observação participante não se restringe a aquilo que se

---

<sup>21</sup> Cf. RUBIO, A.G., **Unidade na Pluralidade**, pp. 75-90.

recolhe de maneira direta por meio de entrevistas ou questionários, mas permite a possibilidade da análise de histórias pessoais como critério para obtenção de informações que sejam pertinentes ao estudo do grupo, uma vez que “as histórias de vida, por mais particular que sejam, é sempre relato de práticas sociais; das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual faz parte”<sup>22</sup>.

Determinadas a abordagem metodológica e as técnicas de pesquisa, é preciso delimitar o universo de observação deste trabalho. Para isso, é necessário que se determine a amostra que será trabalhada<sup>23</sup>. A amostra verificada é a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. Trata-se de uma pequena comunidade que, a despeito do tamanho e número de membros, se configura numa amostra típica da Igreja Presbiteriana do Brasil, isto é, uma amostra representativa ou subgrupo de um grupo maior, de modo que “tal subgrupo é utilizado como ‘barômetro’ da população. Restringem-se as observações a ele e as conclusões obtidas são generalizadas para o total da população”<sup>24</sup>.

Assim, a partir da análise dessa comunidade, será possível compreender se os processos evangelizadores são capazes de construir que tipo de relação entre a Igreja e o mundo – dialógica ou em chave de oposição-exclusão – compreendendo também as características dos próprios processos evangelizadores. O tamanho da IP-ST, que é objeto desta análise, pode ser considerado pequeno. Contudo, deve-se considerar que a IP-ST corresponde exatamente a mesma porcentagem que a IPB, denominação a qual ela é afiliada, dentro do universo brasileiro. Isso faz com que a IP-ST se torne uma amostra típica do universo maior que é a Igreja Presbiteriana do Brasil, por preencher os critérios de representatividade e proporcionalidade, como poderá ser visto na introdução ao primeiro capítulo<sup>25</sup>.

Uma vez que tenha sido feita a observação e análise desse objeto, será necessária a confrontação das informações colhidas à luz do entendimento teológico, o qual deverá proporcionar uma percepção clara e coerente da relação

---

<sup>22</sup> ABREU, W. F. **História de Vida como Metodologia de Pesquisa**, In: **Revista Margens Interdisciplinar**, v.1, n.2 (2004), p. 43. Disponível em: <[http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revista\\_margens/article/view/2849](http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revista_margens/article/view/2849)>. Acesso em 12 dez. 2017.

<sup>23</sup> MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**, p. 30.

<sup>24</sup> ACKOFF, R. L. **Planejamento da pesquisa social**, 1975, p.161 Apud. MARCONI, LAKATOS, **Técnicas de Pesquisa**, p. 53.

<sup>25</sup> Ibid., p.53. Cf. GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**, p.274-275.

Igreja-Mundo. Portanto, assumir-se-á, como objeto formal desta tese, a específica percepção da relação Igreja-Mundo, conforme será construída a partir de dois teólogos distintos, a saber, Lesslie Newbigin, um presbiteriano, e José Comblin, um católico.

Primeiramente, procurar-se-á compreender a proposta de uma relação Igreja-Mundo a partir da teologia de Newbigin, um protestante de tradição reformada com bom trânsito nos círculos liberais e conservadores do protestantismo. Posteriormente, far-se-á o mesmo, procurando determinar uma relação Igreja-Mundo, na teologia de José Comblin, bem mais conhecido no meio teológico brasileiro do que Newbigin. Portanto, como se pode perceber, não se trata de uma tese de autor, mas da tentativa de se construir uma consciência teológica comum, adequada não apenas ao protestantismo, mas também ao catolicismo – o problema do dualismo também é uma barreira à evangelização para a Igreja Católica<sup>26</sup>.

Diante de tudo o que foi dito até aqui, é necessário considerar o status quaestionis da temática que se pretende trabalhar nesta pesquisa, isto é, como o problema levantado por esta tese tem sido tratado e discutido por outros pesquisadores. Assim,

a finalidade do “estado da questão” é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se do momento por excelência que resulta na definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa<sup>27</sup>.

Existem três tópicos a serem avaliados: evangelização e processos evangelizadores, a Igreja Presbiteriana do Brasil (uma vez que a IP-ST é parte constitutiva dessa denominação brasileira) e, por fim, a relação Igreja-Mundo.

De início, é interessante constatar que não existem, no cenário acadêmico, estudos, de natureza teológica, sobre evangelização que tenham como foco a IPB. A propósito, nem mesmo no Centro Presbiteriano Andrew Jumper (CPAJ)<sup>28</sup>,

<sup>26</sup> Cf. RUBIO, **Unidade na Pluralidade**, pp.11-74.

<sup>27</sup> **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15, n.30, jul.-dez./2004 p.7

<sup>28</sup> O Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ) é uma unidade autônoma do Instituto Presbiteriano Mackenzie, seu mantenedor, bem como mantenedor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Trata-se, como o próprio nome informa, de centro de estudos e pesquisa em teologia que promove a formação continuada de ministros presbiterianos e de outras denominações, por meio de programas de pós-graduação de caráter livre sem recomendação da CAPES/MEC. O formato dos cursos segue os modelos e nomenclaturas utilizados em universidade e seminários norte-americanos. O estranho é que não houve preocupação com o tema evangelização pelos alunos do CPAJ.

instituição de pós-graduação da IPB, existem trabalhos nessa perspectiva. À propósito, os dois únicos estudos que trabalham a questão da evangelização dentro da IPB, foram realizados dentro da PUC-Rio. Uma dissertação numa perspectiva histórica<sup>29</sup> e a outra numa perspectiva bíblica<sup>30</sup>. Em ambos os casos, prevalece a ideia da necessidade de uma evangelização inculturada. E assumem também um universo maior de observação – a Igreja Presbiteriana do Brasil, considerando-a como uma realidade unívoca, coisa que definitivamente ela não é. Nesta tese, a busca pela compreensão de uma realidade concreta, a partir de uma investigação específica de questões que tocam o existencial das experiências cristãs reais diante dos desafios do cotidiano num mundo, que é a realidade criada por Deus para a existência bendita da humanidade e todas as demais criaturas, e, ao mesmo tempo, uma realidade em oposição ao Evangelho<sup>31</sup>, aponta para algo ainda não explorado, mas também para algo demasiadamente necessário. No caso de assumir uma determinada comunidade da IPB para a verificação de seus processos de evangelização, abre uma nova oportunidade, de modo a possibilitar que essa análise do particular e específico sirva para uma aplicação geral e universal.

O status quaestionis deve se voltar também para o objeto formal desta tese, que é a específica percepção da relação Igreja-Mundo, conforme será construída a partir dos dois teólogos anteriormente apresentados Lesslie Newbigin e José Comblin. O estudo desse tema – a relação Igreja-Mundo – não é algo novo e ainda tem sido muitíssimo fecundo; principalmente depois da *Gaudium et Spes*<sup>32</sup> e o seu modo de “conceber a presença e atividade da Igreja no mundo” (Cf. GS, 2). Principalmente no que diz respeito a José Comblin que, sob a influência do Concílio Vaticano II, desenvolveu uma teologia que contemplasse e dialogasse com o

<sup>29</sup> ZAPAROLLI, G.A.; ANDRADE, D.R. **Ação missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil no Rio de Janeiro**: regaste histórico e perspectivas de futuro. 1997. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1997. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1997-ZAPAROLLI\\_G\\_A.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1997-ZAPAROLLI_G_A.pdf)>. Acesso 12 nov. 2016.

<sup>30</sup> AZEVEDO, M.A.F.; MAZZAROLO, I. **Evangelização e inculturação**: Uma análise dos desafios e perspectivas de uma evangelização inculturada do Presbiterianismo no Brasil hoje. 1997. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1997. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1997-AZEVEDO\\_M\\_A\\_F.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1997-AZEVEDO_M_A_F.pdf)>. Acesso 12 nov. 2016.

<sup>31</sup> GAITAN, J. D. **Mundo y existencia mundana del cristiano**. In: RevEspir, 38 (1979), pp. 221-242 Apud SALVADOR, F. R. **Caminos del Espiritu**, 5.ed., p. 237.

<sup>32</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes**: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, P.539-542.

mundo, assumindo os pressupostos presentes e derivados do Concílio. Por outro lado, a exigência da teologia em fazer com que a fé e a realidade dialoguem, bem como a necessidade essencial da Igreja de anunciar o Evangelho do Reino e de Jesus Cristo neste mundo. O que faz com que haja também a necessidade de reflexão sobre o modo como a Igreja se relaciona com o Mundo, no qual ela se faz presente e do qual ela participa.

Pelo lado de Newbigin, a relação entre a Igreja e o Mundo aconteceu em meio a sua atividade missionária na Índia, primeiro, como pastor presbiteriano e, depois, como bispo de uma denominação contextualizada, a Igreja do Sul da Índia (em inglês, Church of South India)<sup>33</sup>. Foi na sua lida de 40 anos no campo missionário, que Newbigin desenvolveu sua eclesiologia-missionária, que tinha como princípio o diálogo sociocultural com os grupos não-cristãos.

Mas por que escolher esses autores? Começando pelo teólogo presbiteriano Lesslie Newbigin, não muito conhecido no meio teológico brasileiro. Newbigin, como dito, foi missionário no sul da Índia, primeiramente ligado à Igreja da Escócia e, a partir de 1947, ligado à Church of South India, uma denominação ecumênica formada por diversas igrejas protestantes. Entre 1959 e 1965, Newbigin foi o Secretário-Geral do Conselho Internacional Missionário (CIM) e tomou parte na unificação desse órgão com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Sua obra tem sido recuperada nas últimas décadas principalmente entre os teólogos de tradição reformada<sup>34</sup>. Ele apresenta uma teologia-missionária que estabelece a relação da igreja e da cultura, que é um dos modos dele entender o que é o mundo.

Ao retornar à Inglaterra, após 40 anos de serviço como missionário na Índia, a experiência de voltar ao Ocidente o levou a considerar que a mesma atitude em relação aos campos missionários em países “pagãos” se tornou necessária no Ocidente, que havia se tornado uma sociedade e assumido uma cultura não-cristã. Embora desconhecido no meio teológico brasileiro, a inserção de Newbigin como um dos referenciais para a análise do objeto material tem relação com a sua teologia

<sup>33</sup> Sobre essa denominação de teologia reformada, governo misto entre episcopal e presbiteral, ecumênica e missionária, acessar o site da Church of South India: <<https://www.csisynod.com/>>. Acesso em 16 mai. 2018.

<sup>34</sup> BOSCH, D. **Missão Transformadora**, 4.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010; GOHEEN, M. “**As the Father Has Sent Me, I Am Sending You**”: J. E. Lesslie Newbigin’s Missionary Ecclesiology. 2000. 496f. Tese em Teologia – Universiteit Utrecht, 2000. Disponível em: <<http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/597/full.pdf?sequence=1>>. Acesso em 14 ago. 2016. GOHEEN, M. **Introducing Christian Mission Today**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014; WRIGHT, C. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

da cultura, presente em sua obra, bem como por sua origem e formação teológico-pastoral, que é presbiteriana, o que cria um ponto de contato Newbiggin e parte do objeto material desta tese.

Por fim, lançaremos mão do teólogo católico José Comblin, que a partir de sua experiência pastoral, articula a necessidade de uma Igreja que esteja aberta ao mundo como uma forma de continuação da missão de Jesus Cristo, que é a missão da Igreja<sup>35</sup>. Sua escolha se dá pelo fato dele ter construído sua reflexão dentro do seu trabalho evangelizador no contexto brasileiro. Neste sentido, o problema teológico fundamental, para Comblin, “não é o de definir as essências dos objetos revelados. Essas essências não estão ao nosso alcance. O problema fundamental é: Como ser cristão hoje? Que faria Cristo hoje? Como interpretar o momento atual?”<sup>36</sup> Contudo, a ênfase dada a teologia de Comblin tem recaído principalmente nos aspectos sociais de sua eclesiologia e em sua aproximação com a Teologia da Libertação (TdL)<sup>37</sup>. Porém, o modo como ele encara o papel da Igreja, que “é em sua natureza missionária” (AG, 2), é seguir e agir ad gentes, às nações e povos, em outras palavras, ao mundo.

Como demonstrado e sabido, o tema processos de evangelização a partir da relação Igreja-Mundo não é algo novo. Nem mesmo a preocupação com a vida cristã no mundo em si poderia ser considerada desta maneira. A novidade deste trabalho, contudo, encontra-se no fato de propor uma análise a partir de uma realidade concreta, ou seja, a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. Esta tese apresenta uma proposta de diagnóstico, de análise e de intervenção nos processos evangelizadores, com a finalidade de que os mesmos possam atingir sua meta última, ou seja, a comunicação do Evangelho do Reino de Deus e o anúncio de Jesus Cristo em todas as nações (Cf. Mt 28,19), servindo também de instrumento para a verificação e análise de outras realidades semelhantes ou, até mesmo

---

<sup>35</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p. 16.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>37</sup> O único exemplo que destoia deste quadro apresentado é a dissertação de Geraldo Marques Raimundo, que toma como objeto formal de seu trabalho o texto de Comblin, *Teologia da Missão*. Cf. RAIMUNDO, G. M.; PEREIRA, A. S. **Igreja: missão permanente**: a missão na "teologia da missão" de Jose Comblin e sua importância para a compreensão da identidade da Igreja. Aplicação ao texto brasileiro. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1995. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1995-RAIUNDO\\_G\\_M.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1995-RAIUNDO_G_M.pdf)>. Acesso em 12 nov. 2016.

universais, uma vez que o que aqui é proposto assumirá uma perspectiva metodológica indutiva, que parte da análise do específico para a compreensão do universal<sup>38</sup>.

A pertinência, portanto, desta tese está no fato de que a Igreja é, por sua natureza, missionária enquanto é peregrina nesta realidade que aguarda sua redenção final e que é enviada as gentes ou ao mundo como “sacramento universal da salvação” (Cf. AG, 1-2)<sup>39</sup>. Embora, a evangelização não se resuma uma ação religiosa e discursiva, a evangelização, enquanto anúncio, é um dos aspectos da missão da Igreja. Na concretização das suas ações evangelizadoras, a Igreja é chamada para tornar-se propiciadora de novos encontros desse mundo com Deus<sup>40</sup> e é nesse encontro que o mundo faz com Deus pela mediação da Igreja que a mesma também se encontra com o mundo. O modo como esse encontro é orientado tem sido uma preocupação para a Igreja, bem como para a teologia, que procura dar sentido à fé cristã. Pensar os processos evangelizadores da Igreja, a relação entre Igreja-Mundo e o modo como ambos devem ser concebidos é papel e função preponderantemente teológica.

Diante da perspectiva metodológica assumida, ver-julgar-agir, esta constará de três capítulos, os quais compreendem cada parte do processo metodológico. De modo que o primeiro capítulo terá uma abordagem analítica socioantropológica do objeto material. A religião é um elemento que se insere dentro dessa perspectiva, de modo a criar pelos seus sistemas de símbolos “poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens”<sup>41</sup>. O discurso religioso, presente nos processos evangelizadores, cumpre esse papel simbólico de construir o sentido que terá expressão em todas as dinâmicas da vida<sup>42</sup>. Deste modo, procuraremos fazer uma descrição analítica do objeto material, levando em consideração, além dos aspectos socioantropológicos, elementos que dizem respeito a fé dos membros e não-membros dessa comunidade, procurando apontar suas percepções acerca dos processos evangelizadores, a relação que os mesmos têm com a sua experiência “para fora dos portões”, bem como seus anseios e medos diante do viver no mundo.

---

<sup>38</sup> Cf. MARCONI, LAKATOS, **Fundamentos de Metodologia Científica**, p.86.

<sup>39</sup> Dessa percepção comunga a teologia presbiteriana ao afirmar que a Igreja se encontra no mundo como lugar ordinário da salvação. Cf. CFW,

<sup>40</sup> MACHADO, R. S. **Teologia e experiência: Uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia**. In: **Atualidade Teológica**, Ano XVI nº 40, janeiro a abril/2012, p. 93.

<sup>41</sup> GEERTZ, C. A **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008, p.67.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p.67-68.

Num segundo momento, procurar-se-á construir uma consciência eclesial interconfessional para funcionar como elemento de contraste e julgamento para o que for apresentado no capítulo anterior. Para isso, serão considerados dois autores para essa análise. O critério é partir de suas obras mais maduras ou finais, que apresentem o tema do objeto formal desta investigação. Em primeiro lugar, as contribuições de Newbigin, cuja obra apresenta uma abordagem transcultural de apresentação e experiência do Evangelho de Jesus Cristo. O ponto-de-partida no estudo da teologia newbigianiana será *O Evangelho em uma sociedade pluralista*, de 1989, que pode ser considerada a sua obra-prima e a forma final de seu pensamento. Serão também objetos de atenção desta pesquisa as obras: *Household of God* (1953), *Honest Religion to Secular Man* (1966), *The Open Secret* (1978), *Foolishness to the Greeks* (1986)<sup>43</sup>.

No caso de Comblin o estudo de seu pensamento teológico-pastoral se dará a partir da obra *Teologia da Missão*, de 1973. É fato que essa não é uma obra final, porém, ela contempla a percepção muito clara do que significava, para Comblin, a missão e a teologia subjacente a ela. Ainda de Comblin, serão utilizadas as seguintes obras, as quais estão em consonância com proposta de investigação deste trabalho. Essas obras comblinianas são as seguintes: *Evangelizar* (1980), *Os Sinais dos Tempos e a Evangelização* (1968); *O Povo de Deus* (2002).

Por fim, no terceiro capítulo, apresentar-se-á, por meio do confronto dos dois primeiros capítulos, uma proposta ação pastoral que aponta como meio de dirimir as dificuldades de uma relação Igreja-Mundo em chave de leitura dualista, por meio de um agir integrador das Igrejas cristãs. Trata-se de uma proposta que exige a conversão das comunidades cristãs para uma percepção diferente daquela que é comumente aceita nos mais diferentes grupos eclesiais.

Desta forma, o caminho desta tese passará por uma realidade objetiva de análise e investigação, transitará por um vasto território teológico, do qual deverá ser retirada uma perspectiva sintética, que fornecerá as orientações que possibilitarão a Igreja orientar-se na sua tarefa fundamental do anúncio da Boa-Nova de Deus revelada definitivamente em e por Jesus Cristo.

---

<sup>43</sup> Existem apenas três obras de Newbigin traduzidas para o português. Duas delas foram publicadas na década de 1960 pela Paulinas. Ambas estão esgotadas a muito tempo, são elas: **A Igreja Missionária no Mundo moderno** (1969) e **A Religião do Homem Secular** (1969). Mais recentemente, foi traduzida a sua principal obra, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pela editora protestante Ultimato, em 2016.

## 2

### **A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa e os processos evangelizadores: A Pesquisa de Campo**

O presente capítulo se constitui como a tarefa inicial desta tese que é a observação do seu objeto material, que vem a ser “os processos evangelizadores existentes na IP-ST”. Por processos evangelizadores entendam-se todas as atividades de uma comunidade cristã, cujo objetivo seja o ensino do Evangelho. Pressupõe aqui que, o Evangelho é o anúncio gracioso da salvação de Deus realizada por meio da vida e obra de Jesus Cristo, que revela o amor salvífico do Pai. O Evangelho é a mensagem e os processos evangelizadores são os meios pelos quais essa mensagem é proclamada. Assim, de maneira mais específica, no contexto desta tese, processos evangelizadores se referem aos momentos celebrativos oficiais da IP-ST, que vem a ser: o Culto Dominical, a Escola Dominical e a Reunião Semanal de Oração e Estudo Bíblico. O entendimento da hipótese adotada neste trabalho é a de que esses processos evangelizadores, enquanto meios de anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, não têm sido capazes de construir uma percepção da realidade na qual seja possível fazer uma experiência da aplicação da mensagem evangélica em seu cotidiano. De modo mais específico, a vivência do Evangelho proclamado, deveria criar uma percepção da realidade fazendo que o cristão tenha uma experiência aberta à cultura e à sociedade no mundo, lugar e alvo da salvação do Deus Trino e Uno.

Primeiramente, intentar-se-á situar o objeto material dentro do seu quadro contextual, de modo que seja possível compreender um pouco da cultura e da realidade do grupo estudado. Logo em seguida, investigaremos o grupo em si, isto é, a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, no estado do Espírito Santo. Por fim, já no terceiro capítulo, apresentar-se-á os processos evangelizadores, identificando-os e descrevendo-os de maneira pormenorizada. As três últimas partes ocupar-se-á do tratamento dos dados coletados nas entrevistas realizadas com os membros da IP-ST. O objetivo das entrevistas, como meio de coleta e documentação de dados, é compreender como os presbiterianos teresenses lidam com o seu cotidiano, isto é, como a realidade tal como eles percebem na vivência do Evangelho anunciado. A

ideia é que o modo como o grupo em parte lida com o seu dia-a-dia, à luz das concepções de duas realidades, a saber: Igreja e Mundo.

Este capítulo será composto por cinco seções. A primeira seção apresentará as metodologias utilizadas na pesquisa de campo, realizada junto à comunidade alvo desta investigação, apresentando os dados compilados e tabulados, bem como orientando contextualmente essa comunidade. A seção seguinte oferecerá a descrição dos processos evangelizadores existentes nessa comunidade presbiteriana. A terceira e a quarta seção apresentarão o diagnóstico de como os membros da IP-ST compreendem a sua realidade e a relação Igreja-Mundo, o que permitirá considerar o problema desta tese, que vem a ser: Que tipo de percepção sobre a relação Igreja-Mundo os processos evangelizadores adotados pela Igreja Presbiteriana em Santa Teresa têm construído? Por fim, a última seção deste capítulo apresentará os apontamentos teológicos-pastorais que puderam ser levantados diante da análise dos dados coletados a partir da pesquisa de campo realizada.

## 2.1

### **A Pesquisa de Campo: Algumas Indicações**

Esta primeira seção é a apresentação de como se processou a investigação do objeto material. A intenção aqui é tornar conhecido quais são os métodos, os processos e as técnicas de investigação que foram utilizados para a análise dos processos evangelizadores na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa<sup>44</sup>. Inicialmente serão apresentadas as questões de caráter metodológico que serviram como fundamentos para aquisição da documentação direta, utilizada para a análise do objeto desta tese. Em seguida, se dará a contextualização do objeto material, levando em consideração a realidade na qual está inserida a IP-ST, compreendendo que o quadro contextual que envolve o grupo que irá, de algum modo, influenciá-lo. Por fim, será feita a descrição da comunidade presbiteriana em Santa Teresa, considerando alguns aspectos de sua formação, apresentando os dados quantitativos que foram apurados, no intuito de detalhar claramente essa comunidade aos olhos dos leitores.

---

<sup>44</sup>Cf. LAKATOS; MARCONI, **Fundamentos de Metodologia Científica**, pp.83-112, 155-172.

É fato que esta pesquisa também se valerá de dados qualitativos. Uma vez que a observação participante faz a aproximação do pesquisador e o seu objetivo de análise, não apenas dados quantitativos são coletados. Elementos subjetivos tanto do pesquisador como do objeto devem servir como dados a serem avaliados.

### 2.1.1 As Questões Metodológicas e suas Definições

Inicialmente é preciso apresentar a abordagem metodológica que conduziu o trabalho. Em termos gerais, é possível afirmar que este é um trabalho dialético, pois trata-se da observação e do lidar com elementos conflitivos, que podem ser manifestos ou latentes<sup>45</sup>. A dialética está diretamente relacionada com o método teológico, uma vez que, como considerou Clodovis Boff, ela suplanta tanto a dedução como a indução para relacionar dois elementos em confronto, isto é, fé-vida<sup>46</sup>. No entanto, a dialética proposta para este trabalho é aquela do método ver-julgar-agir tão familiar a Teologia da Libertação (TdL) e também tão próxima dos três momentos do método tradicional, que vem a ser: *auditus fidei, intellectus fidei, applicatio fidei*<sup>47</sup>. Portanto, precisa ser lembrado que este capítulo deve ser visto com uma unidade, porquanto se configura a etapa do ver a coisa, isto é, a etapa da mediação socioanalítica (MAS), por meio da qual se torna possível compreender o objeto a ser estudado, neste caso, os processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa<sup>48</sup>.

Para levantar os dados que serão aqui apresentados e analisados, a Pesquisa de Campo se tornou necessária, porquanto os dados a serem analisados por essa tese exigiu a coleta de informações e outras especificidades acerca do objeto que somente poderiam ser conseguidos por meio de documentação direta, uma vez que a natureza do problema apresentado e da hipótese levantada neste trabalho exige que os elementos que se constituem como o objeto de análise sejam buscados no locus do fato e do fenômeno<sup>49</sup>. A técnica da documentação direta, que, neste

---

<sup>45</sup> Cf. LONERGAN, B. **Método em Teologia**, p.263.

<sup>46</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**, p.185-186.

<sup>47</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**, p.291; LONERGAN, B. **O Método Teológico**, p.263-265.

<sup>48</sup> BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**, p.291-292.

<sup>49</sup> Cf. LAKATOS; MARCONI, **Metodologia do Trabalho Científico**, p.186.

trabalho, tem características quantitativas-descritivas, terá como objetivo auxiliar da verificação da hipótese levantada, a qual deve ser provada ou não por esta tese.

Para a coleta dos dados necessários a tornar possível alcançar esses objetivos propostos, foram adotados dois procedimentos. O primeiro procedimento foi a observação participante<sup>50</sup>. Por observação participante, deve-se entender como o procedimento da pesquisa de campo que pretende inserir o observador no grupo a ser observado<sup>51</sup>.

Reconhece-se a grande dificuldade que há, de maneira geral, nesta técnica quando a manutenção da objetividade do observador, por causa das antipatias e simpatias, o trânsito de influência entre o observador e o observado; embora não deixe de ser interessante, como considerou Ruth Cardoso, referindo a Eunice Durham, que a observação participante caminhe para uma participação observante<sup>52</sup>. Ainda mais diante das múltiplas relações e a proximidade que há, neste caso, entre observador e observados e suas realidades. Na observação participante, o observador coleta as informações por diversos meios e os registra para a descrição do grupo. Poder-se-ia alegar que a observação participante de um membro da mesma comunidade, mas como é o objetivo inicial dessa técnica “fazer os indivíduos compreender a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão”<sup>53</sup>, a participação natural, isto é, de um membro do grupo, pode ter suas vantagens e é considerada válida para esse propósito, não trazendo qualquer prejuízo ou impedimento à pesquisa<sup>54</sup>.

A segunda técnica de coleta de dados utilizada foi a Entrevista<sup>55</sup>. Esse é um procedimento “utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico de um problema social”<sup>56</sup>. A entrevista consistiu em uma série

---

<sup>50</sup> A definição de Ruth Cardoso para o que vem a ser observação participante é a perspectiva que será assumida nesta parte deste trabalho. Ela definiu assim: “Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise do próprio modo de olhar. Para conseguir essa façanha, sem se perder entrando pela psicanálise amorística, é preciso ancorar as relações pessoais em contexto e estudar as condições sociais de produção de discursos. Do entrevistador e do entrevistado”. CARDOSO, R. **Aventura de Antropólogos em campo ou Como escapar das armadilhas do Método**. In: CARDOSO, R. (org.). **A Aventura Antropológica**, 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.103.

<sup>51</sup> Cf. MARCONI; LAKATOS, **Técnicas de Pesquisa**, p.90-91.

<sup>52</sup> CARDOSO, **Op. Cit.**, p.95.

<sup>53</sup> MARCONI; LAKATOS, **Op. Cit.**, p.91.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p.91.

<sup>55</sup> Para constar, o questionário utilizado para nortear as entrevistas com as perguntas básicas juntamente com as respostas se encontram no Anexo deste trabalho.

<sup>56</sup> MARCONI; LAKATOS, **Op. Cit.**, p.92.

de questões básicas que teriam como objetivos: (a) diagnosticar o modo como os entrevistados lidavam com a realidade; (b) estabelecer o modo como os membros como os entrevistados compreendiam a realidade; (c) diagnosticar o modo como a igreja, por meio dos seus processos evangelizadores, auxilia os entrevistados no cotidiano, e, por fim, (d) compreender como os entrevistados compreendem a relação Igreja-Mundo

Em vários casos, os entrevistados abriram outras possibilidades de questionamento que serviram para dar maiores subsídios para esta investigação, uma vez que tais aberturas se configuraram em aprofundamento das questões básicas. Algo que ainda é preciso esclarecer acerca das entrevistas é que, apesar do número pequeno da comunidade, nem todos os membros puderam ou quiseram ser entrevistados. Assim, ficaram de fora:

- a. A esposa do Pastor<sup>57</sup>;
- b. Os membros não-comungantes;
- c. Os membros que se encontram em estado demencial avançado;
- d. Os membros que não quiseram participar da entrevista;
- e. Os membros que estão afastados há mais de seis meses;
- f. Os membros recebidos há menos de seis meses;
- g. Os membros que estavam residindo em outras cidades a trabalho ou estudo.

**Tabela 1** - Membros que não participaram da Pesquisa

<b>CRITÉRIO DE EXCLUSÃO DA AMOSTRAGEM</b>	<b>Nº DE EXCLUÍDOS DA AMOSTRAGEM</b>
<b>A</b>	<b>1</b>
<b>B</b>	<b>13</b>
<b>C</b>	<b>2</b>
<b>D</b>	<b>2</b>
<b>E</b>	<b>2</b>
<b>F</b>	<b>4</b>
<b>G</b>	<b>9</b>
<b>Total</b>	<b>34</b>

Como pode ser visto, foram deixados de fora da entrevista 34 membros. Isso equivale a 47% dos membros totais da IP-ST, incluindo comungantes e não-

<sup>57</sup> A opção de deixar de fora minha esposa é pela proximidade dela com o meu trabalho e as minhas convicções. Acredito que a sua participação poderia, de alguma forma, “contaminar” os resultados da pesquisa. Por isso, sua exclusão.

comungantes<sup>58</sup>; ou 34,5% dos membros comungantes da IP-ST. Logo, o grupo dos membros que foram entrevistados equivale a 65,5% do total da membresia, uma porcentagem considerável para uma pesquisa.

Quanto aos membros participantes, os mesmos se encontram listados abaixo pelos critérios de sexo, faixa etária e profissão/ocupação. O esquema abaixo, bem como o modelo da transcrição, segue o modelo presente na tese do orientador deste trabalho<sup>59</sup>.

Nº	Código	Nome	Idade	Profissão
<b>FEMININO = IP-F</b>				
<b>Faixa 01 - entre 13 e 17</b>				
1	1-01	LPB	16	Estudante
<b>Faixa 02 - entre 16 e 35</b>				
2	2-01	LBS	18	Estudante
3	2-02	NPB	22	Estudante
4	2-03	LSS	22	Estudante
5	2-04	JPM	24	Professora
6	2-05	CFMZ	27	Doméstica
7	2-06	SSS	30	Professora
8	2-07	APF	34	Dona-de-casa
9	2-08	DOE	34	Dona-de-casa
<b>Faixa 03 - entre 36 e 50</b>				
10	3-01	IS	40	Comerciante
11	3-02	OPB	46	Comerciante
12	3-03	TAPB	49	Comerciante
13	3-04	MAPT	50	Dona-de-casa
<b>Faixa 04 - entre 51 e 60</b>				
14	4-01	MFPM	52	Dona-de-casa
15	4-02	MLGK	52	Comerciária

<sup>58</sup> Todos os batizados, quer na infância, quer em idade adulta, são membros da Igreja. Os termos comungante e não-comungante categorizam a condição dessa membresia. Aqueles que, batizados, fizeram sua profissão de fé são comungantes (a participação da Eucaristia é um “privilegio dos confirmados”). O que ainda não fizeram a sua profissão de fé são os não-comungantes. Esse grupo, em geral, inclui crianças e adolescentes até os 18 anos, batizados na infância ou incapacitados de darem razão da fé, por questões ligadas a saúde mental, conforme análise do Conselho de cada igreja local. Cf. IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. CE-SC 2016 - **DOC. XXXVI: Quanto ao documento 073** - Consulta sobre recepção de membros incapazes. Disponível em: <http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1484148075648>. Acesso em 11 jan. 2017.

<sup>59</sup> Cf. AMADO, J. P.; RUBIO, A.G. (orientador). **Deus e a cidade: chances e desafios para a experiência cristã de Deus em contexto condominial**, vol.3. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1999, p. I-III.

16	4-03	RLOF	52	Dona-de-casa
17	4-04	NEBR	52	Professora Federal
18	4-05	MNJS	54	Comerciante/Cozinheira
<b>Faixa 05 - &gt; 60</b>				
19	5-01	MZPB	69	Comerciante/Cozinheira

Nº	Código	Nome	Idade	Profissão
<b>MASCULINO = IP-M</b>				
<b>Faixa 01 - entre 13 e 17</b>				
-	-	-	-	-
<b>Faixa 02 - entre 18 e 35</b>				
1	1-01	GISL	20	Estudante
2	1-02	BBR	22	Estudante
3	1-03	LMDV	22	Estudante
4	1-04	OF	28	Professor
<b>Faixa 03- entre 36 e 50</b>				
5	2-01	GFGF	36	Marceneiro
<b>Faixa 04 - entre 51 e 60</b>				
6	3-01	DMS	56	Militar Aposentado
7	3-02	JC	55	Militar Aposentado
8	3-03	MRF	55	Professor
9	3-04	MCE	58	Militar Aposentado
<b>Faixa 05 - &gt;60</b>				
10	4-01	AF	69	Bancário Aposentado
11	4-02	VB	73	Aposentado
12	4-03	AVM	82	Militar Aposentado

Ainda discutindo as questões metodológicas que tiveram lugar nesta tese, é preciso uma justificativa mais detalhada sobre a escolha da comunidade pesquisada. Há um elemento pessoal. O fato de pastorear a comunidade nos últimos 6 anos fez surgir uma interrogação sobre o modo como a ação pastoral e evangelizadora tem sido efetivada na experiência pessoal e coletiva dessa comunidade. É, sem dúvidas, uma motivação pastoral que inspira parcialmente essa pesquisa. Contudo, esse não é um problema apenas de um pastor presbiteriano, mas é um interesse que é supradenominacional ou, por que não dizer, e de maneira abrangente, eclesial<sup>60</sup>. A

<sup>60</sup> Esse é o problema discutido no Documento 107 da CNBB – Iniciação à vida Cristã: Diante das mudanças de época, como formar discípulos missionários? Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS

experiência cristã coerente dentro da realidade concreta, na qual a Igreja está inserida, a partir de uma consciência de um vivo envolvimento do cristão no seguimento de Jesus é a meta de quaisquer ações ou processos evangelizadores. Portanto, mesmo que o nascedouro tenha sido um interesse pessoal, a valor dessa investigação se demonstra universal.

Uma segunda justificativa tem a ver com as proporções da IP-ST em relação à IPB, o que a torna uma apropriada amostra para uma análise de caráter mais amplo. Observe a tabela abaixo:

**Tabela 2 - Residentes por Religião em Santa Teresa<sup>61</sup>**

<b>População Total</b>			<b>21.823</b>
<b>Confissão religiosa</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Colocação</b>
Católica Apostólica Romana	17.031	78,04	1
Luteranos	1.445	6,62	2
Evangélica não determinada	653	2,99	3
Assembleia de Deus	547	2,51	4
Sem religião	469	2,15	5
Batistas	256	1,17	6
Adventistas	247	1,13	7
Outras Igrejas Pentecostais	212	0,97	8
IURD	194	0,89	9
Igreja Cristã Maranata	154	0,71	10
Igreja Deus é Amor	134	0,61	11
Espírita	128	0,59	12
Católica Apostólica Brasileira	93	0,43	13
Testemunhas de Jeová	74	0,34	14
<b>Presbiterianos</b>	<b>65</b>	<b>0,30</b>	<b>15</b>
Outras religiosidades cristãs	57	0,26	16
Congregação Cristã no Brasil	54	0,25	17
Ateus	10	0,05	18

Como pode ser visto acima, os presbiterianos aparecem na 15ª posição entre os grupos religiosos em Santa Teresa, configurando-se 0,30% da população teresense. Em relação ao estado do Espírito Santo, que é o segundo estado brasileiro com o maior percentual de evangélicos, com 32,12% da sua população, o percentual

BISPOS DO BRASIL. Documento 107 - **Iniciação à vida Cristã**: Itinerário para formar discípulos missionários, pp. 29-32.

<sup>61</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **TABELA 1489 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião** - Resultados Gerais da Amostra. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1489&z=t&o=1&i=P>>. Acesso em 24 jun. 2017.

de presbiterianos perfaz um total de 1,26% da sua população capixaba, média bem superior a nacional. Apesar de sua influência, a Igreja Presbiteriana do Brasil não é uma denominação, em termos numéricos, grande. Todos os grupos presbiterianos no Brasil<sup>62</sup>, conforme o IBGE/CENSO 2010 atingem uma porcentagem de 0,49% da população, o que lhe dá o mesmo 15º lugar entre as religiões praticadas no país.

Entretanto, é preciso lembrar que os dados do IBGE consideram todas as denominações presbiterianas sob um único tópico. Em 2010, conforme dados oficiais, a IPB possuía, em nível nacional, 587.105 membros arrolados ou, percentualmente, exatos 0,31% da população brasileira<sup>63</sup>, o que em termos proporcionais é idêntico a porcentagem dos presbiterianos em Santa Teresa, uma vez que essa comunidade é a única denominação presbiteriana neste município<sup>64</sup>. Como se pode ver na tabela, a realidade da IP-ST é equivalente à realidade da IPB, conforme o Censo-IPB de 2007<sup>65</sup>, havendo maior percentual de membros nas faixas de <13 (+4,27 pontos percentuais) e de 51-60 (+9,94 pontos percentuais), e um percentual menor nas faixas de 36-50 (-9,1 pontos percentuais) e (-5,14 pontos percentuais).

**Tabela 3 - Relação Faixa Etária IPB-IPST<sup>66</sup>**

<b>Faixas Etárias<sup>67</sup></b>	<b>IPB</b>	<b>IP-ST</b>
	<b>%</b>	<b>%</b>
<b>&lt;13</b>	<b>7</b>	<b>11,27</b>
<b>13-17</b>	<b>8</b>	<b>8,45</b>
<b>18-35</b>	<b>30</b>	<b>29,58</b>
<b>36-50</b>	<b>26</b>	<b>16,90</b>
<b>51-60</b>	<b>14</b>	<b>23,94</b>
<b>&gt;60</b>	<b>15</b>	<b>9,86</b>

<sup>62</sup> Existem no Brasil seis grupos presbiterianos majoritários, que são: Igreja Presbiteriana do Brasil (1859), Igreja Presbiteriana Independente (1903), Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), Igreja Presbiteriana Renovada (1975) e Igreja Presbiteriana Unida (1978). Existem outros grupos presbiterianos menores, em geral, algum cisma de comunidades locais e não de denominações.

<sup>63</sup> Cf. IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/estatisticas/>>. Acesso em 17 jun. 2017.

<sup>64</sup> De acordo com dados da IPB, em 2017, esse número subiu para 649.510 membros, cerca de 0,32% da população brasileira estimada para o mesmo período. Cf. CE - 2017 - DOC. LXXXI. Relatório do Secretário Executivo do Supremo Concílio da IPB. Disponível em: <<http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1497726672095>>. Acesso em 17 jun. 2017.

<sup>65</sup> <http://www.executivaipb.com.br/site/conteudo.php?id=10>

<sup>66</sup> Censo IPB e Rol de Membros da IP-ST.

<sup>67</sup> As faixas etárias utilizadas pelo Censo da IPB correspondem as faixas etárias das Sociedades Internas da IPB. Esse mesmo critério será utilizado para determinar a faixa etária dos membros da IP-ST.

Como demonstrado anteriormente, a presença da IPB no Espírito Santo é uma das maiores do país, perfazendo 1,26% da sua população do Estado. Se por um lado, a IP-ST é proporcionalmente equivalente a porcentagem da IPB no Brasil, por outro, essa equivalência simplesmente desaparece em relação ao estado capixaba. No entanto, como será demonstrado na última parte desta seção, a falta de proporcionalidade em relação entre o percentual de presbiterianos em Santa Teresa e o percentual de presbiterianos no estado do Espírito Santo está relacionada com o modo como essa comunidade presbiteriana foi organizada no município em questão, não seguindo o modelo típico da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), a plantação de igreja, mas, por meio da organização de um grupo com intenções iniciais girando em torno da *congregatione fidelium* – algo que, de algum modo, ainda perdura na mentalidade da IP-ST. Sendo assim, a IP-ST satisfaz aos critérios para delimitação de uma amostra não-probabilista por tipicidade, isto é, uma vez que, como demonstrado, a IP-ST é um subgrupo típico em relação ao todo da IPB<sup>68</sup>. Feitas essas considerações de caráter metodológicas, é preciso pôr em seu contexto a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. A próxima subseção descreverá o município capixaba de Santa Teresa.

### 2.1.2

#### **O município de Santa Teresa: Considerações para compreensão de um contexto**

O município de Santa Teresa está localizado a 78 km da capital capixaba, Vitória, e a uma distância média de 60 km de outras três cidades polos do Espírito Santo – Serra, Aracruz e Colatina – o que facilita o acesso de seus habitantes à produtos, serviços e outras comodidades de grandes cidades. Santa Teresa, que está a cerca de 650 metros de altitude nas montanhas capixabas, é cercada por Mata Atlântica, possuindo várias áreas de preservação natural – muito disso devido ao trabalho do engenheiro agrônomo e ambientalista teresense Augusto Ruschi (1915-1986)<sup>69</sup> – o que propicia um clima mais ameno e atrativo com temperatura média

<sup>68</sup> Cf. MARCONI; LAKATOS, *Técnicas de Pesquisa*, p.53.

<sup>69</sup> Augusto Ruschi, Patrono da Ecologia no Brasil, nascido e criado em Santa Teresa, foi um engenheiro agrônomo, ambientalista e naturalista brasileiro. Foi assistente do zoólogo brasileiro Candido Firmino de Mello Leitão (1886-1948), com quem trabalhou no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Há que pontuar que a amizade entre ambos culminou com Ruschi transformando a antiga

de 23,7° em janeiro, e de 18,5° em junho<sup>70</sup>. Por conta destes atrativos naturais e proximidade de grandes centros – ao menos para os padrões espiritosantenses – Santa Teresa desperta o interesse de turistas nos finais de semana, principalmente no inverno.

Em termos de formação, Santa Teresa é fruto do movimento migratório de europeus, em meados do século XIX, que tratou de povoar o território da então Província do Espírito Santo. A colonização do estado do Espírito Santo foi uma necessidade. Desde a instalação da capitania sob Vasco Coutinho, ainda no século XVI, seu primeiro mandatário, o estado não se desenvolveu como era esperado. As atividades produtivas se restringiram às áreas próximas ao litoral. O avanço e ocupação do interior foram dificultados pelas áreas de densa mata e de montanha, sem falar nos constantes atritos com os índios botocudos<sup>71</sup>. Por esta razão o estado pouco se desenvolveu, ocorrendo até mesmo retrocessos, como informa o historiador José Teixeira de Oliveira:

O Espírito Santo sofreu, logo após a Independência de 1822, um processo de decadência que necessita ser melhor estudado. Entre 1820 e 1850 foi trágica a situação regional, que pode ser demonstrada por curtas informações: o nome que se tornou usual para o Espírito Santo era capitania. Assim era a referência nacional à região, denotando, talvez, o retrocesso econômico e de desenvolvimento, que regrediu o Espírito Santo a uma situação típica da época de colônia. Ir à capitania era sinônimo de ir ao Espírito Santo, que também era lugar de exílio<sup>72</sup>.

Desta forma, a colonização das terras capixabas, por europeus, foi uma alternativa para suprir essa deficiência e incentivar a interiorização da Província, no século XIX – além, é claro, da tarefa de branqueamento da população brasileira. Isso implicava as ações do governo como o loteamento das colônias, custeio com o

---

chácara da família, situada na região central da cidade, para a criação do Museu de Biologia Mello Leitão, inaugurado em 1949. Foi opositor a proposta governamental de desmatamento da Mata Atlântica para dar espaço ao plantio de eucalipto, e isso em 1949. Cf. ANDRADE, J. C. S.; QUINTELLA, R. H. (orientador). **Conflito, Cooperação e Convenções: A Dimensão Político-Institucional das Estratégias Sócio-Ambientais da Aracruz Celulose S.A. (1990-1999)**. 2000, 422 fl. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Núcleo de Pós-graduação em Administração, 2000. Disponível em: <[http://www.teclim.ufba.br/site/material\\_online/teses/tese\\_j\\_andrade.pdf](http://www.teclim.ufba.br/site/material_online/teses/tese_j_andrade.pdf)>. Acesso em 05 ago. 2017, pp.232-236;

<sup>70</sup> CLIMATE-DATA.ORG. Disponível em: <<https://pt.climate-data.org/location/43458/>>. Acesso em 17 nov. 2017.

<sup>71</sup> Conforme escrevemos noutro lugar, “desde o início da ocupação portuguesa da Capitania do Espírito Santo a presença dos índios botocudos foi uma ameaça aos colonizadores”. Os botocudos eram considerados violentos e existem notas de que eram antropófagos. Essa situação levou o então príncipe-regente, D, João, a decretar “uma guerra ofensiva” contra essa etnia. Cf. CUNHA, G. P. **Religiosidade e Protestantismo**, p.185.

<sup>72</sup> OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**, p.532-533.

cadastro de imigrantes e passagens, principalmente, da Itália para o Brasil, entre outros benefícios.

Para atrair os imigrantes, uma série de benefícios foi apresentada aos que optassem por se deslocarem para as terras brasileiras. O contrato que era oferecido aos imigrantes previa um lote de terras de aproximadamente 25 hectares. O governo também oferecia trabalho remunerado em obras públicas por 18 meses e empréstimos em estabelecimentos fiscalizados pelo Estado. Entretanto, o que mais seduziu os imigrantes do Norte da Itália foi a possibilidade de conseguir um lote de terras [...]. No caso do Espírito Santo e, especificamente do Núcleo Timbuí, os números demonstraram que, do total de 36.663 imigrantes italianos que se estabeleceram nessa província, 4.197 fixaram-se na futura cidade de Santa Teresa<sup>73</sup>.

O grupo inicial que ocupou a área do Núcleo de Colonização do Timbuí, o embrião do atual município, foram os poloneses<sup>74</sup>. No entanto, depois de repetidas revoltas e problemas generalizados com esse grupo, os diretores do Núcleo Colonial optaram por imigrantes vindos do Trento e outras regiões do Norte da atual Itália, os quais se tornaram um grupo majoritário, não apenas em Santa Teresa, mas em todo o Espírito Santo. A presença italiana foi decisiva para a determinação da cultura local. Há quem faça comparações, por exemplo, das próprias técnicas de construção e semelhanças com cidade trentina.

Porém, nem apenas de poloneses e italianos foi formada Santa Teresa<sup>75</sup>. Deve-se acrescentar ainda o fluxo migratório de grupos germanófonos compostos de suíços, alemães e pomeranos, que em sua grande maioria já estavam alocados em outro Núcleo Colonial – o de Santa Leopoldina – desde 1859. À procura de melhores terras e possibilidades esses grupos germanófonos deixaram as terras da Colônia de São Leopoldina e migraram para terras mais baixas e planas, entrando nos limites da Colônia do Timbuí. Esses grupos germânicos além da barreira linguística eram, em sua imensa maioria, formado por protestantes luteranos, de

<sup>73</sup> GENOVEZ, P.F.; SANTOS, M.A.; SCALZER, S.Z. **O processo de formação do município de Santa Teresa (Espírito Santo)**. In: *Antípoda: Revista de Antropología y Arqueología*, (25), 121-139, p.129. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/antipoda25.2016.06>>. Acesso em 28 jun. 2017.

<sup>74</sup> GROSSELI, R. **Colônias imperiais na terra do café**, pp. 212-213.

<sup>75</sup> O contato entre etnias em Santa Teresa não foi algo pacífico. Entre italianos e poloneses, italianos e germânicos houve alguns conflitos motivados por questões religiosas. Cito dois exemplos. O primeiro, os poloneses haviam se estabelecido em um dos vales região que veio a ser denominado como Patrimônio dos Polacos. Ali construíram uma capela em honra a Santo Antonio de Pádua. A chegada dos italianos gerou um conflito porque, sendo maior, eles não quiseram deixar a imagem polaca de Santo Antonio no altar, mas introduziram uma imagem italiana. Na construção da igreja, a imagem polaca passou a ocupar a torre da nova igreja, para a tristeza dos poloneses. O outro exemplo ocorreu com os germânicos, que, sendo luteranos, não tiveram permissão para sepultar os seus mortos, o que levou a comunidade construir seu próprio cemitério, existindo ainda, na região de Santa Teresa, vários cemitérios confessionais.

modo que esses grupos formaram uma espécie de núcleo dentro do Núcleo Colonização Timbuí. A sua presença é majoritária em três distritos de Santa Teresa – Alto Santa Maria, Alto Caldeirão e Vinte e Cinco de Julho – onde também a marca dessa ocupação é presença de duas centenárias comunidades luteranas. Para melhor visualização dessa realidade, a figura abaixo pode dar uma noção dessa divisão:

**Figura 1 - Mapa de Santa Teresa (presença étnica)**



A consequência econômica imediata do modelo de ocupação adotado na região de Santa Teresa foi e tem sido a existência de pequenas propriedades rurais voltadas para a agricultura familiar, sendo que o principal produto o café. Dificilmente se vê, na região, terras não cultivadas seja, como foi dito, com plantações de café, que são culturas perenes, seja com a produção de hortaliças ou mesmo com o plantio de eucalipto, utilizado para a produção de celulose e papel – a 60 quilômetros de Santa Teresa, na cidade de Aracruz, existe uma indústria de celulose que absorve a maior parte desta produção. A outra parte se destina a fabricação de caixas para verduras e legumes produzidos na região.

Em termos de educação, a cidade conta com duas escolas estaduais – sendo uma delas considerada a melhor escala da Rede Estadual do Espírito Santo, em 2017<sup>76</sup> – uma escola particular e uma faculdade, ambas administradas por

<sup>76</sup> MARCARINI, B. Colégio de Santa Teresa vira exemplo da rede estadual no ES. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2018/06/colégio-de-santa-teresa-vira-exemplo-da-rede-estadual-no-es-1014137854.html>>. Acesso em 05 jul. 2018.

organizações católicas – a Associação da Congregação de Santa Catarina e os Frades Capuchinhos, respectivamente, um campus do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), que oferece cursos de nível técnico e superior e mais de 15 escolas municipais de nível fundamental. Por essa e outras questões, Santa Teresa apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de 0,714, que é considerado como um padrão alto para esse indexador<sup>77</sup>. O resultado é que essa pequena cidade capixaba oferece uma excelente qualidade de vida para sua população.

Voltando à questão religiosa, Santa Teresa é uma cidade majoritariamente católica, em função da maciça presença dos descendentes de italianos e de poloneses. Contudo, como já dito, Santa Teresa sempre teve de lidar com a pluralidade religiosa (mesmo que essa pluralidade registre apenas dois grupos), uma vez que, desde a chegada de grupos germânicos na região, católicos e protestantes tiveram que estabelecer contatos, o que nem sempre foi algo muito amistoso. Deste modo, em torno da colonização ítalo-polonesa e germânica formaram também os dois maiores grupos religiosos teresense os católicos e os luteranos, reproduzindo em terras capixabas alguns conflitos que eram enfrentados no velho mundo<sup>78</sup>.

<sup>77</sup> Cf. PNDU - **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>>. Acesso em 21 de março de 2017.

<sup>78</sup> Sobre isso, ver: CUNHA, G.P. **Vinte e Cinco de Julho: Intolerância e Perseguição religiosa no interior do Espírito Santo no Período Vargas**. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo (EST), v.41, nº 3, pp.16-35. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2388>>. Acesso em 04 jan. 2017. Há registros oficiais de que houve uma proibição a conversão. Um desses registros é o relatório de Johannes J. von Tschudi que foi um ministro plenipotenciário suíço enviado ao Brasil e ao Espírito Santo para verificar as condições de vida de imigrantes suíços. O seu relatório descreve em detalhes as condições lastimáveis que se encontravam os imigrantes de diversas origens, e alguns eventos estranhos aos olhares europeus. Assim, diante da pluralidade étnica e religiosa que tinha lugar não apenas em Santa Teresa, mas numa grande área do estado, uma forma inicial da manifestação dessa intolerância religiosa se deu por meio do proselitismo, como escreveu Tschudi: “Há algum tempo, um mal se enraizou nessa colônia: a intolerância religiosa e a mania de proselitismo. O primeiro impulso foi dado, sem dúvida, pelo capuchinho austríaco Wendelin; seu exemplo foi seguido por seus sucessores, os dois capuchinhos tirolezes, F. Pedro Regalado e P. Hadrian Lauschner, que estenderam sua ação às duas colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina. Não posso, porém, omitir que a mesma crítica pode ser dirigida a um dos pastores protestantes precedentes”. Isso forçou a manifestação oficial que foi apresentada pelo Presidente da Província daquela época: “O Governo Imperial não trouxe colonos ao Brasil para ganhar almas para a fé católica, mas a fim de lhes assegurar uma existência e um futuro; ele proíbe, em consequência, qualquer conversão nas próprias colônias; se um colono sentir a necessidade de mudar de confissão, precisa ir à capital e apresentar-se a ele, presidente, a fim de que ele se convença de que a conversão se deu espontaneamente, e o ato deve se dar numa igreja de Vitória”. Cf. TSCHUDI, J. J. **Viagem à Província do Espírito Santo**, p.29-30 passim. Pode-se ainda citar a negação do sepultamento de uma senhora luterana no cemitério do Patrimônio de Santo Antônio, o que fez que a comunidade luterana adquirisse as presas um terreno para o cemitério “protestante”, cf. ARNDT, A. **Cento e vinte anos da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Rio Perdido**, p.9.

O catolicismo em Santa Teresa pode ser considerado como conservador, ainda que haja alguns representantes da Renovação Carismática Católica. A Paróquia, cuja padroeira é Santa Teresa D'Ávila, ligada à Diocese de Colatina, é formada por mais de 48 comunidades espalhadas dentro e fora da sede do município. E desde 1901, está sob a responsabilidade dos Frades Capuchinhos<sup>79</sup>. A presença das religiosas da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, desde 1946, também é outra marca da comunidade católica em Santa Teresa. Também é responsabilidade das irmãs de Santa Catarina a direção e manutenção do único hospital da cidade e o maior da região serrana do Espírito Santo, o Hospital Madre Regina Protmann<sup>80</sup>.

O protestantismo, como dito, está presente em Santa Teresa desde os seus primórdios por meio dos luteranos. A maior denominação luterana é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A Paróquia Luterana de Santa Teresa ligada a IECLB é composta por cinco comunidades, sendo duas delas com mais de cem anos de fundação. Com sua perspectiva ecumênica, a IECLB tem estado em diálogo aberto com a Igreja Católica, dirimindo muitos dos antigos conflitos entre católicos e protestantes. Há ainda um pequeno grupo de luteranos ligados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) que é uma denominação do protestantismo de missão e não ao protestantismo de imigração como é o caso da IECLB<sup>81</sup>. A marca dessa denominação luterana é o seu fechamento ao diálogo não apenas com católicos, mas com protestantes em geral, incluindo luteranos da IECLB.

Os demais grupos protestantes podem ser divididos em protestantismo de missão e pentecostais<sup>82</sup>. Do protestantismo de missão, existem duas denominações

<sup>79</sup> PARÓQUIA DE SANTA TERESA D'ÁVILA. Disponível em: <<http://www.paroquiasantateresadavila.org.br/ver-paroquia.php?id=54>>. Acesso em 22 de agosto de 2017.

<sup>80</sup> O hospital leva o nome da fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina de Alexandria, a Beata Madre Regina Protmann (1552-1613). Em 1571 fundou, com a ajuda dos jesuítas, a sua Congregação de tipo contemplativo-ativo para a assistência aos doentes e necessitados, o que constituiu para o seu tempo uma novidade, pois naquela época só existiam conventos de clausura. A Congregação recebeu a aprovação pontifícia em 1662, difundindo-se na Polónia e na Lituânia e, depois, também na Finlândia, Rússia, Inglaterra, Brasil, Alemanha, Itália e Togo. O carisma da fundadora tem inspirado o trabalho das suas filhas espirituais que, de modo especial, se dedicam à obra assistencial dos doentes. Cf. <[http://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/saints/ns\\_lit\\_doc\\_19990613\\_protmann\\_po.html](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19990613_protmann_po.html)>. Acesso em 26 out. 2018.

<sup>81</sup> MENDONÇA, A.G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, pp.21-26 passim.

<sup>82</sup> *Ibid.*, p.25.

presbiterianos e batistas. Estes dois grupos representam pouco mais de 1,4% da população teresenses. Muito diferente das denominações pentecostais que juntas somam 8,32% da população do município.

Também é possível encontrar, em Santa, Teresa religiosidades não-cristãs e aqueles que se autodenominam sem-religião ou ateus. Dessas religiosidades não-cristãs podem ser citados os pseudoprotestantes Adventistas e Testemunha de Jeová<sup>83</sup>, além de grupos espíritas kardecistas e umbandistas.

O que foi apresentado até aqui tem o propósito de localizar o objeto material desta pesquisa dentro do seu contexto. Ser uma Igreja Presbiteriana em Santa Teresa significa assimilar algumas dessas características, algumas dessas histórias. Por mais que o protestantismo missionário tenha procurado deixar de lado seu contexto e assumir outro ideal e padrão de vida, esses fatores marcaram e ainda marcam as pessoas. E isso não é diferente em Santa Teresa. Resta agora, para melhor compreensão do objeto desta investigação, a descrição da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa.

### 2.1.3

#### **A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa: A apresentação de uma realidade**

Neste item, a intenção é dar uma visão ampla da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa (IP-ST). Essa pequena comunidade cristã, como dito anteriormente, representa uma amostra proporcional e típica de uma realidade maior que é a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), denominação à qual está federada<sup>84</sup>. Por essa razão, salvo os aspectos contextuais e, de modo geral o que será apresentado nesta tese como válido para a IP-ST, igualmente será válido para a IPB.

A IP-ST é uma comunidade presbiteriana no segundo estado mais presbiteriano do Brasil, o Espírito Santo – o primeiro é Rondônia com 1,28% de presbiterianos entre a sua população. Essa grande presença presbiteriana no Espírito

---

<sup>83</sup> CEDI. **Aconteceu. Suplemento especial**, n.548, p.2 *apud* LIBÂNIO, J. B. **A Religião no início do milênio**, p.27.

<sup>84</sup> O sistema eclesiástico presbiteriano “é uma federação de igrejas locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamento e como sistema expositivo de doutrina e prática a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve”. Isso significa dizer que cada comunidade local é independente das demais comunidades, embora, se relacionem por meio de Concílios. Cf. MANUAL PRESBITERIANO, p.8.

Santo deve-se a alguns fatores<sup>85</sup>. O primeiro fator tem a ver com o precoce movimento de evangelização iniciado nos anos finais do século XIX e início do século XX, de modo que o Espírito Santo foi considerado o mais próspero campo missionário do Brasil nesse período<sup>86</sup>. Esse movimento foi inicialmente resultado do trânsito de pastores vindo do Rio de Janeiro para Minas Gerais que, em paradas em terras capixabas, trataram também de anunciar o evangelho onde estavam<sup>87</sup>.

Associado a esse, o segundo fator é a mentalidade evangelizadora criada nos leigos. A igreja não tinha como propósito último a comunhão entre os irmãos, mas a evangelização dos não crentes. Embora se compreenda que a comunhão e as diversas relações socioculturais que a igreja pode e deve exercer sobre um grupo, todavia, a leitura que se pode fazer é que a evangelização e a conversão dos não-crentes – leia-se, católicos e membros de outras religiões – representava a razão e meta dos primeiros presbiterianos capixabas. Os pastores somavam um pequeno grupo aos quais eram atribuídos campos com várias pequenas comunidades e mesmo famílias isoladas que precisavam ser assistidas. A presença de um ministro era pontual e espaçada. A consciência evangelizadora era algo presente no espírito de cada leigo<sup>88</sup>. Esse modelo de ação evangelizadora realizada por leigos caminhou bem até a década de 1950, quando o êxodo rural lançou para as cidades grande parte desse grupo essencialmente rural, a IPB não soube como trabalhar com essa mudança<sup>89</sup>.

É nesse contexto que começa a história da Igreja Presbiteriana no município de Santa Teresa, a qual teve três fases. A primeira fase teve início em janeiro de 1941, quando o então Presbitério<sup>90</sup> Espiritossantense decidiu por iniciar o trabalho missionário presbiteriano na região de Santa Teresa<sup>91</sup>. Em agosto de 1941, chegou a Santa Teresa o rev. Antônio Nunes de Carvalho, sendo o campo missionário

<sup>85</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **TABELA 1489 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião** - Resultados Gerais da Amostra. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1489&z=t&o=1&i=P>>. Acesso em 24 jun. 2017.

<sup>86</sup> HAHN, C.J. **História do Culto Protestante no Brasil**, p.242.

<sup>87</sup> Sobre isso: CALDAS FILHO, C.R. **Fé e Café**, pp.23-37; SATHLER, A. **Uma Igreja Centenária**, pp.41-110.

<sup>88</sup> CALDAS FILHO, **Fé e Café**, p.49.

<sup>89</sup> CALDAS FILHO, **Fé e Café**, p.54.

<sup>90</sup> Um presbitério é um concílio da IPB que exerce jurisdição sobre os ministros e conselhos de Igreja locais de uma determinada região, cf. CI-IPB Art.62, letra b.

<sup>91</sup> SATHLER, **Uma Igreja Centenária**, p.162.

constituído, além de Santa Teresa, pelos municípios de Itaguaçu e Afonso Claudio. Essa fase durou exatos sete anos e sete meses, até que o campo foi transferido para o recém-criado Presbitério de Vitória, em 1948<sup>92</sup>. Após a saída do rev. Antônio, em 1949, o trabalho nesse campo foi paulatinamente reduzido até o fechamento em Santa Teresa, em data ignorada. Vale ressaltar que além das atividades de pastorais, a esposa do rev. Antonio, que era professora, manteve o ensino regular particular até 1947, quando contava com 62 alunos matriculados<sup>93</sup>. Os presbiterianos convertidos no período do rev. Antônio foram assimilados por outras denominações evangélico-protestantes que também estavam chegando à Santa Teresa.

Algo que chama a atenção sobre a história da ação presbiteriana no Espírito Santo é que houve uma espécie de desestímulo da ação evangelizadora e proselitista por parte de certos setores do então Presbitério de Vitória. A consequência desse desestímulo foi a causa do primeiro cisma ocorrido na IPB em terras capixabas – ao todo ocorreram dois. Esse primeiro deu origem a Igreja Cristã Maranata, inicialmente chamada de Igreja Cristã Presbiteriana<sup>94</sup>. Entre os membros atuais da IP-ST encontra-se um membro que esteve diretamente envolvido neste processo, o qual foi descrito por ele, na entrevista, nos seguintes termos:

Então, isso aí fez com que a gente, na Igreja Presbiteriana, na atividade que a gente desenvolvia começou a ser muito impactada. Essa impactação, ela trouxe, por outro lado, a liberdade de se agir em outro ângulo, mesmo dentro da Igreja Presbiteriana, até que nós fomos cobrados por estarmos fugindo as normas mais fundamentais da igreja, da IPB, e isso fez com que é um dos nossos pastores, principalmente, o que mais trabalhava com a gente, também já falecido, rev. Milton Otto de Albuquerque Leitão, era um evangelista nato, um homem de front. Então o Presbitério se transformou num agente julgador, num Tribunal<sup>95</sup> e julgou o rev. Milton e despojou do cargo. Por que ele estava... por que ele estava no front, evangelizando e chamando a igreja para evangelizar? Chamando a igreja para evangelizar! Ele foi disciplinado por isso? Ele foi... ele foi exatamente por isso, eles achavam que ele estava..., ele estava ferindo os postulados tradicionais da Igreja Presbiteriana do Brasil. O que ele fazia: fazia culto em praça pública, culto à tarde, culto nos lares e até mesmo nos calçadões da praia, cultos de evangelismo e com apelo a se aceitar Jesus, assim, na linguagem mais comum<sup>96</sup>.

<sup>92</sup> SATHLER, **Uma Igreja Centenária**, p.163.

<sup>93</sup> SATHLER, **Uma Igreja Centenária**, p.162.

<sup>94</sup> Este era o nome da IPB até 1950, quando foi alterado na promulgação da Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil. Cf. **MANUAL PRESBITERANO**, p.7.

<sup>95</sup> De acordo com o Código de Disciplina da IPB, concílios inferiores como o Conselho de uma igreja local e o Presbitério, passam a funcionar como tribunais, diante da necessidade de julgar e aplicar a disciplina eclesiástica, oferecendo ampla defesa aos acusados – existem de duas a três instâncias de recurso: acima da igreja local apela-se ao Presbitério, depois ao Sínodo e, por fim, ao Supremo Concílio. A partir de um Presbitério, ao Sínodo e ao Supremo Concílio.

<sup>96</sup> IPM.4.03

De acordo com esse entrevistado, a liderança do Presbitério de Vitória à época – o ano era 1968 – estava sob a direção de um grupo alinhado com um modelo de teologia progressista, influenciado pelas ideias Richard Shaull, que foi pastor e professor do “suspense” Seminário Presbiteriano do Centenário, em Vitória. Esse mesmo grupo, posteriormente, seria o responsável pelo segundo cisma no estado do Espírito Santo, que deu origem a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPUB)<sup>97</sup>, ocorrido nos anos finais da década de 1970<sup>98</sup>. Nesse espírito progressista via com desconfiança ações como “culto em praça pública, culto à tarde, culto nos lares e até mesmo nos calçadões da praia, cultos de evangelismo e com apelo a se aceitar Jesus, assim, na linguagem mais comum”<sup>99</sup>, além de programas de assistência religiosa à penitenciária. De acordo com esse informante, o que o grupo estava interessado em fazer era apenas cumprir a tarefa de evangelização. Sem dúvida, há conflitos entre as informações que podem ser encontradas sobre o assunto<sup>100</sup>. O fato é que a IPB no estado Espírito Santo, após 1978, teve que como ação primária a manutenção e o litígio por templos e patrimônios com a IPUB. Uma nova perspectiva evangelizadora teria lugar no cenário após 1985, quando se retomou a plantação de igrejas presbiteranas tanto na capital e adjacências como no interior.

Acrescenta-se, de maneira geral, que a mentalidade evangelizadora dos membros da IPB foi, de algum modo, terceirizada. Foi a essa conclusão que chegou o historiador francês Emile Leonard. Observando as críticas de um ministro presbiteriano da década de 1950, entre as quais esse ministro considerava o crescimento numérico dos batistas um resultado do modelo eclesial adotado por aquela denominação, Leonard afirmou que “o regime presbiteriano é o da delegação: delegação de direitos e, consequência natural no espírito de muitos fiéis, delegação de deveres”<sup>101</sup>. Logo, não seria tarefa do membro-leigo a evangelização,

<sup>97</sup> A questão que envolve a cisão que originou a IPU é muito maior que isso, uma vez que teve repercussões diversas no país. cf. Acerca da posição da IPUB, cf. ARAUJO, J. D. **Inquisição sem Fogueira**, 1982.

<sup>98</sup> IPM.4.03.

<sup>99</sup> IPM.4.03.

<sup>100</sup> ARAUJO, **Inquisição sem Fogueira**, p.99-113.

<sup>101</sup> LÉONARD, E. G. **O Protestantismo Brasileiro**, p.309. O protestante francês Leonard foi professor da área de história, contratado pela USP, em 1948, para reger, por dois anos, a cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea. Ao retornar a França, assumiu a coordenação da seção de Estudos Religiosos da École des Hautes Études. A obra utilizada nesta tese é fruto das pesquisas Leonard sobre o protestantismo brasileiro. Sendo uma fonte para esse estudo. Cf. SALUM, I. N. **O Prof. Emile-G. Léonard e o Brasil**. In: Revista de História, n°52, 1962, pp.463-483. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/052/A009N052.pdf>>. Acesso em 04 mai. 2019.

mas esse trabalho passou a ser da responsabilidade de pastores e evangelistas – leigos treinados e contratados para evangelizar. O fato é que a partir do centenário do presbiterianismo, no Brasil, houve um declínio da ação evangelizadora da IPB. O surgimento de novas comunidades presbiterianas no Espírito Santo teve como grande fator a migração interna de presbiterianos para outras cidades do Estado, como foi o caso da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa.

A segunda fase teve início em 1984, pouco mais de 30 anos depois do encerramento da primeira tentativa de inserção do presbiterianismo em Santa Teresa. Duas famílias presbiterianas – cerca de 8 pessoas no total – residiam em Santa Teresa nessa época e participavam dos cultos e atividades religiosas na Igreja Batista da cidade. Com a chegada de uma terceira família, com quatro pessoas, intentou-se iniciar uma congregação de presbiterianos. A motivação para isso tinha como base:

1. Sentimento de identidade e pertença. Essas duas características são em extremo importantes para qualquer grupo social. O deslocamento identitário, no caso dos presbiterianos teresenses, era sentido tanto pelo aspecto teológico como pela vivência comunitária e sacramental. Por razões de ordem eclesiástica e sacramento, o que será considerado de modo mais pormenorizado adiante, os presbiterianos que residiam em Santa Teresa participavam dos cultos em outras denominações, mas não eram reconhecidos como parte da Igreja de Cristo, principalmente por causa do batismo, ficando numa posição secundária.
2. Os fundamentos próprios da teologia presbiteriana. A teologia presbiteriana tem as suas peculiaridades com as quais a grande maioria dos evangélicos brasileiros não concorda, principalmente, a doutrina da Eleição ou Predestinação, a doutrina da Aliança e mesmo a forma do batismo. Embora presbiterianos não sejam muito propensos a discutirem o assunto, por entenderem que isso nada acrescentaria a fé ou à salvação, isso não é levado em consideração por outros grupos que tendem a questioná-los, numa tentativa de refutar os “erros” presbiterianos. Por isso, ter uma comunidade que congregassem esses presbiterianos em Santa Teresa era um meio de fugir dessas discussões sem sentido.
3. A impossibilidade da participação sacramental de presbiterianos em outras denominações evangélicas. As denominações presbiterianas entendem a

validade do sacramento batismal aplicado às crianças, o qual é percebido como sinal da nova aliança ou do Pacto da Graça<sup>102</sup>. Neste caso as crianças são batizadas pela compreensão de que elas pertencem à aliança de Deus com os homens, realizada por meio de Jesus Cristo<sup>103</sup>. Soma-se a isso, o reconhecimento que o batismo pode ser corretamente administrado sob a forma de efusão ou aspensão, não havendo a necessidade da imersão do batizando<sup>104</sup>. Entretanto, esses dois elementos não são reconhecidos como válidos por grupos batistas e pentecostais, de modo que, os presbiterianos não eram considerados como batizados e, por isso, não poderiam ter acesso à Eucaristia.

A partir dessa segunda fase, os presbiterianos em Santa Teresa passaram a se reunir de casa em casa, alternando entre dois pais dessas famílias a tarefa da pregação. A esse grupo foram se agregando outros presbiterianos que se mudaram para a cidade nos anos seguintes. A ação desses “pioneiros” teve uma característica essencial: a promoção a comunhão de presbiterianos muito mais do que a evangelização de não-presbiterianos. A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa não é fruto de uma empresa missionária – ao menos na sua atual fase, mas de uma necessidade comunhão de presbiterianos e isso será um elemento constituinte da própria característica identitária dessa comunidade presbiteriana. O modelo de organização dessa igreja determinou, em vários sentidos, a sua identidade e o seu comportamento posterior. Essa situação continuou com uma espécie de pequeno grupo de presbiterianos não institucionalizado até 1985.

Em 1985, começou a terceira fase que foi a da institucionalização da comunidade. Nesse ano, os presbiterianos em Santa Teresa, que estavam ligados a várias igrejas locais diferentes, foram arrolados como membros da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, que passou a jurisdicionar esse grupo, formando a

<sup>102</sup> O batismo é um sacramento do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, não só para solenemente admitir na Igreja a pessoa batizada, mas também para servir-lhe de sinal e selo do pacto da graça, de sua união com Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados e também da sua consagração a Deus por Jesus Cristo a fim de andar em novidade de vida. Este sacramento, segundo a ordenação de Cristo, há de continuar em sua Igreja até ao fim do mundo, Cf. CFW, XXVIII, 1.

<sup>103</sup> A CFW (VII.3) afirma: “O homem, tendo-se tornado pela sua queda incapaz de vida por esse pacto, o Senhor dignou-se fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; nesse pacto ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos; e prometendo dar a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer”.

<sup>104</sup> Cf. CFW, XXVIII.3.

Congregação Presbiteriana em Santa Teresa<sup>105</sup>. A sua organização eclesiástica aconteceu em 03 de março de 1997, recebendo o nome de Primeira Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, seguindo uma tradicional forma de nomear comunidades presbiterianas nos Estados Unidos. Não é difícil considerar pelo menos dois aspectos importantes neste tipo de nomenclatura. Inicialmente, esse modelo marcou um aspecto passado, isto é, a comunidade organizada se identificava com um momento histórico anterior, no qual não havia nenhuma outra igreja, o que lhe confere a qualidade de iniciar um processo de desbravamento. O outro aspecto é, por sua vez, futuro, porquanto será a sua tarefa, não só o desbravamento inicial, mas também o avanço e o progresso da pregação e da difusão da fé. Entretanto, atualmente<sup>106</sup> por razões, que não vem ao caso, a comunidade tem se autodenominado apenas Igreja Presbiteriana em Santa Teresa.

A organização eclesiástica de uma igreja presbiteriana é o mesmo que dizer que essa comunidade de cristãos presbiterianos é reconhecida como igreja local, dispondo de condições pecuniárias para sua manutenção (encargos eclesiásticos, manutenção do ministro, aluguéis, entre outras necessidades), tenha material humano para a formação de um corpo presbiterial e de um corpo diaconal, como prescreve o Art.5 da CI-IPB:

Uma comunidade de cristãos poderá ser organizada em Igreja, somente quando oferecer garantias de estabilidade, não só quanto ao número de crentes professos, mas também – quanto aos recursos pecuniários indispensáveis à manutenção regular de seus encargos, inclusive as causas gerais e disponha de pessoas aptas para os cargos eletivos.

A organização de uma Congregação em Igreja confere ampla autonomia à comunidade, que passará a ter seus privilégios, mas também várias obrigações, desde aqueles que dizem respeito aos aspectos civis de uma instituição no Brasil, como também os deveres concernentes à denominação. A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa foi organizada com um rol de 33 membros. Deste número 19 membros eram comungantes e 14 membros não-comungantes<sup>107</sup>. Dos membros comungantes, 10 eram mulheres e 9 eram homens. Das mulheres, oito estão registradas como tendo origem presbiteriana e duas estão registradas como não-

<sup>105</sup> Uma Congregação na IPB é uma comunidade não autônoma que depende econômica e religiosamente de uma comunidade autônoma, que é uma igreja organizada e independente.

<sup>106</sup> O termo “atualmente”, desta parte do capítulo, se refere a data de 20 de março de 2017, que foi o marco inicial da sua redação. Assumir-se-á esse momento como referência e todas as informações referentes à membresia da Igreja.

<sup>107</sup> IGREJA PRESBITERIANA EM SANTA TERESA. **Ata de Organização**. Livro I. 1997, pp.3-6.

presbiterianas: uma de origem pentecostal e a outra de origem católica. Estas últimas ingressaram à Igreja acompanhando os seus respectivos maridos que eram presbiterianos. Por outro lado, dos nove homens arrolados, apenas um não era de origem presbiteriano, mas de origem batista. Porém, ele decidiu acompanhar a esposa que era de origem presbiteriana. Quanto aos membros não-comungantes, todos eram filhos batizados de membros comungantes, sendo 6 meninas e 8 meninos.

Atualmente, a IP-ST é composta de 71 membros divididos em duas categorias: membros comungantes e membros não-comungantes. Em termos numéricos, isso aponta para 58 membros comungante e 13 não-comungantes. Como é característica do protestantismo brasileiro, a IP-ST é formada em sua maioria por mulheres. O IBGE/Censo 2010 tem apontado para essa realidade. Tanto no Brasil como no Espírito Santo os homens que se afirmam presbiterianos correspondem a 44,01% do total, enquanto as mulheres correspondem a 55,09% do total<sup>108</sup>. Esse percentual, portanto, se aplica ao caso específico da IP-ST (Veja as Tabelas 2 e 3), o que corrobora ainda mais com a possibilidade que a análise dessa pequena comunidade reflita em maior grau um universo mais amplo que é a IPB e, deixando de lado quaisquer aspectos sectários, ser uma proposta para a Igreja em seu caráter universal.

**Tabela 4 - Quantidade de Membros e Gênero**

Gênero/Sexo	Número	Porcentagem
Mulheres	37	52,11%
Homens	34	47,89%
<b>TOTAL</b>	<b>71</b>	<b>100,00%</b>

Quando se consideram as duas categorias de membros em separado, as coisas mudam um pouco, mas prevalecendo a maioria feminina entre os membros comungantes. Esses dados confirmam o estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) sob a coordenação de Marcelo Neri, que verificou a participação feminina

<sup>108</sup> Sendo assim, as Tabelas 2 e 3 apresentadas acima mantém essa proporção. Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA. **TABELA 1489 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião** - Resultados Gerais da Amostra. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1489&z=t&o=1&i=P>>. Acesso em 24 jun. 2017.

da religião é maior que a participação masculina, aliás, “desde que mundo é mundo”<sup>109</sup>.

**Tabela 5 - Tabela Membros Comungantes**

<b>Gênero/Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Mulheres</b>	<b>34</b>	<b>58,62%</b>
<b>Homens</b>	<b>24</b>	<b>41,38%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>58</b>	<b>100,00%</b>

Enquanto entre os membros não comungantes há uma inversão na questão do gênero, havendo mais meninos do que meninas. Tecnicamente, esse número indica apenas que houve uma natalidade maior de meninos.

**Tabela 6 - Membros Não-comungantes**

<b>Gênero/Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Meninas</b>	<b>3</b>	<b>23,08%</b>
<b>Meninos</b>	<b>10</b>	<b>76,92%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>100,00%</b>

No atual momento da IP-ST, existem apenas nove pessoas que foram membros-fundadores da comunidade. Porém, outros membros vieram e se agregaram a comunidade. Neste caso, o que se verifica não é uma adesão por conversão<sup>110</sup>, mas uma adesão por transferência de comunidades evangélicas<sup>111</sup>. O trânsito religioso tem sido um elemento comum no cenário brasileiro das últimas décadas<sup>112</sup>, também influenciou a atual formação da membresia dessa comunidade presbiteriana, de modo que há origens religiosas distintas na IP-ST:

<sup>109</sup> NERI, M. C. **Novo Mapa das Religiões**, pp.19-22.

<sup>110</sup> Entenda-se por conversão a adesão de pessoas vindas de outras religiosidades não-cristãs e mesmo da Igreja católica.

<sup>111</sup> Os modos de admissão a membresia da IPB são as seguintes: Art.16 - A admissão aos privilégios e direitos de membro comungante da Igreja dar-se-á por: a) profissão de fé dos que tiverem sido batizados na infância; b) profissão de fé e batismo; c) carta de transferência de Igreja evangélica; d) jurisdição a pedido sobre os que vierem de outra comunidade evangélica; e) jurisdição ex-officio sobre membros de comunidade presbiteriana, após um ano de residência nos limites da igreja; f) restauração dos que tiverem sido afastados ou excluídos dos privilégios da Igreja; g) designação do Presbitério nos casos do § 1º, do Art.48. Cf. MANUAL PRESBITERIANO, p.14.

<sup>112</sup> Cf. ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. **Trânsito religioso no Brasil**. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, Julho, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 jun. 2017.

**Gráfico 1 – Procedência religiosa dos membros atuais da IP-ST**

Um pouco mais de 70% dos membros da IP-ST são de origem evangélico-protestante, os demais são de origem católica. Como a ideia de evangelização protestante brasileira tem como parâmetro a “conversão” de católicos<sup>113</sup>, percebe-se que a IP-ST não tem sido tão efetiva nessa tarefa, dada à pequena proporção de “conversões” ao longo dos anos. Isso tem a ver com o fato dessa comunidade ter desde sua origem uma dinâmica mais voltada para uma espécie de eclesiologia para a comunhão. Como demonstrado, a intenção primeira para a organização de uma comunidade presbiteriana em Santa Teresa foi a de congregar os poucos presbiterianos que residiam ali.

A motivação principal era a de que esses cristãos pudessem viver a sua fé como uma comunidade presbiteriana e não em outras denominações evangélicas, como estava acontecendo. Embora houvesse a pregação e o ensino da Palavra de Deus, em seus cultos e outras ações evangelizadoras, o que se pode verificar é que toda essa ação, principalmente, nos primeiros anos de sua formação, teve um caráter mais ad intra, voltada para si mesma. E essa perspectiva tornou-se parte da mentalidade dessa comunidade até os dias atuais.

<sup>113</sup> MENDONÇA, A.G.; VELASQUES, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, p.33.

## 2.2

### Os Processos Evangelizadores na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa: Identificação de uma realidade

Tendo construído uma apresentação do que vem a ser a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, que é parte do objeto material desta tese, é necessário agora que seja observado o entendimento dos processos evangelizadores adotados por essa comunidade. O que temos considerado como processos ou ações evangelizadoras são todas as atividades eclesiais, cujo propósito é o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo à todas as pessoas, convidando-as para tomarem parte no seguimento dele, assumindo os novos valores e perspectivas do Reino de Deus e da salvação que é oferecida nesse anúncio.

Nesse sentido, o Evangelho, por meio das ações evangelizadoras, deve ser capaz de formar, pelo seu anúncio, discípulos e discípulas de Jesus aptos para, também, darem continuidade à mesma proclamação, vida e obra do Redentor. O processo evangelizador em si, e o conteúdo anunciado, deve, portanto, gerar e capacitar o cristão ao exercício e testemunho de sua fé dentro da realidade em que ele se encontra. Esse é o propósito de uma ação evangelizadora. Porém, como considerado pela hipótese desta tese, esses processos evangelizadores, na IP-ST, não correspondem à atual consciência da relação Igreja-Mundo, de modo que se faz necessário diagnosticar quais as dificuldades ou os problemas que dão origem a essa incapacidade, a fim de determinar meios para tornar as ações evangelizadoras mais capazes de cumprir seu propósito e finalidade, isto é, proclamar a mensagem do Evangelho de modo que ela determine a vida daqueles cristãos diante dos novos desafios da fé cristã do mundo atual, que é o problema desta tese.

No que diz respeito a IP-ST, os processos evangelizadores efetivados nessa comunidade local possuem um caráter didático-pedagógico muito intenso. É preciso que seja considerado o fato que a tradição reformada é devedora do humanismo renascentista, mais precisamente do humanismo erasmiano, de muitas de suas características<sup>114</sup>. Entre elas, é possível apontar para o desenvolvimento de uma religião ética, desvinculada de tudo o que pudesse ser considerado como superstição, razão pela qual a tradição reformada eliminou vários elementos,

---

<sup>114</sup> Erasmo estaria próximo à Lutero, Zwinglio, Bucer, Oecolampadius. E foi uma espécie de estímulo para Calvino. Os herdeiros espirituais desses reformadores continuariam a reproduzir semelhantes ideias.

principalmente litúrgicos, da vida e piedade cristã<sup>115</sup>. Acrescenta-se a isso a forte inclinação racionalista que acabou conduzido essa tradição cristã a se tornar uma espécie de escola – uma característica, por exemplo, muito celebrada por Calvino *ecclesia schola*<sup>116</sup>. O comissionamento da Igreja pelo Ressuscitado, conforme o evangelho de Mateus, enfatiza o fazer discípulos como elemento imperativo, algo que seria explicado no termo ensinar (cf. Mt 28,19-20). Neste sentido, o presbiterianismo tem dado grande ênfase na instrução bíblico-doutrinária de seus membros, algo que tem refletido na própria dinâmica celebrativa da igreja.

As ações evangelizadoras têm como finalidade secundária, porque a principal é sempre a glória de Deus, a instrução dos seus membros por meio do ensino bíblico e a conversão de todos os ouvintes. Esses processos são em número de três: o Culto Dominical, a Escola Dominical, a Reunião Semanal de Oração e Estudo Bíblico.

### 2.2.1

#### **O Culto Dominical: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos a Casa do Senhor”**

O primeiro processo evangelizador da IP-ST a ser considerado nesta tese é o Culto Dominical. Para a tradição presbiteriana, a partir da afirmação do conceito de Sola Scriptura, o culto divino é algo totalmente prescrito por Deus na Sagrada Escritura. O culto não é uma criação da mente humana. Essa jamais poderia compreender o que é glorificar a Deus pelo uso de sua razão, dos seus sentidos ou de suas emoções, principalmente depois da queda, quando todas essas faculdades humanas foram corrompidas, incapacitando o ser humano, de forma definitiva, a quaisquer ações positivas em relação à Deus, à sua glória e à sua glorificação.

A humanidade não mais poderia se alegrar no chamado gentil do Criador “na viração do dia”, no Éden (Gn 3,11). Nem poderia ser prostrar humildemente diante de Deus, como no Sinai, e ouvi-lo (cf. Êx 19,16-18). Ou se regozijar nas manifestações visíveis de Deus, como aconteceram no Antigo Testamento (cf. Is 6,1-12; Ez 1,1-2; 2,1-7). Se Deus não tivesse se revelado e ter determinado o modo como adorá-lo, a humanidade permaneceria alheia ao seu Criador e a mercê da sua própria ignorância em relação a Ele e aos meios de encontrá-lo.

<sup>115</sup> DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER, p.23.

<sup>116</sup> CALVINO, J. **IRC**, IV.1.4.

Todo o relacionamento do ser humano com Deus, em seu atual estado, apenas se dá por intermédio do agir amoroso e misericordioso desse Deus. Assim, Deus oferece os meios pelos quais é possível uma nova aproximação para a adoração e celebração da glória Divina. Como a salvação, em favor da humanidade, só possível pela ação graciosa do Deus Uno e Trino, o culto a Deus também só é possível à humanidade mediante o agir divino. E, por questões relacionadas a crença de que a Bíblia é a única regra de fé e prática, essa prescrição encontra-se unicamente nas Escrituras, como afirma a CFW:

A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.<sup>117</sup> [Grifo nosso]

Para tradição presbiteriana, esses meios atendem a perspectiva fundamental que perpassa todo o seu entendimento confessional, isto é, de que toda a existência humana tem como propósito final Deus e a sua glória<sup>118</sup>. E, por isso, a humanidade só pode adorar a Deus a partir de sua prescrição. Então, como deve ser o culto, segundo a interpretação presbiteriana? Quais são os seus componentes? O que pode ou não pode ser feito? Neste sentido, é preciso entender que o culto presbiteriano é confessionalmente dirigido pelo que ficou conhecido como o Princípio Regulador do Culto, que nada mais é do que a seguinte afirmação da CFW:

A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos; votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso<sup>119</sup>. [grifo nosso]

A ideia de um princípio regulador do culto aparece pela primeira vez pela pena de João Calvino<sup>120</sup>, que entendia que, diferente do catolicismo do seu tempo, a Reforma tornou a Palavra escrita de Deus aquela que deve reger todo o serviço divino<sup>121</sup>.

<sup>117</sup> CFW, XXI.1.

<sup>118</sup> BWC/CMW, Q-R 1.

<sup>119</sup> CFW, XXI.5

<sup>120</sup> CALVIN, J.; REID, J.K.S. (org.). **Calvin: Theological Treatise**, pp.189-190.

<sup>121</sup> CALVIN, J.; REID, J.K.S. (org.). **Calvin: Theological Treatise**, pp.189-190.

O conceito é simples: apenas o que fosse explicitamente ordenado para o culto divino, nas Escrituras, poderia fazer parte da celebração cristã, tanto individual como comunitária. Perceba que não se trata de uma interpretação literal, desse modo, o sacrifício levítico continuaria sendo aceito. Antes, aponta para os meios, pelos quais o ser humano pode experimentar a nova relação com Deus refeita em Jesus Cristo, e vivida com o auxílio do Espírito Santo, os quais são: leitura e pregação da Palavra, a participação nos sacramentos<sup>122</sup>, os cânticos<sup>123</sup>, os juramentos religiosos (em geral ligados aos sacramentos) e as orações. Qualquer coisa que ultrapasse esses meios é considerada como contrária à prescrição de Deus e não deve ser praticada no culto presbiteriano.

É interessante que se perceba que não se está falando em liturgia, mas em culto. O fato é que, embora o primeiro documento aprovado pelos Divines de Westminster fosse um Diretório para o Culto, não há uma liturgia presbiteriana, existindo apenas algumas rubricas, algumas delas provindas de “tradição oral”<sup>124</sup>. A liturgia presbiteriana é simplíssima<sup>125</sup>. De uma maneira geral, muito disso se deve a uma reação anticlerical e anticatólica do puritanismo inglês que influenciou os missionários norte-americanos que vieram para o Brasil<sup>126</sup>. Não se assemelhar em nada ao catolicismo foi a meta do protestantismo missionário, de modo que desde a recitação do Credo ou mesmo o uso do Pai-Nosso, foi abolido do culto presbiteriano. A isso acrescenta-se uma grande tendência a informalidade e ao

<sup>122</sup> A tradição protestante, em geral, reconhece apenas dois sacramentos, o Batismo e Eucaristia.

<sup>123</sup> Como a CFW diz Cântico de Salmos, existem grupos que consideram que apenas os salmos bíblicos devem ser utilizados no culto. Isso excluiria todos os demais hinos e cânticos utilizados na pela Igreja cristã ao longo dos séculos. Contudo, a grande maioria dos presbiterianos concordam que essa não é a determinação bíblica. Cf. VON DIXHOORN, **Guia de Estudo da CFW**, pp. 294-295

<sup>124</sup> Na celebração da Eucaristia, o pastor é auxiliado pelos presbíteros na distribuição dos elementos/espécies. Os presbíteros são os que servem os membros da comunidade. E o primeiro a ser servido é pastor e, depois que toda comunidade comungou, o pastor serve os presbíteros. Porém, de acordo com, Carl Hahn, essa prática era uma antiga rubrica de 1915, que foi revogada com os novos Princípios de Liturgia, de 1950. Contudo, a tradição continuou. Cf. HAHN, **História do Culto Protestante no Brasil**, p.355.

<sup>125</sup> De maneira geral, ela segue a seguinte ordem: Adoração, Contrição e Confissão, Louvor e Ofertório, Edificação (pregação/homilia) Sacramentos (quando ministrados), Despedida, Para todos os momentos são recomendadas leituras bíblicas que façam alusão a essas partes, cânticos ou hinos e orações não prescritas, para as quais qualquer membro da comunidade ou um visitante conhecido do liturgo pode ser chamado a fazer, enquanto os demais as acompanham. No Louvor, costuma-se deixá-lo a cargo dos jovens da igreja, que conduzem os cânticos, que são canções contemporâneas, que executados com guitarras, contrabaixo e bateria, entre outros instrumentos. Os hinos na IP-ST e em muitas outras igrejas da IPB são executados ao piano ou mesmo órgão, dando um ar de maior solenidade.

Cf. BAIRD, C. W. **A Liturgia Reformada: Ensaio Histórico**, p.201

<sup>126</sup> HAHN, C. J. **História do Culto Protestante no Brasil**, p.180.

aspecto mais discursivo<sup>127</sup>. A informalidade, porque literalmente não há forma para a liturgia e, por isso, o culto tem uma estrutura muito flexível. De modo complementar, toda a “liturgia” exige apenas o discurso ou a fala, e a exigência da audição, são os únicos sentidos humanos a serem utilizados.

Mesmo a administração dos sacramentos – mais a frente esse tema será tratado mais detidamente – não segue nenhum ritual, embora haja um pequeno manual litúrgico que é desconhecido pela maioria dos seminaristas presbiterianos e, por conseguinte, dos pastores e, que mesmo assim, não é oficial.

De fato, o maior parâmetro da liturgia de uma comunidade presbiteriana será o seu pastor, porquanto uma de suas funções privativas é a orientação e a supervisão da liturgia da igreja de que é pastor<sup>128</sup>. Um exemplo disso, é que cabe ao ministro decidir o que ele vestirá na ministração de um culto – roupa comum, terno e gravata, toga com ou sem estola<sup>129</sup>. No caso da IP-ST, o seu pastor define o uso de trajés mais formais (toga ou terno) nos cultos dominicais nos quais haverá ministração dos sacramentos, em especial a eucaristia, que é ministrada mensalmente. Em outros cultos dominicais e nas demais atividades, o vestuário pastoral dependerá do seu estado de espírito. Assim, embora existam rubricas para a orientação do culto presbiteriano, ele dependerá em grande monta das características pessoais, emocionais e teológicas do pastor da comunidade, de tal modo, que mesmo havendo semelhanças nas celebrações de comunidades diferentes, haverá também diferenças radicais no modo de culto, por causa do ministro e da informalidade litúrgica do presbiterianismo.

Feita essa introdução ao culto presbiteriano, é preciso que se considere de maneira específica o Culto Dominical na Igreja Presbiteriana m Santa Teresa. O Culto Dominical é o serviço religioso de maior assistência, não apenas na IP-ST, como em toda a IPB e, por que não dizer, na imensa maioria das igrejas evangélicas

<sup>127</sup> MENDONÇA, O Celeste Porvir, p.148.

<sup>128</sup> CI-IPB, Art.31, letra d. Para uma análise mais pormenorizada da liturgia presbiteriana, ler: CUNHA, G. P. **O Culto presbiteriano como performance do tempo sagrado**. In: Protestantismo em Revista. São Leopoldo (EST), v.31, nº 2, pp.94-108. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/795/1035>>. Acesso em 15 nov. 2016.

<sup>129</sup> Decisão SC - 1998 - DOC. LXXIV: Quanto ao Doc. N.º 40 - Do Sínodo Sorocaba: Consulta ao SC/IPB quanto ao uso de estolas, togas e colarinho clerical, por parte dos pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil. O SC/IPB-98, em sua XXXIV Reunião Ordinária, resolve deixar a critério do ministro que decida quanto ao uso adequado de vestimentas para o exercício de suas funções ministeriais. Disponível em: <<http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1538675941375>>. Acesso em 07 de maio de 2017.

brasileiras. Com relação à IPB e, mais precisamente, à IP-ST, essa percepção está diretamente ligada a compreensão confessional acerca da primazia do Domingo, como o Dia do Senhor. Os teólogos de Westminster, sob grande influência do puritanismo inglês, afirmaram a “validade ininterrupta do quarto mandamento e o sábado cristão como dia de descanso espiritual”<sup>130</sup>, de modo que uma observância quase legalista do domingo se tornou uma marca do presbiterianismo brasileiro<sup>131</sup>, baseando-se na seguinte interpretação da CFW:

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção do tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também em sua palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens em todos os séculos, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (descanso) santificado por Ele; desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado Domingo, ou dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão<sup>132</sup>.

Para o presbiteriano, o Domingo deve ser entendido como parte de uma lei natural, isto é, como uma norma válida para toda a humanidade desde a Criação, conforme é entendido nas narrativas iniciais do Gênesis, principalmente acerca do descanso de Deus como Criador (Gn 2,1-3)<sup>133</sup>. À luz do texto confessional, a IPB reafirmou a centralidade litúrgica do Domingo como o dia principal do culto cristão, como se demonstra em seus Princípios de Liturgia (PL-IPB):

Art.1 - É dever de todos os homens lembrar-se do dia do Senhor [Domingo] e preparar-se com antecedência para guardá-lo. Todos os negócios temporais devem ser postos de parte e ordenados de tal sorte que não os impeçam de santificar o Domingo pelo modo requerido nas Sagradas Escrituras. Art.2 - Deve-se consagrar esse dia inteiramente ao Senhor, empregando-o em exercícios espirituais, públicos e particulares. É necessário, portanto, que haja, em todo esse dia, santo repouso de todos os trabalhos que não sejam de absoluta necessidade, abstenção de todas as recreações e outras coisas que, lícitas em outros dias, são impróprias do dia do Senhor. Art.3 - Os crentes, como indivíduos ou famílias, devem ordenar de tal sorte

<sup>130</sup> BEEKE, J.; JONES, M. **Teologia Puritana**, p.923. É interessante perceber que Calvino não tinha uma percepção tão rígida assim. Assim, Calvino escrevendo sobre o Quarto Mandamento, nas Institutas, o seguinte; “Quanto ao mais, não há dúvida de que, com o advento do Cristo Senhor, tenha-se abolido o que aqui era cerimonial. Ele mesmo é a verdade, em cuja presença todas as figuras esvaecem; o corpo, em cuja visão as sombras dispersam; é Ele, digo, o verdadeiro complemento do sábado: pelo batismo fomos sepultados com Ele, estamos unidos à sua morte, para que, partícipes da ressurreição, andemos na novidade da vida [Rm 6, 4]. Por isso, escreve o apóstolo em outro lugar que o sábado fosse uma sombra da realidade futura: “que o corpo se firme no Cristo” [Cl 2, 16.17], isto é, sobre a sólida substância da verdade, sobre a qual bem explicou naquela passagem: “ela não está contida num único dia, mas em todo o curso de nossa vida, até que, plenamente mortos para nós mesmos, fartemo-nos da vida de Deus”. Portanto, deve estar afastada do cristão a observância supersticiosa dos dias”. CALVINO, J. **IRC**, II.8.31.

<sup>131</sup> Cf. MENDONÇA; **O Celeste Porvir**, pp.93-94.

<sup>132</sup> CFW, XXI.8. O texto em inglês usa a expressão transliterada do hebraico Shabbath, para falar do sábado cristão. Cf. PRESBYTERIAN CHURCH (USA). **Book of Confessions, Part I**, p.172. Simonton também usa a expressão Shabbath School para se referir a escola dominical.

<sup>133</sup> Cf. DIXHOORN, **Guia de Estudo**, pp. 285-286.

seus negócios ou trabalhos que não sejam impedidos de santificar convenientemente o Domingo e tomar parte no culto público<sup>134</sup>.

De acordo com os Princípios de Liturgia da IPB (PL-IPB), bem como da CFW, a IP-ST tem compreendido a primazia do Domingo sobre os demais dias da semana como dia especial para o culto público, seja por dar continuidade ao imposto pelo Quarto Mandamento, seja por marcar os grandes eventos salvíficos do passado relacionados à Páscoa e à Ressurreição de Jesus ou o Pentecoste, ou ainda por causa da expectativa escatológica antecipada e ainda aguardada, o grande evento futuro<sup>135</sup>.

O culto dominical é o momento em que a maioria dos membros da IP-ST se fazem presentes. Em contrapartida é o momento celebrativo e a ação evangelizadora de maior impacto por conta da sua “liturgia” mais elaborada. O culto possui uma dupla característica. Ele é ao mesmo tempo um exercício devocional e uma ação evangelizadora. Como um exercício devocional comunitário, o culto é a declaração ritual da glória de Deus, bem como renovação da fé. A adoração ao Deus Trino e Uno é a maior expressão humana do reconhecimento de quem é Deus e o que ele faz. É concorde entre presbiterianos que o culto dominical é o centro da vida comunitária.

Por outro lado, o culto é também a principal ação evangelizadora da IP-ST, bem como de toda IPB, a razão disso está no fato de que, o culto presbiteriano, é caracterizado por seu aspecto pedagógico, principalmente presente na pregação, que é a parte essencial do culto presbiteriano. O aprender é um elemento que está presente na ideia do seguimento de Jesus. Seguir Jesus implica no aprender com ele e dele – “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas” (Mt 11,29); “em ir e ver” (Jo 1,37-39). Discipular, ensinando pessoas a guardar as coisas ensinadas por Jesus. E tudo isso é parte da missão da Igreja (Mt 28,19). O anúncio do Evangelho, por meio das Escrituras, é o que

<sup>134</sup> PRINCÍPIOS DE LITURGIA. In: **Manual Presbiteriano**, p.109. Em conformidade com a CFW, XXI.8, que diz: “Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios comuns, não só guardam, durante todo o dia um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações, mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia”.

<sup>135</sup> Cf. DIXHOORN, C. **Guia de Estudos da CFW**, pp.300-301.

transforma o culto em um processo evangelizador. O sermão é, portanto, o ápice do culto, porque ele se torna a palavra proclamada de Deus.

Na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, a duração média dos sermões fica entre 35 e 40 minutos, o que corresponde a pouco mais da metade do tempo total de um culto dominical. O que se encontra por detrás disso é a importância que se dá a pregação bíblica. Costuma-se dizer que o centro do culto, isto é, o seu ápice é aquilo que Deus diz ao povo pela exposição de sua Palavra<sup>136</sup>.

Nas últimas duas décadas, tem se tornado senso comum entre teólogos e ministros presbiterianos que o método expositivo de pregação ou apenas pregação expositiva, é a forma por excelência da pregação<sup>137</sup>. A pregação expositiva consiste, de maneira geral, na análise e estudo exegético do texto bíblico, para interpretação e compreensão do sentido da passagem estudada, para consequente apresentação à igreja para sua instrução na fé e na prática cristã. De maneira apofática, no sermão expositivo não se trata apenas de explicar o texto bíblico à comunidade, mas é a transmissão da mensagem que está presente nele, bem como da sua aplicação no cotidiano do fiel<sup>138</sup>. Não é incomum, portanto, que ministros presbiterianos optem também pela *Lectio Continua*, isto é, a exposição sistemática de trechos bíblicos na sequência que estão na Bíblia. Por exemplo: a exposição do Sermão do Monte (cf. Mt 5-7) ou As Parábolas do Reino, no Evangelho de Mateus (cf. Mt 13,1-54). Ou ainda a exposição de livros bíblicos completos, que é a recomendação do DCW, desde 1641, que considera “indispensável que todos os Livros Canônicos sejam

<sup>136</sup> Calvino, diante da disputa acerca de quais eram as marcas da verdadeira Igreja, considerou que uma dessas marcas era a fiel pregação das Sagradas Escrituras. Onde a Palavra e os sacramentos eram fielmente administrados ali estava a Igreja. Cf. CALVINO, J. IRC, IV.

<sup>137</sup> Esse modelo de pregação se tornou uma espécie de padrão entre os pregadores Reformados. Zwinglio parece ter sido o primeiro a utilizar essa metodologia de pregação. Mas foi Johannes Oecolampadius, reformador de Basileia, o primeiro a adotar esse método de pregação não apenas para si mesmo, mas também para todos os pregadores que assumissem o púlpito da Igreja de Basileia, onde era o principal pregador. Seu exemplo foi seguido posteriormente por João Calvino, em Genebra, por Knox, na Escócia, e pelos Puritanos ingleses. Vindo a cair em desuso nos séculos XVIII E XIX, esse método tem sido retomado em diversas denominações protestantes norte-americanas e, por consequência e influência, também território brasileiro, principalmente entre os presbiterianos. Cf. NORTHWAY, E. W. **The reception of the fathers and; Eucharistic theology in Johannes Oecolampadius (1482-1531), with special reference to the Adversus Haereses of Irenaeus of Lyons**. Durham Thesis, Durham University, (2008).

<sup>138</sup> Cf. LOPES, H. D. **Pregação Expositiva**, p.135. Hernandes Dias Lopes é teólogo e ministro presbiteriano. Doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary, em Jackson (EUA), é autor de mais de 130 obras entre comentários bíblicos e devocionários. Embora não seja uma referência acadêmica, rev. Hernandes possui uma grande influência no meio evangélico brasileiro, circulando entre grupos conservadores e pentecostais, além da sua influência como escritor, razão pela qual, ele está sendo utilizado nesta tese como referência.

lidos por inteiro e pela ordem, para que o povo tome melhor conhecimento da Bíblia inteira”<sup>139</sup>. Esse é o modelo de pregação utilizada na IP-ST. O interesse não está, como dito anteriormente, em fornecer apenas um simples relato informativo do conteúdo presente no texto bíblico, embora muitos membros da IP-ST assumam esse interesse como a única função da pregação<sup>140</sup>. Não se espera que a comunidade tenha um conhecimento intelectual acerca do conteúdo das Escrituras.

A ação transformadora operada pelo Espírito Santo, por meio da Palavra, fazendo que o ouvinte seja capaz de realizar uma experiência de fé. Uma experiência existencial, como o cavaleiro da fé de Kierkegaard, que é alçado no encontro com o Transcendente, porém, que retorna ao seu tempo e lugar, cravando os dois pés sobre a sua terra e vivendo os resultados desse encontro e experiência<sup>141</sup>.

Neste sentido, a grande questão que ronda a pregação bíblica é a sua aplicabilidade. Ao entender que o culto dominical é uma ação evangelizadora, e entendendo ainda que o Evangelho não está interessado no acúmulo de conhecimento religioso, mas, antes, é o anúncio transformador da graça de Deus que convida o ser humano ao seguimento cotidiano de Jesus Cristo, o resultado dessa proclamação constante e dominical não pode ser outra, se não, uma reação transformadora no ser humano mediante o próprio Cristo no poder do Espírito Santo. Faz sentido, portanto, a fala de uma entrevistada que, questionada sobre mudanças em sua vida a partir do momento em que ela começou a frequentar a Igreja e os cultos, quando ela afirma que:

Mudou, assim, a minha forma de pensar... O meu jeito de viver... De falar, também! De respeitar, coisa que assim, eu... tipo, eu não respeitava a opinião do outro, achava que a minha estava certa. Então, assim, de respeitar mais o ser humano, a vida das outras pessoas,

<sup>139</sup> DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER, p.29. Para se ter uma ideia, nos últimos cinco anos, quando o pastor da IP-ST começou a utilizar da Lectio Continua, como modelo de exposição-pregação dominical já forma expostos: o Sermão do Monte do evangelho e as Parábolas do Reino de Mateus, o evangelho de Marcos, Filipenses, Colossenses e Filemom, 1e2 Pedro, os Cânticos de Romagem do livro de Salmos. Praticamente, 230 sermões. Além disso, outros livros bíblicos têm sido expostos nos Estudos Bíblicos semanais, com ênfase a exposição do Antigo Testamento e livros mais complexos do Novo Testamento como Gálatas, Efésios e Apocalipse.

<sup>140</sup> IP-M1-02: “E questione e tal, mas vi que não, não seria, não seria, não teria proveito nenhum ficar lá batendo cabeça com ninguém, brigando com ninguém, né?, querendo, mesmo crendo que aquilo não estava realmente certo com aquilo que tava aprendendo da Escritura, eu percebi que num, num, fui aconselhado a realmente sair e vim para Igreja Presbiteriana do Brasil, porque creio que ela é uma, uma das únicas ainda que realmente, é..., acredita e confessa realmente a Escritura e não “achismo” de homem, né?”

<sup>141</sup> KIERKEGAARD, S. **Temor y Temblor**, p.32.

o comportamento delas, o jeito delas serem... E ainda eu tenho ainda muito que caminhar e aprender ainda<sup>142</sup>.

É nesse sentido que o Culto Dominical na IP-ST é processo evangelizador, ao tornar possível que o membro compreenda e vivencie o evangelho de Jesus, porquanto o “ministério evangelizador encontra-se relacionado com o culto a Deus”<sup>143</sup>. Pensar no culto cristão na tradição presbiteriana é considerar sobre uma tradição de comunicação do evangelho de Jesus Cristo por meio do serviço cútico.

A segunda parte essencial no Culto Dominical da IP-ST é a administração dos Sacramentos que, quando ministrados, são partes integrantes do culto público<sup>144</sup>, não sendo possível a sua ministração particular<sup>145</sup>. Como as demais igrejas protestantes, a IPB reconhece apenas sacramentos o batismo e a eucaristia. Os Sacramentos, contudo, ocupam um lugar meio marginal nos cultos do protestantismo missionário no Brasil<sup>146</sup>. E o mesmo acontece na IP-ST. Existem duas razões para essa marginalização dos sacramentos. Em primeiro lugar, acontece pela influência, mesmo que desconhecida, da teologia eucarística de Zwinglio, reformador de Zurique, que desconsiderou existir qualquer graça mediada pelos mesmos, tratando-se apenas de um memorial da morte e ressurreição de Cristo, numa ênfase nas palavras da instituição “fazei isso em memória de mim (cf. Lc 22,19; 1Co 11,24-25)”<sup>147</sup>.

Essa percepção eucarística se tornou comum aos batistas e pentecostais, a grande maioria do protestantismo brasileiro de missão<sup>148</sup>. A mesma lógica com que esses grupos pensam a eucaristia é aplicada, de alguma maneira, ao batismo, como demonstra o teólogo batista Millard Erickson, ao afirmar que a continuidade da

<sup>142</sup> IP-F-4-02, p.5

<sup>143</sup> Cf. CARDOSO, M. T. F. **Eucaristia, evangelização e ecumenismo**. In: COSTA, P. C. (org.). **Sacramentos e Evangelização**, p.145. VON ALLMEN, **O Culto Cristão**, p.151.

<sup>144</sup> CFW, XXI.5.

<sup>145</sup> CFW, XXIX:3-4. A exceção é a o sacramento eucarístico que pode ser ministrado a doentes e membros com dificuldade de locomoção.

<sup>146</sup> O protestantismo brasileiro, conforme a tipologia apresentada por Mendonça e Velasques, é constituído por dois grandes blocos, os quais são: 1) o Protestantismo de Imigração e o 2) o Protestantismo de Missão. Cf. MENDONÇA, VELASQUES, **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, p.25.

<sup>147</sup> Cf. GEORGE, T. **A Teologia dos Reformadores**, p.148. Ver também: KLEIN, C.J. **Calvino e os sacramentos**: Algumas considerações sob a perspectiva da Teologia de Tillich. In: **Correlatio**, v.7, n.14, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1157/1167>>. Acesso em 02 nov. 2017, p. 160-161.

<sup>148</sup> Cf. DUSSING, M. **The New Testament Church**. In: HORTON, Stanley M. (ed.). **Systematic Theology**, p.558. ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**, pp. 459-475.

prática do batismo se deve simplesmente ao fato de ter sido ordenado por Jesus Cristo e porque serve como uma forma de proclamação da salvação e não por qualquer outra coisa<sup>149</sup>. A aproximação e alinhamento teológico da IPB de outras denominações protestantes brasileiras e a má formação dos seus ministros, em determinados momentos históricos, fez com que os presbiterianos fossem instruídos de forma diferente da sua teologia sacramental, conforme os Padrões de Westminster.

Em segundo lugar, o protestantismo missionário, de maneira geral, e o presbiterianismo, de maneira específica, no esforço para não parecer com os católicos, abriu mão das suas ênfase teológico-sacramentais específicas, dando lugar a conceitos mitigados e esvaziados de seus conteúdos confessionais<sup>150</sup>. Na tentativa de explicitar o que não eram, esqueceram-se de afirmar o que eram. Não é sem razão que o batismo de crianças ou ainda de adultos, bem como a celebração da Ceia do Senhor é conduzido num simplismo tão amedrontado que, terminado o rito, parece desaparecer o sentido e as implicações dos sacramentos celebrados.

Se, por um lado, a liturgia que conduz à Palavra e sua exposição é rica em sua manifestação, ainda que simples em sua forma, por outro lado, a liturgia dos sacramentos é, como dito acima, de uma simplicidade quase constrangedora. Geralmente, esse momento da liturgia sacramental também dependerá em muito da personalidade do pastor da comunidade, o qual poderá inserir um caráter mais ritualizado ou dramático às celebrações sacramentais<sup>151</sup>. Assim, ao refletir sobre os sacramentos como parte do culto e, portanto, como ação evangelizadora dentro desse, é afirmá-los não apenas como meio de graça aos que o recebem, mas meio da graça, isto é, das Boas Novas do amor de Deus em Jesus Cristo, que por meio ação regeneradora do Espírito Santo, fazem que esses gestos, ritos e símbolos ressoem e ecoem como palavras de e para a salvação vindas do próprio Deus. Não seria sem razão que o apóstolo aos gentios tenha afirmado: “Porque, todas as vezes

<sup>149</sup> ERICKSON, **Introdução à Teologia Sistemática**, p. 463.

<sup>150</sup> Cf. HAHN, **A História do Culto**, p. 176.

<sup>151</sup> A CFW, XXIX.4 afirma: “A missa particular ou recepção do sacramento por um só sacerdote ou por uma só pessoa, bem como a negação do cálice ao povo, a adoração dos elementos, a elevação ou procissão para serem adorados, e a sua conservação para qualquer pretensão religioso, são coisas contrárias à natureza deste sacramento e à instituição de Cristo”. O texto grifado é interpretado por alguns com um impedimento a manipulação dos elementos ou espécies, de modo que o simples gesto de tomar um pão maior e parti-lo ou ainda o erguer um cálice, deveria ser considerado contrário à natureza do sacramento eucarístico e ao próprio mandamento de Jesus Cristo.

que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11,26). Portanto, a prática sacramental como parte do culto cristão e ao mesmo tempo contemplando ambos como ação evangelizadora é algo que está presente na própria ideia neotestamentária de evangelização<sup>152</sup>.

No caso específico da IP-ST, os sacramentos têm assumido o papel de processo evangelizador à parte, dado que nenhuma ministração sacramental realizada nesta comunidade presbiteriana, que não seja acompanhada por uma ministração “mistagógica”, que conduz a comunidade para dentro do *mysterium* que é revelado e sinalizado pelo sacramento ministrado<sup>153</sup>. Ainda que breve, o ensino por meio dos sacramentos deve fazer em sua ministração. Na teologia presbiteriana, o sacramento não possui o caráter *ex opere operato*, ele é dependente da palavra e do Espírito de Deus. Pela Palavra pregada e pela Palavra sensível, sejam eles, a água ou o pão e vinho, o Espírito Santo se assenhora das mesmas para fazer conhecida a graça salvadora de Deus-Pai.

### 2.2.2

#### **A Escola Dominical: “Estas palavras tu as inculcarás”**

O segundo processo evangelizador da IP-ST é Escola Dominical, a mais característica ação evangelizadora do protestantismo brasileiro. O caráter didático-pedagógico das ações evangelizadoras da IP-ST ganha mais força com a Escola Dominical. O próprio nome, Escola, traz de modo explícito todo o conceito de uma estrutura educacional, transmissora e formadora de conhecimento. Em termos gerais, a Escola Dominical é o momento de formação catequética, por excelência, das comunidades evangélicas, entre as quais a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa se inclui, sendo considerada em outros tempos, uma das causas da formação intelectual e moral mais elevada dos evangélicos<sup>154</sup>. Embora existam raríssimas exceções, esse é o processo evangelizador que estará sempre presente na agenda semanal de uma comunidade presbiteriana no Brasil. Também não é estranho que

<sup>152</sup> Cf. CARDOSO, *Eucaristia, evangelização e ecumenismo*, p.145.

<sup>153</sup> Essa é uma característica pessoal, por conta do contato com outras tradições cristãs que privilegiam a celebração sacramental. Não é comum, ao menos de maneira consciente, que pastores presbiterianos se prestem em conduzir sua comunidade a atualização das experiências sacramentais. Soa para muitos como um misticismo condenável.

<sup>154</sup> Cf. BRAGA, E. *Pan-Americanismo*, pp. 56-57.

uma Escola Dominical seja a primeira ação evangelizadora realizada semanalmente para o processo de plantação de uma igreja local.

A missão presbiteriana no Brasil parte da proposta missionária da tradição reformada, que consiste na ideia da plantação de igreja, isto é, a organização de uma comunidade eclesial a partir da evangelização e congregação de membros e a agregação de novos membros por meio da conversão<sup>155</sup>. Vale lembrar que o primeiro trabalho evangelizador presbiteriano no Brasil, foi uma escola dominical conduzida pelo rev. Ashbel Green Simonton, em 22 de abril de 1860<sup>156</sup>. Por isso, é bem comum a atividade religiosa de uma comunidade a ser plantada começar pela evangelização de crianças que posteriormente farão pontes aos seus pais, a outros adultos e a realidade do local em que essa nova igreja nascerá. Assim, a Escola Dominical tem como tarefa precípua a catequese e o ensino bíblico continuados de todas as faixas etárias existentes na comunidade, bem como pelo catecumenato daqueles que, vindos de outras comunidades cristãs ou não, pretendam se agregar a IP-ST.

Embora a origem da Escola Dominical, como é conhecida hoje, tenha ocorrido através do interesse do anglicano Robert Raike na educação formal e religiosa das crianças empregadas das fábricas inglesas no século XVIII<sup>157</sup>. Dois séculos antes, o reformador escocês e pai do presbiterianismo, John Knox, já expressava a preocupação com a necessidade de uma catequese continua para os membros da igreja principalmente as crianças e jovens. Com o caráter sabático, isto é, com a exigência de que todas as atividades humanas fossem suspensas para que todos pudessem se dedicar a Deus, o Domingo se tornou o dia para o exercício de educação religiosa para os membros das comunidades escocesas. Basicamente, o Primeiro Livro de Ordem, escrito por Knox, prescrevia que a manhã de domingo fosse dedicada ao culto público<sup>158</sup>. A catequese de crianças e jovens acontecia na tarde do Domingo, podendo ou não acontecer um exame público dessa classe de membros<sup>159</sup>. O conteúdo é bem conhecido: as histórias bíblicas, o catecismo para crianças e o ensino doutrinário para os adultos. Percebe-se nesse simples dado

<sup>155</sup> BOSCH, D. J. *Missão Transformadora*, p. 400.

<sup>156</sup> SIMONTON, *O Diário*, p. 140.

<sup>157</sup> HAHN, C. J. *História do Culto Protestante no Brasil*, p. 275-276.

<sup>158</sup> KNOX, J. *The First Book of Discipline*. In: KNOX, J.; LAING, D. (ed.). *Works of John Knox*, p.238.

<sup>159</sup> KNOX, J. *The First Book of Discipline*, p.238.

apresentado os elementos que orientam a prática e a tendência presbiteriana ao ensino:

- a. A igreja deve se responsabilizar com a evangelização, formação e catequese cristã de seus membros de todas as faixas etárias;
- b. A evangelização de uma comunidade não deve estar dissociada com a espiritualidade e a devoção, não é sem motivo que ela acontece no tempo dominical;
- c. A evangelização de uma comunidade cristã deve ser compreendida de modo acumulativo e progressivo.

Desta maneira, entre 1984 a 1991, a Escola Dominical foi o trabalho mais regular da nascente IP-ST, que acontecia de modo alternado na residência de alguns irmãos<sup>160</sup>. Os membros masculinos mais experientes assumiam a tarefa do ensino e da pregação. As irmãs mais aptas ficavam com as crianças. E a formação religiosa e bíblica acontecia num ambiente de pouca formalidade. Essa informalidade própria do protestantismo faz com que a “liturgia” da Escola Dominical na IP-ST seja algo bem simples, sendo dividida em três momentos: devocional, ensino e encerramento. A devocional acontece na abertura da Escola. Em geral, é uma pequena liturgia com o cântico de um ou dois hinos, uma leitura bíblica devocional e de uma a duas orações. O momento de ensino, que é a razão de ser dessa ação evangelizadora, tem duração média 45 minutos e os alunos são distribuídos em classes de acordo com a faixa etária. Na IP-ST funcionam três classes: uma para crianças, uma para adolescentes e outra para jovens e adultos. Ao fim do momento de ensino, o encerramento é um momento para avisos a comunidade, seguido de um cântico e uma oração.

Ainda que seja a segunda programação mais bem frequentada da Igreja, contudo, o número médio de seus frequentadores atinge um pouco mais 30% da comunidade, um número que é bem inferior ao dos membros atribuem grande valor e importância a esse processo de evangelização, que gira em torno de 60%. Os maiores interessados na participação na Escola Dominical são os pais com crianças e pré-adolescentes. A razão é simples: o cumprimento do juramento batismal de ensinar a criança a religião e a participar amar o culto divino; e a própria formação

---

<sup>160</sup> ATA DA IGREJA PRESBITERIANA EM SANTA TERESA. **Histórico**, vol.1 p.1, 1997.

cristã das crianças. Neste caso, existem famílias que frequentam preferencialmente a Escola Dominical em detrimento ao Culto dominical.

Percebe-se nas entrevistas que há uma declaração apaixonada acerca da importância dessa ação evangelizadora<sup>161</sup>. A sua importância para os membros da IP-ST é tão elevada que, os membros que não podem participar desse processo chegam a afirmar que – em linguagem escolar – estão mais atrasados que os que podem participar desse momento de formação e evangelização<sup>162</sup>. Mas qual a razão ou razões para isso? O formato desse processo evangelizador é a chave para entender isso.

Chama a atenção, nesse sentido, a fala de certa entrevistada que considera a metodologia dialógica utilizada na Escola Dominical como responsável por essa atração. A possibilidade de adquirir conhecimento de Deus e do Evangelho, “embora ela [a Escola Dominical] seja centrada em Deus, o debate está entre nós. Então, é mais aberto e mais construtivo, digamos, porque é no diálogo que a gente constrói certos raciocínios”<sup>163</sup>. Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem não é um mero discurso pastoral ou está sob a autoridade de um professor. Os membros e mesmo visitantes presentes tornam-se atores e corresponsáveis na produção do conhecimento e da evangelização, por meio do diálogo, da troca de experiências e das múltiplas compreensões e leituras que podem existir entre os participantes. Como é possível de ser percebido a natureza em si desse processo, chamado Escola Dominical, cumpre de maneira mais ampla o papel formativo e evangelizador da IP-ST, fazendo reais, ainda que com algum exagero, as palavras de rev. Erasmo Braga:

Unido a influência da leitura habitual da Bíblia e da literatura evangélica e a escola dominical para a instrução geral da igreja, a energia dinâmica do evangelismo [protestantismo] coloca seus aderentes em posição de superioridade intelectual e moral, com relação aos indivíduos de igual capacidade e colocados nas mesmas circunstâncias, aos quais falte a disciplina espiritual dada pelo Evangelho<sup>164</sup>.

<sup>161</sup> IPF-3.06; IPM-4.05.

<sup>162</sup> IPF-3.06: “E vejo que pessoas que entraram na igreja junto comigo, elas tiveram aprendizado diferente. Eu não tive, eu não tive acompanhamento nenhum, com ninguém. Nem com os pastores passados, a 20 anos atrás, quando eu entrei, vai fazer agora dia 4 de novembro. só que na minha época...teve as pessoas que entraram, mas elas tiveram a Escola Dominical na vida dela e eu vejo algo diferente na vida delas. Isso vem da escola dominical. Que eu vejo que pessoas começaram a participar da escola dominical elas aprenderam mais”; IPF-4.07.

<sup>163</sup> IPF-2.02.

<sup>164</sup> BRAGA, **Panamericanismo**, pp. 56-57.

Para o protestantismo missionário norte-americano, o ambiente social brasileiro era reflexo do ambiente religioso, que “contribuía para a superstição e fanatismo”<sup>165</sup>. A missão protestante não seria apenas a proclamação do Evangelho, mas era também uma tendência para a transformação das ordens socioculturais, que significava a inserção da *American Way of Life*<sup>166</sup>. A rudeza e ignorância presente no país, naquele havia tempo, teria sido causada pela presença católica no Brasil. O que o rev. Braga faz está reproduzindo esse conceito protestante, carregado de idiossincrasias. Conceito, este, que foi reproduzido nos púlpitos ao longo dos anos. Porém, é possível admitir como correto que, a despeito da deturpação do bom reverendo, o ensino bíblico nas Escolas Dominicais presbiterianas alcançou seu propósito em oferecer uma formação continuada dos estudos bíblicos e doutrinários, sendo também um espaço importante para a Evangelização dos fiéis.

### 2.2.3

#### **A Reunião de Oração & Estudo Bíblico: “Orai sem cessar”**

O último dos processos evangelizadores estudados por esta tese é a reunião semanal dedicada tanto a oração e como ao estudo bíblico. Em termos de forma, essa reunião semanal de oração e de estudo bíblico segue um padrão mais informal do que o do culto dominical. Sua duração é de, mais ou menos, uma hora e meia e dedica a primeira meia hora as orações e o restante do tempo ao estudo da Bíblia. Embora exista uma predefinição de tempo e duração dos períodos de oração e de estudo bíblico, há ocasiões em que o momento de oração se estende para além do tempo determinado e, até mesmo, toma todo o tempo destinado a esse processo evangelizador. Porém, deve ser reconhecido que a participação neste trabalho semanal a participação é a menor. Aproximadamente de 25% dos membros participam desse processo evangelizador.

O primeiro momento é dedicado à oração. A liturgia desse momento é restrita a uma oração inicial, seguida de um hino ou cântico, uma exortação à oração e por fim as orações da comunidade. Confessionalmente, entende-se a oração como sendo parte especial do culto religioso, sendo também um dos meios de graça, pela

---

<sup>165</sup> Cf. MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, p. 137.

<sup>166</sup> MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, p. 117.

qual a graça de Deus é concedida à sua igreja<sup>167</sup>. Como parte culto, a oração não está restrita ao momento litúrgico da comunidade cristã, mas ela deve ser experimentada como um exercício de piedade cristã, em qualquer tempo e lugar. Ela é, antes de tudo, “a conversa da alma com Deus”<sup>168</sup>.

O protestantismo missionário brasileiro aboliu orações prescritas. Mesmo o Pai-Nosso ou a recitação dos Credos, como dito anteriormente, tornaram-se sinônimo pejorativo de catolicismo – não é raro comparar orações prescritas com as “vãs repetições” das quais fala o Evangelho (cf. Mt 6,7). Assim, o que prevalece nos cultos presbiterianos são orações *ex tempore*. No caso da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, as orações da comunidade seguem essa característica *ex tempore*, isto é, sem preparo prévio, algo que fará refletir a experiência individual de cada um dos participantes com Deus. A ideia é que os membros da igreja sejam chamados para se expressar de maneira livre e pessoal diante de Deus. E não por meios de fórmulas prescritas.

No período de oração, que não possui uma liturgia formal e nem orações prescritas, a Igreja é orientada às seguintes causas ou motivos de oração:

- a. A Intercessão pelas seguintes causas<sup>169</sup>:
  1. Pelo avanço do Evangelho;
  2. Pela liderança e pela Igreja local;
  3. Pelos que sofrem;
  4. Pelos governantes do país;
  5. Pelos que são perseguidos por causa do Evangelho;
- b. A Intercessão Mútua: Em geral, os membros presentes são chamados a se dividirem em grupos de duas ou três pessoas, nos quais cada um poderá expor suas necessidades pessoais, problemas e dificuldades, bem como expressar suas alegrias e sua gratidão. O interessante é que nos momentos

<sup>167</sup> CFW, XXI.3-4; BCW, Q-R, 95-97.

<sup>168</sup> HODGE, **Teologia Sistemática**, p.1367. Charles Hodge foi um ministro presbiteriano estadunidense, professor de teologia e segundo diretor do Princeton Theological Seminary (PTS), um dos mais importantes seminários teológicos dos EUA. É considerado o principal nome do movimento denominado a Velha Escola de Princeton, que possuía um viés mais conservador. Tornou-se amigo de Friedrich Schleiermacher durante uma viagem de estudos na Europa. A teologia de Hodge trazia um forte rigor científico e metodológico. Hodge foi o principal incentivador do jovem Ashbel Green Simonton para se tornar um missionário, o que ocorreu. E Simonton, como sabido, tornou-se o primeiro missionário presbiteriano no Brasil.

<sup>169</sup> As antigas liturgias reformadas e presbiterianos trazem algumas dessas indicações. Cf. BAIRD, **A Liturgia Reformada** (2001); DIRETÓRIO DO CULTO DE WESTMINSTER. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

de oração se toma conhecimento de problemas uns dos outros; se conhece as angústias e os dramas pessoais. Esse tipo de oração pressupõe dois sentimentos em relação ao outro:

1. Acolhimento-Empatia: “acho que por mais que a gente tenha uma vida de oração em casa, ela difere da oração na igreja por dois motivos: primeiro que a nossa oração em casa é individual e na igreja ela passa ser coletiva, não porque a gente está orando uns com os outros, mas porque a gente está mais ligada aos objetivos uns dos outros”<sup>170</sup>.
  2. Confiança: Abrir-se ao outro não é tarefa fácil para ninguém. No entanto, no momento de mútua intercessão é preciso haver essa confiança de se expor, mostrar suas fraquezas, necessidades e suas angústias. Uma aplicação possível ao texto de Tiago 5,16.<sup>171</sup>
- c. A Ação de Graças: É o compartilhamento das bênçãos alcançadas em todas as áreas da vida. A oração não é o meio pelo qual apresenta-se a Deus apenas as necessidades, ela é também o meio de expressão da gratidão pelo que ele, em sua graça, concede aos seus filhos e filhas. A igreja deve se alegrar e agradecer com os que têm a experiência específica da bondade de Deus.

Todos os presentes fazem as suas orações em pequenos grupos formados por duas ou três pessoas. As orações são sequenciais no grupo, uma vez que prevalece a recomendação apostólica de decência e ordem (cf. 1Co 14,40). Após o período de oração, é feita uma oração pelo pastor ou pelo dirigente leigo que pode eventualmente conduzir o momento de oração. Desta forma, a reunião de oração se torna, em sua expressão, um processo evangelizador, pelas seguintes razões:

1. Por tornar os membros dependentes de Deus da mesma forma que Jesus Cristo, nas narrativas evangélicas, é visto fazendo;
2. Por ser um exercício da fé, enquanto confiança em Deus, uma vez que a oração é “o mistério admirável da fé”<sup>172</sup>;
3. Pelo fato da oração ser um meio da graciosa ação santificadora do Espírito Santo<sup>173</sup>;

<sup>170</sup> IPF-2.02, p.91.

<sup>171</sup> Cf. ROPES, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of St. James*, p. 309.

<sup>172</sup> Cf. CIgC, § 2.558.

<sup>173</sup> Cf. BCW, Q-R 88: Os Meios de Graça “são os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção”, isto é, para a santificação do cristão. Os meios de graça, conforme, a doutrina presbiteriana é em número de três: A Palavra, os Sacramentos e a Oração. Esse sentido também é visto no CIgC, §2.558, quando afirma que a Oração, enquanto mistério, serve “para que a vida dos fiéis seja configurada com Cristo no Espírito Santo para glória de Deus Pai”.

Terminado o momento de oração, segue-se o Estudo Bíblico, a outra parte dessa reunião semanal. O Estudo pode ser bíblico, no sentido de um estudo formal de um livro bíblico, versando sobre sua composição, suas características e peculiaridades, sua teologia e sua mensagem, seguindo a mesma metodologia da exposição usada nos sermões, embora os sermões sejam caracterizados pelo tom do discurso e retórica que lhe são próprios. Porém, esse Estudo semanal também pode ser doutrinário, neste caso pode ser o estudo dos Símbolos de Westminster, dos Credos, principalmente o Apostólico, ou outra confissão reformada. Em ambos, bíblico ou doutrinário, o tom é sempre didático, permitindo interrupções, questionamentos e mesmo algum debate quando há divergências, como na Escola Dominical.

No início do presbiterianismo escocês, de acordo com John Knox cada comunidade deveria promover reuniões para o estudo da Bíblia e o ensino doutrinário, nas quais fosse possível transmitir o ensino bíblico com a finalidade de trazer conforto e consolação a Igreja<sup>174</sup>, mas também propiciar aos pais de família oportunidade para ouvirem a leitura e explicação da Escritura para que esses fossem capazes de instruir suas famílias e zelar pela experiência de fé dela e daqueles que estivessem aos seus serviços<sup>175</sup>. Embora não haja documentação capaz de comprovar, se bem que Mendonça oferece algumas pistas<sup>176</sup>, a dinâmica da proposta de Knox parece ser a razão e a justificativa desse processo evangelizador estar presente no presbiterianismo brasileiro são as mesmas: a formação da liderança leiga<sup>177</sup>, um momento para evangelização dos membros da comunidade – instrução do conteúdo bíblico-doutrinário, seja pela leitura e explicação dos textos bíblicos, seja, como defendeu Mendonça, pelo uso da hinódia evangélica na evangelização<sup>178</sup>. Essa instrução, ainda que com toda a sua precariedade inicial, é o

<sup>174</sup> KNOX, *The First Book of Discipline*, p.240-241.

<sup>175</sup> *Ibid.*, p.241.

<sup>176</sup> MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, pp.243-247. Cf. CALDAS FILHO, *Fé e Café*, p.48-49.

<sup>177</sup> Pelo lado paterno descendo de uma linhagem de presbíteros regentes – bisavô, avô e pai, os quais eram pregadores leigos que, mesmo com pouco instrução formal, aprenderam, nos estudos semanais, a pregação pública do evangelho e de outros textos bíblicos, porquanto a presença de pastores ocorria dominicalmente e com espaço de meses. Durante a semana os cultos ou estudos bíblicos, quer fossem no templo quer fossem nas casas era por conta da liderança e dos leigos. Na ausência dos pastores, presbíteros, diáconos ou outros homens deveriam assumir também o culto dominical e a pregação, algo que ainda hoje acontece em alguns interiores.

<sup>178</sup> MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, pp.243-247. Nesse trecho, que é um Apêndice de Mendonça ao seu texto, o autor descreve o que ele chama de “cena religiosa sertaneja”, que nada mais é do que a descrição de um culto na casa de um membro da comunidade realizado por leigos. A importância

que tornou possível o desenvolvimento do presbiterianismo durante os anos iniciais de sua inserção no contexto brasileiro até meados do século XX<sup>179</sup>.

#### 2.2.4

#### **As Percepções dos membros da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa acerca dos Processos Evangelizadores**

Olhando para os processos evangelizadores descritos acima, confirma-se o seguinte fato: o conteúdo e a explicação do evangelho de Jesus Cristo são apresentados de maneira pormenorizada pelo menos três vezes por semana. A evangelização, nesse sentido, ocorre enquanto transmissão e aplicação do conteúdo evangélico aos participantes desses processos. Porém, como a evangelização é um processo incompleto quando observado apenas pela perspectiva daquele que ensina, completando-se apenas no enfrentamento concreto daqueles que aprendem, isto é, na aplicação do conteúdo do Evangelho em suas realidades e demandas concretas, de cada crente se faz necessário que seja observado e aplicado esse ensino em suas vidas, principalmente testemunho desse mesmo Evangelho.

Tendo feito a descrição dos processos evangelizadores desenvolvidos na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, pretende-se, nesta seção, avaliar qual a percepção que os membros dessa comunidade têm em relação a esses processos a partir da pesquisa de campo feita. Em razão desta tese ser uma análise dos processos evangelizadores utilizados na IP-ST, entende-se que não basta apenas um olhar externo – embora, não tanto – porém, a experiência que cada um dos membros entrevistados que tem sido feita em relação à participação desses processos, bem como as experiências feitas nesses processos pode dar maior dimensão do seu significado dos mesmos para a vida da comunidade testada nesta tese. Desta maneira é possível sistematizar três modos de percepção das ações evangelizadoras da IP-ST, as quais, em geral, giram em torno da sua função e aqui estão relacionados em grau de constatação na análise dos dados, do maior para o menor. Assim foi possível considerar as seguintes percepções: a) os processos evangelizadores como meios informativos (construção de conteúdo-conhecimento); b) os processos

---

é perceber que os hinos evangélicos, e esta é a tese de Mendonça, tornaram-se o meio maior da evangelização dos pioneiros protestantes no Brasil, haja vista o grande número de cânticos que há nessa narrativa.

<sup>179</sup> Cf. CALDAS, **Fé e Café**, p.48.

evangelizadores como meios formativos de uma práxis; c) os processos evangelizadores como momentos celebrativos.

Inicialmente, a grande maioria dos membros da IP-ST percebem os processos evangelizadores realizados na comunidade como meios informativos. Quando se observa a descrição dos mesmos feita nas seções anteriores nitidamente se verifica que a dinâmica da IP-ST é claramente formativa e informativa de sua membresia. O apelo protestante às Escrituras aliado às características ética e discursiva do culto presbiteriano propicia o anúncio das boas novas do Reino de Deus numa formatação didática mais explícita. Se, por um lado, o principal objetivo é viver de acordo com aquilo que Deus quer<sup>180</sup> – afirmação claramente ética – por outro lado, torna-se necessário e fundamental que se conheça “o que Deus quer”. Logo, o pedagógico e o informativo surgem como uma característica natural da identidade dos processos evangelizadores presbiterianos em Santa Teresa, algo que pode ser considerado válido para toda a IPB.

Em todo caso, o interesse não é uma formação intelectualizada, mas a construção de uma práxis, de modo que a membresia da IP-ST seja capaz de lidar, de maneira cristã, com as diversas situações impostas pela existência humana, conforme a compreensão de que a Escritura é capaz de ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça aqueles que se dispõem ao seguimento de Jesus Cristo, homens e mulheres que se tornam habilitados para toda boa obra, num testemunho coerente do trilha que se está percorrendo (cf. 2Tm 3,16-17)<sup>181</sup>.

Assim, questionado sobre as dificuldades do cotidiano, um membro, no caso uma mulher, enumerou uma série de dificuldades que ela enfrenta no seu dia-a-dia, que estão relacionadas com questões que variam desde o seu gênero e situação civil – divorciada – alcançando, por fim, a honestidade em seus negócios. Diante disso, seguiu-se a pergunta – A igreja lhe ajuda a enfrentar os seus desafios? – cuja resposta foi:

Sim! Porque você tem uma base bíblica muito boa, a partir do momento que você frequenta cultos, reuniões oração, estudos, escola bíblica, culto à noite, você tem embasamento bíblico, você tem todo esse aparato. [Entrevistador:] Mas esse embasamento bíblico serve para quê? Para você reforçar a sua fé! Você tem todo o embasamento de doutrina, entendeu? Tem a Palavra falada, lida, ensinada, esplanada, vivida. Você troca ideia seja com o pastor seja com

---

<sup>180</sup> IPF-2.01.

<sup>181</sup> IPF-4.01: IPM-4.05.

a comunidade vivida ali dentro. Você aprende também através de exemplos da convivência. E aquilo vai te reforçando, te crescendo, te fazendo crescer<sup>182</sup>.

A entrevistada, de modo imediato, considerou que o maior auxílio da igreja para ela foi lhe proporcionar um aparato ético bíblico-teológico, por meio do ensino da Sagrada Escritura, que lhe servira como suporte para a assessorar em sua vida diária e em seus enfrentamentos cotidianos. Pode-se perceber nessa resposta, que a entrevistada evocou todos os processos evangelizadores existentes na IP-ST como meios pelos quais, esse aparato bíblico, ou como ela denomina, o embasamento bíblico, foi formado ao longo dos anos, o qual se tornou o reforço para sua vida de fé e testemunho está relacionado com o mostrar ao mundo o caráter de Cristo (Mt 5,16; 2Co 2,15)<sup>183</sup>.

Em segundo lugar, os membros da IP-ST entendem que os processos evangelizadores como meios construtores de uma práxis<sup>184</sup>. Essa é uma percepção lógica, afinal de contas, o propósito dessa informação não é um fim em si mesmo, porém, o agir de maneira coerente com o evangelho anunciado se torna a finalidade de todos os processos evangelizadores da IP-ST<sup>185</sup>. O anúncio do evangelho de Jesus Cristo não deve se manter no apenas no aspecto teórico, mas deve se encarnar numa práxis que lhe seja correspondente. Aliás, esse é o exemplo de Jesus Cristo que, no anúncio das boas novas do Reino de Deus, sinalizava a presença desse Reino pelas suas ações de acolhimento e cuidado do outro. O Reino se tornou visível nele, da mesma forma que deve ser tornar visível em sua Igreja para a glória de Deus Pai (cf. Mt 5,16).

A práxis construída a partir das ações evangelizadoras presbiterianas se estabelece pelo testemunho cristão na sociedade em todas as esferas da realidade. O testemunho cristão é aquela demonstração, por meio da vida e ações, do caráter de Jesus Cristo formado em seus discípulos pelo Espírito Santo (cf. Rm 8,29; Gl 5,22-25). Os processos evangelizadores da IP-ST, segundo os membros dessa comunidade, dão subsídios para determinar o comportamento dos membros dentro de suas realidades, no trato com as outras pessoas no trabalho, na família e estudos<sup>186</sup>. A construção desse comportamento está diretamente relacionada com a

---

<sup>182</sup> IPF-3.04.

<sup>183</sup> IPF-3.04; IPF-4.03.

<sup>184</sup> IPF-3.03.

<sup>185</sup> IPF-1.03; IPF-4.01.

<sup>186</sup> IPF.1.03; IPF-1.01.

interpretação e explicação do evangelho em determinados momentos em que essa comunidade se reúne para ouvi-lo.

Por fim, os membros entrevistados da IP-ST percebem os processos evangelizadores como sendo momentos celebrativos da igreja local. Por momentos celebrativos, deve-se entender toda expressão de alegria regozijo de estar diante de Deus e adorando-o com orações, cânticos e hinos. Embora, haja o grande apelo no sentido de aprender, existe o desejo dos membros da IP-ST em fazer suas experiências com Deus. O culto, mesmo com toda a sua simplicidade litúrgica, oferece um momento de contato com o Transcendente.

### 2.3

#### **Os Enfrentamentos cotidianos dos Presbiterianos em Santa Teresa: Alguns resultados da ação evangelizadora**

Até a seção anterior, procurou-se demonstrar, de maneira descritiva, a realidade do que é a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa e detalhar os seus Processos Evangelizadores, bem como entender como a membresia interpreta esses processos, os quais constituem o objeto material desta tese. É mister, nesta seção, iniciar a apresentação dos dados coletados através do Questionário aplicado aos membros dessa comunidade presbiteriana, conforme as regras apresentadas no começo deste capítulo, os quais podem ser verificados em sua íntegra no anexo deste trabalho.

O Questionário trabalhado procurou fazer com que os membros entrevistados fossem capazes de identificar e problematizar a sua própria realidade. A intenção com a primeira pergunta era verificar como o Evangelho mediado pelos processos evangelizadores da IP-ST poderia auxiliar os entrevistados na compreensão das dificuldades e, de alguma maneira, procurar captar o modo como os mesmos se compreendiam como participantes de uma realidade comum a toda humanidade. As questões levantadas pelos membros entrevistados na IP-ST demonstram a existência de uma dicotomia em suas percepções. Por um lado, eles se entendem como indivíduos que participam de uma realidade comum a todo gênero humano. Nessa realidade eles enfrentam as mesmas ansiedades, angústias, sofrimentos e dores que os demais indivíduos experimentam. Porém, por outro lado, a preocupação maior dos presbiterianos teresenses está relacionada ao modo de vida cristã em detrimento e negação daquela realidade comum.

### 2.3.1 Lidando com as questões referentes à família

A família encabeça a lista das dificuldades que os presbiterianos em Santa Teresa enfrentam<sup>187</sup>. A transição de época pela qual a sociedade, como um todo, está passando tem ameaçado a família, “um dos preciosos valores da humanidade”<sup>188</sup>. Certo entrevistado afirmou de maneira categórica que “a igreja é o retrato daquilo que a família é”<sup>189</sup>. Dito de outra forma, o estado em que as famílias se encontram determinará o próprio estado da igreja local. Os problemas familiares enfrentados pelos entrevistados têm a ver em primeiro lugar com os filhos, em seguida pelas dificuldades impostas pelo divórcio e, por fim, tem-se os problemas ligados as questões financeiras.

Os filhos aparecem como a maior preocupação em relação aos membros entrevistados na IP-ST. As preocupações com os filhos se concentram em três áreas: a criação<sup>190</sup>, o futuro<sup>191</sup> e a salvação deles<sup>192</sup>. Embora existam três preocupações, percebe-se um dualismo que separa a vida em duas dimensões, uma dimensão humana-terrena e outra espiritualizada. Há nisso uma espécie de tensão que coloca as ações da educação dos filhos como meio deles fazerem a experiência de Deus em algum momento de suas vidas. Essa ideia faz parte tanto das promessas batismais feitas pelos pais da confessionalidade presbiteriana que exige “uma experiência de conversão de cada indivíduo”<sup>193</sup>.

A preocupação inicial é como criar os filhos na disciplina e admoestação do Senhor (cf. Ef 6,2). Essa preocupação tem dois aspectos. O primeiro deles diz respeito a evangelização dos filhos, enquanto crianças, levá-los à igreja, lidar com eles no dia-a-dia e ser exemplo para eles<sup>194</sup>. O outro aspecto diz respeito a educação formal dos filhos. Em ambos, essa preocupação quanto a criação está relacionada às promessas batismais feitas pelos pais no batismo de seus filhos. No batismo, os pais, além de arguidos quanto a sua fé cristã, firmam o compromisso diante de toda a comunidade reunida de instruir os seus filhos na fé cristã, de ensiná-los a ler, para

<sup>187</sup> IPF-402; IPM-402. IPM-404. IPM-405; IPF-404. IPF-302. IPM-3.01.

<sup>188</sup> Cf. FERNANDES, L.A. **Evangelização e Família**, p.12.

<sup>189</sup> IP-M-3.01.

<sup>190</sup> IPF-3.03. IPF-3.02. IPF-3.01; IPF-3.03.

<sup>191</sup> IPM-405; IPF-4.04.

<sup>192</sup> IPF-4.02. IPM-4.02, IPF-3.07, IPF-3.01

<sup>193</sup> CMW, XV:1-6; Q-R,153.

<sup>194</sup> IPF-3.02; IPM-3.01

lerem as Escrituras, de ensiná-los a orar, a participar do culto e ser exemplos de piedade nessas práticas<sup>195</sup>.

Essas questões surgem em consequência da doutrina Pactual, marca diacrítica da confessionalidade presbiteriana em relação as demais tradições reformadas. A doutrina do Pacto lança uma luz especial sobre a ideia de família e sobre a responsabilidade dos pais para com os filhos. De acordo com a CFW, uma das finalidades do casamento é “a perpetuação da Igreja por meio de uma santa semente”<sup>196</sup>. A aliança feita por Deus se estende aos filhos por meio dos pais, sendo essa a razão primeira do batismo de crianças na Igreja Presbiteriana (IPB). O batismo é aplicação do sinal do Pacto que é, na presente administração, o batismo<sup>197</sup>. Desse modo, as mais pertinentes e solenes promessas e juramentos dos pais no momento do batismo estão ligadas ao modo como os filhos deverão ser criados<sup>198</sup>.

A segunda preocupação em relação aos filhos, que é consequência do processo da educação formal como comentado acima. Essa formação educacional está relacionada ao futuro que essas crianças e adolescente terão. Um entrevistado, pai de três filhos, é o exemplo dessa preocupação. Quando questionado sobre o que o afligia em sua vida, ele respondeu:

A minha preocupação maior hoje, que eu tenho, é com relação aos meus filhos. Como é que eles irão se realizar? O quê que eles irão fazer? Como é que eles vão estar depois que eu não tiver aqui? E como eu poderia, o quê que eu poderia fazer para que eles estivessem bem, tivessem uma boa condição de moradia, boa condição de alimentação, a boa condição de trabalho se realizar enquanto um chefe de família, se realizar profissionalmente, enfim, completar o ciclo da vida. Essa preocupação minha fundamental<sup>199</sup>.

O futuro dos filhos gera uma ansiedade comum a qualquer pai. O que esse entrevistado está expressando é uma preocupação que é natural, mas também

<sup>195</sup> MANUAL DO CULTO, p.13. As questões são: (1) Prometeis que se o Senhor Deus for servido conservar a vida deste vosso filho, até à idade da razão, haveis de instruí-lo na crença seguida pelo povo de Deus, como vem ensinada na Sagrada Escritura? (2) Prometeis ensinar-lhe a ler para que venha a ler por si mesmo a Santa Escritura; orar por ele e com ele; servir-lhe vós mesmos de bons exemplos de piedade e religião, e esforçar-vos por todos os meios designados por Deus, para criá-lo na disciplina e correção do Senhor? (3) Prometeis ler com ele a Bíblia e trazê-lo à igreja com assiduidade, ensiná-lo desde a mais tenra idade a respeitar o culto divino e a participar dele?

<sup>196</sup> Cf. CFW, XXIV.2.

<sup>197</sup> Cf. CFW, XXVIII.1. Sobre isso ver: CUNHA, G. P. **Deixai vir a mim os pequeninos**: Apontamentos de uma soteriologia infantil numa perspectiva Reformada. In: Revista. São Leopoldo (EST), v.39, nº 3, pp.96-121. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2413/2508>>. Acesso em 08 dez. 2017.

<sup>198</sup> Cf. CUNHA, **Deixai vir a mim os pequeninos**, pp.101-105.

<sup>199</sup> IPM-405; IPF-4.04; IPF-3.04.

aponta para questões mais profundas dele próprio. Trata-se de alguém que nasceu numa condição de pobreza e dificuldades, como ele próprio narra, e que conseguiu ascender social e economicamente<sup>200</sup>. O não-dito aqui é o temor de que os filhos experimentem uma carestia qualquer ou mesmo a frustração de uma existência insatisfatória, da qual, o pai, se libertou. Mas também se percebe nessa fala a inquietação própria do ser humano diante das incertezas da sua existência. Contudo, esse pai – diante dessa sua incerteza – sinaliza aquilo que lhe consola e lhe motiva<sup>201</sup>. Enquanto o temor quanto ao futuro traz insegurança, a fé posta em Deus surge como meio de realinhar as expectativas e aliviar o temor do incerto. O que tranquiliza, de algum modo, esse membro é a confiança posta no Deus com o qual ele teve sua própria experiência de vida.

A última preocupação dos membros da IP-ST, que está relacionada com os filhos, diz respeito a Salvação. A IP-ST não se distancia da meta comum do protestantismo de missão que é a de oferecer a certeza da salvação eterna, enquanto realidade última do ser humano – “alegrar-se em Deus plena e eternamente” é parte da finalidade suprema da humanidade dentro da perspectiva confessional presbiteriana<sup>202</sup>. Assim, a salvação como ato da graça de Deus tem o seu lugar na história do indivíduo quando esse indivíduo, em resposta ao chamado de Deus, passa a confiar apenas em Jesus Cristo para a sua salvação, livrando-se da ira e da maldição de Deus<sup>203</sup>, e enchendo-se “de tristeza e de horror pelos seus pecados, abandona-os e volta para Deus, inteiramente resolvido a prestar-lhe nova obediência”<sup>204</sup>.

Logo, os pais que demonstraram preocupação com a salvação dos seus filhos podem ser divididos em dois grupos – embora a criação cristã das crianças menores tenha em alguma proporção dessa preocupação – os pais cujos filhos deixaram a igreja e os pais convertidos cujos filhos, não-presbiterianos, não demonstram nenhum sinal de conversão.

---

<sup>200</sup> IPM-405.

<sup>201</sup> IPM-1.03; IPF-1.05: “Eu acho que sim, porque se não fosse Deus, eu acho que, sei lá. Acho que a gente não seria nada eu não teria tanta força para suportar as dificuldades da vida, eu acho. [Entrevistador]: Você acha que é uma força espiritual que te ajuda a enfrentar isso? Também, a Igreja em conjunto, eu acho. Porque eu vejo como uma família mesmo, -- é cada um, mesmo com a palavra e tudo mais, vem e conversa com você, e aquilo vai te ajudando também”.

<sup>202</sup> CMW, Q-R, 1.

<sup>203</sup> BCW, Q-R, 84, 85 e 86.

<sup>204</sup> BCW, Q-R, 87.

Os pais de origem presbiteriana, cujos filhos abandonaram a igreja, possuem uma visão otimista acerca da conversão dos seus filhos e conseqüentemente a sua salvação<sup>205</sup>. Questionado se a razão da preocupação com os filhos que estavam fora da igreja teria a ver com a perdição eterna deles, um entrevistado respondeu o seguinte:

Na verdade, eu não me preocupo com isso, por causa da minha formação doutrinária-teológica; eu sei que todas as coisas acontecem dentro de um projeto de Deus. E se os meus filhos são eleitos para a salvação, eles virão... eles virão. Eu não sei quando, eu não sei de que forma, não sei de que maneira; isso aí eu sou muito tranquilo quanto a isso. Eu só não fico tranquilo porque me causa muita tristeza. Gostaria muito de tê-los aqui comigo. Mas, medo e tal eu não tenho, porque eu sei que, se for vontade de Deus e se eles forem eleitos para a salvação, eles virão. Independente se eles queiram ou não, chega a hora que, quando for a hora de Deus, eles virão<sup>206</sup>.

Os pais convertidos de outros grupos religiosos entendem que os seus filhos não-convertidos estão perdidos, como pode ser visto claramente na fala de uma entrevistada:

É porque ainda não conhecem o Senhor. Então, aí vivem essa vida mundana. E isso faz eu, assim, entristecer. E a gente quer resolver os problemas, mas a gente sabe que não consegue. E somente o Espírito Santo de Deus que vai fazer isso na vida deles. Que tipo de vida mundana que eles vivem? Assim..., a desobediência, tipo, os vícios<sup>207</sup>.

Por “não conhecer o Senhor” deve-se entender que eles não tiveram uma experiência de conversão<sup>208</sup>. Porém, essa mãe entende que se os filhos deixarem os vícios e a “vida mundana” eles mais facilmente terão uma experiência de conversão. Mesmo que a entrevistada atribua essa mudança a uma ação exclusiva do Espírito Santo, a entrevistada tem em mente que a mudança comportamental dos filhos está em primeiro plano e não a adesão ao seguimento de Jesus. Não é sem razão que ela tenta “resolver os problemas”, os quais estão evidenciados pelos vícios.

<sup>205</sup> IPM-4.02, IPF-4.05.

<sup>206</sup> IP-M-4.02.

<sup>207</sup> IPF-4.02.

<sup>208</sup> Deve-se entender Conversão/Arrependimento: BCW, Q-R 87: “O que é arrependimento para a vida? Arrependimento para a vida é uma graça salvadora, pela qual o pecador, tendo um verdadeiro sentimento de seu pecado e percepção da misericórdia de Deus em Cristo, se enche de tristeza e de horror pelos seus pecados, abandona-os e volta-se para Deus, inteiramente resolvido a prestar-lhe nova obediência”. Numa perspectiva católica: “A Conversão é a resposta inicial de quem escutou o Senhor com admiração, crê nEle pela ação do Espírito, decide ser seu amigo e ir após Ele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é alcançar a vida” (DAp, 278b)

Os vícios se relacionam com o conceito de “vida mundana”. Para o “puritanismo” típico do protestantismo brasileiro de origem missionária<sup>209</sup>, conforme demonstrado por Mendonça, possui um forte apelo a uma moral puritana nos costumes, exigindo um isolamento da “mundanidade”, simbolizada por três negativas: “não fumar, não beber, não dançar”<sup>210</sup>. Fumar, beber e dançar – ou numa gíria mais comum, ir para a balada – atesta que o cristão protestante brasileiro, principalmente o jovem, não experimentou uma conversão em sua vida e nem tem uma experiência pessoal com Deus. Nesse sentido, esse puritanismo típico do protestantismo brasileiro assume uma função de sensor da salvação<sup>211</sup>. Não beber, não fumar e não dançar tornam-se o paradigma da conversão, entretanto deixa-se de lado as reais e profundas questões que verdadeiramente atestam a conversão à fé cristã (cf. Mq 6,8). De qualquer modo, o que cabe para esta descrição é a preocupação dos pais que se configura num enfrentamento que eles têm, o qual carece de uma resposta com base nas proposições de sua fé. Essas proposições são constituídas por meio da evangelização presente nos processos evangelizadores da comunidade a que pertencem.

Por outro lado, não apenas dos desejos e dos interesses de pais e mães acerca dos filhos é a relação entre pais e filhos. A aprovação dos pais apareceu também no questionário aplicado. Se os pais possuem expectativas quanto aos seus filhos, esses encarnam suas expectativas a fim de não decepcionarem os pais<sup>212</sup>. Isso surge pelo menos de duas formas. A primeira diz respeito as conquistas pessoais,

---

<sup>209</sup> MENDONÇA, **Introdução ao Protestantismo**, p.109. A IPB oficialmente declarou o seu posicionamento na Assembleia Geral de 1900: “Vícios Sociais - Todos os obreiros da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil devem combater com insistência os vícios, os exageros da moda e tudo quanto rebaixe o nível da espiritualidade. 1) BEBIDAS ALCOÓLICAS - A. Recomendar a todos os concílios inferiores envidem esforços para que os membros da nossa Igreja se esforcem para abandonar o uso, mesmo moderado, de todas as bebidas alcoólicas, exceto remédios. AG-1900-021. B. Recomendar a todos os membros da nossa Igreja que são fabricantes ou negociantes de bebidas alcoólicas que se esforcem para deixar esse ramo de negócio ou meio de vida, a fim de não concorrerem, nem direta, nem indiretamente para a ruína do corpo e da alma de seus semelhantes. AG-1900-021. C. Recomendar aos Presbitérios que tomem medidas positivas e eficazes para combater a fabricação e venda de bebidas alcoólicas por membros da Igreja. AG-1920-029. 2) FUMO - FUMANTES - A. Seria muito desejável que nenhum oficial da Igreja fumasse; mas, também julga que esse critério isolado afastaria desses cargos homens que tem outras qualificações para exercê-los e admitiria indivíduos aos quais faltariam outros requisitos essenciais. Cf. DIGESTO PRESBITERIANO. Disponível em: <<http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1517946880035>>. Acesso em 23 de janeiro de 2017. Desde então esse texto é reafirmado em outras consultas referentes a esses temas, apesar da sua ambiguidade.

<sup>210</sup> MENDONÇA, **Introdução ao Protestantismo**, p.109.

<sup>211</sup> MENDONÇA, **Introdução ao Protestantismo**, p.109.

<sup>212</sup> IPM-1.03; IPM-1.04.

principalmente, àquelas relacionadas aos estudos e a formação acadêmica<sup>213</sup>. Neste caso específico, o entrevistado enfrentou alguns problemas ao ser enviado pelos pais para fazer seu curso superior fora da cidade, embora o curso fosse ofertado em Santa Teresa. A experiência de estar por sua própria conta e longe dos pais, mais as diversas ofertas mais interessantes do que as da sua religião o fizeram não apenas deixar de lado a fé como também ausentar-se das aulas do curso, o que teve consequência negativa para ele, como a reação dos pais em trazê-lo de volta para casa. E, ao que parece, esse não é um fenômeno incomum num âmbito mais amplo<sup>214</sup>. Diante disso, a ideia de mais uma vez frustrar os pais e decepcioná-los é motivo de preocupação.

A segunda, ainda que semelhante, está mais relacionada ao comportamento em si de um outro jovem universitário que veio estudar em Santa Teresa, deixando a família na capital. Embora, neste segundo caso, as consequências não tenham sido maiores, a preocupação desse jovem é ser identificado como alguém que não tem controle de si mesmo, mas que se permite entregar aos vícios, deixando de dar ouvidos à mãe.

O maior problema que eu enfrentei foi justamente a questão da bebida que me seduziu de uma forma muito forte. Que é foi uma surpresa para mim, porque eu vim de uma família que sempre me ensinou a questão dos exageros. Por exemplo, minha mãe nunca falou não bebe ela nunca falou proibido fumar ou proibido beber, proibido fazer tudo que fazem lá fora. Ela nunca falou isso aqui é proibido. Ela falou toma cuidado ela sempre falava vai para uma festa toma cuidado se você ver que está tendo alguma coisa de errado saia, mas a festa acabou de começar, mas ainda assim não queira ser identificado como uma pessoa assim<sup>215</sup>.

Ao dizer, “não queira ser identificado como uma pessoa assim”, esse jovem tanto condena aos que se apegam aos vícios, como condena a si mesmo. O exemplo dado por sua mãe e quebrado por ele o denuncia e agride a sua consciência. Aliás, por várias vezes ele se refere a mãe em sua entrevista. Desagradá-la parece-lhe tão errado<sup>216</sup>. Em ambos os casos, as expectativas maternas são uma espécie de sensor para os atos e as próprias ansiedades acerca do futuro.

A segunda causa de dificuldades, no seio das famílias presbiterianas de Santa Teresa, está relacionada ao divórcio e às suas consequências. Embora a teologia e disciplina presbiteriana não considerem o matrimônio como um sacramento, o

---

<sup>213</sup> IPM-1.03.

<sup>214</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**, p.44.

<sup>215</sup> IPM-1.04.

<sup>216</sup> IPM-1.04.

mesmo é tido em alto valor, sendo exigido o acompanhamento pastoral daqueles que pretendem se unir pelo casamento<sup>217</sup>. Por outro lado, a doutrina presbiteriana não advoga a indissolubilidade do matrimônio. Pelo contrário, a própria Confissão de Westminster entende que existem situações em que o divórcio poderá ocorrer, isto é, em caso de adultério cometido por uma das partes<sup>218</sup> ou por obstinada deserção dos compromissos matrimoniais<sup>219</sup>. Em ambos os casos, considera-se como parte ofendida aquela que permaneceu fiel aos votos matrimoniais, que não cometeu o adultério ou que tinha o desejo de manter o casamento. A essa parte, entende a doutrina presbiteriana, a licitude de novo casamento (cf. Mt 19,9)<sup>220</sup>.

Na IP-ST existem quatro membros que passaram em tempos recentes ou estão passando pelo processo de divórcio<sup>221</sup>. Numericamente esse número parece irrelevante, mas no contexto da IP-ST significa que quase 10% dos membros comungantes tiveram a experiência do divórcio e enfrentam suas consequências. Desses membros divorciados, um é homem e três são mulheres.

Tabela 6 - Divórcio

CAUSAS DO DIVÓRCIO	HOMENS	MULHERES
Adultério sofrido		X
Obstinação pelo divórcio - sofrido	X	XX

O divórcio implica os diferentes tipos de perdas do sistema familiar, como o abandono dos filhos, o abandono do cônjuge, a condição dos filhos no processo do divórcio, entre outras perdas<sup>222</sup>. O divórcio, portanto, cria vários embaraços não apenas para as famílias, mas também para a igreja. O trabalho pastoral em tentativas, muitas vezes fracassadas, para o perdão e continuidade do casamento,

<sup>217</sup> “Embora o casamento não seja um sacramento, nem exclusivo da Igreja de Deus, e sim comum a humanidade e de interesse público em toda a nação, contudo, mesmo porque aqueles que se casam devem se casar no Senhor, e têm necessidade especial de instrução, direção e exortação da Palavra de Deus, ao entrarem em tão nova condição e da bênção de Deus sobre eles nisso, julgamos útil que o casamento seja solenizado por um legítimo ministro da Palavra, para que ele possa assim aconselha-los, e orar por uma bênção sobre eles”. Cf. DIRETÓRIO DO CULTO DE WESTMINSTER. São Paulo: Os Puritanos, 2001, p.52.

<sup>218</sup> CFW, XXIV.5.

<sup>219</sup> CFW, XXIV.6.

<sup>220</sup> CFW, XXIV.5.

<sup>221</sup> No entanto, verifica-se que a esse número deve-se somar mais três membros que estão no segundo casamento, que não foram incluídos pelo fato do divórcio ter ocorrido a mais de quinze anos, em dois casos, e trinta anos num outro.

<sup>222</sup> Cf. ROLDÃO, F. D. **Apoio Espiritual a Famílias que vivenciam a experiência do Divórcio**. In: Rev. Pistis & Praxis., Teol. Pastor., Curitiba, v. 2, n. 1, p. 173-191, jan./jun. 2010, p.173.

que demanda vários encontros, intervenções e momentos de ação junto à família, bem como o atendimento e acompanhamentos dos filhos. E, em alguns casos, por se tornar objeto de escândalo, às vezes é necessária uma tratativa disciplinar<sup>223</sup>. Tudo isso gera desconforto para a comunidade eclesial na qual assiste a família. Porém, as grandes dificuldades enfrentadas são por aqueles que estão diretamente envolvidos no processo do divórcio – os cônjuges que não querem estar mais sob o mesmo jugo.

As perdas são diversas num divórcio. E isso dependerá das causas e razões da separação. Assim, ao ser questionado sobre as dificuldades que ele enfrentava sua vida, um entrevistado, um homem de 54 anos, respondeu o seguinte: “Olha só, eu diria que seria uma só dificuldade. Eu diria, assim, que... família! É família! Estar longe da família é horrível! Mas por que você está longe da família? É a separação. ‘Num’ deu certo e, então, eu sinto falta de esposa, de filhos, entendeu? Só isso”! Essa separação, o “‘num’ deu certo”, foi a culminância de um processo de anos em que a esposa abandonava a família, marido e filhos, e depois de algum tempo voltava, algo que o Conselho da Igreja<sup>224</sup> teve que tratar algumas vezes ao longo dos anos.

---

<sup>223</sup> A Disciplina é para a IPB uma marca de identidade da Igreja dentro da tradição cristã reformada. A disciplina é o meio pelo qual a igreja local administra e regula a vida da membresia, positivamente por meio do ensino e da exortação, e negativamente, por meio de ações punitivas e de censuras de atos passivos de tais ações, conforme e proporcional à gravidade de cada ato/pecado.

<sup>224</sup> O Conselho é o menor concílio da IPB sendo formado pelo pastor ou pastores de uma igreja local e dos presbíteros eleitos por essa comunidade. O Conselho tem por atribuição, conforme o Art.83 da CI-IPB: a) exercer o governo espiritual e administrativo da Igreja sob sua jurisdição, velando atentamente pela fé e comportamento dos crentes, de modo que não negligenciem os seus privilégios e deveres; b) admitir, disciplinar, transferir e demitir membros; c) impor penas e relevá-las; d) encaminhar a escolha e eleição de presbíteros e diáconos, ordená-los e instalá-los, depois de verificar a regularidade do processo das eleições e a idoneidade dos escolhidos; e) encaminhar a escolha e eleição de pastores; f) receber o ministro designado pelo Presbitério para o cargo de pastor; g) estabelecer e orientar a Junta Diaconal; h) supervisionar, orientar e superintender a obra de educação religiosa, o trabalho das sociedades auxiliadoras femininas, das uniões de mocidade e outras organizações da Igreja, bem como a obra educativa em geral e quaisquer atividades espirituais; i) exigir que os oficiais e funcionários sob sua direção cumpram fielmente suas obrigações; j) organizar e manter em boa ordem os arquivos, registros e estatística da Igreja; l) organizar e manter em dia o rol de membros comungantes e de não-comungantes; 35 m) apresentar anualmente à Igreja relatório das suas atividades, acompanhado das respectivas estatísticas; n) resolver caso de dúvida sobre doutrina e prática, para orientação da consciência cristã; o) suspender a execução de medidas votadas pelas sociedades domésticas da Igreja que possam prejudicar os interesses espirituais; p) examinar os relatórios, os livros de atas e os das tesourarias das organizações domésticas, registrando neles as suas observações; q) aprovar ou não os estatutos das sociedades domésticas da Igreja e dar posse as suas diretorias; r) estabelecer pontos de pregação e congregações; s) velar pela regularidade dos serviços religiosos; t) eleger representante ao Presbitério; u) velar por que os pais não se descuidem de apresentar seus filhos ao batismo; v) observar e pôr em execução as ordens legais dos concílios

A desintegração dos laços familiares reflete a ansiedade desse membro. Ter sua família desfeita implica no distanciamento dos filhos, embora eles sejam maiores de idade, porém, estão mais próximos da mãe do que dele próprio. É preciso observar na fala do entrevistado que ela indica também a falta da esposa. Consequentemente, a solidão imposta se tornou o problema central na vida desse membro. Um problema que exige uma solução, que pode ou não trazer constrangimentos não apenas para a pessoa, mas também para a comunidade, principalmente no que diz respeito ao comportamento em relação a sexualidade. Para a IP-ST, a sexualidade tem o lugar da sua experiência dentro do contexto matrimonial<sup>225</sup>. Desse modo, espera-se, de acordo com moralidade presbiteriana, que os divorciados vivam de modo casto até que contraiam um novo casamento<sup>226</sup>.

Entretanto, a guarda de um comportamento recatado e casto por parte de pessoas divorciadas pode ser um ponto de crítica por parte da sociedade. A liberdade “conquistada” no divórcio daria “direito” a viver a sexualidade sem restrições. Esse é o caso de uma entrevistada divorciada. Segundo ela, a família do ex-marido a criticava pela escolha de não “colocar um homem dentro de casa”. Acerca disso, ela disse:

---

superiores; x) designar, se convier, mulheres piedosas para cuidarem dos enfermos, dos presos, das viúvas e órfãos, dos pobres em geral, para alívio dos que sofrem.

<sup>225</sup> O CMW, Q-R138, afirma: Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento? Os deveres exigidos no sétimo mandamento são: castidade no corpo, mente, afeições, palavras e comportamento; e a preservação dela em nós mesmos e nos outros; a vigilância sobre os olhos e todos os sentidos, a temperança, a conservação da sociedade de pessoas castas, a modéstia no vestuário, o casamento daqueles que não têm o dom da continência, o amor conjugal e a coabitação, o trabalho diligente em nossas vocações, o evitar todas as ocasiões de impurezas e resistir às suas tentações.

<sup>226</sup> CMW, Q-R, 137. Qual é o sétimo mandamento? O sétimo mandamento é: “Não adulterarás”. Q-R,138. Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento? Os deveres exigidos no sétimo mandamento são: castidade no corpo, mente, afeições, palavras e comportamento; e a preservação dela em nós mesmos e nos outros; a vigilância sobre os olhos e todos os sentidos; a temperança, a conservação da sociedade de pessoas castas, a modéstia no vestuário, o casamento daqueles que não têm o dom da continência, o amor conjugal e a coabitação; o trabalho diligente em nossas vocações; o evitar todas as ocasiões de impurezas e resistir às suas tentações. Q-R, 139. Quais são os pecados proibidos no sétimo mandamento? Os pecados proibidos no sétimo mandamento, além da negligência dos deveres exigidos, são: adultério, fornicação, rapto, incesto, sodomia e todas as concupiscências desnaturais; todas as imaginações, pensamentos, propósitos e afetos impuros; todas as comunicações corruptas ou torpes, ou o ouvir as mesmas; os olhares lascivos, o comportamento impudente ou leviano; o vestuário imoderado; a proibição de casamentos lícitos e a permissão de casamentos ilícitos; o permitir, tolerar ou ter bordéis e a frequência deles; os votos embaraçadores de celibato; a demora indevida de casamento; o ter mais que uma mulher ou mais que um marido ao mesmo tempo; o divórcio ou o abandono injusto; a ociosidade, a glotonaria, a bebedice, a sociedade impura; cânticos, livros, gravuras, danças, espetáculos lascivos e todas as demais provocações à impureza, ou atos de impureza, quer em nós mesmos, quer nos outros.

Ah! na própria família, na sua atitude você é sempre criticada por você ter uma postura muitas vezes e ser diferente de não ser uma pessoa escandalosa, de não ser uma pessoa de se meter em confusão, de manter uma postura mais distante, mais discreta, o seu modo de vestir não ser escandalosa, não usar roupa indecente, ensinar suas filhas mais educadas com a verdade. Não frequentar bailes, não frequentar festas escandalosa, não “tá” sempre envolvida em bebidas, não fazer uso, não ser viciado em alguma coisa. São tantas situações nas quais você não frequenta, não se envolve e você é ridicularizada dentro da própria família<sup>227</sup>.

A família a que ela se refere é a do ex-marido, com quem a entrevistada continuava se relacionando, por residir bem próximo. O divórcio dessa entrevistada foi motivado pelo adultério do ex-marido e conseqüente abandono obstinado do lar. Mesmo com várias tentativas pastorais para que o abandono não acontecesse e com o perdão e a aceitação por parte da entrevistada. A mentalidade da família do ex-marido que gera dificuldades para a entrevistada tem a ver “com continuar a vida”, o que significa sair de casa e “ir atrás de homem” – essas afirmações são da entrevistada em conversas informais ao longo de todo esse processo. Contudo, a escolha pelo recato no comportamento, que doutrinariamente era o esperado<sup>228</sup>, foi vista como algo ridículo e passível de ser ridicularizado por parte desse grupo familiar. A atitude por uma vida casta, não apenas em termos de sexualidade, mas de recato moral e comportamental, tornou-se uma questão desvalorizada. Ainda mais que essa opção se fez a partir do entendimento da fé cristã. E não apenas para si mesma, pois nesse caso a entrevistada deseja criar suas filhas dentro dessa perspectiva. Como não considerar a dificuldade de ser cristão numa sociedade que, apesar de se considerar cristã, ridiculariza princípios fundamentais da fé?

Por fim, há uma imensa preocupação com a salvação dos familiares<sup>229</sup>. A doutrina da salvação, na perspectiva presbiteriana, pode ser considerada do tipo conservadora, isto é, está relacionada com o agir do Deus Uno e Trino para libertar o ser humano do pecado e da morte por meio da aceitação, por fé, da obra redentora de Jesus Cristo, e a continua obra de santificação do Espírito. Mas, por causa dessa

<sup>227</sup> IPF-3.04.

<sup>228</sup> Cf. CMW, Q-R 138, que afirma: Quais são os deveres exigidos no sétimo mandamento? Os deveres exigidos no sétimo mandamento são: castidade no corpo, mente, afeições, palavras e comportamento; e a preservação dela em nós mesmos e nos outros; a vigilância sobre os olhos e todos os sentidos, a temperança, a conservação da sociedade de pessoas castas, a modéstia no vestuário, o casamento daqueles que não têm o dom da continência, o amor conjugal e a coabitação, o trabalho diligente em nossas vocações, o evitar todas as ocasiões de impurezas e resistir às suas tentações (1Ts 4,4, 5; Ef 4,29; Cl 4,6; 1Pe 3,2, 1Co 7,2; Mt 5,28; Pv 23,31, 33; Jr 5,7; Pv 2,16, 20; 1Co 5,9; 1Tm 2,9; 1Co 7,9; Pv 5,18, 19; 1Pe 3,7; 1Co 7,5; 1Tm 5,13, 14; Pv 31,27; Pv 5,8). O mesmo pensamento está no Catecismo da Igreja Católica, Art.6 §2331-2400, cf. CIGC, Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p3s2cap2\\_2196-2557\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html)>. Acesso em 08 dez. 2017.

<sup>229</sup> IPF-3.02.

percepção conservadora, algumas vezes tocando tangencialmente o fundamentalismo, os membros da IP-ST entendem a salvação como a participação em uma igreja evangélica – conversão é deixar o catolicismo e torna-se evangélico. E enquanto isso não acontece, grande parte da membresia da IP-ST aceita que é fato consumado a danação eterna de seus entes queridos.

Entretanto, um posicionamento como esse é causa de uma enorme angústia. Como pensar que a mãe, o pai e os irmãos estão perdidos se morrem sem “aceitar Jesus” – tornar-se protestante? Como trabalhar com essa dor? Como responder a esse problema? Diante da experiência pastoral junto à IP-ST, é possível dizer que, em geral, a morte dos entes queridos é o momento em que todas as convicções conservadoras do presbiterianismo desaparecem e uma espécie de soteriologia universalista surge no lugar, como um modo de amenizar e afastar os pensamentos de uma separação eterna.

### 2.3.2

#### **Lidando com questões referentes à relação Pecado-Santificação**

A segunda causa, que surge como um enfrentamento do cotidiano, é como lidar com as questões referente à relação ao pecado e santificação. De modo geral, essa relação é o conflito gerado pela desobediência ou obediência a Deus; é o questionamento paulino, diante do fato que Deus, em Jesus Cristo, justificou a humanidade: Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? (Rm 6,2). Para se entender melhor a força desse conflito para os membros da IP-ST é preciso olhar atentamente para os dois termos dessa relação – Pecado e Santificação – dentro da perspectiva presbiteriana.

O entendimento presbiteriano sobre a doutrina do pecado, como é comum ao cristianismo, está relacionada com as narrativas da Queda (cf. Gn 3). E é, a partir dessa narrativa, a CFW define o que é a Queda e quais são as suas consequências para a humanidade, o que é expresso da seguinte forma:

Nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram, comendo do fruto proibido. Segundo o seu sábio e santo Conselho, foi Deus servido permitir este pecado deles, havendo determinado ordená-lo para a sua própria glória. Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma. Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária. Desta corrupção original

pela qual ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal, é que procedem todas as transgressões atuais<sup>230</sup>.

Desta afirmação doutrinal, é possível constatar o seguinte: a) o pecado é indisposição a Deus; b) o pecado é universal; c) o pecado é social. Em primeiro lugar, o pecado diz respeito à Deus. Trata-se do rompimento, por parte da humanidade, da harmonia criada por Deus<sup>231</sup>. É a contrariedade do ser humano em viver de acordo com o Criador, mas de fazer a experiência do seu existir por meio de suas próprias regras. É nesse sentido, portanto, que o pecado é sempre falta de conformidade com a lei de Deus e a sua consequente transgressão<sup>232</sup>. A comunhão com Deus se desfaz frente a ação humana, ao mesmo tempo, que este tem que lidar com as dolorosas consequências da sua pecaminosidade, que, além da perda da comunhão com o Criador, implica na ruptura da comunhão com os outros seres humanos, consigo mesmo e com a criação não-humana<sup>233</sup>.

A partir disso, a segunda constatação é a universalidade do pecado. Não há discordância alguma entre teólogos protestantes e católicos quanto a isso. O pecado é algo presente, inevitável e insuperável para o ser humano<sup>234</sup>. Por universal, deve-se entender que todos os indivíduos da raça humana se encontram sob a “maldição” do pecado – a interpretação desse dogma pode variar – e por isso mesmo, todos “carecem da glória de Deus” (Rm 3,23 ARA), isto é, carecem da redenção

<sup>230</sup> CFW, VI.1-4. CIgC §7,396: “Deus criou o homem «à sua imagem» e constituiu-o na sua amizade. Criatura espiritual, o homem só pode viver esta amizade na modalidade da livre submissão a Deus. É isso o que exprime a proibição feita ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, «pois no dia em que o comeres, morrerás» (Gn 2, 17). A «árvore de conhecer o bem e o mal» (Gn 2, 17) evoca simbolicamente o limite intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e confiadamente respeitar. O homem depende do Criador. Está sujeito às leis da criação e às normas morais que regulam o exercício da liberdade”.

<sup>231</sup> Cf. PLANTIGA, C. **Não era para ser assim**, p.19. Cf. SATLLER, D.; SCHNEIDER, Th. **Doutrina da Criação**. In: SCHNEIDER, Th. (org.). **Manual de Dogmática**, p.154.

<sup>232</sup> Cf. BCW, Q-R, 14.

<sup>233</sup> Cf. SATLLER; SCHNEIDER, **Doutrina da Criação**, p.154. A tradição reformada reconhece desde Calvino, embora essa compreensão seja anterior, que o pecado provocou efeitos limitantes sobre a própria mente humana, o que tem sido definido como efeitos noéticos do pecado. Calvino escreve: “A sanidade da mente e a retidão do coração também foram perdidos, donde essa é a corrupção dos dons naturais. Pois ainda que algum resíduo da inteligência e do juízo permaneça uno com a vontade, nem assim dizemos estar íntegra e sã a mente que também está débil e imersa em grandes trevas, sendo a depravação da vontade mais do que suficientemente conhecida. Sendo um dom natural, a razão pela qual o homem discerne entre o bem e o mal, pela qual raciocina e julga, não pode ser totalmente apagada, mas foi em parte debilitada e em parte viciada, como ruínas que parecem desfiguradas”. Assim, nem consigo mesmo o ser humano é capaz de experimentar a ausência de conflito devido os efeitos do pecado sobre a sua consciência, que o inclina para o pecado. Cf. CALVINO, J. **IRC**, II.2.12, pp.252-253.

<sup>234</sup> Cf. HOEKEMA, A. **Criados à imagem de Deus**, pp.151-186; BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, pp.221-236; RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**, pp.139-140.

providenciada por Deus Pai em Jesus Cristo<sup>235</sup>. Por fim, a socialidade do pecado aponta para o fato de que a experiência do mal não é apenas vivida na individualidade da pessoa, mas na comunidade de todas as pessoas.

É nessa perspectiva que determinado entrevistado afirmou que a maior problemática enfrentada por ele é o pecado em si<sup>236</sup>. O pecado, como tentação da vontade e dos desejos, surge como algo que limita a sua relação com Deus e que o afeta enquanto pessoa<sup>237</sup>. Assim, o pecado aparece como um inimigo. A metáfora do “conflito entre a carne e o Espírito”, torna-se a luta e o combate pessoal contra o seguir a vontade e os desejos que estão em oposição a Deus<sup>238</sup>. Não apenas isso, mas o lidar com o pecado de outras pessoas é também um problema para os presbiterianos teresense – bem como para qualquer cristão em qualquer parte do mundo. O fato é que, como afirmou Rahner, “somos pessoas que inevitavelmente temos de exercer nossa liberdade subjetivamente metidos em situação que se acha co-determinada por objetivações da culpa, e de forma tal que essa co-determinação e parte permanente e inevitável de nossa situação”<sup>239</sup>. Isso quer dizer que não apenas a pecaminosidade próprio do sujeito o conduz a experiência do mal e do pecado, mas também que a pecaminosidade do outro, pode levar aquele ter essa experiência do pecado<sup>240</sup>. O pecado do outro fosse lançado sobre os demais e contaminasse os todos os membros da família humana.

O que une esses dois termos que está sendo tratado aqui é a salvação de Deus oferecida em Jesus Cristo. É neste quadro que a relação pecado e santificação surge: quando o pecado e a sua influência perdem sua força sobre o sujeito que é alcançado pela graça divina.

É preciso, então, compreender o que vem a ser a doutrina da santificação na perspectiva presbiteriana, para que seja possível compreender o drama existente nessa relação. Para isso, deve-se recorrer aos documentos confessionais da IPB. De acordo com o Breve Catecismo de Westminster, a santificação “é a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a

<sup>235</sup> Cf. SATLLER; SCHNEIDER, **Doutrina da Criação**, pp.205-206.

<sup>236</sup> IPM-1.02.

<sup>237</sup> IPM-1.02.

<sup>238</sup> IPF-2.02.

<sup>239</sup> RAHNER, **Curso Fundamental da Fé**, p.138.

<sup>240</sup> IPF-3.04.

retidão”<sup>241</sup>. Doutro modo, a santificação tem a ver com a salvação do ser humano através da graça de Deus, sendo aquela a culminância dessa ação graciosa. Diferente da justificação, na qual Deus imputa a justiça de Cristo no ser humano, a santificação a infusão da graça no ser humano e a capacitação do mesmo para o exercício da nova vida conferida pela justificação<sup>242</sup>. Neste caso, a nova vida diz respeito ao abandono voluntário e processual do pecado – entendido como toda falta de conformidade com a lei de Deus e a transgressão dela<sup>243</sup> – e uma aproximação constante daquele que é o parâmetro da imitação cristã, isto é, o próprio Jesus Cristo. Deste modo, comentando a CFW XIII.1, Chad van Dixhoorn afirmou:

Assim como todo benefício e benção cristã, a santificação é encontrada em união com Cristo. Somente por meio de uma disposição para nos identificar com um Salvador que sofreu nos acharemos mortos para o pecado. Somente olhando com fé para o túmulo vazio de Cristo encontraremos o poder da ressurreição.<sup>244</sup>

A santificação, como um ato da graça de Deus, não reduz a sua realização na vida humana apenas no agir divino. No entendimento presbiteriano, o crente é simultaneamente cooperador e responsável pela sua santificação. Identificar-se com o Salvador aponta para o seu seguimento e imitação, porém, não reduzindo esse discipulado a mera prática de uma ética, mas numa disposição de assumir uma vida de submissão e entrega a Deus, que continuará aplicando as bênçãos da salvação sobre os que creem, fazendo-os mais aptos ainda a viverem em retidão e experimentarem toda a redenção conquistada na obra do Redentor. Daí surge uma questão: Quais são os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção?<sup>245</sup>

O que habilita o ser humano ao seguimento e discipulado de Jesus é, inicial e preponderantemente, a obra regeneradora do Espírito Santo na completude da pessoa humana. No entanto, é responsabilidade desta pessoa dar a devida continuação no processo que é iniciado e concluído por Deus; assim a santificação

<sup>241</sup> BCW, Q-R 35.

<sup>242</sup> Cf. CMW, Q-R 77.

<sup>243</sup> Cf. CMW, Q-R 24.

<sup>244</sup> DIXHOORN, C. **Guia de Estudo**, p.193. Cf. O texto da CFW XIII.1 afirma: “Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo criado em si um novo coração e um novo espírito, são além disso santificados real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, pela sua palavra e pelo seu Espírito, que neles habita; o domínio do corpo do pecado é neles todo destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadores, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus.”

<sup>245</sup> BCW, Q-R 88.

exige também a participação do ser humano – “Quem te criou sem ti, não te justificará sem ti”, dizia Agostinho<sup>246</sup>. Neste caso, o exigido ao crente presbiteriano e, ao mesmo tempo lhe é oferecido como meio de graça para que lhe sejam comunicadas a bênção da redenção são a Palavra, os Sacramentos e a Oração. E o lugar privilegiado da manifestação e prática desses meios é o culto público, ou os processos evangelizadores da Igreja. Assim, a experiência cristã feita na realidade da existência individual de cada crente deverá ser resultado daquilo que é experienciado nos momentos celebrativos e evangelizadores da comunidade cristã, cuja efetivação está sendo investigada por esta tese.

Eis, portanto, o enfrentamento: a exigência divina de serem santos dentro de sua realidade, a qual está, muitas vezes, em radical oposição a Deus (cf. Lv 11,44-45; 19,2; 1Pe 1,16). Em suma, o problema é simples e conhecido: Como ser cristão numa sociedade pós ou não cristã? De forma muito simples, essa pergunta pode ser respondida da seguinte forma: evitando o pecado e se apropriando da santificação oferecida por Deus. Todavia, a simplicidade dessa afirmação não é proporcional a sua efetivação da vida cristã. Lidar com os próprios pecados e a inclinação pessoal a eles é parte de uma dinâmica árdua e pesada. Pensando nessa efetivação como a participação cristã no seguimento de Cristo, tem-se que a obediência é exigida para se caminhar nesse trilho. Obediência, cuja disposição é renovada pelo agir do Espírito Santo no indivíduo, mas que encontra empecilho na própria imperfeição, não do agir do Espírito, mas das demandas e exigências pessoais, que nem sempre, estão inclinadas à Deus, mesmo naqueles que tem experimentado a grandeza dessa ação santificadora.

O entendimento da necessidade sempre maior da santificação na vida tem relação direta no envolvimento e participação dos membros da IP-ST nos processos evangelizadores da IP-ST, nos quais, aqueles meios, se fazem presentes para o desenvolvimento da fé<sup>247</sup>, mas que também é o locus do que na teologia presbiteriana é chamado de Meios de Graça, isto é, as vias ou meios exteriores por meio dos quais Cristo comunica aos crentes as bênçãos da redenção, os quais vem a ser a Palavra, os sacramentos e a oração, nessa ordem<sup>248</sup>. Desta os processos

<sup>246</sup> AGUSTIN. *Obras Completas de San Agustín*, pp.660-661.

<sup>247</sup> IPF-3.04.; IPF-4.01.; IPM-4.02.; IPM-405, p; IPM-4.07: “E sempre com... eu chego até comentar com o pastor ou com alguém, a gente muitas vezes, num sermão, a gente não vai captar 80% do sermão, mas se captar, por exemplo, 2% já nos santifica muito”.

<sup>248</sup> Cf. BCW, Q-R, 88; CMW, Q-R, 154.

evangelizadores se tornam também processos “santificadores”, uma vez que, por exemplo, a pregação é especialmente o modo como a Palavra se torna meio de graça, embora o Espírito Santo também torne a leitura por qualquer pessoa veículo para a edificação e fortalecimento em santidade e conforto as vidas daqueles que creem, mediante a fé para a salvação<sup>249</sup>. A pregação tem primazia nos Cultos. O mesmo acontece como os sacramentos – o batismo e a eucaristia – os quais apenas podem ser ministrados em culto público, embora, a eucaristia seja ministrada aos membros inválidos ou doentes, em detrimento da definição restritiva da CFW<sup>250</sup>.

### 2.3.3

#### Lidando com questões referentes ao testemunho cristão

Outro enfrentamento presente no cotidiano dos presbiterianos em Santa Teresa é o testemunho cristão diante da sociedade. De algum modo, o testemunho cristão é o resultado visível da busca pela graça santificadora de Deus mediante os meios de graça e o seguimento de Jesus. Para os cristãos presbiterianos de Santa Teresa, o que deveria ser verdade para todos os batizados, viver o Evangelho é uma tarefa que deve preencher todos os espaços da vida. Todo o comportamento deve ser orientado pela dinâmica da resposta ao seguinte problema: Como ser cristão na sociedade de hoje? Como demonstrar os valores cristãos numa sociedade cada vez mais pós-cristã? Assim, o testemunho cristão surge como um dever e uma obrigação, porque é consequência do discipulado, do seguimento de Jesus e de sua imitação em palavras e ações, mas também aparece como um problema, por se tratar de uma experiência “contracultural” de inconformação<sup>251</sup> – inconformação que surge da exortação paulina aos cristãos de Roma, isto é, “não se conformassem com o seu tempo” (Rm 12,2 BJ).

O que se verifica é que essa problemática é a preocupação dos mais jovens entre 16 a 35 anos<sup>252</sup>. Esse grupo é formado por estudantes do ensino médio e por estudantes e professores universitários, os quais se encontram em meio a presente

<sup>249</sup> Cf. CMW, Q-R, 155.

<sup>250</sup> Cf. CFW, XXIX,3: Nesta ordenança o Senhor Jesus constituiu seus ministros para declarar ao povo a sua palavra de instituição, orar, abençoar os elementos, pão e vinho, e assim separá-los do comum para um uso sagrado, tomar e partir o pão, tomar o cálice dele participando também e dar ambos os elementos aos comungantes e tão somente aos que se acharem presentes na congregação. [grifo nosso].

<sup>251</sup> IPF-3.04; IPF-4.01.

<sup>252</sup> IPF-1.01; IPF.1.03; IPF-1.03; IPM-1.04; IPF-2.02.

diversidade e pluralidade hodierna<sup>253</sup>. Pluralidade que, por vezes, choca com os valores, princípios e comportamentos sustentados pelos crentes presbiterianos de Santa Teresa. Nesse conflito para apresentar o testemunho cristão, uma das dificuldades é a inconformação com o tempo em que se vive. A cultura da violência e morte, bem como os efeitos de uma sociedade egoísta e ensimesmada – intolerâncias, divergências e conflitos, e a radicalidade dos extremos ideológicos, tornam o discurso sobre Deus uma entre muitas vozes e muitos “deuses” e “cristos”. Por outro lado, o discurso dos “pastores” midiáticos que proclamam Mamom e as inclinações de seus próprios apetites (cf. Mt 6,24; Fp 3,19), e não Jesus e seu Evangelho, tem feito fechar os ouvidos ao anúncio gratuito de Deus e gerando desconfiança em relação aos que desejam viver o discipulado de Jesus Cristo<sup>254</sup>.

Assim, a inconformação pretendida pelo Evangelho, que exige ao mesmo tempo rejeição do mal e abertura ao outro, apresenta-se como a maior dificuldade desse grupo. Essa foi a fala de uma entrevistada, uma jovem professora universitária de 30 anos, que afirmou:

Ah, eu acho que a maior dificuldade é a gente ter critério e discernimento para não se conformar, para saber como não se conformar. [Entrevistador:]. Não se conformar com o quê? Com o que é secular, com o que parece muito normal e a gente acaba aceitando como muito normal, porque a gente vai perdendo aos poucos a capacidade de julgar. E aí a gente tem momentos quando a gente para pensar, acho que de vez em quando, eu me encontro um pouco em crise. Para tentar saber, até que ponto, se eu estou me conformando, se eu não estou me conformando, se eu devo ou não devo me conformar e de que forma devo me portar<sup>255</sup>. [...]. Por exemplo, na minha profissão eu convivo com gente de todos os perfis. E eu tenho que me portar, obviamente, de forma respeitosa, não por causa da minha profissão. Mas por ser cidadã, e aí, eu me vejo em situações, diante disso, por exemplo, pessoas homossexuais, em que muitas delas se abrem comigo e me procuram para conversar, e aí me procuram conselhos, muitas vezes, acadêmicos, mas algumas vezes tão relacionadas a essa conduta, sabe? E a minha postura diante disso é, como que eu vou aconselhar de uma forma profissional, sem ferir o que a pessoa acredita, sem ferir, sem fazer com que ela se sinta ferida por ter feito essa opção, ou por ter essa orientação, entendeu? Então, eu devo me relacionar com essas pessoas, eu devo respeitá-las, eu devo aceitá-las, não posso de forma alguma agredir ou, hoje em dia nem opinar, mas também eu não posso me conformar e não posso acreditar que isso é normal.

Há neste ponto específico parte do problema que esta tese procura investigar, que é a relação entre a igreja e o mundo, entre o cristão e a sua realidade. O ponto desafiador na experiência dessas relações é, sem dúvida, a capacidade dos processos evangelizadores darem conta de fornecer subsídios para os membros dessa ou qualquer outra comunidade cristã e de qualquer confessionalidade para o

<sup>253</sup> IPF-4.04; IPF-2.02; IPF.1.03; IPF-1.03; IPF-1.01; IPM-1.04; IPM-1.03; IPF-1.04.

<sup>254</sup> Cf. IPF-1.01; IPF-1.02.

<sup>255</sup> IPF-2.02.

testemunho e para a vivência da imitação de Jesus, conforme expressou Timothy Keller:

O evangelho produz em nós uma constelação de qualidades. A generosidade e o amor – não a culpa – nos compelem a anunciar o evangelho. Livramo-nos do medo de ser ridicularizados ou magoados pelos outros, uma vez que, pela graça, já recebemos o favor de Deus. Nossa maneira de tratar os semelhantes reflete humildade, porque sabemos que fomos salvos somente pela graça, não por causa de conhecimentos superiores ou de nosso caráter. Somos esperançosos em relação a todos, até mesmo “casos mais difíceis”, pois fomos salvos somente pela graça, não porque tínhamos do para ser cristãos. Somos corteses e cuidadosos com as pessoas. Não temos de pressioná-las nem coagi-las, pois é somente graça de Deus que abre os corações, não a eloquência ou persistência e nem mesmo a receptividade deles (Êx 4.10-12)<sup>256</sup>.

O Evangelho testemunhado por uma vida transformada pela graça é e deve ser sempre a meta de vida perseguida pelos cristãos em todo o mundo. Por se tratar do Evangelho que não é uma coisa, mas uma mensagem que se encarnou na pessoa de Jesus Cristo, o Evangelho deve ser aprendido tanto como mensagem proposicional como mensagem encarnacional, isto é, como princípios que fundamentam a vida e como modos agir na vida. Desta maneira, os processos evangelizadores se tornam os momentos que viabilizam essa apreensão que culmina na ação do testemunho, como demonstra uma jovem universitária, membro da IP-ST:

E esse tempo lá [na igreja], com os estudos, com o culto, com... com convivência, você consegue decifrar o que é certo errado, e eu consigo isso. Só que, às vezes, a gente é tão falha, tão miserável que isso ultrapassa e você acaba esquecendo, entendeu? Mas aí eu sempre tento voltar: “– Olha L., você não aprendeu isso na igreja! Você aprendeu outra coisa! Então, para essas coisas, você tem que agir disso, disso e disso”! Eu acho que eu consigo discernir as coisas, eu consigo ver: “– Olha, você tá errada”! Eu errei! O quê que eu tenho que fazer, porque eu errei. Então eu acho que essa questão é porque eu nasci, eu conheço e eu sei que eu tenho também passar isso pra os outros, por isso eu acho errado eu tratar mal os outros, entendeu? A pessoa... por mim, a pessoa olharia e falaria: “A L. é diferente, por isso, isso e isso”! Entendeu? Então, eu acho que é essa a questão, entendeu? Porque eu prefiro que a pessoa me olhe e fale: “–A L. é diferente, por causa disso, disso e disso”! “Ah! Ela foi criada na igreja, então ela sabe...”! Eu queria conseguir passar “pros” outros para perceber como que é bom, entendeu? Porque eu me orgulho muito... muito de ter nascido na igreja<sup>257</sup>.

O aprendido, nos processos evangelizadores, determina a consciência acerca das ações realizadas, dando a dimensão do certo e do errado e, ao mesmo tempo, corrigindo o modo de agir. O testemunho aqui implica a diferença. Diferença ou

<sup>256</sup> KELLER, T. **Igreja Centrada**, p.61. Keller é pastor e teólogo presbiteriano norte-americano. Sua ação pastoral está voltada para plantação e revitalização de igrejas em contextos socioculturais da pluralidade pós-moderna, sendo um dos defensores do que tem sido chamado de Teologia Missional, da qual Lesslie Newbigin, um dos teólogos que serão trabalhados no segundo capítulo desta tese, é precursor.

<sup>257</sup> IPF.1.03.

simplesmente o contraste que deve existir, como ensinou Jesus (cf. Mt 5,14-14). No caso dos jovens da IP-ST, fazer uma experiência da vida cristã na sociedade, principalmente no espaço universitário, dá um tom mais dramático à dinâmica do testemunho<sup>258</sup>. É bom esclarecer que por “espaço universitário” não se está referindo simplesmente ao âmbito acadêmico, mas também a todos os aspectos experienciais da vida universitária, que foi resumida por uma entrevistada em três palavrinhas: festas, bebidas, drogas<sup>259</sup>. Aqui deve ser lembrado que a moral presbiteriana e evangélica brasileira pode ser resumida em não fumar, não beber e não dançar, como dito anteriormente<sup>260</sup>. Desse modo, o desenvolvimento das relações sociais nos espaços acadêmicos enseja a participação na vida comum dos estudantes que, como é sabido<sup>261</sup>, está ligado aos excessos no consumo de álcool e entorpecentes. Sustentar os pressupostos da fé e do testemunho cristão e, simultaneamente, envolver-se com essa “cultura universitária” torna-se um problema ao testemunho e a fé, além de um problema para a própria pessoa, quando essa percebe a natureza e as consequências do caminho que ela está tomando, como narra um entrevistado:

Assim que fui pegando intimidade com pessoas da faculdade e também na intenção de querer conhecer gente nova, pessoas novas, a gente se desvia um pouco do caminho. Então a dificuldade é... é ter as vezes essa noção de saber que a gente está indo para o lugar errado e tentar voltar. Para mim a dificuldade maior é essa<sup>262</sup>.

Esse jovem entrevistado esbarrou num problema que é bem comum. A crise religiosa pela qual muitos jovens passam ao ingressarem no meio universitário é desencadeada pelo encontro de duas realidades que aparentemente são conflitantes, a realidade da fé e a realidade da razão<sup>263</sup>. O ambiente universitário é também, de alguma forma, conflitante com a moral religiosa muitas vezes compreendida por adolescente e jovens como moralmente promíscua e má, porém, desejável por oferecer uma experiência de liberdade e de felicidade imediata, muito diferentes

<sup>258</sup> IPF-1.04; IPF.1.03; IPM-1.04.

<sup>259</sup> IPF-1.04.

<sup>260</sup> Cf. MENDONÇA, **Introdução ao Protestantismo**, p.109.

<sup>261</sup> Ver os seguintes estudos: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n2/1981-5271-rbem-41-2-0231.pdf>; e <http://www.uniad.org.br/images/v16n4a06.pdf>.

<sup>262</sup> IPM-1.04. Esse problema tem sido tema de estudos pastorais. Cf. MACHADO, J.V.V.; MORAES, A.O. **Juventude batista brasileira: a mobilização e o preparo de líderes de ministérios de juventudes nas igrejas batistas do Brasil**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017. Cf. LIBÂNIO, J.B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**, pp.98-99.

<sup>263</sup> LIBÂNIO, J.B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**, p.98.

das longínquas promessas celestiais oferecidas pela religião, bem como a “severa” repressão exercida pela família<sup>264</sup>. O afastamento da fé e da religião poderá acontecer ou ainda uma “vida dupla”, isto é, uma tentativa de conciliar a religiosidade ao modelo atual da juventude da sociedade moderna, inclinada “a si mesmo, ao viver intensamente o presente, à explorar as possibilidades de prazer, de gozo, de novidade até o extremo da droga”<sup>265</sup>. Em ambos os casos haverá uma crise instalada na consciência pela alternada elaboração da culpa. Essa crise, nos casos da IP-ST, está diretamente ligada ao nível de envolvimento e amadurecimento da fé cristã de cada indivíduo. Quanto mais apegado ou apegada aos padrões da fé cristã e envolvido na experiência eclesial menor será a propensão por buscas pelos pecados da mocidade (cf. Sl 25,7). O que também não exclui de maneira definitiva o conflito estabelecido pela experiência da realidade da vida universitária.

O testemunho cristão não se limita aos gestos e ações. No aforismo atribuído a São Francisco de Assis – Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras – é pensado, na visão presbiteriana, como necessária o uso das palavras<sup>266</sup>. No protestantismo brasileiro, em geral, e no presbiterianismo, de modo específico, a responsabilidade dos membros leigos na evangelização é uma das suas mais importantes características. Estudiosos do protestantismo no Brasil e, mais especificamente, do presbiterianismo, são unânimes em atribuir o sucesso inicial de sua implantação e desenvolvimento não aos pastores ou missionários, mas às pessoas, em sua grande maioria, gente simples que testemunhavam com palavras o Evangelho aprendido<sup>267</sup>. Nesse sentido, não conseguir falar do Evangelho, que diz respeito ao que Deus fez para salvar a humanidade e a maneira que a salvação pode ser recebida por fé<sup>268</sup>, é um problema que põe em risco a própria identidade cristã<sup>269</sup>.

Para a entrevistada, anunciar o Evangelho é um dom. É bom lembrar que no protestantismo brasileiro há uma grande influência do meio carismático-pentecostal, o qual atribui a realização de certas tarefas da vida cristã à capacitação ou não de certos dons ou carismas dados pelo Espírito Santo. Assim, fazer algo,

<sup>264</sup> LIBÂNIO, J.B. *Jovens em tempos de pós-modernidade*, p.99.

<sup>265</sup> Cf. LIBÂNIO, J.B. *Juventude e Fé cristã*. In: *Perspectivas Teológicas*. Belo Horizonte, Ano 45, Número 126, p. 235-266, Mai./Ago. 2013, p.246.

<sup>266</sup> Cf. KELLER, *Igreja Centrada*, p.39.

<sup>267</sup> CALDAS FILHO, *Fé e Café*, p.49-52; MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, p.229

<sup>268</sup> KELLER, *Igreja Centrada*, p.39.

<sup>269</sup> IPF-4.05: “não tenho, assim, como é que fala? eu não tenho o dom de evangelizar, chegar pra uma pessoa e falar: “– Olha! Jesus transformou minha vida. Jesus fez... pode fazer por isso você?”! Isso aí que eu tenho dificuldade”.

como evangelizar, somente é possível por causa de um “dom”. No entanto, a evangelização, dentro do entendimento presbiteriano, é uma tarefa dada a Igreja por Jesus (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15), mesmo que isso exija a potencialização da força humana pelo dynamis do Espírito Santo (cf. At 1,8). Por outro lado, verifica-se que a entrevistada possui limitações para a assimilação de conteúdo, para qual ela estabelece duas razões. A primeira é que, embora alfabetizada, a sua capacidade de leitura e interpretação sejam comprometidas. A segunda razão, que é consequência da primeira, a membro da IP-ST não é dedicada ao estudo da Bíblia<sup>270</sup>. Esse problema lança uma sombra sobre os processos evangelizadores da IP-ST, isto é: Por que os processos evangelizadores não são eficazes para auxiliar esse membro ou qualquer outro a ser portador da mensagem do Evangelho? Quantos outros membros passam por essa dificuldade? Mesmo que não sejam essas as questões que esta tese pretende responder, elas questionam e apelam à atenção pastoral dessa deficiência sinalizada.

Desta forma, o testemunho cristão não é simplesmente a repetição de afirmações acerca de Deus e da salvação em Jesus Cristo. Trata-se, antes, do anúncio de uma síntese entre o conteúdo do Evangelho e a experiência pessoal, daquele que proclama. Essa síntese, não fala apenas acerca da eterna verdade do amor de Deus, mas, ela faz a experiência de ser testemunha, dá sinais concretos na vida de um ser humano.

#### **2.3.4 Lidando com questões referentes ao tempo**

Seguindo o itinerário desta pesquisa, questões referentes ao do tempo aparecem como uma dificuldade para os membros da IP-ST. Há uma ideia no senso comum, principalmente entre moradores de grandes metrópoles, que a vida é mais calma no interior; o que necessariamente não é verdadeiro. Embora Santa Teresa seja uma cidade com um pouco mais de 11 mil habitantes em sua zona urbana, a mentalidade da presente época está entranhada em sua dinâmica. Além do mais, não se está falando aqui de tempo num sentido cronológico – esse é o mesmo para qualquer indivíduo em qualquer parte do planeta, embora a referência a ele aconteça, antes, está se falando de uma forma de experiência subjetiva do tempo, o modo como cada pessoa vive e experimenta. A esperança, a nostalgia, as

---

<sup>270</sup> IPF-4.05.

expectativas e as intenções que todas as pessoas têm, em maior ou menor grau na contemplação de si mesmo<sup>271</sup>.

A primeira questão levantada se encontra na relação tempo e religião-religiosidade. Essa questão tem a ver com modo de encarar a vida religiosa. É nesta questão, bem mais do que nas outras, que os princípios dualistas, presentes na mentalidade ocidental, é evidente que tal perspectiva se encontra entranhada na cultura<sup>272</sup>. No caso específico da vivência religiosa cristã, enormemente influenciada pela dicotomia platônica, o tempo está dividido em sua porção sagrada e em sua porção profana ou secular, como afirmou Mircea Eliade:

[O] tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de Tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado<sup>273</sup>.

Não é difícil para ninguém perceber que a descrição eliadiana na própria experiência eclesial, não importando a denominação. Os calendários litúrgicos, nos quais há tempos mais especiais do que os outros, as festas<sup>274</sup> e determinados ritos demonstram e confirmam que essa dicotomia temporal se faz presente no cristianismo. A sacralidade com a qual o tempo é revestido sinaliza exatamente esse contraste dualista. A mentalidade dos membros da IP-ST não poderia ser de outra forma. Assim, o conceito do *homo religiosus* de Eliade está presente também na membresia desta comunidade presbiteriana em Santa Teresa<sup>275</sup>.

Deste modo, há na fala de alguns entrevistados, ainda que de maneira implícita, “tempo para Deus”, que deve ser entendido como um período para a realização de exercícios devocionais, como a leitura bíblica e a oração, bem como o envolvimento em alguma atividade da Igreja; como há também o “tempo mundano”, que inclui todo o restante das atividades cotidianas, como se pode observar na seguinte fala de uma entrevistada:

Por que que só conversar com Deus e fazer suas orações à noite é um problema para você? Porque eu acho que a gente deveria dar prioridade, acho que as coisas do mundo poderiam

<sup>271</sup> Cf. COHEN, J. *Homo Psychologicus*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972, p.127.

<sup>272</sup> Cf. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, pp.76-77.

<sup>273</sup> ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*, p.38.

<sup>274</sup> Cf. RIBEIRO, L. M. *Mapeamento do Protestantismo Rural no lençol de cultura caipira brasileiro*. In: Cadernos CERU, série 2, vol.19, n.2, dezembro de 2008, pp. 117-123 passim.

<sup>275</sup> IPF-3.07; IPF-3.03; IPF.1.03; IPF-1.05; IPF-4.04; IPM-2.01.

até ficar mais de lado, eu acho que a gente tem que ter Deus como princípio, entendeu? Até por meio de amor, de gratidão. Ele que te criou, você o ama, você tem que demonstrar, você tem que tirar mais tempo para demonstrar isso, e... essa questão. Tipo, eu acho... que eu queria mais tempo com Deus nessa questão de trabalhar, de estudar a Palavra, esse negócio<sup>276</sup>.

A fala entrevistada demonstra claramente a presença desse dualismo temporal. O tempo que não é passado em oração e na leitura ou estudo da Bíblia não é considerado tempo para Deus, e, portanto, não é um “tempo sagrado” ou mesmo um “tempo santificador da vida”. O maior envolvimento com as “coisas do mundo”<sup>277</sup>, que nesse caso específico são a faculdade tempo-integral e o auxílio na pequena empresa da família nos finais de semana, é desvalorizado. De modo que toda e qualquer atividade humana não-religiosa fossem um mal necessário. Mesmo que, na perspectiva presbiteriana, ambas as coisas estejam ligadas ao que é conhecido os Mandatos da Criação<sup>278</sup> e, portanto, são para a glória de Deus (cf. 1Co 10,31), existe um entendimento hierárquico de um sobre o outro, um dualismo que parece irreconciliável e que cria grande tensão para os presbiterianos de Santa Teresa. A influência do puritanismo inglês, como sugeriu Weber, isto é, o ascetismo intramundano<sup>279</sup>, desapareceu do presbiterianismo brasileiro por conta de uma influência maior do pietismo wesleyano e, posteriormente, do pentecostalismo<sup>280</sup>. O querer mais “tempo para Deus” se torna, então, uma busca que tira do cotidiano e da vida humana todos os elementos gratiosos do amor de Deus, dando significado santo e sagrado apenas aquilo que seja religioso, desqualificando as demais experiências da realidade.

Por outro lado, essa mentalidade é reforçada por alguns membros, inclusive da liderança presbiterial, que mensuram a fé de uma pessoa pelo tempo utilizado

<sup>276</sup> IPF-1.02.

<sup>277</sup> IPF-1.02.

<sup>278</sup> Os Mandatos da Criação ou Pacto das Obras, utilizando o termo mais comum na tradição confessional presbiteriana, são conjunto de ordens dadas a humanidade por Deus ao fim de sua criação (cf. Gn 1,26-28). Esses mandatos são três: O mandato cultural, mandato social e o mandato espiritual. Em primeiro lugar, o mandato cultural diz respeito à correta manutenção, proteção e desenvolvimento do cosmos. Toda a criação estaria sob o cuidado amoroso da humanidade, que seria o reflexo do amor do Criador. O mandato social é a ordenança de Deus para que a humanidade assumira uma perfeita sociedade, que expressasse o caráter divino do Criador. O terceiro e último mandato é o espiritual (Van Groningen prefere o termo mandato da comunhão) é a resposta a toda bondade proporcionada pelo Criador, o íntimo e profundo relacionamento da humanidade com o seu Criador, cuja expressão maior deveria ser manifestada no Shabbath. Cf. CFW, VII:1-2; VAN GRONINGEN, G. **Criação e Consumo**, pp.90-96; ROBERTSON, O. P. **O Cristo dos Pactos**, pp.61-74.

<sup>279</sup> Cf. WEBER, M; PIERUCCI, A. F. (ed.). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, pp.72, 87.

<sup>280</sup> Cf. MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, pp.107-108

para as práticas devocionais, incluindo também os demais momentos celebrativos e evangelizadores da comunidade. Um exemplo disso, está no fato, dos membros que, por diversas razões, podem participar apenas de um dos momentos de celebração da igreja sejam malvistas e mesmo criticados, como acontece na seguinte fala:

As pessoas que não frequentam a escola dominical e as quartas-feiras são pessoas que não sabem nada de Bíblia, não conhecem nada de Igreja, pessoas que só vem domingo à noite não sabem o que é Igreja, não sabem o que é Bíblia, não sabem o que é teologia, não sabem de nada. Porque esses momentos são separados cada um com uma finalidade diferente e os três formam um conjunto que o cristão precisa para o seu crescimento espiritual<sup>281</sup>.

A rudeza com que se expressa o entrevistado demonstra uma percepção comum a todo protestantismo missionário: a conversão/santificação pessoal é o que determinará ou identificará quem é realmente cristão deve ser averiguada em atitudes simples – não dançar, beber ou fumar<sup>282</sup>. Embora o primado da graça seja o elemento principal e que rege toda a teologia da salvação presbiteriana, muitas vezes, o apelo à santificação como um ato humano é tão maximizado como *conditio sine qua no* para categorizar o tipo de cristão que determinada pessoa é, que transforma num drama a simples experiência devocional, de modo que as questões referentes à santificação da vida se torna dos pontos de maior enfrentamento dos membros da IP-ST, onde não poucos fraquejam ou desistem.

O segundo problema é a falta de tempo<sup>283</sup>. Em todos os casos indicados, o quadro da falta de tempo está relacionado com o número e grau de dificuldade das tarefas ou obrigações a serem realizadas pelos entrevistados. As tarefas e obrigações vão desde cuidar da casa e da família<sup>284</sup>, passando pelo acúmulo de trabalho e estudos<sup>285</sup>, terminado na administração solitária de uma empresa familiar<sup>286</sup>. O tempo parece, nesses casos, encolher diante das diversas demandas. Essa é a realidade com a qual a sociedade, de maneira geral, tem enfrentado, o esforço pela sobrevivência. Por outro lado, essa é a desculpa dada pela maioria para

<sup>281</sup> IPM-4.02. Antonio Gouvêa Mendonça, ao considerar a dinâmica cúlta dos presbiterianos à época da sua inserção em terras brasileiras, comentou a existência de uma exortação comum aos crentes que eles deveriam ser domingueiros, isto é, se fazerem presentes a igrejas e aos cultos nos domingos. Cf. MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, p.93-94.

<sup>282</sup> Cf. MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, p.85.

<sup>283</sup> IPF-3.03; IPF.1.03; IPF-3.07; IPM-2.01

<sup>284</sup> IPF-3.03.

<sup>285</sup> IPF-1.02.

<sup>286</sup> IPF-3.07.

a ausência nas atividades celebrativas e evangelizadoras da Igreja – “o que atrapalha é o trabalho”, o que traz de volta a angústia de não se ter “tempo para Deus”<sup>287</sup>.

Outra causa para esse encurtamento do tempo é um excesso de expectativa do futuro. Por “excesso de expectativa do futuro”, pretende-se dizer as ambições legítimas da vida, ligadas a trabalho, aos estudos e a busca pelo conforto. Em muitos casos, essas expectativas assumem uma espera por algo-que-há-de-vir que se concretizará mais a frente e não no agora. Muitas vezes é uma espera sem um objeto. Numa dinâmica bem própria da cultura do lugar, o que se constrói ou o que se faz é para os filhos, como aproveitar e usufruir dos resultados do próprio trabalho fosse algo errado. Assim, o trabalho, por exemplo, não é mais parte integrante da vida e o meio para a sobrevivência pessoal e familiar. Antes, essa noção está ligada às incertezas e males possíveis do amanhã, os quais não podem ser mensurados, como não bastasse a cada dia o seu próprio mal (cf. Mt 6,34). O que, por sua vez, gera a angústia, razão pela qual muitos desses entrevistados procuram atendimento pastoral.

Desta forma, pode-se considerar algumas consequências. A imediata consequência dessa dificuldade com o lidar com o tempo encurtado é o stress<sup>288</sup>. O exemplo abaixo demonstra isso:

Não sei se é um só problema, mas hoje devido a essa correria nossa do dia a dia, dá aula, e mestrado, pós-graduação, e essa pressão em cima da gente, e as vezes tem também que ajudar, lá de Vitória a minha família, chega num ponto que a gente desanima, tem hora assim: Pô! Vou parar com isso e vou ficar só lá em casa, vou largar o mestrado... O grande desafio que eu vejo é isso aí, o tempo. Às vezes são os pontos, às vezes que me deixam para baixo. Eu não consigo fazer tudo o que eu quero, às vezes, então... Você faz mestrado, você é professor, mais o quê? Pós-graduação, estou acabando! Pós-graduação? E ajudo, por fora, a minha família, a gente tem uma oficina, então, tem que comprar peça, às vezes estou em Vitória e tem que estar em Vila Velha, e já está em cima da hora e tem que voltar. Então, isso, às vezes, desespera um pouco a gente. Mas, você desanima: “Vou largar esse negócio de dar aula! Vou voltar então para a minha vida lá”<sup>289</sup>.

O stress desse jovem quase o levou a saída, aparentemente, mais fácil: abandonar tudo. Lidar com a articulação de todas as atividades com as 24 horas do dia levou a exaustão. Num certo sentido, o stress é um efeito subjetivo e pessoal do pressionamento do tempo e pelas inúmeras atividades e eventos que essa pessoa está posta. É uma experiência própria e solitária, mas com efeitos sociocomunitários.

<sup>287</sup> IPF-3.07.

<sup>288</sup> IPF-3.07; IPF-1.02; IPM-2.01.

<sup>289</sup> IPM-2.01.

A segunda consequência desse encurtamento do tempo se refere aos relacionamentos. Os efeitos do *stress* não são apenas pessoais, eles são também interpessoais. Os relacionamentos interpessoais carecem de tempo para serem construídos. Não apenas de quantidade, mas também de qualidade. No caso de uma entrevistada, tanto a qualidade como a quantidade parecem insuficientes para construir as relações de sua própria casa, fazendo-a perceber que está em meio a três outras pessoas estranhas entre si<sup>290</sup>. A sobrecarga de atividades, tarefas e obrigações interferem no modo como essas famílias lidam com uns com os outros, já que em algum momento não haverá como lidar com essa tensão imposta ou auto imposta. Os relacionamentos se desgastam, como demonstrou uma entrevistada:

Como que é, que é muito estressante isso me dá muita dor de cabeça, me estressa e eu acaba brigando com as pessoas desnecessária, é...principalmente com a minha família, entendeu? Ai, chego na faculdade trato alguém mal, às vezes, e eu me sinto mal por isso, entendeu? Porque, acabo extravasando e acaba passando uma pessoa que eu não sou<sup>291</sup>.

Por outro lado, os relacionamentos podem intensificar o stress diário e danificar as relações. Um exemplo disso são os jovens que estão no ensino superior, se sentirem pressionados<sup>292</sup>, como é o caso de uma jovem, que expressa esse sentimento: “É tanta coisa em cima de você, é uma pressão muito grande”<sup>293</sup>. Basicamente sua tarefa é estudar e auxiliar no restaurante da família, a pressão é originada tanto das ambições e necessidades pessoais como da própria família que custeia integralmente o seu curso de odontologia. É sobre ela que recai a responsabilidade pelo cuidado com a mãe e com os avós. Não os decepcionar, portanto, é mais angustiante para essa jovem que as próprias dificuldades com o curso.

Por fim, os presbiterianos de Santa Teresa também lidam com o tempo que não volta. Nem toda questão que os membros da IP-ST enfrentam em relação ao tempo tem a ver com questões do presente ou do futuro. O tempo que não volta, o passado, representa também uma dificuldade vivida pelos presbiterianos teresenses<sup>294</sup>. Em se tratando de uma comunidade formada por 9,98% de idosos acima dos 60 anos, deve-se admitir que voltar a atenção ao passado e às experiências enfrentadas não soa nem um pouco estranho. A velhice e o

<sup>290</sup> IPF-3.07.

<sup>291</sup> IPF.1.03, p.39.

<sup>292</sup> IPM-2.01, IPM-1.04; IPF-1.02.

<sup>293</sup> IPF-1.02

<sup>294</sup> IPM.4.03.

envelhecimento tem sido alvo de discussões e reflexões em todas as áreas do saber humano, porquanto as mudanças nesse período da vida acontecem em todas as suas dimensões. O avanço nas áreas da saúde, do saneamento básico, da tecnologia e da questão ambiental tem sido causa, por outro lado, para o aumento da expectativa bem como da qualidade de vida<sup>295</sup>. É nesse contexto de qualidade e longevidade que um entrevistado de 82 anos expressou sua dificuldade maior:

As nossas dificuldades, hoje, estão exatamente, é..., mais condicionadas ao fator idade, porque durante um período X da minha vida, eu vivia viajando, evangelizando, pregando evangelho em várias igrejas; cheguei a ser pastor mais de 20 anos, viu? E isso me traz até uma certa angústia, hoje, porque estou me achando assim muito, muito inanimado, muito desativado. E quando a gente fica numa desativação, a gente começa a se considerar como superado, de tal maneira que não vai ser mais utilizado, não vai ser mais útil. E o que gostaria de... enquanto o pavio tiver aceso [sic.], a chama de vida existir, eu queria estar mantendo o mesmo ritmo, proporcionalmente, naturalmente, de atividade na igreja<sup>296</sup>.

A idade se torna um fator de angústia. O que era comum no passado não é mais tão simples. Nesse caso específico, o entrevistado, por ser oficial de alta patente da Polícia Militar do Espírito Santo, realizava ações de pregação e evangelização de modo independente da igreja institucional. Ele contava com recursos próprios, outras comodidades da sua posição e, claro, o vigor de alguém que ainda não tinha 82 anos. O sentimento de desativado ou inanimado não é resultado de qualquer incapacidade mental, mas do vigor e da saúde que muitas vezes falham. Esse senso de inutilidade é causado por uma autoavaliação que desconsidera todas variantes do problema. O querer estar mantendo o ritmo, proporcionalmente, naturalmente, de atividade na igreja não é percebido corretamente, por ele, isto é, aquilo que ele ainda realiza está de acordo e é proporcional a sua idade. O passado aparece, então, como um fantasma que o adverte acerca de uma admissível irresponsabilidade para com a obra de Deus, o que, na perspectiva protestante, pode soar com uma séria denúncia de enfraquecimento da fé ou desinteresse nas coisas de Deus. Um sentimento de estagnação espiritual que pode ser um problema na experiência religiosa dos idosos<sup>297</sup>.

---

<sup>295</sup> Cf. GOLDMAN, S. N. **As dimensões culturais, sociais e políticas do envelhecimento**. In: ALVES JUNIOR, E. D.(org.). **Envelhecimento e vida saudável.**, p.30.

<sup>296</sup> IPM.4.03. O entrevistado em questão foi militar durante toda a sua vida adulta. O rigor e a disciplina militar renderam-lhe também um cuidado com a saúde física e mental.

<sup>297</sup> Cf. ROSA, M. **Psicologia da Religião**, p.102.

No fundo, o que se encontra é a dificuldade de encarar a sua própria condição pessoal. O tempo passado fala de triunfos e conquistas, como se nada de ruim tivesse acontecido. O tempo presente aponta para os fracassos e dificuldades, muitos resultados dos erros não lembrados do passado, que no presente da existência cobram suas dívidas. O tempo futuro não é mais tão incerto assim. Em falas particulares, bem mais de uma vez, o entrevistado, que reside numa bela casa num dos vários morros de Santa Teresa, disse que em pouco tempo se mudaria para o morro vizinho, isto é, o cemitério municipal.

Por outro lado, a preocupação com a finitude aparece com maior apelo, trazendo consigo a angústia peculiar da aproximação da morte. A morte é o futuro que parece cada vez mais próximo nessa idade. A vida passa diante os olhos. Nesse caso, falta ao entrevistado a “habilidade de ter visão global da vida, que implica na aquisição de uma compreensão tanto da temporalidade quanto da eternidade da vida”<sup>298</sup>. E se falta ao entrevistado, é necessário afirmar que aos processos evangelizadores que este ancião participou faltou um trato desta temática. Por certo uma evangelização que enfatizava o celestial em detrimento ao todo da vida, despreocupou-se com o ocaso da vida, que antecede ao dia eterno.

### 2.3.5 Lidando com questões referentes a própria existência

O quarto tipo de enfrentamento constatado por esta investigação está relacionado com a própria existência. Por existência, pretende-se dizer a vida em si, e não categorias do tipo heideggerianas. Assim, a existência, como um todo, se torna o enfrentamento em si de alguns membros<sup>299</sup>. A realidade é vista de forma pessimista<sup>300</sup>. Ou como uma inesperada fonte de conflitos e dificuldades<sup>301</sup>.

<sup>298</sup> ROSA, M. **Psicologia da Religião**, p.102-103.

<sup>299</sup> IPM-5.01; IPF-4.07; IPF-1.03; IPF-3.06.

<sup>300</sup> IPM-5.01; IPF-4.07; IPF-3.06. Como disse uma entrevistada: “Voltando pro mundo, dá medo. [Por quê?] Porque a gente conhece a palavra, a gente sabe o que é certo e você vê as pessoas do mundo fazer tanta coisa errada e a gente quer consertar. Só que não cabe a mim consertar! Eu sou um grãozinho de mostarda perto de uma pedreira. O que é um grãozinho de areia da praia perto de uma montanha de pedras? Então, e o que a gente tem que fazer... é só Deus para mudar, Deus para nos proteger, Deus para nos amparar, para nos apoiar. E, infelizmente, a gente não pode mais confiar em ninguém. Hoje em dia você não pode falar mais nada que a pessoa fica carrancuda, de repente você, por uma palavra que você fala, a outra não concorda, vira a cara. Daí a pouco a outra pessoa tá fazendo pior. Então, são coisas que se resumem em preocupação e medo”. Cf. IPF-3.06, p.58

<sup>301</sup> IPF-1.03.

Percebe-se nisso uma ansiedade. Mas por que isso? Quais são as razões para esse pessimismo?

Em primeiro lugar, a vida se resume no trabalho<sup>302</sup>. Esse é o caso de uma senhora de 68 anos proprietária de um pequeno restaurante, do qual é responsável há mais de 20 anos, desde matar as galinhas até o seu preparo, bem como os demais pratos servidos com o auxílio da filha. Ao ser questionada sobre as dificuldades que ela enfrenta no dia a dia, essa senhora perguntou: Questão de serviço?<sup>303</sup> E emendou: “É sobre o serviço... sobre... sempre a gente tem um probleminha na família. Todas as partes, pastor. É difícil pra gente pra falar hoje que tá tudo bem. Sempre tem uma coisa para atrapalhar, pra gente ficar triste. Um dia a gente tá triste outro dia a gente tá alegre, e aí vai”<sup>304</sup>.

Embora tenha começado e desistido de falar sobre o seu serviço, essa senhora demonstra certa resiliência em não reclamar. Porém, o seu silêncio e a sua história de vida gritam muito alto, porquanto, dia após dia, de domingo a domingo, a sua rotina é o seu trabalho, que mais lhe parece um flagelo do que a forma de ganhar o seu pão (cf. Gn 3,19). O problema para essa senhora, não que o trabalho seja menos penoso para as demais pessoas, porém, é porque, na sua idade, todo o esforço acumulado ao longo dos anos está cobrando o seu preço. As dores e os danos no corpo somadas a incerteza de uma sobrevivência digna se deixar o trabalho e fechar as portas, entre outras coisas, pesam para essa irmã.

A segunda razão está ligada ao caráter das pessoas. Disse um entrevistado, diante da questão, o que o senhor acha do mundo que a gente vive hoje? Como é que ele está para o senhor? Ele respondeu: “Muito difícil. Eu acho que é muito difícil é a..., eu acho no meu pensamento as leis que tá tendo e do... do país, o país mudou muito a “diferença” que eu achei nessa idade foi muito grande sobre a honestidade, primeiro era mais, e hoje, então, é muito difícil a honestidade<sup>305</sup>.

Para esse entrevistado, um senhor de 73 anos, a honestidade, um sinalizador do caráter, passou por transformações para pior. A relação entre honestidade e corrupção está claro na sua fala, inclusive porque ele fala sobre o País. O mal presente na realidade se revela de diversas formas e atinge indistintamente as

---

<sup>302</sup> IPF-4.07.

<sup>303</sup> IPF-4.07.

<sup>304</sup> IPF-4.07.

<sup>305</sup> IPM-5.01.

peças. Se para ele é um problema, por certo não é apenas porque ele tem acesso a informações, mas porque ele participa de uma realidade em que a falta de honestidade o alcança de alguma forma.

Outra razão complicadora da existência humana é lidar com pessoas. A ideia é que lidar com outras pessoas, em qualquer tipo de relação social, é algo, em si, muito complicado. A decepção e a frustração são admitidas como iminentes, inclusive quando o âmbito desse relacionamento. Para uma entrevistada, a sua experiência relacional com os demais membros da IP-ST foi negativa. Ela descreve:

Vamos falar primeiro dentro da igreja. Dentro da igreja, quando eu comecei, era melhor. Você se sentia útil, você se sentia, assim, abraçada pelas pessoas, pessoas carinhosas. E no dia a dia, os anos vão passando, as pessoas se acostumam muito com a gente e vai deixando de lado. Só que eu não tive um problema na minha vida. Quantas vezes que eu já quis um abraço de uma pessoa, um carinho de uma pessoa. A nossa igreja tem muito isso: só abraça quando chega. Quando tem um tempo, fica normal aquela coisa. Isso chama-se... e lá dentro da nossa igreja há grupos.

O que essa entrevistada descreve é uma percepção de sua própria subjetividade e, por isso, é impossível determinar a exatidão dos fatos. Contudo, uma triste realidade pode ser identificada aqui, ou seja, a igreja pode deixar de cumprir o seu papel de acolher os filhos e filhas de Deus. O acolhimento, significa neste caso, é receber e acrescentar à comunhão da comunidade eclesial aqueles que desejam, nessa comunidade, fazerem a experiência do seguimento de Jesus Cristo. A necessidade de sentir-se acolhida é igual a necessidade de estima.

### 2.3.6

#### **Lidando com questões referentes a vida financeira e trabalho**

A última questão com a qual a membresia da IP-ST enfrenta está relacionada a administração financeira e ao trabalho<sup>306</sup>. A atual instabilidade econômica do Brasil torna mais evidente a necessidade de cada família organizar as suas finanças de modo coerente com a sua realidade econômico-financeira. Para os membros da IP-ST, que também são afetados pela instabilidade brasileira, a questão de administrar o ganho aparecem como um problema que a Igreja, por meio do ensino do evangelho, pode auxiliar<sup>307</sup>. No entendimento desses entrevistados, a compreensão de que as Escrituras são não apenas regra de fé, mas também de prática

<sup>306</sup> IPM-4.02; IPM-4.05; IPM-3.01.

<sup>307</sup> IPM-4.05.

exige que as mesmas deem um direcionamento sobre o assunto da administração dos bens “desta vida”, algo que se encontra presente na Bíblia e nos Símbolos de Fé<sup>308</sup>. Ao que pode ser ensinado pela Escritura, alia-se aquilo que irmãos mais preparados e instruídos para lidar com questões de finanças pessoais ou familiares<sup>309</sup>. De fato, a igreja, enquanto comunidade, é um networking em que os membros têm a possibilidade de interagir para auxílio mútuo, inclusive, no que respeita a finanças e trabalho. Um exemplo disso é uma família que está à frente de uma microempresa e que emprega ao menos três outros membros da Igreja.

Ainda quanto a vida financeira, há também a preocupação daqueles que estão fora do mercado de trabalho, no caso dos membros da IP-ST, essa é problemática dos jovens<sup>310</sup>, mas não restrita a eles<sup>311</sup>. Aliás, a inserção dos jovens no mercado de trabalho tem sido um dos grandes desafios das políticas públicas brasileiras e mesmo mundiais<sup>312</sup>. A inserção de novos profissionais no mercado tem como um dos seus dificultadores a baixa escolaridade<sup>313</sup>. Contudo, para a entrevistada em questão, uma jovem de 26 anos, licenciada em biologia por uma instituição pública, essa tem sido uma grande dificuldade<sup>314</sup>.

É... angústia? Assim de..., por enquanto, estou sem emprego. Eu fico: “– Nossa fiz faculdade e não consegui nada ainda”. Eu fico meio angustiada com isso. É... medo. Deixa-me pensar;

---

<sup>308</sup> Cf. CMW, Q-R 141, interpretação dos deveres do 8º Mandamento, “Não Furtarás”, afirma: “Os deveres exigidos no oitavo mandamento são: a verdade, a fidelidade e a justiça nos contratos e no comércio entre os homens, dando a cada um o que lhe é devido, a restituição de bens ilicitamente tirados de seus legítimos donos; a doação e a concessão de empréstimo, livremente, conforme as nossas forças e as necessidades de outrem; a moderação de nossos juízos, vontades e afetos, em relação às riquezas deste mundo; *o cuidado e empenho providentes em adquirir, guardar, usar e distribuir aquelas coisas que são necessárias e convenientes para o sustento de nossa natureza, e que condizem com a nossa condição; o meio lícito de vida e a diligência no mesmo; a frugalidade; o impedimento de demandas forenses desnecessárias e fianças, ou outros compromissos semelhantes; e o esforço por todos os modos justos e lícitos para adquirir, preservar e adiantar a riqueza e o estado exterior, tanto de outros como o nosso próprio*”. O texto em itálico é a base confessional para demonstrar o modo como deve ser tratado e administrado a vida no que diz respeito às questões financeiras e a administração delas.

<sup>309</sup> IPM-3.01.

<sup>310</sup> IPF-1.05.

<sup>311</sup> IPF-3.07.

<sup>312</sup> Cf. GUIMARÃES, A. Q.; ALMEIDA, M. E. **Os Jovens e o Mercado de Trabalho**: Evolução e desafios da política de emprego no Brasil. In: **Temas de Administração Pública**, v.8, n.2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/temasadm/article/view/6845>>. Acesso em 28 mar. 2018.

<sup>313</sup> Ibid. Cf. SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. **Inserção dos jovens no mercado de trabalho**. In: **Estudos Avançados (USP)**, 29 (85), 2015, p.153-168. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/108929/107378>>. Acesso em 28 mar. 2018.

<sup>314</sup> Nota de atualização: Devido a necessidade do trabalho e a escassez de vagas para licenciados em biologia, a jovem membro da IP-ST, viu a oportunidade de mudar de área, e fez um curso técnico em auxiliar de odontologia, área em que conseguiu o emprego.

não conseguir um emprego. A idade já está chegando, vindo, 26 anos. Já, é estou pensando o que vai ser da minha vida? Então construir uma família, casar e tudo<sup>315</sup>.

A falta do emprego na área de formação é um fator angustiante para essa entrevistada. O medo, algo futuro, é não o conseguir. Ela vê o seu tempo diminuindo – embora 26 anos, para alguns não seja uma idade avançada, para a entrevistada é – e as coisas não estão acontecendo para ela. O não ter um emprego, no pensamento dela, é um complicador para a sua própria vida e futuro – “o que vai ser da minha vida”? O emprego significa o ganho financeiro e o meio para a subsistência dela e da “futura” família que pretende constituir. Porém, a falta de trabalho depois de anos de estudo e preparação se apresenta como algo frustrante, como a decepção de ter investido tempo, esforço e dinheiro.

Em todos os casos, as dificuldades financeiras – ora pela dificuldade de gerir o que se tem, ora pela falta do ganho por causa do desemprego – geram, como visto, incertezas quanto ao presente e ao futuro. Tais incertezas trazem consigo a angústia e a ansiedade, e algumas vezes, mesmo que velado, pode gerar algum tipo de desconfiança em relação a bondade de Deus. Assim, esse não é um problema apenas de indivíduos, mas também da própria igreja e de seus processos evangelizadores que precisam responder, à luz do Evangelho, aos anseios daqueles que tendo o seu ganho saibam como lidar com aquilo que Deus, em sua bondade e misericórdia, lhes dá. Bem como, esses mesmos processos precisam responder a aqueles que Deus, em sua bondade e misericórdia, lhes nega.

## 2.4

### **A Igreja no auxílio dos enfrentamentos de sua membresia**

Na seção anterior, foram apresentados os conflitos e os enfrentamentos vividos pelos membros da IP-ST. Nesta seção, buscar-se-á descrever como os membros se sentem auxiliados pela Igreja. Os mesmos têm a ver com diferentes aspectos da vida e exemplificam de maneira objetiva que, a experiência da fé cristã na realidade do mundo, não está isenta de dificuldades. Como esta tese tem procurado investigar, os resultados dos processos evangelizadores deveriam refletir numa capacidade da membresia da IP-ST de não apenas fazer a experiência de uma vida no mundo segundo o Evangelho, mas também fornecer-lhes todo um

---

<sup>315</sup> IPF-1.05.

instrumental para lidar com essas experiências. Porém, conforme o gráfico abaixo, existe uma clara ideia que lidar com a realidade é o mesmo que lidar com “assuntos sobrenaturais”.

GRÁFICO 2 – Meios de Auxílio



De acordo com os dados tabulados a partir das entrevistas, existem quatro modos como a igreja, enquanto comunidade, pode auxiliar os seus membros, sendo que a grande maioria dos entrevistados, isto é, 45% dos membros, consideram a oração é o meio mais efetivo. A ideia é simples: a oração é a chave que faz que os poderes de Deus resolvam todas as dificuldades que sejam possíveis de enfrentar. Porém, essa tendência ao “misticismo” e ao “mágico”, segundo a antropóloga presbiteriana Lídice Meyer Ribeiro, está presente na realidade do protestantismo brasileiro, inclusive na IPB<sup>316</sup>.

A oração, por excelência, é concebida pela grande maioria dos membros da IP-ST como o modo da Igreja auxiliá-los em seus enfrentamentos cotidianos, independentemente do tipo e da maneira que eles ocorrem<sup>317</sup>. De fato, os cristãos são chamados à prática de oração. A teologia presbiteriana sobre a oração afirma que a “oração é um oferecimento de nossos desejos a Deus, em nome de Cristo e com o auxílio de seu Espírito, e com a confissão de nossos pecados e um grato

<sup>316</sup> RIBEIRO, L. M. *Magia e Linguagem simbólica no Protestantismo Rural*. In: Ciências da Religião: História e Sociedade, vol.8, n.2, 2010, p.90.

<sup>317</sup> IPM-4.07. IPF-4.02. IPM-4.03. IPF-4.03, p. IPF-3.04. IPF-4.07. IPF-1.05. IPM-1.02. IPM-1.03. IPF-2.01. IPM-5.01. IPF-3.03. IPM-2.01 p.; IPF-3.07.

reconhecimento de suas misericórdias”<sup>318</sup>. Trata-se, entre outras, de submeter a integralidade da existência humana a Deus e ao seu senhorio. Aliás, é importante buscar a vontade de Deus pela oração<sup>319</sup>. Afinal de contas, é por meio da oração que o cristão aprende a conformar a vontade humana a vontade divina – “faça-se a tua vontade” (cf. Mt 6,10). Porém, sem se esquecer que, dentro da confessionalidade presbiteriana, a glória de Deus e a verdadeira felicidade humana andam de mãos dadas<sup>320</sup>. Muito embora, a felicidade humana, isto é, os benefícios da cuidadosa providência de Deus, sejam secundários e consequentes da devida glorificação e devoção ao Deus Uno e Trino, como demonstra R.C. Sproul, ao dizer que,

a oração, como tudo mais na vida cristã, é para a glória de Deus e para nosso benefício, nessa ordem. Tudo o que Deus faz, tudo o que Deus permite e ordena é, em sentido supremo, para a sua glória. Também é verdade que, enquanto Deus busca supremamente a sua glória, o homem se beneficia quando Deus é glorificado. Oramos para glorificar a Deus, mas também oramos para receber de suas mãos os benefícios da oração<sup>321</sup>.

Contudo, a percepção demonstrada pelos entrevistados tem um viés diferente. A devoção e a piedade esperada dão lugar a um tipo relação utilitária, pela qual a oração se torna um meio para se alcançar primariamente os “bens guardados” em Deus. A oração perde a sua característica de ser um meio de graça e de comunhão com Deus para se transformar numa espécie de chave que abre as “portas do sobrenatural”, pelas quais fluirão tudo o que seja necessário para solucionar “sobrenaturalmente” todo e qualquer problema ou dificuldade humana.

Assim, ao considerar a oração como o instrumento para o enfrentamento da realidade, os membros da IP-ST assumem certa irresponsabilidade diante da vida, transferindo para Deus o dever de ordenar e realizar tudo o que for necessário para que o sujeito orante possa viver vida boa e feliz. O que, absolutamente, não é o mesmo que depender e esperar em Deus, como demonstrado nas Escrituras. Deste modo, há quem fale de uma “força espiritual”, como um tipo de energia que habilita

<sup>318</sup> CMW, Q-R, 178.

<sup>319</sup> DIXHOORN, C. *Guia de Estudo da CFW*, p. 290.

<sup>320</sup> CF. CMW, Q-R 1; BCW, Q-R 1; BEEKE; JONES, *Teologia Puritana*, p. 1244.

<sup>321</sup> SPROUL, R. C. *A oração muda as coisas?* p.16. Sproul, morto em 2017, foi teólogo e pastor presbiteriano nos EUA. Doutor em teologia pela Vrije Universiteit Amsterdam. Lecionou no Reformed Theological Seminary, um importante seminário de tradição reformada dos EUA, com o qual a IPB mantém relações institucionais, por intermédio do CPAJ. Embora desconhecido no meio acadêmico brasileiro, sua obra é referência nos seminários presbiterianos e de outras denominações conservadoras.

o crente a grandes realizações ou a lidar com as suas dificuldades<sup>322</sup>. Por exemplo, os problemas financeiros não desaparecem, mas a fé anima os presbiterianos teresense a continuarem a lutar contra essa dificuldade<sup>323</sup>.

Nesse sentido, os processos evangelizadores fracassaram no anúncio do Evangelho, que chama o sujeito à uma vida responsável no trilhar pelo caminho estreito e apertado (Mt 7.13-14), no assumir os riscos e a responsabilidade do empreendimento decido (cf. Lc 14,25-33). Eles deveriam ser capazes de funcionar como um modo de referenciar a vida humana e o exercício de sua responsabilidade diante de Deus e do mundo. Não que não haja lugar para a súplicas e os pedidos pelo que nos é necessário, haja vista que, no ensino da carta de Tiago, “muito pode por sua eficácia a súplica do justo” (Tg.5,16).

Porém, a oração jamais deveria excluir à responsabilidade humana, mas intensificar a exortação da carta de Tiago: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22). Ao assumir que, por palavra, Tiago estava apontando para o Evangelho proclamado e ensinado, deve-se então igualmente assumir que a prática do evangelho, isto é, dar carne a todo evangelho em toda a vida humana é um dever daqueles que seguem o Ressuscitado e que, portanto, a oração não elimina o dever da agência responsável do humano. Ou, como afirmado por Douglas Rhymes, “haverá momentos necessários para refletir sobre a o foco de nós mesmos e de nossa vida e momentos de avançar, em Cristo, em direção ao mundo; mas é um erro chamar esse primeiro momento “oração” e ao segundo ação”<sup>324</sup>. A oração e a vida responsável diante da missão cristã no mundo andam lado a lado e de mãos dadas.

Em segundo lugar, está o anúncio e ensino da Palavra de Deus e o modo como o ensino tem auxiliado os membros da IP-ST<sup>325</sup>. A razão disso está na apresentação do conteúdo bíblico e, mais precisamente, do Evangelho. Para a teologia presbiteriana, a Palavra antecede a oração como meio de graça<sup>326</sup>. A Palavra de Deus é a regra para aquilo que se crê e para tudo aquilo que o cristão deve fazer. A oração está, portanto, sujeita aquilo que é possível conhecer de Deus, de seu amor e do seu santo caráter. É isso que Calvino diz quando afirmou

<sup>322</sup> IPF-1.05. IPM-1.02. IPM-1.03. IPF-2.01. IPM-5.01. IPF-3.03. IPM-2.01; IPF-3.07.

<sup>323</sup> IPM-3.01.

<sup>324</sup> RHYMES, D. **La Oración en la ciudad secular**, p.106.

<sup>325</sup> IPF-2.02. IPM-3.01. IPM-4.05. IPF-3.07; IPF-1.02. IPM-5.02. IPF-4.01. IPF-4.04.

<sup>326</sup> Cf. CMW, Q-R, 154.

Esta, em verdade, é uma secreta e oculta filosofia, que não se pode entender por silogismos; entendem-na e aprendem-na somente aqueles a quem Deus abriu os olhos, para que vejam claro com sua luz. Mas, depois de ensinados pela fé a reconhecer que todo o bem de que carecemos encontra-se em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo — em quem o Pai quis que habitasse a plenitude de sua liberalidade, para que dele, como de uma fonte copiosíssima, tirássemos todos —, só nos resta buscar nele e, mediante a oração, pedir-lhe o que sabemos estar nele. Porque, de outra maneira, de nada nos serviria conhecer a Deus como autor, senhor e dispensador de todos os bens, que nos convida a pedi-lhos [sic.], e, por outro lado, não nos dirigirmos a Ele nem lhe pedir coisa alguma<sup>327</sup>.

Desta maneira, 29% dos presbiterianos teresenses entendem que o auxílio que a Igreja lhes oferece está relacionado com os processos evangelizadores, pelos quais o estudo da Palavra de Deus os habilita para aplicar o conteúdo evangélico em sua vida, afinal, “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3,16-17). Os termos ensino, repreensão, correção e educação, nesse texto bíblico, não indicam utilidades distintas da Escritura, mas um processo, pelo qual o mestre, no caso Timóteo, mas incluem-se aqui os ministros, pastores, padres, catequistas, inicia sua tarefa no ensino (gr. διδασκαλία) que culminará no aprendizado (gr. παιδεία)<sup>328</sup>. O cristão, como aprendiz, deve se tornar apto para fazer a experiência da sua fé no mundo e, também, uma experiência de testemunho de Cristo em todas as dimensões da existência humana.

Todavia, o ensino cristão acontece na IP-ST também em ações pastorais específicas como o aconselhamento, o qual pode ser considerado como uma instrução particular de um tema pessoal e urgente. Em geral, trata-se de dúvidas envolvendo questões com as quais os membros de uma comunidade estão lidando, mas não sabem como agir de acordo com a fé. É correto, portanto, considerar que o aconselhamento pastoral como uma complementação dos processos evangelizadores e, até mesmo, um dentre eles. Mesmo que essa ação faça parte das atribuições pastorais, apenas um membro identificou esse meio como o modo pelo qual a igreja o ajuda em seus problemas cotidianos<sup>329</sup>.

Por fim, a comunhão entre os membros da comunidade foi considerada também um modo de auxílio<sup>330</sup>. A despeito da importância que a comunhão tem

<sup>327</sup> CALVINO, J. IRC, III.20.1

<sup>328</sup> Cf. LOCK, W. *A Critical and Exegetical Commentary on the Pastoral Epistles*, p.110; HENDRIKSEN, W. *Exposición de las Epístolas Pastorales.*, p. 342.

<sup>329</sup> IPF-3.02.

<sup>330</sup> IPM-4.02.

para os membros da IP-ST, como será visto mais a frente, apenas um membro a identificou como um auxílio. Por um lado, isso tem a ver com a dificuldade mais comum desse membro, que está relacionado a dificuldades financeiras – algumas vezes a igreja teve que auxiliá-lo em alguma necessidade – como ele mesmo expressou:

E eu e a minha fé é fortalecida, no sentido de não somente eu esteja aqui na igreja, recebendo aqui essa ajuda mútua, de irmãos e de conhecimentos, de um aprendizado diário, é círculo diário que está sempre se repetindo. Mas eu não fico só aqui, eu também busco em minha casa, eu leio muito a Bíblia, eu procuro muito a me orientar. E eu creio que o mais fundamental na igreja é você saber que você tem pessoas aqui eu sempre disse isso para muitas pessoas – o mais legal da igreja é que você sabe que tem muitos irmãos aqui, que não são de frequentar a casa uns dos outros, mas eu sei que se eu levantar a minha mão vai ter vários para segurar nela<sup>331</sup>.

Por outro lado, ele demonstra também a sua disponibilidade para auxiliar aqueles que dele venham a precisar, uma vez que o entrevistado afirma o caráter mútuo existente na comunhão cristã. Como também poderá ser observado mais adiante, os membros da IP-ST têm valorizado muito a ideia da comunhão cristã, reconhecendo um aspecto importante a mutualidade do apoio entre os membros da comunidade.

## 2.5

### **As Percepções dos Presbiterianos em Santa Teresa acerca da relação entre Igreja e Mundo**

Assume-se nesta seção a segunda parte do questionário, que envolvem questões que procuraram verificar a compreensão de cada membro entrevistado, antecipando em alguma medida, ao menos, os termos que compõem o objeto formal desta tese, ou seja, a relação entre Igreja e Mundo. Neste sentido, o modo como os presbiterianos teresenses concebem o sentido e significado dos termos igreja, mundo e, por fim, entendem a relação entre ambos os termos ou entre os seus significantes, permitirá ter uma noção de que resultados foram produzidos a partir da evangelização desses cristãos presbiterianos e, ao mesmo tempo, se torna possível avaliar, ainda que minimamente, a correspondência entre evangelização e evangelizados.

---

<sup>331</sup> IPM-4.02.

### 2.5.1

#### As Percepções dos membros da IP-ST acerca da Igreja

A compreensão que os membros de uma comunidade cristã qualquer têm do conceito igreja é resultado do conteúdo dos processos evangelizadores, ou em outros termos, como o Evangelho é apresentado, dos quais os membros têm participado ao longo de suas vidas. Assim, a percepção que os membros da IP-ST possuem acerca do que vem a ser igreja determinará todas as relações que eles terão, enquanto parte desse grupo pesquisado, e ainda o modo de ser da igreja, isto é, as impressões que cada membro tem do que deve e de como deve ser uma igreja local definirá a maneira como esta comunidade vivenciará a sua experiência comunitária de fé. Ao mesmo tempo, esse modelo poderá não funcionar para alguns dos membros, cujas noções são divergentes da maioria. E isso não é diferente na IP-ST.

De maneira geral, percebe-se que a definições e impressões apresentadas pelos entrevistados reflete muito mais um aspecto emotivo que necessariamente um aspecto teológico ou algo que o valha. A carga emocional para o conceito de igreja, mesmo com a roupagem bíblico-doutrinária, reflete mais as demandas e as aspirações da membresia que necessariamente uma convicção de fé. Assim, na dificuldade de uma definição clara, o uso das analogias bíblicas pareceu a melhor forma para poder dar sentido ao conceito. Uma das razões para isso é que as analogias constituem a linguagem teológica por excelência<sup>332</sup>. Neste sentido, a compreensão dos membros da IP-ST acerca da ideia de Igreja se apossou das várias analogias bíblicas na tentativa de definir o conceito Igreja, as quais serão apresentadas a seguir.

Em primeiro lugar, a maioria dos membros da IP-ST compreendem a igreja como uma família<sup>333</sup>. A metáfora da igreja como família é uma figura encontrada unicamente nos escritos paulinos (cf. Gl 6,10; Ef. 2,11-19; 3,15). O argumento paulino em Ef 2,12 demonstra que tanto judeus e como gentios, por meio dos atos redentores de Jesus Cristo, em particular a sua Cruz, foram unidos numa só casa e família que pertencem a Deus. Assim, para Ridderbos, “a ideia da igreja como casa ou família de Deus está intimamente ligada, portanto, à cidadania espiritual da verdadeira Israel [sic.], o povo histórico-redentor de Deus”<sup>334</sup>. É a partir daí que

<sup>332</sup> Cf. BOFF, **Teoria do Método Teológico**, pp.309-318.

<sup>333</sup> IPF-4.02; IPF-2.01; IPF-1.03; IPF-3.04; IPF-1.01; IPF.1.03. IPF-4.05; IPM-5.01; IPF-3.06; IPF-1.05; IPF-3.02.

<sup>334</sup> RIDDERBOS, H. **A Teologia do Apóstolo Paulo**, p.189.

essa figura da igreja como família toma seu lugar na teologia e ensino cristão. No entanto, deve-se considerar que a identificação igreja-família traz uma carga emocional muito intensa, por ser a família a mais básica e a mais íntima de todas as estruturas sociais, há uma explícita passionalidade nessas afirmações<sup>335</sup>. No dizer de uma entrevistada, a família são as “pessoas que se importam”<sup>336</sup>. De modo que, no possível silogismo, a igreja como família são as pessoas que se importam, mas que também são importantes. Desta forma, há uma reinterpretação no conceito de igreja como família, a qual insere uma valoração emocional mais forte e que não parece ser a intenção principal de Ef 2, mas que, sendo interpretado desta maneira pelos membros da IP-ST, traz uma solução imediata para muitos dos conflitos psicológicos e emocionais relacionadas com suas próprias famílias<sup>337</sup>.

Diante dessa descrição e entendimento da igreja como família é possível considerar aspectos tanto positivos como negativos, que são derivados dessa imagem. Primeiramente, os aspectos positivos estão ligados a questões de caráter psicológico-emocional que se referem, entre outras coisas, aceitação e proteção ou segurança, e podem ser categorizados, para melhor visualização, em dois grupos: acolhimento e auxílio mútuo.

A primeira categoria, o acolhimento, tem a ver com a aceitação do outro como parte do grupo<sup>338</sup>. A cultura religiosa de Santa Teresa, ainda que atualmente em menor grau, via a conversão ao protestantismo de modo muito agressivo. Para alguns membros da IP-ST, o trânsito de uma confessionalidade para outra não ocorreu sem conflito. Houve quem ouviu do pai: “Eu não tenho mais filha”. Além disso, há aqueles que estão distantes de suas famílias e suprem, na comunhão da igreja, a carência afetiva do distanciamento familiar<sup>339</sup>. Neste cenário, a igreja assume o lugar de uma “nova família”. A igreja como família traz em si esse aspecto acolhedor que envolve a todos e todas que, pela fé em Jesus Cristo, aderem ao seu seguimento, e que, assumindo na negação de si mesmo e de tudo o que possa se

<sup>335</sup> HENDRIKSEN, W. *Efésios*, p.177.

<sup>336</sup> IPF-3.02.

<sup>337</sup> IPF.4-02: “É uma família pra gente, isso dá um suporte, as vezes o que a gente não tem em casa”! IPM.4-02: “ela é vital para a vida da gente, e sem isso eu não teria como suportar essas... esses desafios, essas dificuldades se eu não tivesse esse... essa... esse escape que é o viver em comunidade, onde a gente pode... tem pessoas aqui pode confiar e se abrir, tem amigos de fato, né?, que a gente pode confiar, pode se abrir, pode receber um conselho”.

<sup>338</sup> IPF-2.02.

<sup>339</sup> IPF-4.05.

opor a esse projeto, assumem também cem vezes o número de irmãos e irmãs, isto é, uma nova família (cf. Mt 19,29; Mt 12,46-50; Rm 16,13; 1Co 4,15)<sup>340</sup>. O refúgio, nesse sentido, está contraposto ao conceito de mundo, que, em muitas entrevistas, transforma-se num ente voraz e destruidor<sup>341</sup>.

A outra categoria, mencionada acima, relaciona-se com a segurança. Esse sentimento encontra verbalizada por meio da expressão auxílio mútuo<sup>342</sup>. A imagem da igreja, como família, é vista nessa perspectiva, de modo horizontal, isto é, o relacionamento entre os membros da comunidade é que está em evidência até mesmo sobre a razão de se ser família, isto é o Cristo que a todos uniu em sua cruz<sup>343</sup>. Assim, foi comum ouvir dos entrevistados a afirmação que, a igreja traz segurança por conta da mutualidade ou ainda reciprocidade na assistência comum entre os seus membros, como se observa na seguinte afirmação:

Eu vejo assim, que [a igreja] é um lugar onde você tem uma família, uma família. E é assim aquele corpo de Cristo que você está sempre, assim, unido... que a gente, assim, pode contar com as pessoas. Então eu vejo assim, que a gente não conseguiria, eu creio assim, viver sem uma igreja. Eu vejo igreja assim, é uma família “pra” gente, isso dá um suporte, as vezes o que a gente não tem em casa então lá é um suporte “pra” gente<sup>344</sup>.

“Contar com as pessoas”, “poder contar” e “dar um suporte” são expressões recorrentes<sup>345</sup>. Essas expressões dão significado ao sentimento de segurança que os membros têm em relação à comunidade. Numa simples ideia, pertencer à igreja traz segurança. Não se pode deixar de pensar na teoria maslowiana, que considera a existência de uma hierarquia da motivação humana, entre os quais encontram-se a necessidade do amor e a necessidade de segurança<sup>346</sup>, afinal de contas, afirmou Abraham Maslow:

Outro aspecto mais amplo da tentativa de buscar segurança e estabilidade no mundo é visto na preferência, muito comum, por coisas familiares ao invés de desconhecidas, ou pelo conhecido e não pelo desconhecido. A tendência a ter alguma religião ou filosofia de mundo que organize o universo e os homens nele em algum tipo de todo satisfatório, coerente e significativo também é, em parte, motivada pela busca por segurança. Aqui também podemos

<sup>340</sup> Cf. HENDRIKSEN, W. **Mateus**, p.323.

<sup>341</sup> IPM-1.04.

<sup>342</sup> IPF-4.02; IPF-3.07;

<sup>343</sup> IPF-3.07; IPF-2.01; IPF-3.02; IPM-4.07; IPF-4.03; IPM-3.01; IPF-4.01.

<sup>344</sup> IPF-4.02.

<sup>345</sup> IPF-2.01; IPF-3.04.

<sup>346</sup> Cf. MASLOW, A. H. **Motivation and Personality**, pp.34-46 passim. De acordo com a teoria de Maslow, a motivação humana segue a seguinte hierarquia: 1) Necessidades Fisiológicas, (2) Necessidade de Segurança, (3) Necessidade de Amor, (4) Necessidade de Autoestima, e (5) Necessidade de Autorrealização. A sanidade humana para Maslow dependeria de que todas essas necessidades fossem supridas.

listar ciência e filosofia em geral como parcialmente motivadas pelas necessidades de segurança<sup>347</sup>.

Para Maslow, há uma profunda demanda psicológica, que impulsiona o ser humano a procurar por grupos que lhe deem certo sentido de seguridade, no qual, não apenas será promovida a segurança psíquica, como também em uma grande gama de sentidos. O fato é que os membros da IP-ST têm um grande apego a ideia da comunhão dos santos, que deve ser experienciada num mútuo e recíproco relacionamento – algo perigosamente idealizado<sup>348</sup>. Entretanto, numa leitura possível das afirmações feitas pelos entrevistados, na definição da igreja como uma família existe uma perspectiva negativa e perigosa. A família, como presente na época atual, pode denotar um sentido outro que ao sentido proposto pela Escritura e pela tradição cristã.

O sociólogo Zigmund Bauman demonstrou que, por mais que os laços familiares no passado pudessem representar todo tipo de segurança aqueles que pertenciam a uma determinada família ou clã, a liquidez dos afetos – especialmente aqueles que serviam para selar tais laços – tem contribuído para a fragilização das relações sociais, em geral, e não apenas as relações familiares na líquida era moderna<sup>349</sup>. Aplicando a visão baumaniana ao ambiente eclesial da IP-ST, percebe-se que os frágeis laços da unidade cristã têm a necessidade urgente de ser fortalecidos. O esforço utilizado será na tentativa de manter a máxima coesão possível. Assim, é admissível que uma percepção mais exclusivista e minimizada de família possa enfraquecer a ideia bíblica da própria realidade da unidade da igreja. Não é estranho perceber que idealização de um conceito de comunhão e amor que os membros da IP-ST identificam não são tão plenos como deveriam ser<sup>350</sup>. Há nisso um idealismo diagnosticável em diversas falas de entrevistados, numa

<sup>347</sup> MASLOW, A. H. **Motivation and Personality**, p.50.

<sup>348</sup> IPF-3.07; IPM-4.02; IPM-4.03;

<sup>349</sup> Cf. BAUMAN, Z. **Amor Líquido**, p.7. Em nossa era, a premissa de que tudo que é sólido desmancha no ar vem despojada de ilusões, a partir de um desenvolvimento desenfreado, na busca pelo acúmulo de riquezas e desregulamentação da vida e das instituições, que colocam em questão a crença de que a modernidade esteja pautada unicamente pela certeza e estabilidade. Para Bauman, na modernidade em sua versão líquida, tudo é volátil, as relações humanas e a vida em conjunto (como as relações familiares, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante), perdem consistência e estabilidade. Cf. SILVA, R. B.; MENDES, J. P. S.; ALVES, R. S. L. **O Conceito de Líquido em Zygmunt Bauman**: Contemporaneidade e produção de subjetividade. In: **Athenea Digital**, 15(2): 249-264 (julio, 2015). Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v15-n2-silva-mendes-alves>>. Acesso em 03 set. 2019.

<sup>350</sup> IPF-1.03. IPF-1.01; IPM-5.02.

esperança frustrada de que, na igreja, deveria existir uma harmonia tal entre os seus membros, como se a Igreja fosse uma *ecclesia sancti*, expressada em uma perfeita e harmoniosa união e irmandade. O que se verifica, contudo, a partir do olhar pastoral, é a incapacidade da própria comunidade em manter essa comunhão e viver esse amor tão almejado<sup>351</sup>.

A segunda metáfora utilizada pelos membros da IP-ST para apresentarem a sua percepção de igreja é a imagem da igreja como o corpo de Cristo<sup>352</sup>. A Igreja, seja em seu caráter universal ou local, é o corpo de Cristo (cf. 1Co 12,27; Ef 4,12)<sup>353</sup>. Existem duas dimensões presentes nesta metáfora. A primeira que, como corpo de Cristo, a Igreja se encontra num íntimo e profundo relacionamento com Jesus Cristo, o seu Cabeça. Tão íntimo e profundo é esse relacionamento que é possível considerar que a linguagem paulina conecta a cristologia e a eclesiologia numa coisa só<sup>354</sup>. Para Herman Ridderbos, a ideia da Igreja como corpo de Cristo, “explica em mais detalhes o significado da Igreja como povo de Deus. Descreve o modo cristológico de existência da Igreja como povo de Deus; fala do vínculo especial com Cristo que ela possui como povo de Deus e nova Israel”<sup>355</sup>. Desta forma, essa compreensão tem a ver com a relação vital que a igreja possui com Jesus Cristo.

Entretanto, noutra dimensão, a igreja como corpo de Cristo apela para o entendimento da unidade entre suas partes (cf. Rm 12,3ss; 1Co 12,12-13)<sup>356</sup>. A despeito das dificuldades dessa última compressão, os membros da IP-ST que foram entrevistados quando se referiam a Igreja como o “corpo de Cristo”, foram unânimes em pensar no relacionamento fraterno entre eles. Desta maneira, a igreja enquanto corpo de Cristo são as “pessoas envolvidas num esforço comum e esse esforço necessariamente está em buscar a Deus e honrar a Deus no mundo”<sup>357</sup>. Observa-se nessa questão o forte interesse que a membresia da IP-ST tem pelo tema

<sup>351</sup> IPF-1.01.

<sup>352</sup> IPF-4.02; IPF-3.04; IPF-1.04; IPF-1.01; IPF-1.03; IPM.4.03., IPF-2.02;

<sup>353</sup> CFW, BERKHOF, **Teologia Sistemática**, p.552; WIDENHOFER, **Eclesiologia**. In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol.2, p.90-91

<sup>354</sup> SCHMIDT, K. L. **Igreja**. In: KITTEL, G. (Ed.). **A Igreja no Novo Testamento**, p.26.

<sup>355</sup> RIDDERBOS, **A Teologia do Apóstolo Paulo**, p.409.

<sup>356</sup> Cf. DUNN, J. **A Teologia do Apóstolo Paulo**, p.464.

<sup>357</sup> IPF-2.02.

comunhão dos membros do corpo, que é diferente da comunhão com o seu Cabeça<sup>358</sup>.

Outra metáfora sobre a Igreja, embora não bíblica, mas que implicitamente os presbiterianos em Santa Teresa utilizaram foi a da igreja como uma escola<sup>359</sup>. A metáfora da Igreja como mãe e mestra dos filhos de Deus é conhecida no ambiente teológico. O próprio Calvino admitia a realidade dessa figura<sup>360</sup>. Mesmo que não de maneira explícita, os presbiterianos teresenses, de modo geral, são motivados pelo aspecto didático-pedagógico dos cultos e demais processos evangelizadores, entendem que o grande propósito da igreja está vinculado com o processo ensino-aprendizagem do conteúdo da fé<sup>361</sup>. E isso tem a ver, em grande parte, com a influência do humanismo sobre os fundadores da tradição reformada<sup>362</sup>. O comentário que Jesús Larriba faz ao modo como Calvino assumia a figura da igreja como mestra dos filhos e filhas de Deus é ilustrativa neste momento. Ele afirma:

É significativo que Calvino expresse a maternidade da igreja com título de escola. Mas o reformador não entendia a salvação de maneira intelectual: A palavra não apenas instrui, mas também educa; ela é norma de comportamento, como manifestação da vontade Divina e, fecundada pelo Espírito, acontecimento da salvação e germen da vida<sup>363</sup>.

O lugar que as Escrituras sagradas ocupam no culto e processos evangelizadores é central na tradição reformada e presbiteriana. Como visto, a pregação e os estudos bíblicos fazem com que a igreja se torne mesmo uma “escola”<sup>364</sup>. Assim, por exemplo, há quem leve papel e caneta para os cultos, a fim

<sup>358</sup> Embora, para Ridderbos, como teólogo reformado, esse é um conceito inadequado, “porquanto, os crentes, juntos, não constituem um corpo pelo fato de serem membros uns dos outros, mas porque são membros de Cristo e, assim, são um só corpo nele” (Rm 12,5; 1Co 6,15). Cf. RIDDERBOS, **A Teologia do Apóstolo Paulo**, p.421.

<sup>359</sup> IPF-4.01; IPF-3.04; IPM-5.02; IPF-4.03,

<sup>360</sup> A Igreja é conhecida desde Cipriano de Cartago como mãe. Para ele, “*Habere jam non potest Deum patrem, qui Ecclesiam non habet matrem*” [Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe], cf. S. CYPRIANUS EPISCOPUS CARTHAGINENSIS. **Liber De Catholicae Ecclesiae Unitate**. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/20\\_30\\_0200-0258-Cyprianus\\_Carthaginensis,\\_Sanctus.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0200-0258-Cyprianus_Carthaginensis,_Sanctus.html)>. Acesso em 25 set.2017. Como falou o papa João Paulo II na Encíclica Mater et Magistra: “Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja Universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que todos, vindo no seu seio e no seu amor, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e penhor seguro de salvação”. JOÃO XXIII. Encíclica Mater et Magistra. §1. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/johnxxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jxxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html#\\_ftnref1](http://w2.vatican.va/content/johnxxiii/pt/encyclicals/documents/hf_jxxiii_enc_15051961_mater.html#_ftnref1)>. Acesso em 21 de abril de 2018. Cf. CALVINO, J. **IRC**, IV.1.1.

<sup>361</sup> IPF-4.03; IPM-3.01 p.; IPF-3.04; IPM-4.05; IPF-4.01.

<sup>362</sup> Entre esses fundadores é possível citar: Ulrich Zwinglio, Johannes Oecolampadius, Martin Bucer, Wolfgang Capito e o próprio João Calvino.

<sup>363</sup> LARRIBA, J. **Eclesiologia y Antropolgía en Calvino**, pp.213-214.

<sup>364</sup> IPM-4.08, p.27-28: “Você indo são momentos que você “tá” ouvindo uma lição, uma passagem bíblica, aquilo ali está refazendo sua vida espiritual, você tá se enriquecendo. Então, você além da

de tomar notas seja dos sermões, seja dos estudos bíblicos ou doutrinários. A salvação não é conquistada pelo conhecimento adquirido pelos membros, é um ato da graça de Deus por meio da fé por ele concedida (cf. Ef 2,8-9). Todavia, não se deve esquecer que “a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17 BJ). Por outro lado, Larriba apresenta o entendimento que os presbiterianos em geral têm das Escrituras. É sobre esse fundamento dos apóstolos e profetas que a igreja e os seus membros são edificados e preparados para lidar com o cotidiano de maneira a expressar a glória de Deus, finalidade precípua do ser humano<sup>365</sup>.

Em quarto lugar, a igreja é vista como uma comunidade adoradora<sup>366</sup>. Se a finalidade maior do ser humano é glorificar a Deus, o culto é uma das mais importantes formas de render o reconhecimento dos santos e divinos atributos do Deus Criador-Redentor, validando a afirmação de Karl Barth: “Mas o serviço da igreja [culto] é a coisa mais importante, relevante e majestosa que pode acontecer na terra, porque seu conteúdo primário não é obra do homem, mas obra do Espírito Santo e, conseqüentemente, obra da fé”<sup>367</sup>.

Aqui a atenção deixa a comunidade de pessoas e se volta para o ambiente ou o espaço onde essa comunidade se reúne. O momento do culto e da adoração assume impressões próprias para cada um dos seus participantes. O culto poderá ser o momento de “recarga de baterias”<sup>368</sup>, de momento de aprendizado<sup>369</sup>, de êxtase<sup>370</sup>, de contrição, entrega e reflexão<sup>371</sup>. Chama a atenção que os entrevistados dão maior importância aos benefícios que o culto pode oferecer do que a razão dele acontecer, isto é, a atualização da obra redentora de Deus por meio de Jesus Cristo. Os efeitos da adoração são aqueles que podem ser aproveitados pelos adoradores e não a glorificação e rendição da vida ao Deus Trino e Uno.

---

comunhão com os irmãos, que nos fortalece muito, a comunhão com Deus é muito mais e ela se torna muito importante. [...]. E sempre com... eu chego até comentar com o pastor ou com alguém, a gente muitas vezes, num sermão, a gente não vai captar 80% do sermão, mas se captar, por exemplo, 2% já nos santifica muito”.

<sup>365</sup> Cf. CMW/BCW, Q-R 1.

<sup>366</sup> IPM-405.

<sup>367</sup> BARTH, K. *The Knowledge of God and the Service of God.*, p.198.

<sup>368</sup> IPM-4.02.

<sup>369</sup> IPF-2.01; IPF-3.04; IPF-1.04; IPF-1.01: “os cultos também, porque muitas vezes são... os sermões é... eles trazem... parece que o sermão foi feito pra gente, que o que a gente precisava ouvir naquele dia, o pastor fala”. IPM-5.02.

<sup>370</sup> IPF-3.06.

<sup>371</sup> IPM-405.

Por fim, membros da IP-ST consideram a Igreja como uma agência missionária<sup>372</sup>. Aqui o sentido é um tanto diferente do entendimento católico, para o qual a “igreja é missionária” (AG, 2). O entendimento protestante e presbiteriano tem uma tendência em dissociar a ideia de que a igreja é, em si mesma, missionária, considerando o conceito de missão cristã como uma entre as várias possibilidades de ação da igreja; neste caso específico, as missões estrangeiras ou transculturais. A tendência comum é pensar a Igreja como uma organização que faz missão ou faz missões, como uma espécie de atividade entre outras tantas possíveis de serem realizadas, e não como sendo missão ou missionária. É nesse sentido que a igreja é vista como uma agência que pode fazer missões. De qualquer modo, a missão ou missões é básica e primariamente o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, como demonstrou um entrevistado ao afirmar:

A igreja para mim é um grupo de pessoas que têm... que “tá” no mundo fazendo a diferença, pra “tá” levando a luz de Cristo para mostrar que é diferente, fazer diferença, “pra” chegar no nosso alvo é Cristo. Levar também os outros irmãos que às vezes estão perdidos no caminho para poder alcançar a nossa meta maior, que é Cristo<sup>373</sup>.

Alguns termos importantes podem ser retirados da afirmação acima. Ao definir a igreja como “pessoas que estão no mundo”, o entrevistado definiu o ambiente em que o Evangelho deve ser anunciado. Mesmo considerando que uma visão dualista possa estar implícita no termo mundo, é importante reafirmar que é ao mundo da criação que a igreja é enviada. A missão de Cristo é estar entre aqueles que eram alvo da salvação de Deus-Pai. Por “fazer a diferença”, o entrevistado está, obrigatoriamente, considerando a necessidade do testemunho que, como visto, é uma grande preocupação da comunidade presbiteriana em Santa Teresa, como modo de sinalizar o Evangelho. E por fim, “levar a luz de Cristo” nada mais é do que ser o que a igreja deve ser “luz do mundo” (cf. Mt 5,15). Em toda esta afirmação, o entrevistado frisou que evangelizar é missionar. E isto é Igreja.

### 2.5.2

#### **As Percepções dos membros da IP-ST acerca do Mundo**

Na subseção anterior foi apresentada a percepção que a membresia da IP-ST possui acerca do conceito igreja. De acordo com o que foi posto pelos entrevistados, a igreja é uma comunidade de mútuo reconhecimento e auxílio de seus membros

<sup>372</sup> IPM-3.01.

<sup>373</sup> IPM-2.01.

que foram reunidos pela fé em Jesus Cristo para aprenderem o Evangelho e a vontade de Deus revelada nas Escrituras sagradas, com o fim de anunciá-lo e testemunhá-lo na sociedade que a cerca, que é a sua missão. Como a intenção desta tese é analisar como os processos evangelizadores determinam o modo de agir dos membros da IP-ST, o que servirá como padrão típico para determinar como os processos evangelizadores em toda a IPB, bem como qualquer outra denominação cristã, tendo como foco principal a maneira como a relação Igreja-Mundo se estabelece por meio desses processos, faz-se necessário, agora, observar o que os presbiterianos teresenses tem a dizer sobre o segundo termo desta relação, isto é, mundo.

As várias concepções presentes no termo “mundo” – o *κοσμος* (lit. *kosmos*) – exprime uma conceituação múltipla e de grande ambiguidade. A multiplicidade e ambiguidade do termo mundo pode ser percebida no próprio testemunho bíblico. No Antigo Testamento, dado a sua percepção integral da realidade “não somente falta a palavra, como também o conceito grego do *cosmos*”<sup>374</sup>. Assim, como afirma Gurht, o mundo não é encarado no Antigo Testamento como uma entidade distinta e independente do seu Criador. Antes, o mundo da criação é sempre percebido dentro de uma relação estreita com Deus<sup>375</sup>.

Porém, no Novo Testamento, por causa da necessidade real da proclamação evangélica a todas as nações, a apropriação do termo *kosmos* – e aqui admitindo como válida a tese de Enrique Dussel<sup>376</sup> – bem como o instrumental lógico de interpretação helenizado, tornou a palavra conceitualmente dissonante, não apenas no passado, mas no todo do desenvolvimento histórico da propagação da fé cristã em e com categorias dualistas, algo que não é restrito apenas à fé, mas também a própria mentalidade ocidental como um todo. Uma definição coerente, então, para o termo mundo deveria admitir, ao menos, dois sentidos.

O primeiro deles é o mundo entendido como a totalidade da criação de Deus e o cenário da sua ação salvífica. O outro sentido seria o mundo – assumindo o significado primário de *kósmos*, isto é, ordem – entendido como uma ordem rebelde

<sup>374</sup> GUHRT, J. *Kosmos*. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, p.2499.

<sup>375</sup> GUHRT, J. *Kosmos*. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, p.2499.

<sup>376</sup> Cf. DUSSEL, *El Dualismo en la antropología de la Cristiandad*, p.14.

e em oposição à Deus e ao seu Reino<sup>377</sup>. Todavia o que é empiricamente verificado no senso comum cristão, a esse respeito, é a unificação de ambos os sentidos numa “entidade” que é a antitética de outra “entidade”, a igreja. E nesses casos, algumas afirmações, um tanto “esquizofrênicas”, podem surgir, como é o caso que se segue:

O mundo que eu vejo é assim, no meu entendimento, o mundo lá fora é quando você..., nós estamos no mundo. Nós estamos no mundo, fazemos parte do mundo só que nós temos que ser diferentes do mundo. Então, eu vejo o mundo o seguinte, nós estamos no mundo, mas temos que fazer diferença no mundo<sup>378</sup>.

No caso específico dos membros da IP-ST, essa compreensão, como será vista mais adiante, segue também essa tendência com algumas variações. Como se tem procurado verificar, a compreensão que uma comunidade cristã possui de determinado conceito relacionado à fé objetiva é dependente de uma cosmovisão construída ao longo do tempo e na participação dos indivíduos nos processos evangelizadores desta comunidade. O uso e a conceituação do termo mundo nos processos evangelizadores, mesmo que o formador procure defini-lo com máxima precisão e detalhamento, não oferece nenhuma garantia que será corretamente compreendido de forma unívoca, o que gera entendimentos diversos. Desta maneira, pode ser observado que os membros da IP-ST compreendem o conceito mundo em quatro perspectivas diferentes.

A primeira e mais comum percepção da ideia de mundo é aquela que concebe o mundo como inerentemente mal, afinal de contas, o texto bíblico afirma que “o mundo jaz no maligno” (1Jo 5,19)<sup>379</sup>. Esse é o entendimento de um pouco mais de 51% dos entrevistados<sup>380</sup>. A leitura, muitas vezes acrítica, e uma interpretação acentuadamente dualista dos entrevistados apresenta uma noção de que tudo quando existe no mundo está irrevogavelmente entregue ao domínio do mal e de sua personificação, o Diabo.

Essa ideia ganha ainda mais força quando o versículo completo inteiro é lido: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5,19). De acordo com Pe. Rubio, o dualismo se percebe numa dinâmica própria, que é a

<sup>377</sup> RENZ, T. **Mundo**. In: ALEXANDER, T. D.; ROSNER, B.S. (eds.). **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**, p. 976. Cf. GUHRT, **Kosmos**, p.2497.

<sup>378</sup> IPM-4.04.

<sup>379</sup> IPF-4.02; IPF-3.03; IPF-2.05; IPF-3.01; IPF-2.03; IPM-4.01; IPF1.01; IPM-2.01; IPM-5.01; IPF-3.02; IPM-4.03; IPF-4.01; IPF-2.08; IPM-1.05; IPF-3.04; IPF-2.08.

<sup>380</sup> É interessante ressaltar que 19,35% dos entrevistados não souberam dizer o seu entendimento sobre o mundo.

“acentuação do valor do primeiro polo da relação leva consigo a correspondente depreciação do segundo”<sup>381</sup>. No caso deste versículo isso está claro. O primeiro e valorizado polo da relação existente no texto joanino é “somos de Deus”. O segundo e desprezado polo, “o mundo inteiro jaz no Maligno. Logo, tudo que é de Deus é bom, perfeito e agradável, e o mundo, que está sob o poder do Maligno (1Jo 5,19 BJ) é mau, perverso e desprezível, como demonstrado por uma entrevistada:

O que seria o mundo para você? Um nojo. Uma perdição. Por quê? Ah, porque jaz no maligno! [1Jo 5,19]. O que seria fazer no maligno para você? Ah, uma coisa muito maldita, muito ruim. Não tem nada de bom no mundo? Tem os prazeres, mas num... te leva... te leva para perdição, para a maldição. Você está ali, mas não precisa viver isso não<sup>382</sup>.

Para essa entrevistada, a ideia de mundo se refere tanto ao comportamento como a realidade em si. É possível identificar, na fala dessa pessoa, um pessimismo em relação à realidade. Nesta perspectiva, a existência humana se presta apenas ao sofrimento e experiências da vida é dor, cujo lenitivo é a igreja, como uma fuga temporária, ou, deixar essa realidade para o celeste porvir<sup>383</sup>. Nessa mesma linha, seguem outros membros<sup>384</sup>. No sentido desse entendimento, a realidade da existência no mundo, enquanto sociedade e cultura, configura-se num desafio de rejeição e desprendimento das coisas do mundo (cf. 1Jo 2,15)<sup>385</sup>. Mais do que isso,

<sup>381</sup> RUBIO, A.G. **Unidade na Pluralidade**, p.81.

<sup>382</sup> IPF-3.04.

<sup>383</sup> Para Antonio Gouvêa Mendonça descreve como escapista a teologia presbiteriana, cujas maiores ambições eram salvar as almas do inferno e fazê-las ansiar pelo céu. O dualismo eram uma das forças desse modelo de pregação. A própria hinódia protestante tradicional expressava e ainda expressa um desejo pelo que é espiritual e transcendente, pelo “reino que não é deste mundo”, mas é do céu. O desprezo pelo que é “material” e “pelas coisas desse mundo” – o que nem sempre está claro que coisas são essa – era e continua sendo parte da pregação protestante brasileira e mesmo presbiteriana. É passível de nota o fato que a entrevistada é bisneta de um dos pioneiros do presbiterianismo no Leste de Minas e no Espírito Santo e, por via de tradição, sua percepção da realidade é exatamente a mesma de seus antepassados. Não obstante é interessante considerar que o título do livro de Mendonça é devido ao refrão de um hino muito cantado nos primórdios, que dizia: “Vou morar, vou morar, nessa terra, celeste porvir” (2x). Cf. MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, pp.102-104.

<sup>384</sup> IPF-1.04: “O que é o mundo para você? Uma “doidera”! Por quê? Porque... acho que, é engraçado que a medida que você vai crescendo, amadurecendo, vivendo outras coisas, outros ambientes, você vai vendo que é tudo contorcido, você vê que é tudo errado! Você vai vendo ali, é corrupção, é... o pessoal dando, digamos..., forjando, de novo, forjando uma coisa, sei lá, imposto, sabe? Ou deixando de pagar alguma coisa, ou, é... aquelas leis que se contradizem; o pessoal vai inventando mais leis ainda para tentar tapar os buracos. Mas só que, no final das contas, isso não dá em nada. Porque, sei lá, o pessoal é muito...muito falso, muito mentiroso”. IPM-5.01: “O mundo, eu entendo o seguinte, é..., se a pessoa abusar do mundo lá fora ele... ele tá na barreira do espinhaço lá, pra cair lá no fundo do poço e não voltar mais. Aí que é o perigo do ser humano. É muita mordomia que tem lá fora e tem que se pegar nesse momento com Deus e enfrentar as dificuldades. E um por outro, um ser humano por outro”.

<sup>385</sup> IPM-3.03.

torna-se uma exigência o desligamento no maior grau possível de todos os ambientes e práticas que possam ser consideradas, pejorativamente, mundanas. Procura-se, neste sentido, construir toda uma realidade eclesial alternativa à realidade mundana, guetos, onde se pensa haver segurança das diversas influências do mundo.

A segunda percepção de mundo, assumida pelos membros da IP-ST, é o que será chamado aqui de realidade dúplice, que corresponde a 22,58% dos entrevistados<sup>386</sup>. Deve-se entender por realidade dúplice aquela ideia exposta no início desta subseção, isto é, que o mundo é ao mesmo tempo pertencente a Deus e alvo do seu amor e graça (Sl 24,1; 89.11; Jo 3,16-17; 12,47), e por isso, deve ser amado pela igreja, mas também é ambiente de oposição contra Deus, por isso, deve haver prudência em relação ao trato com o mundo (cf. 1Jo 2,15). A justaposição dessas duas realidades é sustentada dialeticamente pelo conceito neotestamentário de mundo, o que permite, por um lado, olhar para o mundo e perceber essas duas realidades, de modo que, não há um desprezo por tudo o que existe, porque Deus se fez salvador do mundo (cf. Jo 3,16). Porém, por outro lado, admite-se que o mundo é um espaço de domínio maléfico, assim como definiu um entrevistado que, ao ser questionado sobre a sua compreensão do termo mundo:

É, mundo, o mundo é difícil de definir de definir sem ler essa palavra dentro de uma frase, porque mundo pode ser pessoas, o mundo pode ser coisas contrárias a Palavra de Deus, contrárias a sã doutrina são qualificadas como mundo. Mundo tem nuances diferentes independente, ou melhor, depende apenas da frase onde ele tá colocado para você entender a conotação do quê que é. Mas, em suma é isso, mundo é pessoas, mundo é... “Deus amou o mundo de tal maneira”, amou pessoas. O mundo é sistema de coisas que vai passar que a Palavra de Deus diz que o mundo vai passar, a terra vai passar. E tem o mundo que é tudo aquilo que é contrário a sã doutrina que é o... onde as pessoas que não têm compromisso com Deus, têm compromisso com esse mundo<sup>387</sup>.

Como já dito, essa percepção é uma mera justaposição que não supera o dualismo<sup>388</sup>. Garcia Rubio considera que essa é uma tentativa sincera de ruptura do dualismo. Porém, essa tentativa se dá em âmbito mental<sup>389</sup>. Ela se torna estéril, porque a justaposição dá conta de criar a ruptura do dualismo. É o que o entrevistado demonstra: “o mundo pode ser pessoas ou um estado de coisas, pode ser bom, pode ser mal e, no fim das contas, Deus não tem nenhum compromisso com esse mundo”.

<sup>386</sup> IPF-4.03; IPF-2.01; IPF-2.02; IPM-1.03; IPM-1.01; IPF-4.04; IPF-2.06.

<sup>387</sup> IPM-4.02.

<sup>388</sup> Cf. RUBIO, A.G. **Unidade na Pluralidade**, p.83.

<sup>389</sup> RUBIO, A.G. **Unidade na Pluralidade**, p.83

Ainda prevalece a rejeição, a oposição-exclusão entre a igreja e o mundo, e o consequente desinteresse por este último.

Numa terceira percepção, um pouco mais de 6% membresia da IP-ST entende que o mundo é a simples realidade humana<sup>390</sup>. O mundo, mesmo em meio a todas as suas vicissitudes, é o espaço da vida humana. Mesmo a efetividade do pecado e do mal não deveria descaracterizar o fato de que o mundo é criação de Deus e, portanto, há nele os sinais da sua graça, presentes na realidade mundana, como demonstrou certa entrevistada:

O que você entende como o mundo? A gente vive no mundo [risos]. A gente “tá” no mundo, igreja “tá” no mundo. O mundo para mim é tudo isso que a gente vive, a gente vai, volta, vem, viaja, vai para lá, vem para cá e essa participação com amigos, com vizinhos, essa... isso é um o mundo. O mundo não é mau? A Bíblia fala que o mundo jaz do maligno [1Jo 5,19]. Mas o mundo em si, eu acho que não é mau não. Tem...tem as consequências da maldade, porque o mundo jaz no maligno [1Jo 5,19]. Então, mas existem muitas pessoas estão boas ao nosso redor... as pessoas que convivem com a gente, a gente sabendo de escolher as pessoas “pra” convivência, a gente tem a vida boa e pode dizer que não é mal, o mundo não é mal<sup>391</sup>.

A simplicidade da opção pela convivência com as pessoas faz perceber que são necessárias grandes demonstrações teóricas para se determinar os aspectos positivos presente na realidade mundana. Isso reafirma que os indivíduos são os responsáveis pelo mundo e pelo seu destino. O afastamento da humanidade de Deus continua sendo um problema, porém, essa é uma decisão de responsabilidade pessoal, da mesma forma que seguir Jesus Cristo também é um ato de responsabilidade<sup>392</sup>.

A quarta perspectiva, com porcentagem igual a anterior, os membros da IP-ST observam e entendem o mundo, é a ideia que o mundo é um processo existencial bom e necessário para o ser humano<sup>393</sup>. Neste modo de se perceber o mundo, não se nega nem as desventuras e vicissitudes e nem suas alegrias e conquistas da existência. Não se sacraliza e nem se demoniza o mundo. Ao contrário, nessa visão o que se percebe são os elementos de um desterro em meio um vale de lágrimas, como é dito na Salve Rainha<sup>394</sup>, mas que é algo necessário de ser vivido para se

<sup>390</sup> IPM-3.01; IPF-2.04.

<sup>391</sup> IPF-4.03; IPF-1.04.

<sup>392</sup> IPF-2.01.

<sup>393</sup> IPM-3.03; IPM-3.04.

<sup>394</sup> Para leitores protestantes, a Salve Rainha é uma oração mariana atribuída a Bernardo de Clairvaux (1090-1153), da Ordem Cisterciense, que diz: “Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois advogada nossa, esses vossos olhos

alcançar um bem maior. A existência mundana no mundo é o que faz da humanidade humana e não outra coisa. Nas palavras de uma entrevistada, saber viver é preciso<sup>395</sup>. Disso se infere a responsabilidade diante do modo como a experiência do existir será feita. Assim, essa mesma entrevistada, resume que de uma “vida mundana”, que é descrita por ela como bebedeira, farra e adultério, deve haver distância por parte do cristão, mas, fora isso, o mundo é muito bom<sup>396</sup>. O que se percebe aqui é justamente o sentido que as Escrituras exigem (cf. 1Co 6,15-20; Ef 4,1-20; 1Jo 2,15).

Há, porém, que se admitir a possível existência um influxo de viés tipo kardecista, que considera a existência humana como uma necessidade para o aprimoramento espiritual<sup>397</sup> – ou numa missão, que nada tem a ver com a missão cristã<sup>398</sup>. Por necessidade, em seu sentido filosófico, é tudo “o que não pode ser de outra maneira ou aquilo cuja contraditória é impossível”<sup>399</sup>. A vida humana não é necessária nesse sentido. O ser humano é chamado a existência para um relacionamento com Deus, a fim de glorificá-lo e fazer a experiência de uma alegria eterna em Deus. A morte, como consequência desastrosa do pecado (cf. Rm 6,23)<sup>400</sup>, é revertida pela ressurreição, na Ressurreição de Jesus Cristo, a vida é restaurada para a realização do propósito divino para a humanidade e toda sua criação.

Aqui os processos evangelizadores da IP-ST falham em não conseguir demonstrar que a existência humana não está ligada a uma ordem necessária para um fim maior ou coisa parecida, mas que ela, como um todo, assume essa finalidade maior. A experiência do existir é sempre existir em Deus, em quem nos movemos, existimos e para o qual caminhamos (cf. At 17,28; 1Co 8,6). Se somos chamados a existir, o somos pela infinita graça de Deus e não porque é necessário que

---

misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria”. A descrição da condição humana como degradados em desespero no vale de lágrimas da existência humana é de uma beleza constrangedora.

<sup>395</sup> IPF-3.03.

<sup>396</sup> IPF-3.03.

<sup>397</sup> Assim afirma o Livro dos Espíritos, numa forma semelhante a um catecismo: “Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem? Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito”. Cf. KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos: Princípios da Doutrina Espírita**, p.137. Cf. IPM-4.06; IPM-4.05.

<sup>398</sup> Cf. IPM-4.05, p.

<sup>399</sup> Cf. BRUGGER, W. (org.). **Dicionário de Filosofia**, p.370.

<sup>400</sup> Cf. RAHNER, K. **Sentido Teológico de la Muerte.**, pp.52-57.

existamos. Ou como define o Catecismo de Heidelberg, quer na vida, quer na morte, pertencemos a Jesus Cristo, o Salvador<sup>401</sup>.

Por fim, a última perspectiva encontrada no âmbito da membresia da IP-ST acerca do mundo é tudo aquilo que difere da igreja<sup>402</sup>. O que chama a atenção para essa definição não tanto é o seu conteúdo, mas por causa de algumas particularidades dessas respostas, as quais trazem três aspectos complementares que soaram, de certo modo, diferente. São ela a sua opção pela oposição-exclusão, a sua mecanicidade, que demonstra uma resposta inconsciente e irrefletida, e a sua superficialidade. Se “mundo é tudo aquilo que difere da igreja” é óbvio que se está diante de uma relação definida em chave de oposição-exclusão. Sem maiores problemas essa perspectiva de mundo poderia muito bem ser somada a primeira perspectiva – o mundo inerentemente mal – apresentada nesta subseção. Percebe-se, porém, nessa resposta uma articulação tão mecânica, pobre e superficial, que se entende a necessidade de analisá-la em separado.

A afirmação é simples. Tudo o que está fora da realidade eclesial ou sagrada deveria ser considerado mundano, profano e perverso. O como se diz aqui tem maior peso do que o que foi dito. Essa é uma resposta a mecânica, quase “catequética”. Essa resposta revela claramente que não houve qualquer reflexão prévia por parte dos entrevistados. Trata-se apenas de uma resposta automática. Os processos evangelizadores neste caso não conseguiram fazer com que houvesse uma reflexão por parte desses membros. Tanto, que ao ser questionado sobre o caráter do mundo, isto é, se ele era bom ou mau, certo entrevistado se contradisse em sua afirmação inicial, pois para ele “o mundo não é mal, mas desperta o mal na gente”<sup>403</sup>.

Outra questão é a superficialidade dessa resposta - “mundo é tudo aquilo que difere da igreja”. Do que se está falando aqui? Há quase um desinteresse por

---

<sup>401</sup> Q-R, 1: Qual é o teu único consolo tanto na vida como na morte? Que eu, com corpo e alma, tanto na vida como na morte, não me pertença a mim mesmo, porém ao meu fiel salvador Jesus Cristo, que me livrou de todo o poder do Diabo, satisfazendo inteiramente com seu precioso sangue por todos os meus pecados e me guarda de tal maneira que a vontade de meu Pai celestial nem um só cabelo de minha cabeça pode cair, antes é necessário que todas as coisas sirvam para a minha salvação. Por isso também me assegura, por seu Espírito Santo, a vida eterna e me faz pronto e preparado para viver diante de sua santa vontade. Escrito por Zacarias Ursinus e Gaspar Olivianus, em 1563, por ordem de Frederico III, príncipe eleitor do Palatinado, é um dos principais catecismos da tradição reformada, sendo um dos documentos confessionais de várias igrejas reformadas na Europa continental. Cf. URSINUS, Z.; OLIVIANUS, G. **El Catecismo de Heidelberg**, pp.11-13.

<sup>402</sup> IPM-1.04; IPF-1.05; IPF-3.02.

<sup>403</sup> IPM-1.04.

definições e compreensão dos conceitos presentes na questão apresentada. Neste caso também, os processos evangelizadores não deram conta de instruir e aprofundar não apenas o conceito de mundo, mas também o conceito de igreja. Se não se tem noção do que está sendo dito, como é possível entender que a mensagem evangélica está sendo entendida?

### 2.5.3

#### **As Percepções dos membros da IP-ST acerca da Relação Igreja-Mundo**

Iniciando esta nova subseção, deve ser considerado o que foi visto nas subseções anteriores, isto é, as percepções que os membros da IP-ST têm acerca de dois conceitos centrais do objeto material desta tese, Igreja e Mundo. Admite-se que a compreensão de ambos os conceitos por parte da membresia da IP-ST é resultado dos processos evangelizadores utilizados por essa comunidade presbiteriana ao longo da sua história. Agora, far-se-á um terceiro movimento que é produto da tentativa de compreender como a igreja e o mundo, dentro da compreensão exposta pela membresia da IP-ST, poderiam ou não se relacionar. Neste momento, o interesse é aprofundar um pouco mais os termos do objeto material que está sendo investigado. Verifica-se três modelos de relações possíveis a serem estabelecidas, segundo a compreensão da membresia da IP-ST, que são as seguintes: a relação opositiva, a relação transformadora e a relação dialógica.

Em primeiro lugar<sup>404</sup>, para cerca de 32,25% dos membros entrevistados da IP-ST, a forma de relacionamento possível entre a igreja e o mundo é o que será chamado de relação opositora<sup>405</sup>. A relação opositora se define na radical experiência de separação entre Igreja e Mundo. É o caráter dualista de experiência da realidade levada às suas últimas consequências. Uma marca dessa forma de pensar é a recorrente citação ou referência ao trecho de 1Jo 5,19. “O mundo jaz no maligno” – apenas essa parte – é trazido à baila para justificar não somente o afastamento daquilo que é maligno, mas para justificar o conflito com aquilo que é

<sup>404</sup> As porcentagens alteram se for desconsiderado número dos entrevistados que não souberam responder à questão sobre a relação entre a Igreja e o Mundo, que foi o maior percentual: 38,71%. Desconsiderando esse percentual, as demais porcentagens ficam da seguinte forma: a) relação de oposição: 57,9%; b) relação transformadora: 21,05%. e b) relação dialógica: 21,05%;

<sup>405</sup> IPF-3.01; IPF-2.03; IPF-2.02; IPM-2.01; IPF-3.02; IPM-4.03; IPF-4.01; IPM-1.01; IPM-1.05; IPF-3.04; IPF-2.08.

mundano. A imagem beligerante da *ecclesia militans* está presente não apenas no ideário protestante brasileiro em geral, mas também no próprio ideário presbiteriano de maneira bem específica<sup>406</sup>. O mundo está em oposição contra Deus, como declararam os membros da IP-ST, nada mais coerente do que estar contra o mundo, como pode ser exemplificada na seguinte afirmação:

Ultimamente, eu venho pensando bastante nisso, e eu acho que vou passar a pensar iguais aos cristãos antigos. A igreja precisa se relacionar no sentido de realmente havia uma separação. Estar no mundo, mas não nele. Eu acho que a igreja hoje tem que pensar seriamente nisso, nessa separação em todos os sentidos. Desta forma, ele vai ver a diferença<sup>407</sup>.

Percebe-se o reconhecimento de dois tipos de oposição. O primeiro tipo é o que se pode chamar de oposição por negação. Esse tipo de reconhecimento opositivo que os membros da IP-ST têm acerca da relação entre a igreja e o mundo reflete claramente o caráter dualista de exclusão-oposição. A igreja e o mundo são entendidos com uma espécie de entidade que não podem conviver e que aceitação de uma dessas entidades significa a negação-exclusão da outra. Para esses membros, o mundo é visto como jazendo no maligno, portanto, toda a realidade está de alguma maneira contaminada pela maldade e pelo pecado. Mesmo aqueles que diferenciam o duplice e ambivalente sentido do termo mundo, isto é, admitem que ele é, ao mesmo tempo, criação de Deus e oposição à Deus, reconhecem apenas essa última definição para determinar a necessidade de negação do todo.

O segundo tipo desse modo de relacionamento pode ser identificado como uma oposição conflituosa. É interessante, para ilustrar essa percepção, a imagem apresentada por uma jovem entrevistada. Ela descreveu essa relação opositiva entre a igreja e o mundo, utilizando-se da imagem do jogo eletrônico Pacman<sup>408</sup>. Na “alegoria” dessa jovem, o mundo seria o Pacman e os tracinhos que são devorados pelo Pacman – “a comidinha do Pacman”<sup>409</sup> – seriam a igreja. Essa imagem demonstra um forte pessimismo em relação à igreja, que se acha impotente e passiva diante do assustador e destrutivo mundo. Não há apenas uma oposição, como na perspectiva anterior, mas uma crítica inimizade, que, por vezes é impossível de ser

<sup>406</sup> Cf. MENDONÇA, *O Celeste Porvir*, p.344-354 passim.

<sup>407</sup> IPF-4.01.

<sup>408</sup> IPF-1.04.

<sup>409</sup> IPF-1.04.

vencida e a igreja encontra-se subjugada pelo mundo<sup>410</sup>. Não apenas é impossível uma relação como é necessária uma belicosa atitude contra o mundo, sua sociedade e seus valores. Embora haja quem considere que é necessário fazer a distinção dos sentidos do termo mundo<sup>411</sup>, e concentrar o embate apenas com aquilo que “jaz no maligno”; contudo, como foi considerado, essa não é a opinião daqueles que se enquadram nesta perspectiva. Do mundo, nada se aproveita! Daí a atitude de voltar-se para si que a membresia da IP-ST apresenta demonstra o interesse de não se envolver de maneira alguma com tudo aquilo que está fora do âmbito eclesial.

A segunda relação possível entre a igreja e o mundo entre a igreja e o mundo será denominada relação transformadora-testemunhal,<sup>412</sup> contando com 12,90% dos membros entrevistados. Ideia dessa percepção é que a igreja tem a tarefa de transformar o mundo pelo testemunho do Evangelho. Fazer a diferença<sup>413</sup>. Nesse sentido, trata-se de desenvolver a missão do anúncio da graça de Deus trazida ao mundo e encarnada em Jesus de Nazaré. Da mesma forma que Jesus esteve e viveu de maneira real e concreta sua no mundo, a Igreja deve estar presente no mundo, procurando e promovendo a sua transformação, como disse certo entrevistado:

A igreja pode se relacionar com o mundo? É... no meu ponto de vista é aquilo que a própria Bíblia diz: “todas as coisas me são lícitas, mas nem toda me convém” [1Co 6,12-13]. Eu acho que o papel fundamental da igreja é estar no mundo. [Entrevistador:] Estar no mundo como? Procurando mudar o mundo você, para estar ali, procurando alertar, procurando anunciar as Boas Novas porque é a nossa missão. Você, através do seu exemplo, você dizer: “Deus me ama e é por isso que eu sou assim”. Então você acha que a relação com o mundo se dá pela evangelização? É! você tem que “tá”, é que você participa lá no mundo, está no meio lá, mas você... você não se entrega as ações no mundo<sup>414</sup>.

Para o entrevistado, “mudar o mundo” deve ser entendido no sentido da conversão de todos quantos ouvirem, das mais diversas maneiras, o Evangelho. Na

<sup>410</sup> No ideário protestante, conforme indicado por Mendonça, e que é conhecido pela teologia a Igreja é *ecclesia militans*. Como tal é acentuado o conflito no qual ela se encontra em relação ao mal, ora personificado no demônio, ora personificado com o mundo. O que Mendonça chamou de protestantismo guerreiro, um contraponto ao catolicismo guerreiro descrito por Eduardo Hoornaert, pode ser considerado nos seguintes termos: “O protestantismo guerreiro não tinha nenhuma esperança de que alguma mudança para melhor se opera se neste mundo. Portanto, não tinha sentido qualquer ação guerreira de conquista. [...] Protestantismo guerreiro não se constitui numa guerra Santa contra os infiéis, como no catolicismo guerreiro, mas numa guerra contra os poderes metafísicos nos espaços espirituais”. MENDONÇA, **O Celeste Porvir**, pp.345-346. Sobre Catolicismo Guerreiro, ver: HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**, p.315.

<sup>411</sup> IPM-3.01.

<sup>412</sup> IPM-4.01; IPF-4.03; IPF-2.01; IPF1.01.

<sup>413</sup> IPM-2.01.

<sup>414</sup> IPM-4.07.

conversão, cada ser humano é chamado responsabilmente a transmitir a diante o anúncio da Boa-Nova do Reino de Deus (cf. Mt 4,17). Para que isso aconteça, é necessário que a igreja assuma a sua função querigmática, ou seja o *kēryx*, isto é, o arauto que anuncia “em alta voz alguma notícia, para assim tomá-la conhecida”<sup>415</sup>, a Igreja tem essa função de proclamar a todas as nações a salvação de Jesus Cristo. A redenção que no Evangelho é o querigma da igreja, mas é também a sua missão. Nesse sentido, evangelizar deve ser compreendido com a chave desse envolvimento transformador.

Contudo, há uma fala que é sempre reiterada: “A igreja está no mundo, mas ela não pode se assemelhar em nada o mundo”<sup>416</sup>. Essa fala é importante porque, embora “transformar o mundo” para ser um moto de superação da dicotomia Igreja-Mundo, o dualismo continua numa forma esmaecida de dualismo. Essa fala estabelece a ideia de que igreja, chamada à missão, também é chamada à santidade (cf. Lv 11,45; Rm 6,19, 12,1-2; Ef 1,4; 1Ts 4,3; Hb 12,14; 1Pe 1,16). E “a santidade é o rosto mais belo da Igreja”<sup>417</sup>, torna-se um padrão pelo qual é medido todas as relações entre a Igreja e o Mundo, a fim de salvaguarda essa beleza. É nesse sentido que se encontra uma grande tensão entre o estar e o ser, isto é, estar no mundo e ser santo, sem se entregar ou se permitir levar pelo mal que há no mundo, mal que o próprio Cristo pediu ao Pai que a Igreja fosse livrada (cf. Jo 17,15). Pelo contrário, a Igreja deve se assenhorar da sua condição de agente transformador, como afirmou um entrevistado.

A Igreja tem que ser um agente motivador de mudanças no mundo e essa forma de agir para ser esse agente é ter uma vida de mais... mais comunhão com Deus, mais integração com a obra do Senhor, mais responsabilidade para com Deus, para com Deus, refletida na sua vida no mundo. Então é, o que eu vejo é naturalmente isso, para a gente falar sobre isso a gente teria que puxar um fio de meada mais extenso. Mas, em suma, é isso. A igreja está no mundo, mas ela não pode se assemelhar em nada o mundo. Ela tem que ser diferente, ela tem que ser aqui palavra de Cristo diz: “Vós sois o sal da terra e luz do mundo”<sup>418</sup>.

Não se assemelhar com o mundo denota e reforça as imagens que Jesus utiliza para descrever a sua comunidade de discípulos – o sal e a luz. Ambos os emblemas ou metáforas apontam para o fato que os seguidores de Jesus não podem se eximir

<sup>415</sup> COENEN, L. **Proclamação**. In: COENEN; BROWN, **DITNT**, vol.2, p.1857

<sup>416</sup> IPM.4.03; IPM-4.07.

<sup>417</sup> PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exultate**, p.11 (n.9).

<sup>418</sup> IPM.4.03.

da sua tarefa no mundo e em favor daqueles que os odeiam ou perseguem<sup>419</sup>. Assim, o sal, com sua ação antisséptica, deve preservar ou atenuar no mundo os efeitos e as consequências do pecado e do mal<sup>420</sup>. Tal como a luz, por sua vez, dispersa as trevas, a igreja deveria influenciar o mundo, assim “como uma cidade construída sobre uma colina é muito visível para permanecer despercebida”<sup>421</sup>. O fato é que a “igreja atenua o pecado no mundo”<sup>422</sup>. É a partir dessa imagem geral que a relação transformadora se torna também testemunhal.

Para a membresia da IP-ST, como visto anteriormente, o testemunho diante do mundo é uma de suas maiores preocupações. O anúncio do Evangelho, para ela, acontece principal e inicialmente pela vida no cotidiano, pelo modo de se comportar. O testemunho entra como a confirmação daquilo que se crê e se anuncia audivelmente por meio de palavras. Assim, lidar com a santidade e com o pecado, torna-se o fator que determinará o bom testemunho da fé. E, pelo bom testemunho dos seus membros, a igreja se coloca diante do mundo com a sua mensagem vivida e falada para conclamar ao arrependimento e à conversão ao Deus trino e a decisão do seguimento de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo.

Por fim, a última relação possível, de acordo com os membros da IP-ST, é uma relação dialógica, com cerca de 12,90% dos entrevistados<sup>423</sup>. Por relação dialógica, entende-se a possibilidade ou a necessidade de uma abertura ao diálogo entre a igreja e o mundo. Para esses membros, a igreja deve estar preparada para dar respostas tanto das razões da sua esperança (cf. 1Pe 3,15), como também ao desespero humano, ao invés de apenas se opor, como expressou a seguinte entrevistada:

A gente como igreja, como elementos-membros de uma igreja, nós temos que nos fortalecer mutuamente, para que a gente consiga na nossa luta pessoal combater o pecado. Mas, a igreja como corpo, embora, sim, muitas vezes ela tem que se posicionar contra, com algumas coisas no mundo, eu acho que ela deveria ter uma postura mais receptiva do que necessariamente o tempo todo de ataque<sup>424</sup>.

<sup>419</sup> Cf. HENDRIKSEN, W. **Mateus**, pp.394-395.

<sup>420</sup> ALLEN, W. C. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to St. Matthew**, p.43. Cf. HENDRIKSEN, **Mateus**, vol.1, p.395.

<sup>421</sup> ALLEN, W. C. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to St. Matthew**, p.43.

<sup>422</sup> IPM-1.02.

<sup>423</sup> IPF-4.04; IPF-2.06; IPF-2.04; IPM-1.02.

<sup>424</sup> IPF-2.02.

Essa entrevistada, uma jovem professora universitária, tem que lidar com certas situações em que alunos a procuram para conversar. Um grupo que ela exemplificou são de pessoas homoafetivas, que a procuram tanto para tratar e se aconselhar sobre assuntos acadêmicos como para falar e pedir conselhos sobre a sua conduta. O impasse surge na necessidade de acolher essas pessoas e lidar com a compreensão, baseada na sua forma de crer, que a homossexualidade não é algo normal. Ela expõe esse problema nas seguintes palavras:

E a minha postura diante disso é, como que eu vou aconselhar de uma forma profissional, sem ferir o que a pessoa acredita, sem ferir, sem fazer com que ela se sinta ferida por ter feito essa opção, ou por ter essa orientação, entendeu? Então, eu devo me relacionar com essas pessoas, eu devo respeitá-las, eu devo aceitá-las, não posso de forma alguma agredir ou, hoje em dia nem opinar, mas também eu não posso me conformar e não posso acreditar que isso é normal.

O fato é que esse membro da IP-ST não tem a resposta para sua dificuldade por uma questão bem simples. Não há diálogo apropriado entre a igreja e o mundo, no sentido de uma compreensão abrangente do que é a homossexualidade. Na melhor das hipóteses ela dependerá exclusivamente da sua própria capacidade de fazer dialogar com sua fé a realidade que ela enfrenta. E esse é apenas um exemplo de outros tantos, cujas respostas não são dadas pela IPB, pela falta de diálogo com o mundo.

Assim, outra entrevistada, ao responder à questão de como a igreja deveria se relacionar com o mundo, considerou o seguinte:

Eu acho que de forma mais ampla. Participar mais, levar mais, estar mais próximo, porque, às vezes, eu não falo por mim, porque eu, às vezes, não falo com o vizinho, com um amigo, com uma pessoa que “tá” próxima, às vezes, eu não falo do amor de Deus para com ele. Tem momentos que conversa, em situações que a gente não fala. Então, acho que a igreja deveria falar mais de Deus falar mais do amor de Deus “pra” essas pessoas que estão ao nosso redor, que às vezes a gente deixa de falar, deixa de testemunhar do amor de Deus<sup>425</sup>.

O diálogo é estabelecer uma conversa na qual as partes apresentam os seus argumentos e ideias. No caso da IP-ST, o seu argumento é único, embora a forma de dizê-lo possa ser variado: “Deus amou o mundo de tal maneira” (Jo 3,16). Para esse grupo, nas palavras da entrevistada acima, não basta apenas falar de uma distância segura ou, como o profeta Jonas, passar correndo pelo mundo e se assentar num outeiro próximo, esperando o juízo divino contra o mundo (cf. Jn 3,3-4; 4,1-11). Ao contrário, é preciso mais participação, envolvimento, proximidade e integração, se o argumento cristão quiser ser ouvido. E o que é válido para um grupo

---

<sup>425</sup> IPF-4.03.

social é igualmente válido para toda a raça humana. O Evangelho, ao ser proclamado, exige a encarnação daquele que é o seu proclamador.

## 2.6 Síntese do Capítulo

Diante do observado neste capítulo, é possível e necessário que algumas considerações sejam feitas com a finalidade de sintetizar o que foi analisado. No devir histórico, a teologia e a práxis presbiteriana sofreram transformações radicais. De uma comunidade transformadora e responsabilizada com a sociedade e o mundo ao seu redor, atendendo e imitando a própria ação de Deus no e para com o mundo, a Igreja Presbiteriana do Brasil e, por consequência, a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, enclausuraram-se em si mesmas ao longo de seus mais 150 anos, fechando-se para uma relação com o mundo, que está posto no maligno (Cf. 1Jo 5,19). Isso ocorreu por conta da influência pietista – que é totalmente diferente da influência reformada e puritana inicial. Assim, os processos evangelizadores dessa comunidade, como meio de apresentação do Evangelho, demonstraram-se incapazes no desenvolvimento de uma relação Igreja-Mundo.

Essa conclusão preliminar é alcançada ao se considerar três dados específicos, saber: a) A percepção sobre a Igreja; b) A percepção sobre o Mundo; e c) a percepção sobre as relações Igreja-Mundo. No primeiro caso, verifica-se a predominância de um fechamento ao mundo, seguido por uma compreensão do mundo acentuadamente marcada pela maldade e, por fim, uma relação Igreja-Mundo com uma tendência, ainda que não total, à oposição-exclusão no entendimento final da relação.

Desta forma é necessário pontuar o que neste capítulo foi observado.

*Os Processos Evangelizadores funcionam como produtores de uma relação oposição-exclusão entre Igreja e Mundo.* No caso específico da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, os processos evangelizadores, utilizados por essa comunidade, não têm alcançado o seu propósito. O Evangelho proclamado propicia uma visão de mundo dualista que assume dois polos distintos – básico do dualismo – que são identificados nos conceitos Igreja e Mundo. A Igreja é o povo separado de Deus. O mundo, dominado pelo mal, está em franca oposição à Igreja e, por isso, deve ser deixado de lado. Nessa perspectiva, a evangelização que é o anúncio salvador do amor de Deus para a humanidade e toda a sua criação fica restrito ao ambiente

eclesial e às inserções de uns poucos atrevidos que procuram entrar nesse espaço mundano.

*O Evangelho e o conteúdo da fé cristã são mais racionalizados do que tornados motivadores de uma práxis cristã.* Isso é consequência do caráter informativo que muitos dos entrevistados deram aos processos evangelizadores. Desta forma, a ideia do culto como adoração é suplantada pela ideia ensinar-aprender, operando numa lógica de instrução intelectual e pessoal, porém, com poucos resultados práticos. Por outro lado, o dos membros, o Evangelho não é articulado com a sua vivência cotidiana. O Evangelho não é assimilado em princípios de vida, mas em um tipo de código moral, o qual se torna um tipo de autodeterminação dos seus membros.

*O testemunho cristão é um anúncio que, por palavras ou pela vida, o Evangelho e a Fé Cristã são apresentados como algo atraente e transformador.*

*A comunhão é idealizada.* Existe um anseio por um modelo de comunhão, no qual o amor não seja menos que perfeito. Como dito anteriormente, pensa-se na igreja como *ecclesia sancti*. Deste modo, destaca-se a exigência de uma harmonia entre todos os membros, uma sociedade igualitária e fraterna, tendo como exemplo a descrição da Igreja em seus primeiros dias (cf. At. 2, 42-47; 4,32-35). Neste caso, ocorre a desvalorização do próprio sentido do que é a igreja e os seus membros que são, no aforismo de Lutero, ao mesmo tempo justos e pecadores – *simul iustus et peccatore*. Por outro lado, ainda que não se atinja a perfeição desejada, percebe-se o grande interesse pela comunhão. A ênfase na comunhão, do olhar para si mesma, faz que a comunidade perca o interesse para com o que está para fora dos muros e portões eclesiais.

### 3 Em busca de uma relação específica entre a igreja e o Mundo

Ao iniciar este capítulo, faz-se necessário retomar o que foi observado e analisado no capítulo anterior, a fim de determinar as ligações entre ambos. O propósito do capítulo anterior foi verificar, na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, e determinar que tipos de mentalidade que o Evangelho, mediado pelas ações evangelizadoras, têm sido produzidas entre os membros dessa igreja local. O tipo ou tipos de mentalidade, principalmente, no que diz respeito a relação entre a Igreja e o Mundo, questão diretamente relacionada com a própria missão cristã. É o mesmo que dizer quais são os resultados perceptíveis e passíveis de serem quantificados da evangelização realizada nessa comunidade cristã. Diante disso, deve-se retomar ao que foi pontuado ao final do capítulo anterior. Primeiramente, percebeu-se que a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa apresenta uma mentalidade dualista em chave de oposição-exclusão. Mesmo que, ora ou outra, algumas afirmações tenham tocado um tipo de justaposição dos termos da relação, essa tentativa de superação dialética é estéril, ficando apenas no campo do discurso e sem nenhuma implicação que realmente ultrapasse o dualismo.

Em consequência disso, é que há uma mentalidade tanto racionalista como moralista surge a partir dos processos evangelizadores. A Igreja Presbiteriana em Santa Teresa apresenta um laço hereditário com o protestantismo de missão, cujo ético e moral são as maiores forças que se pode obter do Evangelho ou do conteúdo bíblico como um todo<sup>426</sup>. Resultado dessa mentalidade, o testemunho serve mais para demarcar os limites e erguer os muros que separam a Igreja do Mundo – quase como o grande abismo que, na parábola, separam Lázaro e o rico (cf. Lc 16, 26). O testemunho não é inclusivo, mas excludente.

Por fim, a busca da membresia desta comunidade por se tornar uma *societas perfecta* – embora se tenha consciência esse termo esteja sendo utilizado fora do seu sentido correto – livre da influência do mundo e independente de sua história, se apresenta um desejo unívoco pela comunhão entre os membros dessa

---

<sup>426</sup> Cf. MENDONÇA, A.G. *O Celeste Porvir*, p.160.

comunidade, que faz com que a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa tenha mais interesse em si mesma do que em algo ou alguém para fora do seu portão. Por mais estranho que possa parecer, esse é entendimento típico que pode ser encontrado em qualquer estudo do presbiterianismo brasileiro; mais especificamente aqueles ligados à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)<sup>427</sup>.

Em suma, a IP-ST assume uma perspectiva dualista que, por sua vez, cria uma leitura de oposição-exclusão da realidade. Essa leitura desdenha daquilo que existe fora dos muros e portões da igreja, considerando-a má-em-si, dando um sentido negativo à cultura e à sociedade humana, fazendo com que essa igreja se volte para a sua automanutenção<sup>428</sup>.

A resultante de tudo isso é uma visão pessimista diante da realidade *extra ecclesia*, que é o mundo. Ora agressivo e impetuoso, ora gentil e necessitado do que a igreja poderia e deveria oferecer em palavras e ações, o mundo é tratado como um ente mal, compreendido como algo que a Igreja deve se afastar, para o seu próprio bem<sup>429</sup>. O Evangelho exorta a igreja a ser sal da terra e luz para o mundo (cf. Mt 5,14-16). Porém, o mundo é encarado como um inimigo que deve ser rejeitado, atacado e, na medida do possível, destruído. Estando posto no mal e entregue ao seu condenado príncipe, o diabo, não há nada, no mundo, que possa ser bom e não há nada que seja puro o suficiente para a igreja. Por isso, a única possibilidade de relação é vista no evangelismo, isto é, nas ações da igreja que estão mais interessadas na captação de novos membros que, necessariamente, apresentar o Evangelho que transforme a vida por inteiro.

Desta maneira, os processos evangelizadores se tornam meios de afirmações doutrinárias com a finalidade de oferecer instrução para a membresia, que passa a assumir uma soteriologia gnóstica, ou seja, quanto mais se conhece das Escrituras

<sup>427</sup> Cf. MENDONÇA, A. G.; VELASQUES, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, pp.32-33.

<sup>428</sup> Considera-se cultura e sociedade como dois elementos distintos e complementares. Não pretendemos considerar a prevalência de um sobre o outro, nem tampouco o que vem primeiro. Essa discussão é dos antropólogos e sociólogos. Para este trabalho importa apenas admitirmos que ambas encontram sub iudice da perspectiva dualista presbiteriana.

<sup>429</sup> Essa é a visão bem comum, cuja iconografia faz parte do ideário cristão por milênios: a fuga do mundo. É sobre isso que fala as primeiras linhas da famosa alegoria de John Bunyan (1628-1688) em *O Progresso do Peregrino*, quando o personagem Evangelista entrega ao personagem Cristão um pergaminho que diz: “Fugi da ira vindoura (Mt 3,7)” – que na alegoria significa deixar para trás tudo numa busca pela salvação pessoal. Aliás, vale relembrar, essa foi a primeira estória contada na primeira escola dominical presbiteriana em terras brasileiras.

e seu sistema doutrinário, mais é confirmada a salvação individual. A *fides quae*, aquela fé que está presente nos conteúdos comunicáveis da crença cristã<sup>430</sup>, torna-se um fim em si mesma, intelectualizada e sem repercussões na concretude da vida – quando muito moralista. Por outro lado, numa relação que, por uma lógica formal jamais poderia existir, verifica-se uma sobrenaturalização da fé – da *fides qua*<sup>431</sup>, a confiança em Deus e nas suas ações sobrenaturais – por meio da qual os processos evangelísticos se tornam como que um modo de auferir forças espirituais, para que sobrenaturalmente a existência humanada seja enfrentada, muitas vezes com um ar triunfalista – uma influência de muito tempo do pietismo, e mais recente do pentecostalismo.

Consequentemente, o dualismo se torna uma barreira à transmissão do Evangelho e da evangelização dos membros – que seccionam o ensino bíblico-evangélico, admitindo-o, interpretando-o e criando as dicotomias no discurso – ou dos demais membros da sociedade, que também são influenciados por esse mesmo modelo de visão-de-mundo. Isso se dá porque os processos evangelizadores, interpretados por essa lente dicotômica ou dualista, tornam-se incapazes de apresentar o Evangelho como ele, de fato, é. O que pode aparecer em seu lugar é um apelo às convicções corretas, mas com a prática em desajuste com o que se crê ou apelo a um tipo de comportamento de caráter moralista – do tipo “não faça isso ou não aquilo”. E, assim, o testemunho leigo não passará disso<sup>432</sup>.

Tendo tudo isso em mente, este capítulo procurará construir um modelo específico de uma relação entre a Igreja e o Mundo, que venha a servir como lentes para a leitura dessa realidade demonstrada acima, a fim de oferecer subsídio teológicos e pastorais para o trato dessa realidade. De maneira geral, este capítulo deverá oferecer uma proposta da relação entre Igreja e Mundo, apto para suplantando o dualismo que rege as mentalidades desenvolvidas por meio das ações

<sup>430</sup> Cf. BRAKEMEIER, G. **Panorama da Dogmática Cristã**, p.9.

<sup>431</sup> Cf. BRAKEMEIER, G. **Panorama da Dogmática Cristã**, p.9.

<sup>432</sup> Um exemplo disso é a história que se segue. Um membro feminino da IP-ST estava “evangelizando” uma colega de trabalho com aproximadamente 19 ou 20 anos. Essa jovem morava com o namorado a mais de um ano (algo muito comum entre os casais em Santa Teresa, tanto no espaço urbano como no espaço rural). O “evangelho” anunciado pela presbiteriana era o seguinte: “Deus não admite o concubinato. O que vocês estão fazendo é errado diante de Deus”. O resultado foi o casamento civil, vivido por dois meses, que resultou num divórcio muito complicado. O moralismo pregado atinge as ações, mas não a transformação que o Evangelho pretende realizar na vida humana como um todo.

evangelizadoras, que não são capazes de apresentar o Evangelho. Porém, não se deve pensar que essa relação entre Igreja e Mundo, e os subsídios teológicos-pastorais que surjam, a partir delas, servirão apenas a IP-ST. A construção dessas lentes deve auxiliar outras comunidades eclesiais que, porventura, estejam em condições semelhantes. Assim, para que o alcance desse modelo específico não esteja limitado ao protestantismo, a busca desse paradigma terá como base o pensamento teológico de um presbiteriano, Lesslie Newbigin<sup>433</sup>, e de um católico, José Comblin.

Metodologicamente, a investigação da obra de ambos os autores não pretende ser exaustiva, por se tratar de autores prolíficos e ecléticos – tanto Newbigin como Comblin escrevem sobre os mais variados temas teológicos, como comentários bíblicos à temas de sistemática<sup>434</sup>. Para que o objetivo deste capítulo seja alcançado, partir-se-á de obras missiológicas que contenham a forma mais coesa do pensamento desses autores. Estas obras darão a direção que, a formulação de uma relação Igreja-Mundo, como já foi dito, que supere o dualismo e ofereça uma nova proposta de visão-de-mundo, que contribua para uma evangelização mais eficaz. A essas obras especificadas de cada autor serão agregados os demais trabalhos que darão maior esclarecimento das ideias de ambos. No caso de Newbigin essa obra é *The Gospel in Pluralist Society*, de 1989<sup>435</sup>. Quanto a Comblin, a base desta análise será *A Teologia da Missão*, de 1973<sup>436</sup>.

---

<sup>433</sup> Como será visto, Lesslie Newbigin, desde a sua infância, teve uma formação presbiteriana. Ele foi ordenado ministro presbiteriano em 1936 e enviado como missionário para a Índia. Mesmo que deixe a denominação para com outros grupos cristãos formar a Igreja Reformada do Sul da Índia (IRSI), não nos parece que seja possível desvincular sua teologia e prática dos princípios presbiterianos. Isso se torna mais claro quando se observar as considerações que Andrew Stout faz acerca das características reformado-presbiterianas do bispo Newbigin. Uma dessas considerações é o julgamento de Newbigin que considerava que a estrutura eclesial presbiteriana estava mais apta para o desenvolvimento de uma estrutura episcopal capaz de promover a unidade desejada entre as diversas tradições envolvidas na formação da IRSI. Cf. STOUT, Andrew C. **a Presbyterian Bishop: Lesslie Newbigin and Reformed Ecumenism**. In: **PRO ECCLESIA**, A Journal of Catholic and Evangelical Theology, vol. 26, n.3 (2017), p.289.

<sup>434</sup> As obras de Newbigin, segundo a lista de Michael Goheen, superam os 300 volumes. De acordo com Alzirinha Rocha de Souza, o inventário das obras de Comblin, entre livros, textos, artigos atingem o número 439 obras. Cf. GOHEEN, Michael W. **“As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”**: J. E. Lesslie Newbigin’s Missionary Ecclesiology. 2000. Tese (doutorado) – Universiteit Utrecht, 2000, pp.443-462. SOUZA, Alzirinha Rocha de. **El análisis de la desconexión de sentido entre la esperanza y la acción humana, a partir de la obra de José Comblin**. 2014. Tese (doutorado) – Université Catholique de Louvain. Louvain-la-Neuve, 2014, p.335.

<sup>435</sup> Serão utilizadas as versões inglesa e portuguesa. NEWBIGIN, Lesslie. **The Gospel in Pluralist Society**, 1994. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, 2016.

<sup>436</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, 1983.

Este capítulo será composto por três seções. A primeira seção analisará a teologia de Lesslie Newbigin. Isso se deve ao simples fato de Newbigin, como protestante, ter maior proximidade com o objeto material deste trabalho. A seção seguinte trabalhará com a obra de Comblin. A última seção objetivará a construção, por meio de uma síntese possível dos pensamentos teológicos de ambos os autores aqui estudados.

### 3.1 Lesslie Newbigin: Uma relação de Contraste

Lesslie Newbigin é um autor praticamente desconhecido no cenário teológico brasileiro. Dono de uma vasta obra missiológico-teológica, Newbigin e seu pensamento teológico têm sido, ao longo dos anos, objeto de estudo em universidades e seminários teológicos em países de maioria protestante<sup>437</sup>. Um exemplo disso é a existência, atualmente, de dois centros de estudos da obra de Newbigin. O primeiro é o Newbigin Centre, ligado ao *Ridley Hall* da Universidade de Cambridge, no Reino Unido. O segundo é a *Newbigin House of Studies*, ligada a *City Church*, San Francisco, nos EUA<sup>438</sup>. Muito de sua obra é fruto das exigências do anúncio do Evangelho no subcontinente indiano, onde permaneceu durante 40 anos como missionário, das reflexões surgidas no âmbito do Conselho Internacional de Missões (CIM) e do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), e, por fim, da percepção urgente da revisão dos padrões missiológicos e evangelizadores utilizados pelas igrejas do ocidente em seus esforços missionários transculturais, bem como da necessidade de modelo para uma “nova” evangelização do ocidente. Porém, seu estudo ainda é pouco conhecido no Brasil<sup>439</sup>.

<sup>437</sup> Entre os quais podemos citar: GOHEEN, M. **As the Father has sent Me, I am sending You**: J. E. Lesslie Newbigin's Missionary Ecclesiology, 2000. DODDS, A. **The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin**, 2017 [Edição Kindle]. NICOLAISEN, J. B. **The Distinctive Identity of the Church: A Constructive Study of the Post-Christendom Theologies of Lesslie Newbigin and John Howard Yoder**, 2014. [Kindle Edition].

<sup>438</sup> Informações acerca da Newbigin House of Study, ver: <<https://newbiginhouse.org/>>. Acesso em 05 jun.2018. Sobre a City Church San Francisco, ver: <<https://www.citychurchsf.org/>>. Acesso em 05 jun.2018.

<sup>439</sup> Como dito noutra lugar, apenas três obras de Newbigin foram traduzidas para o português. Duas delas têm suas edições esgotadas – **A Igreja Missionária no Mundo moderno** (1969) e **A Religião do Homem Secular** (1969), publicadas pela Paulinas. E uma edição de **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, de 2016.

Dono de uma vasta obra entre livros e ensaios, de estudos e comentários bíblicos à tratados missiológicos. Mesmo assim a escolha de Newbigin, como objeto formal desta tese, não é uma coisa tão óbvia no Brasil. Outros teólogos protestantes poderiam mais facilmente ser invocados para referenciar a construção de uma lente de leitura, para se estudar a relação Igreja e Mundo. Por exemplo, Paul Tillich ou Richard Niebuhr oferecem modelos de posições mais conhecidas acerca de uma Teologia da Cultura<sup>440</sup>, Dietrich Bonhoeffer, cuja reflexão eclesiológica, muito além do seu tempo, ainda carece de estudo. Ou ainda, no campo da missiologia, poder-se-ia pensar em David Bosch<sup>441</sup>, cujo estudo em missiologia é um clássico para a teologia da missão. Por outro lado, o estudo de Newbigin traz um tom de novidade ao ambiente do estudo teológico brasileiro. A escolha de Leslie Newbigin, portanto, levou em consideração os elementos que constituem o seu refletir teológico, ou seja, a evangelização, a eclesiologia, a missiologia e a sua proposta de ação pastoral.

A obra de Newbigin tem um apelo prático e pastoral muito intenso. Como dito, ela surge no meio das demandas enfrentadas pelo bispo de Madras; ora no campo missionário, ora em meio aos debates junto ao Conselho Internacional de Missões. Deste modo, percebe-se que a reflexão teo-missiológica de Newbigin é profundamente contextual e existencial, apresentando uma proposta da evangelização que tem sido base para comunidades missionais – uma teologia e um movimento de igreja que, assumindo grande parte da teoria newbiginiana, propõem um modelo de evangelização contextual e dialogal com a cultura na qual, determinada comunidade eclesial possa estar inserida<sup>442</sup>.

<sup>440</sup> O próprio Newbigin aponta para Tillich e Niebuhr como bons teóricos de uma teologia da cultura em **Foolishness to the Greeks**. Cf. NEWBIGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.1.

<sup>441</sup> Cf. BOSCH, D. **Missão Transformadora**, pp. 443-608.

<sup>442</sup> Dentro do protestantismo, a ideia de uma comunidade missional é algo recente. Surge nos EUA como uma reação protestante ao conservadorismo inerte e ao liberalismo de teologia social. O termo missional é para evitar a confusão com o termo missionário, o qual denota ações realizadas pela igreja em países não-cristãos. Em geral, a marca desse modelo eclesial é o entendimento que a missão não é o que a igreja deve fazer, mas o que ela deve ser – algo muito óbvio para a teologia católica pós-Vaticano II, mas nem tanto entre os protestantes. Essas comunidades fazem a experiência de viver e participar da missão de Cristo dentro da realidade sociocultural em que encontram, buscando anunciar contextualmente o Evangelho de Jesus Cristo. E Newbigin é o pivô intelectual e prático desse modelo. Um exemplo de uma comunidade missional é a Igreja Presbiteriana Chácara da Primavera (IPB), em Campinas, São Paulo; cf. <<http://www.chacaraprimavera.org.br>>. Acesso em 30 out. 2018. Mais sobre essa ideia ver: AGRESTE, R. **O que é a Igreja Missional**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZozA87Y8v8>>. Acesso em 30 nov. 2018. Rev. Ricardo Agreste é pastor e teólogo presbiteriano (IPB). Professor do Seminário Presbiteriano do Sul, em

Portanto, nesta subseção procurar-se-á descrever e analisar o pensamento de Lesslie Newbigin a fim de alcançar o entendimento desse autor sobre a devida relação que deve existir entre a Igreja e o Mundo, a qual venha a servir como chave de leitura e julgamento da realidade observada junto à IP-ST. Para que esse objetivo seja alcançado, serão considerados quatro elementos básicos de sua teologia, os quais vem a ser: 1) A Trindade, o seu ponto-de-partida, 2) o Evangelho; 3) a Igreja; e 4) o Mundo. Por fim, através da análise desses elementos, serão apresentadas possíveis pistas para a elaboração newbiginiana da relação Igreja e Mundo.

### 3.1.1

#### Apontamentos Biográficos de Lesslie Newbigin

Lesslie Newbigin foi qualificado como um típico “Pai da Igreja”, por um de seus biógrafos<sup>443</sup>. A razão disso é que, em sua vida ministerial, Newbigin ter sido um bispo, no sentido mais estrito do termo, como foram os bispos cristãos do segundo ou terceiro século. Newbigin foi um teólogo, erudito bíblico, apologista, líder ecumênico, escritor e missiólogo<sup>444</sup>. A importância de Newbigin, para Wainwright, é tão grande que um estudo dos 10 ou 12 teólogos mais influentes do século XX, a ausência do nome do bispo Newbigin seria imperdoável. Seria

---

Campinas. Mestre em Missiologia pelo Calvin Theological Seminary, no Missouri, EUA. Sobre CTS, cf. CALVIN THEOLOGICAL SEMINARY. Disponível em: <<http://www.calvinseminary.edu/>>. Acesso em 30 out. 2018.

<sup>443</sup> Cf. WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbigin: A Theological Life**, p. v (Preface). Wainwright afirmou: “A teologia cristã é mais imediatamente prática do que uma disciplina especulativa, e tal especulação é, em última instância, a serviço da adoração correta, confissão correta de Cristo e vida correta. A prática correta exige, é claro, reflexão crítica e construtiva, e a melhor teologia cristã ocorre na interação entre reflexão e prática. É por isso que a honra, tradicionalmente dada àqueles pensadores e pregadores práticos, é designar-lhes “Padres da Igreja”. A maioria deles eram bispos que, nos primeiros séculos cristianismo, supervisionaram o ensino de catecúmenos, proferiram suas homilias nas assembleias litúrgicas, supervisionaram a vida espiritual e moral de suas comunidades, reuniram-se em conselho, quando necessário, para esclarecer e determinar a fé, e encarregaram-se da missão ao mundo, da missão evangelizadora. As oportunidades surgiram. Uma figura de comparável estatura e alcance de suas ações, no ecumênico século XX, foi Lesslie Newbigin (1909-1998)”.

<sup>444</sup> GOHEEN, M. **The Legacy of Lesslie Newbigin for Today**. In: **Reformation & Revival Journal**, v.14, n.3, 2005, p.49. Disponível em: <[https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3\\_goheen.pdf](https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3_goheen.pdf)>. Acesso em 06 jun.2018. O canadense Michael Goheen é doutor em teologia pela Universidade de Utrecht, professor na Trinity Western University e no Regent College, ambas instituições canadenses. Tem sido considerado o maior especialista da obra de Lesslie Newbigin. No Brasil, Goheen tem participado da conferência anual do Centro de Treinamento e Plantação de Igrejas (CTPI), ligado à Igreja Presbiteriana Chácara da Primavera (IPB), em Campinas/São Paulo, sendo um de seus consultores.

imperdoável a inexistência de um estudo, em língua portuguesa, que procurasse entender um pouco do pensamento newbigiano.

James Edward Lesslie Newbiggin nasceu em Newcastle-on-Tyne, norte da Inglaterra, em 08 de dezembro de 1909, numa devota família presbiteriana<sup>445</sup>. A proximidade com a Escócia, significou influência do presbiterianismo, Igreja oficial daquela nação sobre o norte inglês. Desse modo, a família Newbiggin, embora inglesa, era devotamente presbiteriana. Criado num ambiente cristão e educado em Leighton Park, uma escola Quaker<sup>446</sup>, cuja rigidez moral e o apego a espiritualidade, dava a entender que o jovem Lesslie daria continuidade à tradição religiosa de sua família. Porém, nessa escola Quaker, Lesslie teve contato com disciplinas como a Geografia. Os ventos finais do Iluminismo ainda sopravam sua influência sobre a Europa. Otimismo pelo cientificismo era um fato. A inclinação ao científico e o ceticismo diante do religioso marcou e transformou a vida de muitos jovens do início do século passado, isto também ocorreu com o jovem Newbiggin, conforme ele mesmo considerou:

Em matéria de crença religiosa, eu tinha, no final dos meus dias de escola, abandonado os pressupostos cristãos da minha casa e da minha infância. As reuniões Quakers não são o melhor caminho para o menino, em idade escolar, chegar a uma compreensão da fé cristã, embora esses caminhos tenham me dado a experiência, muito precisa, de uma espera silenciosa, humilde e atenta em Deus. As lições bíblicas eram, em geral, totalmente chatas. Porém, de meu professor de química, aprendi que “a vida é uma doença da matéria”, e por meio das minhas muitas leituras em geografia-histórica [...], imprimi uma visão amplamente determinista da história. De modo, que para mim, a distribuição de católicos e protestantes

<sup>445</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbiggin**, p.3. Maiores e mais detalhadas informações sobre a vida de Newbiggin, ver: NEWBIGGIN, L. **Unfinished Agenda: An Updated Autobiography.**, 1993; STAFFORD, Tim. **God's Missionary to Us.** In: CHRISTIANITY TODAY, December 9, 1996: 24-33; GOHEEN, M. **As the Father Has Sent Me**, 2000.

<sup>446</sup> Os Quakers (aportuguesado Quacres) foi um movimento religioso surgido na Inglaterra, no século 17. Este grupo também é conhecido como Sociedade dos Amigos ou Igreja dos Amigos, foi um desenvolvimento radical do puritanismo inglês, que enfatizava a experiência subjetiva do Espírito Santo, o que seu fundador, George Fox (1624-1691), chamava de a Luz Interior. Fox, após uma experiência mística, em 1647, “baseava a sua fé na ideia de que Deus podia falar diretamente com qualquer pessoa”. Em meio as experiências do grupo, era comum as pessoas tremarem, daí o nome quakers, “os que tremem”, apelido dado pelos seus opositores. Além disso, os quakers adotaram “certas características, como a simplicidade no modo de viver, encorajar as mulheres a serem ministras, democracia espiritual nas reuniões, obediência total à verdade, paz e fraternidade universais, independentemente de sexo, classe, nação ou raça”. Adiciona-se a isso uma forte tendência ao pacifismo. Entre os quakers famosos estão William Penn, fundador do estado norte-americano da Pensilvânia, para onde foram um grande número de quakers. Atualmente é um grupo que, teologicamente, abrange um leque de tendências desde uma teologia conservadora até uma teologia não-teísta. Cf. CAULLEY, T.S. **Espírito Santo.** In: ELWELL, W. (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, vol. II, p.58; Cf. GERMAN, T.J. **Quacres.** In: ELWELL, Walter (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, vol. III, pp.215-216.

na Europa poderia ser satisfatoriamente correlacionada com as condições climáticas das diferentes regiões desse continente. E Deus não era mais uma hipótese sustentável<sup>447</sup>.

Contudo, para o jovem e cético Newbiggin, mesmo que Deus não fosse uma hipótese sustentável, jamais julgou inválida ou desprezou a fé cristã. Ele atribuiu esse fato a influência da leitura da obra *The Will to Believe*, de William James, e de livreto presenteado aos seus pais pelo rev. Hebert Gray, pastor presbiteriano<sup>448</sup>. Desta forma, Lesslie Newbiggin jamais tratou com qualquer desdém ou censura aqueles que sustentava a fé cristã, nunca considerada por ele como algo irracional ou coisa que o valha<sup>449</sup>. Nessa condição de ceticismo, Newbiggin permaneceu até ingressar na Universidade, no ano de 1928<sup>450</sup>.

Nesse *modus vivendis*, Newbiggin deixou o norte da Inglaterra e foi para Cambridge, ao sul desse país, para estudar geografia. Os estudos iniciais de Newbiggin ocorreram no *Queen's College*, uma das faculdades mais antigas da Universidade de Cambridge, uma das mais respeitadas universidades daquele País. Em sua autobiografia, Newbiggin dá a entender que, embora a antiguidade e o reconhecimento, o *Queen's* era uma faculdade pequena, que permitia a fácil criação de vínculos de amizade com outros estudantes<sup>451</sup>. E foi justamente, por meio dos relacionamentos sociais, que o jovem Lesslie reencontrou a fé perdida. As amizades feitas por Newbiggin se tornaram determinantes para o seu retorno a fé cristã e, posteriormente, a sua inclinação e vocação ao ministério missionário.

A razão disso, é porque havia no *Queen's* um grupo do *Students Chistians Movement* (SCM), uma organização estudantil que agregava jovem estudantes cristãos, interessados no desenvolvimento das missões cristãs em terras estrangeiras<sup>452</sup>. Esse grupo organizava reuniões de estudo bíblico e de oração dentro da universidade, além de outras programações voltadas para esse público. Essas reuniões funcionavam como meio de evangelização e de cuidado espiritual para os

<sup>447</sup> NEWBIGGIN, L. **Unfinished Agenda**: An updated autobiography, p.5.

<sup>448</sup> Ibid., p.5-6. Cf.

<sup>449</sup> Ibid., p.6.

<sup>450</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbiggin**, p.3.

<sup>451</sup> NEWBIGGIN, L. **Unfinished Agenda**, p.9.

<sup>452</sup> O Student Christian Movement é uma organização estudantil fundada no final do Século XIX, e que atuava como agente de pastoral dentro das universidades inglesas. De acordo com Brian Stanley, historiador da Conferencia Mundial de Missões, de 1910, existe uma declaração feita pelo arcebispo William Temple ao secretário-geral da SCM, Tissington Tatlow, que “os membros do SCM deveriam saber que, sem o seu movimento, a Conferência de Edimburgo nunca poderia ter sido realizada, o evento que foi o maior acontecimento na vida da Igreja por uma geração”. Cf. STANLEY, B. **The World Missionary Conference – Edinburgh 1910**, pp.8-9.

estudantes. O comprometimento com a fé cristã e a prontidão em anunciá-la, somados à abertura para questionamentos difíceis e até mesmo a possibilidade de encarar alguém interessado nessa fé, mas com questões difíceis a ser respondidas, soou positivamente para o calouro Newbiggin, que já tinha feito amizade com membros da SCM. Até mesmo alguns dos líderes do grupo, faziam parte do círculo de amizade dele. A aproximação do SCM representou o ponto de transição do ceticismo para a conversão. E, mais tarde, da conversão para a vocação. Dois momentos distintos demonstram isso.

O primeiro momento está relacionado ao questionamento feito Newbiggin a um colega por nome T.H. Stuccliffe. A pergunta foi a seguinte: “Se eu quiser me tornar um cristão, por onde devo começar”? Resposta direta foi: “Compre um despertador”! A ideia por trás dessa pergunta era uma prática proposta pelo SCM, isto é, um tempo de devoção pessoal com leitura bíblica e oração<sup>453</sup>. Proposta aceita e levada a termo pelo “postulante” ao discipulado cristão, Newbiggin, ainda que com algum esforço, começou a tomar gosto pela vida devocional, mas ainda não era a sua conversão. Na sequência de sua dedicação para se tornar cristão, Newbiggin teve uma experiência mística que o marcou profundamente, fator que determinou sua conversão, como ele próprio narra:

Eu estava acordado e uma visão veio à minha mente. Era a visão da Cruz, mas ela estava abrangendo todo o espaço entre o céu e a terra, entre ideais e as realidades presentes, e os seus braços que abraçavam o mundo inteiro. Eu vi isso como algo que alcançou o desespero e a sórdida miséria humana e que ainda fez uma promessa de vitória e vida. A partir daquele momento, eu sabia como suportar as coisas quando estivesse perdido; eu sabia que seria possível começar de novo quando eu chegasse ao fim de todos os meus recursos, tanto de compreensão, como de coragem<sup>454</sup>.

É interessante que a primeira providência do convertido Lesslie foi buscar sua vinculação a uma igreja – como presbiteriano é possível que tenha se recordado do ensino da Confissão de Fé, que diz: “Fora da igreja visível não há meios ordinários de salvação”<sup>455</sup>. Em Cambridge, retornou à comunhão eclesial na Columba's Presbyterian Church. Nesta comunidade participou da classe de catecúmenos, a formação preparatória que antecede a pública profissão de fé, que é nada mais nada menos que a confirmação do batismo, dentro da tradição presbiteriana. A vida

<sup>453</sup> NEWBIGGIN, L. *Unfinished Agenda*, p.10.

<sup>454</sup> NEWBIGGIN, L. *Unfinished Agenda*, p.11-12.

<sup>455</sup> CFW, XXV:2

comunitária, então, tornou-se um elemento fundamental em sua vida pessoal e devocional como também se tornaria em seu ministério e reflexão teológica. Newbiggin descreve que, nas manhãs de domingo, ele fazia a experiência da alegria e do refrigério de Deus<sup>456</sup>.

O segundo momento está relacionado com o seu chamamento para o ministério cristão. Convertido e com as ideias alinhada ao SCM, Newbiggin desenvolveu um grau de comprometimento com essa organização estudantil, o que tornou possível o contato dele com os principais nomes ligados ao movimento missionário e ecumênico de seu tempo, como John Mott e John Mackay. O primeiro, é considerado o pai do ecumenismo moderno – ainda que a intenção inicial era a unidade dos protestantes – e foi o presidente do Congresso Missionário de Edimburgo 1910<sup>457</sup>. O segundo foi missionário presbiteriano no Peru e em outros países da América do Sul e o terceiro presidente do Princeton Theological Seminary entre 1936 e 1959<sup>458</sup>. Newbiggin também estabeleceu contato com, então bispo de York, William Temple – em 1942 se tornaria o Arcebispo de Cantuária – mais alto posto clerical do anglicanismo mundial. O então bispo Temple foi um ardoroso defensor do movimento ecumênico, tomando parte na organização do Conselho Britânico de Igrejas e do Conselho Mundial de Igreja (CMI), em 1948. O Temple também ficou conhecido por causa do seu envolvimento em causas sociais em seu ministério<sup>459</sup>. A influência desses nomes pode ser verificada em dois elementos que

<sup>456</sup> NEWBIGGIN, L. *Unfinished Agenda*, p.14.

<sup>457</sup> John Mott (1865-1955) “foi o principal arquiteto do ecumenismo do século XX. Ainda jovem, teve uma experiência de conversão metodista e se dedicou ao serviço cristão com entusiasmo e energia incomensuráveis. [...] Em 1895, fundou a Federação Mundial de Estudantes Cristãos, depois de ter fundado, em 1888, o Movimento Voluntário Estudantil, continuando até 1920 como presidente de ambos. Sua visão de transformar o mundo através da promoção do cristianismo levou à convocação da Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910. Ele esteve intimamente envolvido no planejamento dela, foi um dos oficiais presidentes e presidiu a Comissão de Continuidade. [...] Desempenhou um papel essencial na formação do Conselho Missionário Internacional, em 1921, tendo-o presidido durante vinte anos. Participou, também, das várias reuniões ecumênicas que culminaram na fundação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948, e recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1946”. PIERARD, R.V. **Mott, John Raleigh**. In: ELWEEL (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica**, vol. II, p.561.

<sup>458</sup> John Alexander Mackay (1889-1983) teve um papel importante na evangelização presbiteriana na América Latina. Tornou-se próximo de Newbiggin, tanto que a versão em espanhol de Household of God de Newbiggin foi prefaciada por Mackay. Maiores informações sobre acerca de John Mackay, ver: ESCOBAR, S. **The Legacy of John Alexander Mackay**. In: International Bulletin of Missionary Research, July 1992, pp.116-122. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/1992-03/1992-03-116-escobar.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2018.

<sup>459</sup> Arcebispo William Temple (1881-1944) foi descrito como o mais distinto sucessor de Santo Anselmo. Cf. SMITH, H. L. **Temple, William (1881–1944)**. In: HILLERBRAND, H. J. (ed.). **The**

se tornaram marca indelével na vida de Newbigin: a missão e a busca pela unidade da Igreja. A partir disso, Newbigin se tornou assíduo leitor da revista *International Review of Missions*, atualmente ligada ao CMI<sup>460</sup>.

O marco decisivo de seu seguimento de Cristo ocorreu em 1930. Em seu último ano de faculdade, e já totalmente integrado a dinâmica do SCM, convertido e influenciado por grandes nomes da missiologia e do ecumenismo de sua época, Newbigin participou do SCM Swanwick Conference, um retiro anual promovido pelo Movimento, que acontecia durante uma semana nas férias de verão. Este foi o último e definitivo marco da transformação de Newbigin. Nesse encontro ele deixou de ser apenas alguém engajado ideologicamente para se tornar alguém com a vida totalmente dedicada ao avanço missionário e à unidade da Igreja. Ao final desse encontro Newbigin teve outra experiência mística, que o marcou profundamente e deu-lhe o discernimento da sua vocação ministerial, conforme ele narra:

Havia no encontro uma tenda instalada para oração. Numa tarde, próxima ao fim da semana, eu entrei ali para orar. Ninguém mais estava ali. Enquanto estava orando, aconteceu algo que acho difícil descrever. De repente, eu sabia que tinha sido chamado e que deveria me apresentar para a ordenação. Eu jamais tinha pensado algo desta natureza. Mas, eu sabia que tinha que ser vocacionado, que isso era resolvido e que eu não poderia escapar.

Concluído a sua formação no Queen's College e após um período em Glasgow, Newbigin se apresentou e foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Newcastle<sup>461</sup>, da Igreja da Escócia. Entre 1933 e 1936, ele fez sua formação no Westminster College, também em Cambridge<sup>462</sup>. Tendo sido recebido

---

**Encyclopedia of Protestantism**, pp.436-438. “Temple assumiu compromissos com um grande número de movimentos sociais, políticos e econômicos, bem como eclesiásticos: (1) A reforma educacional: Temple foi presidente da Associação Educacional dos Trabalhadores desde 1908 até 1924, e teve influência na aprovação do Decreto Educacional de 1943. (2) A obra estudantil: Temple associou-se por longo tempo ao Movimento dos Estudantes Cristãos (SCM). (3) A renovação cristã: Temple viajou em nome do Movimento da Vida e da Liberdade, em 1918-1919, defendendo um estabelecimento reformado. (4) A justiça social e a reforma: Temple sentia atração pelo socialismo, foi amigo de R. H. Tawney por toda a vida, e membro do Partido Trabalhista por um breve período. Foi defensor ardoroso do direito de a igreja intervir nas questões sociais e econômicas, e foi presidente da organização interdenominacional Conferência sobre Política, Economia e Cidadania (COPEC), em Birmingham, em 1924. (5) O movimento ecumênico: Temple esteve envolvido desde a Conferência de Edimburgo em 1910 até à sua morte. Foi o presidente do Conselho Mundial de Igrejas “em processo de formação” (1938) e do Conselho Britânico de Igrejas (1943)”. Cf. PIGGIN, F.S. **Temple, William**. IN: ELWELL (ed.). **Enciclopédia Histórico-Teológica**, vol. II, pp.439-440.

<sup>460</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbigin**, p.4. Cf. NEWBIGIN, L. **Unfinished Agenda**, p.13: “Como um estudante de graduação do segundo ano, eu me tornei leitor da *International Review of Missions*, e a fé cristã que eu abracei era, desde o seu início, ecumênica”.

<sup>461</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbigin**, p.4.

<sup>462</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbigin**, p.4.

e aprovado pela Assembleia Geral da Igreja da Escócia, Newbiggin foi ordenado ao sagrado ministério e foi comissionado como missionário para a Índia, em 12 jul.1936. E nesse mesmo ano seguiu para a Índia, onde as novas experiências num contexto radicalmente diferente exigiriam do jovem pastor atitudes e posicionamentos que muitos julgaram e ainda julgam inconvenientes a um missionário, mas que significou o cair ou o ficar de pé o anúncio do Evangelho do Reino para testemunho de Jesus Cristo para aquela nação (cf. Mt 24,14).

Newbiggin permaneceu na Índia em dois períodos. O primeiro, que iniciou em sua chegada em 1936 até 1959. Entre 1936 e 1947, Newbiggin estava ligado à Igreja Presbiteriana escocesa. Num primeiro momento, Newbiggin e sua família se estabeleceram na cidade Kanchipuram, “uma das sete cidades sagradas da Índia, um lugar que dificilmente tem uma rua sem um ou mais templos, um lugar onde o hinduísmo era muito forte”<sup>463</sup>. Wainwright descreve, da seguinte maneira, a atividade missionária de Newbiggin:

Na cidade [Kanchipuram], com seus 70.000 habitantes e seu afluxo anual de peregrinos para o grande festival em maio e junho, Newbiggin engajou-se com os outros na pregação das ruas e na distribuição dos evangelhos; ele também compartilhou com o chefe de uma comunidade monástica hindu na liderança de um grupo de estudo semanal dedicado ao Svetasvara Upanishad<sup>464</sup> em sânscrito e evangelho de São João em grego. Como missionário do distrito, ele se comprometeu funções administrativas e lidar com emergências, além de visitar os arredores das aldeias com colegas de trabalho indianos para fins pastorais e evangelísticos, tornando seu objetivo fortalecer a liderança local nas congregações<sup>465</sup>.

Percebe-se que as demandas desse período tiveram a ver com o aprendizado do Tamil, uma das línguas oficiais da Índia, e o sânscrito, bem como do contato transcultural. Porém, chama a atenção a disposição ao diálogo inter-religioso. Durante esses quase 11 anos, tanto Newbiggin como outros missionários de diversas denominações protestantes sentiram a necessidade, até mesmo estratégica, de unificar as igrejas numa única organização.

Neste período, foi organizada a Church of South India (CSI). A índole ecumênica de Newbiggin e a necessidade do campo missionário, como já dito, que não compreendia a multiplicidade de comunidades cristãs diferentes e divergentes perceberam a necessidade de unidade institucional das denominações. A CSI foi organizada, sendo composta por presbiterianos, congregacionais, anglicanos e

<sup>463</sup> NEWBIGGIN, L. **Dear Friends**. *apud* WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbiggin**, p.5.

<sup>464</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbiggin**, p.5.

<sup>465</sup> WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbiggin**, p.5.

metodistas. Newbigin, embora presbiteriano, entendia que o episcopado histórico era um ponto importante para a unidade dos cristãos. Foi eleito bispo da nova denominação e designado para a Diocese de Madurai e Ramnad, da CSI<sup>466</sup>.

Entre 1959 e 1965, Newbigin retornou a Europa para trabalhar no Conselho Internacional de Missões (CIM), em Genebra. No CIM, ele exerceu o cargo de Secretário-Geral até a fusão do CIM com o Conselho Mundial de Igrejas, em 1965. Newbigin esteve ligado ao CIM, até a sua integração ao Conselho Mundial de Igrejas.

O segundo período foi de 1965 até 1974, quando se aposentou, retornando para a Grã-Bretanha. Nesse período, Newbigin serviu como bispo da CSI em Madras. Numa cidade com mais de três milhões de habitantes, a Diocese de Madras era composta de 110 congregações ou comunidades, que congregavam desde moradores em situação de rua, favelados até membros do governo, empresários e outras profissões mais bem remuneradas<sup>467</sup>.

Após quarenta anos de serviço missionário e pastoral na Índia, Newbigin retornou à Grã-Bretanha, em 1974. De volta a sua terra natal, o bispo Newbigin se afiliou a United Reformed Church (URC), mesmo não sendo uma denominação episcopal, e veio a ser o Moderador de Assembleia Geral dessa denominação, entre 1978-1979. Assumiu a cadeira de missiologia no *Selly Oak Colleges*, um centro multidenominacional de treinamento missionário, ligado à Universidade de Birmingham<sup>468</sup>. Dedicou-se ao trabalho pastoral, ao ensino e a produção amadurecida de seu pensamento até a sua morte, em 30 de janeiro de 1998.

Foi a partir do seu retorno à Inglaterra, que Newbigin começa a última fase do seu ministério, numa perspectiva mais apologética. A experiência missionária

<sup>466</sup> Para maiores e detalhadas informações sobre o envolvimento de Newbigin na formação e organização da Igreja do Sul da Índia, cf.: NEWBIGIN, L. **The Nature of the Unity We Seek: From the Church of South India**. In: **Religion in Life**, 26, 2 (1957), pp. 181-190; NEWBIGIN, L. **A South India Diary**, 125 pp. WAINWRIGHT, G. LESSLIE **Newbigin**, pp.81-98.

<sup>467</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Good Shepherd**, p.9-10.

<sup>468</sup> O Selly Oak Colleges foi organizado em 1906, por um grupo Quaker, e incluía as seguintes faculdades: Kingsmead (Metodista); St. Andrews Hall (Presbiteriano/Batista/Congregacional); Crowther Hall e College of the Ascension (Anglicanos); Overdale (Igreja de Cristo); Woodbrooke (Quaker). Com o passar dos anos e com poucas vocações, o custo de manutenção do Selly Oak tornou-se caro e deficitário o que levou ao fim da federação de Selly Oak. Cf. O'CONNOR, Daniel. All change at Selly Oak. In: CHURCH TIMES. (02 november 2006). Disponível em: <<https://www.churchtimes.co.uk/articles/2005/30-september/features/all-change-at-selly-oak>>. Acesso em 12 set. 2018. MOSLEY, Albert. Kingsmead 1969-77: Preparing for Mission Overseas. Disponível em: <<http://www.methodistheritage.org.uk/missionary-history-mosley-kingsmead-2004.pdf>>. Acesso em 12 set. 2018.

em campo transcultural fez que Newbigin percebesse uma mudança cultural profunda da sua terra natal. Todos os apontamentos feitos por ele acerca do processo de secularização alcançaram dimensões muito maiores do que suas previsões. A questão de Newbigin passou a ser: “O que estaria envolvido em um encontro missionário entre o Evangelho e este modo de perceber a realidade, pensar e viver que chamamos de “moderna cultura ocidental”<sup>469</sup>? Dito doutra forma, o problema de Newbigin era: Como anunciar o Evangelho num ambiente cultural não mais influenciado pelo cristianismo – a crmandade acabou, e que admitiu, como substituta seu substituto, uma cultura, que Newbigin denomina, Pós-iluminista<sup>470</sup>?

É justamente, nesse período, que Newbigin escreve as três obras mais importantes, que revelam os resultados de suas reflexões acerca da tríade missão-cultura-modernidade, que vêm a ser: *Foolishness to the Greeks* (1974), *Open Secret* (1978), e *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista* (1989) – além de uma grande número de artigos e palestras, cujo conteúdo está acessível<sup>471</sup>.

### 3.1.2

#### **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista: Ponto-de-partida para a compressão da proposta de Newbigin**

Como considerado na introdução deste capítulo, o ponto de partida para o estudo da teologia de Lesslie Newbigin – e o mesmo critério servirá para o estudo de Comblin – é a sua obra final, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, de 1989. Trata-se de uma série de palestras proferidas por Newbigin na Universidade Glasgow, em 1988. A escolha deste material se deve ao simples fato de ser ela a forma madura do pensamento deste bispo inglês<sup>472</sup>. Em todas as demais obras de caráter missiológico de Newbigin, os temas de *The Gospel in a Pluralist Society* estão presentes, principalmente as considerações e análise do autor em relação à realidade da parte Ocidental do hemisfério norte, sua cultura e sociedade. Assim sendo, as demais obras de Lesslie Newbigin serão utilizadas para tornar mais claros

<sup>469</sup> NEWBIGIN, L. *Foolishness of the Greeks*, p.1.

<sup>470</sup> Deve-se considerar que o tema modernidade e os seus derivados são objetos da reflexão teológica de Newbigin antes mesmo de retornar para a Inglaterra, como se pode observar em textos como: *Christian Freedom in the Modern World* (1937); *Can the Churches give a common message to the World?* (1953), entre outros.

<sup>471</sup> Esses artigos e mesmo alguns outros livros de Newbigin estão disponibilizados. Cf. NEWBIGIN RESOURCES. Disponível em: <<http://newbiginresources.org/category/articles/>>. Acesso em 04 jul. 2018.

<sup>472</sup> Cf. DODDS, A. *The Mission of the Triune God*, pos.70 [Kindle Edition].

alguns pontos melhor discutidos em outros textos, os quais vêm a ser: *The Household of God* (1953), *Trinitarian Doctrine for Today's Mission* [A Igreja Missionária no Mundo Moderno] (1960); *Honest Religion to Secular Man* [A Religião do Homem Secular] (1968), *Foolishness to the Greeks* (1974); *The Open Secret* (1978); entre outras obras menores, mas que trazem contributos para a compreensão do pensamento newbigiano.

Em *The Gospel in a Pluralist Society*, a tarefa proposta pelo bispo Newbigin é desconstruir a ideia de que a sociedade e a cultura, em seu momento histórico, tenha a capacidade celebrar uma condição alcançada, que desconsidera a fé cristã, com todas suas propostas salvíficas e libertadoras presentes no anúncio de Jesus Cristo e do Reino de Deus trazido por ele, e a coloque entre as demais crenças religiosas, em um nível de igualdade e de privacidade. Em outras palavras, para Newbigin, o Evangelho não pode e nem deve ser considerado como mais uma verdade entre outras tantas verdades acerca de Deus e do homem. Para ele, o Evangelho é a única verdade que deve ser dita ao mundo<sup>473</sup>.

Assim, em *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, Newbigin procura, nos cinco capítulos iniciais, não apenas delimitar o quadro contextual em que trabalharia, mas também demonstrar a fragilidade dos conceitos de sociedade pluralista e pluralismo – embora, admita, sim, a existência da pluralidade e a diversidade, as quais são muito bem-vindas<sup>474</sup>. No primeiro capítulo, o bispo Newbigin trabalha a hipótese de que numa sociedade pluralista é um conflito tenso entre o dogma cristão e a dúvida do modelo científico<sup>475</sup>. Partindo do princípio reformado-presbiteriano que a revelação de Deus se dá em duas vias – a revelação natural e a revelação especial (Newbigin chama de livro da natureza e a Bíblia, respectivamente)<sup>476</sup> – Newbigin afirma que essas duas fontes revelacionais e os modos interpretativos confirmavam uma a outra, até que a Bíblia perdeu espaço para o livro da natureza e o seu método interpretativo, uma vez que aquela foi “submetida ao escrutínio da razão e da consciência e [foi] vista como um livro cheio de inconsistências, absurdos, histórias da Carochinha e imoralidade explícita<sup>477</sup>.

<sup>473</sup> NEWBIGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, pp. 139-154 passim; NEWBIGIN, L. *Una Verdad que hay que decir*, p.37;64.

<sup>474</sup> NEWBIGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.29-30.

<sup>475</sup> NEWBIGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, pp.13-28.

<sup>476</sup> NEWBIGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.15.

<sup>477</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.15.

No capítulo seguinte Newbigin faz uma espécie de levantamento histórico-filosófico do desenvolvimento do pluralismo. Para ele, a diferenciação cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa* ensejou o ressurgimento do dualismo, já impregnado no pensamento da sociedade ocidental e no próprio cristianismo desde longa data. Neste sentido, o pluralismo admitido pela sociedade moderna assume também uma postura dicotômica e determinante. As polarizações passam a ser admitidas e o que caminhou em certa harmonia tornam-se opostas e excludentes. Essa discussão continua no capítulo terceiro, no qual, saber e crer são contrapostos como determinantes de duas esferas diferentes da realidade. O saber é objetivo e público, deve ser aceito gostando dele ou não, pois é um fato<sup>478</sup>. Por outro lado, o crer é subjetivo, objeto de escolha particular e fruto da vontade pessoal<sup>479</sup>. Por isso mesmo, não pode ser considerado algo que não deve ser apresentado como uma verdade, pois é apenas uma crença e não um fato. Acerca disso, Newbigin diz:

A desvalorização das afirmações de fé como algo meramente subjetivo (o que é verdadeiro para você talvez não seja verdadeiro para outras pessoas) envolve uma absurdidade lógica. Pressupõe a possibilidade de um conhecimento objetivo que não é conhecimento querido como verdadeiro por alguém. Essa falsa objetividade é expressa na definição de verdade por Bertrand Russell como correspondência entre crenças de uma pessoa e fatos reais essa definição é inútil, uma vez que não há como saber quais são os fatos reais a não ser pela atividade de conhecer assuntos. A definição implica um, de a parte da verdadeira situação humana de conhecer assuntos – e nenhum ponto de desse tipo está disponível<sup>480</sup>.

Newbigin desafia a cosmovisão, o ideário e a dicotomia moderna entre saber e crer. A conclusão de Newbigin é simples: “não há dois caminhos distintos para a compreensão, um sinalizado com [a placa] conhecimento e outro fé. Não há saber sempre, é o caminho para saber”<sup>481</sup>.

No capítulo quatro, intitulado Autoridade, Autonomia e Tradição, Newbigin acusa o Iluminismo e, mais precisamente, Immanuel Kant do movimento que promoveu a rejeição da tradição e da autoridade<sup>482</sup>. O Newbigin argumentou que

<sup>478</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.33.

<sup>479</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.33.

<sup>480</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.39.

<sup>481</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.52.

<sup>482</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.61. Newbigin faz referência dirá ao texto kantiano Reposta à questão o que é o Esclarecimento ao citar o *Sapere aude* (“Ouse saber”) de Horácio. É nesse texto que Kant também tece sua crítica à tradição e à autoridade presentes no cristianismo, como também Newbigin fez menção. Kant afirma: “O sacerdote está obrigado a fazer o seu sermão aos discípulos do catecismo ou a comunidade, conformidade com credo da igreja a que serve, pois foi admitido com esta condição. Mas, enquanto sábio, quem completa Liberdade, até mesmo beber, conhecimento ao público de todas as suas ideias; cuidadosamente examinadas e bem tensionadas, o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor

tanto a fé como a ciência têm a necessidade de uma tradição de caráter autoritativa, que determinem aos seus rumos e, sem as quais, ambas estariam fadadas ao colapso<sup>483</sup>. Consequentemente, verifica-se que, de acordo com Newbiggin, existe um falso conceito no pluralismo em negar a afirmação cristã do Evangelho, tanto como tradição e autoridade válidas, em detrimento da autonomia do pensamento científico, que também segue uma tradição autoritativa, mesmo que, em ambos os casos, essas tradições sejam diferentes<sup>484</sup>.

Por fim, no capítulo cinco, Newbiggin discute a razão como árbitro último da sociedade pluralista. Na destacada dicotomia criada pelo dualismo cartesiano, Newbiggin apresenta a segunda relação de oposição-exclusão que a moderna sociedade pluralista construiu ao longo dos séculos, isto é, a antagonização entre razão e revelação<sup>485</sup>. Newbiggin argumentou:

A verdadeira oposição não está entre a razão e a revelação como fontes da verdade e critérios para ela. Está entre duas maneiras pelas quais a razão é usada. Ela pode ser usada a serviço de uma autonomia que se recusa a reconhecer qualquer outra realidade pessoal a não ser a sua própria, que trata toda a realidade como algo aberto ao tipo de exploração arbitrária que é apropriada para o mundo das coisas, em que a expressão adequada é: “Eu descobri”. Mas igualmente [a razão] pode ser usada a serviço de uma atitude receptiva que está disposta a ouvir, ser desafiada e questionada por outra realidade pessoal. Nenhum desses dois tipos de atividade nós podemos nos envolver a não ser como seres racionais. Quando a razão é comparada com a revelação, os termos do debate ficaram radicalmente confusos. O que está acontecendo não é que a razão é comparada com algo que é irracional, mas que a outra tradição de argumentação racional está sendo comparada com uma [outra] tradição de argumentação racional que tem como ponto de partida um momento ou vários momentos de autorrevelação divina e que, portanto, atualmente continuar a dizer: “Deus falou e agiu”, e não: “Nós descobrimos”<sup>486</sup>.

Desta forma, Newbiggin distingue entre pluralidade, algo que é evidente e perceptível em qualquer grande centro, e pluralismo, que nada mais é que uma ideologia. Nas palavras seguintes, Newbiggin descreve o que ele entende por pluralismo e qual foi a sua intenção ao se opor a ele:

O pluralismo é concebido como sendo uma característica própria da sociedade secular, na qual não há um padrão oficialmente aprovado de crenças ou condutas. Portanto, ele também

---

instituição da essência da religião e da igreja. Nada existe aqui que possa constituir um peso na consciência. Pois aquilo que ensina em decorrência do seu cargo como funcionário da igreja, expõe-no como algo em relação ao qual não tem o livre poder de ensinar como melhor lhe pareça, mas está obrigado a expor segundo a prescrição de um outro e em nome deste. Poderá dizer: Nossa igreja ensina isto ou aquilo; estes são os fundamentos comprobatórios em que ela se serve. Tira então toda utilidade prática para a sua comunidade de prefeitos que ele mesmo não subscreveria com inteira convicção”. Cf. KANT, I. **Textos Seletos**, p.106.

<sup>483</sup> NEWBIGGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.69-70.

<sup>484</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.74.

<sup>485</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.77.

<sup>486</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.89.

é concebido como sendo uma sociedade livre, não controlada pelo dogma acento, mas caracterizada, em vez disso, pelo Espírito crítico disposto a submeter todos os dogmas ao exame crítico (e até mesmo cético). Parte da minha tarefa nesses estudos será considerar até que estas percepções são verdadeiras quais elementos do mito estão presentes nela. Isso porque é certo que o dogma é muito estabelecido apenas sucumbe ao ataque crítico quando ele se está baseado em algumas outras crenças. Críticas não são frutos de uma mente vazia<sup>487</sup>.

O pluralismo, na percepção newbiginiana, não é apenas um conceito para o agrupamento de crenças e condutas dentro de uma mesma realidade, na qual há plena liberdade para cada pessoa fazer sua própria experiência de fé, crenças ou valores. Antes, o pluralismo é expressão de pressuposições dogmáticas que se estabeleceram dentro da sociedade para julgar outros dogmas. É isso que Newbigin quer dizer com “críticas não são frutos de uma mente vazia”<sup>488</sup>. Essa análise feita na primeira parte de *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista* tem, portanto, o objetivo de considerar que há algo muito maior por detrás da dócil e gentil ideia de uma sociedade pluralista em relação ao Evangelho de Jesus.

Numa sociedade pluralista como a nossa, qualquer afirmação confiante de crença absoluta, qualquer afirmação de anunciar a verdade sobre Deus e seu propósito para o mundo está sujeita a ser rejeitada como ignorante, arrogante, dogmática. Não temos motivo algum para ter medo dessa acusação. Ela mesma se baseia em suposições sujeitas a críticas radicais, mas que não são criticados porque fazem parte da estrutura de plausibilidade predominante<sup>489</sup>.

Newbigin lança mão do conceito de estrutura de plausibilidade, utilizada por Peter Berger, para demonstrar que a sociedade pluralista não está isenta de pressupostos. Para Peter Berger, uma estrutura de plausibilidade é a reinteriorização de uma construção humana em sociedade que, exteriorizados e objetivados pelo e no grupo, dá sentido à realidade na qual se vive.

É o que se pode formular do seguinte modo: os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente. Sua realidade perdurável, quer objetiva (como a facticidade comum, aceita como óbvia) quer subjetiva (como a facticidade impondo-se à consciência individual), depende de processos sociais específicos, a saber, aqueles processos que permanentemente reconstruem a mantêm os mundos particulares em apreço. Reciprocamente, a interrupção desses processos sociais ameaça a realidade (objetiva e subjetiva) dos mundos em apreço. Cada mundo requer, deste modo, uma “base” social para continuar a sua existência como um mundo que é real para os seres humanos reais. Essa “base” pode ser denominada a sua estrutura de plausibilidade<sup>490</sup>.

É justamente essa estrutura de plausibilidade que confere legitimidade, isto é, torna as institucionalizações da sociedade objetivamente acessíveis e

<sup>487</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, pp.13-14.

<sup>488</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.14.

<sup>489</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.24.

<sup>490</sup> Cf. BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*, p.87.

subjetivamente plausíveis, de modo que essas institucionalizações se tornam fatos, óbvios e conscientes<sup>491</sup>. Assim, para Newbiggin, é imperativo que não se considere a realidade do pluralismo como uma ingênua tentativa de abrir sobre um mesmo teto crenças e valores diversos. Ao determinar o que são fatos e o que são crenças a sociedade pluralista, cria uma ruptura entre o que é “verdade pública”, ou o fato, e o que, poder-se-ia chamar, é “verdade privada”<sup>492</sup>, a crença. Esta é “a estrutura de plausibilidade predominante”<sup>493</sup>. E uma “estrutura de plausibilidade” é o correspondente, para Newbiggin, ao termo “cultura”<sup>494</sup>. Lesslie Newbiggin define o conceito cultura nos seguintes termos:

Pela palavra cultura, temos que entender a soma das formas de vida desenvolvidas por um grupo de seres humanos e transmitidas de geração em geração. A linguagem é central na cultura. [...] E deve-se incluir também na cultura, e como fundamental em qualquer cultura, um conjunto que expressa a natureza última das coisas, aquilo que dá forma e significado à vida, aquilo que reivindica lealdade final. Obviamente estou falando acerca da religião. A religião – incluindo o cristianismo – é parte da cultura<sup>495</sup>.

A cultura ocidental teria como marca o dualismo razão-fé<sup>496</sup>. O dualismo razão-fé é resultado de influências anteriores a sociedade moderna. A tradição humanista, em suas fontes gregas, romanas e estoicas, assume a razão como único órgão para se chegar à verdade<sup>497</sup>. Por outra via, a tradição espiritualista, cujas fontes são mais antigas e guardam relações com o misticismo oriental – Newbiggin utiliza a Índia como exemplo – a fonte última da verdade a ser alcançada é a experiência mística<sup>498</sup>. O ponto de contato entre ambas as tradições, na percepção newbigginiana, é

a convicção, uma suposição não questionada, de que os acontecimentos históricos não são uma fonte da verdade última. Verdade só pode ser o que é acessível igualmente a todos os seres humanos racionais a parte dos acidentes da história, por meio do exercício da razão e da experiência de contato direto com o divino<sup>499</sup>.

<sup>491</sup> BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**, p.127.

<sup>492</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.20.

<sup>493</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.24.

<sup>494</sup> É fato sabido e recorrente que o termo “cultura” é um daqueles conceitos de difícil definição. Ao definir antropológicamente pela primeira vez o que vem a ser cultura, E.B. Tylor reconheceu a complexidade do conceito, afirmando: “A Cultura é a totalidade complexa que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, a lei, costumes e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Cf. TYLOR, E.B. **Primitive Culture**, p.1.

<sup>495</sup> NEWBIGGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.3.

<sup>496</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.14.

<sup>497</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.14.

<sup>498</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.14.

<sup>499</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.14.

Cria-se, portanto, um novo dualismo em chave de exclusão a ser considerado, que vem a ser verdade-história; uma vez que o Evangelho, segundo Newbiggin, que deve ser anunciado pela Igreja, é o anúncio dos atos salvíficos de Deus [a verdade] na história humana [a história]<sup>500</sup>. Logo, ao se considerar os dualismos fato-crença, razão-fé e verdade-história, a conclusão a que Newbiggin conduz é que o Evangelho se encontra numa relação dualista de oposição-exclusão com a cultura da sociedade pluralista. Diante disso, deve-se admitir que não há apenas uma leitura eclesial e teológica em chave de oposição-exclusão entre Igreja-Mundo – entendendo aqui mundo como a soma da cultura e da sociedade, mas também o mesmo tipo de leitura é feito, isto é, uma leitura em chave de oposição-exclusão entre Mundo-Igreja. E isso é resultado da própria condição humana, isto é, o estado pleno de autocontradição, como diz Newbiggin, em que o ser humano está envolvido e que se torna um elemento cooperador na elaboração de uma visão de mundo que ignore todas as dimensões em contradição a ele<sup>501</sup>.

A contrapartida cristã para a superação dos dualismos que se opõe ao anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, ao Reino de Deus-Pai, na força e na ação do Espírito Santo está em a Igreja assumir certos entendimentos acerca de si mesma e de sua missão no mundo da cultura, ao que Newbiggin acrescenta:

Não há segredo, e de fato isso tem sido afirmado desde o início e o evangelho dá origem a uma nova estrutura de plausibilidade uma visão radicalmente diferente das coisas daquelas que formam todas as culturas humanas a parte do evangelho. Portanto, a igreja, como portadora do Evangelho vive uma estrutura de plausibilidade da qual discorda, e a qual questiona, aquelas todas as culturas humanas sem exceção. A atenção que esse desafio cria esteve presente durante toda a história da civilização ocidental<sup>502</sup>.

Assim, Newbiggin destaca quatro pontos pelos quais a Igreja é capaz de responder as críticas da cultura e se tornar testemunha fiel da mensagem que lhe foi entregue<sup>503</sup>:

- a. O dogma não deve ser confundido com meio de coerção, dominação política e negação da liberdade:

<sup>500</sup> NEWBIGGIN, **The Gospel in a Pluralist Society**, p.9.

<sup>501</sup> No livreto *Sin and Salvation*, um breve comentário acerca da doutrina da criação, queda e salvação, presente dos capítulos iniciais de Gênesis, Newbiggin considerou que o pecado introduziu na estrutura humana um sistema de contradições em relação ao seu estado antes da queda. Assim, a humanidade experimenta quatro níveis diferentes de contradição, a saber: (a) O ser humano está num estado de contradição contra o mundo natural; (b) O ser humano está num estado de contradição contra o seu próximo; (c) O ser humano está num estado de contradição interna contra si mesmo; (d) O ser humano está num estado de contradição contra Deus; Cf. NEWBIGGIN, L. **Sin and Salvation**, pp.11-14.

<sup>502</sup> NEWBIGGIN, **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.23.

<sup>503</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.24-28.

- b. A mensagem cristã não pode ser domesticada à estrutura de plausibilidade dominante:
- c. Humildade em reconhecer que, mesmo como testemunhas de Jesus, não se sabe tudo:
- d. O dogma é aquilo que é dado para ser aceito pela fé e não uma preposição eterna.

A partir do capítulo seis de *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, Newbigin retoma os principais aspectos do seu pensamento teológico e missiológico, que podem ser considerados nos seguintes tópicos: O que é a Bíblia como Revelação de Deus? (cap. 6); Qual é o propósito de Deus para sua criação e o que significa ser a Igreja o povo eleito de Deus? (cap.7); O que é o Evangelho? (cap.8-9); O que é a missão da Igreja? (cap.10-13); O que é o mundo das culturas? (cap.14-17); Como a Igreja deve agir no Mundo? (cap. 18-20).

Todas essas questões acima apontam para o modelo teo-missiológico construída por Newbigin ao longo de sua caminhada como cristão, pastor e missionário em meio aos problemas reais que ele enfrentou, seja no sul oriental seja no norte ocidental. Desta forma, admite-se que esses temas precisam ser avaliados dentro da própria dinâmica desta tese, buscando compreender, mediante essa temática, quais as contribuições que Newbigin tem a oferecer para que possa alcançar o objeto formal desta investigação, ou seja, uma específica relação entre Igreja e Mundo a partir da teologia de Newbigin, que sirva para determinar um modelo pelo qual seja possível verificar os resultados alcançados pelos processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa.

### 3.1.3

#### **Apontamentos Teológicos corroborativos para elaboração da relação Igreja-Mundo em Newbigin**

Feita essa breve introdução à vida e a compreensão geral da teologia de Lesslie Newbigin, torna-se preciso que seja considerado, ainda que não esgotando os assuntos, os principais tópicos da teologia de Newbigin que servirão para subsidiar o entendimento e a relação igreja-mundo possível de ser percebida no pensamento newbiginiiano.

### 3.1.3.1

#### A Trindade como chave-de-leitura da Realidade

Fazer teologia é algo que se desenvolve processualmente<sup>504</sup>. E esse desenvolvimento não se faz apenas por meio do aprender acadêmico, mas também por aquele tipo de aprendizagem que acontece no chão da realidade eclesial, em suas mais diversas dinâmicas. E fazer teologia também acontece por meio das articulações dos tópicos teológicos estudados e aprendidos e a sua aplicação diante dos desafios que se levantam contra o anúncio do Evangelho. Assim, as ênfases dadas em certos momentos da história, dizem respeito às necessidades de apresentar a mensagem evangélica ou ainda as exigências impostas e exigidas a apologética da Fé, algo inerente a proclamação da Boa-Nova de Deus por meio de Jesus Cristo. Tais critérios, portanto, determinam o modo como cada teólogo ou teóloga constroem o seu fazer teológico, algo que também refletirá em suas respectivas ações pastorais.

No caso de Newbigin, a doutrina da Trindade não ocupava lugar de destaque em sua reflexão teológica inicial. Em grande parte, isso aconteceu por conta da sua própria formação teológica, a qual estava determinada por aspectos do seu momento histórico e cultural. A doutrina de Deus como Trindade não ocupava lugar especial em suas aulas de Teologia Sistemática. A teologia protestante dos dias de Newbigin ainda estava sob forte influência do pensamento teológico liberal no século XIX<sup>505</sup>. Consequentemente, por conta da demanda antropológica para se entender Deus, a ênfase de sua formação foi marcadamente cristológica, uma vez

<sup>504</sup> Cf. LIBÂNIO, J.B.; MURAD, A. **Introdução à Teologia**, pp.57-59.

<sup>505</sup> De acordo com Jeffrey Hensley, “O ‘Protestantismo Liberal’ é uma designação notoriamente vaga e frouxa para uma ampla gama de pensamento cristão protestante, unificado menos por reivindicações ou doutrinas teológicas específicas do que por uma abordagem liberal, compartilhada para certos temas comuns que surgiram na teologia cristã durante o período moderno. Esse espírito compartilhado de liberalismo é caracterizado por (1) uma mente aberta e respeitosa por novos modos de pensamento nas ciências humanas e naturais; (2) uma confiança no poder da razão humana guiada pela experiência; (3) uma ênfase radical, tanto na liberdade dos dogmas tradicionais e formulações de credo e na tolerância das diferenças doutrinárias; (4) um otimismo ético e um idealismo social, baseado na benevolência de Deus e na natureza social da existência humana; e, finalmente, (5) uma busca, em meio ao contexto cultural e histórico em constante mudança, pela essência permanente do cristianismo baseado na vida, nos ensinamentos e na pessoa de Jesus Cristo. O protestantismo liberal teve seus primórdios no final do século XVIII e início do século XIX no pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834), mas atingiu sua expressão máxima nas teologias de Albrecht Ritschl (1822–1889), Adolf Von Harnack (1851-1930) e Ernst Troeltsch (1865–1923), e o Evangelho Social movimento exemplificado em Walter Rauschen-Busch (1861–1918) nos Estados Unidos. Cf. HENSLEY, J. **Liberal Protestantism**. In: In: HILLERBRAND, H. J. (ed.). **The Encyclopedia of Protestantism**, vol, p.1112.

que Jesus deveria ser entendido como um grande modelo a experiência humana de Deus.

A virada epistemológica newbiginiiana ocorreu na experiência missionária-pastoral do bispo Newbigin em terras indianas, ainda que um pouco tardiamente em relação as suas atividades pastorais. O pensamento eclesiológico de Newbigin nem sempre teve um aspecto trinitário<sup>506</sup>; embora, em *The Household of God* (1953), a doutrina da Trindade tenha ajudado a moldar o pensamento de uma eclesiologia à luz dessa doutrina<sup>507</sup>. No texto *One Body, One Gospel, One World* (1958), por exemplo, Newbigin ainda possuía uma percepção da Igreja altamente cristológica, de modo que toda a eclesiologia que ele desenvolve tem apenas a pessoa e obra de Jesus como referência da vida e ação da Igreja, a despeito dos acenos trinitários em *Household*<sup>508</sup>. Junto a essa compreensão antropológica da missão, encontra-se também certa insistência exclusivista na pessoa e obra de Jesus Cristo como fundamento do Evangelho e da missão, deixando de lado as demais pessoas da Santíssima Trindade<sup>509</sup>. Enfim, embora no início Newbigin tenha dado pouca atenção a doutrina trinitária para dar sentido a ação missionária, o fato é que ele passa a advogar essa causa<sup>510</sup>.

Para Newbigin, o modo de compreender a relação entre Igreja e Mundo somente é possível de ser vista por meio do Deus que é Trindade<sup>511</sup>, uma vez que a relação da Igreja e o Mundo acontece por meio da missão no anúncio da Boa-Nova

<sup>506</sup> Cf. GOHEEN, *As the Father has Send Me*, pp.60-65.

<sup>507</sup> Cf. WAINWRIGHT, G. LESSLIE *Newbigin*, p.177.

<sup>508</sup> Cf. NEWBIGIN, *One Body, One Gospel, One World*, pp.17-23.

<sup>509</sup> A visão eclesiocêntrica da missão baseou-se talvez com demasiado exclusivista na pessoa e na obra de Jesus Cristo, fazendo muito pouco justiça a teologia trinitária toda inteira. Cf. NEWBIGIN, *A Igreja Missionária no Mundo Moderno*, p.66. Cf. MCGRATH, A. *Christian Theology: An Introduction*, p.262.

<sup>510</sup> Newbigin após a unificação do CIM e do CMI, em 1965, procurou estabelecer sua Missiologia Trinitária como um padrão missiológico da entidade unificada, mas sem sucesso, graças a oposição de Willen Visser't Hooft, na época o Secretário-Geral do CMI. O que não impediu que Newbigin abandonasse seu entendimento. Acerca da doutrina trinitária e sua relação com a missão será utilizado o texto de Adam Dodds, *The Mission of the Triune God: Trinitarian Misisology in the tradition of Lesslie Newbigin*. Esta obra “nasceu como a tese doutorado” de Dodds, defendida em na Universidade de Otago, na Nova Zelândia. Cf. DODDS, A. *The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin.*, pos.86 [Kindle Edition]. O trabalho de Dodds tem como foco a teologia trinitária de Newbigin e sua influência na Teologia da Missão, de modo que Dodds fala sobre uma “missiologia trinitária”. Esse é o primeiro trabalho acadêmico, conforme apurado, que procurou investigar esse pressuposto presente no pensamento do bispo Newbigin.

<sup>511</sup> Serão utilizadas as seguintes obras de Newbigin: NEWBIGIN, L. *A Igreja Missionária no Mundo Moderno*, 1969; NEWBIGIN, Lesslie. *The Open Secret*, 1995.

de Deus em Jesus. Embora esse seja um tema central do pensamento de Newbigin, o mesmo só aparece pontualmente em *O Evangelho em uma Sociedade pluralista*. Porém, isso não se configura num abandono ou rejeição da importância desta temática para a sua teologia da missão.

Aliás, em um desses momentos pontuais, em que o autor faz referência a teologia da Trindade, que a afirmação mais contundente da relação entre a doutrina trinitária e sua influência na missão da Igreja surge. Newbigin afirma: “A missão da igreja deve ser entendida, só pode ser corretamente entendida, em termos do modelo trinitário”<sup>512</sup>. Esse é um eco cuja origem remonta a *The Mission of the Triune God*, de 1962<sup>513</sup>. Nesse texto, fazendo uma considerável análise contextual da ação missionária no mundo do seu tempo, Newbigin considerou “o fato de que quem sai da ‘cristandade’ para anunciar o evangelho entre os não-cristãos faz logo a experiência de que a doutrina trinitária não pode ser absolutamente posta de lado, antes constitui necessariamente o ponto de partida de qualquer anúncio [ou seja, a pregação]”<sup>514</sup>.

O que é possível verificar é que a missão do Deus Uno e Trino e a mensagem que anuncia essa missão, presente no evangelho, exigem a trindade. Nem a mais simples pregação missionária não poderá abrir mão desse peculiar entendimento de Deus<sup>515</sup>, dado que a doutrina cristã de Deus, em qualquer de suas tradições, apenas pode ser respondida através da doutrina da Trindade, como afirmou Barth<sup>516</sup>.

Assim, partindo dessa premissa básica, Newbigin pode afirmar, como o fez, que “a missão da igreja só pode ser corretamente entendida em termos do modelo trinitário”<sup>517</sup>. A partir disso é preciso que entenda o modelo trinitário que Newbigin tem em mente. Goheen esclarece que existe uma equivalência entre a expressão modelo trinitário, muito utilizado por Newbigin, e o conceito, muito mais conhecido e pouco utilizado pelo bispo de Madras, *missio Dei*<sup>518</sup>. Desta maneira,

<sup>512</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.158.

<sup>513</sup> *The Mission of the Triune God* foi traduzido para o português, a partir de uma versão alemã, pela editora Paulinas em 1969, sob o título *A Igreja Missionária no Mundo moderno*, e ambos os textos serão utilizados nesta tese.

<sup>514</sup> NEWBIGIN, L. *A Igreja Missionária no Mundo moderno*, p.70; NEWBIGIN, L. *The Mission of the Triune God*, p.12. Disponível em: <<http://newbigindotnet.wpengine.com/wp-content/uploads/2016/12/62mtg.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2018.

<sup>515</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *The Mission of the Triune*, p.12.

<sup>516</sup> Cf. BARTH, K. *Church Dogmatics*, I/1, p.301.

<sup>517</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.158

<sup>518</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.115.

como misso Dei que é um conceito que, inicialmente, atribui a missão como obra de Deus e, por isso mesmo, é o seu senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante; enfim, o sujeito ativo da missão<sup>519</sup>. De igual modo, o que Newbigin chama de modelo trinitário assume a mesma definição, apenas determinando de maneira mais enfática que esse Deus é Uno e Trino. Portanto, é preciso que se parta da noção newbiginiana do Deus Uno e Trino como chave interpretativa da realidade, conforme considera o bispo Newbigin, para que seja possível compreender o restante do seu pensamento e encontrar nele os princípios da relação igreja-mundo que se busca por meio desta investigação.

Em suas memórias, Newbigin considerou que uma missiologia numa perspectiva puramente cristológica seria incapaz de dar conta e tornar-se-ia inadequada para orientar a Igreja em “sua” missão<sup>520</sup>. Newbigin afirmou que “somente uma doutrina totalmente trinitária seria adequado, estabelecendo a obra de Cristo na Igreja no contexto da providência suprema do Pai em toda a vida do mundo e a liberdade soberana do Espírito que é o Senhor e não o auxiliar da Igreja”<sup>521</sup>. Esta conclusão, anterior a sua autobiografia, remete ao paper “The Relevance of Trinity Doctrine for Today’s Mission”. Deste modo, a doutrina da Trindade veio a se tornar o ponto-de-partida para que Newbigin construísse o entendimento da missão da Igreja<sup>522</sup>.

É fato incontestável que a doutrina da Trindade é o que distingue o cristianismo de outras religiões monoteístas. Para Newbigin, essa doutrina é o

<sup>519</sup> Cf. VICEDOM, G. F. **A Missão como obra de Deus**, p.16.

<sup>520</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **Unfinished Agenda**, p.187.

<sup>521</sup> NEWBIGIN, L. **Unfinished Agenda**, p.187.

<sup>522</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Household of God.**, pp.142-148. Como não é interesse desta tese fazer uma “arqueologia” da ideia trinitária newbiginiana, o que é necessário para esse momento é que seja compreendido o modo como Lesslie Newbigin entende a Trindade e as implicações desse entendimento para a sua teologia como um todo e, mais especialmente, para sua missiologia. Para uma percepção mais detalhada acerca da construção do pensamento de Newbigin, ver o tópico **The History and Development of Newbigin’s Trinitarian Theology**, In: DODDS, **The Mission of the Triune God**, pp.58-63 [Kindle]. Deve-se ressaltar que o Capítulo 3 do trabalho de Dodds tem como outra característica a construção do pano-de-fundo histórico-teológico que determinou o surgimento e o desenvolvimento da doutrina trinitária, contemplando desde Gregório de Nazianzo até teólogos contemporâneos de Newbigin, como Karl Barth e Wolfhart Pannenberg. Nesse sentido, Dodds também apresenta de um modo mais detalhado o pensamento trinitário newbiginiano. Aliás, mesmo nos capítulos específicos sobre cada uma das Pessoas divinas, esse autor aprofunda certas questões, por exemplo, o entendimento do sofrimento vicário do Filho, cf. DODDS, **The Mission of the Triune God**, pp.121-182.

elemento central do próprio Evangelho<sup>523</sup>. Além disso, o anúncio do Evangelho, como visto anteriormente, exige a apresentação da Trindade. Newbiggin considera que, ao anunciar Jesus Cristo, como o Filho do Deus vivo, conforme a declaração petrina (cf. Mt 16,16), ainda que em seus termos mais simples, Deus seja apresentado como Pai<sup>524</sup>. E mesmo que o Espírito Santo seja excluído do discurso, é o próprio Espírito, que agindo para além do discurso, é quem faz com que o anúncio humano se torne Palavra de Deus e meio de salvação, como complementa Newbiggin:

Além disso, se o evangelista for sábio, ele levará tempo para ouvir antes de falar. E se ele fizer isso, provavelmente descobrirá que as coisas aconteceram na experiência de seus ouvintes que - sem qualquer planejamento humano - prepararam o caminho para que recebessem o Evangelho. Chegará o tempo em que olharão para estas coisas como cristãos e reconhecerão então a obra proveniente do Espírito, o mesmo Espírito que lhes falou na pregação do evangelista, o mesmo Espírito que lhes permitiu receber palavras humanas do evangelista como a Palavra de Deus. O verdadeiro evangelista sabe que a fé desses novos cristãos não é o efeito de que suas palavras foram a causa; ele sabe que suas palavras eram apenas instrumentos da obra do Espírito, uma obra que começou antes dele chegar e continua depois que ele partiu, da qual sua fé é o fruto<sup>525</sup>.

Obviamente, no que foi dito acima, nada há de novo. Esse é um lugar comum da fé cristã em qualquer de suas tradições teológicas. O que Lesslie Newbiggin traz de novo é assumir a ideia do Deus Trino e Uno, enquanto parâmetro tanto ontológico como epistemológico de todos os loci da teologia cristã<sup>526</sup>. E, conseqüentemente, para a teologia da missão, que deve ser percebida à luz da teologia trinitária<sup>527</sup>. Deste modo, Newbiggin considera que o dogma trinitário, por ser central na fé e na prática cristã, foi o que determinou a própria ação missionária da Igreja nos primeiros séculos de sua existência. Em sua opinião as próprias controvérsias e lutas trinitárias “foram de fato uma parte essencial da batalha para dominar a cosmovisão pagã no auge de seu poder e autoconfiança”<sup>528</sup>. Ele afirma:

A Igreja devia difundir a mensagem do Reino de Deus num mundo que interpretava substancialmente a vida como uma interação entre a “virtude” e o “destino”, traduzida na linguagem moderna por interação entre a inteligência, a habilidade e a coragem dos homens e os poderes circunjacentes. É muito significativo que em tais circunstâncias a Igreja se sentisse impulsionada a formular a mensagem cristã nos termos da doutrina trinitária, e que

<sup>523</sup> NEWBIGGIN, L. *The Mission of the Triune God*, p.13. In: NEWBIGGIN RESOURCES. Disponível em: <<http://newbiggin.net/wpengine.com/wpcontent/uploads/2016/12/62mtg.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2018.

<sup>524</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. *A Igreja Missionária no Mundo Moderno*, pp.70-72.

<sup>525</sup> NEWBIGGIN, L. *The Mission of the Triune God*, p.13.

<sup>526</sup> Cf. DODDS, A. *The Mission of the Triune God*, p.6.

<sup>527</sup> Cf. GOHEEN, M. *As the Father has Send Me*, p.120.

<sup>528</sup> NEWBIGGIN, L. *Trinitarian*, p.32.

na época em que se procurava exprimir o Evangelho na linguagem da civilização greco-romana, sem entretanto renunciar a sua afirmação Central, tenha sido exatamente essa doutrina que ofereceu a base para toda a disputa teológica. Em outras palavras, foi ela que permitiu aos cristãos exprimir tanto a unidade quanto a particularidade da intervenção de Deus nos poderes que circundam o homem, como também a sua ação em favor da regeneração da alma humana<sup>529</sup>.

Ao considerar que, como tem sido feito nesta seção, que a missão é o lugar privilegiado para se observar a relação igreja-mundo e, a partir dessa observação, é o âmbito ideal para se desenvolver uma reflexão acerca desse relacionamento, pode-se afirmar que a relação igreja-mundo seja também lida por meio das lentes da doutrina da Trindade. Isso faz com que a doutrina de Deus, como uma Trindade, seja encarada não apenas como a chave de leitura teológica, mas também de toda a realidade. E o modo como a Trindade se relaciona com o mundo se torna o modelo a ser seguido pela Igreja.

Assim, do mesmo modo que a Igreja se serviu da teologia trinitária para construção da nascente cosmovisão cristã e se constituiu como um modo de interpretação da realidade, em contraste com a cultura greco-romana, Newbiggin considerou necessário que a Igreja de sua época – e isso pode ser aplicado a Igreja da época atual – deveria assumir a mesma perspectiva trinitária a fim de determinar os rumos de sua ação missionária. A propósito, Newbiggin pensava que no momento em que a Igreja deixou de viver a situação missionária e passou a viver no contexto da Cristandade é que se perdeu o interesse pela doutrina de Deus como Trindade, por considerar que a mensagem contida nesse dogma era conhecida. Afinal de contas, na Cristandade, todos eram cristãos e conheciam o mistério trinitário. Contudo, há que se tomar em consideração a constatação de Goheen:

Enquanto ele desenvolveu uma compreensão trinitária mais completa da missão redentora de Deus no mundo, ele nunca abandonou seu cristocentrismo. Newbiggin acreditava que um contexto trinitário para a missão da Igreja seria sempre uma expansão e elaboração da obra de Deus centrada em Jesus Cristo. A obra de Jesus Cristo permaneceu como ponto de partida e critério de controle para seu pensamento sobre a obra redentora de Deus e a missão da igreja. A obra trina de Deus é o contexto para entender a missão de Cristo. Se a igreja quiser continuar a missão de Cristo, os atos redentores do Deus Triúno formarão o contexto para a identidade e missão da Igreja<sup>530</sup>.

Assim, Newbiggin concebe três aspectos da Trindade e as aplica à sua missiologia trinitária, que é chave interpretativa de seu pensamento: A proclamação do Reino do Pai, como a Fé em ação; o compartilhamento da Vida do Filho, como

<sup>529</sup> NEWBIGGIN, L. **A Igreja Missionária no Mundo moderno**, pp.68-69.

<sup>530</sup> GOHEEN, M. **As the Father has Send Me**, p.115.

o Amor em ação; e o testemunho do Espírito Santo, como a Esperança em ação<sup>531</sup>. A missão do Deus Uno e Trino, está relacionada a ação de cada uma das divinas prosōpon de Deus, algo que exige uma observação mais minuciosa.

O primeiro aspecto da missiologia trinitária de Newbigin diz respeito ao Deus Pai – como não poderia deixar de ser. As palavras iniciais do evangelho de Marcos, como pontua Newbigin, é o anúncio e a proclamação do Reino do Pai<sup>532</sup>. O que é posto na boca de Jesus, isto é, a Boa-Nova de Deus, aponta para uma realidade que estava assumindo o seu lugar de direito na história da humanidade e da criação: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). O Reino é o senhorio de Deus sobre toda a criação e sobre aquilo que pode ser chamado de mundo. Newbigin escreve:

O anúncio diz respeito ao reino de Deus – Deus que é o criador, preservador e consumidor de tudo o que existe. Não estamos falando de um setor de assuntos humanos, uma vertente de todo o tecido da história mundial; estamos falando sobre o reinado e a soberania de Deus sobre tudo o que é e, portanto, estamos falando sobre a origem, o significado e o fim do universo e de toda a história humana dentro da história do universo. Não estamos lidando com uma perturbação local e temporária na corrente dos acontecimentos cósmicos, mas com a fonte e meta do cosmos. É por isso que era inevitável que a resposta da pergunta – “Quem é Jesus?” – forçou os escritores do Novo Testamento a irem mais longe e mais adiante<sup>533</sup>.

Deus-Pai é o criador amoroso e bondoso de todas as coisas. A humanidade é a coroa de toda a sua criação, a quem Deus colocou como seu representante sobre todas as coisas. A maravilhosa criação de Deus estava à disposição da humanidade, a fim de que desfrutasse dela<sup>534</sup>. Entretanto, o pecado entrou no mundo por meio dos primeiros pais (cf. Gn 3,1-24; Rm 5,12). Por conta disso, a imagem de Deus presente no ser humano foi pervertida, o que significa dizer que os dons, talentos e habilidades humanas que deveriam refletir a imago Dei, passaram a ser experimentada em e para a oposição contra Deus. A desarmonia entre o Criador e a sua criatura – por meio deste, com toda a criação – tornou-se a dinâmica da humanidade e do mundo<sup>535</sup>. Deste modo, percebe-se que o mundo, por causa do ser humano, encontra-se numa condição ou estado de inimizade contra o Criador<sup>536</sup>.

<sup>531</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.29.

<sup>532</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.29

<sup>533</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.30.

<sup>534</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.31; NEWBIGIN, L. **Sin and Fall**, p.18.

<sup>535</sup> Cf. HOEKEMA, A. **Criados a imagem de Deus**, pp. 99-102; NEWBIGIN, L. **Sin and Fall**, pp.20-22. BAVINCK, H. **Dogmática Reformada**, Tomo III, p.144.

<sup>536</sup> NEWBIGIN, L. **Sin and Fall**, p.20-22.

Sendo assim, o Evangelho anunciado por Jesus Cristo é a boa-notícia de que Deus, o Pai, reassumirá o seu domínio. Este é o segredo aberto que foi proclamado pública e visivelmente pelo Nazareno. Newbiggin coloca as coisas nos seguintes termos:

Negativamente, eu disse que isso não foi feito pela introdução na história de um poder manifesto a percepção natural de homens e mulheres e que, portanto, progressivamente iriam superar e eliminar os poderes que se opõem a ele [ao Reino de Deus]. Positivamente, eu disse que a vinda de Jesus introduziu na história um evento em que o Reino de Deus é revelado sob a forma de fraqueza e loucura àqueles a quem Deus escolheu para torná-lo conhecido, e o que é dado a conhecer deve ser proclamado a toda humanidade. Porque o Reino de Deus que é proclamado, é o verdadeiro segredo da história universal e cósmica. Não é um programa de libertação privada, mas é a realidade oculta pela qual a história pública da humanidade deve ser entendida. Os selos que fecham o livro da história, que fazem com este segredo esteja oculto a percepção humana natural, foram quebrados pelo Cordeiro que parecia ter sido morto, mas que é o Leão da tribo de Judá (Ap 5,1-10). [...]. Portanto, ele, e somente ele, pode revelar esse significado àqueles a quem ele escolheu. Ao seguirem o Cordeiro no caminho, [os escolhidos] testemunham o verdadeiro significado daquilo que está acontecendo na história do mundo<sup>537</sup>.

A “história” do Reino de Deus está presente na história do mundo e da humanidade. Para Newbiggin, essa “história do Reino” é encontrada nas páginas da Escritura<sup>538</sup>. A narrativa presente no texto bíblico não é apenas um livro de uma religião, como outros livros que existem em outras religiões<sup>539</sup>. Ao contrário desses livros, afirmou Newbiggin que a Bíblia “se propõe a falar da vida humana no contexto de uma história cósmica universal”<sup>540</sup>. O que o bispo de Madras, quis dizer com isso? Para ele, a história da humanidade ao oriente do Éden é a narração da desarmonia e do distanciamento estabelecidos entre o ser humano e Deus, por causa do pecado (cf. Gn 3,1-26; Is 59,2). Paralela essa narrativa está a “história do Reino de Deus”; a história da ação do Deus criador em se fazer o Deus salvador de sua criação. Todos seus atos salvíficos para com Israel são apresentados como sinal, como sacramento da salvação e da sua intenção maior que seria revelada em Jesus Cristo<sup>541</sup>.

<sup>537</sup> NEWBIGGIN, L. *The Open Secret*, p.37.

<sup>538</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, pp.123-124; NEWBIGGIN, *The Open Secret*, p.31;

<sup>539</sup> NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.123.

<sup>540</sup> NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.123.

<sup>541</sup> A noção newbigginiana de que Israel como sombra da Igreja como comunidade da Aliança, e por isso mesmo da eleição, implica na responsabilidade que Israel deveria ter com “todas as famílias da terra”, para fazer cumprir a promessa feita por Deus a Abraão (Gn 12,3). Israel deveria ser um povo entre os demais povos operando como um contraste para os seus vizinhos. Esse conceito é trabalhado de modo mais amplo por Michel Goheen, em: *A Igreja Missional na Bíblia*, pp.41-69. Nessa mesma perspectiva, ver também: KAISER, JR, W. *Mission in the Old Testament*, 1999.

“Deus está de fato ativo na história”<sup>542</sup>. E a proclamação dessa verdade que precisava ser dita foi anunciada na pregação de Jesus. Newbiggin lança mão do evangelho de Marcos, quando Jesus, após o seu batismo começou a pregar e a dizer: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Esse foi o primeiro anúncio da história da ação salvífica de Deus, que é baseada tão-somente em seu amor, estava presente na realidade da história. O próprio Newbiggin levanta a seguinte questão: O que significa esse anúncio? Ao que responde:

Ao proclamar Cristo, a missão mundial Cristã oferece a todas as pessoas a possibilidade de entender o que Deus está fazendo na história. Por meio do seu testemunho - em palavras e atos e na vida comum - a centralidade da obra de Jesus no seu ministério, e ressurreição ela oferece a todas as pessoas a possibilidade de entender o significado e objetivo da história não devem ser encontrados em quaisquer dos projetos, programas, ideologias e utopias que se oferecem em competição uns com os outros [...]. A igreja, alcançando toda comunidade humana, vivendo uma vida centrada na lembrança continua e na restituição dessa revelação Central, oferece a todas as pessoas uma visão do objetivo da história humana, no qual o seu bem é afirmado e o seu mal é perdoado e esquecido. Uma visão que possibilita agir com esperança quando não há esperança terreno alguma, encontrar o caminho quando tudo está em trevas e não há ponto de referência terreno. É isso que estou chamando de aspecto proclamador da missão<sup>543</sup>.

Aqui é possível verificar a primeira implicação dessa ação de Deus Pai em apresentar o Evangelho do Reino por meio de Jesus de Nazaré, isto é, entre o Reino de Deus e o mundo da criação não existe divisão entre uma história sagrada e uma história secular. A própria escritura bíblica não trabalha a sua narrativa em termos dualistas. Como informa Flett, Newbiggin incorpora o insight “indiscutível” dominante na missiologia dos anos de 1960, que afirmava que Deus está atuando no mundo<sup>544</sup>.

Outra implicação está relacionada com o chamado ao Reino presente no anúncio de Jesus Cristo.

O reino de Deus não é um novo “movimento” em que os interessados podem se alistar. Não é uma causa que precisa de apoio, uma causa que pode ter sucesso ou falhar, de acordo com a quantidade de apoio que atrai. Para ser preciso, o Reino de Deus é o fato de que Deus, que Jesus conhece como Pai, é o soberano governante de todos os povos e de todas as coisas. O anúncio significa que este fato não é mais algo remoto – no Céu ou distante no futuro. É na verdade, uma realidade iminente, a grande realidade que confronta homens e mulheres agora com a necessidade de decisão<sup>545</sup>.

<sup>542</sup> NEWBIGGIN, L. *The Open Secret*, p.39.

<sup>543</sup> NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.170.

<sup>544</sup> FLETT, J. G. *Who is Jesus Christ?* In: LANG, M. T.B.; WESTON, P. (eds.). *Theology in Missionary Perspective*, p.268.

<sup>545</sup> NEWBIGGIN, L. *The Open Secret*, p.34.

A “necessária decisão”, a que se refere o bispo Newbigin, tem a ver com a participação ou não do ser humano na experiência da vida do Reino. Homens e mulheres são chamados a tomar sobre si o propósito salvador de Deus Pai. Porém, ainda que antecipando elementos que serão apresentados mais a frente, a decisão humana pelo Reino de Deus ocorre tão somente naqueles a que Deus elegeu. Só o Pai revela o significado da história a quem ele escolhe<sup>546</sup>, isto é, para aqueles que são eleitos para anunciar as boas novas do Reino a todas as demais nações, tribos, povos e línguas, a fim de que todos conheçam Deus como Pai (cf. Ap 4.). Isso será detalhadamente trabalhado mais a frente, por ora, o que se deve ter em mente é que a eleição é para uma missão e não para uma salvação individual, que tangencia ao egoísmo. O engajamento dos eleitos é a vida do Reino e sua expansão não meramente geográfica, mas para o chamado universal à participação de todos do Reino que é trazido para todos. Basicamente, o anúncio do Reino é o chamado divino à fé em Deus. A proclamação do Reino iniciada por Jesus e continuada pela Igreja é um chamado a fé e a vida. É a vocação para que a humanidade encontre o seu sentido no Deus Pai, criador e soberano sobre toda a sua criação, e que é também o pai de Jesus Cristo.

Todavia, como será visto mais adiante, o anúncio do Reino não é apenas a transmissão de uma mensagem com certo conteúdo intelectual. Trata-se de um anúncio feito por meio de palavras e gestos, os quais devem operar com transformadores da realidade da história humana, colocando-a em harmonia com a ética, valores e propósitos do Reino dos Céus (cf. Mt 5,3-12). Acerca disso, Newbigin afirma:

Missão, vista deste ângulo, é fé em ação. É o agir por meio do anúncio e da perseverança, através de todos os eventos da história, na fé de que o reino de Deus se aproximou. É tornar em ação a oração central que Jesus ensinou seus discípulos a usar: “Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu reino; seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”<sup>547</sup>.

O segundo aspecto da missiologia trinitária de Newbigin está relacionado a pessoa do Deus Filho. Antes de qualquer coisa, é preciso atentar para o modo como Newbigin trabalha a doutrina da Trindade. O seu foco está na Trindade econômica, isto é, no modo em que ocorre as relações dentro do ser Divino e sua obra ad extra. De modo algum, Newbigin está interessado em tratar qualquer questão ontológica,

<sup>546</sup> Cf. FLETT, J. **Who is Jesus Christ?** p.268.

<sup>547</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.39.

que, de alguma maneira, gere qualquer tipo de embaraço desnecessário, como algum tipo subordinacionismo ontológico. Assim,

Newbiggin fala sem hesitação da dependência e submissão do Filho ao seu Pai. Jesus não é uma manifestação provisória do Senhor de todas as coisas. Sua revelação de Deus é a de um Filho que se submete e obedece a seu Pai. Jesus se submete aos eventos ordenados pelo Pai, como a forma em que sua missão e a de seus seguidores devem ser cumpridas<sup>548</sup>.

Dito isso, é necessário perguntar: Qual é o lugar do Filho na elaboração newbigginiana da Trindade como lentes para se pensar a relação Igreja-Mundo? Essa pergunta deve ser feita para se pensar além do óbvio. É básico na catequese cristã que, em Jesus, Deus-Pai estava transformando e reconciliando consigo mesmo a humanidade (cf. 2Co 5.17-19)<sup>549</sup>. O Deus encarnado não assume apenas a humanidade, mas também assume, em sua verdadeira humanidade, a proclamação e a presença do Reino de Deus<sup>550</sup>. O relato neotestamentário demonstra claramente que Jesus Cristo é entendido como o meio pelo qual Deus é definitivamente revelado à humanidade (Cf. Jo 1,1-3, Cl 1,15-20; Hb 1,3). Newbiggin está de acordo ao afirmar que a ação primeira do Filho é revelar o Pai ao mundo<sup>551</sup>, afinal de contas, “é Deus quem encontramos quando encontramos Jesus”<sup>552</sup>. Tratando sobre a relação entre o Pai e o Filho, Newbiggin escreveu em seu comentário do Quarto Evangelho o seguinte:

Antes do tempo existir, Deus era. Foi pela Palavra de Deus que todas as coisas vieram a existir. Tudo que existe, existe pela Palavra de Deus, pois sua Palavra não é outra, senão, o seu agir. Deus falou e todas as coisas foram criadas e, pela sua Palavra, elas existem. A Palavra criadora de Deus é Deus, porquanto, ninguém além de Deus pode criar. A sua Palavra reveladora não é outra coisa senão Deus, porque ninguém além de Deus pode revelar Deus, mas esta Palavra reveladora não é uma abstração ou algum tipo de inquirição filosófica. E a Palavra é ele, Jesus<sup>553</sup>.

A encarnação de Palavra traz consigo sua dinâmica própria, isto é, continuar sendo o agir de Deus e a revelação de Deus. O próprio Deus, em seu ser criativo e revelacional, se fez homem<sup>554</sup>. Essas duas dinâmicas que caracterizam o Verbo se

<sup>548</sup> DODDS, A. *The Mission of the Triune God*, p.82.

<sup>549</sup> Cf. CFW, VIII: 1-8; CIgC, §456-460.

<sup>550</sup> Porém, Dodds tem criticado Newbiggin quando o caráter prático de suas especulações trinitárias. Para esse autor, embora Newbiggin reafirme por várias vezes a questão da incorporação do Reino, ele não oferece, por outro lado, elementos práticos para verificação disso. Cf. DODDS, A. *The Mission of the Triune God*, p.82.

<sup>551</sup> DODDS, A. *The Mission of the Triune God*, p.82.

<sup>552</sup> NEWBIGGIN, L. *The Light has come*, p.165.

<sup>553</sup> NEWBIGGIN, L. *The Light has come*, p.2.

<sup>554</sup> NEWBIGGIN, L. *The Light has come*, p.8.

encontram envolvidas e interrelacionadas na missão do Filho. A missão que cumpria a Jesus realizar não era apenas uma reveladora proclamação do Reino de Deus. Antes, se tratava ato de assumir, em sua própria pessoa, a presença do Reino<sup>555</sup>. As demandas próprias do Reino, bem como as ações salvíficas do Pai, deveriam estar encarnadas em Jesus. Em que consiste, para Newbigin, essa incorporação do Reino?

Trabalhando a partir da questão levantada por João Batista – “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro”? (Mt 11,2-3) – Newbigin demonstra que é incorporação do reino em Jesus que o Dia do Senhor, prometido pelos profetas, foi antecipado em Jesus Cristo. O bispo de Madras pretendia relacionar tanto a promessa da salvação como a terrível advertência acerca juízo estavam prolepticamente na pessoa do Nazareno<sup>556</sup>. De modo que, em Jesus, todas as expectativas judaicas acerca do perdão na vinda escatológica do Reino de Deus, havia se tornado real e presente, e não mais se constituía mais em uma promessa de natureza futura<sup>557</sup>. Não obstante, Newbigin se apressa em afirmar que, acerca do perdão que há na vinda do Reino, há também um aspecto negativo. Ou seja, mesmo Reino que traz e possibilita a paz e a reconciliação com o próprio Deus, traz em si mesmo o juízo. Em Jesus, o juízo de Deus também se faz presente<sup>558</sup>: “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai” (1Jo 2,23).

Conseqüentemente, se o reino de Deus estava presente em Jesus de Nazaré, então deve-se admitir, que em Jesus, o reino estava presente no mundo. Assim, é possível pensar que o reino de Deus em Cristo estava no íntimo contato com todas as dores, sofrimentos e anseios, próximo a todos os sonhos e esperanças humanos. Onde Jesus esteve, casamentos, festas ou funerais, entre as elites ou entre os sofredores por conta da pobreza, ali estava o Reino. Neste ponto, é preciso admitir que o bispo Newbigin oferece mais uma pista para o entendimento da relação igreja-mundo. Jesus Cristo é a chave para compreensão da história humana, conforme

<sup>555</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.41.

<sup>556</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.48.

<sup>557</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.48.

<sup>558</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.44.

Newbigin<sup>559</sup>. Newbigin, portanto, levanta a seguinte questão: É possível falar de significado para a história?<sup>560</sup>

Esse é um questionamento é acerca de um telos, de uma meta para a qual todas as coisas convergem. Para o bispo Newbigin, a história não é um desenvolvimento de forças imanentes que articulam os eventos e os fatos que ocorrem no progresso da humanidade<sup>561</sup>. Antes, a história

é uma questão da promessa de Deus. A história tem um objetivo apenas no sentido de que Deus a prometeu. E é claro que Jesus diz lá com sua mensagem fundamental de que o Reino de Deus está perto, fala como um representante, representante final, da tradição apocalíptica. Nele, o fim chegou. Nele, portanto, a história encontra o seu significado<sup>562</sup>.

E que:

A Boa Nova que Jesus abriu um caminho pela cortina e veio para conduzidos pelo caminho que ele abriu e que ele é, o caminho em permanecermos nele, como sua paixão para que possamos compartilhar sua vitória sobre a morte. Vida como sua vida encarnada foi de vida no mundo em que o poder das trevas ainda está em Ação. Quanto mais intensamente desafiamos esses poderes no nome de Jesus, com mais violência eles atacam, mas é exatamente quando esse ataque for mais violento e exatamente quando estivermos mais vulneráveis serão dados os sinais da presença do Reino, para falarmos da palavra que dá testemunho do poder real de Cristo e nos assegura de que a vitória é dele e não os poderes das Trevas<sup>563</sup>.

Nisso subjaz o segundo elemento presente na obra salvífica de Jesus Cristo, isto é, “a criação de uma comunidade para ser portadora e proclamadora da salvação”<sup>564</sup>. Newbigin chama a atenção para o fato que o legado de Jesus para o mundo é a Igreja. Acerca disso, Newbigin escreveu:

Existe uma sociedade real, visível e terrestre, que é tratada como “o povo de Deus”, o “Corpo de Cristo”. É certamente um fato de inesgotável significado que o que nosso Senhor deixou para trás não era um livro, nem um credo, nem um sistema de pensamento, nem uma regra de vida, mas uma comunidade visível. [...]. Ele confiou toda a sua obra de salvação para essa comunidade<sup>565</sup>.

Jesus anunciou Reino de Deus e, ao final do seu ministério, enviou os seus discípulos para fazer o mesmo – “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21)<sup>566</sup>. Porém, o conceito de Reino de Deus, na proclamação de Jesus

<sup>559</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.139-153.

<sup>560</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.139. Essa mesma questão foi apresentada na obra “The Finality of Christ”, de 1969. O argumento de Newbigin neste texto é retomado em **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. Cf. NEWBIGIN, L. **The Finality of Christ**. London: SCM Press, 1969.

<sup>561</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.140.

<sup>562</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**,.140.

<sup>563</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.152.

<sup>564</sup> DOODS, **The Mission of the Triune God**, p.82.

<sup>565</sup> NEWBIGIN, **Household of God**, p.20.

<sup>566</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.40.

às ovelhas perdidas da casa de Israel, fazia total sentido para aqueles que o ouviram em seu ministério. Entretanto, como Newbiggin bem considerou, o Evangelho do Reino não faria sentido aos pagãos, porque, ao contrário dos judeus que esperavam esse Reino, a cultura deles estava alheia a essa promessa divina. Assim,

a primeira geração de pregadores cristãos usou uma linguagem diferente da linguagem de Jesus: ele falou sobre o reino, eles falaram sobre Jesus. Eles estavam fadados a fazer essa mudança de linguagem se quisessem ser fiéis aos fatos. Não era apenas que a frase “reino de Deus” aos ouvidos de um pagão grego seria quase sem sentido, não tendo nenhuma das reverberações profundas que evocava para alguém que foi ensinado pelo Antigo Testamento. Foi que o Reino, ou reinado, de Deus não era mais uma esperança distante ou um conceito sem rosto. Tinha agora um nome e um rosto - o nome e o rosto do homem de Nazaré. No Novo Testamento, estamos lidando não apenas com a proclamação do Reino, mas também com a presença do Reino<sup>567</sup>.

A pessoa do Deus Filho, tornada carne no ventre da santíssima Virgem, assumiu a tarefa do anúncio e da presentificação do Reino e do seu Evangelho<sup>568</sup>. Ao proclamar o Evangelho, os apóstolos e toda a comunidade cristã anunciaram Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado (Cf. At 2; 1Co 2,2). Ao fazer isso, a Igreja passa a encarnar as mesmas demandas do Filho – anunciar e presentificar o Reino na sua vida.

Por fim, o último elemento do entendimento newbigginiano sobre a *missio trinitatis* está relacionado com a pessoa e obra do Espírito Santo. Se na pessoa do Pai, o Reino é dado a conhecer, e em Jesus, o Filho, o Reino é incorporado, na pessoa do Espírito Santo, então, o Reino de Deus é antecipado como o antegozo do domínio do Deus Uno e Trino sobre toda a terra<sup>569</sup>. Porém, antes de tratar a questão acerca da *preveniência* do Reino de Deus na pessoa e obra do Espírito Santo, faz-se preciso considerar preliminarmente a interrelação existente entre o agir do Filho e do Espírito Santo no cumprimento da *missio trinitatis*, conforme o pensamento de Lesslie Newbiggin.

O que se tem procurado demonstrar nesta subseção é que o bispo Newbiggin procurou determinar o modelo da ação missionária da Igreja à luz da ação missionária do Deus Uno e Trino. A formulação trinitária construída por ele lança os seus fundamentos sobre o que a teologia tem definido como trindade econômica, isto é, a maneira como cada uma das pessoas da Divindade manifesta a sua ação na história da salvação. Nesse caso, deve-se ter por evidentes que a relação pericorética

<sup>567</sup> NEWBIGGIN, L. **The Open Secret**, p.40.

<sup>568</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **The Open Secret**, p.41.

<sup>569</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **The Open Secret**, p.56.

da Divindade continua relacionando as Pessoas divinas e suas ações salvíficas. E esse modo de relacionamento é mais visível entre o Filho e o Espírito Santo. A ideia de Newbigin acerca da interrelação entre a pessoa do Filho e a pessoa do Espírito Santo é caracterizada pela analogia de Irineu de Lion, isto é, “ambos são as mãos de Deus”<sup>570</sup>. A ideia, com essa imagem, é demonstrar que há uma interdependência entre o Filho e o Espírito na realização das obras de Deus Pai. E de fato, a missão do Filho não pode ser pensada a parte da missão do Espírito, e vice-versa<sup>571</sup>. Newbigin demonstrou esse íntimo relacionamento entre ambas pessoas na seguinte afirmação:

Desde o começo do Novo Testamento, a vinda de Jesus, suas palavras e obras estão diretamente ligadas ao poder do Espírito. É pelo Espírito que Jesus é concebido, é pelo Espírito que ele é ungido no seu batismo, pelo Espírito que ele é levado ao deserto para seu encontro com Satanás. É no poder do Espírito que Jesus dá início ao seu ministério de ensino e cura (Lc 4,14;8; Mt 12,18). Em vista de tudo isso, é digno de nota que os Evangelhos nada dizem sobre qualquer comunicação do Espírito aos discípulos durante o período do ministério terreno de Jesus. É somente quando o batismo, iniciado no Jordão, foi tornado pleno no ministério de Jesus e consumado em sua morte, que os discípulos puderam entrar na nova unção do Espírito, através de sua identificação com Jesus ressuscitado. Acerca disso, já me referi ao relato joanino sobre esse tema (Jo 20,19-23)<sup>572</sup>.

Por outro lado, mesmo que o Espírito Santo tenha boa parte da sua ação verificada na e através da missão de Jesus<sup>573</sup>, deve-se admitir também que outra parte da sua missão está relacionada com a comunidade dos eleitos de Deus, desde o começo da narrativa bíblica<sup>574</sup>. A Igreja de Deus, na história da salvação, torna-se o lugar observado no qual se percebe o agir do Espírito na missão trinitatis Dei. Entretanto, é sua dupla processão do Pai e do Filho, em Pentecostes, ao derramá-lo

<sup>570</sup> Cf. YOUNG, F. **The Uncontainable God: Pre-Christendom Doctrine of the Trinity**, p.324. In: FOUST, T. F. (ed.). **A Scandalous Prophet: The Way of Mission After Newbigin** *Apud* DODDS, **The Mission of the Triune God**, p.183.

<sup>571</sup> Cf. DODDS, A. **The Mission of the Triune God**, p.183.

<sup>572</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.57.

<sup>573</sup> Cf. DODDS, A. **The Mission of the Triune God**, p.183.

<sup>574</sup> Herdeiro da teologia federal presbiteriana que admite a existência de duas dispensações ou administrações do Pacto da Graça, Newbigin considera que a Igreja não é um evento ocorrido tão somente em Pentecoste, mas é algo que está presente no mundo desde o chamado de Abraão para “abençoar todas as famílias da terra” (Gn 12,3), fazendo que essa promessa fosse renovada com a descendência de Abraão, até que ela tomasse maior intensidade no Sinai, para que Israel como Nação, fosse uma nação-contraste entre todas as nações da terra (Êx 19,5-6), conquanto uma “nação sacerdotal” deve mediar não a si mesmo diante de Deus, mas outras nações. Até que, no evento-Cristo, e em Pentecoste toda essa promessa toma sua forma final e a Igreja, o Israel restaurado por Deus, assume a tarefa de ser essa nação-contraste para anunciar ao mundo as virtudes de Jesus Cristo (cf. 1Pe 2,9). Cf. NEWBIGIN, L. **Household of God**, p.20ss; GOHEEN, M. **A Igreja Missional na Bíblia**, pp.41-98. Ver ainda: REICKE, B. **The Anchor Bible: The Epistles of James, Peter, and Jude**, p.98. CFW VII:3.

sobre toda a carne, o Espírito Santo é visto agindo de maneira poderosa e soberana sobre a Igreja e o mundo (cf. Jl 2,28-32; At 2,17-21).

A partir do Pentecostes, o agir do Espírito está sobre a Igreja, para o cumprimento da missão que lhe foi confiada pelo Filho, da mesma maneira que esteve sobre Jesus de Nazaré em seu ministério terreno (cf. Mt 28,19; Mc 16,15; Jo 20,21; At 1,8). Assim, como foi com Jesus, o Espírito que faz nascer a Igreja, que a unge, que a capacita com poder e que a conduz ao encontro-confronto com as forças demoníacas e dia-bólicas que agem sobre o mundo da criação e da cultura humana. E pela dor e sofrimento que advém desse confronto, que a Igreja é identificada com o Ressuscitado, partilhando também de sua vitória sobre tais forças. Dessa interrelação, portanto, é possível afirmar que, do mesmo modo como o Espírito agiu em Jesus, ele tem agido na Igreja, o corpo místico do Nazareno.

Feita essa digressão, é preciso retornar a ideia da preveniência do Reino de Deus através do Espírito Santo<sup>575</sup>. Como demonstrado anteriormente, a missão é a proclamação sobre o Reino de Deus, que é incorporado na vida de Jesus, que o presentificar em si, em sua mensagem e atos. Mas o que Newbigin quer dizer como a expressão preveniência do Reino?

Newbigin entende que o Reino de Deus proclamado e incorporado por e em Jesus, é trazido à Igreja, o corpo de Cristo, que segue no mesmo envio que a sua Cabeça foi enviada pelo Pai (Jo 20,21), e é trazida também ao Mundo por meio da missão Espírito. E nessa *missio Spiritus Sancti*, as promessas do Reino são prolepticamente trazidas aos discípulos de Jesus, porém, “a promessa é que os discípulos não receberão imediatamente o reino em sua plenitude, mas aquele presente que é o antegozo, o penhor, a garantia do Reino - a saber, a presença do Espírito” (Cf. At 1,8; 2Co 1,22; Ef 1,14)<sup>576</sup>. O Espírito Santo é o arrabõn, a garantia, que o Reino antecipado em sua presença virá em sua plenitude no dia de Cristo. Desta maneira, Newbigin considera algumas características desse penhor dado à Igreja pela presença do Espírito<sup>577</sup>.

1. *A presença do Espírito Santo nunca será tirada.* A dádiva do Espírito é definitiva, conforme as palavras do Quarto Evangelho (Jo 14,16). Sua perpétua

<sup>575</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.56.

<sup>576</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.58.

<sup>577</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Holy Spirit and the Church**, pp.11-15.

presença não apenas garante a plena redenção da humanidade, mas também se torna penhor para a eternidade.

2. *A presença do Espírito Santo é para congregar pessoas e não as dividir.* Newbigin argumenta a partir do Antigo Testamento que o Espírito Santo era dado individualmente, criando uma comunidade fragmentada entre os que receberam os Espírito e os que não receberam o Espírito<sup>578</sup>. A marca da Igreja é que todos os membros de uma congregação compartilham de um só Espírito (cf. Ef 4,3-4).

3. *A presença do Espírito Santo é um presente do Cristo Crucificado-Ressuscitado.* Newbigin entendia que o Espírito somente poderia ser dado após se cumprir plenamente obra de Cristo, nos eventos de sua paixão-morte-ressurreição, na destruição dos poderes do Mal<sup>579</sup>. A dádiva do Espírito Santo à Igreja e, por meio dela, à toda carne, é recebida por todo aquele que faz a experiência da comunhão na morte e na ressurreição de Cristo no batismo (cf. Rm 6,4-7). É por isso que o Espírito Santo está primeiramente sobre a Igreja, uma vez que ela assume, no seguinte de Jesus, a sua autonegação, as dores e angústias desse caminhar, bem como o seu suplício, mas sempre esperança viva e sempre renovada da plenitude do Reino, a “aurora de um novo dia esperado, que banha tudo o que existe”<sup>580</sup>.

4. *A presença do Espírito Santo está intimamente ligada a dádiva do perdão.* A missão do Espírito por meio da Igreja é, especialmente, aquela de continuar trazendo o perdão para aqueles que estão sob o domínio dos poderes do pecado, afirma o bispo de Madras<sup>581</sup>. O Reino de Deus pensado como domínio sobre todas as coisas estão em confronto constante contra o domínio do pecado, que tem subjogado homens e mulheres ao longo da história humana. A presença do Reino antecipada pelo Espírito Santo traz a oferta libertadora do domínio do mal em todas as suas dimensões e formas.

5. A presença do Espírito Santo é para capacitar a Igreja a cumprir sua missão. Está última característica do Espírito Santo, é central na pneumatologia missiológica de Newbigin. O bispo de Madras entende que “missão não é algo que a Igreja faz; mas que é algo que é realizado pelo Espírito, que é em si mesmo a testemunha que transforma tanto o mundo como a igreja, que sempre antecede a

<sup>578</sup> NEWBIGIN, L. *The Holy Spirit and the Church*, p.11.

<sup>579</sup> NEWBIGIN, L. *The Holy Spirit and the Church*, p.10.

<sup>580</sup> MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*, p.22.

<sup>581</sup> NEWBIGIN, L. *The Holy Spirit and the Church*, p.12.

igreja na sua jornada missionária”<sup>582</sup>. Assim, a presença do Espírito Santo no mundo aponta para as seguintes questões:

a. Concedendo poder para a missão: A missão de Jesus e a missão da Igreja é realizada no mesmo poder concedido pelo Espírito Santo. Por isso, faz todo sentido observar o mandato missionário, quando Jesus não apenas envia os apóstolos, mas também lhes concede o Espírito Santo (Jo 20,21-22). A missão é a mesma e o poder do Espírito é o mesmo. O poder do Espírito que concedeu a Jesus Cristo sua vitória sobre o seu sofrimento e sobre sua dolorosa morte, é o mesmo que anima e impulsiona a Igreja. Desta forma, disse Newbigin, a “Igreja é capacitada pela presença do Espírito a participar dessa vitória, pois se dobra continuamente para ser oferecida no Filho e através do Pai. Nesta vida, a igreja está capacitada para compartilhar a paixão vitoriosa do Deus trino”<sup>583</sup>. Participar dessa vitória é lançar-se também à continuidade da missão de Jesus.

b. Determinando o local da ação missionária da Igreja: Talvez seja estranho tocar nesse assunto, porém, algo que Newbigin deixa claro é que o Espírito é quem determina o mundo como o ambiente da missão. Entretanto, há uma necessidade da Igreja de “adentrar” no mundo e não “retira-se” dele, como Newbigin afirmou:

Ser movido pelo Espírito Santo não significa retirar-se dos negócios mundanos, isto é, da luta dos povos e das nações pela justiça e pela liberdade, das aspirações criativas da arte da ciência. Antes, quer dizer justamente participar do anelo de toda criação Divina que “suspira e sofre” na expectativa da libertação: mas esse anelo é cheio de esperança, o Espírito Santo é a garantia da nossa filiação divina (Rm 9,14-25)<sup>584</sup>.

Neste sentido, a presença do Espírito Santo na Igreja produz a vontade de se tornar participante da ação do Deus trino em sua missão salvadora. Ser filho ou filha de Deus é sempre ter diante de si a mesma perspectiva própria da Trindade em relação ao mundo. A Igreja, como comunhão do Espírito, pertence a necessidade do anúncio do Evangelho, no poder do Espírito, para que “a face da terra seja renovada” (Sl 104 ARA). É a terra o lugar da missão, é o mundo em que a Igreja está e do qual ela faz parte.

c. Sendo o antegozo do Reino: A presença do Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo é a presença antecipadora do amor, alegria e paz próprios do Reino de Deus<sup>585</sup>. O Espírito Santo é o agente ativo da missão, mas também é aquele que traz

<sup>582</sup> NEWBIGIN, *The Open Secret*, p.56.

<sup>583</sup> NEWBIGIN, *The Open Secret*, p.108.

<sup>584</sup> NEWBIGIN, *A Igreja Missionária no Mundo moderno*, p.169

<sup>585</sup> Cf. NEWBIGIN, *The Open Secret*, p.62

prolepticamente, como uma antecipação a Igreja ao Mundo, o Reino, como uma espécie de preâmbulo do seu estado absoluto, quando Deus for tudo em todos (Cf. 1Co 15,28).

[A Igreja] não está no controle da missão. Outras pessoas estão no controle. E as suas novas obras surpreenderão repetidamente a Igreja, obrigando-a a parar de falar e a ouvir. Porque o próprio Espírito é soberano sobre a missão, a Igreja deve estar na posição de servo atento. Na verdade, o próprio Espírito é a testemunha que vai diante da Igreja em sua jornada missionária. O testemunho da Igreja é secundário e derivado. A igreja é testemunha na medida em que segue obedientemente o Espírito por onde ele a conduz<sup>586</sup>.

A Trindade age para a salvação da humanidade. A chave dessa salvação, conforme Newbigin, é a mensagem revelada pelo Filho de Deus, Jesus Cristo, de que “o domínio soberano do Pai na história da salvação narrado na história bíblica é o ponto de partida. O Reino do Pai é o cenário principal para a missão do Filho e da Igreja. O Espírito é o antegozo do Reino”<sup>587</sup>. Essa é, portanto, a forma como Lesslie Newbigin compreende a *missio trinitatis Dei*, assumindo como modelo epistemológico de sua reflexão missionária. A ação do Deus Uno e Trino é recebida como uma espécie de arquétipo a ser reproduzido na missão outorgada pelo Filho, nos exatos moldes que ele mesmo fora enviado pelo Pai no poder do Espírito (cf. Jo 20,21-22).

As frases finais do último parágrafo [de *The Open Secret*] destacam algo essencial para a compreensão de Newbigin sobre a missão do Deus Triúno: é fundamentalmente escatológico. O evangelho é o anúncio da entrada na história do reino do tempo do fim de Deus em Jesus Cristo. Newbigin entende a *missio Dei* em termos de um movimento na história em direção a um objetivo. Tudo deve ser entendido em termos do telos da história. A boa notícia é que na vida, morte e ressurreição de Jesus, o fim foi revelado no meio. O Espírito é um presente do tempo do fim que testemunha o reino revelado e realizado em Jesus. Assim, os cabeçalhos principais das seções seguintes sobre a missão do Deus Triúno dão atenção direta ao estreito vínculo entre a *missio Dei* e o reino de Deus: Jesus revela e realiza o reino do Pai em Sua missão no poder do fim. Espírito de tempo<sup>588</sup>.

O que se percebeu ao longo desta subseção foram os subsídios newbiginianos, a partir da análise que o bispo de Madras fez, tomando como referência missionária a pessoas do Deus Uno e Trino. Faz-se necessário, agora, especificar quais os subsídios a *missio trinitatis*, conforme Lesslie Newbigin, pode oferecer para a construção de uma específica relação entre a Igreja e o Mundo. Os seguintes pontos devem ser considerados:

1. O Pai está agindo no mundo:

<sup>586</sup> NEWBIGIN, *The Open Secret*, p.61.

<sup>587</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.121.

<sup>588</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.121.

2. O Filho trouxe o Reino de Deus ao mundo:
3. O Espírito Santo tem antecipado o Reino ao mundo:

Como é possível observar, a relação da Trindade não é com um grupo pequeno, como “um punhado de trigo sob a palha”, como dizia João Calvino<sup>589</sup>; mas, essa relação é com a totalidade de sua criação. O mundo é o objeto e o cenário nos quais se revelam todos atos salvadores de Deus. A Boa-Nova proclamadas por Jesus Cristo, no passado, e, desde a sua ascensão, pela Igreja, estão voltadas para o mundo da criação, para os ouvidos e corações de mulheres e homens de todos os lugares e de todas as culturas. Resumindo, o Deus Uno e Trino está agindo para a salvação do mundo e o Evangelho é a mensagem acerca dessa ação.

### **3.1.3.2**

#### **O Evangelho: o anúncio de Deus e das Boas Notícias**

Em todas as ações redentoras da Trindade está o Evangelho. Como foi visto, o Evangelho é, na concepção newbiginiana, a boa-nova que apresenta o Deus Uno e Trino como alguém que, por causa do seu imenso amor, está agindo na história humana para salvar a humanidade e, por meio dela, a totalidade da Criação (cf. Rm 8,18-21). É pelo Evangelho que tudo encontra o seu sentido. É no Evangelho que Newbigin encontra o centro e o ponto-de-partida da missão<sup>590</sup>. Assim, é preciso considerar que o Evangelho é o convite da salvação feito por Deus. O Evangelho é considerar a evangelização como a ponte entre a Igreja e o Mundo, para que, por meio da proclamação evangélica, haja contato entre ambos para a salvação de ambos. Mas o que é salvação? Como é que autor compreende o sentido do termo salvação?

Como se procurou demonstrar, as boas novas de grande alegria para os povos e nações é a mensagem de que Deus está agindo na história a fim de buscar e salvar o que havia se perdido (cf. Lc 19,10). Ação de Deus é trazer sobre toda a criação, a partir dos seres humanos, o seu reino, o seu senhorio absoluto sobre tudo e todos, despojando o pecado e o mal de todas as suas reivindicações e pretensões de autoridade. A mensagem do Evangelho do Reino de Deus foi anunciada através de Jesus Cristo, o Deus-homem, que assumiu, em si, a presença e a realização do Reino de seu Deus e Pai. Toda a existência do Nazareno se tornou sinal do agir de Deus

<sup>589</sup> Cf. CALVINO, J. **IRC**, IV.1.2

<sup>590</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **The Future of Missions and Missionaries**, p.214.

na história humana e de todo o cosmos. Entretanto, na morte e na ressurreição de Jesus, propósito de Deus é dado a conhecer e, ao mesmo tempo, é também realizado. Em Cristo, o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Deus reconciliou consigo todas as coisas, e lhes deu a sua paz (Cf. Jo 1,29; 2Co 5,19).

A vitória do Ressuscitado sobre os poderes da morte, apontam para o advento de um novo mundo, de uma nova vida com Deus. um novo tempo, tempo escatológico, que é descortinado a vista daqueles que tendo ouvido a palavra da verdade e o evangelho da Salvação, receberão o arrabõn do Reino, que é o Espírito de Deus (Ef 1,13-14). Nele, isto é, no Espírito Santo, as bênçãos e as alegrias do Reino são antecipadamente dadas aos discípulos de Jesus como sinal evidente e garantidor de toda plenitude que há de vir sobre o mundo da criação no amanhecer do dia eterno.

Este é o Evangelho do Reino que deve ser anunciado às nações, para que o dia de Cristo, a consumação de tudo e a vitória final do Reino se apresente não apenas aos eleitos, mas, aos olhos de todo vivente (cf. Fp 2,11-12). Daí por diante, o rico e o pobre comerão à mesa do grande Rei, numa realidade nova e restaurada, num reino eterno que não terá fim (cf. Dn 7,13-14)<sup>591</sup>.

O primeiro elemento é a cosmovisão que determina o Evangelho como lentes para a leitura da realidade. Mais do que uma mensagem, Newbiggin compreendia o Evangelho como o único meio pelo qual seria possível entender corretamente o todo da realidade. Michael Goheen e Craig Bartholomew examinam a atitude de Newbiggin quando do seu retorno definitivo à Europa. Eles observam que o bispo de Madras “possuía o dom de ‘novos olhos’ para ver a incompatibilidade entre a narrativa do evangelho e aquela outra narrativa que estava em ação moldando a cultura ocidental”<sup>592</sup>.

---

<sup>591</sup> Goheen, em sua tese doutoral, ao tratar sobre o lugar do Evangelho no pensamento de Newbiggin, afirmou: “Uma elaboração fiel da eclesiologia missionária de Newbiggin deve começar onde ele sempre começou: com as boas-novas de Jesus Cristo. Na vida, morte e ressurreição de Jesus, o propósito de Deus para toda a sua criação foi revelado e realizado. Estas boas-notícias têm implicações universais. É um anúncio do reino de Deus do tempo do fim sobre como a história humana e cósmica chegará ao fim. E, no entanto, foi revelado por um homem judeu que viveu em uma determinada parte do globo em um determinado momento. Como essas boas novas serão comunicadas aos confins da terra? A intenção de Jesus foi esclarecida nos evangelhos. Ele chamou, escolheu e preparou uma comunidade que seria a portadora dessas boas novas. Ele os enviou com as palavras: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” e derramou o seu Espírito [sobre eles]. Cf. GOHEEN, M. **As the Father has Send Me**, p.116.

<sup>592</sup> GOHEEN, M.; BARTHOLOMEW, C. **Introdução à Cosmovisão Cristã**. pp.32-33.

Basicamente, Newbigín considerou que a cultura ocidental, mais precisamente daquela parte constituinte do Hemisfério Norte, estava completamente dominada por uma estrutura de compreensão do mundo e da realidade tão diferente daquela oferecida no Evangelho, fazendo com que essa região pudesse ser considerada um campo missionário, como qualquer outra nação não-cristã. Essa ideia surgiu, como demonstrada por Goheen e Bartholomew, na experiência do retorno do bispo Newbigín à Inglaterra. A cosmovisão bíblico-cristã havia sido suplantada por uma cosmovisão humanista, herdeira dos pressupostos do Iluminismo<sup>593</sup>.

Assim, para Newbigín, há uma grande importância na escolha de uma cosmovisão. Dela dependerá não apenas leitura da realidade, mas também o modo como agir nessa realidade. Desta forma, Newbigín admite que há dois grandes problemas diante da escolha de uma visão de mundo, isto é, entre a narrativa do Evangelho, presente em toda a Escritura Sagrada, ou aquela proposta pela cultura.

Partindo do contexto Iluminista e pós-Iluminista, quando o cristianismo europeu – entenda-se Catolicismo e Protestantismo – teve que se posicionar ante a proposta advinda desse movimento de transformação cultural, Newbigín advertiu do perigo da oposição, que torna o Evangelho<sup>594</sup>. Desta maneira, de acordo com Newbigín, o catolicismo optou por levantar barreiras contra o Iluminismo, enquanto o protestantismo “gradualmente entregou, ao Iluminismo, o controle da esfera pública e retraindo-se a esfera do privado”<sup>595</sup>.

A opção acolhida pelo protestantismo fez com que o Evangelho perdesse o papel que tinha, isto é, o de ser a estrutura de plausibilidade e de legitimação, pela qual se poderia entender o todo da história mundial, bem como o seu sentido

<sup>593</sup> GOHEEN; BARTHOLOMEW, *Introdução à Cosmovisão Cristã*, pp.32-33. NEWBIGIN, L. *Foolishness to the Greeks*, pp1-20; WAINWRIGHT, G. *Lesslie Newbigín*, pp.335-389.

<sup>594</sup> NEWBIGIN, *La Família de Dios*, p.21.

<sup>595</sup> NEWBIGIN, Lesslie. *The Other Side of 1984*, p.22. A grande influência para essa sessão, por parte do protestantismo, das rédeas da história e da cultura está relacionada, conforme Newbigín, com o teólogo alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834). A teologia de Schleiermacher foi uma reação ao racionalismo do Iluminismo, mas, ao mesmo tempo, uma espécie de adaptação da fé cristã aos moldes do mundo moderno. Ao determinar que a religião, leia-se o cristianismo, é um sentimento de autoconsciência imediata, que assumiria em algum momento o sentimento de absoluta dependência e relação com Deus, sendo que tudo isso estaria relacionado com a piedade, que é algo que, mesmo que tenha uma dimensão comunitária, está mais voltado para a individualidade ou expressão pessoal de fé. Newbigín percebe nisso a privatização da fé e do próprio discurso sobre a fé, isto é, o Evangelho. Cf. NEWBIGIN, *Foolishness to the Greeks*, pp.44-45. SCHLEIERMACHER, F. *The Christian Faith*, pp. 5-18; SCHLEIERMACHER, F. *Sobre a Religião*, pp.41-49.

final<sup>596</sup>. Aliás, para Newbiggin, não se tratava apenas de uma aceitação passiva, porém, mais do que isso. O protestantismo europeu ativamente entregou sua autoridade e o controle do mundo social e cultural aos pressupostos iluministas e seu programa emancipatório<sup>597</sup>. Isso aconteceu por causa de uma leitura acrítica da cultura e, por meio dela, da sua visão de mundo que desqualificava Deus e sua ação como é um fato histórico e o colocava numa categoria de crença ou do númeno<sup>598</sup>. O Iluminismo trouxe o dualismo entre o númeno e o fenômeno, entre o público e o privado, entre o fato e a crença. Quando o cristianismo, desde muito, tornou-se adepto e influenciado pelo dualismo greco-romano<sup>599</sup>, admitiu também para dentro da cultura ocidental um modelo dualista que influenciou o pensamento moderno da realidade.

Ao assumir um enquadramento inferior, a fé cristã não pode mais se justificar no novo modelo de realidade categorizado apenas no fenômeno e na história. Ao cristianismo restou, então, assumir o numenal, o sagrado, o espiritual e o privado. O gueto do descrédito ante toda uma sociedade e cultura.

O outro perigo diante do confronto entre cosmovisões é o sincretismo<sup>600</sup>. Etimologicamente, o sincretismo tem a ver com a tentativa de harmonização entre irreconciliáveis<sup>601</sup>. E, para Newbiggin, a cosmovisão do Evangelho é oposta a demais cosmovisões do mundo, quer sejam religiosas ou não, como será visto mais adiante. Por um lado, o sincretismo gera uma percepção da realidade numa mistura um tanto quimérica. O Evangelho estaria numa tensão com a cultura original e poderia perder o seu valor de referência. Por outro lado, o sincretismo poderia criar um tipo de relativismo, no qual, a adequação de certos setores da vida, podem estar ligados a cosmovisão cristã, enquanto outros aspectos assumiriam o compromisso com a cosmovisão da cultura evangelizada, relativizando, assim, o Evangelho.

O pressuposto de Newbiggin é que o Evangelho se tornou inapto a oferecer uma proposta de vida que apresente respaldo válido para a cultura e a sociedade

<sup>596</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. *The Other Side of 1984*, p.22.

<sup>597</sup> Cf. KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** In: KANT, I. **Immanuel Kant: Textos Seletos**, p. 63: “Esclarecimento é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem”.

<sup>598</sup> Cf. KANT, I. **Crítica a Razão Pura**, p. 293, B306.

<sup>599</sup> Cf. DUSSEL, E. **El Dualismo en la Antropología Cristiana**, p.86

<sup>600</sup> NEWBIGGIN, L. **The Other Side of 1984: Questions for the Churches**, p.23.

<sup>601</sup> Cf. ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**, p.903.

contemporâneas; embora a experiência do passado cristão acene para outra direção e a cultura ocidental ainda experimente resquícios do capital espiritual gerado pelo Evangelho em momentos anteriores da história. Essa inaptidão ganhou maior força no pós-iluminismo e no advento do que tem sido chamado pós-modernidade – a pá de cal sobre os metarrelatos. A solução para isso tem a ver com o que o próprio Newbigin considerou como os aspectos fundamentais do Evangelho para que o mesmo seja apresentado numa sociedade pluralista e pós-tudo: o Evangelho é tanto a História Universal como Verdade Pública, como informa Michael Goheen:

Newbigin enfatiza a natureza fundamental do evangelho de duas maneiras estreitamente relacionadas – como verdade pública e como história universal. Enquanto o hinduísmo e o humanismo ocidental localizam a verdade em algo imutável fora da história, a história bíblica localiza a verdade nas palavras e nos atos redentores de Deus na história que culminam em Jesus Cristo. Em Jesus Cristo, o fim e o significado da história cósmica foram revelados e realizados. Na cruz, Deus lidou com o pecado e a miséria do mundo; na ressurreição, um novo mundo amanheceu; no Pentecostes, o Espírito foi dado para que homens e mulheres pudessem começar a compartilhar deste novo mundo<sup>602</sup>.

Em tempo de pluralismo e diversidade, a afirmação de que o Evangelho é a História Universal soa desconfortável. A questão é simples. Em um mundo plural e diverso não há espaço para o absoluto. A sociedade pluralista, segundo Newbigin, apenas considera como plural aquilo que está no campo da crença, elementos que compõem a parte privada da vida humana, podendo, até mesmo haver discórdia entre os grupos religiosos, porquanto o pluralismo é reinante nesse aspecto da realidade<sup>603</sup>. Por outro lado, essa mesma sociedade, numa espécie de ressurgência do dualismo cartesiano, não admite a possibilidade de que fatos sejam plurais. Os fatos, como entende Newbigin, é tudo aquilo que é ensinado como “aquilo que sabemos”<sup>604</sup>. E como sabemos? – é possível essa pergunta. A resposta de Newbigin é a seguinte: aquilo que “pode resistir sob o exame crítico do método científico moderno pode ser ensinado como fato, como verdade pública: o resto é dogma”<sup>605</sup>. O que o bispo de Madras pretendia demonstrar é que a cultura ocidental, com a sua narrativa científicista reduziu a fé cristã a um entre tantos dogmas religiosos ou ideológicos. Consequência disso é que a fé cristã, como já dito, assumiu a “condição

<sup>602</sup> GOHEEN, M. **The Legacy of Leeslie Newbigin for Today**. In: *Reformation & Revival Journal: A Quarterly for Church Renewal*, v.14, n.3, 2005, p.51. Disponível em: <[https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3\\_goheen.pdf](https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3_goheen.pdf)>. Acesso em 06 jun.2018.

<sup>603</sup> NEWBIGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.30.

<sup>604</sup> NEWBIGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.30.

<sup>605</sup> NEWBIGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.18.

de mensagem religiosa privada sobre uma salvação desencarnada, futura e sobrenatural, postergada para um futuro indefinido”<sup>606</sup>.

Assim, a conclusão a que Newbiggin chegou é simples: A sociedade (pós-) moderna dicotomizou a realidade e excluiu da religião, inclusive o cristianismo, o status de “estrutura de plausibilidade”. Desse modo, a proclamação do Evangelho do Reino foi retirada do espaço público e confinado ao espaço religioso. O Evangelho foi “domesticado para encaixar-se nas suposições do pensamento moderno”<sup>607</sup>. O anúncio, portanto, do Evangelho fora das convenções impostas pelo pluralismo poderiam resultar no entendimento que as afirmações evangélicas têm a pretensão arrogante de se afirmar como a verdade sobre as demais verdades, afinal de contas, a crença deve ser reservada ao espaço privado<sup>608</sup>. Diante disso, Newbiggin contrapôs:

Enquanto a igreja estiver satisfeita em oferecer suas crenças com a mesma modéstia como simplesmente uma das muitas marcas disponíveis no supermercado ideológico, não haverá ofensa, porém, a afirmação de que a verdade revelada no evangelho deveria reger a vida pública é ofensiva<sup>609</sup>.

Newbiggin compreende que o Evangelho somente pode fazer sentido quando reinserido a dinâmica histórica da qual foi tirado. Porquanto, a ideia de um Deus agindo na história e, por isso, dando sentido a todas as coisas, constitui em metanarrativas contrárias às posições da sociedade contemporânea<sup>610</sup>. A fé cristã, para ele, exige que os eventos da vida, morte e ressurreição de Jesus, sejam considerados, assim como são, acontecimentos históricos<sup>611</sup>. Numa comparação com o budismo, cujas verdades apregoadas podem ser consideradas como legítimas independente da historicidade de Sidharta Gautama, o Buda<sup>612</sup>. Newbiggin, pelo contrário, entende que, o cristianismo fica de pé ou cai, se qualquer evento do ministério de Jesus Cristo, principalmente aqueles relacionados a sua morte e ressurreição, não forem realmente históricos. Aliás, esse argumento é semelhante ao de Paulo de Tarso: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1Co 15,14). Portanto, para que haja validade e legitimidade no anúncio

<sup>606</sup> GOHEEN; BARTHOLOMEW, *Introdução à Cosmovisão Cristã*, p.33.

<sup>607</sup> NEWBIGGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.18.

<sup>608</sup> NEWBIGGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p..21.

<sup>609</sup> NEWBIGGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p. 21.

<sup>610</sup> Cf. LYOTARD, J-F. *Introdução*: In: *A Condição Pós-Moderna*, p. XIV

<sup>611</sup> Cf. NEWBIGGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p. 98.

<sup>612</sup> NEWBIGGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p. 99.

do Evangelho, que é revelação dos meios pelo qual Deus cumpriu o seu propósito para salvação do mundo e da humanidade, é necessário que ele seja apresentado como História Universal, “que está sendo encenada sobre o controle criativo e providencial de Deus”<sup>613</sup>. E isso tem a ver com o conteúdo do Evangelho em toda extensão da narrativa bíblica. Acerca disso, Newbigin afirmou:

O Evangelho de Deus que se ocupam ambos os Testamentos não se refere [sic.] a um fio somente do tecido da história, mas também ao princípio e fim de todas as coisas e por isso ao significado específico de todos os acontecimentos. Donde se conclui que não pode haver uma separação absoluta entre a história da nossa redenção e a história da salvação do Antigo e do Novo Testamento entre a história da igreja e a da humanidade. A Bíblia desconhece qualquer divisão dessa espécie<sup>614</sup>.

Newbigin antecede o seu argumento acerca da universalidade da história bíblica com uma argumentação a favor da história humana ter sido palco da revelação de Deus<sup>615</sup>.

O Evangelho, que Jesus pregou é a boa nova do reinado universal de Deus. É dirigido a toda a realidade humana e cósmica. E, no entanto, também está ligado a nomes particulares de pessoas e lugares pertencentes a culturas particulares. Fala da história de Israel, um povo entre todos os povos e do homem cujo nome hebraico era Josué, um homem entre todos os bilhões que viveram. Sua linguagem e seus símbolos fundamentais pertencem ao mundo cultural do Mediterrâneo oriental e, portanto, nos mundos culturais da África, da Índia ou do Japão, eles são estrangeiros. [...]. O escândalo da particularidade está no centro da questão das missões. Para ela, mais precisamente, é o problema de relacionar a universalidade de Deus com seus atos e palavras particulares. Deus está acima de tudo e em todos; nem um pardal cai no chão sem a sua vontade. No entanto, a Bíblia fala de Deus agindo e Deus falando em tempos e lugares específicos<sup>616</sup>.

O segundo aspecto fundamental do Evangelho, para Newbigin, é que a mensagem dos atos salvíficos de Deus deve ser admitida como Verdade Pública. O que tem sido demonstrado até aqui é que o Evangelho, que proclama o reino de Deus, o reinado de Jesus e a antecipação das benesses do mesmo Reino pelo Espírito Santo, perdeu gradativamente o seu campo de influência e o seu caráter legitimador desde o fim da cristandade, tendo essa condição agravada com a modernidade e, com a pós-modernidade, foi definitivamente tornada mais um discurso religioso como outro qualquer. Newbigin teve a experiência de conhecer duas Inglaterras. A primeira cristã em seus fundamentos, valores e princípios. A segunda diametralmente oposta a primeira. A cosmovisão contemporânea privatizou tudo o que não pudesse passar pelo crivo da análise científica. O que o

<sup>613</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.97.

<sup>614</sup> NEWBIGIN, L. **A Igreja Missionária no Mundo moderno**, p.48.

<sup>615</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.95-110.

<sup>616</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.66

Evangelho tinha a dizer passou a ser considerado válido apenas para quem assim quisesse aceitar, guardando-se de não atribuir à sua fé nenhum valor a mais do que aquele que fosse pessoal e subjetivo.

Na contramão desse estado de coisas, Newbigin afirmou a necessidade de que o Evangelho voltasse a ocupar o seu lugar por direito, isto é, ser a mensagem universalmente válida acerca das ações salvadoras daquele que tudo criou e que tudo governa, à revelia da aceitação ou reconhecimento da humanidade. O conflito entre cosmovisões deveria ser o campo para reinserção do Evangelho ao seu lugar. Saindo das amarras e dos grilhões que o privatizaram, o Evangelho, por ser a mensagem presente na História Universal registradas na Bíblia, deve se apresentar no ambiente comum a todos os fatos e, portanto, deve ser anunciado a todos os povos, tribos, línguas e nações (cf. Mt 28,19; Ap 5,9). Basicamente, é isso que Newbigin quer dizer ao entender o Evangelho como Verdade Pública.

Desta forma, a proclamação da Boa-Nova acerca do Reino de Deus “é para todos e não deve ser ocultada de ninguém”<sup>617</sup>. E como essa Boa-Nova diz respeito ao senhorio de Jesus e, para que todas as implicações desse senhorio possam ser assimiladas, é preciso que a mensagem do Evangelho seja manifestada na “vida de todos os povos e em todos os setores da existência humana”<sup>618</sup>.

Entretanto, não se deve pensar que, com a abrangência da proclamação do evangelho, uma nova cristandade ou uma teocracia cristã venha a existir. Não é isto que Newbigin tem em mente<sup>619</sup>. Pelo contrário, a evangelização se torna um exercício bidirecional que, indo ao encontro do outro não apenas ensina, mas também aprende, como Newbigin deixou bem claro:

Isso significa que estamos envolvidos em um exercício bidirecional. Temos uma história para contar e um nome para comunicar; não há substitutos para essa história e para esse nome. Temos que dizer o nome e contar a história; mas ainda não sabemos o que significa dizer que Jesus é o Senhor. Teremos que aprender enquanto caminhamos, como Pedro teve que aprender com o encontro na casa de Cornélio. Somos missionários, mas também somos aprendizes, meros principiantes. Nós não temos toda a verdade, mas sabemos o caminho pelo qual essa verdade deve ser procurada e encontrada. Temos que convocar todos para vir e fazer esta jornada conosco, pois não conheceremos toda a glória de Jesus até o dia em que toda língua há de confessar e não saberemos a plenitude daquilo que o serviço de Jesus significa, desde que não tenhamos lutado para levar à obediência a multiplicidade das

<sup>617</sup> NEWBIGIN, L. **Una Verdad que hay que decir**, p.37

<sup>618</sup> NEWBIGIN, L. **Una Verdad que hay que decir**, p.37.

<sup>619</sup> NEWBIGIN, L. **Una Verdad que hay que decir**, p.82: “Sempre que é levantada a questão do dever da Igreja de reivindicar a existência pública para a fé cristã, surge o espectro de um retorno à teocracia, de uma reconstrução do cristianismo. Mas não posso admitir que não há um terceiro caminho entre um cristianismo puramente privatizado e uma teocracia de estilo muçulmano”.

atividades do conhecimento, da indústria, da política e das artes. Assim, a missão não é uma propaganda de mão única, mas um encontro bidirecional em que aprendemos mais do que o evangelho. Nós aprendemos enquanto caminhamos. Esta é a única maneira em que afirmamos que o evangelho não é apenas “verdadeiro para nós”, mas para todos. A ação missionária da Igreja é a exegese do evangelho<sup>620</sup>.

O sentido do Evangelho se completa no diálogo com os evangelizados. Nas narrativas dos evangelistas, Jesus é visto em diálogo com indivíduos que, mesmo sendo “ovelhas perdidas”, mas não de Israel, acolhidos por Jesus. Não apenas as pessoas, mas também as evidências da fé em Deus, que a todos é manifestada (cf. Rm 1,22; 2,14-15)<sup>621</sup>. E em nenhum desses casos, o anúncio feito por Jesus teve um tom impositivo ou de obrigatoriedade. O Reino de Deus é o seu domínio sobre todas as coisas e todas as pessoas, que por seu amor e bondade são atraídas a ele e por ele (Jr 31,3). O amor de Deus pelo mundo é o amor pelo outro que se expressa em todos os seus atos salvíficos, sendo o maior dele aquele que ocorreu no Calvário. No seu diálogo com o mundo por meio de Jesus a Boa-Nova foi ouvida. Assim, não há evangelização se não houver um diálogo bidirecional entre o evangelizador e o evangelizado, se não houver uma relação dialógica entre a Igreja e o Mundo.

Nessa “bidirecionalidade do Evangelho”, para Newbigin, a problemática entre universalidade e particularidade é reconciliada. E a questão é bem simples ambas são auto excludentes. Ou algo é universal ou é particular. Jamais as duas coisas numa mesma relação. As implicações disso são profundas. Se o Evangelho é universal, então as outras reivindicações religiosas particulares perdem a validade. Se o Evangelho está circunscrito no mesmo âmbito particular das outras religiões e visões de mundo, então, ele não pode reivindicar uma posição universal. Entretanto, Newbigin percebe que o Evangelho deve ser aceito como universal e público e, mesmo assim, mantém as características de particularidade. Newbigin afirmou:

O leitor atento da Bíblia notará como esses dois temas estão constantemente interligados, sem qualquer aparente senso de incompatibilidade. Em Romanos 10,12-13, Paulo faz uma arrebatadora declaração acerca da universalidade: “Não há distinção entre judeu e grego; o mesmo Senhor é Senhor de todos e concede suas riquezas a todos os que o invocam”. Porque “todo aquele que clamar o nome do Senhor será salvo”. Mas isso, o leva diretamente à afirmação da necessidade que um missionário vá e pregue (Rm 10,14-15). Em João 4,24, texto que tem sido frequentemente usado para negar a necessidade de “forma, sinal ou palavra ritual” na religião – “Deus é Espírito, e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e verdade” – é seguido imediatamente pela contundente declaração que descreve o culto

<sup>620</sup> NEWBIGIN, L. **Uma Verdade que hay que decir**, p.37.

<sup>621</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.232.

samaritano como ignorante e afirma que “a salvação vem dos judeus” ([Jo] 4,22). Universalidade e particularidade não se contradizem, mas exigem uma da outra<sup>622</sup>.

As implicações disso apontam tanto para o desenvolvimento de um modelo missionário como para o direcionamento de um diálogo entre o cristianismo e as demais religiões<sup>623</sup>. Em termos da ação missionária da Igreja, a evangelização deve assumir a tarefa de apresentar Jesus “como a principal pista na busca comum da humanidade pela salvação”, mas também ela deve ser um convite para que as demais pessoas, de todos os povos, culturas e fés, sigam-no<sup>624</sup>. Nesse sentido, apenas quando aqueles para quem o Evangelho fez todo o sentido, de modo que não apenas a sua fé está submissa a Deus e sua vontade, mas que o todo, isto é, a integralidade do seu ser, esteja inclinada ao seu senhorio, serão capazes de anunciar o Evangelho para a transformação do mundo.

Para Newbigin, o Evangelho não era apenas um meio pelo qual se chegaria à salvação pessoal e egoísta, como muitas vezes é anunciado. Porém, deveria ser encarado como meio de transformação. O Evangelho age nas estruturas da realidade. Como história universal e verdade pública, o Evangelho chama ao debate, senão ao confronto, as visões de mundo e as ideologias, as filosofias e teologias, as outras religiões e o próprio cristianismo. A Boa-Nova do Reino apresenta todas as propostas de Deus para a sua criação e para a humanidade; propostas de vida e de paz (cf. Jr 29,11-3). Acerca disso, Michael Goheen comenta:

Nada é mais urgente em nossos dias do que uma igreja que acredita no evangelho e o torna o ponto de partida fundamental e direcionando o poder para sua vida. Mas o modo como Newbigin articulou o evangelho é igualmente significativo: em um mundo dominado pelo relativismo e pelo fundamentalismo, sua formulação do evangelho vem como uma lufada de ar fresco. Contra o “relativismo radical desenfreado” que ameaça a verdade do novo mundo, Newbigin permanece firme: o evangelho é verdadeiro – universalmente verdadeiro – para todos! Em oposição à suposição fundamentalista de que o evangelho é um conjunto de verdades proposicionais imutáveis ou ideias dogmáticas a serem simplesmente declaradas contra todos os outros, Newbigin apresenta o evangelho como eventos que revelam o significado e objetivo da história mundial e, assim, fornecem a pista para a compreensão e vivendo no mundo, mas é flexível o suficiente para o diálogo com adeptos de outras religiões e cosmovisões de mundo<sup>625</sup>.

Desta forma, a evangelização é uma hermenêutica do evangelho. Não no sentido de recontar a sua narrativa, mas de extrair dele aqueles elementos de transformação e mudança. Esta é a razão pela qual o Evangelho é público. Assim

<sup>622</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.67.

<sup>623</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp. 231-239.

<sup>624</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.205.

<sup>625</sup> GOHEEN, L. **The Legacy of Lesslie Newbigin for Today**, p.51.

sendo, se a evangelização se restringe ao espaço e contexto eclesial apenas, para a edificação de uma membresia, que se torna consumidora do “evangelho”, mas que não se interessa em fazer conhecido o Evangelho do Reino; então, essa evangelização fracassou em seu propósito. Deus não está interessado apenas no bem-estar das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo afora. A Igreja não é um fim em si mesma, nem o Evangelho tem o seu fim na Igreja. O Evangelho é testemunho de como o Deus Uno e Trino tem agido para salvar o mundo. O Evangelho é para o testemunho de todas as nações, a fim de que o Reino de Deus seja definitivamente estabelecido (cf. Mt 24,14).

O Evangelho é, portanto, o ponto-de-contato entre Deus e o Mundo. E por conta dessa Boa-Nova se o fundamento da missão da Igreja, pode-se afirmar que o Evangelho marca e define os parâmetros da relação entre Igreja e Mundo. Por isso mesmo, importa que esta investigação avance mais um pouco a fim de identificar como Lesslie Newbigin entende a Igreja e o seu papel na evangelização. Neste caso, é preciso que seja considerado como Newbigin compreende a missão.

Em seus escritos sobre missão, Newbigin faz uma distinção de termos que são utilizados por ele. Esses termos são missão, missões e evangelismo, que são definidos da seguinte forma:

É a luz que devemos entender o propósito e objetivo das missões. Estou usando aqui a palavra missões para distingui-la da palavra mais abrangente missão. Uso essa última palavra no sentido de toda a tarefa para a qual a Igreja é enviada ao mundo. Com missões, refiro-me àquelas atividades específicas que são assumidas por decisão humana de levar o evangelho a lugares ou situações em que ele não é ouvido e de criar uma presença cristã no lugar ou situação em que não existe esse tipo de presença ou nenhuma presença efetiva<sup>626</sup>. [...] E eu uso ‘evangelismo’ no sentido de comunicar notícias, o que significa que as palavras estão envolvidas e, especificamente, o nome de Jesus<sup>627</sup>.

É nítida a diferenciação que Newbigin faz entre missão e missões. Por missão tem-se o todo, por missões as partes. Há uma tendência do protestantismo conservador em enfatizar as missões, o que deve ser entendido em termos de envio de missionários para as nações estrangeiras – uma das dicotomias comuns que levaram Newbigin a refletir sobre a natureza da Igreja, como será visto mais adiante. Também é comum o uso de evangelismo ao invés de evangelização<sup>628</sup>. De

<sup>626</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p. 161.

<sup>627</sup> NEWBIGIN, L. **Evangelism and the Whole Mission of the Church**, p.7

<sup>628</sup> Cf. BOSCH, D. **Missão Transformadoras**, 2012. A opção de Newbigin à luz de Bosch seja a preferência de protestantes ecumênicos preferirem evangelismo. Embora a consideração de Bosch não caiba no contexto protestante brasileiro que intercambia evangelização e evangelismo como

qualquer forma, Newbiggin tem em mente o avanço da mensagem evangélica como modo de fazer conhecido o amor do Deus Uno e Trino, revelado nos gestos e palavras de Jesus de Nazaré, no poder e ação do Espírito Santo.

Nos anos 70, do século passado, surgiu uma diferenciação entre a postura a ser assumida pelas missões protestantes. Pelo lado progressista, conduzidos pelo CMI, a ideia de missões e evangelização dizia respeito a implantação da justiça do Reino<sup>629</sup>, isto é, que a Igreja deveria ter preocupações com a transformação social do mundo. Pelo lado conservador, liderados pelo Congresso de Lausanne<sup>630</sup>, missões dizia respeito a evangelização do mundo. Percebe-se nesses entendimentos a presença de uma visão dualista em chave de oposição-exclusão. Ou bem se conduz o evangelizado à conversão, ao batismo e à membresia, ou trata-se de providenciar a justiça e paz ao mundo. Nunca as duas coisas. Entretanto, para Newbiggin,

nenhuma prioridade pode ser atribuída entre eles, porque um sem o outro é em vão. O Verbo feito carne é o Evangelho. A ação sem a palavra é muda. A palavra sem a escritura está vazia. Às vezes, as palavras são baratas e ações caras; às vezes as ações são baratas e as palavras podem custar vidas. É inútil colocar esses dois um contra o outro, e a dicotomia que se abre aqui, em nossas percepções, é parte do dualismo profundo que herdamos das raízes pagãs e clássicas de nossa cultura e que o testemunho bíblico nunca conseguiu erradicar. Não preciso lembrar que, a mesma palavra hebraica, é regularmente traduzida em nossa Bíblia como “palavra” e “ato”. Não encontro essa dicotomia entre palavra e ação no Novo Testamento<sup>631</sup>.

---

sinônimos. Ainda é possível considerar que o termo evangelização é preferido pelos protestantes ecumênicos (estão incluídos nesse grupo: luteranos, anglicanos, seguimentos do metodismo) e o termo evangelismo é preferido pelo protestante evangélicos, como diz Bosch, ou simplesmente protestantes conservadores (estão incluídos nesse grupo: presbiterianos, batistas, assembleianos e pentecostais em geral).

<sup>629</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.177-179.

<sup>630</sup> O Congresso Internacional para a Evangelização do Mundo, ocorrido na cidade de Lausanne, Suíça, ou simplesmente Congresso de Lausanne, foi uma reunião em nível mundial, realizado em 1974, sob a liderança do batista Billy Graham (1918-2018) e do anglicano John Stott. Para uma visão geral dos matizes teológicos do Congresso de Lausanne e do Movimento que se seguiu a ele, recomenda-se: TENNENT, Timothy C. **Lausanne and Global Evangelicalism: Theological Distinctives and Missiological Impact**. In: DAHLE, Lars; DAHLE, Margunn Serigstad; JØRGENSEN, Knud (eds.). **The Lausanne Movement: A Range of Perspectives**. Oxford: Regnum Books, 2014, pp.45-60.

<sup>631</sup> NEWBIGGIN, **Evangelism and the Whole Mission of the Church**, p.7. Em outro lugar, Newbiggin considerou a mesma questão da seguinte forma: “É notório que os tempos e lugares, nos quais campanhas evangelísticas bem-sucedidas e conversões em massa foram relatadas, foram frequentemente marcados por males incontestáveis como o racismo, o sectarismo militante e o apoio cego a sistemas econômicos e políticos opressores. Como devemos avaliar uma forma de evangelismo que produz cristãos batizados, comungantes, leitores da Bíblia e zelosos que estão comprometidos com o crescimento da igreja, mas não comprometidos com a radical obediência ao ensinamento claro da Bíblia sobre as questões de dignidade humana e da justiça social? E como podemos defender uma forma de evangelismo que não tem nada a dizer sobre as grandes questões da justiça social e fala apenas de questões acerca do comportamento pessoal e doméstico? Podemos concordar que as grandes questões éticas são questões secundárias, que podem ser atendidas após a conversão”? cf. NEWBIGGIN, L. **The Open Secret**, pp.134-135.

Deste modo, Newbigin entende que a missão não pode ser pensada numa dicotomia sobre o que “salvar”, a alma ou o corpo, entre o espiritual e o social. O dualismo entre a proclamação do Evangelho do Reino e o estabelecimento da Justiça do Reino são incoerentes com o todo das Escrituras e da intenção salvadora de Deus. Para o bispo Newbigin,

devemos entender a missão da igreja a luz do fato de que o significado da história contemporânea é que é a história do tempo entre a ascensão de Cristo e o seu retorno, o tempo em que o seu reinado a destra de Deus é uma realidade oculta, o tempo em que são Dados sinais desse reino oculto, mas em que a revelação plena do poder e da Glória do reino está retida para que todas as nações - todas as comunidades humanas - possam ter a oportunidade de se arrepender e Crer com Liberdade. Pode-se dizer, portanto, que a missão mundial Cristã é a chave para história no duplo sentido, que poderíamos classificar como proclamar e impulsionar<sup>632</sup>.

Proclamar é o anúncio do Evangelho como a história de todo o universo e como a verdade que precisa ser publicamente dita. É pela proclamação que o mundo ouvirá o testemunho do amor de Deus em Jesus, que pela centralidade de seu ministério, morte e ressurreição é possibilitado ao mundo o entendimento de todo o sentido da história. Em Jesus de Nazaré, Deus se abre para acolher todos aqueles que pelo arrependimento e fé, livremente optam pelo seguimento de Cristo<sup>633</sup>. Torna-se concreta a necessidade da proclamação, quando se dá atenção a consideração de Paulo aos romanos: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10,14).

Por outro lado, explica Newbigin, o impulsionar deve ser identificado como o despertar para uma nova dinâmica de vida, para uma nova visão de mundo, de um mundo em que é legítimo ter esperança<sup>634</sup>. Essa esperança não se traduz numa espécie de escapismo, porquanto, para Newbigin, é no chão da realidade, em que se encontram os que creem, que se opera as transformações sociais, políticas e econômicas advindas do anúncio do Reino e que se presentifica na nova comunidade do Reino, que é a Igreja<sup>635</sup>. Conquanto o Reino esteja presente no povo real e concreto de Deus, as antecipações do Reino não são abstrações, mas, realidade.

<sup>632</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.169-170.

<sup>633</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.170.

<sup>634</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.171.

<sup>635</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.171-173 passim.

Diante desses dois modos de revelação do Reino – palavra e ação – não podem ser desconectados um do outro. Aliás, o próprio conflito entre um e outro que igrejas e associações missionárias implementam e mutuamente se criticam se torna uma maneira de enfraquecer o sentido da missão. Na experiência da Igreja, em seus primeiros momentos, os apóstolos não consideram lícito abandonar a palavra para servir às mesas (At 6,2). Entretanto, também não é considerado justo deixar as viúvas, com todo o seu simbolismo bíblico, desamparadas e famintas (At 6,4-5). Diante disso, a Igreja aprendeu a realizar duas dinâmicas complementares simultaneamente. Anunciar e viver o Evangelho se tornou parte da experiência de um povo eleito, chamado e enviado para uma missão.

### 3.1.3.3

#### **A Igreja: Um Povo para todo os Povos**

A Igreja é uma consequência natural ao ministério de Jesus Cristo. Afinal de contas foi ele quem a edificou e a tem, constantemente, edificado (cf. Mt 16,18). Embora, em *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, Newbigin não faça uma exposição do conceito Igreja, tudo o que diz respeito a esse tema tem lugar em obras anteriores. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista* é uma obra final, que se sustenta sobre alicerces anteriormente lançados pelo fazer teológico de Newbigin, os quais têm a Igreja e Missão como temas centrais.

De acordo com o teólogo dinamarquês Jeppe Nicolajsen, Newbigin fez duas importantes contribuições para a missiologia<sup>636</sup>. A primeira está relacionada aos seus primeiros escritos, anteriores a 1974, entre os quais se encontra *Household of God*. De acordo com Nicolajsen, esses escritos desempenharam um papel significativo no desenvolvimento de uma eclesiologia missional. A outra contribuição tem a ver com os escritos de Newbigin posteriores a 1974 até 1998, ano de sua morte. Nessa segunda fase, os escritos do bispo Newbigin contribuíram para o desenvolvimento de uma missiologia da cultura ocidental, que como

---

<sup>636</sup> NICOLAJSSEN, J. P. **Beyond Christendom: Lesslie Newbigin as a Post-Christendom Theologian**. In: *Exchange* 41, (2012), p.366. Cf. NIKOLAJSSEN, J.B. **Missional ekklesiologi. En teologihistorisk analyse af en ekklesiologisk tradition**. In: *Norwegian Journal for Missiology* 63/1 (2009), 19-3. Disponível em: <[http://egede.no/sites/default/files/dokumenter/pdf/NTM\\_2009\\_1-Nicolajsen.pdf](http://egede.no/sites/default/files/dokumenter/pdf/NTM_2009_1-Nicolajsen.pdf)>. Acesso em 05 jul. 2018.

Nicolajsen enfatiza, é a consciência newbiginiana que o mundo ocidental pós-Cristandade se tornou um campo missionário<sup>637</sup>.

A Igreja é o cordão dourado da teologia de Newbigin<sup>638</sup>. Aliás, foi com esse tema que ele começou a desenvolver sua teologia missional. Para ele, o modo de existir da Igreja dentro dos seus diversos contextos está intrinsecamente relacionado com a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, que, em última análise, é o segredo aberto acerca da missão de Deus, isto é, o anúncio de todos os atos salvíficos de Deus para a salvação da humanidade e de toda a criação. É dessa missão que a Igreja participa como continuadora da missão de Jesus. O ápice do seu ministério terreno, embora envolto em frustração, derrota e grande ignomínia, foi a cruz. Porém, é nessa mesma cruz, que todo o sentido do Evangelho ganha força e significado, Newbigin resume isso nos seguintes termos:

Segundo o testemunho do Novo Testamento, a cruz é o lugar aonde o reino de Deus se manifesta, aos olhos da fé, no que parece ser sua derrota; o poder de Deus na fraqueza; a sabedoria de Deus, na loucura. A fé pela qual a Igreja vive é que nesse acontecimento todo o quadro de coisas foi irreversivelmente mudado e que este é o lugar onde o significado do anúncio original do Evangelho é revelado: o Reino de Deus se aproximou. A Igreja pode manter e viver por esta fé porque este Jesus, crucificado em fraqueza, foi “designado Filho de Deus em poder segundo o Espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (Rm 1,4)<sup>639</sup>.

Ao manter, viver e anunciar a fé no Crucificado-Ressuscitado, a Igreja assume a tarefa evangelizadora, que indica não mais a proximidade do Reino, mas a sua presença de fato, em sua ação transformadora da história da humanidade. Agora é preciso que seja explicado como Newbigin entende a Igreja.

Em *Household of God*, Newbigin trabalhou a natureza da Igreja. O ponto-de-partida de sua reflexão foi contextual. Para ele, o rompimento de uma união existente entre Evangelho e cultura no Ocidente, as experiências das missões cristãs em terras estrangeiras e o movimento ecumênico, ofereciam uma forte base para se repensar a natureza da igreja cristã. Acerca disso bem esclarece Goheen:

Três fatores contribuíram para esse interesse ressurgente [acerca da natureza da Igreja]. O primeiro foi o colapso do *corpus Christianum*. A cristandade foi o pano de fundo de todas as eclesiologias da Reforma. Essas eclesiologias da cristandade formularam sua compreensão

<sup>637</sup> Cf. NICOLAJSSEN, J. **Beyond Christendom**, pp.363-380.

<sup>638</sup> VANDERVELDE, G. **The Church as Missionary Community: The Church as Central Disclosure Point of the Kingdom**. (Unpublished Paper). Given at a colloquium on the theme “A Christian Society? Witnessing to the Gospel of the Kingdom in the Public Life of Western Culture”, p.10 *Apud* NICOLAJSSEN, J. B. **The Distinctive Identity of the Church: A Constructive Study of the Post-Christendom Theologies of Lesslie Newbigin and John Howard Yoder**, p. 23. (Kindle Edition).

<sup>639</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.49.

da igreja em oposição umas às outras, e não no contexto de seu chamado em um ambiente não-cristão. A dissolução da cristandade trouxe uma crise para todas as eclesiologias enquadradas em suas suposições. O segundo fator que obrigou a repensar a natureza da igreja foi a missão cristã e o surgimento de igrejas não-ocidentais. O novo cenário dos ambientes pagãos, onde as novas igrejas estavam florescendo, exigiu uma reformulação das eclesiologias formadas em um cenário ocidental. [...]. O terceiro fator que colocou a eclesiologia no centro da agenda teológica foi o surgimento do movimento ecumênico. Conforme as igrejas entravam em contato umas com as outras, elas reconheciam umas às outras como igrejas em algum sentido<sup>640</sup>.

Assim, Newbigin inicia a sua reflexão identificando em três diferentes eclesiologias, a possibilidade de resposta à questão da natureza da Igreja<sup>641</sup>. As diferentes eclesiologias que o bispo Newbigin são naturalmente a protestante, a católica e a nascente eclesiologia pentecostal<sup>642</sup>. Sobre isso comenta Goheen:

As duas primeiras respostas tradicionais foram incorporadas em duas das grandes tradições cristãs da história da igreja. A resposta protestante é que somos incorporados em Cristo através da fé no evangelho. A resposta católica é que somos incorporados à igreja historicamente contínua, institucionalmente unida e visível pela participação sacramental. A terceira resposta à pergunta vem de uma tradição de safra mais recente. Hesitando em nomeá-lo, Newbigin finalmente usa o termo pentecostal. Essa tradição responde à pergunta de que somos incorporados na igreja ao receber o Espírito Santo. Newbigin sustenta que nenhuma dessas tradições responde adequadamente à questão porque elas contrastaram essas três respostas bíblicas de maneiras mutuamente exclusivas. Cada uma das respostas domina uma tradição particular, e surgem distorções quando uma dessas respostas é considerada a única pista fundamental para a natureza da igreja<sup>643</sup>.

Em cada uma dessas eclesiologias Newbigin enfocaria uma das pessoas da Divindade, dando assim início a perspectiva trinitária de sua eclesiologia e, posteriormente, à sua teologia, como foi visto até aqui – considerar: A Igreja Missionária no Mundo moderno (1960 [1969]), *The Open Secret* (1973), *Foolishness of the Greeks* (1986), entre outras obras. Assim, como a Igreja presta um serviço de continuidade da *missio trinitatis Dei*, ela também assume as características da ação particular de cada uma das Pessoas divinas.

A primeira característica é que, a Igreja é a Congregação dos Fiéis. O anúncio central da Boa-Nova proclamada por Jesus de Nazaré era um convite à participação no Reino de Deus Pai – e sobre essa ideia Newbigin deu muita ênfase. Receber e participar do Reino de Deus era aceitar, pela fé, a totalidade de sua presença em Jesus Cristo. Era crer nos eventos da morte e ressurreição do Nazareno, mas também no seu envio da parte de Deus. Newbigin resume essa dinâmica nas seguintes palavras:

<sup>640</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.54-55.

<sup>641</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.55.

<sup>642</sup> Cf. NEWBIGIN, *La Familia de Dios*, p.123.

<sup>643</sup> GOHEEN, *As the Father has Send Me*, p.54-55

Quando perguntaram a Jesus: “Quais são as obras de Deus”? Jesus respondeu, segundo a afirmação de João: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” [cf. Jo 6,28-29]. O mesmo Evangelho afirma que, crer nele é ter a vida eterna [Jo 17,3]. No livro de Atos, referindo-se aos cristãos, fala-se dele como os que creram. Os apóstolos disseram ao carcereiro de Filipos: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” [At 16,31]. E esta expressão poderia ser considerada como um sumário daquilo que se dizia a todos. Não é necessário apresentar muitos exemplos, basta recordar que, no Novo Testamento, quando se fala da nossa relação com Cristo, quando se trata de pontos essenciais [da fé cristã], se faz uso dos termos crer e fé<sup>644</sup>.

É nesse ponto, que Newbigin lança mão da eclesiologia protestante. De maneira geral, o conceito eclesiológico protestante assume que o pertencimento à Igreja se faz por meio da fé, uma vez que essa participação está diretamente relacionada com as doutrinas da salvação, mais especificamente, a justificação pela fé<sup>645</sup>.

Newbigin contrasta o Antigo e Novo Testamento, demonstrando que a participação na aliança com Deus se dava, inicialmente, pelo rito da circuncisão, porém, a partir de Jesus, a fé assume o seu lugar. Baseando-se no caso da conversão de Cornélio (cf. At 10), demonstra que não pode haver salvação apegando-se as ações humanas, de modo que “existe apenas uma certeza da salvação: Cremos que pela graça do Senhor Jesus seremos salvos. O modo Divino de salvação é por graça, mediante a fé”<sup>646</sup>. Desta forma, ele demonstrou que fé e crer são a exigência central

<sup>644</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.44-45.

<sup>645</sup> STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**, vol.2, p.635; GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**, pp.715-717; CFW XXV,1-2: “A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas. A Igreja Visível, que também é católica ou universal sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei) consta de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o Reino do Senhor Jesus, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação”. Comentado a CFW, Dixhoorn interpretou: “Mais amplamente concebida, a Igreja “Católica”, o que significa a Igreja “Universal”, consiste de todo o povo de Deus – todos os que ele escolheu ou elegeu para salvar. Ela inclui aqueles que “já foram, que agora são e dos que ainda serão reunidos” como um só, sob Cristo. Cf. DIXHOORN, C. **Guia de Estudo CFW**, p.343.

<sup>646</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.48. Deve-se ter em mente que o contexto em Newbigin está trabalhando. Ele está no período pré-Conciliar, tempo de fechamento para o diálogo entre Protestantes e Católicos. E muito tempo antes da Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação, em que luteranos e católicos afirmam: “Confessamos juntos que o pecador é justificado pela fé na ação salvífica de Deus em Cristo; essa salvação lhe é presentada pelo Espírito Santo no batismo como fundamento de toda a sua vida cristã. Na fé justificadora o ser humano confia na promessa graciosa de Deus; nessa fé estão compreendidos a esperança em Deus e o amor a Ele. Essa fé atua pelo amor; por isso o cristão não pode e não deve ficar sem obras. Mas tudo o que, no ser humano, precede ou se segue ao livre presente da fé não é fundamento da justificação nem a faz merecer”. Portanto, deve-se levar em consideração a ideia que ele está propondo de uma eclesiologia que unifica as três eclesiologias e não uma crítica as igrejas que a adotam. Cf. IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação**. Disponível em:

para participação na comunidade cristã. Esta fé era acolhida, segundo Newbigin, porque a Igreja nascente entendia que a fé marcava a regeneração promovida pelo Espírito Santo, que era, analogicamente, a circuncisão do coração (cf. Cl 2,11-12). Mas, em que esse entendimento contribui para a definição da natureza da Igreja? A resposta é simples. Para o bispo de Madras, a natureza constituinte da Igreja é a fé daqueles que assumem o seguimento de Jesus, que se concretiza na vida pessoal e comunitária daqueles que se reúnem como discípulos de Cristo. Neste ponto, Newbigin crítica a eclesiologia protestante construída sob a base da Igreja Invisível, totalmente espiritual, direta e absolutamente ligada à fé, num sentido abstrato e que, por isso, não pode ser vista.

A segunda característica é de natureza cristológica, uma vez que a ela é designada como o Corpo de Cristo. Nesse caso, o Corpo de Cristo não deve ser entendido numa estrutura mística, metafísica, ideal ou mesmo dentro de uma relação dualista, mas como algo inteiramente visível e imanente<sup>647</sup>. Para Lesslie Newbigin, a “incorporação em Jesus Cristo é primária e essencialmente por meio da incorporação sacramental em sua Igreja”<sup>648</sup>, afinal de contas, “ser batizado é ser incorporado a morte de Jesus de modo a tornar-se participante da sua vida ressurreta e, assim, compartilhar sua missão contínua ao mundo. É ser batizado em sua missão”<sup>649</sup>. Nessa característica existem duas lógicas: a da Eleição e a da Missão.

Como membro da tradição reformada, Newbigin não negava a doutrina da Eleição ou a também chamada Predestinação<sup>650</sup>, aliás, esse tema é algo reiterado em suas obras<sup>651</sup>. Porém, antes de assumir a postura conservadora dos Símbolos de Westminster, uma construção em relação opositiva-excludente entre os “salvos” e

---

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_31101999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html)>. Acesso em 19 de agosto de 2018.

<sup>647</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90

<sup>648</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, pp.84-85.

<sup>649</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p. 157

<sup>650</sup> Como sua base é presbiteriana, o seu ponto-de-partida são as afirmações da CFW III,1-4, que afirma: “I. Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas. II. Ainda que Deus sabe tudo quanto pode ou há de acontecer em todas as circunstâncias imagináveis, ele não decreta coisa alguma por havê-la previsto como futura, ou como coisa que havia de acontecer em tais e tais condições. III. Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna. IV. Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído”.

<sup>651</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.46 ss.; NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, pp.17-18; NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.111-121.

os “não-salvos”, Newbigin observa o todo das narrativas bíblicas, que, segundo ele, apontam para “um povo escolhido”, com o qual Deus trabalha para a salvação dos demais povos. Israel, enquanto nação, observa Newbigin, possuía um caráter de povo-missionário, por ser o povo-escolhido. Acerca disso, Newbigin escreve:

Deus, de acordo com a Bíblia, propôs a salvação de todos: “Ele deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). A sua primordial aliança é para abençoar a todos, sem condições, e inclui a bênção da criação pela humanidade (Gn 9,1-17). Entretanto, quando os seres humanos perderam essa bênção, por causa do seu imperialismo autoconfiante (Gn 11,1-9), Deus escolheu uma das famílias da humanidade para ser portadora da bênção em favor de todos (Gn 12,1-3). Esta família não é, de forma alguma, superior ao resto da raça humana. As histórias antigas repetidamente enfatizam que a conduta “pagã” é mais nobre e justa do que a dos eleitos. Alguém poderia citar, por exemplo, a conduta contrastante de Abraão e Faraó (Gn 12,10-20), de Isaque e Abimeleque (Gn 26,1-11), de Jacó e Esaú (cf. Gn 27 com Gn 33), e a história de Jonas [...]. Mas, o Antigo Testamento retrata repetidamente o povo escolhido como caindo na ilusão de que eles têm uma posição privilegiada com Deus que os assegura contra o desastre. Através dos repetidos golpes de martelo da derrota, destruição e deportação, interpretados pelos fiéis profetas, Israel tem que aprender que a eleição não é para conforto e segurança, mas para o sofrimento e humilhação. Como o golpe segue, surge a repetida tentação de pensar que Deus esqueceu sua aliança e abandonou seu povo. Mas, de novo e de novo, há um chamado profético para reconhecer a mão de Deus, que nunca cancelará sua aliança, mas cujo propósito inabalável é que Israel seja sua testemunha, que manifesta sua soberana glória à todas as nações. A eleição de Israel significa que ela é chamada para ser serva e testemunha do Senhor para todas as nações, não para ser governante das nações. Ser eleito é uma responsabilidade terrível<sup>652</sup>.

Assim, a lógica da eleição, sugerida por Newbigin, não é uma lógica que concede exclusividade e privilégios a apenas um indivíduo ou povo, como foi o caso de Israel ou para a Igreja, segundo alguns – essa ideia é, de imediato, rejeitada pelo bispo de Madras<sup>653</sup>. Pelo contrário, segundo Newbigin

Para conhecermos Deus, para estarmos em comunhão com ele, somos dependentes daquele a quem ele nos dá como portador dessa relação, não apenas como um mestre e guia ao longo do caminho, mas como o parceiro no final. Não há, não pode haver, só particular, salvação que não nos envolve uns com os outros. Portanto, puder me arriscar a usar uma metáfora que usei em outro ponto, a revelação salvífica que Deus faz de si mesmo não vem diretamente do alto para nós aqui embaixo e tem pela claraboia, poderíamos dizer. Para recebermos a revelação salvífica de Deus, abrir a porta para o próximo a quem ele enviar como seu mensageiro designado, e - além do mais - receber esse mensageiro não como mestre o guia provisório a quem podemos dispensar quando nós mesmos tivermos aprendido que é necessário, mas como alguém com quem dividiremos permanentemente nosso lar. Não há salvação a não ser aquela na qual somos algo juntos por meio daquele a quem Deus envia como portador da sua salvação<sup>654</sup>.

Para ele, há uma “lógica da eleição” que não é a ideia comum que tanto defensores ou opositores dessa doutrina entendem. Newbigin entende que a salvação, em termos bíblicos, não está relacionada ao indivíduo como um ser

<sup>652</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.72-73.

<sup>653</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.116.

<sup>654</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.114.

autônomo e solitário<sup>655</sup>. No seu entendimento, as Escrituras demonstram que, “desde o seu início, a Bíblia vê a vida humana em termos de relacionamento”<sup>656</sup>. Deste modo, a eleição consiste não no chamamento de indivíduos, mas de comunidades. Porém, não comunidades que devem se isolar e, assentadas num monte, esperar a destruição daqueles infelizes que não foram escolhidos (cf. Jn 4,5). A eleição de um povo tem como razão e objetivo a salvação dos demais povos, como demonstra Newbigin:

Para conhecermos a Deus, para estarmos em comunhão com ele, somos dependentes daquele a quem ele nos envia como portador dessa relação, não apenas como um mestre e guia ao longo do caminho, mas como o parceiro no final. Não há, nem pode haver, salvação particular, a salvação que não nos envolve uns com os outros. Portanto, se eu puder me arriscar a usar uma metáfora que eu usei em outro ponto, a revelação salvífica que Deus faz de si mesmo não vem diretamente do alto para nós aqui em baixo – pela claraboia, como Poderíamos dizer. Para recebermos a revelação salvífica de Deus, temos de abrir a porta para o próximo a quem ele enviar como mensageiro designando, – além do mais – receber esse mensageiro não como mestre ou guia provisório a quem podemos dispensar quando nós mesmos tivermos aprendido o que é necessário, mas como alguém com quem dividiremos permanentemente nosso lar. Não há salvação a não ser aquela na qual somos salvos juntos por meio daquele a quem Deus envia como portador da sua salvação<sup>657</sup>.

A experiência da salvação não é vista por Newbigin como algo que acontece no secreto do quarto (cf. Mt 6,6). Pelo contrário, essa é uma experiência que acontece pela mediação de outros que já a tiveram. Os seguidores de Jesus, enviados por ele para anunciar o Evangelho, são, para Lesslie Newbigin, portadores da salvação. Isso é esclarecido pelo autor da seguinte forma:

a. *A Igreja, como corpo de Cristo, é entendida por Newbigin como representante de Jesus Cristo.* Newbigin, observando as narrativas dos evangelhos, percebe o Nazareno investindo tempo em chamar, capacitar e enviar os seus discípulos ao mundo<sup>658</sup>. Ele deixa claro, que Jesus não estava interessado em deixar um “código de conduta infalível”<sup>659</sup>, mas, sim, deixar uma comunidade que desse testemunho dele, assim como o próprio Jesus deu testemunho de seu Deus e Pai<sup>660</sup>. Logo, Jesus é representado, na plenitude do seu poder, pelo povo a quem escolheu e comissionou<sup>661</sup>. Desta forma,

<sup>655</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.114.

<sup>656</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.114.

<sup>657</sup> NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.114

<sup>658</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.85-86.

<sup>659</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.85.

<sup>660</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.86.

<sup>661</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.87.

a Igreja [é] apresentada como uma comunidade de homens e mulheres escolhidos e enviados. Pedro e André, Tiago e João não se apresentam como místicos à procura de uma verdade religiosa que teriam finalmente descoberto no ensino de Jesus. Aparecem como homens escolhidos por um líder para uma missão, para um trabalho ativo, ao invés de formar um grupo de estudos ou um clube religioso. É muito significativo constatar que, segundo s. Mateus, o grande sermão de Jesus foi dirigido aos homens que ele escolheu chamar. Não é o discurso de um mestre que procura atrair os que estão interessados em seus ensinamentos. Antes é uma convocação de tropas escolhidas sob as ordens de um oficial superior<sup>662</sup>.

Portanto, a primeira característica da Igreja, como Corpo de Cristo, tem a ver com a representatividade do seu Senhor. A Igreja não é chamada para fazer o anúncio ou publicidade de si mesma. Nem tampouco seu chamamento diz respeito à sua estrutura. Seu papel é ser representante vivo e presente de Jesus Cristo e de sua salvação.

b. *A segunda característica da Lógica da Eleição é que a Igreja deve ser entendida como um povo pars pro toto, isto é, uma parte a favor do todo, ou mais especificamente, um “povo a favor dos outros povos”.* Como dito anteriormente, a doutrina da eleição causa grande dificuldade ao anúncio do Evangelho, porque, via de regra, ela é mal compreendida, como Newbiggin procurou demonstrar<sup>663</sup>. Comumente, entende-se que um povo escolhido é privilegiado por ser o único entre os demais. Porém, como também foi dito, muito mais que um privilégio há, na eleição, uma responsabilidade, porquanto “Deus executa seu propósito salvador por meio do chamamento de um povo, de uma tribo entre outras tribos do mundo” (cf. 1Pe 2,8-10)<sup>664</sup>. Não há, portanto, qualquer direito do povo eleito sobre a eleição divina. E Newbiggin é incisivo em demonstrar isso:

A graça de Deus é gratuita e incondicional. Não podemos transformar a aliança da Graça num contrato. Ninguém, quem quer que seja, pode assegurar direitos a graça de Deus que excluam os outros. A graça eletiva de Deus cria um povo responsável por ser portador da salvação universal de Deus. Ele se compromete com esse povo. Porém, esse povo nunca pode estabelecer direitos sobre ele que exclui os outros. A graça de Deus é gratuita e a sua aliança não pode ser transformada num contrato<sup>665</sup>.

c. *A solidariedade humana.* Para Newbiggin, ao criar o ser humano e todas as demais coisas, Deus fez com que o ser humano estivesse de tal modo vinculado a outro ser humano, que todas as esferas da vida se encontram vinculadas e a humanidade interligada em categorias corporativas<sup>666</sup>. Portanto, o indivíduo é

<sup>662</sup> NEWBIGGIN, L. *A Religião do Homem Secular*, p.161.

<sup>663</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.116-118.

<sup>664</sup> NEWBIGGIN, L. *La Familia de Dios*, p.87,88.

<sup>665</sup> NEWBIGGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.117.

<sup>666</sup> NEWBIGGIN, L. *La Familia de Dios*, p.88-89.

solidariamente responsável pelos seus iguais, de sorte que jamais poderá dizer, como Caim: “Acaso sou guarda do meu irmão”? (Gn 4,9 BJ). É, a partir dessa solidariedade, que a Igreja deve se responsabilizar pela a evangelização, o anúncio do grande amor Deus, posto que o Deus e Pai de Jesus Cristo “não trabalha somente com indivíduos isolados com responsabilidade por si mesmos, mas que ele trabalha em suas conexões naturais, como a família, o parentesco ou de toda uma nação”<sup>667</sup>. Desta forma, a Igreja ou mesmo o indivíduo precisam compreender que eles são *pars pro toto*, e não simplesmente a parte que importa<sup>668</sup>. A solidariedade da Igreja para com o todo da criação é parte constitutiva de sua natureza missionária, a qual não pode ser negada, sob o risco de grave contradição ou mesmo de não-identificação como corpo de Cristo. Newbigin escreve:

A crença corrente dos cristãos, na maioria das igrejas, é de que a Igreja pode existir sem que ela seja missão, isso envolve uma contradição radical a verdade que constitui o que é ser Igreja. Não se pode resgatar a verdadeira plenitude da natureza da Igreja até que se recupere radicalmente o seu caráter missionário<sup>669</sup>.

d. A salvação é para todo o orbe criado. Para o bispo Newbigin, toda criação, em sua essência, é boa<sup>670</sup>. Por outro lado, a criação, por conta do pecado humano, está sujeita a corrupção e, mesmo não sendo má, por isso, não pode ser considerada neutra<sup>671</sup>. O que Newbigin chama a atenção do seu leitor é para o fato de que toda a criação visível carece da redenção e da restauração apresentada por Jesus Cristo. O Reino de Deus não é espiritual, dentro de um dualismo de modelo platônico, mas ele está presente em e sobre todas as coisas pertencente à essa criação visível. Newbigin, portanto, entende que, na consumação final, quando tudo estiver sujeito à Deus, está incluído também “a renovação de todo o universo criado, do corpo do ser humano e a restauração da harmonia perdida na alegria do serviço à Deus”<sup>672</sup>, sendo essa a razão da existência de todo o orbe criado<sup>673</sup>.

Neste ponto, percebe-se que Newbigin está rompendo com uma longa e conhecida tradição presente no cristianismo, o dualismo, que diferentemente do proposto nas Sagradas Escrituras, no que diz respeito a teologia da criação e mesmo

<sup>667</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90-91.

<sup>668</sup> NEWBIGIN, **A Religião do Homem Secular**, p.113

<sup>669</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.207.

<sup>670</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90.

<sup>671</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90.

<sup>672</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90.

<sup>673</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p. 90.

da antropologia: a confissão da existência de uma unidade essencial<sup>674</sup>. A compreensão newbiginiana é que Deus fez o ser humano como uma unidade corpo e alma, e que qualquer tentativa de separar essas duas coisas, apenas conduziria ao desastre<sup>675</sup>.

Aplicando isso a dinâmica da Igreja, como Corpo de Cristo, pode-se destacar as seguintes consequências dessa percepção newbiginiana:

- a. A Igreja não é uma realidade “espiritual”, antes é uma comunidade visível e marcada por sinais visíveis, num mundo concreto;
- b. Por conta disso, a Igreja se interessa por todas as dimensões da vida humana, mas também “pode saborear de antemão a restauração da criação à verdadeira harmonia em e para a glória de Deus, e do ser humano a verdadeira relação com o mundo criado”<sup>676</sup>.
- c. Por fim, a Igreja perceberá o mundo não como algo “entesourado para o fogo” da destruição, que ele será libertado da iniquidade e maldade humana (cf. 2Pe 3,7)<sup>677</sup>. Portanto, o mundo se torna alvo do amor da Igreja, assim como é alvo do amor de Deus.

O que pode ser apurado, então, é que a Igreja, enquanto corpo de Cristo e comunidade dos eleitos, não é um fim em si mesma, mas ela é *pars pro toto* da humanidade e de toda criação, fazendo verdadeira a conhecida afirmação de Dietrich Bonhoeffer: “a Igreja só é Igreja quando existe para outros”<sup>678</sup>. Ela é comunidade para as outras comunidades, ela é povo para outros povos. Com base nisso, é preciso considerar, agora, dois critérios que Newbiggin destacou como fundamentais para se entender o que é a incorporação em Jesus Cristo, a saber: (a) a incorporação na Igreja é marcada sacramentalmente e (b) incorporação implica a participação.

A primeira implicação é que a Igreja, como corpo de Cristo, é uma comunidade visível, não apenas em sua presença no mundo, mas também pela forma da incorporação daqueles que creem. Os sacramentos, portanto, são essas marcas que dão visibilidade à “incorporação ao corpo de Cristo e a participação do Espírito”<sup>679</sup>. Newbiggin está em franca oposição ao pensamento protestante, que

<sup>674</sup> Cf. DUSSEL, E. *El Dualismo en la antropología cristiana*, p.14.

<sup>675</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.91.

<sup>676</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.91.

<sup>677</sup> De acordo com Charles Biggs, o escritor petrinho não está interessado em dizer o que é o fogo, mas o que ele fará, isto é, o julgamento da maldade humana. Cf. BIGGS, C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St Peter and St Jude*, p.294-295.

<sup>678</sup> BONHOEFFER, D. *Resistência e Submissão*, p.186.

<sup>679</sup> NEWBIGIN, L. *La Familia de Dios*, p.93.

ênfatisa a fé sobre as formas visíveis da manifestação da Igreja. Isso está ligado a própria ideia da existência de uma Igreja Invisível e outra Visível, sendo a última sombra da primeira. Newbigín chama a atenção, principalmente dos protestantes, que na maior parte secundarizam os sacramentos. Contudo, Newbigín afirma que todo o Novo Testamento que a “admissão à nova aliança com todos os seus privilégios e responsabilidades se dava por meio da fé e do batismo”<sup>680</sup>. De acordo com Newbigín “ser batizado é ser incorporado à morte de Jesus de modo a tornar-se participante da sua vida ressurreta e, assim, compartilhar sua missão contínua ao mundo. É ser batizado na sua missão”<sup>681</sup>

A segunda implicação da incorporação a Igreja, exige a participação daquele que, sacramentalmente, foi admitido tanto na morte e como na vida ressurreta de Jesus Cristo<sup>682</sup>. A Eucaristia ou Ceia do Senhor teria, na concepção de Newbigín, o papel de marcar a participação do cristão na vida ressurreta de Jesus e tornar o centro da interdependência dos membros do corpo de Cristo<sup>683</sup>. Os sacramentos não devem apenas unir incorporar os que creem ao corpo de Cristo, que é a Igreja, mas, como visto, estende sua função para além disso. Sinaliza o envolvimento vital da participação e ação da Igreja em seu ministério continuador, na missão dada pelo Ressuscitado, uma vez que por eles, anuncia-se “a morte [e ressurreição] do Senhor até que ele venha” (cf. 1Co 11,26).

Por fim, a terceira característica da natureza da Igreja, segundo Newbigín, é pneumatológico, de modo que ela é a comunidade do Espírito Santo<sup>684</sup>. Assim, Newbigín, chama a atenção tanto de protestantes como de católicos para as suas respectivas formas de entender a natureza da Igreja de Cristo<sup>685</sup>, acrescentando um terceiro elemento que, segundo ele, foi de alguma maneira deixada de lado por essas duas tradições do cristianismo ocidental<sup>686</sup>. Newbigín denomina essa tradição de Pentecostal, uma indicação clara que o terceiro elemento para se compreender a

<sup>680</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.92.

<sup>681</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.157.

<sup>682</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.95.

<sup>683</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, pp.99-100.

<sup>684</sup> A tradução espanhola que está sendo utilizada nesta tese traduz “Community”, por comunhão, por certo, porque no texto Newbigín usa o termo grego koinonia. Porém, admite-se que o termo comunidade oferece um sentido de agrupamento que pertence ao Espírito, o sentido que Newbigín pretendia.

<sup>685</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.121.

<sup>686</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.132.

natureza da Igreja é o Espírito Santo, já que os crentes são “incorporados [à Igreja] por receber e permanecer no Espírito Santo”<sup>687</sup>. Sobre a relação do Espírito com a Igreja, Newbiggin escreve:

Quando o Senhor Ressuscitado deu a comissão apostólica para a Igreja, deu-lhe também o poder para continuar a sua missão, o coração desse ato, mediante o qual foi concedido esse poder, é o Espírito Santo: “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (Jo 20,21-23 ARA). O comissionamento é ungido pelo Espírito e os comissionados também são ungidos de maneira singular. Também o mandato de ser suas testemunhas está inseparavelmente conectado com o dom do Espírito Santo: “recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (At 1,8 ARA). Como temos visto, o próprio Espírito Santo é a testemunha primordial e essencial. E unicamente a sua presença faz com que os discípulos, de fato, sejam testemunhas dele<sup>688</sup>.

Para Newbiggin, qualquer eclesiologia que não tenha esse caráter pneumatológico, que também a torna trinitária, perde o sentido, porque é o Espírito Santo que dá sentido tanto a continuação da missão apostólica como ao testemunho da fé. Porquanto, a Igreja “não vive por sua fidelidade a mensagem, nem por manter a comunhão direta com os apóstolos, porém, vive por meio do poder supremo do Espírito de Deus”, afirma Newbiggin<sup>689</sup>.

Nessa dimensão do Espírito, a Igreja é empoderada para a missão. Deus deseja recriar toda a raça humana à imagem do Filho (cf. Rm 8,28-29). No evangelho proclamado por Jesus, a humanidade toma conhecimento desse desejo amoroso de Deus Pai. Em todos os eventos da vida, ministério, morte e ressurreição do Senhor, vê-se em palavras e gestos todo o amor do Pai. Uma nova possibilidade de vida está aberta a humanidade, um Reino que não é deste mundo, porque é radicalmente diferente, pois nele não se conhece o mal, nem tampouco se abriga o ódio (cf. Jo 18,36). Este é o Reino do amor, justiça, paz e alegria de Deus (cf. Rm 14,17), que é antecipadamente desfrutado pela Igreja na experiência da presença do Espírito Santo.

Por isso mesmo, essa não é uma notícia para ser deixada no silêncio<sup>690</sup>. Assim, como a mensagem dos anjos aos pastores dos arredores de Belém, essa é uma boa-notícia de grande alegria, não apenas para todo o povo, mas para todos os povos (cf. Lc 2,11). A missão do Espírito Santo, como visto, é trazer o antegozo do Reino,

<sup>687</sup> NEWBIGGIN, L. **La Familia de Dios**, p.42.

<sup>688</sup> NEWBIGGIN, L. **La Familia de Dios**, p.132-133.

<sup>689</sup> NEWBIGGIN, L. **La Familia de Dios**, p.133.

<sup>690</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em um Sociedade Pluralista**, p.155.

mas também habilitar a Igreja no cumprimento na missão apostólica. O envio à todas as nações<sup>691</sup>. É pelo seu agir em sua comunidade, em que todos comumente participam dos dons trazidos pelo Espírito, que o mesmo Espírito edifica em amor e provê o amor, e tudo o que é necessário para o prosseguimento a missão de Jesus<sup>692</sup>. Com a presença do Espírito Santo que a missão de Jesus é continuada pela Igreja na mesma dinâmica e poder.

Tendo observado nesta seção, o modo como se dá a relação entre o Deus Uno e Trino e o Mundo, algumas pistas podem ser encontradas que propiciarão elementos para a construção das lentes que possibilitarão verificar e avaliar os processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa em sua capacidade de comunicar o Evangelho de Jesus Cristo em sua integralidade, criando uma relação entre a Igreja e o Mundo fora de qualquer estrutura ou lógica de oposição-exclusão. Dito isso, é possível pontuar algumas implicações:

a. O interesse do Deus Uno e Trino pelo mundo. Algo que fica claro na exposição de Newbigin da Trindade como fundamento e chave-de-interpretação de sua teologia missiológica é o interesse de Deus pelo mundo. O amor de Deus está voltado para a humanidade em sua totalidade, mas também está interessado naquilo a humanidade tem desenvolvido social e culturalmente. Na variedade das interpretações do termo kosmos, no contexto joanino, o foco está no ser humano e em suas construções diante dos Mandatos Criacionais<sup>693</sup>, conquanto, o mundo também pode ser visto como uma ordem visível de oposição contra Deus, de modo que a presença de Jesus é um confronto<sup>694</sup>. Confronto que, aliás, Deus esteve e está interessado, porque é por meio deste conflito, que o seu amor é demonstrado para a salvação de todo aquele que crê.

Sendo assim, a Igreja deve compartilhar o mesmo objeto do amor de Deus, isto é, o mundo. O que não significa pactuar-se com o pecado e a maldade – Jesus jamais se envolveu com tais coisas, embora, tenha estado ao lado de pecadores. Isso conduz a uma segunda implicação.

<sup>691</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.143.

<sup>692</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, pp.143-144.

<sup>693</sup> Cf. HENDRIKSEN, W. **João**, p. 192.

<sup>694</sup> NEWBIGIN, L. **The Light has come**, p.43;

b. Superação do dualismo Igreja-Mundo<sup>695</sup>. Se Newbiggin supera o dualismo, por que falar em uma relação entre a Igreja e o Mundo? Não estaria essa relação desenvolvendo uma chave interpretativa de oposição-exclusão? O que Newbiggin tem a dizer sobre isso? Para responder essa e outras possíveis questões que podem derivar destas, faz-se necessário compreender o conceito que Newbiggin desenvolve sua teologia da eleição.

Nesta superação do dualismo reinante tanto na cosmovisão contemporânea como na cosmovisão cristã, Newbiggin também procura reintegrar uma dicotomia feita pelo protestantismo em meados do século XVIII, a separação entre Igreja e Missão. Nicolajsen explica que no início do século XX, a ideia comum era que Igreja era a instituição que congregava e fazia a manutenção dos crentes, além de dar suporte a Missão; enquanto a Missão tinha a tarefa de proclamar o evangelho as nações estrangeiras não-cristãs<sup>696</sup>. Para Newbiggin, foi o próprio contato missionário com outros povos e culturas que tornou necessária a reflexão sobre acerca da relação da Igreja com o mundo, o que por sua vez implicava também na reflexão sobre a própria natureza da Igreja<sup>697</sup>, isto é, sua natureza missional.

A Igreja, como o seu Senhor, tem um propósito. Não se trata de algo novo, mas de uma continuidade de propósito, que vem a ser tão-somente a salvação daquele que se perdeu. Newbiggin afirmou:

Na sua jornada ao longo da história, a igreja terá, portanto, esse caráter duplo na medida em que for fiel à sua comissão. Por um lado, ela será uma igreja sofredora, porque os poderes das trevas, embora frustrados e privados da autoridade final, ainda são poderosos. Assim como Jesus nos ama conseguindo desmascarar a potestade e desse modo atribuiu a utilidade delas sobre si mesmo trabalhando por meio da vida e do testemunho da Igreja Missionária, derrubar a mais fundamental das crenças do mundo, provando que o mundo está errado em

<sup>695</sup> É preciso lembrar que toda a construção do pensamento de Newbiggin e mesmo de Comblin neste capítulo não é exaustivo. O exame de ambos os modelos teológicos tem como finalidade estabelecer o modo como cada um compreende a relação Igreja-Mundo, afim de que possam ser analisados e avaliados os processos evangelizadores da IP-ST. De modo mais amplo, aos interessados em compreender o pensamento eclesiológico de Newbiggin, recomenda-se a leitura de: NEWBIGGIN, **Household of God** (1953), **One Body, One Gospel, One World** (1958). Ver também: NICOLAJSEN, J. B. **The Distinctive Identity of the Church**, 2014. [Kindle Edition].

<sup>696</sup> NICOLAJSEN, **The Distinctive Identity of the Church**, p.24. Um exemplo desta distinção ocorreu no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Sendo a igreja ligado ao protestantismo missionário, conforme categorias de Mendonça, a grande maioria dos pastores dessa denominação era composta por missionários norte-americanos. Em 1903, houve uma proposta de desvincular a igreja e a missão. De modo que, assim que os missionários tivessem plantado uma igreja, que estivesse com condições de se autossustentar, essa comunidade deixaria de pertence as missões e seria integrada a IPB. Essa compreensão dicotômica, missão-igreja, gerou animosidade na assembleia geral daquele ano, sendo uma das causas do primeiro cisma presbiteriano no Brasil. Cf. FERREIRA, J. A. **História da Igreja Presbiteriana**, 1990.

<sup>697</sup> NEWBIGGIN, L. **La Familia de Dios**, p.19.

relação ao pecado a justiça e ao juízo (Jo 16,8). Consequentemente, o mundo odiará a igreja como odiava o senhor dela. Mas, por outro lado, assim como o ministério de Jesus foi marcado por grandes obras que para com aqueles olhos para ver e ouvidos para ouvir era os sinais da presença do Reino de Deus com poder, vida da igreja a ver as grandes obras com a mesma função. Elas não são - por assim dizer - passos no caminho para o reino, mas revelações, vislumbres desse reino que já é uma realidade, mas uma realidade conhecida somente por aqueles que se converteram, dominaram os falsos deuses e se voltaram para o Deus vivo<sup>698</sup>.

É básico para qualquer um que esteja engajado com a evangelização a noção que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação. Diante disso, diz Newbigin, que a “Igreja é um movimento lançado na vida do mundo para levar, em sua própria vida, a dádiva da paz de Deus para a vida do mundo<sup>699</sup>. A Igreja, no cumprimento da missão, aprende seu lugar e função; entende que ela não se basta, mas que tem um compromisso a ser cumprido para o bem do mundo. A Igreja se percebe como comunidade para o mundo.

### 3.1.3.4

#### O Mundo como compreendido por Newbigin

O mundo é último apontamento teológico que subsidiará a construção de uma específica relação Igreja-Mundo, a partir da reflexão teo-missiológica de Lesslie Newbigin. Como se tem percebido, a teologia do bispo de Madras faz a interconexão dos vários loci da teologia, de modo que, alguns indícios e apontamentos do pensamento de Newbigin puderam ser vistos nas subseções anteriores. Contudo, esses indícios apenas sinalizam partes, mas não o todo da compreensão do conceito será aqui trabalhado.

Como a teologia de Newbigin é interconectada, é possível ter uma ideia inicial do seu modo do que ele está falando quando se utiliza o termo mundo. Essa ideia está presente no resumo de tudo o que foi dito até aqui. O Deus Uno e Trino criou todas as coisas para a sua glória. Toda ela é muito boa (cf. Gn 1,31). Porém, a humanidade, representadas nas figuras de Adão e Eva, assumiu uma oposição a Deus. A queda produziu efeitos poderosos, tornando tudo o que fora criado sujeito ao mal e ao pecado. Entretanto, Deus não deixou que a sua obra ficasse a mercê desse mal, mas, se dispôs a renovar e salvar a sua criação desse domínio destrutivo. E desde a queda, Deus tem trabalhado nesse sentido, agindo em todos, até que ele elege um entre todos os povos como sua nação particular para ser agente de salvação

<sup>698</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.144.

<sup>699</sup> NEWBIGIN, L. **The Open Secret**, p.48-49

para as demais famílias da terra (Gn 12,1-4). Deste ponto em diante o Deus Trino e Uno – Pai, Filho e Espírito Santo – agem por meio da descendência de Abraão para a salvação de toda a humanidade. Na plenitude do tempo, o Deus Filho se faz carne e passou a habitar entre a humanidade (Jo 1,14). Na sua boca, uma mensagem: “arrependei-vos, porque o Reino de Deus está próximo” (Mt 4,17, Mc 1,15).

O Reino que era, até determinado tempo conquistado, por esforço, passou a ser em Jesus Cristo, oferecido gratuitamente a todo o que, pela fé, cresse nas palavras daquele jovem galileu. Essa mensagem não ficou apenas nas palavras, porém, por meio de sinais o Reino foi sendo demonstrado. Gestos que confirmavam as palavras. Palavra e gestos que o conduziram ao Getsêmani e, dali, ao Gólgota. Naquele lenho maldito, a sua morte pôs fim ao domínio do mal, despojando principados e potestades. E na manhã da sua ressurreição, uma nova humanidade também se ergue com ele. Uma humanidade que alinhada com os valores e demandas do Reino de Deus inaugurado, passariam a viver a missão que era, primeiramente, do Filho, mas que é, a partir de então, de sua Igreja. Esse novo povo escolhido tem a sua frente o restante do mundo para alcançar povos, línguas, tribos e nações. Ele não empreenderia esse desafio de maneira solitária. O Pai e o Filho enviaram o Santo Espírito e os dons do Crucificado-Ressuscitado para acompanhar a Igreja em sua presença, testemunho e ação em toda a terra ou, em todo o mundo.

O foco dos atos salvadores do Deus Trino e Uno, como se pode ver não é a Igreja, mas todo o mundo. Newbiggin desloca o olhar autofocado da Igreja de si mesma para algo mais amplo, para aquilo que é o foco de Deus: o mundo. Afinal de contas, Deus amou o mundo de tal maneira (Jo 3,16).

Porém, não se pode pensar que o bispo Newbiggin era ingênuo em relação a realidade da criação, longe disso. Para ele, o mundo criado por Deus era bom, a queda não retirou essa bondade. Por outro lado, o mundo não é essencialmente mal. Todavia, diz Newbiggin, o mundo não é neutro<sup>700</sup>. Há o mal no mundo e a sua influência se faz presente em todas as suas estruturas e instituições. A cultura e a sociedade humana estão de alguma maneira imiscuída na contaminação imposta pelo pecado humano. Essas duas produções humanas carregam elementos da oposição e rebeldia humanas contra Deus, razão pela qual o propósito salvador de

---

<sup>700</sup> NEWBIGGIN, L. **La Familia de Dios**, p.90-91.

Deus está em reassumir o seu soberano governo sobre toda a criação, a começar pela humanidade, suas construções e, por fim, toda a natureza.

Por isso mesmo é que Newbiggin se concentra em demonstrar que o Evangelho tem o papel de salvar não apenas o indivíduo, mas a sociedade humana; não apenas aquilo que está no espaço privado, mas tudo aquilo que a sociedade pensa e faz, o que é usualmente chamado de cultural<sup>701</sup>. Dentro da sua percepção reformada, Newbiggin entende que não há nada que Deus não seja Senhor. Assim, é preciso que se considerem esses dois aspectos, que juntamente com o seu sentido de criação, compõem o mundo. Para Newbiggin, “a ideia de que o evangelho dirige-se [sic.] apenas à pessoa, e às sociedades, nações e cultura somente de modo indireto é simplesmente uma ilusão da nossa cultura ocidental pós-Iluminista individualista”<sup>702</sup>.

Em primeiro lugar têm-se o aspecto social. Dentro da tradição reformada, há o que é chamado de mandatos criacionais, que são três: Mandato social, Mandato cultural e Mandato espiritual. A bênção na criação é que homem e mulher se multipliquem. Essa multiplicação indica uma atitude formadora de uma comunidade. Como imagem e semelhança do Deus Trino e Uno, a raça humana se desenvolveria num perfeito e amoroso relacionamento entre todos os membros da família humana. A sociedade humana se desenvolveria em todas as suas possibilidades, expressando a harmonia, amor e bondade presentes em Deus.

Segundo Newbiggin, para o exercício desses relacionamentos, Deus estabeleceu e ordenou os elementos estruturais da vida humana que determinariam os limites para o desenvolvimento dentro da sociedade<sup>703</sup>. No entanto, a queda e o pecado trouxeram sobre a humanidade a corrupção e o mal<sup>704</sup>. Com a vida humana contaminada pelo mal é certo afirmar que a própria sociedade se tornou aviltada por esse mesmo mal, corrompendo suas estruturas. Nesta perspectiva, afirmou Newbiggin:

Esses elementos estruturais são necessários para orientar e proteger a vida humana. Eles servem aos propósitos de Deus. No entanto, como bem sabemos, também podem tornar-se demoníacos. A autoridade do Estado que é dada por Deus pode ser usada para a tirania. Os

<sup>701</sup> Não se pretende aqui entrar no debate da Antropologia e determinar o que vem primeiro a cultura ou a sociedade. Ainda mais que se entende que há uma reciprocidade entre essas duas formas de se compreender o ser humano. Tão-somente se seguirá o modelo da argumentação de Newbiggin.

<sup>702</sup> NEWBIGGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.257.

<sup>703</sup> NEWBIGGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.263.

<sup>704</sup> NEWBIGGIN, **Sin and Fall**, p.19-20.

papeis podem tornar-se desumanizadores de modo que até nossos melhores esforços em favor da bondade podem tornar-se – como disse Jesus – fingimento, hipocrisia<sup>705</sup>.

Os elementos estruturais de Newbiggin são, portanto, tudo aquilo que deveria orientar a humanidade na construção de uma sociedade nos moldes da sociedade divina, que é a Trindade. Na linguagem paulina, esses elementos estruturais são os principados, potestades, domínios, tronos, autoridades, governantes, entre outros (cf. Gl Ef 1,21; 3,10; 6,12, Cl 1,16; 2,10;16)<sup>706</sup>. Assim, as ordens política, econômica e cultural, as diversas instituições humanas, tudo isso que configura e determina uma sociedade foi dado para o bem da humanidade, mas se tornou em algo opressor em consequência do pecado e da queda. Desta forma, o mundo, enquanto sociedade, carece da ação salvadora de Deus que está no Evangelho. Apenas pelo poder do Evangelho anunciado em palavra e incorporado às obras é que o poder desses elementos estruturais pode ser despojado e colocado à serviço de Cristo<sup>707</sup>. Deste modo, é preciso fazer as seguintes considerações à luz do que foi dito acima:

c. As estruturas são as reais inimigas da ordem divina e não as pessoas (Ef 6,12): A humanidade pecou e, com ela, toda criação sucumbiu ao mal (cf. Rm 8,19-23). O problema não é o mundo – humanidade, criação, sociedade e cultura – mas o mal que envolve e domina todas essas coisas. Desta forma, Newbiggin se demonstra interessado em mostrar aos seus leitores que, ao se afastar das pessoas, porque elas são do mundo, a Igreja se afasta do seu alvo; se afasta daqueles que são a razão de sua existência.

d. As estruturas elementais da sociedade agem como opositoras ao Reino de Deus<sup>708</sup>. A oposição a Deus e à sua salvação oferecida no Evangelho proclamado pela Igreja, atualmente, está em estruturas que difundem o mal. Quando a política de um país qualquer impede que o Evangelho seja anunciado, deve-se ter em mente que a maldade e o pecado que assumem essas estruturas sociais é que estão

<sup>705</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.264.

<sup>706</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.258.

<sup>707</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.269.

<sup>708</sup> Em *One Body, One Gospel, One World*, Newbiggin, levantando o status quaestionis, demonstrou os países asiáticos por conta de sua cultura, em alguns casos sob a influência direta do Islã, bem como em nações de ideologia comunistas de sua época enfrentava “a missão cristã com uma oposição agressiva inimaginável”. A questão é justificar essa oposição cultural, religiosa e ideológica das estruturas sociais humanas como reflexo do mal enraizado pelo mundo. Cf. NEWBIGGIN, L. **One Body, One Gospel, One World**, p.8-9.

diabolicamente impedindo o Evangelho e a salvação que ele traz em si. Nesse sentido, o mal é categorizado como ético, cujos valores por razões religiosas, ideológicas ou políticas destoam do conteúdo evangélico.

Diante dessas duas considerações e, por que não dizer, realidades, apenas pelo poder do próprio evangelho, diz Newbigin, anunciado em palavras e incorporado às obras é que todas as estruturas e poderes podem ser abalados e sujeitados a Cristo, o Rei<sup>709</sup>.

O segundo aspecto do que Newbigin entende como mundo é o cultural. Uma das formas mais simples de caracterizar uma sociedade é por meio da sua cultura. Cultura, por assim dizer, é tudo o que uma sociedade produz, pensa e faz. Se o mundo, como disse Newbigin, não é neutro<sup>710</sup>, é admissível considerar que a cultura também não seja neutra<sup>711</sup>. É na cultura humana, que não é neutra, que a Igreja deve se mover, viver e agir, sendo testemunha viva do Evangelho do Reino. O pecado e o mal não afetaram apenas a vida do indivíduo humano, mas também condenaram a sociedade a “jazer no mal” (cf. 1Jo 5,19). Consequentemente, sociedade corrompida pelo pecado humano desenvolve uma cultura que, além de trazer traços da bondade de Deus, traz, simultaneamente, as marcas da maldade entranhada na produção cultural dessa sociedade. Newbigin afirma:

Se [...] a interpretação bíblica da história humana, com o seu centro um acontecimento duplo da morte da Ressurreição de Jesus, for a nossa chave, então concluímos que não somos chamados nem para uma simples afirmação da cultura humana nem para uma simples rejeição dela. Devemos valorizar a cultura humana como uma área na qual vivemos debaixo da graça de Deus e recebemos a cada dia novos sinais dessa graça. Nós somos chamados também a nos lembrarmos de que fazemos parte de toda essa textura inteiriça da cultura humana que mostrou, no dia que chamamos Sexta-Feira Santa, estar em rebelião assassina contra a graça de Deus. Temos de dizer tanto “Deus aceita a cultura humana” quanto “Deus julga a cultura humana”<sup>712</sup>.

<sup>709</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.269.

<sup>710</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.90-91

<sup>711</sup> Para o antropólogo e missionário presbiteriano Ronaldo Lidório a despeito da antropologia defender a pureza de culturas intocadas, missiologicamente é necessário ser lembrado que o pecado é cultural. Isso não significa dizer que o pecado adentra a cultura de maneira supra-humana, mas, que o pecado brota do coração humano. Para Lidório, tanto o ser humano como a cultura carecem da redenção propiciada por Deus. Cf. LIDÓRIO, R. **Comunicação Missionária**, p.33. Ronaldo de Almeida Lidório é pastor presbiteriano (IPB). Além de sua formação como teólogo, o mesmo é doutor em antropologia pela London University. Fez seu doutorado enquanto trabalhava como missionário numa aldeia da etnia Konkomba, em Gana. Grafou e traduziu o Novo Testamento para o dialeto mais utilizado pelo grupo. Após nove anos no continente africano retornou ao Brasil, iniciando o Projeto Amanajé, que diz respeito a evangelização de comunidades indígenas e ribeirinhas não-mapeadas, sendo a base em Manaus. Por essas razões pode ser considerado um dos mais importantes missionários/missiólogos da IPB, o que justifica o seu uso como referência nesta tese.

<sup>712</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.250.

O mundo cultural é o ambiente que acolhe a sociedade e, ao mesmo tempo, a sociedade a desenvolve. É nesse ambiente desejado e criado por Deus que ele colocou a humanidade que, caindo em pecado, se afastou de seu Criador. É por isso que, também nesse espaço, Deus se fez homem em Jesus, para a salvação dessa humanidade, de sua sociedade e de sua cultura. A cultura deve, simultaneamente, ser entendida nesse duplo movimento aceitação-julgamento. E o Evangelho deve ser apresentado à todas as culturas – “tribos, línguas e nações” sempre implica uma estrutura cultural subjacente, especialmente a linguagem que se torna representação de todo modo de percepção da realidade – porquanto, afirma Newbigin:

O Evangelho é dirigido aos seres humanos, à mente, ao coração e à consciência deles, e lhes pede uma resposta. Os seres humanos só existem como membros de uma comunidade que compartilha uma língua, os costumes, os modos de organizar a vida econômica e social, os modos de compreender seu mundo lidar com ele<sup>713</sup>.

O mundo cultural é, portanto, alvo do Evangelho. Nesse sentido, Newbigin adverte para dois problemas distintos – Goheen os chama de problemas gêmeos, como se um conduzisse ao outro – em dois níveis diferentes<sup>714</sup>. O primeiro problema transcultural<sup>715</sup> surge no nível de uma cultura específica, isto é, quando o Evangelho entra em contato com uma cultura qualquer. A questão gira em torno do perigo de um sincretismo ou da irrelevância do Evangelho para esse grupo<sup>716</sup>. Isso pode ser visto no próprio exemplo de Newbigin na sua tarefa de anunciar o Evangelho na Índia, ele diz:

Tomou, como ponto-de-partida, a experiência que eu tive, muitas vezes, de estar em uma rua da aldeia, pregando para uma multidão de pessoas para quem, o nome de Jesus Cristo, significa tanto ou tão pouco como os nomes Smith, Jones ou Robinson. Eu pregava sobre Jesus Cristo. Eu contava histórias sobre ele e contava as histórias que ele contou. Mas se os ouvintes estivessem interessados o suficiente para começar a perguntar mais sobre ele, como começaria a dizer quem é Jesus? Não há como dizer isso a não ser usando a linguagem dos

<sup>713</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.185.

<sup>714</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.1-20; NEWBIGIN, L. **Christ and the Cultures**, 22pp.

<sup>715</sup> Deve-se ter em mente quando do uso do termo transcultural que o mesmo não se refere apenas a grupos e sociedades não-cristãs em algum canto remoto do mundo. Pelo contrário, se refere a todo e qualquer grupo específico e formado em qualquer lugar ou sob certas circunstâncias em um modo próprio de perceber a realidade – a cosmovisão – torne necessário novas iniciativas para superar o abismo cultural estabelecido. Isso pode ser visto nas teses de Joel Portella Amado, acerca da comunicação do Evangelho dentro da realidade condominial, e de Júlio Brotto, sobre o anúncio do Evangelho entre as tribos urbanas de característica underground; ambas defendidas na PUC-Rio.

<sup>716</sup> Cf. GOHEEN, M. **Gospel, Culture, and Cultures: Lesslie Newbigin's Missionary Contribution**. In: **Cultures and Christianity A.D.** 2000 International Symposium of the Association for Reformational Philosophy, pp. 21-25, August 2000. Hoeven, Netherlands. Disponível em: <<http://missionworldview.com/wp-content/uploads/2011/06/Gospel-and-Culture-in-Newbigin.pdf>>. Acesso em 23 out. 2018.

meus ouvintes. Mas essa linguagem incorpora a cosmovisão, os modelos e os mitos pelos quais eles já dão sentido a seu mundo. Esses modelos não são ferramentas neutras que podem ser usadas para qualquer finalidade. Eles são compromissos com uma maneira de compreender e lidar com a experiência e os compromissos que, em muitos aspectos, são irreconciliáveis com o compromisso cristão<sup>717</sup>.

O problema do sincretismo surge como o primeiro grande problema. A cultura não é neutra e Newbiggin sabia disso. Apresentar Jesus como *swamy*, avatar ou ainda *kadavul* seria a mera apresentação de mais uma divindade entre as mais 300 milhões já existentes no hinduísmo<sup>718</sup>. Jesus Cristo jamais poderia ser aceito como o Senhor absoluto de todas as coisas<sup>719</sup>, porque a cosmovisão hindu, que estava diante de Newbiggin e o mesmo pode ser dito em relação a qualquer cultura existente, tem o papel de moldar e dar sentido a toda realidade. Aliás, isso também diz respeito ao que anuncia o Evangelho – nenhuma cultura é neutra, inclusive a de quem prega a Boa-Nova<sup>720</sup>. Conseqüentemente, essa pregação evangélica que não se atém a essa problemática torna-se irrelevante para os não-cristãos.

Para Michael Goheen, interpretando Newbiggin, o Evangelho, ao ser anunciado, não deve apenas fazer a apresentação do gracioso amor de Deus revelado por meio da vida e obra de Jesus para a salvação de todo que nele crê (cf. Jo 3,16), mas ao mesmo tempo deve agir e questionar aqueles compromissos irreconciliáveis entre a cultura receptora e o Evangelho<sup>721</sup>, questionando a visão de mundo que subjaz na linguagem em que a mensagem evangélica é apresentada<sup>722</sup>. A questão da linguagem é apenas um exemplo. Volta-se aquilo que foi dito anteriormente, as lentes para se interpretar a realidade é determinada pela visão de mundo de cada cultura. Porém, o Evangelho, como Newbiggin concebe, é absoluto,

<sup>717</sup> NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.2.

<sup>718</sup> NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.2:

<sup>719</sup> NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.2-3

<sup>720</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.3.

<sup>721</sup> O maior exemplo algo irreconciliável na relação entre o hinduísmo e o Evangelho é o Satí, em que a viúva era queimada viva na pira funerária de seu falecido marido. Segundo Ameeta Singh, “a abolição do Sati, ocorrido em 1829, deve-se muito aos esforços dos missionários cristãos”. Entre esses missionários está o batista William Carey, denominado no meio protestante, como o pai das missões modernas. Cf. SINGH, A. **The Role of Missionaries in abolition of sati custom in India with special reference to Serampore Missionary**. In: IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS), Volume 20, Issue 10, Ver. II (Oct. 2015) pp. 52-55 (1-10). Disponível em: <<http://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Vol20-issue10/Version-2/H0201025255.pdf>>.

Acesso em 02 nov. 2018.

<sup>722</sup> GOHEEN, M. **Gospel, Culture, and Cultures**, p.2.

de modo que seria um sincretismo inadmissível Jesus deixar de ser Senhor de todas as culturas em deferência às determinações de uma cultura<sup>723</sup>.

O segundo problema gêmeo possível de surgir no contato transcultural do Evangelho é o etnocentrismo e o relativismo. Se baseando no antropólogo e missionário protestante Paul G. Hiebert, Goheen apresenta o problema do etnocentrismo e do relativismo que Newbiggin teve que superar, nos seguintes termos:

A história da missão demonstra esse problema gêmeo. Durante o século XIX, o movimento missionário exibiu um etnocentrismo: a forma ocidental do evangelho era considerada normativa. Todas as outras expressões culturais da fé cristã foram julgadas por padrões ocidentais. Em meados do século XX, em reação ao etnocentrismo ocidental, houve uma mudança em direção ao relativismo: não havia critérios para julgar uma contextualização fiel do evangelho em qualquer cultura<sup>724</sup>.

A questão é simples ou se impõe a cultura do missionário sobre o “evangelizado” ou se permite a adaptação cultural do Evangelho ao nativo sem lhe oferecer critério algum. No primeiro caso, tem-se o etnocentrismo; no segundo, o relativismo. Em ambos os casos, o Evangelho desaparece em meio a cultura do evangelista ou do evangelizado. Como superar essa dificuldade?

Nas palavras de Newbiggin, “quando falamos de cultura, no curso de uma discussão teológica, estamos falando sobre a humanidade em seu aspecto público, social e histórico”<sup>725</sup>. Com essa afirmação é necessário compreender que o Evangelho deve ser comunicado dentro de estruturas culturais sem que isso signifique negociar o compromisso com o Evangelho e com o Reino<sup>726</sup>. A isso Newbiggin chama de verdadeira contextualização. Em outras palavras, não há qualquer tipo de negociação que atenda as estruturas ou as aspirações de pessoas, de suas comunidades ou de suas cosmovisões. Antes, a verdadeira contextualização ocorre quando o mundo dos homens, da sua sociedade e da sua cultura são vistos à luz daquilo que Deus tem feito na história da humanidade para a salvação de toda ela, cuja narrativa está na revelação divina, a narrativa da verdadeira história da humanidade<sup>727</sup>. Para Newbiggin, “este é o ponto vital, prestar atenção com o coração

<sup>723</sup> NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.21.

<sup>724</sup> HIEBERT, P. G. **Anthropological Reflections on Missiological Issues**, pp. 76-86 *Apud* GOHEEN, M. **Gospel, Culture, and Cultures**, p.2.

<sup>725</sup> NEWBIGGIN, L. **Christ and the Cultures**, p.9.

<sup>726</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.197.

<sup>727</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.197.

e a mente abertos nas necessidades reais das pessoas como Jesus prestou atenção nelas, sabendo que a necessidade real é aquilo que só pode ser satisfeito por tudo que sai da boca de Deus (Mt 4,4)<sup>728</sup>. Assim, “essencial para a fiel contextualização é uma compreensão adequada da natureza das Escrituras”<sup>729</sup>.

O mundo para Newbigin, portanto, não é uma espécie de ente, mas sim uma intrincada estrutura, cuja base é a humanidade. Porém, não o ser humano em um estado de inocência edênica, mas caído da sua condição original e sob a influência do mal. Por isso, a sociedade construída ao oriente do Éden está contaminada pelo pecado e pelo mal, bem como aquilo que procede da sociedade, como é o caso da cultura, que, por sua vez, manifesta a maldade humana em suas manifestações.

Não se quer dizer, com isso, que todas as manifestações socioculturais humanas – é intencional essa redundância – sejam em si más. Continua existindo, na produção humana, fantásticas manifestações da graça e da bondade de Deus<sup>730</sup>. É fato, como afirma Henry Van Til, o “mundo, que Deus ama e que Cristo salva, não é mal, mas sofre, no entanto, os efeitos do pecado, por causa de sua íntima conexão com o homem, a quem Deus constituiu regente da Criação”<sup>731</sup>. É isso que Newbigin pensa.

Pode-se concluir, então, que nessa intrincada estrutura que é o mundo, Newbigin reconhece os males e os perigos existentes causados pelo pecado e pela maldade presentes na humanidade, que fazem oposição a Deus e ao seu Reino. Contudo, o olhar e a reflexão de Newbigin são postos no amor que o Deus Uno e

<sup>728</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.197.

<sup>729</sup> GOHEEN, M. **Gospel, Culture, and Cultures**, p.3.

<sup>730</sup> De uma perspectiva reformada, Abraham Kuyper, apoiando-se em João Calvino, admite que as artes foram dadas por Deus para o conforto do ser humano nesse estado deprimido de vida. Cf. KUYPER, **Calvinismo**, p.125. No mesmo sentido, Henry Van Til demonstra a bondade existente no mundo e na sua produção cultural. Ele diz: “Qual será a atitude do cristão em relação a esse “mundo”, que é a criação do Pai? Seria muito impróprio aplicar as palavras de advertência do apóstolo João: “Não ameis o mundo nem as coisas que estão no mundo” (1Jo 2,15). O mundo, que Deus ama e que Cristo salva, é na realidade o objeto próprio do amor, na medida em que não toma o lugar de Deus e se torna um ídolo. Pois isso é verdade até para os membros da família - não podemos amar mais o pai ou a mãe do que a Cristo, mas, no entanto, existe um nível apropriado de amor pelos homens e pelas obras de Deus. Não devemos nem desprezar nem deificar a criação, mas devemos usá-la no serviço de Deus como um de seus bons dons (1Co 7,22; 21) [sic.]. Cristo, que é a nossa cabeça, colocou todas as coisas à nossa disposição, e ele governa acima de tudo pela causa de seu corpo, Igreja. Portanto, Calvino, enfatizou o aspecto da jornada de nossas vidas, sempre colocando grande ênfase na chamada para usar os bons dons de Deus com gratidão, evitando tanto a abstinência e licença (IRC, III:19). O mundo material não é mal, mas é a oficina onde o crente executa o mandato cultural com todos os homens”. Cf. VAN TIL, H. **The Calvinistic Concept of Culture**, pp.193-194.

<sup>731</sup> VAN TIL, **The Calvinistic Concept of Culture**, p.193.

Trino tem para com a humanidade e todo o restante da sua criação. Embora, a realidade do mundo ofereça riscos, ela oferece também oportunidades para que o Evangelho convide toda humanidade, de todas tribos, línguas, povos e nações ao arrependimento e ao compromisso com o Cristo, que já foi designado ao mundo, Jesus de Nazaré (cf. At 3,19-20).

### 3.2

#### **José Comblin: Uma relação de Alteridade<sup>732</sup>**

Na seção anterior foi trabalhado a produção e o pensamento teológico-missionário de Lesslie Newbigin. A partir da revisão da obra newbiginiana, procurou-se analisar, destacar e entender como Newbigin compreendia a relação entre a Igreja e o Mundo, articulação necessária à fundamentação teórica do objeto formal deste trabalho de pesquisa. Realizando esse processo analítico, foram considerados alguns tópicos, considerados como os principais para se alcançar o entendimento pretendido da relação Igreja-Mundo. Essa análise orientará o julgamento do objeto material desta tese, isto é, os processos evangelizadores da IP-ST, e possibilitará o desenvolvimento do AGIR, que vem a ser o último passo da metodologia empregada por esta investigação.

Nesta seção, importará análise da produção teológica do sacerdote e teólogo católico José Comblin. Como se trata de autor proífico, cuja obra é ampla, abrangente e profunda, esta tese não tem a ambição de ser exaustiva quanto ao todo da obra combliniana. O interesse deste trabalho é tão-somente aquele material que tenha uma relação de proximidade com os temas desenvolvidos por Comblin, em A Teologia da Missão (TdM), com os quais construir-se-á uma apresentação da possível relação Igreja-Mundo.

O desenvolvimento desta seção seguirá o mesmo modelo da seção anterior. Em primeiro lugar, mesmo que Comblin seja um autor bem conhecido, será

---

<sup>732</sup> Não é interesse aprofundar na temática alteridade. Ao dizer que a proposta relacional Igreja-Mundo em Comblin traz a alteridade como uma marca, isso tem a ver com o modo com o autor observa o mundo, entendendo-o como diverso e diferente, não em termos ontológicos, mas em questões de valores e ética. Essa chave combliniana para a relação Igreja-Mundo se assemelha a relação Eu-Tu proposta por Martin Buber, que aponta para o “desprendimento e superação do egoísmo, localiza o começo da responsabilidade pelo próximo”. Cf. VENTURI, E.R.; FERRI, C.F.S. **O Pensamento da Alteridade:** Do “Eu e Tu” (Martin Buber) ao “Entre Nós” (Emmanuel Lévinas). Pressupostos de Humanismo, Cidadania e Inclusão Social. IN: **Revista Jurídica Luso Brasileira**, v.1 (2015), n. 3, pp. 483. Disponível em: <[http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2015/3/2015\\_03\\_0473\\_0498.pdf](http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2015/3/2015_03_0473_0498.pdf)>. Acesso 01 set. 2019. Ver também: BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1977.

apresentada uma breve biografia desse padre belga. Num segundo momento, o foco será apresentar e analisar a obra TdM, o ponto-de-partida para a construção da relação Igreja-Mundo no pensamento teológico de Comblin. Em seguida, esta seção se dedicará em buscar a compreensão mais profunda daqueles tópicos que serão mais importantes para se alcançar o objetivo deste capítulo, que vem a ser, a elaboração de um entendimento sobre a relação Igreja-Mundo, que sirva como parâmetro para o julgamento dos processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. Por fim, apresentar-se-á algumas propostas alcançadas a partir da investigação da subseção anterior.

### 3.2.1 Apontamentos Biográficos de José Comblin

Diferente de Newbigin, é possível dizer que Comblin dispense maiores apresentações no ambiente teológico brasileiro – à exceção dos meios mais conservadores e fundamentalistas do protestantismo. Nascido em Bruxelas, capital da Bélgica, em 22 de março de 1922, foi batizado por seus padrinhos, Joseph Jules Hippolyte Comblin, porém, no Brasil, tornou-se padre José, ou ainda apenas padre Ze<sup>733</sup>. O pai de Comblin trabalhava no Ministério de Colônias Belga, o que lhe permitiu dar melhores oportunidades de estudo e trabalho aos filhos<sup>734</sup>. Aos 17 anos, completados em 1940, não pode ser recrutado para lutar da Segunda Grande Guerra, permanecendo na Bélgica. Ainda em 1940, ele seguiu para o seminário. Comblin fez um resumo de seu interesse pelo sacerdócio e de sua formação em uma entrevista<sup>735</sup>. Diante da pergunta, “quando você pensou em querer ser padre”, Comblin respondeu:

Eu direi: eu sempre pensei isso desde os quatro anos de idade, agora, por quê? Não sei, foi assim. Então me lembro que eu e meu irmão ajudávamos o culto, a missa, quando meninos. Então aprendemos a imitar os padres, como eles faziam e nós celebrávamos a missa em casa, em latim. Não entendia, mas, enfim ganhamos um velho missal em latim e fazíamos tudo rigorosamente, mais rigorosamente que os próprios padres. Tínhamos 9, 10 ou 11 anos e tudo

<sup>733</sup> Esse é um apelido recorrente na coletânea *A Esperança dos Pobres Vive*, que conta com vários autores em comemoração aos 80 anos de Comblin. Cf. VV.AA. **A Esperança dos Pobres Vive**, 767pp.

<sup>734</sup> Cf. SOUZA, A.R.; DERROITTE, H.(orientador). **El Análisis de la desconexión de sentido entre la Esperanza e la Acción humana, a partir de la obra de José Comblin**, p.317.

<sup>735</sup> Essa entrevista faz parte da dissertação de Paulo César Pereira, defendida na Universidade Católica do Pernambuco. Cf. PEREIRA, P.C.; DOUETS, S.S. (orientador). **Pastoral urbana: uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin**. 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Pernambuco, Programa em Ciências da Religião.

isso os pais estranhavam um pouco, mas se querem fazer isso... Quando terminei o curso secundário, 17 anos, era justamente o começo da guerra, mas não tinha sido chamado para o serviço militar, pois, não tinha 18 anos, escapei. Escapei do serviço militar, entrei no seminário da Arquidiocese e lá me mandaram primeiro à universidade para estudar ciências biológicas. Estudei dois anos e logo após fiz filosofia. Depois disso voltei para o seminário, para começar teologia, então depois de três anos me destinaram a fazer doutorado e fui passar quatro anos de Teologia em Lovaina, em um total de sete anos de teologia<sup>736</sup>.

É interessante notar que, segundo ele, esse desejo foi um crescente na vida do jovem Joseph. Fez sua formação no *Séminaire Saint Joseph*, em Malines, e no *Grand Séminaire*. Foi ordenado ao sacerdócio em 1947, um ano após iniciar seus estudos doutorais na Universidade de Louvain. Em seu doutoramento, José Comblin teve contato com nomes proeminentes que prepararam o Concílio Vaticano II<sup>737</sup>. Além de aulas com Yves-Congar e Marie-Dominique Chenu, Comblin tomou aulas com Karl Rahner. Porém, foi com Lucien Cerfaux<sup>738</sup>, conhecido especialista na teologia paulina, que Comblin deu prosseguimento aos seus estudos em teologia bíblica, área na qual se doutorou<sup>739</sup>. Este era o ano de 1950.

Após o seu doutoramento, em 1950, Comblin assumiu a Paróquia Sacré-Coeur, em Bruxelas, onde permaneceu até a sua vinda para o Brasil, em 1957. Os anos iniciais da ação pastoral de Comblin, em Sacré-Coeur, que contava apenas 27 anos, foi junto ao grupo de escoteiros, com os quais trabalhou a “importância da vida cotidiana seguida pelo espírito das beatitudes”<sup>740</sup> ou bem-aventuranças, como é mais conhecido no meio protestante o trecho de Mt 5 1,12. Percebe-se nessa simples temática uma marca do pensamento teológico desenvolvido pelo Pe.

<sup>736</sup> PEREIRA, *Pastoral Urbana*, p.56.

<sup>737</sup> *Ibid.*, p.63 Alzirinha Rocha dá outra lista de ilustres professores de Comblin, Cf. SOUZA, A. **El Análisis de la desconexión de sentido**, pp.326-328.

<sup>738</sup> Lucien Cerfaux (1883-1968) foi sacerdote católico e exegeta. Foi professor na Universidade Católica de Louvain e especialista em teologia paulina, tendo publicado uma série de quatro livros sobre a teologia do apóstolo dos gentios: *La théologie de l'Église suivant saint Paul* (1942); *Le Christ dans la théologie de saint Paul* (1954); *Le chrétien dans la théologie paulinienne* (1962) e *L'itinéraire spirituel de saint Paul* (1968). Participou como especialista em teologia paulina na preparação do Vaticano II, onde também esteve como perito durante o transcurso do Concílio. Há duas obras de Cerfaux traduzidas para o português: *Le Christ dans la théologie de saint Paul* (Cristo na teologia de Paulo. São Paulo/Santo André: Paulus e Academia Cristã, 2012, 448p.) e *Le chrétien dans la théologie paulinienne* (O cristão na teologia de Paulo. São Paulo/Santo André: Paulus e Academia Cristã, 2012, 640p.).

<sup>739</sup> Cf. HOORNAERT, Eduardo. **O tema da transformação no pensamento de José Comblin**. In: **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 11, Especial José Comblin, 2015, p.33. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/viewFile/531/415>>. Acesso em 19 set. 2018.

<sup>740</sup> COMBLIN, J. **La pédagogie scout e el le sens de l'Église**, pp.51-69 Apud ROCHA, **El Análisis de la desconexión de sentido**, p.318.

Comblin, ou seja, uma teologia construída no contexto daqueles que serão foco dessa elaboração, como Alzirinha Rocha afirmou:

O “mundo Comblin” é vasto e denso, porque sua obra passa pela realidade e seus temas, em geral, pela realidade na qual está inserido [...] influenciada por mundos concretos bastante distintos (Europa, Brasil, América Latina e Estados Unidos). Nesse sentido, podemos afirmar, sem dúvida, que Comblin faz uma teologia eminentemente contextualizada<sup>741</sup>.

A decepção em ver a queda do número fiéis nas missas dominicais e a falta de atenção, por parte do clero, esse problema fez com que Comblin pensasse na possibilidade de deixar a Bélgica e servir à Igreja em outros campos pelo mundo, como ele mesmo disse:

Na minha igreja Paroquial onde nasci e cresci, havia casa domingo a missa às 6 horas da manhã e outra de hora em hora até chegar ao meio-dia e todas sempre cheias. Igreja sabia mil pessoas, quando voltei já trabalhando em Paróquia, tudo isso estava diminuindo muito. Fui conversando e vendo que o clero, em geral, era totalmente inconsciente dessa situação. Então, toda Pastoral era para conservar, sem ver te conheço estava perdendo, mas como ainda tinha muita gente, ainda mantive a ilusão. Mas, eu logo pensei - Isso aí não vai dar certo<sup>742</sup>.

Antes de pensar que se trata de uma tentativa de fuga da situação existente é preciso olhar com muita atenção para uma fala que parece estar solta na entrevista concedida ao Paulo César Pereira, quando Pe. Comblin, tomando como referência a proporção de 1/1000 do número de cristãos alemães – católicos e protestantes – que participam das celebrações, diz: “Isso quer dizer que essa estrutura não corresponde mais a evolução da sociedade, evolução da humanidade”<sup>743</sup>. Em outras palavras, ele estava diante de uma problemática semelhante à desta tese: as estruturas celebrativas e evangelizadoras não dão conta de cumprir o seu papel diante de transformações socioculturais. Comblin estava interessado em manter a relevância da fé cristã diante de um mundo sociocultural em grande agitação ante as profundas mudanças que a Europa estava experimentando. Divulgar e contextualizar a fé cristã, essa foi a sua real motivação.

Em 1953, José Comblin se ofereceu diante uma solicitação do Papa Pio XII de envio de missionários europeus e estadunidenses para a América Latina, solicitação motivada, segundo o Pe. Zé, “obsessão do comunismo” de Pio XII<sup>744</sup>. Três anos depois, Comblin foi enviado ao Brasil, mediando o pedido do então bispo

<sup>741</sup> SOUZA, A. *El Análisis de la desconexión de sentido*, p.329.

<sup>742</sup> PEREIRA, *Pastoral Urbana*, p.56.

<sup>743</sup> PEREIRA, *Pastoral Urbana*, p.57.

<sup>744</sup> PEREIRA, *Pastoral Urbana*, p.57.

de Campinas, a fim de lecionar no *Studium Theologicum*, criado pelos Dominicanos, na Diocese de São Paulo. Comblin pisa pela primeira vez no Brasil, em 1957, permanecendo no país como professor do Studium até 1962, quando se aceitou um convite para lecionar Chile por três anos<sup>745</sup>.

Após esse hiato, Comblin regressou ao Brasil, não retornou para Campinas, mas se dirigiu para o nordeste brasileiro, que se tornou o espaço de sua ação pastoral nos dois períodos que no país, de 1965 até 1972, quando foi deportado pelo Governo Militar. E de 1980, quando expulso do Chile pelo Governo Pinochet, até a sua morte, ocorrida em 2009, aos 86 anos.

Como foi dito anteriormente, a teologia de José Comblin é eminentemente contextual. Por isso mesmo sua presença e circulação no espaço geográfico latino-americano teve impacto profundo em sua construção teológica. Os problemas socioeconômicos enfrentados pelo continente afora exigiam uma resposta da Igreja, que fosse além de um pronunciamento, mas que se fizesse sentir na realidade do cotidiano experimentada por cada cristão, principalmente aqueles que, oprimidos pelas estruturas político-econômicas caudilhescas, encontravam-se expropriados de seus direitos mais fundamentais e lançados à pobreza e à marginalidade existencial. Logo, estava envolvido com a Teologia da Libertação (TdL) determinou o modelo teológico que Comblin trabalharia nas antigas colônias dos países ibéricos.

Embora não seja o interesse desta tese investigar a TdL – uma vez que outros pesquisadores têm se prestado a essa tarefa – é preciso que ao menos se faça uma breve contextualização da mesma. O fato da teologia de Pe. Comblin ser contextual demonstra que a dissociação de seu pensamento do mundo e do seu momento histórico tornam sua compreensão impossível<sup>746</sup>. Com efeito, o objetivo desta seção é oferecer um preâmbulo da biografia de Comblin, a fim de demonstrar, de maneira geral, como foi o desenvolvimento de sua teologia no contexto de sua própria vida. E a partir disso, identificar a relação Igreja-Mundo presente na obra combliniana, tendo como ponto de partida da sua obra “Teologia da Missão”.

De acordo com Enrique Dussel, o período entre 1959 a 1972 representou um período de renovação para a Igreja Católica no continente<sup>747</sup>. As razões para isso

<sup>745</sup> PEREIRA, *Pastoral Urbana*, p.57.

<sup>746</sup> SOUZA, A. *El Análisis de la desconexión de sentido*, p.343.

<sup>747</sup> DUSSEL, E. *História da Igreja Latino-Americana*, p.39.

foram o anúncio da convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965) e a realização da XIV Assembleia Ordinária do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em Sucre, Bolívia<sup>748</sup>. Porém, como destaca Dussel, o centro de convergência desta transformação foi a II Conferência Geral de Medellín, em 1968, que, a luz do Vaticano II, lançou as bases da Teologia da Libertação (TdL) a partir de seu documento conclusivo<sup>749</sup>.

A participação de Comblin foi inicialmente discreta. Segundo ele, à medida que a TdL começou a sofrer com retaliações e mesmo com a condenação oficial por parte da Congregação para Propagação da Fé, que sua participação e comprometimento se tornou mais efetivo<sup>750</sup>. O comprometimento com a TdL foi a causa das expulsões do Brasil e, posteriormente, do Chile. É preciso que se considere que Comblin não foi um teórico numa “torre de marfim”, no que diz respeito às suas reflexões. O que ele fez foi unir uma forte e profunda formação acadêmica com a prática pastoral próximo ao povo posto sob os seus cuidados. O Pe. Zé estava com o povo em suas angústias, necessidades e alegrias – quando essas eram possíveis. E com o povo e para esse fez sua teologia.

A teologia de Comblin é abrangente, densa e tensa. Reduzi-la apenas à Teologia da Libertação seria um desrespeito ao labor teológico de Comblin. Com uma formação bíblica, Comblin produziu comentários bíblicos, falou sobre educação, refletiu sobre os diversos *loci* dos temas da teologia; escreveu para acadêmicos e para o povo.

### 3.2.2

#### **A Teologia da Missão: Ponto-de-partida para a compressão da proposta de Comblin**

Uma vez feita essa breve introdução teo-biográfica de José Comblin, faz-se necessário voltar a atenção para o objeto formal desta tese que é a específica relação Igreja-Mundo encontrada na teologia de Comblin, tendo como ponto de partida “A

<sup>748</sup> DUSSEL, E. **História da Igreja Latino-Americana**, p.39.

<sup>749</sup> Para um resumo do que foi a TdL desde o seu princípio, seu desenvolvimento na diversidade da América Latina e seus principais autores, recomendamos: DUSSEL, E. **História da Igreja Latino-Americana**, 99pp.

<sup>750</sup> COMBLIN, J. **Trinta anos de teologia na Latino-americana**. In: SUSIN, L.C. (org.). **E o mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina**, pp. 190-191.

Teologia da Missão” (TdM), da qual é possível captar a concepção que ele manifestou e desenvolveu em todo o conjunto da sua obra<sup>751</sup>.

A Teologia da Missão está dividida em duas partes sem contar a Introdução. Aliás, a introdução de TdM é de valor fundamental para o entendimento da proposta combliniana de uma teologia da missão. Nela o autor não apenas apresenta o problema que será tratado no desenvolvimento do texto, delineando, ainda que de maneira resumida, o estado da questão, mas dá a tônica que perpassará todo o desenvolvimento da ideia central, a missão – o cristianismo ou ainda a Igreja – como um movimento. Comblin concebeu uma teologia da missão como uma espécie de explicitação da vivência missionária, examinada e sintetizada crítica e metodologicamente, a qual se mostrava como a ação da Igreja na continuação da ação salvífica de Deus. Porém, como Comblin mesmo diz, essa é uma teologia para a Igreja e não para os missionários<sup>752</sup>. Isto porque,

A Igreja precisa interpretar o que está acontecendo na missão vivida concretamente, o significado e o alcance real das novidades. Ela precisa compreender os sinais dos tempos oferecidos nessas experiências, e, portanto, voltar às fontes, reler os textos, reexaminar criticamente o seu passado, as suas tradições, às vezes canonizadas de modo inconsciente. A Igreja precisa refazer a sua teologia à luz da experiência vivida para poder, ela própria, converter-se se for o caso<sup>753</sup>.

Para José Comblin, a teologia da missão, existente naquele tempo, era deficitária e insuficiente para que a Igreja pudesse dar conta daquilo que estava relacionado ao movimento missionário. Em primeiro lugar, estava relacionado com o lugar dado a teologia da missão, isto é, os agentes da missão, religiosos e religiosas envolvidos com a evangelização em locais em que a Igreja Católica não tivesse com a sua estrutura presente<sup>754</sup>. Para esse e tão-somente esse grupo interessava uma teologia da missão.

Para o restante da Igreja não havia necessidade de maiores detalhamentos. As mudanças que ocorreram depois da Segunda Guerra Mundial foi o que Comblin chama de “descoberta da descristianização”, ou simplesmente o processo de secularização que se acentuou no pós-guerra. Aliás, foram alguns resultados da secularização – a dessacralização e a privatização da fé, que por sua vez tem sido a

<sup>751</sup> Cf. RAIMUNDO, **Igreja: missão permanente**, p.45.

<sup>752</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.7.

<sup>753</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.7-8.

<sup>754</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.8.

causa dos esvaziamentos dos templos cristãos mundo afora<sup>755</sup> – que causou o desejo de Comblin pela mudança da Bélgica.

Contudo, mesmo a Igreja tendo descoberto a descristianização, Comblin critica a ação daquela diante desse fato, porquanto, em sua percepção, essa teologia da missão fez apenas mudar nomenclaturas adotadas da teologia bíblica e aplicadas as estruturas próprias da eclesiologia existente, sem qualquer mudança realmente essencial.

Na realidade a “Igreja em estado de missão” não tinha mudado radicalmente; era a Igreja de sempre com as suas instituições de cristandade. Pastores de boa vontade procuravam aplicar as instituições de cristandade a fins missionários. Da mesma maneira procuraram renovar a eclesiologia aplicando os temas tradicionais a fins missionários. Para uma “paróquia missionária”, uma “liturgia missionária”, “uma evangelização missionária” (simplesmente a antiga paróquia, a liturgia de sempre, a antiga catequese batizada com o nome de evangelização), aplicaram-se os temas da teologia bíblica da missão às instituições eclesiásticas tradicionais. Essa teologia missionária estava destinada a renovar o prestígio de instituições questionadas seriamente pelo estado de descristianização do ex-povo cristão. Até há poucos anos atrás, a maioria dos responsáveis achava que, para responder aos desafios da época atual, seria suficiente rejuvenescer e modernizar a fachada, isto é, o aspecto exterior das instituições cristãs e católicas, sem necessidade de substituí-las por outras completamente novas. Uma das formas de renovação era a mudança de vocabulário<sup>756</sup>.

Em segundo lugar, Pe. Comblin considerou que a teologia da missão existente não respondia às questões daquele determinado momento existencial. Se questões como: “Qual é a função da Igreja? para que ser cristão? tem sentido formar Igreja? qual é a finalidade, quais são as metas, os critérios da atuação da Igreja?”<sup>757</sup> A existência da Igreja não é um fim em si mesmo. Por isso, é preciso determinar esse fim.

Assim, Comblin contrapõe a missão à Igreja e vice-versa. Nessa contraposição, a missão é apresentada como um “ponto de partida sério”<sup>758</sup>, conquanto a Igreja tenha perdido, em sua caminhada, essa condição de ser “ponto de partida”<sup>759</sup>. Aqui, Comblin não está desqualificando a Igreja Católica (ou as Igrejas Cristãs em geral), porém, ele está repetindo o que o próprio Concílio Vaticano II afirmou acerca da Igreja, isto é, “a Igreja peregrina é, por sua natureza missionária” (AG, 2). Dito de outra forma, a natureza missionária da Igreja é o que determina a sua ação. O ponto de partida, o início do movimento da Igreja é a

<sup>755</sup> Cf. COMBLIN, J. *Mitos e Realidades da Secularização*, pp.48-50.

<sup>756</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.8-9.

<sup>757</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.10.

<sup>758</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.10.

<sup>759</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.10.

missão. Inverter isso põe em risco toda a razão de ser da Igreja, já que a missão é sempre anterior a Igreja<sup>760</sup>.

Assim, diante da insuficiência da teologia da missão, Comblin retoma a ideia de que a teologia da missão era o ponto de convergência das controvérsias daquele seu momento histórico. O modo de entender a missão e, conseqüentemente, a própria natureza e finalidade da Igreja não estava claro no cenário em que ele se encontrava.

Desta maneira, Comblin, demonstrando o estado da questão que ele estava levantando, apresenta as duas perspectivas dominantes, as quais puderam ser encontradas na pesquisa de campo que deu origem ao primeiro capítulo desta tese. Isto é, uma tensão é dualista, que, vez por outra, privilegia ou elementos institucionais da referida comunidade cristã, ou procura valorizar as características internas do grupo, ao invés de olhar para fora dos seus arraiais, para o mundo.

A primeira tensão diz respeito a finalidade e conseqüente orientação que a missão dá a Igreja, conforme pode ser visto abaixo:

CASO 1	A atividade missionária consiste em:	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. Recrutar novos membros</li> <li>b. Introduzir mais gente na Igreja</li> <li>c. Aumentar o prestígio da Igreja</li> <li>d. Aumentar a influência da Igreja</li> </ul>
CASO 2	A atividade missionária consiste em:	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. Renovar e imitar a missão de Jesus Cristo</li> </ul>

Comblin explicita a diferença entre os dois casos:

A diferença entre as duas colocações é radical: a primeira atua em função de quem está dentro, a segunda em função de quem está fora; a primeira procura resultados visíveis, quantitativos primeiro, qualitativos depois; a segunda procura o qualitativo e não se preocupa pelo quantitativo, nem procura avaliar os resultados. A primeira integra dentro de modelos homogêneos criando uniformidade; a segunda não tem modelos prévios e provoca diversidade<sup>761</sup>.

<sup>760</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.16.

<sup>761</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.12.

O primeiro modo de enxergar a missão é descrita em termos de um crescimento quantitativo. O objetivo de toda ação missionária é o desenvolvimento das estruturas eclesiais e de suas influências por meio da adesão de não-cristãos ou de cristãos de outras confessionalidades. Uma mentalidade de cristandade. Enquanto, o segundo modo de entender a missão e sua finalidade está focada tão-somente no exemplo de Jesus de fazer conhecida a mensagem do Reino de Deus contida no seu Evangelho. Os resultados não determinando a missão.

A segunda tensão diz respeito ao modo de representar a relação cristianismo mundo. Como Comblin adiante admitirá esta tensão é a mesma que envolve a relação Igreja e Mundo<sup>762</sup>, que, por sua vez, é parte do objeto formal desta investigação. É preciso entender que o que se disser sobre uma relação o mesmo vale para a outra. Os termos estático e dinâmico podem ser substituídos por dualista e integradora. No primeiro caso, está-se diante uma visão dualista da realidade que contempla o cristianismo/Igreja e o mundo como “duas totalidades justapostas, completas e paralelas”<sup>763</sup>. É interessante notar que Comblin não contempla uma relação de oposição-exclusão como é comum verificar nesse modelo<sup>764</sup>. O padre belga parte da antiga eclesiologia que considerava a Igreja como “societas perfecta”, isto é, auto-suficiente e que bastava numa relação com o mundo. Porém, nesse entendimento, um relacionamento amistoso até poderia ser desenvolvido, embora, toda a ação do cristianismo/Igreja fosse secundária a sua principal missão, ou seja, ela mesma. Porquanto, a concepção estática reforça a ideia da missão como expansão, administração, consolidação e ampliação daquilo que já existe<sup>765</sup>, ainda que o avanço da Igreja seja relativo à taxa de natalidade de uma comunidade específica. A Igreja se volta para si; torna-se narcisista e egocêntrica.

Por outro lado, a segunda concepção desta tensão é dinâmica e integradora. Dinâmica porque se trata de um movimento de imitação de Jesus. A imitação do seu agir em direção ao mundo, não como uma realidade paralela, mas como realidade única e concreta. Comblin afirmou:

A missão de Jesus Cristo não constitui uma ordem, uma totalidade ao lado do mundo. Ela é justamente missão, isto é, movimento, não outro mundo, mas movimento para este mundo, entrada neste mundo, ação sobre este mundo. Qualquer tentativa para definir o cristianismo

<sup>762</sup> COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, p.12.

<sup>763</sup> COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, p.12.

<sup>764</sup> Cf. RUBIO, A.G. **Unidade na Diversidade**, p. 80-82.

<sup>765</sup> COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, p.11.

em formas estáticas destrói o essencial e cria dilemas sem saída. Jesus Cristo dirige-se a tudo no mundo, a cada entidade em particular e à totalidade. A nota própria dele não é uma existência paralela, mas o modo de atuar neste mundo, o modo da missão e a pretensão de penetrar em tudo, querendo transformar tudo. Cristo é aquele que atravessa este Mundo para modificá-lo justamente por esse movimento<sup>766</sup>.

O movimento dinâmico da missão é também integrador. A salvação de Jesus, causa da missão, é para o mundo – criação, humanidade e produções desta, isto é, sua sociedade e cultura. Qualquer ação da Igreja que não tenha como meta a realidade concreta do mundo em todas as suas dimensões não é missão, por mais que a mensagem evangélica seja falada e repetida.

A terceira tensão diz respeito ao conteúdo e à historicidade da salvação. Essa tensão se percebe em duas maneiras de se entender a salvação. Na primeira, dizia Comblin, interpreta a salvação em termos de uma relação pessoal com Deus que nada tem a ver com as coisas desta vida<sup>767</sup>. Assim, “a historicidade permanece, então, exterior à salvação, ao reino de Deus presente no mistério”<sup>768</sup>. O histórico não toca aquilo que é próprio do eclesial; o mundo e o que nele há – as culturas humanas e todas as suas boas e belas produções – não interferem na dinâmica da Igreja, embora o que é mal e perverso ponha em descrédito a Igreja. De qualquer forma, o que Comblin observa nesse caso é um desligamento da realidade por parte da igreja em relação ao mundo. A ordem superior da salvação e da graça nada tem a ver com o que é mundano, temporal e histórico<sup>769</sup>.

A perspectiva oposta a essa aceita que “a totalidade do mundo, vida individual e social” está sob a influência do pecado que se faz presente no mundo<sup>770</sup>. O pecado, qualificado como egoísmo, covardia e privação da liberdade, é verificado historicamente em todas as ações que expressam o desamor humano em relação ao próximo, à criação e a Deus. O pecado é histórico. E, por isso, a salvação deve lidar com a história do pecado e se fazer também histórica. Comblin demonstrou isso na seguinte afirmação:

A salvação consiste numa mudança radical da humanidade, não mudança por um golpe mágico da parte de fora, e sim mudança por um despertar de uma liberdade e de um amor no coração do homem. [...]. A sua condição de filho de Deus, o corpo de Cristo, o povo de Deus não são entidades misteriosas situadas acima do homem, são essencialmente movimentos, existem apenas em forma dinâmica nesse movimento de reconquista do humano pelo homem.

<sup>766</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.12.

<sup>767</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.14.

<sup>768</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.14.

<sup>769</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.14.

<sup>770</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.14-15.

[...]. Portanto, a salvação está totalmente condicionada pela circunstância histórica. Ela é concreta assim como o pecado é concreto. [...]. A salvação é ao mesmo tempo ação individual e social. O seu efeito não é uma elevação a uma ordem intemporal, e sim uma transformação do homem. A pertença ao corpo de Cristo não é o resultado e sim a origem da salvação. O dinamismo da salvação vai do cristianismo para o mundo<sup>771</sup>.

Assim como a missão é um movimento para dentro do mundo, ela deve ser também um movimento para dentro da história em seus diversos contextos e situações. É o confronto da salvação contida no anúncio do Evangelho de Cristo com o pecado presente no mundo.

A quarta e última tensão que Comblin admite estar presente na teologia missionária que contextualiza a TdM diz respeito ao ponto de partida da reflexão e práxis teológico-missionária. O ponto de partida da teologia da missão ou é a visão teológica da cristandade ou é a missão em si. No primeiro caso, argumenta Comblin, o fazer teológico parte dos pressupostos essencialistas da filosofia grega, que por sua vez reflete sobre a essência das coisas, deixando de lado questões de ordem prática<sup>772</sup>. Uma teologia da missão que não leva à sério a práxis missionária, não refletindo sobre essas ações, é incapaz ser missionária.

Para Comblin, o problema da teologia da missão, a qual exige respostas que determinem uma práxis, não está na reflexão sobre as essências das coisas – “essas essências não estão ao nosso alcance”, diz Comblin<sup>773</sup>. Mas qual é esse problema fundamental? Comblin responde:

O problema fundamental é: como ser cristão hoje? Que faria Cristo hoje? como interpretar o momento atual? Outra ciência engana. Os diversos objetos da chamada revelação precisam ser colocados na perspectiva das perguntas que acabamos de formular se querem ajudar a vida cristã e não enganá-la [sic.]. Deus, o Filho, o Espírito, o pecado, a salvação, a Igreja, os sacramentos, a escatologia não podem [sic.] ser contemplados no seu verdadeiro significado a não ser dentro da perspectiva da missão de Cristo hoje<sup>774</sup>.

Assim, o ponto de partida próprio da teologia da missão é a missão. A missão cristã, que é a missão de Deus e de Jesus, seu Filho, é o modo de iniciar toda reflexão teológica, segundo Pe. Comblin.

Resumindo, a primeira parte da introdução de TdM determina que a busca intentada por Comblin é por uma teologia missionária que seja um movimento, cujo objetivo seja a imitação, renovação e continuação da missão de Jesus, missão que é dirigida ao mundo concreto da humanidade, com o qual o próprio Cristo se

<sup>771</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.15.

<sup>772</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.15.

<sup>773</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.16.

<sup>774</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.16.

relacionou de maneira aberta e próxima, mundo e humanidade que tem lidado com o pecado que está presente nas estruturas da individualidade do ser humano, mas que também se estende para as estruturas de sua sociedade e cultura. Por essa razão, a salvação de Deus é a transformação do ser humano e de suas produções históricas. É o desenvolvimento da missão que permite ao teólogo interpretar teologicamente as demandas e as questões suscitadas no caminhar dos missionários e missionárias.

É importante observar que essas tensões não são algo próprio da teologia e práxis católica em algum momento de sua caminhada. Mesmo que José Comblin escreva referenciado pelo seu próprio contexto. As questões pontuadas pelo autor belga estão presentes também no meio protestante. Determinar o que é a missão e o conteúdo que a subjaz tem sido uma tarefa complexa para missiólogos protestantes em suas diversas tradições teológico-confessionais<sup>775</sup>.

Na segunda parte da introdução, Pe. Comblin deixa claro que toda base para se pensar uma teologia da missão se ergue a partir da missão de Jesus<sup>776</sup>. O paradigma de toda ação missionária da Igreja está diretamente ligado às ações salvíficas de Jesus. Essas ações estão acima até das próprias definições acerca do Nazareno, uma vez que nos evangelhos poucas afirmações sobre si mesmo são postas em sua boca pelos evangelistas, por outro lado, muito é dito sobre as suas ações, cujas expressões centrais que estão nos verbos enviar e ir<sup>777</sup>. Sobre esse tema, voltar-se-á a ele mais adiante. Por ora, cabe apenas deixar os leitores cientes desta situação.

Nessa primeira parte de *A Teologia da Missão*, Comblin aborda seis aspectos da missão cristã. Partindo do problema apresentado na introdução dessa obra, Comblin amplia a discussão, atentando-se às polaridades existentes no conceito de missão dentro do contexto católico. Comblin procura superar essa dualidade e apresenta o seu entendimento que, a princípio, é uma proposta não-dualista, embora seja possível suspeitar de uma inversão dialética, algo que não será verificado nesta tese<sup>778</sup>.

Por fim, na segunda parte de *TdM*, Comblin fornece uma análise da historicidade da missão. Aliás, a história da missão se confunde com a história da

<sup>775</sup> Cf. BOSCH, D. *Missão Transformadora*, pp.17-29.

<sup>776</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão.*, p.17.

<sup>777</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p 17.

<sup>778</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.21.

Igreja, uma vez que não se pode pensar uma sem a outra. Entretanto, no movimento histórico de ambas, Comblin admite a existência de uma dialética, cuja origem é encontrada nos escritos do apóstolo Paulo.

A dialética paulina, segundo Raimundo, opera como chave de compreensão da própria historicidade da missão<sup>779</sup>. Compreendendo esse movimento dialético, entende-se como a missão acontece, uma vez que essa compreensão é uma das formas de se fazer a leitura dos sinais que o tempo confere à Igreja missionária<sup>780</sup>. Os termos dessa dialética são três: paganismo (as nações), judaísmo (Israel) e cristianismo (Jesus)<sup>781</sup>. Trata-se do processo do desenrolar da história dos atos salvíficos de Deus em relação a humanidade que culmina em Jesus Cristo. As nações, como o termo do pecado que exige salvação – eles são o objeto da salvação<sup>782</sup>, Israel surge como o termo opositor ao mundo das nações, porquanto as leis israelitas asseguravam o seu isolamento completo<sup>783</sup>. A síntese libertadora é Jesus, o terceiro termo, que liberta as nações do pecado e Israel da lei, formando um só povo na experiência da profunda e intensa liberdade que é a salvação de Jesus.

O que Pe. Comblin quis dizer com essa metáfora? A missão e a Igreja, segundo Comblin, partem de um movimento inicial de seres humanos iluminados pelo Espírito e pela palavra pregada por outros seres humanos – isso será visto mais adiante – para a liberdade que é oferecida pela salvação. Porém, na caminhada após Jesus, uma série de leis, normas morais, embotam o Evangelho, transformando a Igreja em uma sinagoga<sup>784</sup> e paralisando a missão, nas palavras de Comblin: “A uma Igreja paganizada sucede uma Igreja judaica ou sinagoga”<sup>785</sup>. O que rompe essa paralisia é o Espírito, que cria e que também sustenta todas as coisas, por meio de homens e mulheres cujo coração é disposto para serem missionários no anúncio

<sup>779</sup> Cf. RAIMUNDO, **Igreja: missão permanente**, p.69.

<sup>780</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, pp.72-28.

<sup>781</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.86.

<sup>782</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.86.

<sup>783</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.87.

<sup>784</sup> É preciso fazer uma explicação sobre o termo *sinagoga*. Inicialmente é preciso entender que, nos textos de Comblin, *sinagoga* e suas variantes são termos técnicos que nada tem a ver com as Sinagogas judaicas. Antes, para Comblin, o termo *sinagoga* indica uma comunidade religiosa que tem como função a preservação de uma prática comum ao grupo, bem como a sua manutenção. Descreve tão-somente a institucionalização ensimesmada da Igreja.

<sup>785</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.89.

e no testemunho do Evangelho no mundo. Desse modo, cumpre-se a síntese: “as épocas missionárias sucedem as épocas de fechamento [da Igreja]”<sup>786</sup>.

### 3.2.3

#### **Apontamentos Teológicos corroborativos para elaboração da relação Igreja-Mundo em Comblin**

Da mesma forma como o pensamento teológico-missionário de Lesslie Newbigin foi trabalhado, procurar-se-á apontar os principais conceitos presentes em A Teologia da Missão (TdM) de José Comblin. A intenção é a verificação de um modelo relacional entre a Igreja e o Mundo a partir da teologia combliniana, a qual servirá para na construção do objeto formal desta investigação, que, por sua vez, tem como função o julgamento do objeto material apresentado no primeiro capítulo.

Diferente de Newbigin, Comblin oferece uma opção da relação Igreja e Mundo mais sintética e sistematizada em sua TdM, o que de certa maneira, facilitará o trabalho de pesquisa. Desta maneira, o que será feito nesta subseção é destacar os princípios existentes nessa relação Igreja-Mundo e analisá-los. Para tanto, outras obras de Comblin serão utilizadas para aclarar ou melhor fundamentar o que fora dito em TdM. É preciso, porém, deixar marcado que não se pretende exaurir a obra combliniana, uma vez que ela é difusa, isto é, ela toma e discute de diferentes perspectivas diversos temas da teologia. Assim, apenas aquelas obras que diretamente tangenciem e colaborem com a temática desta tese serão utilizadas.

#### **3.2.3.1**

##### **Jesus Cristo: O padrão da missão no mundo**

Perspectivas missionárias tem sempre um ponto-de-partida ou um padrão que as fundamentam. A teologia missionária de Comblin é antes de tudo cristológica. Ela está focada na missão, isto é, na ação de Jesus Cristo, o Filho e Palavra de Deus, que, como o enviado do Pai, dá a Deus voz, rosto e gestos definitivos para expressar todo o interesse e amor divinos pela humanidade. Isso significa também que Comblin interpreta em Jesus o modelo da própria ação da Igreja, de modo que tentar entender a missão cristã sem compreender profundamente a missão de Jesus se torna algo impossível<sup>787</sup>. A missão de Jesus é que lança luz sobre qualquer reflexão

<sup>786</sup> COMBLIN, J. A *Teologia da Missão*, p.90.

<sup>787</sup> COMBLIN, J. A *Teologia da Missão*, p.15.

teológica sobre a missão. Dessa maneira, a missão de Jesus é o padrão da missão cristã. E Comblin inicia a sua reflexão teológico-missionária observando o modo como o Filho de Deus feito homem para nossa salvação agiu para apresentar as boas novas do Pai e do seu Reino.

A reflexão de Comblin acerca da relação entre Jesus e a sua missão está evidente nas fontes sobre as quais ele se debruça. Para ele não interessa revisitar os documentos credais e confessionais da Igreja. Antes seu ponto de partida é o Novo Testamento e o que tem a dizer sobre Jesus. De maneira geral, todos os evangelhos demonstram que Jesus e a sua missão estão interligadas. O de Mateus dá foco ao Evangelho como o reino de Deus, que a presença ativa de Jesus formando e despertando nos povos, a verdadeira ação<sup>788</sup>. Em Marcos, o Evangelho está personificado e é anunciado por Jesus<sup>789</sup>. Lucas vê o Evangelho como a libertação dos pobres<sup>790</sup>. Porém, o Quarto Evangelho, assume de maneira radical a relação existente entre Jesus e o Evangelho, entre Jesus e sua missão, não colocando ambas as coisas lado a lado, mas, considerando ambas uma coisa só: Jesus é em si sua missão<sup>791</sup>. Sobre isso, Comblin escreve:

[No Quarto Evangelho, Jesus] não declara o seu nome. Dar o seu nome seria definir-se, delimitar-se, manifestar-se como um indivíduo no meio de outros indivíduos. O extraordinário é que Jesus não diz quem ele é; diz donde vem e aonde vai. Jesus é aquele que vem do Pai e foi enviado por Ele: “dele venho e foi ele que me enviou” (7,28). Enviado pelo Pai, ele vem ao mundo: “veio até os seus” (1,11). “Enviado” é o nome que permite identificar Jesus: “A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, verdadeiro e único Deus, e a Jesus Cristo, teu enviado” (17,3). “Tu me enviaste ao mundo”, diz Jesus ao Pai (17,18) para recapitular a sua existência inteira. Os discípulos chegam a conhecê-lo no momento em que alcançam saber que ele foi enviado: “estes conheceram que tu me enviaste” (17,25). Da mesma maneira Jesus se dá a conhecer ao mundo: “e assim o mundo creia que tu me enviaste” (17,21). Referindo-se ao Pai, Jesus quase sempre diz: “o Pai que me enviou” (5,23.37ss). Em outras circunstâncias ele não cita o nome do Pai, mas simplesmente diz: “aquele que me enviou” (5,24.30.38; 6,38.39ss). Finalmente ele se designa a si mesmo pela mesma palavra: em lugar de dizer “eu”, diz “aquele que o Pai enviou”: “a obra de Deus é que acrediteis naquele que Deus enviou” (6,29)<sup>792</sup>.

A ênfase observada por Comblin, ao destacar esses versículos do evangelho de João, aponta para o verbo enviar e seus derivados. Jesus é o enviado do Pai. Ele é o Logos; ele é sempre palavra<sup>793</sup>. Comblin percebe a radicalidade existente na

<sup>788</sup> COMBLIN, J. *Evangelizar*, p.14.

<sup>789</sup> COMBLIN, J. *Evangelizar*, pp.36-37.

<sup>790</sup> COMBLIN, J. *Evangelizar*, pp.53-55.

<sup>791</sup> COMBLIN, J. *Evangelizar*, pp.71-75; COMBLIN, *Jesus: O Enviado do Pai*, 109 pp.

<sup>792</sup> COMBLIN, J. *Jesus: O Enviado do Pai*, p.7-8

<sup>793</sup> COMBLIN, J. *Jesus: O Enviado do Pai*, p.48.

relação entre Jesus e sua missão, ao considerar o Apocalipse onde os verbos ser e enviar são utilizados para expressar o dinamismo de Jesus Cristo. Comblin escreve:

O "vir" é de tal modo fundamental na teologia de São João que substitui o verbo ser na definição de Deus, ou pelo menos completa o ser. "Aquele que era, que é e que vem" é o novo nome divino (Ap 1,4.8; 4,8). No Novo Testamento, portanto, o vir receber aquela universalidade, aquela máxima compreensão e aquela máxima extensão que pertence na filosofia ao ser. Assim como o ser envolve a totalidade do universo, assim também o vir envolver a totalidade do mistério cristão<sup>794</sup>.

Nisto se percebe algo importantíssimo na teologia da missão de Comblin sob a perspectiva de Jesus. A missão não é algo a parte do missionário. Ela é parte constitutiva da sua identidade como foi com Jesus<sup>795</sup>. O Cristo jamais se furtou da sua responsabilidade missionária, jamais negou sua fidelidade a Aquele que o enviara. Como disse Comblin, toda a realidade de Jesus Cristo consistia em "desempenhar a função de intermediário, transmissor, comunicação entre o Pai e o mundo"<sup>796</sup>. A missão principal de Jesus era ser não apenas o comunicador, mas a comunicação de algo novo ao mundo, como disse Comblin:

O que se nos revela em Jesus é um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano. Ao mesmo tempo essa manifestação de um novo modo de ser constitui uma denúncia da vaidade, da superficialidade do modo de ser que procuram os nossos humanismos tão limitados e tão insuficientes<sup>797</sup>.

A Boa-Nova trazida por Jesus é a salvação de Deus para a humanidade. É a libertação do ser humano e de toda criação do mal no qual se encontram, seja por vontade própria, por ignorância, ou ainda por causa da opressão. Essa mensagem de salvação é também mensagem de transformação. Essa transformação é resultado do confronto, da "crise" estabelecida por Deus para produzir mudanças profundas na humanidade e para realizar a salvação do mundo. Para Comblin, esse é o tema central no evangelho de João. O Pe. Comblin explica esse tema, dizendo:

Entre Deus e o mundo a uma oposição, bate. Deus resolveu precipitar a crise, levar o debate a sua conclusão e agir para solucioná-lo assim, estamos assistindo à realização da decisão Divina em que Deus coloca o mundo diante de suas responsabilidades e o obriga a se definir. [...]. O que Deus quer, entrar em julgamento diante de um tribunal – não há outro tribunal a não ser o próprio –, mas que os conflitos latentes se definam; quer colocar o mundo na obrigação ou de aceitar a sua misericórdia ou de rejeitá-la; te provocar uma crise, separação definitiva. [...]. O instrumento da crise é Jesus: Jesus obriga os homens a definir-se: diante dele não é possível fugir; todos têm que dar uma resposta: a crise é inevitável<sup>798</sup>.

<sup>794</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, pp.17-18.

<sup>795</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.8.

<sup>796</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.10

<sup>797</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.9.

<sup>798</sup> COMBLIN, J. **Evangelizar**, p.76.

O mal é uma realidade no mundo. É uma realidade na existência humana. Ao ser confrontada com o Evangelho de Jesus, aliás, confrontada pelo próprio Jesus, a crise se estabelece. Uma crise que exige fortemente uma tomada de decisão por parte do indivíduo humano. Abraçar a misericórdia divina e romper com essa oposição é o início de uma nova vida, um novo relacionamento com Deus. Essa “nova humanidade”, porém, não é conquistada de maneira definitiva em um dado momento. Antes, ela é sempre uma obra inacabada, a ser construída dia após dia pela conversão do coração, de onde procedem as fontes da vida (cf. Pv 4,23)<sup>799</sup>. E nesse processo o Evangelho continua agindo.

Porém, a mensagem evangélica não deve ser encarada como “um catecismo, nem um código, nem um conjunto de fórmulas, nem uma teologia, nem um catálogo de dogmas”<sup>800</sup>. O que o Pai comunicou ao Filho transcende ao sentido primário do termo palavra. Deus não está interessado na memorização de catecismos e credos, na exatidão de afirmações dogmáticas – é disso que Jesus liberta os judeus, afirma Comblin<sup>801</sup>. A palavra é o seu conteúdo<sup>802</sup>.

Jesus diz que o Pai lhe entregou palavras, ele não toma palavras no sentido material imediato ao qual estamos acostumados. As palavras designam aqui o conteúdo. O Pai lhe entregou uma realidade para comunicar. As palavras do Pai não são palavras sobre Deus. As palavras de Jesus não são palavras sobre realidades religiosas. As palavras significam aqui a própria abertura do Pai. O Pai mostra-se, exprime-se, comunica o seu amor pela missão de Jesus<sup>803</sup>.

E Jesus comunicou as palavras que lhe foram entregues pelo Pai. Ele o fez por meio de sinais e ensinamentos. Na perspectiva e no vocabulário joanino, Comblin demonstra que tanto os sinais como os ensinamentos de Jesus eram meios de comunicação das palavras do Pai. Os sinais tinham significado ulterior. Não eram indicativos de que a partir daquele momento os problemas humanos seriam resolvidos por meio de milagres<sup>804</sup>.

Se a mensagem do Pai era a transformação de todas as coisas, começando pela humanidade que haveria de ser conduzida à nova maneira de ser humano, então, os sinais ou milagres, como estes são chamados nos outros evangelhos,

<sup>799</sup> Cf. COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, pp.47-48; COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.52.

<sup>800</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.47.

<sup>801</sup> COMBLIN, **A Teologia da Missão**, p.52-55.

<sup>802</sup> COMBLIN, **Jesus: O Enviado do Pai**, p.47.

<sup>803</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.47.

<sup>804</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.43.

jamais poderiam apontar para outra realidade diferente daquela. Os milagres confirmavam a mudança, a transformação da condição humana oferecida no discurso evangélico de Jesus. Comblin, em outro lugar, será contundente em dizer que a salvação não ocorreu por meio de um milagre, mas por meio de um ato; ato de entrega pessoal e de autodoação. “Deus não salva por milagres, mas pela cruz”<sup>805</sup>.

Contudo, “no sentido de Jesus”, afirmou Comblin, “falar é fazer, e fazer é falar”<sup>806</sup>. Ao usar o discurso, Jesus não inutilizava a ação ou os “sinais”, conforme o termo joanino. Ambos estavam juntos na práxis de Jesus Cristo como modo da ação salvífica do próprio Deus, uma vez que tantos sinais maravilhosos como o anúncio da vinda de Deus fazia parte do ministério dos profetas do antigo Israel<sup>807</sup>. A ação de Jesus, sua missão, era o agir do próprio Deus, como Comblin escreveu em outro lugar:

A ação do Pai se apresenta na Bíblia sobre a forma de inúmeras imagens. Entretanto, sua imagem perfeita, referência de todas as outras imagens, é Jesus Cristo: nele se mostra ação do Pai. A eterna processão do Filho, a missão do Filho sobre a terra, são atos que adquirem um aspecto visível: a ação ou a práxis de Jesus. A práxis de Jesus, tal como é referida pelos Evangelhos e conservada pela Igreja, é a fiel expressão da ação divina [...]. Jesus vem para fazer. [...]. No entanto, há uma determinada figura que é bem clara: nessa configuração de ações, reencontramos a missão do Filho, a ação do Pai no mundo, concreto e real do que é a libertação do povo de Deus. [...]. A ação de Jesus é ação de Deus<sup>808</sup>.

Deus é ação, disse Comblin<sup>809</sup>. Jesus é a missão<sup>810</sup>. E como será visto mais a frente, uma coisa só é a ação e a missão. Porquanto, o mesmo objetivo é ansiado por ambas: a transformação da humanidade e do mundo<sup>811</sup>. Neste sentido, ser cristão implica no seguimento de Jesus de Nazaré, o Cristo, o Filho do Deus vivo (cf. Mt 16,16; 16,24). O seguimento nada mais é do que a imitação. A imitação de todos os atos, palavras, sentimentos e motivações experimentadas por Jesus e testemunhadas no Evangelho em relação ao mundo, para quem foi enviado (cf. Jo

<sup>805</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**. Petrópolis: Vozes, 1982, p.47.

<sup>806</sup> COMBLIN, **Jesus: O Enviado do Pai**, p.48.

<sup>807</sup> COMBLIN, J. **Jesús de Nazaret**, p.95.

<sup>808</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.50.

<sup>809</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.11.

<sup>810</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.17.

<sup>811</sup> É interessante perceber aqui uma aproximação de Comblin e Newbigin. Segundo Newbigin, a missão de Jesus foi apresentar o Reino e personificá-lo, dando corpo e concretude a uma ideia ainda muito abstrata aos seus ouvintes e mesmo discípulos. Também Comblin argumenta que a melhor forma de entender o significado da missão de Jesus é preciso vê-la como parte essencial da sua existência. Em ambos os casos, ao transpor e aplicar essas percepções à Igreja, deve-se ter em mente que a missão não pode ser pensada como algo alheio ou diferente da Igreja, mas como sua natureza.

1,11-12). E isso de tal modo que, seguir a Jesus signifique ser semelhante a ele em tudo. Não é sem razão que, em outro lugar, Comblin advirta que não há nenhum relacionamento entre Jesus e seus discípulos que se dê fora da missão<sup>812</sup>.

A última parte da missão de Jesus é o envio do Espírito Santo<sup>813</sup>. Neste envio, Jesus oferece ao seu povo, aqueles que na “crise” do Pai recebem sua misericórdia, o seu Espírito. O Evangelho proclamado nas palavras e atos de Jesus são plenos do próprio Espírito derramado sobre ele no seu batismo (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). E é justamente esse Espírito que atua e se comunica pela Palavra de Deus, pelo Evangelho que é “espírito e vida” (Cf. Jo 6,34). A missão ou ação do Espírito complementa a ação de Jesus Cristo, concorrendo para ser uma única e mesma ação do Pai – as duas mãos de Deus em uma única ação<sup>814</sup>. Elas operam em conjunto na criação, diz Irineu<sup>815</sup>, conseqüentemente, agem juntas na recriação do ser humano.

O Espírito Santo é também o propulsor da missão. Ele é a “resposta de Deus às aspirações da humanidade e fio condutor que orienta o povo de Deus na confusão da história”<sup>816</sup>. De acordo com Comblin, o “Espírito é dado para pronunciar as palavras de Deus, as palavras do evangelho, e estas palavras contêm a vida; pois elas são remissão dos pecados, têm o poder de libertar as criaturas humanas dos seus pecados”<sup>817</sup>. Ele é o poder de Deus dado aos discípulos para capacitá-los ao testemunho (cf. At 1,8).

O Espírito nos é enviado para nos fazer agir. Suas ações são nossas ações. O Espírito não tem ações próprias. Tem apenas as nossas. Deste modo, nossas ações se tornam ações do Espírito de Deus, tornam-se missão do Espírito. Essa missão do Espírito começou pela vida terrestre de Jesus. Desabrocha apelação do mundo que fazem história. [...]. Pela ação do Espírito, essas ações, essas ações que agora iremos evocar em certas circunstâncias concretas, são ligadas à ação do próprio Deus, ação pela qual o Filho e o Espírito procedem do Pai<sup>818</sup>.

Não apenas a ação de Jesus em si ocupa a reflexão combliniana. O espaço da ação também tem lugar o trabalho teológico de Comblin. A missão de Jesus é o movimento e a ação no e para o mundo, para salvá-lo e transformá-lo.

<sup>812</sup> COMBLIN, J. **Jesus de Nazaré**, p.22.

<sup>813</sup> COMBLIN, J. **O Espírito no Mundo**, p.14 [ePub].

<sup>814</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.28.

<sup>815</sup> IRINEU, **Contra as Heresias**, V, 28,4.

<sup>816</sup> COMBLIN, J. **O Espírito no mundo**, p.3.

<sup>817</sup> COMBLIN, J. **O Espírito no mundo**, p.23.

<sup>818</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.53. Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.23.

A missão de Jesus Cristo não constitui uma ordem, uma totalidade ao lado do mundo. Ela é justamente missão, isto é, movimento, não outro mundo, mas movimento para este mundo, entrada neste mundo, ação sobre este mundo. Qualquer tentativa para definir o cristianismo em formas estáticas destrói o essencial e cria dilemas sem saída. Jesus Cristo dirige-se a tudo no mundo, a cada entidade em particular e à totalidade. A nota própria dele não é uma existência paralela, mas o modo de atuar neste mundo, o modo da missão e a pretensão de penetrar em tudo, querendo transformar tudo. Cristo é aquele que atravessa este Mundo para modificá-lo justamente por esse movimento. Ele é ação. Não procede do mundo, mas está no mundo, neste mundo concreto e profano<sup>819</sup>.

O mundo é o lugar da missão. Uma realidade que os escritos joaninos assinalam uma condição de ignorância e fechamento para Deus, porque o mundo não conhece nem o Pai, nem o enviado do Pai (Jo 1,10; 8,19; 14,17; 15,21; 17,25; 1Jo 3,1; 4,6)<sup>820</sup>. Jesus não assumiu a dinâmica dos essênios de sair da sua realidade e se agrupar em lugar remoto. Pelo contrário, Jesus estava em todos os lugares, cercado de todos os tipos de pessoas. Estava na casa do pobre e na casa do rico. Estava entre judeus e tinha contato com os pagãos e samaritanos. Falava com os doutores e os ignorantes. Mas o que todos esses grupos têm em comum é que, em suas particularidades existenciais, solidariamente estavam sob o jugo do pecado, do mal e da ignorância – “fazer passar as pessoas de um estado de morte, de trevas, de pecado, de abandono, de miséria para um estado de vida e de luz”, isso é salvação<sup>821</sup>.

Jesus falava e agia em, para e sobre Israel<sup>822</sup>. Os judeus, segundo Comblin, são uma metáfora para representar “a totalidade dos homens, isto é, o mundo”<sup>823</sup>. Esse mundo formado por homens e mulheres dentro de suas respectivas histórias e na universalidade histórica de toda a humanidade era o alvo da sua ação. O drama humano da experiência opressora do mal em suas mais distintas apresentações é o cenário da ação de Deus em Jesus, o seu unigênito. Porquanto, é nessa história humana que o agir divino acontece. O conflito real entre Deus e o mundo tem seu fim no agir do Pai. A ação de Deus, diz Comblin, é “o advento do seu reino, a marcha vitoriosa do reino de Deus neste mundo [...], a reconquista do mundo pelo seu criador”<sup>824</sup>. E Jesus revela essa ação divina em sua vida, ministério, paixão e

<sup>819</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.13.

<sup>820</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.23

<sup>821</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.42.

<sup>822</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.23; COMBLIN, **Jesus de Nazaré**, p.13.

<sup>823</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.23.

<sup>824</sup> COMBLIN, J. **Tempo da Ação**, p.77.

morte, neste mundo concreto e profano<sup>825</sup>. O mundo que carece da salvação; o mundo que Deus amou de tal maneira (cf. Jo 3,16).

Sumarizando, tudo em Jesus é missão<sup>826</sup>. Logo, é necessário entender com isso que tudo na missão do Cristo aponta para uma relação igreja-mundo, uma vez que sua missão é uma relação Jesus-mundo.

### 3.2.3.2

#### **A Missão: Um movimento para dentro do mundo**

Na subseção anterior, viu-se que a missão de Jesus de Nazaré assume o caráter fundamental da missão da Igreja. Entretanto, o que Comblin tinha em mente quando utilizava essa palavra – missão? Essencialmente, a missão é, para o Pe. Comblin, o tema fundamental dos Evangelhos<sup>827</sup>. É a partir da missão que todas as coisas que dizem respeito a ação de Deus em Jesus para a salvação da humanidade, assim como a encarnação, o ministério terreno do Filho, somados aos eventos de sua paixão, morte e ressurreição encontram o seu sentido. A própria teologia se explica por causa da missão, disse Comblin<sup>828</sup>. Para Comblin,

a missão consiste em renovar e imitar missão de Jesus Cristo. [...]. Jesus dirige-se aos que estão fora, fala para denunciar, anunciar, provocar, chamar à transformação de vida, libertar do passado, da sinagoga, do peso dos escribas e das tradições. A Igreja vem depois da missão e não antes. Destinatários da missão são de modo privilegiado a ovelha perdida, os publicanos, os samaritanos, os pobres da Galileia, as prostitutas, sem excluir os outros, porém com uma insistência muito marcada pelos evangelistas. Os atos da missão inspiram-se nos próprios atos de Jesus, os modos de ensinar (interpretação das várias formas literárias usadas), os gestos, os comportamentos sociais, as atitudes na vida pública<sup>829</sup>.

Destaca-se, nessa definição, algumas características da missão que não podem ser abandonadas pela Igreja, sob o risco de vir a ser outra coisa que não Igreja.

Missão é ação. Comblin relaciona a missão com dois termos muito próximos: movimento e ação. Contudo, esses dois termos podem facilmente serem definidos num único conceito: a ação. Comblin define a ação como

o que muda o mundo, aquilo que faz um homem mudar-se a si mesmo, mudar outros homens. Ação consiste em passar do pecado a justiça, em mudar uma situação de mercado em uma situação de Justiça, em passar do mal para o bem. A ação reconversão. Ela não faz parte, simplesmente, de um processo biológico, psicológico ou sociológico. Não se integram a

<sup>825</sup> COMBLIN, J. *Tempo da Ação*, p.13.

<sup>826</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.17.

<sup>827</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p. 10.

<sup>828</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, P. 10.

<sup>829</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão* p. 11.

estrutura. Sem dúvida, o homem se acha engajado em numerosos processos e só pode sobreviver sobre esta condição. Reage em função de inumeráveis posições, funções e variáveis. Mas isso não constitui ainda uma ação. Um homem assiste embarcado uma tarefa: A tarefa de se libertar e de libertar a humanidade em si mesmo e em seus irmãos. Defronta-se pecado que é chamado a libertação do pecado. A ação é mudar o homem. Desdobrar uma vida humana ainda não é fazer uma ação. Agir é assumir parte na missão de libertação. As tarefas ou múltiplas, inumeráveis; cada uma delas chega em sua hora e em seu lugar; todas são insubstituíveis. Agir é trazer uma pedra a construção, construção da casa de Deus ou de seu reino<sup>830</sup>.

Ao dizer que Deus é ação<sup>831</sup>, Pe. Comblin estava claramente referindo-se à ação própria de Deus<sup>832</sup>. Ação testemunhada pelas Escrituras, mas que nada tem a ver com a afirmação da existência divina, mas com a ação divina. Ação que é, no Antigo Testamento, a de libertar o povo hebreu de sua opressão e de sua escravidão. O Novo Testamento dá maior visibilidade à ação de Deus, que pelo Cristo e pelo Espírito Santo – as duas mãos de Deus<sup>833</sup> – igualmente agem para a libertação do povo de Deus, que não é mais o povo hebreu, mas a formação de único povo feito de gentios e hebreus, o mundo inteiro é povo de Deus (Cf. Ef 2,14-18)<sup>834</sup>.

Nesse sentido, a ação de Deus é também ação partilhada pela Trindade. Deus envia Jesus e o Espírito. Aliás, como visto anteriormente, a identidade do Filho, segundo a leitura que Comblin faz do testemunho bíblico, está diretamente ligada ao seu envio pelo Pai, pelo agir de Deus em enviar. Porém, a ação divina não se limita ao envio do Filho e do Espírito Santo. O Pai está total e inteiramente envolvido na ação das outras pessoas trinitárias no mundo. “Meu Pai continua trabalhando”, disse Jesus (Jo 5,17 BP)<sup>835</sup>. A referência de Comblin a esse trecho do Quarto Evangelho demonstra, portanto, a consciência de Jesus e da comunidade joanina de uma contínua ação em e de Deus e, porque não dizer, um movimento sempre constante da Trindade para a salvação. Isso é o que se observa, por exemplo, quando Comblin afirma:

O Pai age enviando Filho e o Espírito, o termo dessa ação é o surgimento do homem novo, dança total da humanidade que passa do pecado e da morte para vida e a retidão. Quando Deus liberta o seu povo, prolonga simplesmente a ação pela qual emergem o Filho e o Espírito Santo. A missão do Filho e do Espírito desemboca na libertação do homem<sup>836</sup>.

<sup>830</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, pp. 54-55.

<sup>831</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p. 11.

<sup>832</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.46.

<sup>833</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.21

<sup>834</sup> Cf. COMBLIN, J. **Epístola aos Efésios**, pp.48-55.

<sup>835</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.48.

<sup>836</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.49.

A missão, enquanto ação transformadora e salvadora, não acontece sem qualquer orientação. Comblin considera que a existência dessa ação divina é visível e audivelmente apresentada ao ser humano por meio da mensagem cristã. O Evangelho anunciado primeiramente pelo Enviado de Deus, Jesus, revela aquilo que é preciso conhecer acerca dos atos salvíficos de Deus. Salvíficos, porque levam em conta o atual estado da humanidade e do mundo, estado de escravidão e opressão do pecado e do mal sobre o todo da criação divina<sup>837</sup>. E a mensagem evangélica é aquela que pede a transformação pelo movimento, primeiramente de Deus, e, posteriormente, do seu o povo. Diz Comblin:

Estamos todos embarcadas no movimento de transformação do mundo. Nosso mundo parte do pecado, isto é, [...], do pecado social e individual, que não são duas categorias, mas dois aspectos do mesmo pecado. Partimos da escravidão e da morte - o mundo que se oferece a nossos olhos - encaminhamos para a libertação que envolve o ser humano em todas as suas dimensões [...]. Ora, a transformação do mundo não se faz de cima de nossas cabeças: Passa por nossa atividade, tal é a mensagem de Espírito. Ou existem ações do sentido descrito ou, a missão do Espírito não existe, nem o Cristo, nem Deus. Se nossos atos não forem mais do que o momento na evolução biológica, ecológica ou sociológica não a libertação, nem Deus Libertador<sup>838</sup>.

O que é prioritário é a mensagem. O objetivo da missão, diz Comblin, é justamente transmitir a mensagem<sup>839</sup>. Evidentemente que esta não é outra coisa senão o anúncio do Evangelho. A mensagem de transformação é o que dá sentido à missão-ação de Deus e de seu povo.

A razão de ser da Igreja é evangelizar. Evangelizar é prioritariamente a missão da Igreja; ela existe para evangelizar. [...]. O que é evangelizar? Evangelizar diz respeito aos “evangelhos”: evangelizar é anunciar e publicar a mensagem dos “evangelhos”. Ora a mensagem dos evangelhos consiste nisto: o anúncio de Jesus Cristo; o objeto dos evangelhos é Jesus Cristo; os evangelistas quiseram anunciar e explicar Jesus Cristo. [...]. Por sua vez Jesus foi também o evangelizador; ele também veio da parte do Pai, como Filho do Pai, que participa de todos os segredos do Pai, para anunciar a mensagem de libertação. Evangelizar consta assim de três graus: evangelizar é anunciar os evangelhos; os evangelhos anunciam Jesus Cristo; Jesus Cristo anuncia o advento do reino do Pai, que é vida e liberdade dos homens<sup>840</sup>.

Não se pode separar o evangelizar e o “missionar”. A missão jamais será missão se em algum momento ela deixar de lado a evangelização, o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, que aponta para o Reino de Deus, que exige a responsabilidade e o compromisso de mudanças<sup>841</sup>. A mensagem do amor libertário

<sup>837</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, pp.50-51.

<sup>838</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.56.

<sup>839</sup> COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, P.29.

<sup>840</sup> COMBLIN, J. **Evangelizar**. p.7.

<sup>841</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.55.

de Deus que não apenas apresenta o amor do Pai, mas também liberta a humanidade do mal e do pecado que a aprisiona. Não se pode pensar a missão sem a atitude anunciadora da mensagem evangélica.

Sobre isso, pode-se questionar: Como ou de que forma essa mensagem se torna o centro da missão e meio para tornar a salvação de Deus uma realidade disponível a todos? Comblin responde:

Pela palavra: isto quer dizer no encontro com o homem, no encontro de pessoas. Como um homem fala a outro homem superando as barreiras assinaladas. Um homem cuja palavra tem o valor e a força da Palavra de Deus, diz a Escritura. O que comove o homem pelo fundo do seu ser é o apelo de Jesus Cristo, ressuscitado, vivo, presente, ativo, enviado ao homem. A palavra de Jesus tem por efeito o despertar de uma liberdade, e o despertar de um amor. Não foi isso mesmo que apareceu no seu contato com os homens? Os evangelhos manifestam essa virtude da palavra e da presença de Jesus. O que se mostra de modo histórico e concreto nos evangelhos é o que está acontecendo desde então na vida dos homens. Esse encontro de Jesus com os homens é o ato, a força de ressurreição que faz deles homens vivos a partir de homens mortos, homens justos a partir de homens pecadores<sup>842</sup>.

Porém, Comblin deixa claro que o Evangelho, ainda que tenha sido entregue aos discípulos, por Jesus, para ser anunciado verbalmente ou por escrito, não se restringe apenas ao discurso, mas se constitui, acima de tudo, em uma nova práxis— “curas, perdões, chamados, exorcismos, proclamações, bênçãos e maldições e, finalmente, a perseguição, paixão e morte ativamente assumidas, tudo isso forma uma ação, uma missão ativa, tudo isso é ação libertadora do Pai”<sup>843</sup> – estritamente alinha à mensagem e a ação. Resumindo, “a mensagem é a própria missão de Jesus Cristo. Consiste em chamar a atenção e realizar os sinais que tornam essa presença de Jesus viva e ativa”<sup>844</sup>.

Missão é salvação. As dimensões da ação de Deus, descrita nos evangelhos, são mais amplas do que a salvação de almas, egoisticamente presas em sua individualidade. Para o pe. Comblin todos os tumultos das controvérsias teológicas do cristianismo apenas serviram para obliterar “o que desde a primeira página até a última a Bíblia proclama com uma clareza fulgurante: tudo o que Deus faz, fez e fará neste mundo tem por objeto o homem”<sup>845</sup>. E isso tem a ver com a totalidade desse objeto. Não se trata de salvar parte ou funções do ser humano, como tem sido repetido. Antes, importa alcançar a realidade em que este se encontra, as estruturas

<sup>842</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.43.

<sup>843</sup> COMBLIN, J. *O Tempo da Ação*, p.50

<sup>844</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.29.

<sup>845</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.37.

socioculturais que o formam e, ao mesmo tempo, são por ele formadas e retirar de tudo isso o pecado que subjaz e impregna todas as coisas e o próprio ser humano<sup>846</sup>.

A salvação oferecida pela missão possui duas dimensões transformadoras:

1. *Transformação do ser humano*. A salvação implica a restaurar a humanidade à condição de seres humanos, estado perdido pelo mal e pelo pecado. “Salvar é liberar o homem daquilo que lhe impede ser homem”, isto é, o mal, afirma Comblin<sup>847</sup>. Fazer da humanidade humana, no sentido mais pleno desse termo, é o sentido da ação salvadora de Deus.

O que se nos revela em Jesus é um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano. Ao mesmo tempo essa manifestação de um novo modo de ser constitui uma denúncia da vaidade, da superficialidade do modo de ser que procuram os nossos humanismos tão limitados e tão insuficientes<sup>848</sup>.

A nova humanidade trazida por Jesus é uma confrontação com o pecado e o mal da humanidade e do mundo. O mal que tem se perpetuado na história humana é a causa do afastamento do ser humano tanto de Deus como do seu próximo. Afastamento que configura em determinados momentos na opressão, na escravidão e na destruição do outro. Na produção do egoísmo e da privação da liberdade, o ser humano se torna o lobo de seus irmãos, utilizando dos termos hobbesianos<sup>849</sup>. Na nova humanidade trazida e graciosamente entregue à humanidade, não por um milagre, mas pelo aceitar livre e amoroso de Jesus, ato vivo de Deus, da perseguição, paixão e morte, o amor e a liberdade tornam outra vez a fazer parte do ser humano, que renovado confronta o mal instituído. Entre as várias formas dessa confrontação está o anúncio salvador do Evangelho, o qual é transmitido de pessoa humana para pessoa humana, como diz Comblin<sup>850</sup>.

Daí inferimos que qualquer tentativa para separar evangelização e humanização destrói o que faz o núcleo do cristianismo. Evangelizar é a própria missão de Jesus Cristo. Mas o evangelho não é pura palavra; é palavra eficaz, que produz o que anuncia: a evangelização tem de pôr termo a salvação do homem: salva o homem do seu mal, da sua covardia que o impede ser homem, coloca-o no caminho de um homem renovado<sup>851</sup>.

Todavia, a salvação mediada pela missão se estende para além do ser humano e alcança a sua realidade.

<sup>846</sup> Cf. COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.38

<sup>847</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.38.

<sup>848</sup> COMBLIN, J. *Jesus: O Enviado do Pai*, p.9.

<sup>849</sup> Cf. HOBBS, T. *Leviatã*, 615pp.

<sup>850</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.45.

<sup>851</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.39.

2. *Transformação do mundo. Salvar o ser humano não é o fim da ação salvadora de Deus, da missão do Filho e do Espírito Santo.* A transformação da humanidade é, ato contínuo, a primeira etapa para a salvação transformadora do próprio mundo. O cristianismo não pretende uma salvação desconectada da realidade do ser humano. A fé em Cristo não pode estar desvinculada da vida cotidiana, não é saída para outro mundo ou dimensão. A nova vida do novo homem faz a exigência de uma nova realidade.

O início da salvação é a fé. A fé é a resposta do homem ao encontro com Jesus, o despertar de um homem novo, o descobrimento de algo novo em contato com Jesus Cristo, o despertar de uma liberdade e de um amor. Daí procede o resto da vida cristã. Essa fé é ato global de abertura e receptividade ante a presença de Jesus Cristo<sup>852</sup>.

A missão que apresenta o Evangelho traz a salvação e desperta a liberdade e o amor. Como fazer a experiência de tais dádiva e virtudes num mundo ainda posto e entregue ao mal por seres humanos dominados pelo seu próprio pecado? A liberdade e o amor que fazem parte da nova vida operada pela salvação se opõem à opressão, covardia, ódio e desamor. Se opõe ao aprisionamento do próximo. Se opõe a todas as manifestações perversas que perpetuam esse estado de escravidão em que estão postos os seres humanos, a criação divina e a criação humana (e.g., sociedade, cultura, entre outras). Assim,

da fé procede a caridade ativa, e da caridade ativa a luta contra o mal instalado no mundo. Pois as atividades humanas não são neutras. Consideradas num plano abstrato, claro está que as técnicas, as ciências, as indústrias não têm nada que ver com a fé. Tampouco têm algo que ver com o homem. Porém, desde o momento em que as técnicas, as ciências se aplicam ou realizam tarefas determinadas, começam as qualificações. Nota-se imediatamente que ciências, técnicas, trabalho atuam dentro de um sistema social, dentro de um sistema de valores, dentro de uma estrutura de personalidade. Visam a reforçar essas estruturas ou a mudá-las. Colocam-se a serviço de interesses egoístas ou coletivos, a serviço da potência, da dominação ou a serviço da caridade, a serviço de uma sociedade de respeito mútuo e de dignidade humana. A caridade atua por meio dos instrumentos presentes numa civilização determinada, inclusive promovendo o desenvolvimento desses meios. Porém, a caridade é resultado de uma conversão do homem individual e da sociedade no sentido de pôr técnicas e meios de ação a serviço da emancipação do homem e não a serviço da sua sujeição. A caridade é vitória sobre as situações estabelecidas. Antecipação de um porvir que ainda não existe e vontade de criar esse porvir<sup>853</sup>.

Tanto a humanidade como o mundo são, nas palavras de Comblin, realidades escatológicas<sup>854</sup>. Em ambos os casos ainda não são aquilo que foram chamados para ser. E ainda não se revelou o que ambos devem ser, embora, saiba-se o que eles serão (cf. 1Jo 3,2; Ap 21,1). Entretanto, ao compreender a missão como salvação,

<sup>852</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.46.

<sup>853</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.47.

<sup>854</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.38.

assume-se a compreensão de que o escatológico à frente não é alcançado por meio de um esperar passivo. Ou, como em alguns seguimentos cristãos, num desejo que as coisas se deterioreem mais rapidamente para que o fim seja abreviado<sup>855</sup>. Diferente de tudo isso, a nova condição de liberdade e amor, a salvação, está baseada, diz Comblin, sobre uma esperança<sup>856</sup>. A esperança na qual se baseia o amor renovado na alma renovada do ser humano é a “de poder modificar o homem individual e social, e a esperança se baseia numa fé: a fé no poder dado aos homens, no Espírito enviado para fazer surgir algo novo”<sup>857</sup>.

A missão leva a salvação e a salvação transforma o ser humano que passa a desejar a mesma mudança em seus iguais, em sua sociedade, em sua cultura. A missão responsabiliza o ser humano revestido da nova humanidade de Deus com todas as dimensões de vida, porque todas elas se encontram ainda dominadas pelo mal que tenazmente continua assediando a outros. É nesse sentido que a missão se torna serviço.

Missão é serviço. Embora essa não seja uma característica exclusiva, na teologia missionária de Comblin, Jesus é o grande modelo de toda a missão. E não seria diferente ao considerar a missão como serviço. Longe do que esse termo possa significar no senso comum, para José Comblin o servir tem a ver com o Evangelho tal como fora anunciado pelo Cristo. O Evangelho e o seu anúncio definem a missão como um serviço à humanidade<sup>858</sup>. Mas qual é esse serviço? Ou ainda: Como o Evangelho serve a missão?

---

<sup>855</sup> Uma interpretação apocalíptica muito comum no protestantismo, denominada Pré-milenismo dispensacionalista admite que a parusia de Cristo acorrerá diante da ascensão dos poderes do mal identificado literalmente com a ação de Satanás e, conseqüentemente, a manifestação da ira divina, conforme o livro do Apocalipse. Desta maneira, quanto pior a realidade se tornar e o mundo se degradar, melhor, pois esses seriam sinais evidentes da vinda de Jesus. Essa interpretação, ainda afirma que no ápice desse crescente maléfico, Deus retirará a Igreja do mundo – a isso se dá o nome de Arrebatamento –, a fim de castigar este último, o que é chamado de a Grande Tribulação. O escapismo dessa interpretação tira a responsabilidade dos cristãos em relação à sociedade e o mal que se faz presente nela. Cf. BERKHOF, **Teologia Sistemática**, pp.654-656; CHAFER, L.S. **Teologia Sistemática**, vol.3-4., pp. 673-699. Aqui cabe a nota sobre Lewis Sperry Chafer, teológico sistemático americano, responsável por divulgar mais intensamente o dispensacionalismo, que é o modelo de interpretação dos grupos fundamentalistas norte-americanos e pentecostais. Chafer um dos fundadores do Dallas Theological Seminary, o mais importante seminário fundamentalista dos EUA. BERGSTÉN, E. **Teologia Sistemática**, 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, pp.302-326;

<sup>856</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.47.

<sup>857</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.47.

<sup>858</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.51-55.

A missão é a transmissão da mensagem de Jesus acerca do Reino de Deus<sup>859</sup>. Jesus proclamava o Evangelho por palavras e gestos, por meio de ações que tornavam presente e visível o Reino anunciado. A salvação era oferecida aos ouvintes de Jesus. Salvação que jamais poderia ser realizada pela simples agremiação eclesial ou observância religiosa<sup>860</sup>. Por mais que os missionários tentem “dar a salvação” às pessoas, afirma Comblin, essa ideia deve ser abandonada<sup>861</sup>.

Nem a Igreja, nem os missionários, sejam clérigos ou leigos, podem ou tem a missão de ofertar a salvação. Em primeiro lugar isso acontece porque a salvação é obra do Espírito Santo. “A salvação está depositada no coração do próprio homem pelo Criador”, diz Comblin<sup>862</sup>. Ela está posta ali em forma seminal e latente. Apenas o ser humano tem a responsabilidade de assumi-la, porém, sua origem e manifestação dependem do Espírito Santo.

Em segundo lugar, assim como já foi assinalado, a salvação humana tem como seu agente o próprio ser humano. Não há uma salvação de fora do ser humano, diz Comblin<sup>863</sup>. Humano é o que leva o Evangelho como quem o recebe e acolhe com alegria. Quem quer se salvar não pode assumir uma posição de passividade.

A salvação do homem deve nascer no coração do próprio homem. O Espírito é dado ao homem, não à Igreja para que a Igreja o desse ao homem. Diretamente ao homem, embora com mediações humanas. Portanto, a libertação do homem procede de um movimento nascido dentro do próprio homem. Não do homem abandonado a si mesmo. A salvação procede do Espírito de Jesus Cristo. Mas o Espírito não atua fora do homem, como princípio situado ao lado do homem, e sim como força interior ao homem, tão interior ao homem que este nem consciência tem da sua presença. Ele pode inclusive atuar a vida toda sob a inspiração do Espírito sem nunca saber da presença desse Espírito<sup>864</sup>.

É na relação entre o Espírito e o ser humano que a salvação acontece. É na ação própria de cada um desses personagens que a salvação deixa de ser uma possibilidade e se realiza na história humana. Por isso, ela não pode ser dada de fora do ser humano pela Igreja ou pelos seus agentes. Contudo, Comblin chama a atenção para o fato que a salvação não pode ser conhecida pelo indivíduo, exceto se por meio da palavra do missionário, que é o anúncio da mensagem evangélica,

<sup>859</sup> Cf. COMBLIN, *Evangelizar*, pp. 7-8.

<sup>860</sup> COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p. 49.

<sup>861</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.49.

<sup>862</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.51.

<sup>863</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.41.

<sup>864</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.50.

que são palavras de salvação<sup>865</sup>. Nisso se encontra a resposta para a pergunta sobre o que é o serviço na missão.

A missão se faz serviço ao assumir o anúncio do Evangelho não apenas em termos de conteúdo, o que já foi visto anteriormente, mas nas categorias assumidas por Jesus como a razão de ser e utilidade da sua pregação. Comblin entende que a pregação assumia seu papel no ministério de Jesus como serviço salvífico à humanidade em dois atos: o anúncio e a exortação<sup>866</sup>. No primeiro ato, o anúncio, o chamado à participação do Reino presente em Jesus é convite à participação do ser humano, que liberto do mal e do pecado, assumem a nova humanidade em liberdade e amor. Porém, no segundo ato, há um insistente chamado, um apelo a uma conversão cotidiana.

Todo ato novo de homem renovado procede do homem que foi chamado depois de ter sido interpelado. Não se trata de dirigir esse homem. Pois a conversão que é resposta ao apelo é ato pessoal ou não existe. A conversão é de todos os dias, ato renovado, repetido que consiste numa mudança de vida a partir de uma decisão central até os últimos refúgios do pecado e do espírito de egoísmo e de dominação. Jesus apela, expõe a sabedoria dele como forma de apelo, e depois aguarda a resposta<sup>867</sup>.

Resumindo, para José Comblin o serviço da missão é “transmitir, isto é, criar de novo, fazer com que exista num lugar concreto para uma pessoa concreta a palavra de Jesus Cristo que anuncia exorta”<sup>868</sup>. Como tal, a missão serve ao superar as barreiras da comunicação com o outro ou outros. E essa superação conduz ao diferente e a diferentes realidades socioculturais. E a cada uma delas a interpelação e a contínua exortação da mensagem e dos gestos-sinais evangélicos precisam ser percebidas. A superação de barreiras no encontro com o outro. Aquele que se pretende evangelizar, anunciar e exortar. Uma vez tornados livres do pecado pela salvação produzida pela ação do Espírito Santo, a missão é reiniciada e o outro se torna também missionário<sup>869</sup>.

A experiência da missão não é do tipo triunfalista. Não é como em tempos em que a Igreja estava associada a outros interesses e forças. É fato conhecido que os missionários se serviram de forças econômicas, culturais e imperialistas. Porém Comblin deixa evidente que essas “forças” se constituíram na causa de deficiências

<sup>865</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.50.

<sup>866</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.51.

<sup>867</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.52.

<sup>868</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.53.

<sup>869</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.55.

da evangelização, “o que se transmite não é o cristianismo e sim uma religião, uma ideologia ou uma cultura, a cultura do povo que forneceu aos missionários esses subsídios”<sup>870</sup>. A missão é fraqueza-força e isto é de fundamental importância<sup>871</sup>.

Para José Comblin, o anúncio do Evangelho jamais foi admitido como demonstração de força de qualquer tipo. Nem Jesus, nem os apóstolos ostentaram ou demonstraram aqueles sinais considerados de autoridade ou poder, quer culturais, sociais, econômicos ou ainda divinos<sup>872</sup>. O Filho de Deus vem cumprir sua missão em forma humana (Cf. Fl 2,8). O Evangelho não é pregado atendendo o modelo dos sábios (Cf. 1Co 2,1-9). A fraqueza aparente da missão é o meio pelo qual se cumpre a ação de Deus em relação a humanidade e o mundo. Comblin explica isso nas seguintes palavras:

Na verdade Jesus estava completamente desarmado no meio dos homens, e quis estar assim. Estava desarmado para poder alcançar o homem na fonte da sua humanidade, no nível da maior universalidade: concretamente para poder ser recebido pelo mais humilde dos homens, para se encontrar com a humanidade em todos os homens. Desse modo os mais pobres estavam à vontade, e os mais ricos e poderosos se sentiam atingidos na sua verdade além de todos os revestimentos que as estruturas sociais e culturais lhes conferem. Jesus estava desarmado gaza [sic.] poder atingir o homem na sua verdade de homem. De fato, os evangelhos mostram-nos como logo a conversa atinge o nível da verdade. As máscaras desaparecem. O homem sente-se forçado a manifestar o que há dentro dele no mais íntimo<sup>873</sup>.

Com a aparente fraqueza da missão e na fraqueza real, existente na encarnação, Jesus alcançou a humanidade em sua condição mais humilde e realmente fraca. Os pobres estavam à vontade, diz Comblin<sup>874</sup>. Eles estavam à vontade porque se reconheciam na proposta de vida e de mundo presentes no Evangelho do Reino. Mesmo na sua aparente fraqueza, era o que almejavam. Os ricos e poderosos, por sua vez, constrangidos, são desarmados.

A fraqueza do Filho de Deus é visivelmente percebida na morte. O Crucificado, diz o apóstolo Paulo, é loucura para uns e escândalo para outros (1Co 1,18). Porém, para todos, é sinal evidente de derrota. Como a força se realiza na fraqueza, conforme o apóstolo Paulo (2Co 12,9 BP), é na ressurreição de Jesus que a força de Deus e o poder do Evangelho, anunciado na missão, é plenamente evidenciada e tornada visível<sup>875</sup>. A ressurreição de Jesus é sinal da semelhante

<sup>870</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.56.

<sup>871</sup> Cf. RAIMUNDO, *Igreja: Missão Permanente*, p.63.

<sup>872</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.56.

<sup>873</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.56.

<sup>874</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.56.

<sup>875</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.57.

ressurreição do ser humano, mas também das diversas “ressurreições” necessárias por causa do mal que, embora não definitivamente instalado no coração humano, traz consigo sensível dano aos vários setores da vida pessoal e social do indivíduo. Desses males, a ressurreição de Jesus também é sinal de libertação.

Entretanto, o poder de Deus revelado no Evangelho não é, para Comblin, uma ação “sobrenatural” ou externa para resolver todos os problemas humanos, principalmente aqueles que podem ser enquadrados, como acontece na religiosidade popular cristã como “causas impossíveis”, percepção muitas vezes incentivada pela leitura equivocada das narrativas evangélicas dos milagres de Jesus<sup>876</sup>.

A força de Deus não atua da parte de fora para dar soluções feitas aos problemas humanos. Os milagres físicos de Jesus não podem ser tomados como início de uma época de milagres, mas apenas como sinais visíveis dos milagres que sucedem dentro dos homens. A força de Deus atua pelo despertar dos homens. Portanto a confiança do missionário reside nos milagres que a palavra de Jesus Cristo é capaz de operar dentro de qualquer homem pela presença simultânea do Espírito do mesmo Jesus Cristo.

A transformação do ser humano em todas as dimensões existenciais é o resultado do poder de Deus. É na ação da palavra e do Espírito de Jesus de dentro para fora que o poder do Evangelho é percebido. Nesse sentido, a missão não se apega ou se assegura no poder econômico, sociocultural ou político, a fim de se beneficiar deles – claramente o cristianismo e a Igreja se tornam reféns desses poderes<sup>877</sup>, e este problema será tratado mais adiante, quando for discutido a percepção de mundo em Comblin.

Por fim, a missão é testemunho. A privatização da vida é um fato, consequência da modernidade e da secularização. A religião cristã – ou qualquer outra religião – não pertence mais à esfera pública. “O temporal está libertado da dominação das instituições religiosas” e o ser humano responsabilizado pelo mundo e por si mesmo<sup>878</sup>. O religioso está identificado com aquilo que cada indivíduo crê. E a religião perdeu seu lugar no cotidiano e na história. Para o padre Comblin essa realidade está em oposição contrastante com aquela vista nas Escrituras Sagradas, porquanto a mensagem bíblica é radicalmente social e política<sup>879</sup>.

A Palavra de Deus, do Antigo e do Novo Testamento, é palavra proferida na praça pública e não somente no íntimo de cada consciência. Jesus falou nas praças públicas, nas estradas, nas

<sup>876</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.57-58.

<sup>877</sup> Cf. COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.56-57.

<sup>878</sup> COMBLIN, *Mitos e realidades da Secularização*, p.22.

<sup>879</sup> COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p.60.

assembleias populares, no templo que é a grande praça em que o seu povo se reunia. Falou abertamente diante de todos os poderes: os da ciência, escribas e doutores da lei, os da nação, anciãos e sacerdotes, o poder enfim de Roma. Não reservou confidencialmente a sua mensagem a pequenos conventículos escondidos na massa de um povo simples, o que poderia ter feito sem suscitar reações por parte dos poderosos. Havia tantos pregadores e doutores em Israel. Nada teria sido tão simples como ensinar tranquilamente as suas doutrinas religiosas no meio de discípulos atentos e discretos. Fez exatamente o contrário. A sua atividade foi aberta e pública e foi ao encontro dos poderes estabelecidos. A sua mensagem ia contradizer a sabedoria tradicional e a estrutura da nação. Não quis esconder o caráter subversivo das suas doutrinas. Pelo contrário, foi ao encontro da perseguição. Manifestou em voz clara o antagonismo e as contradições entre o seu evangelho e as doutrinas ou as estruturas tradicionais. Os evangelhos destacaram essa publicidade da missão de Jesus. Os Atos e as obras de São Paulo manifestam-na nos fatos da Igreja primitiva. São João constrói a sua síntese em torno do tema do testemunho, que é palavra pública e apresenta a revelação como um drama entre Jesus e os poderes do mundo<sup>880</sup>.

O testemunho é tornar público o Evangelho. A publicidade da missão cristã tem a ver com a salvação, que, por sua vez, tem a ver com o pecado. A salvação não é somente salvar a alma, nem tampouco o indivíduo ou as pessoas de uma comunidade. A salvação alcança e confronta o pecado onde quer que ele se encontre. Assim, como o pecado se apodera das estruturas do mundo, importante que a salvação evangélica também transforme por completo esses sistemas. Para Comblin, “o mundo fica no pecado em todas as suas estruturas: economia, política, cultura; o pecado impregna tudo, no sentido de que não depende do homem individual pecar ou não pecar”<sup>881</sup>. Deste modo, a salvação do ser humano exige mudanças estruturais em sua realidade, conseqüentemente, o testemunho cristão assume esse papel de agente transformador.

O testemunho, ao tornar público o Evangelho, confronta todas as ordens estabelecidas na realidade. Assim como Jesus, os poderes deste mundo são denunciados e trazidos aos olhos de todos. As injustiças e opressão são denunciadas e desmascaradas. Porquanto, “o testemunho enfrenta as estruturas de pecado pela única força da palavra com a ambição de destruir essas estruturas na mente, no coração, no interior dos homens”<sup>882</sup>. Destruir esses sistemas é também apresentar uma outra proposta de mundo e de vida.

Em resumo, a salvação de Deus oferecida a humanidade pelo Cristo na agência do Espírito Santo, não diz respeito à almas, mas à todas as coisas, a humanidade e a criação. Diz respeito à criação divina e as produções humanas. O testemunho cristão é a ação daquele que está comprometido no seguimento de Jesus

<sup>880</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.60-61.

<sup>881</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.61.

<sup>882</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.64.

e, como tal, é missionário. É tornar aberto e público sua conversão, confrontando e buscando meios de produzir transformações por meio de suas vidas e ações, por palavras e gestos. Atuar no concreto da sua realidade é o papel do discípulo-missionário; na expectativa da produção da liberdade humana e na transformação de toda as coisas, como diz a Oração Eucarística V: “E a nós, que agora estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai-nos força para construirmos juntos o vosso reino que também é nosso”.

### 3.2.3.3

#### **A Igreja: O Povo de Deus em movimento no mundo**

A ação de Jesus é a sua missão. E a sua missão é continuada e participada pela e com a Igreja, o primeiro elemento da relação que tem sido buscada compreender neste capítulo. A Igreja é o agente continuador da missão de Jesus Cristo depois de sua ascensão. Para isso que o Espírito Santo foi concedido (Cf. Jo 20,21; At 1,8; Ef 4,8-11)<sup>883</sup>. É para essa função que Deus fez da Igreja seu povo, a autêntica continuação do antigo Israel<sup>884</sup>, para ser um povo dentro dos demais povos, já que ela existe em função de uma missão que se refere aos outros<sup>885</sup>. Outros homens e mulheres, outros povos e nações, outros grupos e etnias; enfim, outros tantos que tem sido alvo do grande amor do Deus Uno e Trino. É para isso que a Igreja é posta no mundo e deve permanecer e agir nele, isto é, para anunciar o Evangelho.

A chave de leitura de A Teologia da Missão (TdM) é a relação estabelecida entre duas figuras bem distintas, ligadas ao povo de Deus: sinagoga e igreja<sup>886</sup>. É possível que, aparentemente, haja alguma semelhança entre essas duas estruturas, contudo, para Comblin, cada uma delas indica um modo de ser diametralmente opostos entre si. Trata-se de dois extremos, mas que servem para indicar o modo de

<sup>883</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.30.

<sup>884</sup> COMBLIN, *O Povo de Deus*, p.138.

<sup>885</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.29.

<sup>886</sup> Não se pode omitir a consternação de José Comblin diante da sua análise entre o discurso e a prática da Igreja Católica. Em *O Povo de Deus*, o autor é reticente em demonstrar que tanto o Vaticano II como os documentos do Magistério que o seguiram fortemente expressavam a inclinação para a missão, mas, em sua experiência, a administração prevalecia. No entanto, essa é uma demanda pessoal e que diz respeito a relação de Comblin com a sua Igreja. Portanto, ainda que esta investigação tenha percebido essa situação, ela reconhece que não nenhuma necessidade que se apresente um juízo de valor, resguardando-se apenas ao conteúdo que colabore no propósito deste capítulo, ou seja, verificar qual é a relação entre Igreja e Mundo tanto em José Comblin como em Lesslie Newbiggin.

agir do povo de Deus. Comblin, na introdução de TdM estabelece muito bem essa diferenciação<sup>887</sup>. A diferenciação de Comblin ganha maior destaque quando, lançando mão do Apocalipse, relaciona a Igreja como movimento – que “testemunha, profetiza, projeta-se na praça da grande cidade” – enquanto a sinagoga é o abandono dessas coisas e o voltar-se para si mesma<sup>888</sup>. Comblin escreve:

Voltaram a ser uma sinagoga, reintroduzindo tudo aquilo que é da sinagoga. Pois leis, preceitos, obras de piedade, tudo aquilo que era herança dos judeus, e que é também herança de todos os povos pagãos, tudo aquilo serve para mudar o estilo da comunidade, para encerrar a comunidade em si mesma. O conteúdo das leis ou instituições é pouco importante. Bem sabemos que quase sempre os fiéis de comunidades religiosas ignoram o porquê, a origem ou a eficácia própria dos ritos ou das instituições e o seu conhecimento dos catecismos é literal e não se preocupa pelo sentido. Por quê? Porque essas coisas servem apenas para defini-los como comunidade, servem como ficha de identificação, permitem que as pessoas tomem consciência de si mesmas como indivíduos e como coletividade. Sinal de que a comunidade vive em função de si mesma para conferir aos seus membros segurança, honorabilidade, coesão, sentimento de força e de colaboração. Essa tentação ameaça a Igreja também, e a ameaçou desde o início. É a tentação de funcionar como uma religião qualquer, uma religião que fala para os seus membros, cuja eficácia consiste em ajudar aos seus membros na vida. A partir desse momento a Igreja perde a sua razão de ser: está longe da missão<sup>889</sup>.

A Igreja se percebe como agente missionário e se faz missionária ao se dar conta de que ela é um movimento para dentro do mundo, para agir nele e sobre ele. Para dentro da realidade da qual ela mesma é participante. No seu movimento como povo de Deus para dentro de outros povos e realidades, ela não pode sucumbir a sedução de ser uma agência religiosa, ser sinagoga que faz da Igreja egocêntrica e ensimesmada. Isso implica numa busca por status que não lhe pertence. É a exortação joanina: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo” (Cf. 1Jo 2,15), isto é, amar aquilo que é próprio da “vida da sociedade humana como organizada sob o poder do mal”<sup>890</sup>. Em outras palavras, não se pode assumir os valores do presente estado de coisas em detrimento dos valores do Reino de Deus, que incluem segurança e poder. Esse é um tipo de amor que é contrário ao amor de Deus pelo mundo (Jo 3,16).

Ao assumir os valores mundanos a Igreja se transmuta em Sinagoga. Deixa de ser movimento e se torna um monumento, algo estático que pelo qual se faz memória de uma pessoa ou evento. Comblin observa essa mudança na trajetória da Igreja, que ele descreve da seguinte forma:

<sup>887</sup> Cf. COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, pp.7-20.

<sup>888</sup> Cf. COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, p.28.

<sup>889</sup> Cf. COMBLIN, J. A **Teologia da Missão**, p.28.

<sup>890</sup> STOTT, J. **1,2 e 3 João: Introdução e Comentário**, p.84.

Numa primeira fase, a missão é realmente evangelização: dirige-se a homens novos com o projeto de que esses homens novos formem comunidades novas. Porém, aos poucos, os cristãos multiplicam-se, organizam-se. O projeto da organização torna-se cada vez menos a ação evangelizadora e cada vez mais o fortalecimento do próprio grupo. A pedagogia, consiste em usar para manter a Igreja os meios usados pelos demais grupos humanos: os meios da família, da comunidade cultural, das associações, finalmente do Estado. Forma-se assim uma sociedade cristã análoga, nos seus procedimentos, a qualquer sociedade humana. Torna-se possível uma "sociologia" da Igreja. Na Igreja pré-conciliar (ainda hoje) a grande maioria dos católicos recebeu a fé muito mais pela "educação" do que pela evangelização. As obras eclesíásticas reservam a imensa maioria dos seus homens e dos seus recursos à educação e não à evangelização: trata-se de administrar, organizar, fortalecer os católicos tradicionais muito mais do que de converter homens novos para formar comunidades novas. Tudo isso é pedagogia e obedece aos princípios típicos do judaísmo e do farisaísmo. Não há nisso nada que seja especificamente cristão. Mais ainda: a perfeição da pedagogia é capaz de ocultar finalmente a própria mensagem de liberdade de Jesus Cristo. Quando isso sucede, a Igreja deixa de ser Igreja e torna-se sinagoga<sup>891</sup>.

A missão da Igreja não é manutenção de estruturas intra eclesiais. Missão não é reconstrução dos muros de um gueto. Muito pelo contrário, a missão se realiza na caminhada do povo de Deus que se dirige “a homens novos com o projeto de que esses homens novos formem comunidades novas”<sup>892</sup>. O estatismo sinagoga é o resultado da acomodação da igreja ao seu contexto, ao seu status, a sua influência, enfim, as conquistas do seu trabalho ao longo do tempo. É semelhante ao homem de uma parábola de Jesus, que após a colheita se sente à vontade para apenas usufruir do seu ganho e conquista (cf. Lc 12,16-21). É nesse sentido que Comblin afirma que “todas as corrupções dos cristãos ou das Igrejas não são outra coisa a não ser adaptação aos costumes do ambiente, integração dentro de uma cultura”<sup>893</sup>.

Desta forma a Igreja deve se posicionar acerca de sua tarefa, de sua missão. Esse posicionamento determinará o modo de ação da Igreja, como Comblin considerou:

Há na Igreja duas lógicas possíveis, ou dois regimes: O regime da missão e o regime da administração. Ou Igreja age em função de si própria, para consolidar e aumentar o seu poder, tamanho, ou a Igreja evangeliza, ou seja, se dirige para os povos para estar a serviço da vida, da liberdade e da salvação deles oferecendo-lhes o evangelho de Jesus. Ou trabalha para si ou trabalha para os outros. Trata-se de uma opção. É preciso fazer uma opção. Claro que os dois regimes não são totalmente fechados. Sempre haverá necessidade de administrar as famílias cristãs que formam parte do rebanho, e sempre haverá uma preocupação pela missão. A questão é o acento, a prioridade. Pois em função da prioridade todo o conjunto recebe a orientação na linha dessa prioridade. Uma Igreja totalmente orientada para o mundo corre o risco de abandonar os seus fiéis, e uma Igreja orientada só para administração degenera porque perde a sua razão de ser<sup>894</sup>.

<sup>891</sup> COMBLIN, A **Teologia da Missão**, pp.85-86.

<sup>892</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.85.

<sup>893</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.28.

<sup>894</sup> COMBLIN, **Povo de Deus**, pp. 326-327.

Logo, ou a Igreja é movimento ou ela não Igreja. A Igreja, para Comblin, é o povo de Deus. Em 1960, Comblin refletiu sobre esse tema na obra *Theologie de la Paix*<sup>895</sup>. Embora, o autor procurasse nesse tema verificar como a Igreja cristã poderia contribuir para a paz no mundo, nessa obra, a ideia do povo de Deus como “povo eleito” aponta para uma ação, advinda da eleição, que exigiria do povo deixar o seu particularismo em nome de um universalismo, que era a culminância da sua missão. Os outros povos devem ser alcançados pela Igreja, como deveria acontecer no contexto do Antigo Testamento. Afinal de contas a eleição de Israel, assim como a da Igreja – a continuidade do povo de Deus<sup>896</sup> – faz parte de uma intenção divina<sup>897</sup>. Tanto judeus como gentios estavam afastados de Deus e eram dignos de condenação<sup>898</sup>. Na condição de “Povo de Deus”, a Igreja é povo eleito antes da fundação do mundo para ser aquilo que Deus Pai a chamou para ser. Comentando Ef 1,3-6, Comblin reconhece essa decisão de Deus e assinala o intento divino. Comblin diz:

O fim da predestinação está aqui revelado: A formação do povo santo que constitui o sacrifício sem mancha. [...]. Aqui o fim já está no projeto inicial de Deus. O povo está definido por dois atributos que procedem da linguagem do culto e dos sacrifícios: O culto requer a santidade dos seus ministros, e que as vítimas oferecidas sejam sem mancha. [...]. Santo irrepreensível ficam aqui, antes de mais nada, perfeição da conduta que seja digna de Cristo e de Deus. Os v. 5 e 6 formam uma segunda estrofe em que prevalece a palavra amor (“ágape”). Apresentação fica mais determinada: O plano de Deus é chamar para afiliação: Chamados sejam filhos em Cristo e por meio de Cristo. O Filho é objeto do amor do Pai. Esse mesmo amor vai fazer dos eleitos outros Filhos do Pai<sup>899</sup>.

A eleição da Igreja, assim como acontecera com Israel, não se constitui algo que conduza a vanglória ou orgulho (Cf. Rm 11,16-22) – embora esse último tenha sido o erro do antigo Israel em relação a sua eleição. Antes, segundo Comblin, “a predestinação explica a sorte feliz dos eleitos, [porém], nada se diz de outros que eventualmente não seriam eleitos”<sup>900</sup>. Neste sentido, é que o tema da eleição do povo de Deus se desloca do particularismo para o universalismo, como José Comblin afirmou:

No entanto, a eleição do povo de Israel não exclui o universalismo, pelo contrário, ele o inclui, embora o maior número de judeus tenha ficado cego a esse sentido de seus privilégios e não quisesse compreender a verdade da predileção divina. A escolha de um povo

<sup>895</sup> Cf. COMBLIN, J. *Theologie de la Paix: Principes*, pp.95-113.

<sup>896</sup> COMBLIN, J. *Theologie de la Paix*, p.104.

<sup>897</sup> COMBLIN, J. *Theologie de la Paix*, pp.97-98.

<sup>898</sup> Cf. COMBLIN, *Epístola aos Efésios*, p.43.

<sup>899</sup> COMBLIN, J. *Epístola aos Efésios*, p.31.

<sup>900</sup> COMBLIN, J. *Epístola aos Efésios*, p.31.

privilegiado não isola esse povo, pelo contrário, coloca-o no meio dos outros. Deus não escolhe excluir outros que ele não escolheu. Mas ele escolhe um grupo para torná-lo um instrumento. E é verdade dizer que na Bíblia toda eleição envolve basicamente um serviço. Privilégios são um sinal de uma função. Eles não são dados simplesmente para aqueles que foram escolhidos. Quando Deus amou seu povo Israel, seu amor não parou por aí. Ele tinha os outros em vista também, mas ele queria usar aqueles, o primeiro, a quem ele teria tirado dentre os outros<sup>901</sup>.

A salvação é coletiva e universal<sup>902</sup>. Não pode, portanto, ficar restrita à uma comunidade, mas, deve ser compartilhada no movimento do povo de Deus, como Jesus determinou (Cf. Mt 28,19-20, Mc 16,15). Aliás, diz Comblin, que o “próprio Jesus escolheu seus discípulos para torná-los apóstolos; e a missão que ele confiou à Igreja, a ordem que ele deu foi a de ir aos confins da terra” (cf. At 1,8)<sup>903</sup>. Eleição, Igreja e Missão não podem ser desvinculadas uma da outra.

Desta maneira, a Igreja é um povo no meio de outros povos<sup>904</sup>, e com esses povos, ela experimenta as desventuras e amarguras do mal que domina o mundo<sup>905</sup>. Não há separação entre essas duas “entidades”. Ambas coexistem numa mesma realidade. Mais ainda, a Igreja existe para o mundo, para o bem de toda a humanidade amada por Deus. A Igreja não é uma realidade concreta, paralela ou ainda alheia ao mundo. E o contrário também é verdadeiro. A Igreja e o mundo não são “societas perfecta”, que se bastam<sup>906</sup>. Há uma relação de reciprocidade. Para a Igreja deixar de lado o mundo é igual a abandonar a sua missão. Para o mundo rejeitar a Igreja é o mesmo que negar a sua salvação. Isolada do mundo, a Igreja perde totalmente sua razão de ser<sup>907</sup>. Eis o motivo que a Igreja apenas pode ser pensada dentro do contexto da missão e em meio ao lugar da missão, isto é, o mundo.

Até agora se falou do “povo de Deus”, mas ainda nada se disse sobre como defini-lo? Segundo o padre Comblin, a expressão povo de Deus, como dita pelo Vaticano II, era uma afirmação acerca da participação ativa de todos os batizados,

<sup>901</sup> COMBLIN, J. *Theologie de la Paix*, pp.100-101. É interessante ressaltar mais um paralelo entre Comblin e Newbigin. Ambos pontuam com grande ênfase a condição da Igreja (eleita) e o papel da Igreja diante de sua condição (serviço). Serviço que não é outro, senão, evangelizar. “Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12,3) é o ponto para o qual convergem a reflexão de ambos os autores. Cf. NEWBIGIN, L. *The Open Secret*, pp.30-34.

<sup>902</sup> COMBLIN, J. *Theologie de la Paix*, p.105.

<sup>903</sup> COMBLIN, J. *Theologie de la Paix*, p.105.

<sup>904</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.135.

<sup>905</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.136.

<sup>906</sup> COMBLIN, A *Teologia da Missão*, p.12.

<sup>907</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.282.

clérigos ou leigos, em todas as obras de evangelização da Igreja Católica<sup>908</sup>. Chama a atenção aqui a relação existente entre os termos povo e ativo, que aponta para a ideia da Igreja como movimento e não como algo estático. O movimento testemunhal dos leigos, apontando o para Reino de Deus, e o esforço pessoal e coletivo desse povo para a transformação do mundo, do qual eles também participam, é o cumprimento da missão, é a ação missionária da Igreja<sup>909</sup>. O projeto de Deus iniciado na eleição de um povo para ser o agente de seu propósito e de sua missão se realiza na Igreja. Ela tem papel e função no mundo. Missão que está definida pela evangelização e pela cruz, diz o padre Comblin<sup>910</sup>.

Entretanto, mesmo que a Igreja compreenda a sua missão à luz do Evangelho e da Cruz, ainda assim ela está sujeita a sedução do mundo. Comblin adverte acerca da tentação que a Igreja missionária pode cair: a integração com as estruturas rebeldes do mundo<sup>911</sup>. Em sua ação missionária, a Igreja está em contato com os poderes e as forças existentes no mundo. A sedução pelo poder e status, pela força estatal ou pelos poderes socioeconômicos, que, a princípio, parecem colaborar com a missão, fazem com que a Igreja e os missionários percam o foco<sup>912</sup>. Desta maneira, vê-se a Igreja e os seus missionários diante da situação de dominação da Igreja pelas potências mundanas que passam a controlá-la, ao invés de se submeterem ao Reino de Deus<sup>913</sup>. A Igreja, assim, corrompe sua natureza, porque anulou a sua missão. A Igreja se corrompe, porque a corrupção, diz Comblin, “consiste sempre numa integração dentro da sociedade estabelecida, numa renúncia à missão e numa aceitação de um papel de subordinação à cultura estabelecida”<sup>914</sup>.

E continua:

A tentação do missionário sempre é a tentação de Jesus, a tentação de messianismo, a tentação da força, do poder, do dinheiro, da cultura. Sempre com o afã de colocar esses bens a serviço da evangelização, e sempre os servidores rebelam-se e acabam dominando a evangelização. As potências do dinheiro, do poder, da cultura mostram-se mais fortes do que os missionários que pretendem manipulá-las e acabam dominando-os. A missão não pode salvar, se ela própria se deixa contaminar e reduzir<sup>915</sup>.

<sup>908</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.57.

<sup>909</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.57.

<sup>910</sup> COMBLIN, **Epístola aos Efésios**, p.41.

<sup>911</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.58-59.

<sup>912</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.58-59.

<sup>913</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.58.

<sup>914</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.59.

<sup>915</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.60.

É por essa razão que a Igreja é chamada a uma conversão permanente<sup>916</sup>. Uma renovação diária e constante da mente, com a intenção de não se perder a razão da sua existência nesta terra. Ao ter a mente renovada e a missão como razão precípua do seu existir, a Igreja é capaz de renovar também a missão, livrando-a de deformações e desgastes sofridos, seja pela caminhada missionária em si, seja por causa de uma aproximação perniciosa dos poderes sedutores deste mundo.

Mas como essa tentação acontece? Para Comblin, a estagnação da Igreja acontece no processo de voltar-se para si mesma, uma paralisia que, como já foi dito, faz com que a Igreja se torne sinagoga e estática. Assim,

uma Igreja estática perde de vista a sua razão de ser: o sistema que ela elabora para si mesma oculta a sua razão de ser; ela acaba pensando que tem em si mesma a sua razão de ser. Por isso a verdadeira Igreja existe somente no ato da missão; os atos históricos da missão são as etapas pelas quais o Espírito faz com que a Igreja caminhe para a sua verdadeira realidade. Não é o caminho de crescimento da Igreja, e sim o caminho do seu descobrimento. A missão não é, antes de tudo, uma expansão da Igreja e sim um processo de busca da origem, de volta à realidade, processo que a Igreja não pode realizar ficando fechada em si mesma; precisa sair de si mesma para se encontrar<sup>917</sup>.

Nisso a questão levantada sobre a historicidade da missão na TdM por Comblin deve ser trazida ao debate. Para Comblin, “a teologia dominante interpreta a história da missão à luz de dois princípios, isto é, o princípio de integração e o princípio de adaptação”, o mesmo reconhece a inadequação de ambos os princípios para a orientação histórica da Igreja em sua missão<sup>918</sup>. De fato, essas premissas servem apenas para a manutenção de uma ideologia de conservação e valorização tanto do sistema eclesial estático como de uma cultura que a legitime<sup>919</sup>. Desta maneira, faz-se necessário que a Igreja esteja apta para repensar esses princípios à luz da presença fulgurante do Espírito Santo, “senhor que dá vida”, como diz o símbolo. Assim, diz Comblin,

o Espírito é dado aos cristãos para que não se deixem corromper pela letra, nem submergir pelas culturas do ambiente: para que possam permanecer na simplicidade do evangelho. [...]. A história traz para a Igreja não o problema de um crescimento cultural, mas antes o problema de voltar a Jesus Cristo por cima dos edifícios culturais que sempre renascem. A garantia que oferece a presença do Espírito na Igreja é uma força que obriga constantemente a voltar à simplicidade das origens. [...]. A busca do essencial, a redução de tudo aquilo que não é propriamente de Jesus Cristo: tal é a obra própria do Espírito na Igreja. [...]. O Espírito está ligado à missão. Os evangelhos anunciam que o Espírito intervém no momento em que se produz o testemunho ou o enfrentamento entre a Igreja e o mundo (Mt 10,20; Jo 15,26; 16,8).

<sup>916</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.59.

<sup>917</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.72.

<sup>918</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.67.

<sup>919</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.67.

Os Atos dos Apóstolos e as Epístolas mostram a realização concreta: a Igreja descobre a sua verdadeira natureza no momento de passar de um mundo humano para outro, isto é, no ato da missão. As etapas da tomada de consciência da novidade cristã foram as etapas da missão. O Novo Testamento destaca particularmente a experiência de São Paulo. O Espírito intervém para obrigar a Igreja a sair das suas fronteiras para o mundo exterior. O Espírito espera a Igreja fora de si mesma para poder revelar-lhe quem é Cristo<sup>920</sup>.

A historicidade da Igreja e da sua missão se encontra na ação eclesial para fora de si, em direção ao seu outro, que é o mundo. Essa ação e movimento é obra do Espírito Santo. Também é obra do Espírito a simplificação daquilo que diz respeito a Igreja, isto é, a missão. Não é de se estranhar, portanto, que Comblin entenda que o Espírito e a missão devem ser considerados, por aqueles que pretendem uma compreensão da historicidade da Igreja, como aqueles elementos que iluminam a história<sup>921</sup>.

Por conseguinte, a missão cristã é diferente de todas as empresas de propaganda ou de difusão cultural que os povos mais fortes sempre praticaram. No cristianismo a pessoa não entra por força, por pressão física, moral ou social. Ninguém se torna discípulo de Jesus Cristo por geração física, nem por educação familiar, nem por pressão do ambiente: o homem entra no caminho de Jesus Cristo pela fé que é livre adesão do indivíduo. O discípulo segue o evangelho por amor e submissão ao Espírito, não por submissão às autoridades ou às instituições, humanas<sup>922</sup>.

Na história deste mundo, a Igreja caminha na força do Espírito que a mantém, e a sustenta em meio à caminhada e nos conflitos presentes neste tempo. Não obstante, é possível que a Igreja se torne estática e seja também enredada pelo mundo; não são raras as vezes que isso acontece. Porém, sempre o Espírito traz novamente a Igreja ao seu caminho e meta<sup>923</sup>. É por isso mesmo que a presença e a ação do Espírito Santo têm lugar especial na teologia missionária de José Comblin.

### **3.2.3.4**

#### **O Mundo: As estruturas que devem ser alcançadas**

O mundo é o segundo termo da relação que é o objeto deste capítulo, ou seja, a relação Igreja-Mundo. Como tem sido pontuado desde o início deste trabalho, procura-se compreender como a relação entre a igreja e o mundo define e determina a evangelização de uma comunidade eclesial. No caso específico dessa tese a evangelização da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa. Por outro lado, busca-se compreender como a superação do dualismo possui papel preponderante na

<sup>920</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, pp.70,71.

<sup>921</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.72.

<sup>922</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.83.

<sup>923</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.58.

manutenção de uma relação oposição-exclusão, procura-se nesta investigação a superação do dualismo nutrido ao longo dos vinte séculos de caminhada missionária da Igreja. Esse modelo dualista tem sido responsável pela ruptura do tecido único da realidade e pela criação um relacionamento ora conflituoso, ora desdenhoso entre a Igreja e o Mundo. Mas a tentativa de o superar também tem gerado uma integração radical, que não leva em consideração os problemas do campo ético<sup>924</sup>, seja por meio de uma “neopaganização” da Igreja<sup>925</sup>, ou quando as igrejas, imensamente alinhadas às culturas, tornam-se suas legitimadoras, validando até mesmo, de alguma forma, a opressão e a injustiça, uma crítica muito comum feita por Comblin<sup>926</sup>.

O desafio posto aqui é, portanto, o de oferecer uma visão clara do entendimento de Comblin diante do conceito de mundo. Por ser um termo que oferece uma gama de noções e possibilidades de entendimento, determiná-lo é tanto uma necessidade como um desafio. No caso do padre Comblin, o entendimento do conceito mundo é claro. Como participante da construção da teologia católica latino-americana, ou simplesmente, Teologia da Libertação, Comblin assumiu o pressuposto básico da superação do dualismo<sup>927</sup>. Esse pressuposto é a chave de leitura da própria obra de Comblin. O mundo não é um “ente” ao lado da Igreja<sup>928</sup>

Desta forma, uma das maneiras de se compreender o entendimento combliniano de mundo é observando sua visão sobre a cidade. Comblin se ocupou em escrever uma “teologia urbana”. Trata-se de uma obra, cujo título é Teologia da Cidade (TdC), que reflete sobre a ação pastoral em contexto urbano<sup>929</sup>. O foco de Comblin é fornecer uma percepção ampla e diversa do seu objeto de estudo, isto é, a cidade, sobre vários ângulos distintos<sup>930</sup>. Fornecendo também, segundo Paulo César Pereira, uma reflexão teológica e alternativas para que a “Igreja venha a ser mais eficaz na sua ação pastoral”<sup>931</sup>. Assim, ao relacionar a Igreja e a Cidade, numa

<sup>924</sup> Cf. RUBIO, A.G. **Unidade na Pluralidade**, pp. 89-90.

<sup>925</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.90.

<sup>926</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.90ss.

<sup>927</sup> Cf. GUTIERREZ, G. **Teología de la Liberación**, pp.102-109; BAZARRA, C. **O que é a Teologia da Libertação?** pp.25-34; DUSSEL, E. **El dualismo en la antropología de la cristiandad**, p.288.

<sup>928</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, pp.13-14.

<sup>929</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.16.

<sup>930</sup> Cf. PEREIRA, P. C. **Pastoral Urbana**, p.93.

<sup>931</sup> PEREIRA, P. C. **Pastoral Urbana**, p.92.

dialética equivalente a existente entre Israel e os Povos pagãos, Comblin oferece uma chave interpretativa para uma teologia do mundo<sup>932</sup>, porquanto, o olhar de Comblin, lançado sobre a cidade revela, em grande proporção, o todo daquilo que é o mundo. Aliás, é o próprio Comblin que se referiu a cidade como *imago mundi* – a imagem do mundo<sup>933</sup>. Ao focar o local o autor dá condições de contemplar o universal.

Outra maneira que Comblin oferece de se chegar a uma noção de mundo está na afirmação de que o mundo é o prolongamento do ser humano<sup>934</sup>. Em outras palavras tudo aquilo que, acerca do ser humano, é correto afirmar é igualmente válido para o mundo. Isso é fácil de compreender, porquanto o mundo não é um ente. O mundo é uma construção que surge a partir do humano e de suas produções mais básicas: a sociedade e a cultura. Embora o mundo, enquanto natureza, é criação de Deus, todavia, o mundo, enquanto estruturas socioculturais, é criação humana, mesmo que em atendimento a mandato divino (cf. Gn 1,26-28). Diante dessas imagens comblinianas, é possível considerar os seguintes aspectos do mundo, conforme José Comblin.

O primeiro aspecto do mundo é ser o *outro* da Igreja. Em a TdC, Comblin apresentou um conceito o qual foi denominado Dialética da Cidade<sup>935</sup>. Por esse conceito, o padre Comblin argumentou que o testemunho bíblico descreve um quadro opositivo entre Jerusalém e Babilônia, entre Israel e as nações pagãs, que de maneira geral, apontam para os dois termos de uma tensão dialética que existem na realidade do mundo<sup>936</sup>. É fato, que a nova estrutura dessa tensão está atualmente estabelecida entre os termos Igreja e Mundo, que é, em última instância, a culminância dessa tensão. A solução dessa tensão é escatológica, como será visto mais adiante. Contudo, mesmo que o fim da tensão esteja no futuro, a relação dialética presente não impede que um termo exerça influência sobre o outro. Tanto a Igreja pode exercer influência sobre o mundo, como também o mundo pode exercer influência sobre a Igreja. Essa possibilidade de influenciar é que dá sentido

<sup>932</sup> Cf. COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.23.

<sup>933</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.48.

<sup>934</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, pp.38-39.

<sup>935</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.23.

<sup>936</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.23.

à missão da Igreja e ainda serve de advertência contra as potências mundanas, potências da mentira, do homicídio, da corrupção que podem fascinar a Igreja<sup>937</sup>.

Deste modo, a perpetuação dessa crise durante essa caminhada comum rumo ao momento último da história, à revelação daquilo que todo universo será, o mundo e a Igreja caminham juntos numa relação de alteridade. Essa é razão do porquê a maneira como Igreja e Mundo devem se relacionar tem sido uma discussão constante e sempre renovada no seio das Igrejas cristãs, não importando a sua confessionalidade.

Aliás, segundo o próprio Comblin, essa tensão foi um problema nos primeiros dias da Igreja. Comblin, em seu comentário aos Atos dos Apóstolos, dirige a atenção do leitor para aquilo que, segundo ele, era o problema que a comunidade lucana procurava responder. Problema esse que era resultado do próprio entendimento judaico acerca da sua condição especial diante de Deus. Ou seja, os judeus, um povo que via a si mesmo um povo distinto das demais nações – “a propriedade peculiar entre os demais povos” (Ex 19,5 cf. 1Pe 2,9) – dava-se um sentido ensimesmado. Desta maneira, como se relacionar com as outras nações da terra?<sup>938</sup> Pe. Comblin enfatiza a ideia de que, como povo de Deus, a Igreja seja um povo dentro de outros povos<sup>939</sup>. É como disse Leonardo Boff, não há distinção entre a Igreja e o Mundo, ambos comungam da mesma realidade histórica, a diferença está no fato da Igreja ser aquela parte do mundo que acolheu o Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo, e em consequência celebra e anuncia a Boa-Nova do Reino e serve ao mundo como modo de testemunhar a presença desse Reino<sup>940</sup>. E, como povo no meio de outros, torna-se papel de todo cristão o anúncio do Evangelho, afinal de contas, como bem afirmou Comblin, “o contato com cristãos concretos é o meio normal pelo qual as pessoas se encontram com Jesus”<sup>941</sup>.

Assim, o mundo não pode ser apartado da Igreja, enquanto, essa se apropria de forma exclusivista das bênçãos salvíficas de Deus e condena sumariamente o mundo a destruição. Mesmo que isso signifique reconhecimento de uma realidade altamente influenciada pelo mal. Absorta pelo pecado e ignorante em relação ao mal em que vive. Se o contato com cristãos reais é o meio para que outras pessoas

<sup>937</sup> Cf. COMBLIN, J. *A Oração de Jesus*, p.92.

<sup>938</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*: Vol.1:1-12, p.13-14.

<sup>939</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.135.

<sup>940</sup> Cf. BOFF, L. *Igreja, Carisma e Poder*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1982, p.16.

<sup>941</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.45.

no mundo das nações encontrem Jesus, é necessário que, ao invés de muros e portões fechados, a Igreja construa pontes para alcançar essas pessoas que estão nesse mundo cheio de obstáculos. Tão necessária é essa presença que Comblin, ao descrever o modo da ação do Espírito na salvação humana, discorre acerca da necessidade da presença de outros seres humanos para que o indivíduo se aproprie da salvação, completando a ação do Espírito Santo na vida individual<sup>942</sup>.

A salvação do homem deve nascer no coração do próprio homem. O Espírito é dado ao homem, não à Igreja para que a Igreja o desse ao homem. Diretamente ao homem, embora com mediações humanas. Portanto, a libertação do homem procede de um movimento nascido dentro do próprio homem. Não do homem abandonado a si mesmo. A salvação procede do Espírito de Jesus Cristo. Mas o Espírito não atua fora do homem, como princípio situado ao lado do homem, e sim como força interior ao homem, tão interior ao homem que este nem consciência tem da sua presença. Ele pode inclusive atuar a vida toda sob a inspiração do Espírito sem nunca saber da presença desse Espírito. Esta somente pode ser conhecida mediante a palavra dos missionários<sup>943</sup>.

Ser o “outro”, o “tu” da Igreja faz com que o mundo se torne a meta a ser alcançada pela Igreja – ela já não vive para si mesma (cf. Gl 2,20). O mundo é a meta por causa da condição que se encontra. Por conta do pecado e do mal presente em todas as suas estruturas e ainda pela sua evidente inimizade contra Deus, o mundo também faz resistência à missão e a Igreja. Embora essa condição seja uma barreira à ação da Igreja, esse obstáculo e outros tantos não devem ser considerados impeditivos da missão. Antes, são desafios a serem superados. O mundo é importante, porque pessoas são importantes. Comblin escreveu:

O mundo não se identifica com determinado conjunto de seres humanos. O mundo permanece como polo oposto à missão. Mas as pessoas podem mudar e passar do mundo para a categoria dos discípulos, das trevas para a luz. Ninguém pertence a esse mundo por natureza. Nesse sentido, a missão não se encontra com uma barreira intransponível. A sua sorte não será nem o êxito nem o fracasso, mas a separação entre os seres humanos<sup>944</sup>.

Para tornar essa ideia ainda mais clara é importante aqui recuperar o conceito barthiano de co-humanidade<sup>945</sup>. Ao discutir temas ligados a antropologia teológica em sua inacabado opus magnum, Karl Barth afirma que a comunhão entre os seres humanos é algo fundamental para se definir o humano<sup>946</sup>. Na realidade, a própria noção da relação Eu e Tu é o que capacita o indivíduo a assumir a humanidade. Ao viver como se Deus ou mesmo os outros seres humanos não existissem, o sujeito se

<sup>942</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, pp.49-50.

<sup>943</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.50.

<sup>930</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.37.

<sup>945</sup> Cf. BARTH, K. **Church Dogmatics**, III/2, p.222ss.

<sup>946</sup> BARTH, K. **Church Dogmatics**, III/2, p. 227.

desumaniza e assume para si a condição de pecador<sup>947</sup>. Se algo é tão importante para o indivíduo é também válido para o novo povo de Deus? A resposta é sim. Não é o povo de Deus o agente sobre mundo?<sup>948</sup> Qual é a razão de ser da Igreja sem que ela haja no e para o mundo? Por que se resignar de sua missão? Comblin considerou isso, ao dizer que,

a Igreja não vive em gueto, como se só tivesse com a cidade contatos acidentais e epidérmicos. Procede da nova Jerusalém mais do que da antiga cidade dos jebuseus. Luta contra Babilónia, que corrompe todas as cidades surgidas das mãos dos homens. Mas não vive à margem, como se lhe bastasse esperar o dia do juízo. Ao contrário, seu destino está profundamente unido ao da cidade, em virtude de sua própria constituição: é o mistério da Igreja local<sup>949</sup>.

O novo povo de Deus fala e é ouvido pelo mundo, pelos outros povos, que também são povo de Deus, mas ainda integrados a dinâmica do mal da qual precisam ser libertados. Tornar-se alheio ao mundo não é mais opção para igreja. A Igreja age na história do mundo, o mesmo lugar da ação de Deus. O mesmo mundo com as suas mazelas e dores, onde Jesus Cristo pisou, curou enfermos, realizou sinais e anunciou a Boa-Nova. A Igreja compartilha a mesma humanidade do mundo. É para ele também o Espírito e a salvação.

O povo de Deus, a assembleia de Deus, é realidade nascida do amor misericordioso e ciumento, eficaz e perseverante de Deus. Deus criou o homem como coletividade. Sua palavra criadora não se dirige ao homem individual, mas ao homem como coletividade. Para Deus, criar o homem e criar vínculos entre os homens é o mesmo, pois o homem existe como pessoa pelos laços tecidos entre ele e os demais. Por isso, a formação do povo de Israel no deserto pertence à mesma ordem que a criação do homem. E ato de restauração da criação do homem<sup>950</sup>.

Reconhecer esse aspecto do mundo não significa admitir ingenuamente uma suposta neutralidade. Embora seja possível e necessário reconhecer que o mundo não é mal em si, é ainda fundamental que se tenha em mente que o mal está presente no mundo e que é esse mal que impõe uma contraposição entre ele e Deus, o que se configura noutro aspecto do mundo segundo Comblin.

Esse segundo aspecto do Mundo é justamente a sua oposição a Deus. O mal é a radical inimizade contra Deus (cf. Rm 8,7). Um tipo de oposição que se constitui numa acentuada incompatibilidade entre os projetos humanos e a vontade divina. O próprio Comblin admitiu que há no mundo uma impermeabilidade para a

<sup>947</sup> BARTH, K. *Church Dogmatics*, III/2, p. 227.

<sup>948</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, pp. 309-313.

<sup>949</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.300.

<sup>950</sup> COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.98-99.

manifestação de Deus, uma profunda insensibilidade à ação de Deus<sup>951</sup>. Ação que é salvação. O fato é que o mundo não está minimamente afeito ao mandato e a vontade divinos. A razão dessa incompatibilidade está ligada a natureza de Deus e de sua ação e a inclinação do mundo e as suas próprias intenções. O evangelho de João usa a imagem da luz e das trevas, símbolos universais muito comuns na literatura e pensamento judaicos<sup>952</sup>. Comentando o texto joanino, Comblin admite que a oposição do mundo contra Deus é resultado da absoluta diferença de ambas as natureza e propósitos, isto é, de Deus e do Mundo. Comblin escreve:

Diante da luz, vai para a luz quem é luz em si mesmo e vive na luz; foge e prefere as trevas quem é trevas e vive nas trevas. Isto quer dizer o seguinte: Quem é da mesma natureza do Filho e do Pai se reconhece em Jesus e vai a ele. Quem é de outra natureza, não o reconhece e se afasta. O mundo não pode conhecer a Jesus porque vive de outro modo: o mundo não é missionário como o Filho, não se identifica com essa corrente de amor, com a comunicação que o Filho faz. O mundo vive uma atitude oposta a essa: vive concentrado em si mesmo e buscando a sua salvação em si mesmo; buscando a sua salvação, ele se perde. [...]. Quem se aproxima dele o faz em virtude de uma semelhança radical no modo de ser. Quem foge longe dele mostra que vive de outro modo. Há dois modos fundamentais de ser. O mundo vive de acordo com um modelo incompatível com Jesus: é o contrário da missão, é a criatura isolada, separada, voltada para si e não para os outros.<sup>953</sup>

O exemplo mais dramático dessa oposição se dá na paixão e morte de Jesus. De acordo com Comblin, todo o conflito, toda a oposição e a incompatibilidade entre o Enviado de Deus e o mundo demonstram claramente a força desse conflito e negação<sup>954</sup>. O conflito, a oposição e a incompatibilidade contra o Filho é igual para com o Pai – “Eu e o Pai somos um” – dizia Jesus (Jo 10,30).

Algumas razões podem ser levantadas nos textos comblinianos. Em primeiro lugar essa oposição se manifesta como desconhecimento do mundo, no que se refere Deus – quer seja imposta de fora, quer autoimposta pelo indivíduo<sup>955</sup>. Não se trata de um desconhecimento intelectual, não é também o desconhecimento de afirmações credais ou confessionais. Trata-se de um fechamento inflexível a Deus. E, ao mesmo tempo, um apego extremo à condição em que a humanidade se encontra. É o desejo pela continuidade de um estado de morte; contanto, a “vida eterna” é o conhecer a Deus e o seu Enviado<sup>956</sup>. Comblin resume essa ideia, dizendo:

<sup>951</sup> COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.36.

<sup>952</sup>Cf. BORCHERT, G. L. **Luz e Trevas**. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas**, p.809.

<sup>953</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.33-34.

<sup>954</sup> COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, p.31.

<sup>955</sup> COMBLIN, **Jesus: O Enviado do Pai**, p.31. COMBLIN, **Teologia da Cidade**, p.49.

<sup>956</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Oração de Jesus**, p.86.

Jesus pode condensar a sua experiência do mundo numa palavra da oração da ceia: “Pai justo, o mundo não te conheceu!” ([Jo]17,25). O desconhecimento é tão radical que eles que são filhos do demônio ([Jo]8,44), descobrem o demônio em Jesus: “Não dizíamos acertadamente que és um samaritano e um possesso de demônio?” ([Jo]8,48). “Agora estamos seguros de que estás possuído pelo demônio” ([Jo]8,52). A incompreensão do mundo não é apenas fato intelectual. É uma rejeição completa, uma vontade de expulsar da sociedade e da humanidade o corpo estranho que perturba e inquieta. Os judeus não o perceberam logo, mas Jesus sim: essa incredulidade situa-se num nível fundamental e inclui a morte. Daí podemos perguntar-nos a respeito de uma Igreja, de mensagens ou de um evangelho que encontram apenas êxito, bom acolhimento, favores e privilégios, honras e regalias. Se as pessoas nos recebem assim, será que as nossas palavras não são apenas a expressão das ideologias e das falsas razões pelas quais as pessoas procuram reforçar a segurança e a tranquilidade? De qualquer modo, o quarto evangelho não pretende atribuir a culpa da morte de Jesus à maldade de alguns indivíduos e sim à oposição entre Deus e o mundo<sup>957</sup>.

Em segundo lugar, a oposição do mundo contra Deus se revela na negação da verdade de Deus<sup>958</sup>. É uma negação que chega à última consequência. Negar a vida é abraçar a morte<sup>959</sup>. O fechamento à verdade e à vida

“Morrereis no vosso pecado” ([Jo] 8,21). “Morrereis nos vossos pecados, se não crederdes que eu sou” ([Jo] 8,24). Pois, pela sua incredulidade, por sua vontade de matar e pela negação da verdade, eles são os filhos do chefe deste mundo e participarão da sua sorte: “Vós tendes o diabo por pai, e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade; quando ele mente, faz o que lhe é próprio: ele é mentiroso e pai da mentira” ([Jo] 8,44). Assim, a morte de Jesus, que faz aparecer a mentira, o homicídio, a escravidão do pecado nas pessoas que o levaram à condenação, longe de ser uma salvação como dizia Caifás, é justamente o julgamento. A cruz de Jesus é vida para uns e morte para outros. Os que o levaram a essa cruz, se condenaram a si mesmos, porque rejeitaram aquele que os podia salvar da morte.

Assim a missão cristã assume a função de conduzir à reconciliação os opostos. Deus está aberto a isso. Aliás, é dele a ação, a primeira atitude a ser tomada nesta direção. A missão da Igreja é a reatualização da ação reconciliatória de Deus. A missão não há de superar somente as barreiras culturais, mas também uma barreira muito mais radical, a ignorância por parte do mundo. A missão da Igreja é o que o apóstolo Paulo chamou de o “ministério da reconciliação” (2Co 5,18-19). É trazer para o mesmo convívio aqueles que estavam separados. É romper com toda a inimizade, ignorância, negação do mundo em relação a Deus e à Jesus, o seu enviado. A ruptura dessa inimizade é da salvação e da vida eterna, como Comblin deixa claro. Ele disse:

O início da salvação é a fé. A fé é a resposta do homem ao encontro com Jesus, o despertar de um homem novo, o descobrimento de algo novo em contato com Jesus Cristo, o despertar

<sup>957</sup> COMBLIN, J. **Jesus**: Enviado do Pai, p.30.

<sup>958</sup> COMBLIN, J. **Jesus**: Enviado do Pai, p.35.

<sup>959</sup> COMBLIN, J. **Jesus**: Enviado do Pai, p.35.

de uma liberdade e de um amor. Daí procede o resto da vida cristã. Essa fé é ato global de abertura e receptividade ante a presença de Jesus Cristo<sup>960</sup>.

Essa resistência do mundo ao Evangelho e, em última instância, ao Deus amoroso e salvador que é revelado nele é resultado tão-somente ao pecado presente no mundo<sup>961</sup>.

Neste sentido, o outro aspecto do Mundo é que ele está contaminado pelo pecado. Comblin afirmou que “o problema do cristianismo se define a partir do mal”<sup>962</sup>. Uma vez que a humanidade tem que lidar com o mal intrínseco a todo ser humano em sua individualidade, bem como na sua coletividade, o mal também modifica a ordem presente no mundo. Toda produção é, de uma forma ou de outra, contaminada pelo pecado, como disse padre Comblin, “o pecado integra-se assim no tecido do mundo”<sup>963</sup>. Nessa produção se insere a sociedade, a cultura, assim como a própria maneira de se relacionar com o ambiente.

Não é sem motivo que, nas Escrituras, a cidade da Babilônia se torna o símbolo do pecado que contamina as demais nações da terra (Cf. Is, 13,19; 14,4; Jr 50,1-46; Mq 4.10; 1Pe 3,15; Ap 14,8; 17,5; 18,2,10)<sup>964</sup>. Desde sua fundação sob Ninrode, a Babilônia tem tido um único desejo, o de dominar o mundo (Cf. Gn 10,8-12)<sup>965</sup>. Domínio pela opressão dos poderosos, domínio pelo o orgulho partilhado por seus cidadãos<sup>966</sup>. Domínio legitimando por uma percepção de

<sup>960</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.46.

<sup>961</sup> Cf. COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.275.

<sup>923</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.38-39.

<sup>963</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.23.

<sup>964</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, pp.13-14.

<sup>965</sup> O historiador judeu-romano Flavio Josefo registrou a tradição da fundação da Babilônia por Ninrode nas seguintes palavras: “Ninrode, neto de Cam, um dos filhos de Noé, foi quem os levou a desprezar a Deus dessa maneira. Ao mesmo tempo valente e corajoso, persuadiu-os de que deviam unicamente ao seu próprio valor, e não a Deus, toda a sua boa fortuna. E, como aspirava ao governo e queria que o escolhessem como chefe, abandonando a Deus, ofereceu-se para protegê-los contra Ele (caso Deus ameaçasse a terra com outro dilúvio), construindo uma torre para esse fim, tão alta que não somente as águas não poderiam chegar-lhe ao cimo como ainda ele vingaria a morte de seus antepassados. O povo, insensato, deixou-se dominar pela estulta convicção de que lhes seria vergonhoso ceder a Deus, e começaram a trabalhar nessa obra com incrível ardor”. O registro de Josefo, mesmo que careça da precisão científica exigida na atualidade, oferece de maneira clara a mesma percepção que Comblin apresenta, isto é, o pecado humano sob as formas do orgulho, da prepotência e da independência de Deus. COMBLIN, **Teologia da Cidade**, p.41. Ver também: JOSEFO, F. **A História dos Hebreus: Obra Completa**, p.84. Sobre o uso de Josefo como fonte, cf. DEGAN, A. **Josefo revisitado: interpretações historiográficas da obra de Flávio Josefo**. In: **Pol. Hist. Soc.**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 1, p. 31-42, maio 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/2433/7732>>. Acesso em 17 fev. 2019.

<sup>966</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.31.

mandato divino<sup>967</sup>. Uma “divinização” autoproclamada que se revela tão somente como idolatria<sup>968</sup>. Nada menos que isso. Para Comblin, essa legitimação do pecado era a razão de toda a indignação dos profetas do Antigo Testamento contra as cidades<sup>969</sup>. Dessa forma, “todo o aparato religioso procurava tornar sagrado, intocável, imutável, aquele sistema de agressão, de injustiça, de orgulho, de auto-suficiência”<sup>970</sup>.

A imagem da cidade é a imagem do mundo. Esse símile dá a ideia de o quanto a realidade do mal e do pecado transformam aquilo que fora criado por Deus. O pecado do ser humano se reflete na sociedade, passa pela sua cultura, deforma a mente humana e, por fim, reinicia todo o círculo, legitimado subjetiva e coletivamente, ocultando nessa legitimação “a injustiça, a mentira, a covardia sob um manto de razões culturais e sociais”<sup>971</sup>. Acerca disso, Comblin afirma:

O pecado de que se trata de salvar o homem está estruturado. O mundo fica no pecado em todas as suas estruturas: economia, política, cultura; o pecado impregna tudo, no sentido de que não depende do homem individual pecar ou não pecar. O homem deve cometer a injustiça e sofrê-la em virtude das estruturas do mundo. A economia está construída de tal modo que não seja possível praticar a justiça. A política está elaborada em função da ordem que se quer manter numa sociedade injusta. A força do Estado está a serviço de situações injustas e opressoras. A própria cultura feita para tornar compreensível, aceitável e suportável a situação de pecado. Faz o possível para ocultar os lados negativos e mostrar, as belezas da sociedade estabelecida. Trata de convencer o homem da necessidade de aceitar as coisas tais quais<sup>972</sup>.

Essas estruturas ganham personalidade nas páginas bíblicas. O mal é identificado no texto bíblico como o diabo e outros seres demoníacos. O apóstolo Paulo se refere à essas personificações com os termos principados e potestades (Rm 8,38; 1Co 15,24; Ef 1,21; 3,10; 6,12; Cl 1,16; 2,10,15). Ainda que Comblin não negue categoricamente a existência dos demônios, conforme está exposto no Catecismo da Igreja Católica, §391-392, a ênfase do autor está sobre a atuação demoníaca na história humana<sup>973</sup>. Comentando Ef 6,11-12, Comblin disse:

O diabo e as potências celestiais agem por meio de entes humanos ou materiais, forças históricas, sociais ou naturais. Para o autor, a natureza do combate não oferece dúvida. Os cristãos não lutam apenas contra homens, seres humanos feitos de sangue e de carne, fracos como todos os seres de carne. Temos aqui uma enumeração de espíritos, diferente em outros das listas dadas em [Ef] 1,21; 2,2; 3,10. Não temos documentos contemporâneos que nos permitam identificar claramente todas estas entidades. Pouco importa. Em todo caso elas não

<sup>967</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.24.

<sup>968</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.31.

<sup>969</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.48.

<sup>970</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.48.

<sup>971</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, pp. 56-57.

<sup>972</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p. 61.

<sup>973</sup> IGREJA CATOLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Catecismo da Igreja Católica**, p.111.

são independentes das suas manifestações históricas. O combate contra as potências Celestiais inclui o combate contra entidades históricas. Por exemplo, quando os cristãos eram pagãos, estavam sob domínio do diabo e das potências celestiais (Ef 2,2). O paganismo não é apenas realidade feita de puros indivíduos humanos. Tem uma consistência em si. Os antigos atribuíam-no a espíritos. Queriam dizer com isso que tais realidades tinha uma existência própria mais Ampla do que a soma dos indivíduos que não contavam? Ou vale definitivamente a afirmação de todas essas entidades espirituais? Por um lado, o combate dos cristãos não é com espíritos, sem contato com o mundo. Tal combate contra as forças que se manifestam em culturas humanas: Aqui a luta contra infiltração dos costumes pagãos. O que o autor diz é que a luta contra o paganismo não é luta contra indivíduos pagãos nas contra entidades mais fortes que os indivíduos pagãos. Esses Espíritos não estão no céu onde Deus mora. Não estão na terra, mas habitam regiões intermediárias entre os céus e a terra, atmosfera donde não foram ainda excluídos. Desde aí influem nas realidades materiais históricas<sup>974</sup>.

Têm-se nessas figuras também a personificação de uma realidade<sup>975</sup>. Uma realidade, aliás, que coparticipa e influencia a rotina de toda a humanidade para o mal. Trata-se das estruturas e potências deste mundo que, ao invés de participar da vida e da liberdade de Deus, permite-se ser subjugado pelo mal e pelo pecado. Potências “mundanas” que também procuram seduzir a Igreja em sua caminhada missionária, retirando-lhe o foco da missão<sup>976</sup>. Superar essas potências e torná-las submissas ao senhorio de Jesus se torna a meta da missão, conseqüentemente a meta da Igreja.

A presença do pecado no mundo é o que dá sentido a salvação de Deus. “A salvação parte do pecado do mundo”, disse Comblin<sup>977</sup>. O compromisso da Igreja diante o pecado do mundo é ser uma pedagoga, no sentido mais original do termo, orientando e conduzindo a humanidade ao seu futuro, ao futuro onde haverá novos céus e nova terra, um novo mundo recriado por Deus, em Cristo e no Espírito (cf. Is 65,17,22; 2Pe 3,13; Ap 21,1)<sup>978</sup>. O mundo precisa da salvação, porquanto,

a totalidade do mundo, vida individual e social, fica sob o reino do pecado. O pecado há de ser considerado na sua realidade histórica em todas as expressões da dominação, da exploração, do egoísmo humano. A salvação consiste numa mudança radical da humanidade, não mudança por um golpe mágico da parte de fora, e sim mudança por um despertar de uma liberdade e de um amor no coração do homem<sup>979</sup>.

<sup>974</sup> COMBLIN, J. *Epistola aos Efésios*, pp.106-107.

<sup>975</sup> Cf. COMBLIN, J. *Epistola aos Efésios*, pp.40, 62.

<sup>976</sup> Cf. COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, pp.58-59

<sup>977</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, p.14.

<sup>978</sup> Cf. COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.248.

<sup>979</sup> COMBLIN, J. *A Teologia da Missão*, pp.14-15.

Essa salvação, como todas as outras manifestações da salvação de Deus são processuais<sup>980</sup>. A salvação do mundo é igual a salvação do humano, é escatológica. Está no futuro do Deus que vem.

Assim, o último aspecto do Mundo diz respeito justamente a sua realidade escatológica. Assim como o ser humano – e a Igreja por ser humana – configura-se como uma realidade em processo de vir a ser, isto é, que somente conhecerá a sua verdadeira humanidade no eschaton, uma vez que essa condição foi perdida, o mundo também está nesse estado processual e escatológico, segundo Comblin<sup>981</sup>.

Não é sem razão que Comblin afirma que a resposta ao problema fundamental presente na origem das cidades, isto é, o mundo em pequena proporção, apenas será dado no final da história, na parusia de Jesus e na manifestação da Nova Jerusalém<sup>982</sup>. Para Comblin,

a nova Jerusalém, considerada sob o ponto de vista da cidade, é acabamento, fim. Porém, sob o ponto de vista de Deus, é começo. Com ela começa propriamente falando, a presença de Deus entre os homens. Tudo o que abarcamos pelo conceito de história é só prelúdio a esse ato<sup>983</sup>.

O mundo tal qual pode ser percebido por cada indivíduo não é o mundo pensado por Deus. O domínio do mal e a sujeição do ser humano a ele, quer por sua própria cobiça<sup>984</sup>, quer por sua covardia<sup>985</sup> transformou o cenário criado pelo Deus Pai, Todo-Poderoso, numa paródia horrenda. Assim como a humanidade não atingiu aquilo que ela deve ser (cf. 1Jo 3,2), da mesma forma, ainda não se manifestou o que a cidade ou o mundo devem ser. O mundo como realidade escatológica aponta para a restauração de todas as coisas à vontade inicial do Criador. É o alcançar daquela meta proposta desde a eternidade. O futuro oferecido no Evangelho é a reconciliação do mundo, em todas as suas dimensões, com aquele que enche todas as coisas (cf. Ef 1,26).

O mundo é uma representação grotesca daquele projeto inicial de Deus. Ainda que a Igreja num esforço descomunal e aguerrido, livrando-se da possibilidade da criação de uma nova “cristandade”; ainda assim a Igreja não será capaz de uma

<sup>980</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.84.

<sup>969</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.38.

<sup>982</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.41.

<sup>983</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.97.

<sup>984</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.62.

<sup>985</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.p.39.

construção sociocultural eficiente ao ponto de desfazer essa imagem caricata<sup>986</sup>. A causa única para que uma transformação tão radical tenha lugar na história é a vinda da Nova Jerusalém, que é a meta para a qual todo o mundo caminha<sup>987</sup>. Neste dia, tanto o ser humano como o mundo encontrarão o seu destino. Comblin escreve:

A vinda da nova Jerusalém significa o fim da história e, portanto, também o fim da história das cidades. Essa noção de fim da história é o resultado da longa história teológica de Israel. Adquiriu-se no movimento apocalíptico, apenas algumas décadas antes da vinda de Jesus. Com efeito, foi o “apocaliptismo” que enfocou a concepção dos dois éons ou idades do mundo. A primeira idade compreende tudo o que chamamos história, os acontecimentos e realidades situados no tempo. A segunda é totalmente diferente da primeira: não conhece o tempo. Em lugar de ser como repetição da primeira, nos transporta a outra realidade muito diversa. Tampouco é continuação da primeira. Se o fosse, seria da mesma natureza que nosso tempo, e, no fundo, lhe pertenceria. O instinto de conservação se aferra à ideia de sobrevivência do que somos e de nossas circunstâncias. A ideia bíblica nos distancia dessas ilusões da imaginação. O que Deus prepara é totalmente diferente e só assim pode ser qualificado. [...] sob o ponto de vista de Deus, é começo. Com ela começa propriamente falando, a presença de Deus entre os homens. Tudo o que abarcamos pelo conceito de história é só prelúdio a esse ato.<sup>988</sup>

A nova Jerusalém é o sinal da renovação de todas as coisas<sup>989</sup>. O fim que se transforma em começo. Começo traz a transformação final prometida pelos profetas. Uma nova realidade que faz com que tudo e todos alcancem a sua verdadeira condição em Deus. Isso é o Wolfhart Pannenberg quis dizer ao afirmar que a origem criadora de todas as coisas está no futuro de Deus e, à luz desse futuro, se torna objetivo aquilo que as coisas e as pessoas serão<sup>990</sup>. Numa prolepse, essa é a ideia de Pannenberg, a criação fosse a antecipação daquela realidade que, hoje, é percebido como futuro. Princípio e fim são imagens refletidas de uma mesma coisa. É nesse sentido que Comblin também caminha. Para ele, o futuro de toda a realidade estava no princípio de todas as coisas, enquanto o presente é o modo pedagógico de ensinar a alcançar essa meta. O futuro é a perfeita reconciliação de toda criação com o seu Criador.

<sup>986</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Espírito no Mundo**, p.39.

<sup>987</sup> COMBLIN, J. **O Espírito no Mundo**, p.39.

<sup>988</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, pp.95-96.

<sup>989</sup> O escritor de Apocalipse dá o tom da dinâmica transformadora da nova Jerusalém. O escritor optou por utilizar o termo grego καινός ao termo νεός. Ambos os termos podem ser traduzidos para o português como novo. Todavia, o termo καινός assinala no uso do Novo Testamento o sentido de não-usado, infamiliar, interessante, assumindo semelhança ao seu no grego clássico, onde denota aquilo que qualitativamente diferente do que já existia. Καινός pode ainda trazer a ideia de renovação, de modo que o novo trazido pelo eschaton é a restauração de todas as coisas e pessoas. Cf. HAARBECK, H.; LINK, H-G; BROWN, C. **Novo**. In: **DITNT**, pp.1402-1406; HOEKEMA, A. **A Bíblia e o Futuro**, p.330.

<sup>990</sup> Cf. PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**, vol.3, p.698.

A nova Jerusalém é a reconciliação do homem e da natureza: a natureza humanizada é uma cidade [, um mundo], e uma cidade como vida comunitária dos homens. A cidade de Deus é a reconciliação do homem com o homem. Se nossas cidades, mesmo aquelas em que a Igreja anuncia a palavra evangélica, são sempre signos da injustiça, dos privilégios de uns e da humilhação de outros, a cidade de Deus é unicamente sinal de comunhão. A nova Jerusalém é também reconciliação da natureza e de Deus, posto que é a natureza feita transparência de Deus. É reconciliação entre o homem e Deus, já que não necessita de templos nem de sinais do divino, sendo em si mesma sinal de Deus<sup>991</sup>.

A transformação do mundo é a conclusão da ação de Deus. A glorificação de toda a sua obra e a reconciliação de toda ela. Comblin indica ao menos quatro níveis, mas não em ordem de importância. Primeiramente, o ser humano será reconciliado com a natureza. No desenvolvimento do mundo, a relação homem-natureza tem se mostrado um desastre. Por meio de uma atitude predadora, a humanidade tem imposto à natureza toda sorte de corrupção e miséria, por causa de uma ganância desenfreada. A denúncia espantada e urgente do papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS, 2), expõe a gravidade dessa pernicioso relação, bem como exorta a humanidade, católica ou não, uma nova forma de vida.

Esta irmã [a terra] clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.

A visão de Comblin acerca do futuro do mundo sob Deus é que o mundo natural e a humanidade serão . A libertação da humanidade do seu jugo será a liberdade de toda a criação<sup>992</sup>.

Em segundo lugar, o ser humano será reconciliado com os seus iguais. Para Comblin, um dos importantes aspectos do futuro do mundo é a superação da contradição entre o poder e os outros<sup>993</sup>. Todas as diferenças e marcadores socioeconômicos, que distanciam o ser humano do seu outro, ou ainda os aproxima, mas numa relação opressão-sujeição, desaparecerão, pois o futuro do mundo é a vida sob o Reino de Deus, num mundo formado de reis<sup>994</sup>. Superar-se-á no futuro do mundo a reconciliação da humanidade entre si. A comunhão da humanidade é a

<sup>991</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p. 117-118.

<sup>992</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.117.

<sup>993</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.114.

<sup>994</sup> COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**, p.114.

comunhão de Deus. É a manifestação da glória divina; por meio da comunhão humana, Deus se faz visível<sup>995</sup>.

Em terceiro lugar, a reconciliação entre a natureza e Deus. No eschaton, quando o mundo alcançar o seu propósito, a própria natureza há de se reencontrar com o seu Criador. Não mais para “ocultar a verdadeira face de Deus”, e ser lugar para fabricar ídolos, mas para que toda a criação se faça teofania, uma manifestação de Deus<sup>996</sup>. Como disse Comblin:

A ideia cristã é que Deus se faz visível nas obras do trabalho, nos bens materiais, nos valores económicos, nas riquezas. Trata-se, pois, de reconciliação do mundo material com Deus. A matéria está exorcizada, livre da corrupção em que o paganismo a submergiu. E entendemos a matéria no sentido duplo da consciência contemporânea: o cosmos e as riquezas, as realidades cósmicas constituídas valores, utilidades, satisfação. [...]. A matéria se fez beleza, e, como tal, é revelação de Deus, do que Deus manifesta de si em seu dom à criação<sup>997</sup>.

Por último, o ser humano também será reconciliado com o seu Criador. Comblin lança mão das imagens do Apocalipse de João para descrever essa reconciliação<sup>998</sup>. O padre Comblin chama a atenção para o fato da Nova Jerusalém vista por são João não ter templo ou qualquer outra estrutura religiosa. “O próprio Deus é seu templo”, diz Comblin (Ap 21,22)<sup>999</sup>. Uma novidade qualitativamente diferente da conhecida. Entranho tanto para as religiões não-cristãs como também para muitos cristãos<sup>1000</sup>. Rompe-se definitivamente todo dualismo sagrado-profano. Tudo se aproxima de Deus e é por ele cheio de sua glória<sup>1001</sup>. E cheia da glória e santidade de Deus todas as coisas são transformadas. Logo, não se pode falar em mal ou pecado. A inimizade e oposição da humanidade contra Deus não tem mais razão de ser. Deus se fará tudo em todos (cf. 1Co 15,28). Essa é a salvação em sentido último.

### 3.3 Indicações para uma proposta de Relação Integradora entre a Igreja e o Mundo

Nas seções anteriores, procurou-se apresentar, analisar e refletir sobre a teologia-missionária do presbiteriano Lesslie Newbigin e do católico José Comblin,

<sup>995</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.102.

<sup>996</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.105.

<sup>997</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.105.

<sup>998</sup> Cf. COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.110-118.

<sup>999</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.110.

<sup>1000</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.111.

<sup>1001</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Cidade*, p.112.

a fim de verificar o entendimento de ambos acerca da relação entre a Igreja e o Mundo. Nesta seção, objetiva-se reunir e articular num único pensamento as contribuições de ambos os autores, que venha constituir o objeto formal desta investigação, isto é, a maneira como serão julgados o objeto material desta investigação, a saber, os processos evangelizadores da IP-ST. Não é demais relembrar a essa altura que a metodologia que nos acompanha é a denominada ver-julgar-agir, um processo dialético de que muito tem auxiliado na produção de teologias que assumam o caráter de práxis, ações que sejam a encarnação de ideias e conceitos marcadamente relevantes à experiência cristã.

Tanto Newbiggin como Comblin trilharam o mesmo caminho. O caminho missionário da Igreja e da reflexão teológica feitas no chão das realidades nas quais serviram. Ambos experimentaram as mudanças de época drasticamente marcadas pelo contexto das Grande Guerras na Europa. Cada um à sua maneira, viram a ascensão da secularização e do secularismo no mundo ocidental. Ambos deixaram sua terra para o fazer anúncio do Evangelho em terras estranhas. A nova realidade em se colocaram exigiu de cada um a reflexão de como comunicar a Boa-Nova do Reino de Deus a grupos tão diferentes daquele de onde saíram. Entretanto, apesar de toda distância espacial, confessional ou mesmo cultural entre ambos e suas novas realidades, a produção deles se aproximam de uma maneira surpreendente.

Tanto Newbiggin e como Comblin tinham o consenso de começar a sua reflexão teológico-missionária no agir do Deus Uno e Trino, revelado nas Escrituras e pela Palavra encarnada, Jesus. Iniciando pela doutrina trinitária de Deus, conforme pensou Newbiggin, é que é o fundamento daquilo que foi chamado de *missio trinitatis dei*, a ação salvadora realizada para a restauração de toda criação, a começar pela humanidade, percebeu-se o quanto Deus se importa com a salvação humana e, conseqüentemente, da criação<sup>1002</sup>. A articulação de cada pessoa da Trindade Santíssima para alcançar esse objetivo torna-se, portanto, o modo da ação da Igreja, bem como estabelece as bases relacionais da Igreja em relação ao Mundo. Comblin não é diferente, embora sua reflexão seja profunda e acentuadamente cristocêntrica. Jesus, sua pessoa, suas palavras e suas obras apontam para a sua

---

<sup>1002</sup> Cf. NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.158; NEWBIGGIN, L.A **Igreja Missionária no Mundo Moderno**, p.70ss.

missão que não é outra, senão, a missão de Deus Pai, que lhe enviou<sup>1003</sup>. Jesus se configura na reflexão de Pe. Comblin como o modelo a ser imitado em todos os sentidos da vida, inclusive na missão. E, nessa imitação missionária, cada um dos pequenos detalhes da vida do Salvador é indicativo tanto para a ação individual dos discípulos e das discipulas como da ação comunitária na Igreja. Coisa que Newbigin também concorda. Aliás, ambos entendem que a práxis missionária de Jesus é o modelo de todo o envio e de toda a missão (cf. Jo 21,20).

O Evangelho, proclamado pelo Nazareno, anunciava que o amor de Deus pela humanidade, anunciava também a presença do seu Reino, isto é, a sua poderosa e soberana intervenção para conduzir todas as coisas ao seu governo que é de amor, e de justiça, paz e alegria (cf. Rm 14,17). Para Newbigin e Comblin, o Evangelho não é apenas o anúncio verbal de uma mensagem, mas a intervenção dos agentes dessa mensagem que, em ações e gestos, dão rosto e corpo ao que está sendo dito e anunciado. Consequentemente, este Evangelho é anunciado, nos dias de hoje, pela Igreja, o povo escolhido por Deus para serem agentes da sua missão. Entendendo a sua eleição não para o bem próprio, mas para o bem daqueles que nada conhecem do Deus e Pai de Jesus Cristo, a Igreja se coloca em rumo para a sua realidade, voltando-se para a sua sociedade e cultura, com as palavras do Evangelho, mas também com a consciência de que o mal há de confrontá-la, como foi feito com Jesus.

A aliança de Deus com o seu novo povo não é para a exclusividade da salvação, mas é para a universalidade, para todas as tribos, línguas, povos e nações (cf. Gn.12,3-4; Ap 14,6). O chamado para ser o povo de Deus é também para ser povo missionário. De modo que, a ação evangelizadora da Igreja, se torna um agir para a salvação da humanidade, libertando-a do pecado, e também no agir para a transformação de todas as esferas e estruturas socioculturais que foram atingidas pelo pecado, já que a salvação do ser humano é também a salvação de sua realidade.

Desta maneira, a missão não pode ser entendida apenas com atividade de missionários que deixam suas famílias, suas comunidades e vão para outras paragens, a fim de anunciar a Boa-Nova. Toda missão é sempre um movimento e uma ação para um objeto e objetivo. No sentido atual, o agente e sujeito da missão é a Igreja, enquanto povo de Deus. Um povo que, seguindo a dinâmica do Antigo

---

<sup>1003</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**; pp.16-20; COMBLIN, J. **Jesus: O Enviado do Pai**, pp.7-22; COMBLIN, J. **Jesus de Nazaré**, pp.11-28.

Testamento como Israel, é um povo para os demais povos. Um povo que se põe em marcha como testemunho às nações da ação de Deus. Na simultânea submissão ao Reino de Deus, que é justiça, paz e alegria no Espírito, segundo o São Paulo (Rm 14,17), e na negação da opressão, injustiça e covardia humana, socialmente presente nas estruturas da realidade, que é denominada mundo, a Igreja testemunha nova possibilidade de vida. A vida que começa no encontro do ser humano com Jesus Cristo. Pela Palavra de Deus e pelo seu Espírito, a vida humana é transformada e é feita apta para iniciar um processo de contínua conversão. O grupo das mulheres e homens que empreendem esse movimento é a Igreja.

O Mundo, visto desta maneira, não é um caso perdido. As pessoas, a sociedade e a cultura sentem o incomodo do mal, mesmo assim todas essas dimensões continuam sendo o “esplêndido teatro da glória de Deus”<sup>1004</sup>. Para Newbiggin, o mundo é o lugar da agência da Igreja, o ambiente da missão<sup>1005</sup>. É nele que estão as pessoas, os seus modos de conhecer e entender as coisas, suas produções socioculturais. O mal que se apropria indevidamente desses espaços deve ser superado e vencido pela mensagem do Reino de Deus, que se torna presente em Jesus. Nesse mesmo sentido, Comblin estende que mundo nem é um ente, nem tampouco uma realidade paralela a Igreja, mas o espaço da realidade em que todas as coisas se encontram. Assim, há uma necessidade de uma relação de alteridade pela qual a Igreja e o Mundo se olhem e dialoguem. A pretensão da missão no mundo, dizia Comblin, é “penetrar em tudo, querendo transformar tudo”<sup>1006</sup>.

Diante da articulação feita acima, é possível considerar alguns aspectos que devem orientar a Igreja cristã como um todo, e não apenas a IP-ST, numa evangelização que seja integradora, aberta e responsável pelo mundo e sua salvação. Pode-se, então, apresentar as seguintes perspectivas da relação Igreja-Mundo sob à reflexão teológica de Newbiggin e Comblin:

1. A relação Igreja-Mundo deve ser Teo-referente. A relação entre a Igreja e o Mundo deve ter como referência o próprio modo do Deus Uno e Trino se relacionar com esse mesmo mundo. Se a Santíssima Trindade agiu e tem agido para a salvação de todo aquele que crê (Jo 3,16; Rm 1,17), então, a Igreja não pode proceder de outra forma. Algumas palavras podem orientar, o que está sendo dito:

<sup>1004</sup> Cf. CALVINO, J. IRC, I:VI:2.

<sup>1005</sup> NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.269.

<sup>1006</sup> COMBLIN, J.A **Teologia da Missão**, p.13.

Amor (Pai), Encarnação (Filho) e Ação (Espírito Santo). Dito de outra maneira, a relação entre a Igreja e o Mundo se faz pelo amor da Igreja pelo mundo, pela encarnação da Igreja no mundo e pelo agir da Igreja em favor do mundo. O Deus que é ação, como disse Comblin, dá o primeiro passo em direção a libertação, transformação e salvação da humanidade que acontece dentro da história do mundo e não fora dela<sup>1007</sup>.

Note-se que toda essa relação acontece com a Igreja, assim como Deus, sendo quem dá o primeiro passo sem esperar ou exigir algo em troca. O altruísmo sacrificial é o modo do agir salvador de Deus. Um agir que não é distante da realidade da humanidade que se pretende salvar. Antes, é um adentrar a essa realidade, a esse espaço e assumir as condições e recursos do trabalho humano, isto é, “todas as forças humanas, mentais e corporais, para produzir efeitos reais, concretos de transformação da matéria e da cultura”<sup>1008</sup>. Isso é a encarnação. E se Deus entrou na história do mundo, essa também deve ser a atitude da Igreja.

2. A relação Igreja-Mundo deve ser dialogal. Esse aspecto conta com uma maior contribuição de Newbigin, já que sua experiência o colocou numa realidade oposta à realidade sociocultural do Ocidente, na qual ele havia crescido. Em seu contato com os indianos, de modo geral, Newbigin se demonstrou interessado nas pessoas, em seus anseios, em seus desejos, suas organizações e em sua cultura. Nesta abertura, Newbigin procurou o diálogo com monges hindus, com os quais ele promovia a leitura tanto do evangelho de João como dos Upanishads hindus. Porém, Newbigin tinha em mente o pressuposto que não há salvação em nenhum outro nome, exceto o de Jesus. Uma vez que ele procurava escapar do sincretismo e da irrelevância, e evitar o etnocentrismo bem como o relativismo, o diálogo era real e interessado no outro, ao mesmo tempo que havia o interesse na salvação<sup>1009</sup>, além do interesse em conhecer a realidade que os cercam, como o próprio Newbigin esclarece:

<sup>1007</sup> COMBLIN, J.A **Teologia da Missão**, p.9.

<sup>1008</sup> COMBLIN, J. **Jesus: o enviado do Pai**, p. 16.

<sup>1009</sup> Não se pretende aqui fazer qualquer juízo de valor sobre o diálogo inter-religioso. Aliás, às vezes Newbigin cai em contradição assumindo uma salvação universalista e ao mesmo tempo falada necessidade de se apresentar o Evangelho para a salvação. Nos parece que Newbigin está interessado, no mínimo, que os povos conheçam a causa da sua salvação – Jesus Cristo. Os que aderirem a igreja, tornam-se responsáveis pelos demais (eleitos para o anúncio do Evangelho). Os que não se tornam cristãos continuam a vida dentro dos seus padrões socioculturais, por vezes opressores.

A posição que descrevi é exclusivista no sentido de que afirma a verdade ímpar da revelação em Jesus Cristo, mas não é exclusivista no sentido de negar a possibilidade da salvação do não cristão. É inclusivista no sentido de que se recusa a limitar a graça salvífica de Deus aos membros da igreja cristã, mas rejeita o inclusivismo que considera as religiões não cristãs como meios de salvação. É pluralismo no sentido de reconhecer a obra da graça de Deus na vida de todos os seres humanos, mas rejeita um pluralismo que nega a singularidade e o caráter decisivo do que Deus fez em Jesus Cristo<sup>1010</sup>.

O Evangelho não é uma imposição do mais forte ou mesmo monólogo. A Boa-Nova do amor divino é sempre um chamado ao arrazoado entre a maldade e o pecado humano e a graça e o perdão divinos (cf. Is 1,18-19; 1Jo 1,5-10). Neste sentido, a Igreja cristã precisa se abrir ao diálogo com a cultura, as religiões não-cristãs e as outras comunidades eclesiais cristãs, a fim de compreender o seu momento e o kairós divino, para que lhe seja possível e com maior entendimento realizar a missão que lhe foi outorgada por Jesus (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15).

3. A relação Igreja-Mundo deve ser contrastante. Essa perspectiva está mais evidenciada na teologia-missiológica de Newbigin. Ser uma comunidade de contraste significa que uma igreja local deve ser no seu espaço, a intérprete da história, demonstrando no seu contexto, pela sua vida, fé e ação, a nova vida gratuitamente dada por Deus<sup>1011</sup>. Nessas dimensões – vida, fé e ação – a igreja participa do seguimento de Jesus Cristo, convidando as demais pessoas para se ajuntarem a ela nessa caminhada. Segundo Goheen, a igreja realiza essa tarefa da seguinte maneira:

Esses três aspectos do modo de vida que Jesus requer – apontando para o desígnio que Deus tinha em mente para a vida humana com a criação, assumindo forma contextual em vários cenários culturais e posicionando-se contra os ídolos da cultura (dominante) – se unem em um modelo do que significa ser comunidade de contraste, um povo que vive como uma cidade sobre um monte, oferecendo luz para o mundo<sup>1012</sup>.

Ser uma comunidade significa viver o testemunho da presença de Deus no mundo por meio da Igreja, uma vez que “Newbigin acreditava que o amor, a justiça e a paz deveriam caracterizar a contracultura cristã, os quais também são os meios principais para dar testemunho de Deus numa sociedade pluralista”<sup>1013</sup>. A Igreja, portanto, vive sua nova vida e que é o anúncio testemunhal da salvação.

<sup>1010</sup> NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.234-235.

<sup>1011</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.291-298; NEWBIGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, pp.124-134.

<sup>1012</sup> GOHEEN, M. **A Igreja Missional na Bíblia**, p.116.

<sup>1013</sup> KELLER, T. **Serving a Movement: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in Your City** 2016. [ePub].

4. A relação Igreja-Mundo deve ser contestadora. A figura da cidade edificada sobre o monte não é símbolo de isolamento. Esta quarta relação Igreja-Mundo é complementar a anterior. Ao ser luz e testemunhar sobre o Evangelho, a Igreja também denuncia o pecado e o mal existente no mundo. Tanto Newbigin como Comblin entendem que a Igreja não pode ficar indiferente ao mal ou subestimá-lo. Deste modo, à Igreja, assim como o antigo Israel, cabe a tarefa de “denunciar o mal do mundo e a anunciar uma libertação futura”<sup>1014</sup>. Assim, a Igreja participa da realidade comum com o mundo. E como uma comunidade contrastante, a Igreja profeticamente denuncia passiva e ativamente o mal, a opressão e o pecado.

5. A relação Igreja-Mundo deve ser libertadora. A perspectiva libertadora está mais presente na reflexão de Comblin, porém não está excluído do pensamento newbigiano. O mundo para Newbigin não é neutro. Suas estruturas socioculturais estão permeadas pelo pecado e pelo mal. Nesse sentido, o problema não são as pessoas nem tampouco as estruturas em si. O mal e o pecado que ocupam essas estruturas – governo, judiciário, polícia, tráfico, entre outras – é que devem ser confrontados pelos discípulos e discípulas de Jesus. A injustiça, a pobreza, desigualdade e todas as demais consequências de uma ação opressora devem ser negadas e todas as ações para transformar essas realidades devem ser envidadas pela Igreja, nem que isso lhe custe a vida. Com tudo isso também concorda Comblin.

6. A relação Igreja-Mundo deve ser cuidadora. Cuidar é o mesmo que servir. Esta perspectiva é consequência da anterior. Ao promover, ao proclamar libertação aos cativos pelo anúncio evangélico, a Igreja se prontifica a dar sinais da presença do Reino de Deus, por meio de ações que minimizem a dor e o sofrimento. Se Jesus é o paradigma da ação da Igreja, então, esta tem, em meio ao seu testemunho, a responsabilidade de ser promotora do amor, justiça e paz que proclama, assumindo o dever do cuidado com os pobres, termo que ganha várias nuances além daquela que é material. Porquanto, existindo várias dimensões da única realidade humana, é possível encontrar a experiência de abandono, sofrimento e morte em todos os cantos da cidade, da favela ao condomínio, e para todos esses pobres é o Reino de Deus.

---

<sup>1014</sup> Cf. COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.87.

Deste modo, não basta apenas apontar a direção da salvação de Jesus Cristo, é preciso também que a Igreja limpe e pense as feridas, doe de si mesma, acolha e cuide daqueles que forem encontrados nas periferias e nas beiras dos caminhos existenciais deste mundo (cf. Lc 10,30-36).

### 3.4 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, procurou-se analisar o pensamento teológico de dois autores de diferentes origens e com distintos itinerários teológicos e missionários, mas cujos pensamentos se aproximam e mutuamente se complementam: o presbiteriano inglês Lesslie Newbigin e o católico belga José Comblin. Ficou evidente que o ponto de intersecção de ambos é a Missão. Ambos foram missionários e, sobre a perspectiva daqueles que lançaram mão desse arado, Newbigin e Comblin estabeleceram suas respectivas teologias sobre essa base comum. A missão foi para eles tanto fonte de sua reflexão como de sua ação.

Ao analisar o material desses dois teólogos-missionários, intentou-se a construção do objeto formal desta tese: uma específica relação entre a Igreja e o Mundo. O modelo específico e comum de uma relação entre a Igreja e o Mundo elaborada a partir da síntese das teologias de Newbigin e Comblin oferece um padrão missionário de evangelizar que não pretende afastar a Igreja da realidade na qual ela se encontra, isto é, o Mundo. Ao contrário, esse padrão exige que o Mundo seja considerado e visto pela mesma perspectiva que Deus o vê. Por isso mesmo exige aproximação, abertura, preocupação e amor<sup>1015</sup>.

A proposta de Newbigin é o contraste. A Igreja apresenta em si o Reino de Deus. Não um contraste que crie repulsa, mas que seja convidativo para uma nova experiência de vida. Por sua vez, Comblin propõe a alteridade como elemento determinante da relação Igreja-Mundo. Reconhece-se no mundo suas conquistas e alegrias, ao mesmo tempo que se está consciente da presença do mal. Dissocia-se o mundo do mal. E olha para o mundo com misericórdia e com vontade de transformá-lo. E, apesar do mal, lança-se a esse projeto salvador.

---

<sup>1015</sup> Nas palavras de Martin Buber: “Amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu: nisto consiste a igualdade daqueles que amam, igualdade que não pode consistir em um sentimento qualquer, igualdade que vai do menor, ao maior do mais feliz e seguro, daquele cuja vida está encerrada na vida de um ser amado, até aquele crucificado durante sua vida na cruz do mundo por ter podido e ousado algo inacreditável: amar os homens”. Cf. BUBER, M. **Eu e Tu**, p.17.

Desta maneira, missionar e evangelizar não são entendidos como desconstrução social ou cultural, uma vez que cada uma dessas dimensões qualifica e determina o ser humano como pessoa. O mal presente nas diversas formas de opressão, de exploração, de injustiça, de violência e de covardia, perpetuadas por estruturas perversas de poder, que desumanizam o indivíduo e o destrói; esse, sim, é o verdadeiro inimigo, de quem o próprio Jesus pediu ao Pai que livrasse os seus discípulos (Cf. Jo 17,15). O Evangelho contesta, confronta e busca libertar o mundo do mal, porém, sempre se aproxima preocupada e amorosamente do mundo em meio as suas dores provocadas pelo mal.

Pensar a evangelização é, portanto, buscar uma aproximação com o mundo. Cabe agora, para esta investigação, o último passo do processo desta investigação: o Agir.

## 4

### **Por uma Evangelização Integradora: pistas e modelos para processos evangelizadores numa relação Igreja-Mundo**

Ao longo desta tese se buscou refletir sobre a compreensão da evangelização, por meio da análise de processos evangelizadores concretos, em chave de integração-inclusão, que superasse o dualismo algo muito comum na relação Igreja-Mundo. Para tanto, os processos evangelizadores da Igreja Presbiteriana em Santa Teresa se tornaram o objeto material desta investigação. Esses processos foram analisados em busca de perceber como os membros dessa comunidade local têm incorporado a mensagem evangélica. Chegou-se à conclusão que essas ações evangelizadoras não dão conta plenamente de apresentar o Evangelho, de maneira que a relação entre a Igreja e o mundo seja construída sobre fundamentos não-dualistas. Em outras palavras, o Evangelho apresentado é capaz de produzir o sentimento de pertença, de acolhimento e de comunhão dos membros dessa comunidade. As virtudes teológicas, sendo a maior delas o amor (cf. 1Co 13,13), são percebidas nas falas da membresia entrevistada. Porém, a Igreja Presbiteriana em Santa Teresa, a partir da fala de seus membros, é uma comunidade sinagoga, utilizando a imagem combliniana. Está predominantemente fechada sobre si mesma, em busca de sua autopreservação e manutenção do seu status quo.

Para se chegar a essa conclusão, foram examinadas as produções teológicas de Lesslie Newbigin e José Comblin, procurando nelas um entendimento comum de uma relação Igreja-Mundo que fosse não-dualista. A escolha de ambos se deveu ao fato que eles exerceram os seus respectivos ministérios numa perspectiva evangelístico-missionária. Eles se dispuseram ao anúncio do Evangelho e ao serviço por ele exigido. Das suas experiências no chão da missão, tanto Newbigin como Comblin produziram suas teologias, reflexo das dificuldades enfrentadas e, ao mesmo tempo, das vitórias concretizadas e das suas aspirações evangelizadoras alcançadas.

Em ambos os casos, afirmou-se que a evangelização não se faz com fechamento para o outro. O dualismo em chave de negação-oposição, embora traga uma falsa ideia de preservação da santidade, na verdade, conduz a Igreja ao

isolamento em si mesma, a uma forma de desprezo pelo outro, que é o Mundo, e ao fechamento sobre si. Na intenção, muitas vezes sincera, por evitar o mal, lançam-se fora muitas as oportunidades para o anúncio da salvação.

Neste capítulo, que é o último desta tese, pretende-se apresentar uma forma de ação e de intervenção nos processos evangelizadores das Igrejas cristãs, relacionando o objeto material e o objeto formal desta investigação, no intuito de encontrar um modelo de ação evangelizadora específica em uma relação integradora entre a Igreja e o Mundo. Será a inserção daquilo que a fé crê, no espaço sempre dinâmico da existência humana, apresentando as verdades da reflexão teológica, que dizem respeito à vida e à salvação, a fim de que elas sejam cridas, amadas e vividas<sup>1016</sup>. Trata-se de uma evangelização integradora. Basicamente, o que se pretende com esse termo é buscar um modelo de evangelização que faça a integração das diversas realidades que, aparentemente, possam ser concebidas em relação de oposição-exclusão. De maneira inicial, será destacada a relação Igreja-Mundo, que é a dimensão primeira que exige integração, mas que também faz com que sejam percebidas outras relações ligadas à tarefa evangelizadora da Igreja, nas quais o dualismo também precisa ser superado.

Por se tratar de uma tese sistemático-pastoral não se pretende restringir este capítulo a uma espécie de teorização, mas produzir e apresentar possibilidades de ação para que qualquer comunidade cristã, independentemente de sua confessionalidade, seja capaz de cumprir, de modo integrado, a missão recebida de Deus. Porquanto, a boa teologia foi sempre ministra da vida cristã<sup>1017</sup>.

Deste modo, procurar-se-á (1) definir o que foi denominado acima como evangelização integradora, enumerando, descrevendo e aplicando todos os seus aspectos componentes deste modelo proposto. (2) Posteriormente, serão demonstradas as responsabilidades do povo de Deus no processo de tornar a evangelização integradora um modelo aplicável de anúncio do Evangelho salvífico do Deus Uno e Trino. Utilizar-se-ão os conceitos de clero e laicato, não em chave de oposição-exclusão, mas considerando essa relação em chave integradora, porquanto, essa dualidade representa a existência da diversidade dos dons concedidos por Cristo (cf. Ef 4,11ss, Rm 12,4-8; 1Co 12,28-31) e da pluralidade em unidade do corpo do mesmo Cristo (cf. 1Co 12,1-27). (3) Em terceiro lugar,

<sup>1016</sup> BOFF, **Regras do Método Teológico**, p.283.

<sup>1017</sup> BOFF, **Regras do Método Teológico**, p.282.

serão considerados modos como a Igreja cristã pode assumir a tarefa evangelizado numa perspectiva integradora.

Antes de dar prosseguimento a este capítulo, algumas considerações precisam ser apontadas, a fim de se compreender o entendimento alcançado pelo confronto entre a pesquisa de campo e a análise dos pensamentos de Newbigin e Comblin. De maneira geral, percebeu-se que a evangelização praticada na IP-ST não é de todo efetiva, no sentido que o cotidiano é seccionado num dualismo sagrado-profano e, conseqüentemente, os enfrentamentos do dia-a-dia são percebidos numa perspectiva igualmente dualista. Observou-se que a tentativa, por parte dos entrevistados, de resolverem os seus dilemas à luz do ensino do Evangelho eram poucas. Na maior parte dos casos, verificou-se uma transferência de responsabilidade do crente para Deus. Assim, o embasamento bíblico para enfrentar a realidade, como afirmou uma entrevistada<sup>1018</sup>, é menos frequente do que o recurso da oração para que os problemas sejam sobrenaturalmente resolvidos<sup>1019</sup>.

Por outro lado, as demandas pessoais aparecem dissociadas da fé, como se o desejo do sucesso dos filhos, por exemplo, fosse uma demanda mundana e não como algo circunscrito também ao sagrado. Ou ao contrário, que as demandas eclesiais façam oposição a tudo aquilo que tenha alguma característica mundana. Predomina uma ruptura dualista da vida. Não há integração. Em ambos os casos, esquece-se do princípio presbiteriano de que a glória de Deus e a alegria humana são a finalidade do ser humano em todos os momentos de sua existência<sup>1020</sup>.

A partir disso, o dualismo sagrado-profano ganha maiores dimensões na relação Igreja-Mundo, que também é entendida numa chave de oposição-exclusão: a Igreja é santa e o Mundo é perverso. Logo, nesse tipo de entendimento, a melhor opção é o fechamento da Igreja em torno de si mesma. Entretanto, essa percepção sinaliza uma deficiência do modelo evangelizador adotado. O Mundo está contaminado pelo pecado, mas ele é o mesmo mundo que foi e é amado por Deus Pai, no qual caminhou e interagiu o Filho e é aquele que constantemente é renovado

<sup>1018</sup> IPF-3.04: “Partir do momento que você frequenta cultos, reuniões oração, estudos, escola bíblica, culto à noite, você tem embasamento bíblico, você tem todo esse aparato. [...]. Você tem todo o embasamento de doutrina, entendeu? Tem a Palavra falada, lida, ensinada, esplanada, vivida. Você troca ideia seja com o pastor seja com a comunidade ali vivida dentro. Você aprende também através de exemplos da convivência. E aquilo vai te reforçando, te crescendo, te fazendo crescer”.

<sup>1019</sup> IPM-4.07. IPF-4.02. IPM-4.03. IPF-4.03, p. IPF-3.04. IPF-4.07. IPF-1.05. IPM-1.02. IPM-1.03. IPF-2.01. IPM-5.01. IPF-3.03. IPM-2.01 p.; IPF-3.07.

<sup>1020</sup> Cf. CMW/BCW, Q-R 1

pelo Espírito Santo, que no entendimento da tradição reformada está relacionada com a doutrina da graça comum<sup>1021</sup>. E tão grande é o amor do Deus Uno e Trino pelo mundo, que a Igreja está obrigada pela sua natureza a também amar o mundo que é amado por Deus. E de igual modo, caminhar por ele, agir sobre ele, para que todo o mundo seja inteiramente liberto do mal.

Contudo, não é isso que se destaca na IP-ST e, semelhantemente pode ser aplicado a outras comunidades eclesiais. As razões para isso são muitas. Vão desde a impregnação do dualismo na cultura ocidental até o ensino bíblico nesta chave de leitura, passando pela compreensão individual de termos muitas vezes ambíguos presentes no discurso evangelizador. Desta forma, ocorre a manutenção desse modelo de entendimento.

Escarificando a própria carne, torna-se necessário reconhecer que a evangelização da IP-ST assumiu a tarefa de construir um código de conduta moral, muito mais do que ser fonte para uma vida que usufrui a liberdade presente na salvação de Deus. Esse código gera ruptura do cristão da realidade. Santifica ou demoniza certos aspectos da vida, com o objetivo de traçar uma metodologia para fazer a manutenção da salvação, isto é, a vida eterna nos Céus<sup>1022</sup>. Isso fatalmente tem conduzido essa comunidade ao processo de se tornar uma sinagoga, como foi

---

<sup>1021</sup> Cf. BERKHOF, **Teologia Sistemática**, p.400: “Ao lado da doutrina da graça particular, ele desenvolveu a doutrina da graça comum. Esta graça é comunal, não perdoa nem purifica a natureza humana, e não efetua a salvação dos pecadores. Ela reprime o poder destrutivo do pecado, mantém em certa medida a ordem moral do universo, possibilitando assim uma vida ordenada, distribui em vários graus dons e talentos entre os homens, promove o desenvolvimento da ciência e da arte, e derrama incontáveis bênçãos sobre os filhos dos homens”.

<sup>1022</sup> Existe uma forte influência no meio protestante brasileiro da soteriologia do teólogo holandês Jacob Armínio (1560-1609). Grosso modo, as teses arminianas se aproximam ao pelagianismo ou ao semipelagianismo, afirmando uma salvação que depende do arbítrio humana para se concretizar. Numa versão mais popular e influente no contexto protestante no Brasil, a salvação é experimentada de maneira tensa, uma vez que ela pode ser perdida a qualquer momento. Como escrever Antonio Gilberto, escritor assembleiano: “A livre-escolha do homem e uma realidade incontestável. A Bíblia acentua a cada passo a responsabilidade do homem no tocante a sua salvação. Deus oferece a salvação e, mediante o seu Espírito, convence o pecador do seu pecado, da justiça e do juízo. O homem aceita a salvação ou rejeita-a [...]. Não existe graça irresistível. O homem através dos tempos tem resistido a Deus, por sua incredulidade e rebeldia [...]. Ora, a ação do Espírito Santo no pecador, para que se salve, é persuasiva, e não compulsória: (2 Co 5.11). Um cristão salvo pode vir a se perder; pode, sim, desviar-se, cair em pecado e perecer, caso não se arrependa ante a insistência do Espírito. [...]. O crente está seguro quanto a sua salvação enquanto permanecer em Cristo (Jo 15.1-6)”. Cf. GILBERTO, A. **Soteriologia: A Doutrina da Salvação**. In: Gilberto, A. (org.). **Teologia Sistemática Pentecostal**, pp.371-373. Neste sentido, a salvação tem que ser mantida com todo esforço humano. A salvação se torna uma questão maciçamente antropológica e pouco teológica. É digno de nota que a teologia presbiteriana se oponha confessionalmente a essa formulação, embora num nível popular nem sempre isso é válido. E que o papa Francisco condenou esse entendimento pelagiano como inimigo sutil da santidade, em *Gaudete et Exsultate* (35).

tratado por Comblin<sup>1023</sup>. Entretanto, o próprio Comblin deixou clara a possibilidade de uma igreja missionária e evangelizadora surgir a partir de uma igreja sinagoga<sup>1024</sup>.

Neste sentido, o interesse desse capítulo é apresentar algumas definições, apontamentos e pistas que colaborem com as Igrejas cristãs, no sentido de assumir a sua natureza missionária, sendo capaz de apresentar o Evangelho salvador, experienciar o Reino e integrar tudo aquilo que foi separado de Deus pelo pecado. Mas também, reintegrar, superando o dualismo, todas as estruturas da realidade, encontrando uma noção de integralidade. Isto é o que se pretende com uma evangelização integradora.

#### 4.1

#### **Evangelização: Pistas para uma definição Integradora**

Ao longo de toda esta investigação foi discutida a evangelização, vista na realidade específica da IP-ST, julgada à luz da relação Igreja-Mundo, à partir da teologia de Lesslie Newbigin e José Comblin. A síntese dessa discussão pode ser expressa na necessidade do que será denominado de Evangelização Integradora. Por Evangelização Integradora, intenta-se denominar um modelo de evangelização que é realizada numa chave-de-leitura que integre a Igreja e o Mundo, criando uma via entre essas duas dimensões de uma única realidade, buscando a superação de todo e qualquer dualismo. A integração pretendida, por esse modelo de evangelização, traz o entendimento de que o mundo não é neutro e que existem elementos irreconciliáveis no mundo em relação ao Evangelho, sendo o contrário igualmente verdadeiro. Não obstante, sempre que possível, a Igreja deve buscar o diálogo com o mundo, como uma forma de evangelizá-lo. Exemplo disso é a impossibilidade da Igreja, mesmo em nome de anunciar o Evangelho, fechar os olhos à perpetuação de algum tipo de violência e opressão. Ou ainda legitimar qualquer prática que seja condenada pelo Evangelho. Não se pode jamais relativizar a ética<sup>1025</sup>.

---

<sup>1023</sup> Cf. COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p.28

<sup>1024</sup> Cf. COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p.90-91.

<sup>1025</sup> Cf. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, p.87.

A evangelização integradora deve ser entendida como uma práxis. Não se trata de um método passo-a-passo, algo muito comum em manuais sobre evangelismo e crescimento de igrejas, publicados por editoras protestantes<sup>1026</sup>. Antes, essa proposta parte da análise de uma realidade concreta, que se tornou em reflexão, oferecendo pistas e possibilidade ações, cujo objetivo é tonar conhecida ao mundo a graça de Deus, que foi revelada pelo seu Filho, Jesus. Logo, essas possíveis ações são fruto de uma reflexão teológica e dos pressupostos alcançados por ela, como práxis, isto é, ações evangelizadoras que surgem de uma reflexão, ajuntando numa coisa só o refletir teológico e o agir evangelizador. E, como toda ação evangelizadora acontece em uma determinada realidade com suas características próprias e individualizadas, uma evangelização que seja integradora precisa de reconhecer e adequar-se ao seu *sitz im leben*.

Assim, neste item, serão apresentados os aspectos constituintes de uma evangelização integradora. Ao evangelizar, a Igreja precisa considerar que o anúncio deve ter em conta muito mais do que o simples cumprimento da ordenança do Ressuscitado (cf. Mt 28,20; Mc 15,16). O ato de evangelizar integradoramente é constituído de alguns aspectos que dão sentido a todo o processo de anunciar o Reino de Deus presente em Jesus Cristo.

#### 4.1.1 O Aspecto Teo-referente da Evangelização

O trabalho de reflexão sobre as teologias-missionárias de Newbigin e Comblin revelou vários traços em comum, sendo que ambos sustentam o princípio de que toda a ação da Igreja é ou deveria ser um reflexo da ação trinitária. O Deus que é missionário, que está em contínua ação para realizar a salvação do mundo, objeto do seu amor, é o paradigma que melhor determina o modo de agir da Igreja cristã. Quando a ideia de uma evangelização integradora é afirmada, existe a necessidade de considerar, antes de qualquer coisa, que se trata de uma práxis missionário-evangelizadora, nascida da reflexão teológica sobre a Trindade e sua

---

<sup>1026</sup> O mercado literário protestante brasileiro está repleto de manuais desse modelo de evangelismo. Em geral, trata-se da narração de pastores que desenvolveram algum tipo de trabalho que deu certo, resultando numa “nova igreja”. Alguns exemplos podem ser dados: WARREN, R. **Uma Igreja com Propósito**. São Paulo: Vida, 2001, 392p; COMISKEY, J. **Crescimento Explosivo da Igreja em Células**, 2 ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 1997. SCHWARZ, C. A. **O desenvolvimento natural da Igreja**: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das Igrejas saudáveis. Curitiba: Esperança, 2010, 128p.

ação para realizar a salvação da humanidade. Ao refletir sobre a ação salvadora trinitária não apenas é possível considerar modos de agir, mas também é possível encontrar pistas para melhor entender a motivação, o processo e a finalidade da ação evangelizadora da Igreja. Logo, essa é a ideia de uma evangelização teo-referente.

Falar sobre uma evangelização teo-referente é assumir, como paradigma do anúncio da Boa-Nova, a imitação do agir divino, que visa a salvação. As motivações e as ações da Trindade imanente e econômica<sup>1027</sup>, conforme apresentadas no texto bíblico e refletidas pela fé da Igreja, devem orientar a Igreja em sua missão. A Trindade é a causa e o agente primeiro da salvação. A Igreja, como sinal dessa salvação, aponta para essa realidade e, por isso, deve participar da ação salvífica do Deus Uno e Trino, imitando e referenciando-se nele. Dito isto, é possível considerar três níveis que o agir missionário de Deus devem se tornar referência para a Igreja.

O primeiro nível é o da imitação da motivação. Motivação fala sobre estímulo ou causa para alguma ação posterior. Nesse sentido, não seria estranho afirmar que Deus agiu a partir de uma motivação. Embora haja uma ideia tradicional na teologia cristã que afirma a impassibilidade de Deus<sup>1028</sup>, ainda que a maneira de compreender esse controverso atributo divino tenha tomado novos rumos<sup>1029</sup>; todavia, é preciso que consideremos que a causa primeira de todas as coisas é Deus. Desta forma, motivação para o agir salvífico de Deus está entranhada no seu próprio ser: Deus é amor, diz São João (1Jo 4,8). Para o teólogo e missiólogo reformado R.B. Kuiper, o amor divino independe do seu objeto, isto é, a humanidade<sup>1030</sup>. É um amor gratuito. É graça. Não são os seres humanos que causam o amor em Deus e, em reação a esse amor, o Deus se dispõe a amar e à ação de salvar. Aliás, “nós

<sup>1027</sup> Cf. RAHNER, K. **The Trinity**, p.21: “A Trindade ‘econômica’ é a Trindade ‘imanente’ e a Trindade ‘imanente’ é a Trindade ‘econômica’”.

<sup>1028</sup> CFW, II.2; OTT, L. **Manual de Teologia Dogmática**, p.96; SATTLER; SCHNEIDER. **Doutrina sobre Deus**. In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol.1, p.80-83.

<sup>1029</sup> Nesta linha, o reformado alemão Jürgen Moltmann tem a primazia de trazer esse debate ao cenário teológico contemporâneo. Desde a Teologia da Esperança, o sofrimento de Deus tem sido um tema recorrente. Cf. MOLTSMANN, J. **O Deus Crucificado**, pp. 343-349; MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp.35-74. Veja também: OLIVEIRA, M.G. **Pode Deus sofrer?** In: **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016, p. 122-133. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleiteo/article/viewFile/31213/21662>>, Acesso em 20 jun.2019,

<sup>1030</sup> KUIPER, R.B. **Evangelização Teocêntrica**, p.19.

amamos porque ele nos amou primeiro”, também é o que diz São João (1Jo 4,19).

E Kuiper continua:

Deus ama seres completamente desprezíveis e totalmente repulsivos. A razão pela qual Deus os ama não se acha neles, mas em Deus soberano. E se se perguntar o que é que em Deus explica o seu amor pelos pecadores tudo que podemos dizer é Deus é amor (1Jo 4,8). Deus ama os pecadores porque ele é quem é<sup>1031</sup>.

A imitação do amor de Deus é, portanto, a principal motivação da evangelização integradora. Não se pode cumprir a missão voltada ao Mundo, se a motivação da Igreja não for também o amor. Como Comblin denunciou, a motivação da Igreja não pode ser apenas o seu crescimento, sua aceitação pelos poderes constituídos na sociedade humana, ou a busca por poder, por influência ou coisas parecidas<sup>1032</sup>. No meio protestante, por exemplo, ficou muito conhecido o denominado Movimento de Crescimento de Igreja<sup>1033</sup>. Esse movimento, baseado em modelos, técnicas e procedimentos pragmáticos, adotados do ambiente corporativo, tinha e ainda tem como foco específico, a apresentação de metodologias para acelerar o crescimento das comunidades eclesiais, que faz uso de algum método apresentado por eles. Muito embora, tenha havido uma base teológica para isso, a motivação era a plantação de novas e grandes igrejas e como manter um crescimento constante, que tanto poderia ser algo para glória de Deus, mas que também, por causa pecado que tenazmente assedia o coração humano, poderia ter outras finalidades (cf. Fp 1,18, Hb 12,1).

Entretanto, a motivação divina sempre é, foi e será o seu absoluto, infinito e gratuito amor. E a Igreja não pode ser diferente desse modelo. No caso específico que foi investigado nesta tese, o amor apareceu como um sentimento ad intra, que apenas transitava entre os membros da comunidade. Era interno, exclusivo, primava pela comunhão daqueles que estavam dentro. Um amor que também extravasava em atos de cuidado e assistência ao próximo, mas que privilegiava os da família da fé, (cf. Gl 6,10). Um amor com limites.

<sup>1031</sup> KUIPER, R.B. **Evangelização Teocêntrica**, p.19.

<sup>1032</sup> COMBLIN, A **Teologia da Missão**, p.11.

<sup>1033</sup> O “Movimento de Crescimento de Igreja” é um movimento iniciado por Donald McGravan, ex-missionário protestante na Índia, e desenvolvido pela Escola de Missão Mundial do Fuller Theological Seminary (EUA). Seu continuador no Fuller foi o ex-missionário na América latina C. Peter Wagner. Cf. MIRANDA, J.C. **Manual de Iglesiocrescimento**, pp.9,11. Ver também: LONGUINI NETO, L. **Teorias sobre crescimento da igreja: uma análise crítica na perspectiva missiológico-pastoral**. In: **Ultimato Online**. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/278/teorias-sobre-crescimento-da-igreja>>. Acesso em 17 de março de 2019.

O amor de Deus, entretanto, não se conteve no amor mútuo e livre no interior da Trindade. Embora essa relação seja eternamente perfeita, a criação é expressão do seu amor. Assim como a sua bondosa providência e a sua misericordiosa redenção são expressões continuadas desse amor. Assim também, a Igreja não pode conter o seu amor internamente na comunhão entre os seus membros. Tampouco pode reter o amor gratuito de Deus para si mesma. O amor divino transcende o seu ser para alcançar outros seres, de modo que ele não pode ser contido num grupo hermético. Antes, o amor do Deus Uno e Trino é a razão da própria abertura da Igreja para o Mundo. Simultaneamente, o amor ajunta os amados e os espelha para encontrem os outros amados de Deus no mundo, em meios as suas dores, dificuldades, medos e anseios. Encontro no qual o Evangelho é apresentado; a Boa-Nova do amor de Deus convida aos que perambulam pelos becos e vielas, quer sejam concretos ou ainda existenciais à novidade de vida proposta em Jesus (cf. Mt 22,9-10). O amor é tanto a razão do Evangelho quanto da evangelização.

O segundo nível é o da imitação da ação. O anúncio do amor salvador do Deus Uno e Trino ao mundo é o sentido de toda sua missão. A missão tem seu início no ser de Deus. Pai, Filho e Espírito Santo agiram e têm agido no mundo para tornar conhecido o seu amor, graça e perdão. Para reconduzir e reconciliar toda a humanidade com Ele (cf. 2Co 5,18-20). O modo como cada uma das pessoas divinas tem agido para a salvação da humanidade é também o modelo da ação da Igreja. Desta forma, o próprio Deus demonstra a cada cristão, individual ou comunitariamente, a maneira como a missão que lhe foi designada deve ser efetivada. Isso se manifesta de modo claro no ministério de Jesus Cristo, o Salvador. E, em consequência disso, a Igreja, por causa do íntimo relacionamento que ela, como corpo, tem com a sua Cabeça, assumiu este papel até a parusia do Senhor<sup>1034</sup>. Logo, as palavras do Ressuscitado, em Jo 20,21, apontam para a imitação de seu modo de missionar: “Assim como o Pai me enviou, eu também os envio”.

Os processos evangelizadores devem seguir o caminho e o modelo deixados pelo Cristo. Uma simples observação das narrativas dos evangelhos deve orientar a Igreja e cada cristão na sua experiência no seguimento, mas também no agir missionário de todos os que participam desse discipulado. Em primeiro lugar, o seu ministério foi o de um arauto. É visto nas narrativas evangélicas que Jesus iniciou

<sup>1034</sup> Cf. COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p. 28. Ver também LG, 48; CIgC, 774-776.

o seu apostolado, não com sinais maravilhosos, mas com a simplicidade e a força das palavras: “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino de Deus” (Mt 4,17). Jesus exerceu seu papel como Palavra de Deus. A mensagem de Deus foi proclamada. Ele ensinou o que é o Reino (cf. Mt, 13; Lc 17,20-21) e como os cidadãos do Reino devem viver (cf. Mt 5-7). O Reino de Deus constituía o centro da pregação de Jesus, bem como todos os aspectos salvíficos, presentes e futuros, existentes nessa mensagem do amor de Deus para toda humanidade<sup>1035</sup>.

Porém, o ministério de Jesus não se resume à proclamação da mensagem evangélica, mas, como dito acima, essa mensagem exigia atitude (cf. Lc4,17-21). Esse padrão implica a: (1) entrar na realidade do mundo e de suas ambiguidades, reconhecendo a realidade do mal, porém, não tornando maligno tudo que está fora da realidade eclesial (cf. Mt 1,21-22; Lc 2,10-11; Jo 1,1-14); (2) tomar a direção daqueles que sofrem, que padecem, que gemem e choram por conta das várias formas de manifestação opressora do mal (cf. Mt 4,17,23-25; Mc 1,1,15; 3,7-12; 5,1-14); (3) tocar a miséria humana (cf. Mt 8,1-4; 20,34; Lc 7,13-14); (4) abrir os braços e acolher os pequeninos e mesmo as crianças (cf. Mt 11,25, Lc 18,16), (5) chorar por aqueles que não quiseram a proteção de seus braços (cf. Mt 11,20-24; Lc 13,34-35;); (6) Dar-se e doar-se pelos que foram acolhidos ou não (cf. Mt 27,45-56; Mc 15,33-41; Lc 23,44-49, Jo 19,28-30).

A evangelização integradora, por essa mesma razão, exige todas essas experiências por parte daqueles que estão no seguimento de Jesus e em sua missão. Afinal, “o discípulo não está acima do seu mestre” (Mt 10,24-25). Igualmente, para este tempo, palavras e gestos devem se unir para dar amplo testemunho da mensagem de salvação vida que a Igreja ousa proclamar, mesmo sabendo das dificuldades e oposições. O assemelhar-se com o mestre implica tanto no receber as benesses como no sofrer os danos consequentes do seguimento de Cristo. Implica também a experiência da vivência dos mesmos processos evangelizadores realizados pelo seu Mestre.

Desta forma, é fundamental afirmar que Jesus foi tanto um pregador como um taumaturgo, sem ruptura ou sobreposição entre essas duas partes da mesma

---

<sup>1035</sup> JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**, pp.175ss.

missão. Uma vez que os milagres confirmaram a mensagem, e vice-versa<sup>1036</sup>, pode-se afirmar que discurso e ação são dois aspectos de uma mesma missão. Isso não implica dualismo. Porém, mostra à Igreja que a ação missionária do Nazareno não pode ser restrita exclusivamente nem ao seu aspecto discursivo nem ao seu aspecto ativo. Ambos são uma e mesma coisa. Ambos são o Evangelho que salva, que nem institui um código a ser conhecido, nem uma ação dissociada de pressupostos. O Quarto Evangelho, por exemplo, deu ênfase em coordenar as narrativas dos sinais e os discursos de Jesus<sup>1037</sup>.

A Igreja, em sua ação evangelizadora e que pretende cumprir o mandato de Jesus e alcançar os confins da terra, deve estar consciente que a evangelização não é o mesmo que uma conquista triunfante sobre todos os poderes do mundo (cf. Mt 28-20, Ef 6,12). Antes, evangelizar é pôr-se em risco diante de todas as forças que operam neste mundo, embora, a certeza do triunfo seja uma realidade (cf. Mt 16,18). Jesus lutou contra todas elas e a Igreja continuará lutando. Qualquer nota triunfalista atual que aponte para o sucesso da evangelização deveria soar um tanto estranha, porquanto, vista à luz do testemunho bíblico, que mostra que a Igreja teve que lidar com forças das religiões, do Estado e dos poderes econômicos (cf. At 8,1-3; 16,16-26; 19,23-40). De fato, a Igreja sempre deve estar cônica de que todo o fracasso da evangelização é tão-somente aparente<sup>1038</sup>.

Porém, assim como a ressurreição de Jesus é a vitória da vida e da salvação sobre o fracasso da morte<sup>1039</sup>. Assim também, na ressurreição, a Igreja deve compreender que mesmo diante de toda dificuldade e do aparente insucesso, a força do medo, da opressão e do mal não podem fazer oposição real ao Reino de Deus, proclamado pela Igreja. Aliás, a afirmação, em Cesareia de Filipe foi que o império

<sup>1036</sup> Cf. LADD, G.E. **Teologia do Novo Testamento**, pp.72: “A presença da salvação messiânica também é observada nos milagres de cura que Jesus realizou, em cuja descrição foi usada a palavra grega cujo significado é ‘salvar’. A presença do Reino de Deus em Jesus significava a libertação da hemorragia (Marcos 5:34), da cegueira (Marcos 10:52), da possessão demoníaca (Lucas 8:36) e até mesmo da própria morte (Marcos 5:23). Jesus reivindicou que tais livramentos foram evidências da presença da salvação messiânica (Mateus 11:4,5). Foram considerados como que garantia da vida do Reino escatológico [...]. O Reino de Deus preocupa-se não somente com as almas dos homens, mas com a salvação do homem em sua totalidade”. Para Joachim Jeremias, a irrupção do Reino anunciado por Jesus em sua pregação é confirmado por meio dos milagres, isto é, “foi-se o tempo da maldição, o paraíso está aberto. [...] e o tempo da salvação está prestes a irromper”. JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**, pp.159-189 passim.

<sup>1037</sup> Cf. CARSON, D.A.; MOO D.J., MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**, pp.151-155.

<sup>1038</sup> Cf. COMBLIN, A **Teologia da Missão**, p.57.

<sup>1039</sup> COMBLIN, A **Teologia da Missão**, p.44.

da morte não venceria a Igreja de Cristo (cf. Mt 16,18). A Palavra de Deus é a salvação que oferece vida; e a ressurreição mostra claramente que a vida surge até mesmo da morte, do fracasso e do insucesso. Como disse Comblin, “a força de Deus atua pelo despertar dos homens. Portanto a confiança do missionário reside nos milagres que a palavra de Jesus Cristo é capaz de operar dentro de qualquer homem pela presença simultânea do Espírito do mesmo Jesus Cristo”<sup>1040</sup>.

O despertar da morte, da opressão e da covardia é a razão pela qual cada discípulo-missionário, na imitação do missionário Jesus deve envidar esforços para fazer conhecidas as palavras de vida e de salvação. Chamar a humanidade à nova vida e a libertação do mal que deforma a beleza da sua divina criação, faz parte do convite salvador de Deus oferecido a todas as pessoas<sup>1041</sup>. Desta forma, a Igreja, não se detendo apenas nos sucessos visíveis, isto é, no aumento de membresia ou de influência, deve entender que a ação do Espírito Santo vai além de todo pragmatismo realizando a sua missão, enquanto a Igreja caminha e lança as suas sementes (cf. Mt 13,1-23).

Ao orientar a sua missão pela ação do Deus Uno e Trino, a Igreja deve se referenciar no amor divino, como padrão de motivação para o anúncio evangelizador. E uma vez que o amor conduz aos atos, a ação de Jesus se torna o modelo da ação evangelizadora da Igreja, já que se trata de um modelo em que discurso e ação formam um todo, integrando duas dimensões complementares do ministério de Jesus. Assim, evangelização integradora rompe com o dualismo palavra-serviço, algo que será visto mais à frente, porque se entende que a vida humana é simultaneamente sustentada e mantida pela palavra e pelo pão (cf. Dt 8,3; Mt 4,4). Quando a Igreja entende que Deus é a sua referência no que diz respeito ao propósito da evangelização, ela passa a ter uma percepção menos reducionista e restrita a certas atividades e métodos, e se torna capaz de refletir sobre novas formas de proclamar a Boa-Nova.

O terceiro modo de articular o aspecto teo-referente da evangelização está relacionado com a maneira como a Igreja entende o seu propósito e, ao mesmo tempo, como ela pretende se relacionar com o mundo. Dito de outra maneira, a compreensão que a comunidade cristã tem da finalidade da missão, isto é, tornar conhecido ao mundo o Evangelho de Jesus Cristo, definirá o quanto essa mesma

<sup>1040</sup> COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p.58.

<sup>1041</sup> Cf. CALVIN, J. *Sermons sur La Premiere Epistre a Timothée*, p.158

comunidade se relacionará com o mundo. A referência está na própria ação evangelizadora de Jesus. Ele conhecia muito bem a finalidade da sua missão e estava totalmente determinado em cumprir sua missão. Consequentemente, por meio da encarnação, o Deus Filho assumiu e se relacionou com a totalidade da vida humana de um tempo e lugar específicos, de uma cultura específica, como indivíduo desse contexto. A única coisa que Jesus não teve em comum com o seu tempo, lugar, cultura e pares foi o pecado (cf. Hb 4,15).

Conclui-se, então, que em seu envolvimento na missão de Deus, Jesus se dispôs a superar todos os dualismos criados pela cultura e religiosidade judaica, principalmente, a de matriz farisaica, e a se aproximar daqueles que foram postos nas periferias da existência humana. Opôs-se ao pecado disfarçado de santidade, à hipocrisia que escondia a podridão da imundícia da morte (cf. Mt 23,13-26). Condenou o pecado, mas não se afastou dos pecadores e do seu mundo. Procurou transformar esse mundo de dentro para fora e chamou os seus discípulos para fazer o mesmo (cf. Mt 5,13-16; 13,33).

Dessarte, como visto no Capítulo 2, que recolheu o entendimento da IP-ST sobre os temas igreja, mundo e a relação entre os dois, verificou-se que se tratava de uma comunidade eclesial com características predominantemente introvertidas. Isso significa, por exemplo, que, ao se perceber como corpo de Cristo, os membros da IP-ST entendiam que esse conceito dizia respeito a unidade entre eles. Enquanto, primariamente, a expressão corpo de Cristo se refere a unidade dos membros da Igreja com a sua Cabeça, que é Jesus. Essa percepção mais introvertida faz parte do processo de transformação da igreja em sinagoga<sup>1042</sup>. Porquanto, a menos que a Igreja perceba que a missão que Deus lhe conferiu é algo bem maior que a comunhão interna, mesmo não a excluindo, o seu destino será o fechamento para os outros. Num anseio pela santidade, Igreja se absterá do contato transformador com o mundo. Não é, portanto, de se estranhar o grande desejo pela comunhão. E esse modelo de comunhão se torna tão importante, que minimiza o desejo de acolher aqueles que, a despeito desse fechamento, se aproximam.

Em resumo, ao assumir que o Deus-Trindade é a grande referência para ação evangelizadora, a Igreja se dispõe a evangelizar seguindo os padrões trinitários. São depostas as falsas motivações, as estratégias de marketing, o ativismo desnecessário

---

<sup>1042</sup> Cf. COMBLIN, *A Teologia da Missão*, p.89.

e os propósitos confusos que, por vezes, tornam-se malignos. Refletir num modelo amplo de evangelização não pode obliterar a revelação que Deus deixou de si mesmo, que claramente apresenta o modo da ação missionária. O Deus-Trindade é a grande referência da missão.

O que tem sido destacado, ao longo desta tese, é que o propósito da Igreja é a missão-evangelização. Em consequência disso a Igreja, na prática, precisa se compreender como um movimento que está direcionado para o mundo. Newbigin e Comblin comungam da ideia que a congregação dos que creem tem como a razão de sua existência o anúncio salvífico do Evangelho para toda a humanidade<sup>1043</sup>. Isso tem a ver com o propósito da evangelização definido por Deus desde o princípio, isto é, a salvação da humanidade.

O Deus Pai, Filho e Espírito Santo trabalha pela salvação da humanidade não de fora do mundo, porém, dentro dele (cf. Ef 1,3-14). A história humana é também a história do amor e da salvação da humanidade<sup>1044</sup>. A salvação é a finalidade de toda e qualquer ação evangelizadora da Igreja. Assim, todas as experiências salvíficas da comunidade são dinamizadores da missão evangelizadora. À semelhança da Trindade, o amor vivido no espaço interno da comunidade extravasa e alcança os de fora. Porque os que estão de fora são também objeto do amor gratuito de Deus. No extravasar desse amor, o Evangelho é apresentado como o chamado para uma nova comunidade. Isso porque a Igreja deve assumir o papel de ser uma comunidade de contraste diante da dura realidade de luta e opressão experimentada diariamente no mundo. O Deus que não ficou sem testemunho, ao longo da história humana, imprimindo no coração de cada indivíduo a sua lei (cf. Rm 2,15), e se deixando encontrar por aqueles que, na escuridão de suas existências, tateavam à sua procura (cf. At 17,27), se revela e se deixa ver claramente pelo seu Filho, por intermédio do seu corpo, que a Igreja, nesses dias que são os últimos, seja luz para o mundo (cf. Hb 1,1-2; Mt 5,14-16).

<sup>1043</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.157; NEWBIGIN, L. **Open Secret**, pp.17-18; NEWBIGIN, L. **La Familia da Fé**, p.46ss; COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.135.

<sup>1044</sup> Cf. NEWBIGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.123-138; COMBLIN, J. **O Tempo da Ação**, p.48.

#### 4.1.2 O Aspecto Inculturado da Evangelização

O segundo aspecto que constitui uma evangelização integradora está relacionado ao binômio aculturação e inculturação do Evangelho. A aculturação e a inculturação do Evangelho são temas recorrentes em vários trabalhos teológicos e pronunciamentos oficiais, principalmente dentro do catolicismo, ao passo que no protestantismo, eles aparecem como uma entre várias compreensões missiológicas<sup>1045</sup>. Pode-se, com certeza, afirmar que não é a primeira vez que essa temática aparece numa tese doutoral da teologia e que, com a mesma certeza, não será a última vez, porquanto todo o processo evangelizador desde os primeiros dias da Igreja tem sido uma busca por transpor barreiras socioculturais, a fim de tornar público aos povos da terra a mensagem da sua salvação em Jesus Cristo e imprimir em cada um deles os princípios e valores do Reino de Deus<sup>1046</sup>. Mas, qual é o sentido do conceito inculturação?

De acordo com Marcello Azevedo, a inculturação, que não é um tema da antropologia cultural, antes é um tema da teologia, “é a inserção da mensagem ou da vida cristã em uma cultura, [um] processo vital de interação e assimilação crítica e recíproca entre elas”<sup>1047</sup>. Nesta definição, observa-se claramente a simbiose entre inculturar e evangelizar. As duas coisas não podem ser separadas, exceto, assumindo o risco de morte de ambas as coisas. Como disseram os bispos católicos latino-americanos e caribenhos, “toda evangelização há de ser, portanto,

<sup>1045</sup> Por exemplo, João Paulo II tratou sobre esse tema, primeiramente na Exortação Apostólica *Cathequese Tradadae*, (n.53), de 1979, e posteriormente na *Redemptoris Missio*, (n. 52-54). Cf. PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Cathequese Tradadae***. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechesi-tradendae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html)>. Acesso em 03 set. 2019; PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em 03 set. 2019.

<sup>1046</sup> Cf. MIRANDA, M.F. **Inculturação da Fé: Uma abordagem teológica**, pp.16-24. AZEVEDO, **Contexto geral do desafio da inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**, pp.21-23.

<sup>1047</sup> AZEVEDO, M.C. **Modernidade e Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 1981, p.25. Quando a “assimilação crítica e recíproca”, Joel Amado admite a necessidade do agente evangelizador, simultaneamente, ter ciência da mensagem que está sendo anunciada e capacidade para rever suas compreensões. Uma vez que é possível que o evangelista deixe de falar do mistério anunciado e comece a apresentar suas concepções e interpretações, elementos culturais, vazios de significado em outros contextos. Cf. AMADO, J. P.; RUBIO, A.G. [orientador]. **Deus e a cidade: chances e desafios para a experiência cristã de Deus em contexto condominial**. vol.2. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1999, p.400-401.

inculturação do Evangelho” (SD, 13b). Sendo assim, é possível considerar a inculturação como a finalidade de todo processo evangelizador, isto é, chamar a humanidade, onde quer que ela se encontre e em qualquer um dos vários contextos socioculturais, a orientar toda a vida segundo o Evangelho, e a reorientar a vida segundo os planos salvíficos de Deus em Cristo (cf. EN, 18). Isto implica uma substancial transformação não apenas do ser humano, mas também de toda sua realidade, porque uma vez que a vida individual é reorientada, todas as demais dimensões da existência humana se realinham no mesmo sentido.

Como é sabido, o Evangelho, desde o seu princípio no coração amoroso do Deus Uno e Trino, sempre esteve direcionado para todas as tribos, línguas, povos e nações, ou seja, para todas as culturas (cf. Gn 12,1-4; Mt 28,19-20; Ap 7,9-10). Essas culturas, ainda que danificadas pelo mal e pelo pecado, jamais deixaram de receber o *sensus divinitatis* (cf. Rm 1,19-21; 2,15)<sup>1048</sup>. Desta forma, uma das características mais fantásticas do Evangelho é a sua capacidade de se amoldar a toda e qualquer cultura. Seu berço na cultura judaica do primeiro século da era cristã não determinou uma língua comum, hábitos comuns, costumes comuns para todos os cristãos, mesmo para aqueles que não fossem judeus (cf. At 15,19-21)<sup>1049</sup>, como demonstrou Azevedo:

Jesus Cristo se apresentou como homem e como filho de Deus, no contexto da tradição judaica. Assumiu e afirmou estar trazendo a realização das promessas divinas e das profecias de Jahvé. Ao mesmo tempo, no entanto, dissociou-se em boa parte da tradição judaica, pelo menos tal como entendida e interpretada pelo povo e suas autoridades religiosas. Ele o fez [sic.], em primeiro lugar, pela surpreendente revelação da realidade íntima do próprio Deus. Em segundo lugar, pela não menos impressionante revelação de sua própria realidade humano-divina. Em terceiro lugar, pela rejeição de toda e qualquer interconexão privilegiada entre uma concreta estrutura socio-cultural [sic.] e o relacionamento entre Deus e o ser humano. Ele não nega as implicações entre este relacionamento Deus/ser humano e o mundo real no qual a pessoa humana vive. Recusa, porém, ligar sua revelação sobre este relacionamento a qualquer expressão cultural particular, no tempo e no espaço. Este ponto que será, de resto, muito mais explicitado posteriormente por Paulo e pela comunidade primitiva constitui uma das principais diferenças características da religião de Jesus Cristo, se comparada a outras religiões na história da humanidade. Por sua mesma natureza, a religião de Jesus Cristo é potencialmente universal. Afirmando-se divina, por revelação, ela é profundamente enraizada no tecido mesmo da realidade humana, onde quer que se encontre a pessoa humana. Enquanto existirem seres humanos, eles poderão viver segundo Jesus Cristo, em qualquer tempo e em qualquer lugar<sup>1050</sup>.

<sup>1048</sup> CALVINO, J. IRC, I.3.1; AZEVEDO, *Contexto geral do desafio da inculturação*, p.47.

<sup>1049</sup> Cf. SUESS, P. *A disputa pela Inculturação*. In: ANJOS, *Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia*, p.126.

<sup>1050</sup> AZEVEDO, M. *Modernidade e Cristianismo*, p.29.

O fato é que o Evangelho não se confunde com cultura alguma. E com o reconhecimento que o próprio Deus esteve e está presente em todas as culturas, o Evangelho está apto a dialogar com esses sinais da presença e ação divina, a fim de tornar acessível a mensagem evangélica à todas as culturas da terra (cf. Mt 28,20)<sup>1051</sup>. Conclui-se, portanto, que o Evangelho é supracultural e supratemporal<sup>1052</sup>.

No entanto, nem sempre foi esse o entendimento. Nem sempre a Igreja acolheu ou tratou de utilizar essa perspectiva para a evangelização. Em vários momentos na história, ou a Igreja entendeu que a cultura ocidental, na qual estava inserida, era fator necessário para a evangelização, ou a Igreja se deixou usar pelos conquistadores, para pacificar, por meio do Evangelho os povos conquistados pelas potências cristãs<sup>1053</sup>. Neste sentido, a evangelização foi percebida como uma forma de condução das culturas da barbárie para a civilização, fazendo com que a evangelização servisse a transculturalização dos povos. Afinal, o que a barbárie ou as várias formas de animismo ou outras religiões, consideradas inferiores, poderiam oferecer ao cristianismo, a religião civilizada? O que a cultura dominada pela feitiçaria e estranhos rituais poderia ter de bom?<sup>1054</sup>.

Só recentemente, tornou-se parte do entendimento de missionários e de missiólogos, a ideia que a comunicação do Evangelho não poderia se dar fora do contexto sociocultural que se pretendia apresentar a Boa Nova do Reino, cuja natureza é essencialmente apta a ser inserida em qualquer contexto<sup>1055</sup>. E isso se tornou válido para as missões em outras culturas não-cristãs e não-ocidentais.

<sup>1051</sup> Cf. AVEZEDO, M. **Contexto geral do desafio da inculturação**, p.15. RICHARDSON, D. **O Fator Melquisedeque**, pp. 126-127.

<sup>1052</sup> Cf. LIDÓRIO, R. **Comunicação Missionária**, p.23.

<sup>1053</sup> Cf. COMBLIN, J. **Evangelização e Inculturação: implicações pastorais**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**, pp.60-62. Essa é a crítica que o pastor presbiteriano Erasmo Braga procurou responder na obra *Pan-americanismo*, em 1916.

<sup>1054</sup> A questão denominar as religiões dos antigos paganismos, bem como as religiões tribais pela expressão “religião primitiva” estava presente nas próprias formulações científicas. Por exemplo, Émile Durkheim usa muitas vezes a expressão “religião primitiva” para se referir ao animismo, algo muito comum e aceitável à época. Pode-se citar ainda a compreensão de Schleiermacher que mesmo admitindo a presença da verdade nas demais religiões, afirma que a religião cristã é “mais grandiosa, mais sublime, mais digna de uma humanidade adulta”. Nesta tese apenas se reproduz aquilo que já deixou de ser cientificamente aceito, porém, que continua como parte do senso comum e que ainda determina a majoritária percepção cristã popular. Cf. DURKHEIM, E. **Formas elementares da vida religiosa**, pp.33-42. Ver também: SCHLEIERMACHER, **Sobre a Religião**, pp.164ss.

<sup>1055</sup> BOSCH, D. **Missão Transformadora**, p.503.

Foi na saída desse contexto e na observação do estado da Inglaterra no início da década de 1970, que Newbiggin verificou a necessidade de aplicar o modelo na inserção e diálogo utilizado na Índia, por exemplo, aos ingleses e demais cidadãos do Ocidente pós-cristão e secularizado, que havia surgido enquanto estava no subcontinente indiano<sup>1056</sup>. Para ele, a falsa percepção de cristandade fazia que esses missionários acreditassem numa espécie de homogeneidade cultural cristã no ocidente<sup>1057</sup>. O fato era que, para Newbiggin, “o Evangelho estará incorporado numa forma cultural”<sup>1058</sup>. E nessa forma cultural, o Evangelho não poderia ser transmitido à outra cultura sem o risco de não ser aceito ou pior, de ser sincretizado. Deste modo, todo processo evangelizador terá que assumir a tarefa da aculturação da mensagem evangélica no contexto em que ela será anunciada em vista da inculturação.

Assim, a evangelização inculturada não se trata de uma tradução do Evangelho para os idiomas que se pretende comunicar, mas da comunicação e inserção dos princípios evangélicos na cultura. Essa tradução é o primeiro passo, a aculturação. Cada cultura, por conta do pecado, experimenta elementos perversos em sua estrutura. A mesma ação transformadora do Evangelho que liberta o ser humano do pecado e da maldade, traz libertação às culturas humanas. Portanto, a evangelização das culturas, quer sejam rurais, urbanas, das periferias ou dos condomínios, precisa ter em conta as características culturais e socioambientais do grupo que se pretende evangelizar, compreendendo, por exemplo, a maneira como falar de Deus às pessoas que estão inseridas em determinado contexto<sup>1059</sup>.

Além disso, é preciso considerar que o processo de inculturação é, ao mesmo tempo, uma aproximação entre o Evangelho e a cultura, que irá recebê-lo, mas também uma aproximação crítica dos dois termos dessa relação<sup>1060</sup>. Como alerta Bosch, “a filosofia de que ‘qualquer coisa serve’ enquanto, aparentemente, fizer

<sup>1056</sup> NEWBIGGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.21.

<sup>1057</sup> NEWBIGGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.21-22.

<sup>1058</sup> NEWBIGGIN, L. **Foolishness to the Greeks**, p.21.

<sup>1059</sup> Essa é a tese do orientador deste trabalho, que, observando o contexto condominial da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro na década de 1990, considerou a necessidade de se ter uma forma própria de falar de Deus nesse contexto. Cf. AMADO, J. P.; RUBIO, A.G. [orientador]. **Deus e a cidade: chances e desafios para a experiência cristã de Deus em contexto condominial**. vol.2. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1999.

<sup>1060</sup> Cf. AZEVEDO, M. **Evangelização e Inculturação**, p.77.

sentido para as pessoas pode ser catastrófica”<sup>1061</sup>. Sobre isso, em *Redemptoris Missio*, o papa João Paulo II afirmou:

Desenvolvendo a sua atividade missionária no meio dos povos, a Igreja encontra várias culturas, vendo-se envolvida no processo de inculturação. Esta constitui uma exigência que marcou todo o seu caminho histórico, mas hoje é particularmente aguda e urgente. O processo de inserção da Igreja nas culturas dos povos requer um tempo longo: é que não se trata de uma mera adaptação exterior, já que a inculturação “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas”. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã, como a reflexão e a práxis da Igreja. Mas é também um processo difícil, porque não pode comprometer de modo nenhum a especificidade e a integridade da fé cristã. Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão (RMi, 52). [grifo nosso]

O alerta de João Paulo II aponta para a possibilidade que, no processo de inculturação, a mensagem evangélica seja de alguma forma comprometida<sup>1062</sup>. O Evangelho não pode se acomodar à cultura de maneira indiscriminada. Para Newbigin, o sincretismo não é uma opção válida e precisa ser evitado a todo custo<sup>1063</sup>. Nesse mesmo sentido, Mario França de Miranda também adverte para o fato que um sincretismo pode não salvaguardar a identidade do Evangelho, mas torná-lo em outra fé<sup>1064</sup>.

<sup>1061</sup> BOSCH, D. *Missão Transformadora*, pp.543-544.

<sup>1062</sup> O missionário presbiteriano oferece um bom exemplo disso. No trabalho de evangelização entre os konkomba, uma questão que surgiu foi como apresentar Jesus. Lidório registrou o modo como foi trabalhada essa questão: “Para comunicarmos o significado de “homem” referindo-se a Cristo para um Konkomba, teríamos assim algumas possibilidades. Uma delas é comunicar em nosso código, ou seja, usando a expressão “uja” para Cristo, e explicar-lhes nosso código, ou mesmo o código utilizado socioculturalmente na tradição histórica bíblica. Quem era um homem para um judeu, quem é um homem para um brasileiro. [...]. Seria o equivalente a, simplesmente afirmarmos, usando puramente nossos códigos transmissores, que ‘Yesu ye uja’, ‘Jesus é homem’. A pergunta, talvez silenciosa, que nos aguardará é quem é sua esposa e seus filhos, e onde está sua roça. [...]. Como desejávamos comunicar a Palavra de Deus de forma fiel nos debruçamos no estudo da cultura e parte deste estudo nos levaria às categorizações humanas. Ali (nos códigos socioculturais konkombas) fomos descobrir que há diversas formas atribuídas ao “uja”, uma delas, o “ujabor” que define o homem a partir de seu status de envio e não de casamento. Um mensageiro, mesmo solteiro, enviado com uma grande mensagem, poderia conviver com o povo Konkomba como “ujabor”. Ao comunicarmos Cristo como “ujabor” e “Uwumbor abor” – homem e filho de Deus – utilizávamos o código do povo na fonte, para comunicarmos algo que não desejávamos que fosse mal compreendido. Houve boa compreensão e base para o ensino que viria depois”. Cf. LIDÓRIO, *Comunicação e cultura*, pp.29-30.

<sup>1063</sup> NEWBIGIN, L. *The Other Side of 1984*, p.23.

<sup>1064</sup> MIRANDA, *Inculturação da Fé*, p.120. Cf. BOFF, C. *Sincretismo Maria-Iemanjá*. In: ANJOS, *Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia*, pp.91-111.

Diante do tratado, como se realiza uma evangelização inculturada? Será proposto um processo de três passos, sendo eles: diálogo com a cultura, adaptação à cultura, integração do evangelho à cultura.

O primeiro passo é dialogar com a cultura. Definitivamente, não se pode pretender realizar uma evangelização abrupta. A apresentação do Evangelho em uma cultura qualquer pode ser traumatizante para ambas as partes se feita dessa maneira. Portanto, para se construir uma evangelização inculturada, é necessário diálogo entre os agentes evangelizadores e a cultura que se pretende evangelizar. Como esse tema será tratado de modo mais amplo à frente, por ora, é preciso que seja entendido que não é possível evangelizar uma cultura sem conhecê-la. Nesse sentido, é preciso que o agente evangelizador tenha disposição ao diálogo, à pesquisa e ao contato, porquanto, “tentar alcançar pessoas, evangelizá-las e agrupá-las em comunidades cristãs, sem antes conhecê-la, é demonstração de soberba e falta de sabedoria. É preciso compreender a população local antes de abordá-la com o evangelho”<sup>1065</sup>. A abertura que a Igreja demonstra ao acolher e conhecer o outro, definirá os próximos passos da evangelização inculturada.

Em segundo lugar, após o trabalho de conhecer a cultura e iniciar o processo de evangelização, o passo a ser dado é o da aculturação. O termo aculturação é um conceito antropológico. Por aculturação, deve-se compreender o contato de dois grupos ou mais, que resulta na transmissão de elementos de uma cultura para outra é a adaptação indispensável ao início do diálogo<sup>1066</sup>. Desta forma, a aculturação é o primeiro passo para integrar o Evangelho ao novo contexto cultural em que será anunciado. No entanto, a aculturação não é nem pode ser um fim em si mesma. Seu papel é auxiliar à inculturação, que é a integração da mensagem evangélica na cultural receptora. Pode-se exemplificar isso de dois modos, tomando como referência a IP-ST.

---

<sup>1065</sup> LIDÓRIO, R. **Plantando Igrejas**, p.75.

<sup>1066</sup> WILLEMS, E. **Dicionário de Sociologia**, p.1; AZEVEDO, M. **Modernidade e Cristianismo**, p.19. Como não é interesse da Igreja destruir a cultura receptora, aquela de verá ter cuidado neste contato. Lembrando também que nem sem as duas culturas são transformadas. Existe a possibilidade que uma cultura seja aglutinada à outra e desapareça. Assim, até a Igreja pode enfrentar dificuldades em permanecer por causa da aculturação.

O primeiro elemento que precisa passar por um processo de aculturação é a linguagem cristã; porquanto “para evangelizar é preciso usar palavras”<sup>1067</sup>. Entendendo também o que disse Mário França de Miranda, ao afirmar:

Para este mundo hodierno que a Igreja deve proclamar a salvação que Deus oferece em Jesus Cristo. Mas falar a mulheres e homens significa falar em suas respectivas culturas. Sob pena de não ser entendido e, menos ainda seguido. E como não dispomos de uma cultura homogênea, tal como se dava nas sociedades tradicionais, acaba por se impor a pluralidade de linguagens no interior da própria instituição eclesial<sup>1068</sup>.

Ao contrário do que se possa imaginar, a Igreja possui o seu linguajar próprio. O modo de comunicação eclesial tem sido construído a partir das Escrituras e da teologia ao longo dos séculos<sup>1069</sup>. Em determinados momentos históricos, na Cristandade, por exemplo, essa linguagem era comum. No entanto, atualmente essa forma de linguagem se configura num código que é conhecido apenas pelos iniciados e ininteligível para os não-iniciados. Fazendo uma crítica ao protestantismo brasileiro, Rubem Alves afirmou que a conversão se revelava por meio de um novo falar e que converter-se seria abandonar um discurso e adotar um outro<sup>1070</sup>. Em outras palavras, uma nova forma de comunicação surgiu no protestantismo – embora, algo semelhante possa existir no catolicismo e nas outras religiões.

Assim, embora o idioma continue sendo o vernáculo, o código utilizado não é compreendido, em termos de significação, pelos ouvintes e a mensagem evangélica se perde. A inculturação opera no sentido inverso, fazendo que o anúncio do Evangelho se torne acessível aos que ouvem e estabeleça a contradição entre o reino de Deus e as estruturas perversas e destruidoras do mundo, traduzindo e entrosando o Evangelho à “realidade das estruturas sociais e dos padrões dominantes da vida em nossa sociedade contemporânea”<sup>1071</sup>. Nesse sentido, o pastor e teólogo presbiteriano Timothy Keller fez a seguinte consideração acerca da necessidade da aculturação-contextualização:

Contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o mistério do evangelho a determinada cultura sem comprometer a essência e as particularidades do próprio

<sup>1067</sup> COMBLIN, J. **Evangelização e Inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**, p.81.

<sup>1068</sup> MIRANDA, M. **Inculturação da Fé**, p.10.

<sup>1069</sup> MIRANDA, M. **Inculturação da Fé**, pp.81.

<sup>1070</sup> ALVES, R. **Protestantismo e Repressão**, p.54.

<sup>1071</sup> WELLS, D. **The Painful Transition from Theoria to Praxis**. In: MARDSEN, G (ed.). **Evangelicalism and Modern America**, p.90 apud KELLER, **Igreja Centrada**, p.109.

evangelho. [...]. O evangelho contextualizado é marcado por clareza e poder de atração, e mesmo assim desafia a autossuficiência do pecador e o chama ao arrependimento. Ele se adapta à cultura e faz contato com ela, ao mesmo tempo em que desafia e confronta<sup>1072</sup>.

Neste sentido, há também uma necessidade generalizada de uma releitura do modo como o discurso anunciador do Evangelho está sendo feito nas diversas comunidades cristãs. É urgente que a Igreja fale a linguagem da sociedade, que entenda os seus anseios e angústias, porém, além de uma escuta atenciosa, seja capaz de uma resposta a essas questões perturbadoras do atual momento histórico. Responder perguntas que ninguém faz é sem sentido.

O segundo elemento que precisa ser alvo da aculturação é a liturgia. A liturgia como forma de orientar o culto divino, como recapitulação da história da salvação, exige estrutura e organização, cuja base seja tão somente o dado revelação, o que os presbiterianos denominam de O Princípio Regulador do Culto<sup>1073</sup>. Antes de ser um elemento de produção de uma fórmula litúrgica, o PRC apenas determina aquilo que faz parte do culto cristão, na tradição presbiteriana. Porquanto, como afirmou Charles W. Baird, pastor, teólogo e historiador norte-americano, a Assembleia de Westminster reprovava “o confinamento dos ministros a um conjunto fixo de fórmulas”<sup>1074</sup>. Evitando qualquer anacronismo, percebe-se nisto uma abertura para a aculturação do culto.

Entretanto, a aculturação da liturgia não significa em transformá-la em uma coisa diferente. Por mais tradicional que seja, a ideia de aculturar a liturgia tem mais a ver com torná-la interessante e significativa tanto para a comunidade como também para aqueles que não participam de sua membresia. E, ao mesmo tempo, manter o foco do culto em Deus. Não é sobre informalizar os cultos ou as missas, nem tampouco dessacralizar os símbolos que pertencem a esses tempos cúlticos,

<sup>1072</sup> KELLER, T. **Igreja Centrada**, p.107.

<sup>1073</sup> Cf. ALLMEN, J.J. **O Culto Cristão**, pp.77-82; CFW, XXI.1-5. O parágrafo 5 do artigo XXI, da CFW lista o entendimento que as Escrituras fornecem sobre o culto divino, nas seguintes palavras: A leitura das Escrituras com o temor divino (At 15,21; Ap 1:3), a sã pregação da Palavra (2Tm 4,2) e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência (Tg 1,22; At 10,33; Mt 13,19; Hb 4,2; Is 66,2); o cantar salmos com graças no coração (Cl 3,16; Ef 5,19; Tg 5,13), bem como, a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo, são partes do ordinário culto de Deus (Mt 28,19; 1Co 11,23-29; At 2,42), além dos juramentos religiosos (Dt 6,13 com Ne 10,29); votos (Is 19,21 com Ec 5,4,5), jejuns solenes (Jl 2,12; Ester 4,16; Mt 9,15; 1Co 7,5); e ações de graças em ocasiões especiais (Sl 107; Et 9,22), tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso (Hb 12,28). Este são os elementos constituintes do culto presbiteriano. Uma forma liturgia foi apresentada pela Assembleia de Westminster, em 1648, no Diretório de Culto de Westminster.

<sup>1074</sup> BAIRD, C. **A Liturgia Reformada**, p.12.

porém, aculturar a liturgia é adaptá-la aos inúmeros e distintos contextos em que o Evangelho é proclamado. Isso pode ser ilustrado em dois exemplos:

O primeiro exemplo diz respeito a música que se usa nos cultos. Os membros fundadores da IP-ST participavam de outras comunidades presbiterianas mais elitistas, onde os hinos eram acompanhados ao som de piano ou órgão, executados por pessoas que tinham estudado música. Tanto é que a pianista da IP-ST estudou música para tocar na igreja. Então, nada mais óbvio que essa tradição continuasse. Mas, ao nascer os filhos e o uso de outras formas de ritmos e de instrumentos, a IP-ST se adaptou, existindo lado a lado o piano e a banda (guitarra, violão, contrabaixo e bateria).

O segundo exemplo, possui um aspecto negativo, no qual não houve aculturação. Por se tratar de uma cidade turística, alguns membros da IP-ST têm atividades econômicas voltadas para atender direta ou indiretamente os turistas. Diante desse contexto, a mudança nos horários a fim de adequá-los a esses membros sempre esteve fora de cogitação. Ainda mais por causa do entendimento de ministros, que por lá passaram, e certo seguimento dos membros que presam pela rígida observância da guarda do Dia do Senhor<sup>1075</sup>. Assim, a Escola Dominical, pela manhã, e o Culto, no início da noite, têm o seu horário inegociável, com o prejuízo

---

<sup>1075</sup> Cf. CFW, XXI.7-8: Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção do tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também em sua palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens em todos os séculos, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (descanso) santificado por Ele; desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado Domingo, ou dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão (Ex. 20:8-11; Gn 2:3; 1 Co. 16:1-2; At. 20:7; Ap.1:10; Mt. 5: 17-18). Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios ordinários, não só guardam, durante todo o dia, um santo descanso das suas próprias obras, palavras e pensamentos a respeito dos seus empregos seculares e das suas recreações, mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e misericórdia (Ex. 16:23-26,29:30, e 31:15-16; Is.58:13.). E o PL-IPB afirma: Art.1 - É dever de todos os homens lembrar-se do dia do Senhor (Domingo) e preparar-se com antecedência para guardá-lo. Todos os negócios temporais devem ser postos de parte e ordenados de tal sorte que não os impeçam de santificar o Domingo pelo modo requerido nas Sagradas Escrituras. Art.2 - Deve-se consagrar esse dia inteiramente ao Senhor, empregando-o em exercícios espirituais, públicos e particulares. É necessário, portanto, que haja, em todo esse dia, santo repouso de todos os trabalhos que não sejam de absoluta necessidade, abstenção de todas as recreações e outras coisas que, lícitas em outros dias, são impróprias do dia do Senhor. Art.3 - Os crentes, como indivíduos ou famílias, devem ordenar de tal sorte seus negócios ou trabalhos que não sejam impedidos de santificar convenientemente o Domingo e tomar parte no culto público. Art.4 - Conselhos e Pastores devem mostrar-se atentos e zelar cuidadosamente para que o Dia do Senhor seja santificado pelo indivíduo, pela família e pela comunidade.

da assistência das programações, principalmente pela manhã, visto que a sobrevivência econômica dessas famílias as obriga ao trabalho dominical.

Como se percebe, trata-se de uma ação que poderia ser facilmente contornada. Porém, “em matéria religiosa tudo se sacraliza. Mudar qualquer coisa é sacrilégio”, disse Comblin<sup>1076</sup>. Adaptar o horário de cultos aos membros é uma maneira simples de demonstrar que a aculturação passa por questões simples, mas que são igualmente significativas<sup>1077</sup>. A questão não é o horário, mas é possibilitar maior participação da membresia no processo evangelizador. E havendo mais envolvimento na evangelização, muito maior será a influência do Evangelho sobre a vida da membresia e, por conseguinte, sobre o mundo, por meio de um testemunho vivo dessa comunidade.

Por fim, o último passo é a inculturação da fé. Uma evangelização integradora tem na aculturação-inculturação os meios para romper com o dualismo fé-cultura, e ser capaz de comunicar o primeiro termo dessa relação ao segundo termo. Por um lado, a fé recebe alegremente a cultura e com ela passa a dialogar, ao invés de classificá-la como totalmente má, desprezando-a. Por outro lado, o Evangelho da salvação legitima a sua presença nessa cultura. O Evangelho, como a mensagem do Deus criador de todas as coisas, é uma mensagem para todas as pessoas, de todas as culturas e em todo o mundo. Uma evangelização integradora deve estar atenta para conciliar a apresentação da mensagem cristã à cultura, sem, contudo, perder a sua identidade. Essa tem sido a marca da evangelização cristã: transpor todas as barreiras culturais para apresentar ao mundo o amor de Deus.

Há que se admitir que, qualquer ação para a aculturação da evangelização, deve começar pela quebra do paradigma dualista sobre o qual se fundamenta toda a tradição evangelizadora da Igreja cristã. A mudança de paradigma, neste caso, é imprescindível. Sem ela, toda tentativa de trilhar pelo caminho da inculturação da mensagem e ação evangélica será entendida como afastamento da ortodoxia ou coisa parecida e não se tornará em realidade. Mudanças como essa sempre se dão

---

<sup>1076</sup> COMBLIN, J. **Evangelização e Inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**, p.85.

<sup>1077</sup> Desde 1º de janeiro de 2019, estou à frente do pastoreio de uma comunidade presbiteriana na periferia de Vitória/ES. Nesse contexto, o culto semanal é marcado para as 19:30h a fim de atender à necessidade daqueles membros que gastam grande parte do seu dia no transporte urbano. Não são raros, os membros que vão direto do trabalho. Trata-se de uma adequação aos ritmos da membresia.

por meio de revoluções, que são geradoras de tensões e crises, porém o seu término “acontece com a vitória total de um dos dois campos rivais”<sup>1078</sup>.

### 4.1.3 O Aspecto Dialogal da Evangelização

O terceiro aspecto de uma evangelização integradora está intimamente relacionado com a capacidade dialógica da Igreja e a sua capacidade de se assentar com os diversos grupos existentes na realidade do mundo. A relação entre a Fé e a Cultura exige o diálogo. É fato inegável que a evangelização é pensada em termos de comunicação. Algo básico na teoria da comunicação é a existência de três elementos necessários: emissor-mensagem-receptor. Nesse esquema, interlocutor e receptor são percebidos, num primeiro momento, como um sujeito ativo e outro passivo. Não é incomum que se pense nos agentes evangelizadores – Igreja, clero ou leigos – como entes absolutos que detêm uma mensagem que deve ser ouvida e aceita, enquanto o mundo, é um ente passivo, que nada tem a dizer. Sua única manifestação ativa do receptor seria dar uma resposta à proclamação evangélica.

Quando isso acontece a evangelização é encarada como um monólogo. Durante séculos, a Igreja e os seus missionários anunciavam o Evangelho desse modo, e aos ouvintes cabe a responsabilidade de atender ou não ao convite da nova vida apresentado nesse anúncio. Todavia, as coisas não são mais assim. A mudança de época, pela qual a sociedade ocidental tem passado, apresenta novas dificuldades ao anúncio cristão, porquanto, a aceitação do discurso evangélico tem sido intensamente questionada<sup>1079</sup>.

Desta forma, nos tempos atuais, evangelizar deixou de ser somente homilia – uma conversa – para se tornar, mais intensamente, apologia – uma defesa de um posicionamento teológico, de uma verdade contra outras verdades. Porém, não apenas defendendo o conteúdo da mensagem e da esperança cristã (cf. 1Pe 3,15), mas também oferecendo defesa da razoabilidade dessa mensagem diante de novas estruturas de plausibilidade que tem surgido. Entretanto, é preciso considerar que aquilo que é atualmente plausível está ligado à diversas estruturas socioculturais,

<sup>1078</sup> Cf. KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**, p.209.

<sup>1079</sup> Cf. NEWBIGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, pp.77-93 passim. AMADO, J.P. **Leigos na linha de frente? Uma reflexão a respeito do laicato no atual momento evangelizador**. In: *Atualidades Teológicas*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 387-416, mai./ago.2016, pp.389-391 *passim*.

contaminadas e deformadas pela atuação do mal; do que se conclui que todos os modelos de plausibilidade podem operar contra Deus. Nesse sentido, Newbigin entendeu que a necessidade de dialogar com cada novo mundo que se ergue na história, com cada novo modelo que advoga apresentar a verdade dos fatos, em detrimento da fé, que não poderia mais ser anunciada como verdade, mas tão-somente como crença, reservando-a à esfera privada e subjetiva da vida. Diante disso, Newbigin afirmou:

O que crê começa pela fé de que a realidade é racional, de que um propósito coerente pode ser discernido na experiência. A luta é para provar que essa fé é verdadeira em circunstâncias que parecem colocá-la em dúvida. O esforço é sempre racional, um esforço para encontrar um significado racional em acontecimentos aparentemente irracionais por meio do modelo dado na revelação original. Assim, estamos sempre reformulando a tradição e nos apropriando dela na tentativa de lidar com a experiência contínua. Como toda tradição viva, ela está sempre ameaçada com a possibilidade de se desintegrar. Tem de ser mantida em sua integridade pelo vigor intelectual e coragem prática com que seus membros buscam ser fiéis a ela – não repetindo fórmulas do passado, mas reafirmando corajosamente a tradição à luz da nova experiência. Como a tradição de racionalidade nas ciências naturais, ela precisa ser protegida contra aberrações. Não pode se dar ao luxo de ir atrás de toda ideia dissidente que aparece. Exige uma disciplina que não precisa ser aplicada por uma autoridade centralizada, mas pelo discernimento dos seus adeptos como um todo. Faz reivindicações universais, mas coexiste com outras tradições do argumento racional que fazem reivindicações rivais à validade universal. Não há um tribunal neutro no qual essas reivindicações rivais possam ser julgadas. Como eu disse anteriormente, não há uma forma de racionalidade que seja independente de todas as tradições socialmente incorporadas de racionalidade e que possa, portanto, julgar todas elas<sup>1080</sup>.

Para Newbigin, a estrutura de plausibilidade desta nova época reivindica a verificação empírica dos fatos que se afirmam verdadeiros. E a verdade dos dados de fé não se adequam a essa verificação. Porquanto, o que a fé diz não pode ser empiricamente verificada, ela não poderia se pronunciar no campo da verdade, construído neste novo momento da humanidade. Contudo, o posicionamento newbiginiano afirma a necessidade do cristão ser capaz de ir além da aparente irracionalidade da fé. Ainda que fé seja vista pelas pessoas deste tempo como algo estranho ao que é considerado como o atual modelo de racionalidade, a tarefa do cristão é sempre uma “tentativa de compreender e expressar, sob novas condições, o que é dado nas Escrituras”<sup>1081</sup>. Desta forma, o sentido da mensagem deve ser continuamente apresentado a cada nova época, adaptando-se à sua forma de entendimento, porém, sempre a entendendo como a mesma Palavra de Deus<sup>1082</sup>.

<sup>1080</sup> NEWBIGIN, **Op. Cit.**, pp.90-91.

<sup>1081</sup> *Ibid.*, p.78.

<sup>1082</sup> As tradições católica e presbiteriana são unânimes em afirmar a necessidade de uma cuidadosa interpretação bíblica, seguindo regras específicas, estabelecidas ao longo do desenvolvimento da

Diante dessa intuição, a percepção atenciosa dos missionários cristãos, ao longo da história recente do cristianismo, apontou o caminho da aculturação, que, por sua vez, é o que conduz ao diálogo entre a fé cristã e a cultura, para qual se pretende apresentar a Boa Nova. Desta forma, uma evangelização dialogal entende que a cultura não é um ente mal e perverso que precisa ser subjugado pela fé em Jesus. Diferente disso a Igreja se abre para acolher os outros, com os quais se pretende conversar e, se possível, convencer. E necessariamente isso não acontece apenas em contatos interculturais. Essa abertura está nos pequenos contatos da Igreja com a sociedade a sua volta.

Não obstante se verifique na IP-ST uma tendência predominante ao fechamento e à pouca interação com aqueles que estão fora dos seus limites institucionais, é preciso ressaltar que isso não é total. O contato que a IP-ST trava com a sociedade teresense acontece no gerenciamento da saúde pública. Há mais de quinze anos, a IP-ST tem acento – titular e vogal – no Conselho Municipal de Saúde<sup>1083</sup> de Santa Teresa, o que necessariamente se configura na possibilidade de imprimir os valores do Reino no diálogo com os demais seguimentos da sociedade teresense que têm acento nesse Conselho. Soma-se a isso, a participação de um presbítero na presidência não-remunerada de projeto de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo em que esses fatos se configuram como num meio de testemunho, eles também abrem portas ao diálogo.

Entretanto, não se pode afirmar que esses exemplos dão conta do aspecto dialogal da evangelização. Existem características identitárias da IP-ST que indicam as causas desse fechamento parcial dessa comunidade. Primeiramente, a

---

hermenêutica cristã. Ainda que a religiosidade popular de ambas tradições chegue a admitir a absoluta clareza da Bíblia; não obstante, a hermenêutica cristã tem consciência que “as Escrituras são substancialmente, mas não totalmente, claras”; o que pode acarretar “dificuldades de ordem espiritual e de ordem natural a sua compreensão”. De modo que ambas as tradições admitem o livre exame da Escritura, porém, não reconhece a “livre interpretação”. No caso presbiteriano isso se verifica pela existência de três documentos confessionais, que os pastores, presbíteros e diáconos juram reconhecer com a “fiel interpretação das Escrituras”. Cf. ANGLADA, P. **Introdução a Hermenêutica Reformada**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006, p.18. BERKHOF, L. **Princípios de Interpretação Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, pp.65-164; CONCÍLIO VATICANO II. **Dei Verbum**, 12.

<sup>1083</sup> Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA TERESA. **Conselho Municipal de Saúde: Membros**. Disponível em: <[https://santateresa.es.gov.br/site/conselho\\_municipal/conselho\\_municipal\\_de\\_saude%09%09%09%09%09%09/13](https://santateresa.es.gov.br/site/conselho_municipal/conselho_municipal_de_saude%09%09%09%09%09%09/13)>. Acesso em 03 de março de 2019.

IP-ST é formada, em sua grande maioria, por não-teresenses que, mesmo residindo na cidade há muito tempo, não se encontram tão integrados à vida comum da cidade. É como se esses membros pudessem, a qualquer momento, retornar para os seus locais de origem e desestabilizar o grupo. Aliás, é fato, que desses membros muitos não tem mais os seus filhos residindo em Santa Teresa. Essa realidade transmite certa insegurança aos demais membros da IP-ST, que vêm, numa possível saída, a transformação de todo o contexto comunitário.

Junto a isso prevalece, entre a membresia, um forte apego à ideia de uma comunhão interna do grupo, que parcialmente exclui a necessidade de outros tipos de relacionamentos e mesmo de acolhimento<sup>1084</sup>. Isso é um reflexo do entendimento que a cultura local é mundana. As interações entre presbiterianos e a sociedade teresense acontece mais num nível pessoal, nas relações que cada membro constrói de modo individual, seja por conta das atividades profissionais ou por relações familiares<sup>1085</sup>.

Essas características fazem com que os processos evangelizadores da IP-ST tenham como público apenas membros e algumas pessoas com contato muito próximas desse círculo. Se evangelizar é a apresentação da mensagem de salvação e amor de Deus, que conduz o ser humano à experiência do encontro com Jesus Cristo; então, é possível dizer que todas essas ações ordinariamente se limitam mais à membresia da comunidade. Por isso, é mais um trabalho de manutenção da membresia do que uma evangelização acolhedora dos filhos e filhas de Deus, que cansados e sobrecarregados, baixam as suas cargas aos pés de Jesus, e que deveriam, pela sua Igreja, ser auxiliados na nova caminhada (cf. Mt 11,27-30).

Neste sentido, uma evangelização integradora é predispor-se à abertura e ao diálogo entre a fé e a cultura. É dispor-se ao contato, ao entrar na casa, entrar nas festas, comer com os pecadores (cf. Mt 11,19, Mc 2,16ss, Jo 2,1-12), mas também

---

<sup>1084</sup> Uma das áreas de intervenção pastoral foi o desenvolvimento da acolhida dos visitantes nas programações da Igreja. Por exemplo, a presença de uma faculdade na cidade faz com que, todo início de semestre, jovens visitem a comunidade. Porém, a juventude da igreja, ao final dos cultos, se reuniam para conversar, tocar mais uma música, enquanto os visitantes da mesma faixa etária iam embora. Por isso, houve a necessidade de instruir e exortar a juventude a recepcionar e acolher os visitantes.

<sup>1085</sup> No primeiro ano à frente do pastorado da IP-ST, percebi a necessidade de me inserir na sociedade teresense. Sendo, de fato estrangeiro e em trânsito, assumi aulas em escolas da cidade. O contato que construí com pessoas fora da igreja foi com os colegas de trabalho e com os alunos. A partir desse contato, fui buscando maior inserção e contato com as pessoas do município.

é permitir-se ser tocado por quem quer se aproximar, até por imundos e pecadores (cf. Mc 5,25ss; Lc 7,37ss), assim como o próprio Cristo fez. A questão que envolve o anúncio atos salvadores de Deus é simples: uma evangelização exclusivista e introvertida é o oposto ao próprio sentido da missão, que é alcançar as pessoas dentro de suas peculiaridades existenciais; dentro da rede de significados que elas mesmas teceram em suas culturas. Neste caso, o que é oferecido no Evangelho é o sentido para todos aqueles que, dispostos ao seguimento de Jesus, necessitam para encarar a realidade<sup>1086</sup>. Evangelizar desta maneira, exige, no atual contexto da humanidade, abertura plena aos outros. E essa abertura começa com a capacidade de dialogar e isso nos conduz ao primeiro nível desse diálogo, o cultural.

Sabendo que cultura é um daqueles termos incertos e polifônicos, qualquer tentativa de uniformização cultural deve soar estranha. Ainda que exista uma base cultural comum, por exemplo, na cultura brasileira, o que permite o contato entre os grupos, há que se admitir que esses grupos formam uma cultura própria com as suas próprias camadas culturais<sup>1087</sup>. Neste sentido, a comunidade presbiteriana ou qualquer outra comunidade cristã não pode pensar, nem sequer admitir que estejam num mesmo nível cultural. Primeiramente, por causa da sua formação exógena, que reflete percepções acerca da cultura local de maneira própria e excludente, ou não, próprias das experiências humanas<sup>1088</sup>.

Seguindo a premissa newbiginiana de que a evangelização, no atual contexto de pluralidade e pluralismos, exige uma capacidade de adaptação cultural, semelhante aos missionários transculturais<sup>1089</sup>, a Igreja cristã em todo o mundo, precisa estar aberta a dialogar e entender o seu lugar, a sua cultura, o seu tempo e todos os demais contextos, pelos quais as teias de significado de uma realidade específica oferece sentido. Desta maneira, o fato do Evangelho e seu anúncio serem

<sup>1086</sup> Cf. GEERTZ, **Interpretação da Cultura**, p.4.

<sup>1087</sup> Cf. WAGNER, R. **A invenção da Cultura**, pp.27-31 passim; LAPLATINE, F. **Aprendendo Antropologia**, pp.95-102.

<sup>1088</sup> Ao se considerar que a cultura teresense possui fortes traços da imigração italiana, que foi condicionada pela Igreja católica, é preciso mostrar que o modo como os membros da IP-ST encara o catolicismo e sua produção cultural terá o seu fundamento na experiência. Exemplos. Uma senhora presbiteriana é neta da primeira família presbiteriana do Espírito Santo, que teve a experiência de ter o templo incendiado. Por outro lado, um senhor que foi de uma Igreja presbiteriana, cujo templo presbiteriano foi construído com o auxílio de toda comunidade sob a gerência do padre Alonso Benício Leite. Obviamente, a relação desses dois presbiterianos com o catolicismo será diferente por conta das experiências. Cf. TAVARES, R. A. **Em suas mãos**, p.39-41; SATHLER, **Uma Igreja Centenária**, p.99-105.

<sup>1089</sup> Cf. NEWBIGIN, **Foolishness to the Greeks**, p.21.

supraculturais não significa que a Igreja e os discípulos-missionários não se preocupem com a correta interação dialogal. Antes, a tarefa de conhecer a cultura que se pretende evangelizar torna mais efetiva a aproximação e o diálogo. Uma vez que, sem diálogo, não há evangelização.

A salvação de Jesus Cristo começa com a palavra, com signos e sua compreensão. Neste sentido, o diálogo intercultural é o desafio de transpor as barreiras que separam os grupos culturais para apresentação daquilo que servirá para uni-los. Assim,

o diálogo intercultural deve ser entendido teologicamente e no seu desdobramento histórico. Pois a Verdade Absoluta se manifesta necessariamente de modo fragmentário no homem, no cultural, no histórico e no religioso. Trata-se de um diálogo que cobre uma dupla dimensão: a primeira é teológica (inculturação, vertical, no modelo de encarnação); e a outra, sociológica (convivência comunitária, aculturação, intercâmbio cultural, horizontal – “missão acontece através de ordinária interação histórica de culturas” – como uma espécie de reflexo histórico do amor trinitária do criador)<sup>1090</sup>.

De acordo com Waway Rufin, é por meio do diálogo que se torna possível encontrar as formas para se apresentar o Evangelho, como também entender como a fé cristã se desenvolveria em meio a cultura que o receberá. Visto que não existe um Evangelho etéreo e desincorporado de uma realidade cultural, a tarefa dos missionários e agentes evangelizadores devem procurar esses espaços para iniciar o processo de aculturação<sup>1091</sup>.

Uma dessas formas de diálogo cultural acontece por meio do contato com outras religiões. Grosso modo, o diálogo inter-religioso “é a crença na possibilidade do *mysterium salutis* da parte do Deus Criador operar para além dos limites institucionais do cristianismo<sup>1092</sup>. Por se tratar de um dos mais importantes meios de construção social, a religião se configura numa porta de entrada à cultura de um grupo, conquanto, seja a religião a grande produtora da cosmovisão e do etos sociocultural de um grupo<sup>1093</sup>. Esse diálogo necessariamente não significa a celebração de um culto comum ou coisa semelhante, antes essa aproximação interessada se importa com a construção de mútuo conhecimento e entendimento,

<sup>1090</sup> RUFIN, W. K. **Diálogo entre culturas e missão: perspectiva antropológico-teológica**. In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n. 56 - jul/set 2006, p.117.

<sup>1091</sup> NEWBIGIN, **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.242.

<sup>1092</sup> CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso: Perspectivas a partir de uma teologia protestante**. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, jan./mar. 2017, pp.114-115. RICHARDSON, **O Fator Melquisedeque**, pp. 126-127.

<sup>1093</sup> Cf. GEERTZ, **Interpretação das Culturas**,

preservando do sincretismo, que transforma ambas as religiões num *tertium quid*. Porém, criando possibilidades para o aprimoramento da autopercepção de cada grupo<sup>1094</sup>.

Contudo, o diálogo com outras religiões não-cristãs não é algo muito confortável para Igrejas protestantes, como no caso da IPB, e certos setores da Igreja católica. De acordo com Carlos Caldas, os desafios que esse desconforto gera estão tanto no nível teórico como prático<sup>1095</sup>. No nível teórico, o problema é “como promover o diálogo sem abrir mão do *proprium* do cristianismo”, conforme as compreensões das igrejas, sem optar por uma via relativista<sup>1096</sup>? No nível prático, como pode o cristianismo dialogar, já que ele “é herdeiro de uma tradição missionária”<sup>1097</sup>?

Em ambos os casos, o entendimento da verdade absoluta do Evangelho desaparece e fragiliza a fé. Contudo, essas dificuldades não desmerecem o valor e a necessidade, cada vez mais intensa, de uma aproximação entre as diferentes fés. A conclusão de Caldas, citando Claudio Ribeiro, é que se faz urgente a construção de “uma visão ecumênica, dialógica e de busca de uma fundamentação teológica do pluralismo religioso. Um longo e árduo caminho está ainda por ser trilhado”<sup>1098</sup>

Uma segunda forma de dialogar com a cultura é por meio do contato ecumênico. Pensar a missão da Igreja tem sido pensar igualmente na sua unidade. A tônica do Congresso de Edimburgo, de 1910 tem sido considerado como o início formal do movimento ecumênico<sup>1099</sup>. A questão que esteve em debate em Edimburgo foi a mesma enfrentada por Newbigin, enquanto missionário na Índia: como conciliar a pregação do Evangelho e a divisão explícita e competitiva entre as Igrejas cristãs<sup>1100</sup>? Newbigin entendia que a unidade das Igrejas cristãs seria a

<sup>1094</sup> Cf. SANTA ANA, J. **Diálogos Inter-religiosos: desafios e promessas**, p.112.

<sup>1095</sup> CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso**, p.128-129.

<sup>1096</sup> CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso**, p.128-129.

<sup>1097</sup> CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso**, p.129.

<sup>1098</sup> RIBEIRO, C. O. **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014, p.149, apud CALDAS FILHO, CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso**, p.130.

<sup>1099</sup> Cf. GONÇALVES, C. B. **Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados: Ed. UFGD, 2011, p.78. cf. ROBERT, D. L. **Christian mission: How Christianity became a world religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009, p.54. WAINWRIGHT, G. Lesslie **Newbigin**, pp.81-82. A IPB se fez representar no Congresso de Edimburgo pelo rev. Álvaro Reis, então presidente do Supremo Concílio da IPB (1910-1912). Seu descontentamento com os rumos do Congresso está registrado.

<sup>1100</sup> NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, pp.24-25.

grande causa para a efetivação da missão. Como ele disse: “as mais tremendas explosões são produzidas pela fusão, não pela fissão”<sup>1101</sup>

O diálogo ecumênico traz a possibilidade da unidade para fortalecimento do esforço evangelizador sob os critérios. Newbigin foi o grande exemplo desta ideia. Durante a sua estada na Índia, ele observou que a presença de várias denominações cristãs representava uma dificuldade para a evangelização naquela terra por apresentar um cristianismo fragmentado. Ele chamou essa situação de o “escândalo da divisão”, expressão usada pelo bispo anglicano Charles Henry Brent, ao discursar no Congresso de Edimburgo<sup>1102</sup>. A problemática da unidade ainda prevalece: Como apresentar Jesus, o Filho de Deus, que traz ao mundo o Reino de seu Pai na força sempre ativa do Espírito, se aquela comunidade que se afirma ser o seu Corpo está dividida e em conflito?

As diversas experiências eclesiais e pessoais com Jesus Cristo revelado pelo Evangelho se tornam um modo de mensuração e qualificação do que é válido ou não nessas experiências. Ainda ressoa no meio protestante o aforismo atribuído à Lutero, que diz: “a paz, se possível, mas a verdade a qualquer preço”. Aforismo cujo pressuposto que a verdade se alcança com ressalvas ou mesmo com o abandono da verdade. O apelo à ortodoxia fala mais alto que o apelo à unidade presente na oração final de Jesus – que todos sejam um (cf. Jo 17,21). A unidade da Igreja desaparece em meio às simultâneas acusações vindas de todos os lados, cristãos contra cristãos. As experiências com Jesus são invalidadas nesse contexto por outros grupos, que passam a admitir como legítimo encontro apenas aqueles que ocorrem dentro do seu modelo.

Na ausência do diálogo ecumênico e a consequente e mútua condenação das experiências cristãs de conversão, todos os discursos se tornam inválidos. Nesse sentido, a categórica afirmação de Joel Amado precisa ser admitida por todos os cristãos, isto é, “que o primeiro e grande testemunho que somos chamados a dar em nossos dias é conviver com diferentes formas de ser cristão”<sup>1103</sup>. Essa também é a ideia de Newbigin

<sup>1101</sup> NEWBIGIN, L. **One Body, One Gospel-, One World**, p.13.

<sup>1102</sup> NEWBIGIN, L. **One Body, One Gospel-, One World**, p.55; NEWBIGIN, L. **La Familia de Dios**, p.25.

<sup>1103</sup> AMADO, J. P. **Uma Igreja em mudança de época: pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI**. In: **REB: Rev. Eclesiástica Brasileira**. v. 71, 2010, p. 574.

Para o aperfeiçoamento da vida de todo o corpo, a Igreja do Sul da Índia precisa da herança de cada uma das igrejas reunidas e cada uma dessas igrejas é esperado que não se perca a continuidade de sua própria vida, mas que ela seja preservada e enriquecida pela união com as outras duas denominações. A Igreja do Sul da Índia é assim formada por uma combinação de diferentes elementos, cada um trazendo sua contribuição para o todo, e não pela absorção de qualquer um por outro. Assim sendo, a Igreja [do Sul da Índia] é também abrangente; e aos seus membros, mantendo firmemente os fundamentos da fé e da ordem da Igreja universal, é permitida ampla liberdade de opinião em todos os outros assuntos, e ampla liberdade de ação em tais diferenças de prática, como são consistentes com a estrutura geral da Igreja como um corpo organizado<sup>1104</sup>.

Como é próprio do protestantismo de missão ser oposição ao catolicismo, a IP-ST, como acontece majoritariamente na IPB, está fechada ao diálogo ecumênico católico-protestante<sup>1105</sup>. Esta postura impede uma evangelização mais ampla no contexto de Santa Teresa<sup>1106</sup>. A mútua idiosincrasia entre esses dois grupos é um fato que não tem como deixar de lado; embora, haja sempre registros de uma boa, amistosa e cristã convivência entre eles.

No caso de Santa Teresa, majoritariamente formada por descendentes de imigrantes italianos e católicos, existe, no senso comum, a ideia que, se um católico entrar num templo protestante, isso significa que esta pessoa está abandonando a fé católica; o que poderia gerar algum desconforto familiar e social. E o contrário também é verdadeiro. Por outro lado, na mentalidade protestante, um católico que

<sup>1104</sup> NEWBIGIN, L. **The Nature of the Unity We Seek**: From the Church of South India In: Religion in Life, 26, 2 (1957), p.182-183. Disponível em: <<https://newbigindotnet.wpengine.com/wp-content/uploads/2016/12/57nuws.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2019.

<sup>1105</sup> Cf. MAGALI, M.N. **A Linguagem que dá forma ao mundo protestante**. In: **Debate**: Suplemento do Jornal Contexto Pastoral nº 38, maio/junho de 1997, p.6. Disponível em: <[http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Contexto-Pastoral-Suplemento-Debate\\_038.pdf](http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Contexto-Pastoral-Suplemento-Debate_038.pdf)>. Acesso em 12 de março 2019: “É fato que os missionários que trouxeram o Protestantismo para o Brasil conservavam em suas práticas ideais protestantes originários da Reforma do século XVI, como a prática religiosa leiga, a vivência da fé com liberdade, o interesse pela Bíblia e a consciência de pertencer à Igreja. Contudo, a marca do Protestantismo trazido ao Brasil foram as experiências vividas no contexto norte-americano, como se tivesse havido um trabalho de releitura da herança da Reforma para adaptá-la àquele novo contexto. Esse processo de releitura remonta à chegada dos imigrantes europeus aos Estados Unidos no século XVII. Aquele processo significava para eles uma nova vida e um rompimento com aspectos da sociedade inglesa que “deixavam para trás”. Um deles dizia respeito à prática religiosa. Na Inglaterra, por exemplo, pertencer à Igreja Oficial e frequentá-la era uma obrigação social que não poderia deixar de ser cumprida, a não ser sob duras penas”. Ver também: MENDONÇA; VELASQUEZ, **Introdução ao Protestantismo**, pp.214-221.

<sup>1106</sup> Um exemplo foi a minha inserção e aproximação da sociedade teresense. A abertura ao diálogo ecumênico, permitiu a aproximação pessoal com o pastor luterano e com o pároco católico de Santa Teresa, o que propiciou a comum participação em celebrações da Palavra, formaturas da Faculdade local, mesas-redondas e outras atividades. Além do estreitamento dos laços fraternos. Porém, embora essa aproximação fosse algo celebrado e bem visto por católicos e luteranos, o mesmo era apenas tolerado pelos membros da IP-ST. Certo membro, que participou de uma dessas celebrações chegou a dizer: “Eu não sabia se eu pedia para você descer do “altar”, ou pedia para continuar lá”. O dilema diz respeito a própria dificuldade de saber como relacionar duas ou três expressões diferentes do cristianismo.

entra num de seus templos é um pecador que precisa ser salvo. A inexistência do diálogo impede que os cristãos possam ter diferentes experiências com Deus, em comunidade de fé distintas. Seria possível e válido um protestante ter um novo contato com Jesus numa missa e mesmo assim não ter que se tornar católico, e o contrário também? Uma evangelização mais próxima e, dentro do possível, mais comum, não serviria a promoção dos valores cristãos num mundo que se escandaliza da desunião cristã?

O fechamento ao diálogo ecumênico é também uma forma de abandonar uma maior capacidade da ação da Igreja no mundo, como demonstrou a *Unitatis Redintegratio* (12):

Todos os cristãos professem diante do mundo inteiro a fé em Deus Uno e Trino, no Filho de Deus encarnado, nosso Redentor e Salvador. Por um esforço comum e em estima mútua deem testemunho da nossa esperança, que não confunde. Visto que nos nossos tempos largamente se estabelece a cooperação no campo social, todos os homens são chamados a uma obra comum, mas com maior razão os que creem em Deus, sobretudo todos os cristãos assinalados com o nome de Cristo. A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si e apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante. Esta cooperação, que já se realiza em não poucas nações, deve ser aperfeiçoada sempre mais, principalmente nas regiões onde se verifica a evolução social ou técnica. Vai ela contribuir para apreciar devidamente a dignidade da pessoa humana, promover o bem da paz, aplicar ainda mais o Evangelho na vida social, incentivar o espírito cristão nas ciências e nas artes e aplicar toda a espécie de remédios aos males da nossa época, tais como a fome e as calamidades, o analfabetismo e a pobreza, a falta de habitações e a inadequada distribuição dos bens. Por essa cooperação, todos os que creem em Cristo podem mais facilmente aprender como devem entender-se melhor e estimar-se mais uns aos outros, e assim se abre o caminho que leva à unidade dos cristãos<sup>1107</sup>.

A unidade desejada por muitos cristãos das diferentes tradições tem o sentido evangelizador. Aliás, a própria oração pela unidade, descrita no Quarto Evangelho, tinha esse propósito (cf. Jo 17,23). Todavia, na animosidade entre as Igrejas cristãs, o conflito é promovido e a missão tende ao enfraquecimento, porque a tentativa de defender a fé contra um inimigo inexistente, rouba as forças que deveriam estar voltadas para outra direção.

Também é preciso dizer: a ausência de diálogo, aparece em relação com outros grupos protestantes em Santa Teresa<sup>1108</sup>. Neste caso, prevalece fatores de

<sup>1107</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Unitatis Redintegratio*: Decreto sobre o Ecumenismo. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, p229-230.

<sup>1108</sup> É digno de nota, a não participação da IP-ST e do seu pastor na Associação de Ministros Evangélicos de Santa Teresa (AMEST), por razões éticas e ideológicas. Uma vez que a referida associação pretendia funcionar como um meio de capacitação de verbas públicas para realização de eventos evangelísticos. A IPB entende que não é dever do Estado interferir ou mesmo patrocinar a fé cristã, embora, seja seu dever defender a liberdade de todos os cristãos, sem exceção (cf. CFW,

caráter teológico e litúrgico, em relação aos grupos pentecostais ou pentecostalizados<sup>1109</sup>. Quanto aos luteranos, o distanciamento está relacionado ao modelo de moralidade adotado pelos presbiterianos, baseado na abstenção do fumo, do álcool e das danças, um padrão de valores pregado pelos missionários norte-americanos<sup>1110</sup>. Neste caso, Evangelho e valores culturais foram unidos numa única mensagem<sup>1111</sup>. Como o padrão luterano de valores e moralidade não está de acordo com o modelo dos missionários norte-americanos, e esse mesmo padrão é semelhante ao modelo católico, o resultado do silogismo é que luteranos não são bons evangélicos. Embora, o ponto de contato teológico seja maior, o que separa é um detalhe na prática.

O que dizer sobre isso? Tão estranha é essa situação que o lamento de Michael Goheen se torna imensamente compreensível, uma vez que essa “desunião é um escândalo não porque é lastimável [apenas], mas porque contradiz o próprio evangelho que proclamamos”<sup>1112</sup>. É preciso perceber que essa desunião opera em todas as dimensões da ação da Igreja cristã. Desde o culto, passando pela experiência da comunhão e alcançando a missão. Nem o Evangelho anunciado, nem o Evangelho vivido.

Tanto a IP-ST como toda e qualquer Igreja cristã que pretende evangelizar de maneira integrada deverá desenvolver uma cultura do diálogo. Essa é uma condição que Jesus reconhece como de grande importante e, por isso, rogou ao Pai, dizendo:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17,21).

O aspecto dialogal da evangelização se resume, portanto, na abertura para o outro, a fim de ouvir e se fazer ouvido. Os níveis são diferentes. As interações terão suas peculiaridades. Porém, o objetivo deverá ser sempre o mesmo fazer conhecida

---

XXII.3). Razão, pela qual, a IP-ST não aderiu a AMEST. Além da percepção que o erário público tem outras prioridades.

<sup>1109</sup> Por pentecostalizados, está se falando dos grupos batistas que, em Santa Teresa, assumiram uma característica de culto e doutrinas semelhantes aos pentecostais.

<sup>1110</sup> Cf. VELASQUES FILHO, P. “**Sim**” a Deus e “**Não**” à vida: Conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA; VELASQUES FILHO, **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, p.215.

<sup>1111</sup> VELASQUES FILHO, P. “**Sim**” a Deus e “**Não**” à vida, p.214.

<sup>1112</sup> GOHEEN, **A Igreja Missional na Bíblia**, p.267.

a salvação de Deus trazida ao mundo por meio da vida, ministério, paixão, morte e ressurreição do seu Filho Jesus. E, ao mesmo, tempo ter consciência da situação em que se encontra a realidade que se pretende evangelizar por meio de outros olhos, com suas próprias visões de mundo. Porquanto, o anúncio da Boa Nova não se faz em segredo em processos evangelizadores herméticos, mas, como sempre se fez, no espaço público e comum a todos os homens.

#### **4.1.4 O Aspecto Público da Evangelização**

A evangelização, como a comunicação da Boa Nova do Reino, é parte fundamental da missão cristã. Toda a ação do Deus Uno e Trino tem como finalidade tornar conhecido o amor de Deus por meio de uma mensagem, que mesmo transcendendo o sentido de simples discurso, não deixa de ser mensagem. A vida eterna é o conhecimento dessa verdade sobre Deus Pai, trazido pelo seu Enviado Jesus (cf. Jo 17,3). E esta mensagem foi proclamada pelas ruas e pelas vilas, no campo, no deserto, à beira-mar e nas praças das antigas Judeia, Galileia e Samaria. O Evangelho sempre foi uma boa notícia pública e para todos. Desta maneira, a mensagem evangélica não pode e nem deve estar restrita ao espaço ou ambiente privado das comunidades eclesiais. Ao enviar os doze para anunciar o Evangelho às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, Jesus ordenou: “O que vos digo na escuridão, dizei-o à luz do dia; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o do alto dos telhados” (Mt 10,5-6, 27).

Isto não é o mesmo que trazer o ambiente eclesial para a rua. Não se trata apenas de realizar cultos ou missas ao ar livre. Trata de romper com todo o dualismo sagrado-profano, que por vezes confina o Evangelho às interpretações religiosas, éticas e morais para sua membresia, como se a Boa Nova não tivesse nada a dizer para aqueles que não professam a fé cristã, exceto, “fujam da ira vindoura” (cf. Lc 3,7). Ao contrário, o Evangelho tem muito a dizer acerca de cada um dos aspectos da vida. A conclusão do teólogo luterano Rudolf von Sinner demonstra a necessidade da superação desse modelo de dualismo e exige a construção de uma nova forma de expressão evangélica numa sociedade, por assim dizer, pós-cristã.

Uma teologia [ou evangelização] pública que pretenda refletir sobre a contribuição que as Igrejas podem dar no espaço público visando ao bem ou bem-estar comum deve tanto incentivar tal contribuição entre as pessoas que tendem a ver o mundo como mau [sic.] e a se enclausurar em suas Igrejas como entre a comunidade dos que esperam a segunda vinda de

Cristo, quanto restringi-la entre as que desejam impor sua crença, valores, interesses corporativos e poder ao todo da sociedade. Ambos os fenômenos estão presentes no Brasil. No entanto, há espaço e necessidade de uma terceira via e uma contribuição religiosa e teológica crítico-constructiva<sup>1113</sup>.

Partindo dessa consideração de Sinner, deve-se admitir que a evangelização pública é um convite para cristãos e suas respectivas comunidades a olharem para o mundo de outra forma. Não se faz teologia pública, nem tampouco uma evangelização pública se se acredita que o mundo é traiçoeiramente mau em todas as suas dimensões e que a melhor coisa é se esconder na igreja, amedrontados como os discípulos trancafiados antes de verem o Ressuscitado (cf. Jo 20,19). Nessa condição nada se faz. Por outro lado, há também uma advertência importante: a evangelização tornada pública não significa uma tomada de poder e criação de uma “nova cristandade”. Antes, ao assumir a missão de maneira pública é preciso aceitar que o espaço público é democrático, e que o que a Igreja anuncia poderá ser ouvido, ridicularizado e, até mesmo, aceito (cf. At 17,26-34).

Desta forma, o diálogo e o debate assumem uma dimensão esquecida, pela Igreja, uma vez que, no seu início, ela tinha que se apresentar como uma possibilidade entre outras, quer fosse com os seguidores de outras religiões (At 6,8-9; 14,19-20; 16,19-21; 19,23-40), quer fossem com opiniões de outras naturezas (cf. At 17,16-34). A postura da evangelização pública se torna um desafio às estruturas de plausibilidade, aos costumes e às culturas de cada grupo e, simultaneamente, é a exposição daquilo que deve ser anunciado, não importando o quanto a mensagem do Evangelho seja aparentemente estranha, não interessando a oposição e a rejeição. O que importa é comunicar a graça e o amor de Deus que há no Evangelho e, para isso pensar, como são Paulo: “Ai de mim se não pregar o evangelho! (1Co 9,16)”.

Neste sentido, uma evangelização pública deve ser determinada por uma teologia pública. Mas o que é Teologia Pública? O termo *teologia pública*, apenas recentemente, tem ocupado o espaço no meio teológico acadêmico brasileiro<sup>1114</sup>, muito embora tenha sido cunhado pelo teólogo luterano Martin Marty, em 1974.

<sup>1113</sup> VON SINNER, R. **Teologia Pública no Brasil**. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. **Teologia pública: Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica**, p.265.

<sup>1114</sup> A “Teologia Pública” tem encontrado no espaço protestante maior acolhida. Um exemplo disso, é o envolvimento de dois centros de teologia de viés protestante na divulgação desse modelo de teologia, a saber, a Escola Superior de Teologia (EST), ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Faculdade Unida de Vitória (FUV).

Contudo, a criação do termo ganhou inúmeros sentidos. A definição do termo de Marty tem sido, desde então, uma das grandes dificuldades para a aceitação conceitual. Essa dificuldade de conceituação levou o teólogo Harold Breitenberg Jr a publicação de um artigo, cujo título era: “*Para dizer a verdade: A verdadeira Teologia Pública queira, por favor, se colocar de pé?*”<sup>1115</sup>. Uma ironia devido ao variado sentido que a teologia pública tem nos estudos teológicos. De acordo com von Sinner, num trabalho sobre o tema, o teólogo reformado sul-africano Dirk Smit identificou seis narrativas sobre a origem tanto do termo como do objeto da Teologia Pública, as quais vem a ser: (1) Martin Marty, em 1974, que entendia a teologia pública como “discurso teologicamente informado de natureza ética, disponível e aberto a todos”; (2) David Tracy entendia a teologia pública apenas como “discurso público”; (3) Wolfgang Huber que entendia a *öffentliche Theologie* (teologia pública) como o direito da Igreja de se pronunciar acerca em assuntos de interesse público; (4) as teologias de expressão sócio-políticas como a Teologia da Libertação Latino-americana; (5) a teologia do movimento ecumênico, quando esta trata de assuntos como justiça social; e, por fim, (6) a ideia de que teologia pública diz respeito a teologia que faz retornar ao espaço público questões de cunho religioso<sup>1116</sup>.

<sup>1115</sup> BREITENBERG JR. H. **To tell the Truth**: Will the real Public Theology please stand up? In: *Journal of the Society of Christian Ethics*, v. 23, n. 2 (Fall/Winter), 2003, pp.55-96. Cf. BREITENBERG JR. H. **What is Public Theology?** In: HAINSWORTH, D. K.; PAETH, S. R (eds). **Public Theology for a Global Society**, pp.3-20.

<sup>1116</sup> VON SINNER, R. **Teologia Pública no Brasil**: Um Primeiro Balanço. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano 44, Número 122, Jan/Abr2012, pp.21-24. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1589/1939>>. Acesso em 03 de março de 2019. Smit escreveu: (1) A primeira, já clássica, situa a origem do termo num artigo de Martin Marty sobre Reinhold Niebuhr, publicado em 1974, onde diz que Niebuhr teria oferecido “um paradigma para uma teologia pública”. Para Smit, seria específico da situação norte-americana do “muro de separação” (wall of separation) entre religião e Estado, resultando num “espaço público nu” (Richard John Neuhaus), onde a questão que se coloca é como os teólogos poderão contribuir em debates sobre assuntos públicos. Teologia pública seria, nesta linha, um “discurso teologicamente informado”, “de natureza ética” e “disponível e aberto para todos”. (2) Praticamente no mesmo período, em 1974, o professor de teologia católica de Chicago, David Tracy, publicou um texto sobre “teologia como discurso público”. Aqui, o que está em pauta não é tanto uma contribuição para assuntos éticos na vida pública, mas o que “estaria permitindo à teologia como tal que seja uma forma de discurso público”. Ocupou-se, intensamente, com Jürgen Habermas, pois este enfatizaria o “poder emancipatório da razão crítica [e] de diálogo autêntico e de comunicação não manipulativa (i.e. realmente pública)”. Tracy distinguiu, ainda, três públicos do teólogo – a igreja, a academia e a sociedade –, cada um com seu discurso específico, fontes, pretensões de verdade e formas de argumentação. Foi seguido por muitos neste caminho assumidamente pretensioso de uma teologia como discurso público. (3) Uma terceira narrativa seria a “*öffentliche Theologie*” defendida por Wolfgang Huber e outros na Alemanha, um contexto claramente diferente do norte-americano, onde as igrejas dominantes e territoriais (católica romana e evangélicas – luteranas, unidas, reformadas) são de direito público. Retomando um título de livro de Helmut

Percebe-se, na lista de Smit, que cada tentativa de definição, às vezes, se aproxima e, outras vezes, se afasta das demais. Não é interesse, neste momento da presente investigação, elaborar uma definição própria, ou mesmo, travar uma espécie de debate entre as posições existentes. Não obstante, ao observarmos o que disseram Newbiggin e Comblin acerca da publicidade da evangelização, considera-se a definição de David Tracy como a que mais se aproxima do entendimento dos autores estudados por esta tese, isto é, a teologia pública como um discurso público sobre o Deus cristão<sup>1117</sup>.

De acordo com Tracy, há uma necessidade cíclica de renovação do papel e da função das disciplinas do saber humano, por questões, mais do que óbvias, a teologia está inserida nesse contexto de readequação<sup>1118</sup>. Sobre essa argumentação, Tracy apresenta as seguintes questões: “O que é essa disciplina chamada teologia? O que faz dela uma disciplina? O que permite que ela seja uma forma de discurso público? Que métodos, modos de argumentação e evidência que podem ser

---

Thielicke, conquistou livre-docência com um estudo sobre Kirche und Öffentlichkeit (igreja e esfera pública), publicado em 1973. Defendeu, como teólogo e mais tarde como bispo e presidente do Conselho da Igreja Evangélica da Alemanha, uma igreja pública envolvida com os assuntos da sociedade de forma construtiva e crítica. Acrescento aqui que Huber, na época, ainda não falava de teologia pública, preferindo o conceito de teologia política. Apenas a partir de 1992 começou a falar de teologia pública e criou uma série de publicações (principalmente de teses de doutorado e livre-docência) sob este nome. Ironicamente, como conta o aluno de Huber, Wolfgang Vögele, a única referência em alemão (!) encontrada até 1992 foi na tradução do livro dos irmãos Boff “Como fazer teologia da libertação?”. (4) Tendo em mente a natureza contextual de toda teologia pública, fica em evidência a relação entre teologia e lutas públicas. Não se trata de uma mera conversa acadêmica, em ambiente protegido, sobre fé e vida pública; antes, constitui-se numa relação disputada de poder. Muitas vezes, ressalta Smit, foi e permanece uma luta pela transformação da sociedade rumo a uma sociedade “secular, discursiva e democrática”. Nessas lutas, raramente se falou de teologia pública, mas de teologia da libertação, teologia negra, teologia feminista, teologia profética, teologia “*kairos*”, entre outras. Enquanto, por um lado, “teologia pública” poderá funcionar como “termo guarda-chuva” para todas estas teologias em sua dimensão pública, é aqui que também encontra forte resistência. Parece ser um termo demasiadamente harmonioso para uma “nação raivosa” (angry nation), como diz Tinyiko Maluleke. Este afirma que “a própria sugestão de que tudo deveria ser chamado por um nome só é uma sutil estigmatização do local”. (5) Uma quinta narrativa defende a temática de teologia e vida pública num mundo globalizado. Com todas as diferenças contextuais, ainda estaríamos compartilhando um só mundo. Smit recorda a longa trajetória do movimento ecumênico, em especial em sua vertente de Vida e Ação (Life and Work), buscando tratar de questões de uma teologia pública (sem utilizar o termo) sob condições mundiais. Sonha-se com um mundo diferente, em diálogo entre igrejas do Norte e do Sul. (6) Por fim, Smit apresenta uma sexta narrativa, sobre teologia e o retorno público do religioso, algo visto, por muitos, como evento ambíguo. Especialmente a Europa, conforme José Casanova, teria uma “ansiedade diante da religião”

<sup>1117</sup> TRACY, D. **Theology as Public Discourse**. In: **The Christian Century**, March 19, 1975, pp.280-284. Disponível em: <<https://www.religion-online.org/article/theology-as-public-discourse>>. Acesso em 09 fev. 2019. Formato on-line sem paginação.

<sup>1118</sup> TRACY, D. **Theology as Public Discourse**. [s.p.].

legitimamente apresentados em qualquer discussão que se rotule de teológica”?<sup>1119</sup>

Por fim, a conclusão a que chegou David Tracy foi a seguinte:

Meu próprio modo de tentar “chegar a um acordo” com essa afirmação, [isto é, que o cristianismo como um sistema de significado com uma afirmação universalista] é insistir em que qualquer declaração teológica cristã deve mostrar sua adequação à nossa experiência humana comum. Território escorregadio aqui? Com certeza. Pois, deve-se enunciar exatamente o que se entende por “experiência humana comum” e como os outros seres humanos podem exatamente ser capazes de entender para aceitar ou rejeitar qualquer evidência suposta daquele período. Nesse caso, somente evidências francamente metafísicas fornecerão os mandados e bases experimentais necessários para a linguagem cristã de Deus. [...]. O teólogo pode encontrar maneiras públicas de articular a adequação experiencial relativa de determinados sistemas simbólicos<sup>1120</sup>.

Dito de outra forma, a teologia como discurso público se apega ao fato de ser, a mensagem cristã sobre Deus, anúncio de uma verdade universal e que há sinais dessa verdade em cada uma das culturas humanas<sup>1121</sup>. Assim, o anúncio evangélico não deixa de ser um fazer teológico, uma vez que a teologia é o diálogo entre a Palavra de Deus e o mundo de Deus. Portanto, é preciso que se considere que a oposição do mundo a Deus exigirá que a mensagem confronte todas as forças contrárias aos Evangelho, inclusive as próprias compreensões que a humanidade tem admitido como verdade<sup>1122</sup>. Newbigin entende que a mensagem do Evangelho é um desafio público, que engloba o conflito de percepções conflitantes, as quais têm moldado e determinado as diversas esferas da realidade humana. Sobre isso, Newbigin considerou:

A evangelização é um chamado para acreditar em algo radicalmente diferente do que é geralmente aceito como verdade pública, e que exige a conversão, não apenas do coração e da vontade, mas também da mente. Um compromisso sério com a evangelização, com a proclamação do que a Igreja foi enviada para anunciar, implica um questionamento radical dos valores dominantes na vida social; Significa afirmar o evangelho, não apenas como um convite a uma decisão privada e pessoal, mas como uma verdade pública que deve ser reconhecida como tal pela totalidade da estrutura social<sup>1123</sup>.

Tanto Newbigin como Comblin postulam a necessidade de a Igreja se fazer ouvida pelo Mundo<sup>1124</sup>. Numa sociedade secularizada, a Igreja, não raras vezes, justifica sua incapacidade de estar na ágora da história, porque o mundo voltou as

<sup>1119</sup> TRACY, D, *Theology as Public Discourse*. [s.p.].

<sup>1120</sup> TRACY, D, *Theology as Public Discourse*. [s.p.].

<sup>1121</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *Uma Verdade que hay de decir*, pp.19-41 passim.

<sup>1122</sup> Cf. TINKER, M. *O Pastor como teólogo público*. In: VANHOOZER, K. J.; STRACHAN, O. (eds.). *O Pastor como Teólogo Público*, p.89.

<sup>1123</sup> NEWBIGIN, L. *Uma Verdade que hay de decir*, p. 8.

<sup>1124</sup> Cf. NEWBIGIN, L. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, pp.127-132; NEWBIGIN, L. *Uma Verdade que hay de decir*, p. 24-34. COMBLIN, J. *Evangelizar*. p.7.

costas à religião, neste caso, ao cristianismo. E, por isso mesmo, se refugia nos espaços sagrados dos seus templos, nos quais se sentem acolhidos e protegidos contra a profanidade mundana. A análise de Newbiggin reconhece que o pós-Illuminismo foi quem retirou do espaço público, transformando o discurso religioso cristão em uma opinião, retirando-lhe o status de verdade<sup>1125</sup>. Diante dessa transformação de mentalidade, a questão a ser levantada aqui é a seguinte: O que a religião cristã tem para oferecer numa sociedade que caminha numa direção inversa daquele presente no discurso eclesial? De outra maneira, num mundo determinado pelo científico e racional, o que a Igreja tem a dizer? Na dificuldade da resposta, a Igreja corre o risco de se calar.

Entretanto, é contundente a afirmação do filósofo britânico Terry Eagleton, quando esse diz que: “As sociedades não se tornam seculares quando renunciam completamente a religião, mas quando não são mais inquietadas por ela”<sup>1126</sup>. Isto quer dizer que a incapacidade da Igreja em falar sobre Deus e anunciar a Boa Nova do Reino é responsabilidade mais da própria Igreja, ao se furtar ao dever de ser sal e luz (cf. Mt 5,13-16). A Igreja tem pagado um caro tributo ao deixar de incomodar a sociedade. A crítica de Comblin, ao posicionamento Católico, que até ao término do Vaticano II, vivia numa condição de fechamento em relação ao mundo, segue o mesmo sentido de Eagleton<sup>1127</sup>. Essa crítica também é válida para o fundamentalismo protestante norte-americano<sup>1128</sup> e em uma expansão para outros continentes por meio das missões, inclusive no Brasil.

Um modelo de evangelização que pretende ser integrador, ao invés de distinguir duas realidades antagônicas, deverá necessariamente estar atento ao fato de que o seu discurso não poderá se restringir ao ambiente eclesial, limitado pelo discurso religioso-dogmático ou por postura institucional. O contato com as

<sup>1125</sup> NEWBIGGIN, L. **The Foolishness to the Greeks**, pp.1-20; NEWBIGGIN, L. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**, p.41.

<sup>1126</sup> EAGLETON, T. **Culture and the death of God**, p.1.

<sup>1127</sup> Cf. COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, pp.76-81.

<sup>1128</sup> O fundamentalismo em sua primeira geração teve origem na reação de alguns professores do Princeton Theological Seminary ao Liberalismo teológico europeu que vinha ganhando adeptos entre professores e alunos de Princeton. Os fundamentos considerados inegociáveis são: o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição corpórea, a facticidade dos seus milagres e dos demais milagres bíblicos e a Inspiração das Escrituras. Um dos mais importantes nomes no movimento fundamentalista de Princeton foi John Gresham Machen (1881-1937). Suas principais ideias podem ser vistas na obra *Cristianismo e Liberalismo*, na qual J.G. Machen afirmou que “o liberalismo moderno não é apenas uma diferente do cristianismo, mas também pertence a uma classe totalmente diferente de religião”. Cf. MACHEN, J. G. **Cristianismo e Liberalismo**, p.18.

culturas – e aqui deve ser considerado como culturas as próprias tribos urbanas, as classes sociais, os regionalismos de um país – deve produzir uma evangelização e uma consequente atuação pública, que unifique essas duas dimensões da realidade, ou seja a Igreja e o mundo. Cada seguimento cultural é uma forma de expressar a universalidade do Evangelho, que é a expressão universal do amor divino. O fato é que tanto Newbigin como Comblin admitem que a Igreja tem algo a dizer, mas, o que deve ser dito, não pode ficar restrito ao ambiente e ouvidos dos interessados pelo Evangelho, porém, deve ser apresentado no ambiente público, de onde o Evangelho foi retirado e onde tem sido negado.

Finalmente, o objetivo é redimir não somente a humanidade separadamente de todas as outras criaturas, mas, juntamente com a humanidade, livrar também todo o céu e a terra, em uma palavra, o mundo todo em sua inter-relacionalidade orgânica, do poder do pecado e, novamente, fazer a glória de Deus brilhar em cada criatura<sup>1129</sup>

Poder-se-ia questionar: Como a Igreja entra na esfera pública? Ao propor uma mudança de paradigmas por meio da superação dos dualismos presentes na Igreja, principalmente o dualismo Igreja-Mundo, a primeira coisa que se admite é que a Igreja já está no mundo, o que é o mesmo que dizer que ela é tão parte do espaço público como qualquer indivíduo ou qualquer outra instituição. Se a Igreja não participa de maneira ativa é por conta da negação do mundo como sua realidade. E um anelo por uma outra condição, uma maneira esquizofrênica de fugir das suas responsabilidades. Ao sair do mundo, a Igreja se opõe ao rogo feito por Jesus ao Pai: “Não peço que os tires do mundo” (Jo 17,15). E, ao mesmo tempo, renega o seu envio: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho” (Mc 16,15). Assim, diante do que foi tratado neste item, devem-se considerar as seguintes características do aspecto público da evangelização.

A primeira característica é ser comprometida com a missão. A missão é a razão de ser da Igreja. Conseqüentemente, “não há participação em Cristo sem a participação em sua missão ao mundo. Aquilo porque a Igreja recebe a sua existência, é aquilo porque também recebe a sua missão mundial”<sup>1130</sup>. Ou, nas palavras de Johannes Blauw, a “Igreja é Igreja missionária ou não é Igreja”<sup>1131</sup>. A evangelização pública tem o papel de fazer a Igreja lembrar o porquê dela estar no mundo. A proclamação do Evangelho é o anúncio do Reino de Deus que se torna

<sup>1025</sup> BAVINCK, H. *Dogmática Reformada*, vol.1, p.346.

<sup>1130</sup> FEY, H. E. (ed.) *A History of the Ecumenical Movement*, vol. 2 (1948-1968), p.179.

<sup>1131</sup> BLAUW, J. *A Natureza Missionária da Igreja*, p.120.

presente e se mostra às pessoas, por meio da transformação operada pelo Espírito Santo. Revela-se ao mesmo tempo em que convida a uma nova experiência de vida. Por ser comprometida com a missão, a evangelização pública se apressa em adentrar em todas as esferas da vida: cultural, social, econômica e política. A salvação não é apenas para a alma arrependida. As artes, os relacionamentos, a economia, a educação, a política, o trabalho, nada disso pode ser considerada fora do agir salvador do Evangelho, uma vez que onde o pecado tornou-se prolífero, a graça divina precisa tocar, transformar e transbordar (cf. Rm 5,20 BP). Nas palavras do teólogo e político holandês Abraham Kuyper: “não há uma polegada quadrada, em todo o domínio da nossa existência humana, sobre a qual Cristo, que é Soberano sobre todos, não exclame: É meu<sup>1132</sup>!

A segunda característica é a sua fidelidade ao Evangelho. No meio protestante, a expressão “fidelidade às Escrituras” descreve o compromisso no ensino da Palavra de Deus, considerando-a a única regra de fé e prática para a vida cristã. Mas, também significa a sustentação da inspiração, autoridade, inerrância e infalibilidade da Palavra de Deus<sup>1133</sup>. A partir deste uso, ao caracterizar a evangelização pública como fiel ao Evangelho, tem-se em mente que a lealdade ao anúncio possui primazia. Se a ordem dada a Igreja é fazer discípulos de todas as nações, então, não há outra coisa a fazer, se não, obedecer.

Assim, quando o Pacto de Lausanne mencionou que “a evangelização mundial requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo”<sup>1134</sup>, a sua intenção era ampliar o sentido da evangelização, que não se limita apenas uma dimensão da existência humana, mas que alcança todas as possíveis dimensões desse existir. Assim, não é possível minimizar o seu sentido e as exigências do arrependimento e mudanças radicais da mensagem. Não se pode negociar com os princípios e valores do Reino de Deus. Não se pode apresentar um Evangelho brando e permissivo. Não se pode apresentar um evangelho que transforme a alma, mas nada tem a dizer sobre o corpo e tudo o que é material e vice-versa. A exemplo de Jesus e seu ministério evangelizador, o Evangelho não falava apenas de uma

<sup>1132</sup> KUYPER, A. **Sphere Sovereignty**. In: KUYPER, A.; BRATT, J. D. (ed.). **Abraham Kuyper: A Centennial Reader**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1998. p.488.

<sup>1133</sup> Cf. CFW, I.1,4.

<sup>1134</sup> PACTO DE LAUSANNE. In: **Movimento de Lausanne**. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 09 de março de 2019.

vida eterna e futura, mas de uma nova vida que se iniciava no encontro do ser humano e Jesus. Neste encontro, a mensagem não estava presente apenas no que Jesus tinha a dizer, mas também naquilo que ele podia realizar.

A terceira e última característica da evangelização pública é a profética. Como uma comunidade que participa do múnus profético de Jesus Cristo, a Igreja precisa assumir o papel de profeta para o mundo. Ela fala da parte de Deus ao mundo, expressando e anunciando a boa, perfeita e agradável vontade de Deus (cf. Rm 12,2). Como afirma o DOC 62, 72:

À função profética pertencem as várias modalidades de relação entre a comunidade dos fiéis e a Palavra de Deus: sua acolhida na fé, sua vivência no amor, seu testemunho exterior, seu aprofundamento pela catequese e pela reflexão teológica, a denúncia em seu nome, o anúncio pela pregação, sua meditação na oração pessoal, sua celebração na liturgia comunitária. A pregação da palavra não foi confiada somente a alguns, mas a todos<sup>1135</sup>.

Por outro lado, a Igreja, a exemplo de Jesus e dos profetas, deve estar apta para “denunciar com firmeza tudo aquilo que se opõe ao Evangelho e contraria os princípios éticos de uma sadia convivência humana” (DOC 62, 124). A tradição reformada denomina essa função a de ser “consciência do Estado”<sup>1136</sup>. Isso determina que a Igreja deve estar atenta e ser capaz de interpelar o que acontece na esfera pública. Assim, eram os profetas do Antigo Testamento, os quais não estavam apenas interessados nas questões religiosas de Israel. Uma vez que mentalidade hebraica não dissociava dualistamente a realidade, toda a existência era alvo dos profetas enviados ao povo<sup>1137</sup>. Ao denunciar os pecados da nação (cf. Is 1,1-20; 7,17-25; Ez 4-6ss; Am 1-3,12), ao exortar o povo ao arrependimento (cf. Is 40,1-6; 49,1-7; 55,1-13) ou ao consolar Israel diante das ameaças de Yahweh (Is 12,1-12; Jr 33,1-26, Zc 8,13), o interesse de cada um daqueles que foram boca de Deus eram ser sinal da presença do Reino de Deus no desenvolvimento da história de Israel<sup>1138</sup>.

<sup>1135</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas - Documento 62**, p.53.

<sup>1136</sup> Cf. AZEVEDO, M.A.F. **A Liberdade Cristã em Calvino**, p.203. MATIKITI, R. **Church and State relations**. In: *Studia Historiae Ecclesiasticae*, v.35 n.2, October 2009. Disponível em: <[http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/4568/MatikitiHEXXXV\\_2October2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/4568/MatikitiHEXXXV_2October2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em 09 mar. 2019.

<sup>1137</sup> Cf. DUSSEL, E. **El Humanismo Semita**, p.21.

<sup>1138</sup> Cf. VOS, G. **Teologia Bíblica**, p.228. Vos foi pastor e teólogo presbiteriano. Trabalhou na área de teologia bíblica, tendo obtido seu doutoramento em estudos árabes pela Universidade de Estrasburgo, em 1888. Foi o mais importante professor da área bíblica do Princeton Theological Seminary, sendo considerado o pai da teologia bíblica reformada. Cf. GAFFIN JR., R. B. **Introduction**. In: VOS G.; GAFFIN JR., R. B. (ed.). **Redemptive History and Biblical Interpretation**, p. xiv. OLINGER, D.B. **Geerhardus Vos**, p.74ss.

Portanto, uma evangelização público-profética é a intervenção da Igreja sob as bases da fé cristã para se opor a opressão e injustiça, que se manifestam no cenário da vida comum, e apresentar a contraproposta evangélica, como o padrão de Deus para a humanidade, conforme declarado pelo profeta Miqueias, numa espécie de resumo desse padrão: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6,8).

Entretanto, a grande dificuldade de assumir essa função é não se deixar levar por ideologias que, de alguma maneira, tenham semelhança com a proposta libertadora de Deus. Admitindo que as ideologias são construídas dentro de estruturas humanas aviltadas pelo pecado e o mal, as quais podem trazer em si elementos de opressão e de injustiça, a Igreja deve profeticamente permanecer apercebida da situação e sempre denunciar o que é perverso em qualquer ideologia. É fato que, na história cristã, a legitimação de algum tipo de ideologias ou de sistemas de poder, por parte da Igreja, sempre implicou no esquecimento da missão e na perda do seu múnus profético.

Portanto, ao superar os dualismos sagrado-profano e o privado-público, a evangelização tem condição de se apresentar novamente como uma proposta válida e aceitável para dar sentido à realidade em que a espécie humana tem vivido. Num espaço em que as múltiplas ofertas são apresentadas, pior que não receber atenção, é deixar de se apresentar. A encarnação evidencia a entrada pública de Deus no mundo. Foi nas praças, no Templo e campos abertos, onde todos que quiseram ouvir ou não Jesus tiveram a oportunidade do encontro. Ninguém foi privado de ouvi-lo. Nessas oportunidades, jamais deixou de lado os problemas ordinários e comuns do seu povo; todas as circunstâncias eram oportunidades bem-vindas para que o Reino de Deus fosse apresentado, crido e apropriado como uma pérola de grande valor (cf. Mt 13,45-46).

#### **4.1.5 O Aspecto Diaconal da Evangelização**

Os processos evangelizadores no protestantismo, são entendidos como processos de fala, de verbalização da mensagem do Evangelho. Não à toa, que o protestantismo opta pela expressão evangelismo, que insinua a apresentação massificada da mensagem cristã de salvação. Entretanto, uma evangelização

integradora, procura romper com o dualismo que subjaz na teologia e na prática cristã, sem, contudo, cair na armadilha da reversão dialética. Mais especificamente, a evangelização integradora deve superar também o dualismo corpo-alma, uma segmentação antropológica do ser humano, cuja valorização tende a recair sobre a alma. A superação desse tipo dualismo faz com que o ser humano seja visto em seu todo, em sua integralidade, e não como uma tensão dialética de inspiração platônico-aristotélico.

Deste modo, a evangelização não pode ser compreendida como simples comunicação verbal de uma mensagem determinada por afirmações categóricas de salvação – “Salva tua alma”, ou “Livre sua alma do inferno”. Porquanto, o interesse não é apenas a alma ou corpo, mas o ser humano completo. Como deixou bem claro o teólogo protestante equatoriano René Padilla:

Mesmo se a evangelização fosse definida em termos de comunicação verbal – uma definição que deixaria muito a desejar à luz da psicologia da comunicação – deveríamos ainda acrescentar, com base no texto, que a evangelização era apenas um dos elementos da missão de Jesus. Junto com o kerygma estava a diakonía [...]. E isso pressupõe um conceito de salvação que abrange a totalidade do homem e não pode ser reduzido ao perdão dos pecados e à segurança de uma vida sem fim com Deus no céu.<sup>1139</sup>

Pregação e Serviço, formam assim, dois aspectos de uma mesma coisa, isto é, da evangelização. Para o teólogo presbiteriano Jorge Barro, aspecto diaconal da evangelização poderia também ser chamado de encarnacional, porquanto, nesse aspecto as palavras ganham corpo em realizações concretas da mensagem evangélica.<sup>1140</sup>

Ao descrever o modelo evangelizador existente na IP-ST, que, de maneira geral, representa uma realidade comum às comunidades eclesiais cristãs, independentemente de sua confessionalidade, percebe-se que o ideal do discurso evangelizador está acima da ação, porque continua persistindo o dualismo corpo-alma. Ainda que haja algumas tentativas para que, desta comunicação, nasça alguma espécie de atitude comunitária, que objetive a aplicação do Evangelho tanto num nível pessoal como também coletivo, mesmo assim a mensagem verbalizada continua sendo considerada a tarefa única da Igreja no mundo. Todas as demais ações possíveis são desdobramentos individuais de cada cristão e nada têm a ver com evangelização.

<sup>1139</sup> PADILLA, C. R. *Mision Integral*, p.22.

<sup>1140</sup> BARRO, J. H. *De Cidade em Cidade*, p.108.

De um modo bem específico, existe um grupo dentro a IPB, denominação a que pertence a IP-ST, que admite unicamente a pregação, anúncio ou proclamação da mensagem do Evangelho<sup>1141</sup>. No caso de se pensar a possibilidade de ações eclesiais que alcance as necessidades temporais como fome, doença, opressão, situação de violência e tantas outras conseqüências do pecado do mundo, há quem chegue a dizer que a sinalização do Reino de Deus por meio dos milagres e prodígio de Jesus e dos apóstolos estava restrito aquele tempo específico. O sinal atual do Reino é única e exclusivamente a pregação<sup>1142</sup>.

Por outro lado, existe também aqueles que procuram refletir sobre o caráter integrado e múltiplo da missão, entendendo que evangelizar inclui tanto discurso como ação<sup>1143</sup>. Contudo, como apontado nos capítulos anteriores, a IPB não possui um padrão oficial sobre a missão cristã, cabendo a cada ministro orientar a comunidade que pastoreia de acordo com o seu próprio entendimento teológico.

Feita essa digressão, faz-se necessário retomar o que se propõe aqui como o entendimento do aspecto diaconal da evangelização. Esse aspecto aponta para o serviço, para as ações empreendidas pela Igreja que visam sinalizar a presença de Jesus Cristo ao mundo<sup>1144</sup>. Trata-se de uma evangelização que se faz perceptível de outras formas que não pelo anúncio verbal do Evangelho. A proclamação não-verbal do Evangelho, por meio de gestos e atitudes que testificam a presença do Reino e do amor sempre novo do Pai, a salvação em Jesus e a presença motivadora e consoladora do Espírito Santo, também são ações evangelizadoras.

Neste sentido, a evangelização diaconal faz parte do novo estilo de vida, experimentado pelos cristãos, tanto individual como coletivamente, a partir do seu encontro com o Cristo<sup>1145</sup>. O cristão, em seu encontro com Jesus Cristo, dá início a sua nova vida. Uma condição de liberdade que se relaciona com a libertação do pecado, que por sua vez implica na conformação desse indivíduo liberto à imagem

---

<sup>1141</sup> Cf. MEDEIROS, E. **Evangelização e Ministério Pastoral**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 176pp. CUNHA, G.P.; SANTOS, V.S. (orientador). **Pequenos Grupos na Igreja Presbiteriana do Brasil**: Um modelo estratégico para revitalização de igrejas a partir de uma perspectiva bíblico-teológica reformada. Tese (Doutorado em Ministério). Reformed Theological Seminary (RTS)/ Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ), 2014.

<sup>1142</sup> Ibid., p.36

<sup>1143</sup> Cf. BARRO, J. H. **De Cidade em Cidade**, pp.149-150.

<sup>1144</sup> Cf. STEDMAN, R. **Igreja: corpo vivo de Cristo**, p.94.

<sup>1145</sup> Cf. VAN ENGEN, C. **Povo Missionário, Povo de Deus**, p.119.

do Cristo, que o libertou<sup>1146</sup>. Nesse sentido, o teólogo jesuíta Mario França de Miranda entende que a nova condição de liberdade, na qual o cristão se encontra, inserido na própria vida de Cristo e do Espírito, é a libertação do seu agir, preso as amarras do egoísmo, que agora lhe oferece uma nova forma de agir em amor<sup>1147</sup>.

Essa libertação também acontece com relação ao pecado, não no sentido de que o Cristão se tornasse imune as tentações, moralmente imaculável, esse no sentido de que essa libertação é de cunho ontológico anterior a dimensão ética, libertando o ser humano da divisão interna (Rm 7,18-20) e capacitando a agir segundo o Espírito (Gl 5,25)

Uma vez apto para toda boa-obra, o cristão é capaz de escolher e realizar aquilo que é bom, não para si mesmo – que é egoísmo, mas para os seus iguais. O amor renovado pelo Espírito não pode ser mero discurso, mas se transforma em ação. A ação ou serviço é esta dimensão amorosa e operante do Evangelho. Servir é “diacunar”. O verbo grego, diakonēō, traz ideias importantes para definir a evangelização como diaconal: auxiliar, servir, cuidar, ajudar e apoiar<sup>1148</sup>.

Assim, o aspecto diaconal da evangelização rompe com o dualismo palavra-serviço, ou ainda a relação querigma-diaconia, que no meio protestante o serviço é deixado de lado, em detrimento da pregação. Ou no catolicismo, cuja ênfase recai sobre o serviço, ao menos nos círculos mais influenciados pela TdL. Contudo, a evangelização integradora aponta para a realidade de que ambos os termos da relação palavra-serviço devem caminhar juntas. O discurso sem a ação é semelhante a fé sem obras; o discurso está morto quando ele não se incorpora na manifestação visível da mensagem anunciada (cf. Tg 2,26; 1Jo 3,15-16). Mas como se configura esse aspecto diaconal da evangelização?

De acordo com o teólogo luterano norueguês Kjell Nordstokke:

O modo de ser diaconal da igreja tem como função tanto a vida interna da comunidade como sua missão no mundo. O episódio relatado em Atos 6,1-6 revela a importância que os líderes da comunidade primitiva deram ao conflito social. O que estava em jogo não era simplesmente um melhor sistema de distribuição de pão, mas a própria unidade da comunidade e, com isso, sua identidade. Podemos concluir que “servir as mesas”, muito mais do que servir os necessitados, busca garantir a qualidade messiânica da comunidade, onde ninguém passa fome e onde há distribuição justa<sup>1149</sup>.

<sup>1146</sup> Cf. MIRANDA, M.F. *A Salvação de Jesus Cristo.*, p.127.

<sup>1147</sup> MIRANDA, M.F. *A Salvação de Jesus Cristo.*, p.127.

<sup>1148</sup> Cf. GRINGRICH, F.W.; DANKER, F.W. *Léxico do NT Grego/Português*, p.53.

<sup>1149</sup> NORDSTOKKE, K. *Diaconía*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C.; ZWETSCH, R. E. *Teología Práctica en el contexto de la América Latina*, p.298. Nordstokke é doutor em teologia pela Universidade de Oslo. Esteve como missionário no Brasil entre 1974-1981, servindo ainda como professor de Teologia Sistemática e Ecumenismo da EST/São Leopoldo. Foi professor e diretor do Diakonihjemmet College (algo como “Faculdade Casa dos Diáconos), em Oslo.

A diaconia, na percepção de Nordstokke, não pode ser pensada apenas como ação social, obras de caridade ou como algum tipo de assistencialismo que a Igreja cristã possa produzir. Primeiramente, a diaconia é integradora. A comunidade e o mundo são alvos do serviço em amor da Igreja. Em segundo lugar, a diaconia é a função eclesial que age para a preservação e difusão da justiça e misericórdia fazendo com que a Igreja, como sacramento da salvação, sinalize a presença de Jesus e do Reino que ele inaugurou. É por isso, que a instituição do primeiro corpo diaconal da Igreja acontece diante de uma situação em que uma opção poderia significar a queda ou a permanência da Igreja como comunidade do Reino (At 6,1). Ao reconhecerem a irrazoabilidade da suspensão do anúncio do Evangelho, os Apóstolos admitiram também a seriedade da questão que lhes foi apresentada (At 6,2-3). Portanto, a instituição do diaconato significou a admissão de que existem demandas simultâneas e diferentes quanto às suas origens, na vida da Igreja que devem ser supridas. E todas essas dimensões da mesma comunidade de fiéis, o Evangelho estava sendo proclamado.

Para o teólogo católico Júlio Bendinelli, diácono permanente da Arquidiocese de Vitória, no Espírito Santo, “a diaconia da Igreja se traduz no serviço de amor e na comunhão fraterna”<sup>1150</sup>. O aspecto diaconal da evangelização não está apenas na literalidade da fala apostólica de At 6,1-6, isto é, “servir as mesas”. Antes, está na observação amorosa e misericordiosa sobre aquilo que falta nas diversas “mesas” da existência humana, tal qual fez o Nazareno em seu ministério (cf. Mt 9,36; 14,14; Lc 7,12-14). Serviço de amor e comunhão aponta para todos os meios, pelos quais a Igreja, em seu ministério evangelizador, pode amenizar o sofrimento imediato daqueles que são incorporados à sua membresia ou daqueles que vivem fora desse pertencimento<sup>1151</sup>. Desta forma,

<sup>1150</sup> BENDINELLI, J. C; MORAES, A. O. (orientador). **Servidor da mesa da Palavra de Deus: estudo teológico-pastoral sobre o ministério do diácono permanente**. 2016. 336 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2016 p.197.

<sup>1151</sup> Uma das mais absurdas causas do Cisma de 1903 na IPB, que deu origem a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), foi a proposta dos cismáticos de limitar o acesso ao Mackenzie College aos filhos de pais evangélicos. Um desses líderes, o rev. Eduardo Carlos Pereira, entendia que a IPB deveria se dedicar a educação “dos filhos da Igreja, pela Igreja, para a Igreja”. Uma ideia oposta ao modelo misto adotado pelo Mackenzie. E, diante do que está sendo discutido nesta tese, contrário ao entendimento da missão cristã. Cf. FERREIRA, **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**, vol.1, p.438.

a Diaconia de forma mais explícita com o testemunho de Cristo para o mundo (missão externa). [E] parte da premissa de que a proclamação do Evangelho e o culto cristão criam uma comunidade que se sente enviada para o mundo (relação entre martyria e diaconia) . [...] A missão da Igreja resulta da palavra proclamada e do amor vivenciado, o qual igualmente tem caráter proclamatório. Pela Diaconia, a Igreja se abre para o mundo (opus ad extra), pois a Igreja de Cristo tem um mandato universal. Para ele, o Evangelho implica necessariamente um imperativo ético-diaconal<sup>1152</sup>.

Para Järveläinen, citado Lothar Hoch, o papel fundamental da diaconia é a evangelização pela vida de testemunho, que apresenta o ético-diaconal, isto é, a efetivação daquilo que é dito na ação pró-mundo presente a ação da Igreja. A ação é apontada para a palavra e a palavra é ouvida, porque atendeu um critério da verdade. Diante do que foi exposto, é possível, portanto, considerar as seguintes características que definem o aspecto diaconal da evangelização.

Em primeiro lugar, a evangelização diaconal se caracteriza por sua comoção pelas “dores do mundo”. A evangelização é inicialmente testemunho (cf. EN, 15c). Ela é uma mensagem para o mundo, que geme e chora, por causa das dores que lhe são impostas pelo pecado, pela maldade que atinge todas as suas dimensões existenciais. Diante disso, a mensagem realiza a sua função. Contudo, o Evangelho precisa tomar forma e se encarnar diante dos problemas e das dores que sofrem o mundo. E por isso e pelos seus próprios pecados e sua miséria que a Igreja cristã, mas também pelo mundo, que clama *kyrie eleison*. Uma igreja diaconal é uma igreja que se envolve com o próximo em sua dor. Uma evangelização com o aspecto diaconal é aquela que anuncia uma mensagem de esperança, porque a dor do outro também é a sua dor.

Segundo Walter Kasper, os dias atuais demandam intensamente pela presença comum da empatia e da misericórdia<sup>1153</sup>. Ambos os sentimentos mutuamente se exigem, sendo a compaixão “uma experiência humana universal, ela é apropriada como ponto de partida para a teologia, uma vez que só se pode falar de Deus com a ajuda de categorias universais”<sup>1154</sup>.

Em segundo lugar, o aspecto diaconal da evangelização assume uma característica prática. Para Ignino Giordani, “a evangelização é distribuição da Palavra e das ajudas, assim como conversão e assistência andam juntas,

<sup>1152</sup> Cf. JÄRVELÄINEN, M. *Gemeinschaft in der Liebe*. Heidelberg: DWI-Verlag, 1993, p.116 apud HOCH, L.C. *A Diaconia na IECLB: O despertar da Igreja para um ministério esquecido*. In: *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 1, p. 21-31, 2005, p.29.

<sup>1153</sup> KASPER, W. *La Misericordia: Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, p.25.

<sup>1154</sup> KASPER, W. *La Misericordia*, p.25., p.28.

essencialmente e não acidentalmente”<sup>1155</sup>. A comoção, da qual se falou acima, não pode se restringir ao sentimento. Como visto a referenciação da ação evangelizadora da Igreja é o Deus Uno e Trino, cuja compaixão misericordiosa se transforma em seu agir salvador, buscando a solução daquilo que é a causa do sofrimento e dor da humanidade, isto é, o pecado que a separa da fonte de todo bem, que é Deus (cf. Is 59,2).

Desta forma uma evangelização, que faça jus ao adjetivo diaconal, não pode se limitar apenas ao anúncio verbal da mensagem cristã. Por ser o Evangelho a mensagem do amor de Deus, que se manifesta misericordiosa e concretamente em Jesus, a Igreja deve adotar uma postura de fazer conhecida a divina misericórdia por meio de suas ações. Não é somente oferecer a transformação de vida presente no seguimento Jesus, mas é também oferecer uma imediata solução para as dores consequentes do pecado e do mal. Essa compaixão inicial é a chave que abre o coração da Igreja, bem como as suas mãos para acolher aqueles que Cristo acolheu, mesmo aqueles que não se dispuseram ao seguimento. Resumindo tudo o que foi dito nesta subseção, admite-se a simplificação reducionista voltada exclusivamente para a apresentação do conteúdo da mensagem evangélica a um público não-cristão não pode ser admitido como evangelização em si.

Isso se dá porque esse modelo de evangelização se sustenta apenas na ordenança explícita da comissionamento de Jesus (Cf. Mt 28,20-21; Mc 16,15) e não leva em consideração todos os aspectos, aqui apontados, que auxiliariam os processos evangelizadores a se tornarem mais efetivos na superação dos dualismos igreja-mundo, fé-cultura, espírito-carne e outros que poderiam ser pontuados. Todavia essas relações apresentadas oferecem um quadro suficientemente claro para diagnosticar na IP-ST uma evangelização interna e fechada, desprovida de uma ação que se externe por uma procura por aqueles que, fora do seu redil – utilizando a metáfora evangélica, estão no desterro dos desertos existenciais, experimentando essas realidades como única possibilidade de vida, desconhecendo o que é oferecido gratuitamente pelo Supremo Pastor (cf. Lc 15,1-7; 1Pe 5,4).

Torna-se, portanto, urgente a redescoberta de uma evangelização que tenha uma opção geral e ampla por todas as dimensões do existir humano. Uma evangelização que não segmente dualistamente as dimensões humanas e mesmo as

<sup>1155</sup> GIORDANI, I. **Il messaggio sociale del cristianesimo**. 9.ed. Roma: Città Nuova, 2001, p. 339

evangélicas. É preciso que se volte o olhar para o entendimento teológico e pastoral que a Igreja, em suas diversas tradições tem produzido, para se recuperar ou mesmo para produzir um modelo evangelizador que possibilite essa integração que se propõe nesta tese. Em síntese, “a mensagem da misericórdia divina não é uma teoria estranha ao mundo e à prática; ela também não se contenta com declarações sentimentais de comiseração. Jesus nos ensina a sermos misericordiosos segundo o exemplo de Deus (cf. Lc 6,36).<sup>1156</sup>

## 4.2 As Responsabilidades numa Evangelização Integradora

O imperativo da evangelização está sobre todos os cristãos. Nenhum deles sequer está dispensado dessa tarefa, algo que diz respeito a própria dinâmica do seguimento de Jesus. As palavras do Salvador são igualmente válidas para todos os que, em todas as eras e lugares, tiveram um encontro com ele: “Assim como o Pai me enviou, eu também os envio” (Jo 20,21). Assim, a incumbência da evangelização não está sobre a responsabilidade exclusiva das lideranças eclesásticas ou outros agentes especificamente ordenados – missionários, evangelistas, pessoas de vida consagradas, entre outros – mas, paira esse encargo sobre todos os batizados. Há, portanto, uma responsabilidade partilhada por todos os cristãos no que diz respeito a comunicação do Evangelho do Reino.

Numa perspectiva protestante, a doutrina do sacerdócio universal de cada cristão diz respeito, fundamentalmente, à capacitação comum de cada cristão para o louvor a Deus, como manifestação de gratidão pelo que foi recebido gratuitamente de Deus<sup>1157</sup>. Entretanto, existe ainda a dimensão do serviço e da ação, que são

<sup>1156</sup> KASPER, W. *La Misericórdia*, p.131.

<sup>1157</sup> Cf. LUTERO, M. *Da Liberdade Cristã*. In: LUTERO, M. *Obras Seleccionadas*, vol.2, p.445. Falando sobre o múnus real e sacerdotal que Jesus compartilha com a sua Igreja, base do entendimento luterano acerca do “sacerdócio universal”, Lutero afirmou: “E não somos apenas os mais livres reis, mas também sacerdotes em eternidade, o que é bem mais excelente do que ser rei, porque por meio do sacerdócio somos dignos de comparecer perante Deus, orar por outros e ensinarmos mutuamente sobre as coisas de Deus. Pois estes são ofícios dos sacerdotes, que de forma alguma podem ser conferidos a algum descrente. Assim Cristo no-lo conseguiu, se nele cremos, para que, como co-irmãos, co-herdeiros e co-reis, também sejamos seus co-sacerdotes, ousando aparecer perante Deus em confiança e pelo espírito da fé, e clamar “Aba, Pai” 22, orar um pelo outro e fazer tudo o que vemos o ofício visível e corporal dos sacerdotes fazer e figurar”. Cf. CALVINO, J. *IRC*, IV.18.17: “Quando anunciamos e recordamos a morte do Senhor, e lhe damos graças, não fazemos outra coisa senão oferecer sacrifícios de louvor. Por causa deste ofício de sacrificar, todos os cristãos somos chamados ‘sacerdócio régio’ (1Pd 2, 9); porque por Cristo oferecemos seu nome, como acabamos de ouvir pela boca do Apóstolo [Pedro]. Porque nós não poderíamos apresentar-nos com

consequências do múnus sacerdotal recebido por cada cristão. De acordo com o teólogo luterano Gerson Fischer, o exercício do sacerdócio universal, segundo Lutero, faz com que cada indivíduo se torne participante do sacerdócio de Cristo, “em seu ministério de reconciliação”<sup>1158</sup>. Isso significa, nesta perspectiva, que todo aquele que participa da graça salvadora de Deus, em Jesus, é igualmente chamado e capitado à tornar-se partícipe das ações salvíficas de Deus em favor do mundo, apontando para o entendimento da justa cooperação de cada “sacerdote” na realização da missão outorgada à Igreja pela sua Cabeça, Jesus Cristo (cf. Ef 4,15). Neste sentido, Lutero afirmou:

Assim todos nós somos ordenados sacerdotes através do batismo, como diz são Pedro em 1Pe 2,9: “Vós sois um sacerdócio real e um reino sacerdotal”, e Ap [5,10, são João diz:] “com teu sangue tu nos constituíste sacerdotes e reis”. [...] Daí se segue leigos, sacerdotes, bispos e, como dizem, espirituais [eclesiásticos] e seculares [leigos] no fundo verdadeiramente não tem qualquer diferença senão em função do cargo ou da ocupação, e não pelo seu estamento; pois todos eles são do estamento espiritual, autênticos sacerdotes [...]. Contudo, nem todos têm a mesma ocupação, assim como também entre os sacerdotes e monges nem todos têm a mesma ocupação<sup>1159</sup>.

Para Lutero, a distinção entre o clero e o laicato não se trata de um dualismo em chave oposição-negação. Não se trata de uma relação tipo “ou, ou”. A distinção entre o clero e o laicato é tão-somente em função das tarefas referentes a cada um desses grupos. Porém, todos estão envolvidos na missão da Igreja.

Também para Calvino, sistematizador da tradição reformada, “o conceito do sacerdócio real de todos os crentes é a chave interpretativa da sua eclesiologia” e, portanto, da evangelização<sup>1160</sup>. É justamente a percepção calviniana da doutrina do

---

nossos dons e presentes diante de Deus sem intercessor. Este intercessor é Cristo, que intercede por nós, pelo qual nos oferecemos a nós e tudo quanto é nosso ao Pai. Ele é nosso Pontífice, que, tendo entrado no santuário do céu, nos abre a porta e dá acesso; ele é nosso altar, sobre o qual depositamos nossas oferendas; nele nos atrevemos a tudo o que nos atrevemos. Ele, digo, é quem nos fez reino e sacerdotes para seu Pai (Ap. 1,6)”. E, comentando, 1Pe 2,9, Calvino amplia esse sentido do sacerdócio, dizendo: “Deus nos favoreceu com [...] imensos benefícios e constantemente os manifesta, para que sua glória seja por nós conhecida. Pois, por meio de louvores, ou virtudes, é possível conhecer a sabedoria, a bondade, o poder, a retidão, e tudo mais, no qual a glória de Deus resplandece. Além disso, cabe a nós declarar essas virtudes ou excelências não apenas pela nossa língua, mas também por toda a nossa vida”. Cf. CALVIN, J. **Commentary on the First Epistle of Peter**, pp.65-66. Ver também: FISCHER, G.J. **Sacerdócio Universal dos Cristãos e Ministério da Igreja**: Apreciações balizadas na teologia de Martinho Lutero. In: **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul/SC, vol. XXVI. n. 1 (Jan-Abr., 2018), p.42. CALVINO, J. **IRC**, IV.18.17.

<sup>1158</sup> FISCHER, G. S. **Sacerdócio Universal dos Cristãos e Ministério da Igreja**, p. 39.

<sup>1159</sup> LUTERO, M. **A Nobreza Cristã da Nação alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**. IN: LUTERO, **Obras Seleccionadas**, vol.2. pp. 282-283.

<sup>1160</sup> CUNHA, G.P. **Sobre o conceito de corresponsabilidade na eclesiologia de João Calvino**, p.212. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 210-225, jul./dez. 2017.

sacerdócio de todos os crentes que possibilitou “a percepção da existência de um princípio de envolvimento da Igreja, tanto na sua administração como no desempenho da sua missão”<sup>1161</sup>. Para o reformador franco-suíço, cada cristão deveria se responsabilizar pela salvação de outras pessoas<sup>1162</sup>. Na conclusão do seu sermão em 1Tm 2,3-5, Calvino demonstrou a responsabilidade de cada cristão participar da ação salvadora de Deus em favor do mundo, dizendo:

A vida eterna é esta, disse Jesus Cristo, que reconheçamos a Deus, seu Pai, e, em seguida, que também o conheçamos, recebendo-o como nosso único Salvador. E, portanto, temos que aprender, com o que aqui nos é declarado, ou seja, que não precisamos ter qualquer dúvida de que nossa salvação está assegurada; porquanto, o reino de Deus está em nós. [...] Porque a vontade de Deus é a nossa vida. Assim, somos ressuscitados dos mortos; somos também chamados à esperança de salvação, por causa do amor e da graça de Deus revelada a nós. Devemos, portanto, permanecer nessa graça. Resumindo, se entendemos que é a intenção de São Paulo, isto é, que aquilo que Deus mais quer é que sua graça seja conhecida por todos, e que para isso o próprio Deus ordenou que seu Evangelho fosse pregado a toda criatura. É necessário, então, que enquanto existirmos, obtenhamos a salvação daqueles que, ao mesmo tempo, são estranhos a fé e estão privados da bondade de Deus, desejando ansiosamente por trazê-los à sua presença. E por quê? Porque Jesus Cristo não é o salvador de três ou quatro, mas ele se ofereceu para todos<sup>1163</sup>.

Em tempos recentes, a Igreja católica tratou mais detidamente sobre a participação dos leigos na missão da Igreja, que muitas vezes, como analisa Comblin, entre outros, esteve mais detidamente nas mãos do clero, cabendo ao laicato a simples e passiva observação<sup>1164</sup>. Contundente, nesse sentido, é o decreto do Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, que, logo no seu início, afirma de maneira categórica:

O sagrado Concílio, querendo tornar mais intensa atividade apostólica do Povo de Deus, dirige-se solícitamente aos fiéis leigos, cujas funções, próprias e inteiramente necessárias na missão da igreja, já acordou nos outros lugares<sup>1165</sup>. Com efeito o apostolado dos leigos, uma

---

Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2817/pdf>>. Acesso em 12 de março de 2019. Não é interesse aqui expor todo o conceito do entendimento do reformador, apenas demonstrar que a tradição reformada, como um ramo do tronco protestante do cristianismo, também refletiu sobre o papel comum de clérigos e leigos na missão da Igreja. Para uma percepção mais ampla do que a que está sendo demonstrada aqui recomendamos o artigo acima.

<sup>1161</sup> Ibid., p.212.

<sup>1162</sup> CALVINO, J. **IRC**, III.23,14: “Como nós não sabemos quem são os que pertencem ou deixam de pertencer ao número e companhia dos predestinados, devemos ter tal afeto que desejemos que todos se salvem; e, assim, procuraremos fazer todos aqueles que encontrarmos participem de nossa paz. [...] Nosso dever é usar, tanto quanto nos for possível, de uma correção saudável e severa, a maneira de medicina; e isto para com todos, a fim de que não se percam e não percam os outros”.

<sup>1163</sup> CALVIN, J. **Sermons sur La Premiere Epistre a Timothée**, p.158

<sup>1164</sup> COMBLIN, J.O **Povo de Deus**, p.25.

<sup>1165</sup> Os “outros lugares” aos quais se refere o Decreto citado são os seguintes, segundo a nota da edição utilizada nesta tese: “Const. Dogm. De Ecclesia, n. 33 s.: AAS 57 (1965), 39 s.; cf. também Const. De Sacra Liturgia, n. 26-40: AAS 56 (1964), 107-111; cf. Decreto De instrumentis communicationis socialis: AAS 56 (1964), 145-153; cf. Decreto De Ecumenismo, AAS 57 (1965), 90-107; cf. Decr. De pastoralis Episcoporum munere in Ecclesia, n. 16, 17, 18; cf. Declaração De

vez que derrama da sua própria vocação cristã, jamais pode deixar de existir na Igreja. [...]. A Igreja nasceu para que, dilatando o reino de Cristo por toda terra para glória de Deus Pai, torne os homens participantes da redenção salvadora e por meio deles todo mundo seja efetivamente ordenado para Cristo. Toda atividade do corpo místico orientada para este fim chama-se apostolado, que a Igreja exerce, por meio de todos os seus membros, de maneiras diversas; com efeito, a vocação cristã, por sua natureza, é também vocação ao apostolado. Assim como na estrutura do corpo vivo, nenhum membro se comporta de forma totalmente passiva, mas simultaneamente com a vida do corpo participa também da sua atividade, assim no corpo de Cristo, que é a Igreja, o corpo todo, “cooperação harmoniosa de cada uma de suas partes, realiza o seu crescimento” (Ef 4,16). Mas ainda, neste corpo é tal a conexão e coesão dos membros (cf. Ef 4,16), que aquele membro que não coopere para o aumento do corpo, segundo a sua medida, deve dizer-se que não aproveita à Igreja nem a si próprio (AA, 1-2).

Percebe-se no Decreto Apostolicam Actuositatem o interesse pela promoção da atividade leiga na vida da Igreja católica, que se verifica no incentivo à participação de cada cristão, leigo ou clérigo, na missão comum do povo de Deus. A propósito, o povo de Deus é sempre chamado a se aliar à missão do Deus Uno e Trino em favor da humanidade. No sentido, do AA, todos estão envolvidos no apostolado, isto é, no envio da Igreja ao mundo.

No entanto, entre o discurso e a prática, não é raro existir um grande abismo. O problema da ação comum e da responsabilidade evangelizadora compartilhada por ambos os grupos de cristãos, clérigo e leigos, não encontrou ainda a sua efetiva solução.

Do lado da Igreja católica, tem havido uma busca pela conquista de espaço para a ação do leigo, por conta de uma eclesiologia que ainda privilegia o clero, como denunciava Comblin<sup>1166</sup>. A atual fala de alguns leigos indica tanto uma dificuldade de superação do dualismo clero-laicato, presente numa suposta manutenção do status quo do clero em detrimento do laicato, como um perigo de uma reversão dialética<sup>1167</sup>. E nenhuma dessas posições propicia a ação da Igreja, apenas alimentam uma tensão que não consegue ser eliminada.

---

educatione christiana, n. 3, 5, 7. cf. Decr. De activitate missionali Ecclesiae, n.15,21,41; cf. Decr. De ministerio et vita Presbyterorum, n.9; cf. Const. Past. De Ecclesia in mundo huius temporis, nn.43,91,92,93”.

<sup>1166</sup>Cf. COMBLIN, J. *Efésios*, p.71; COMBLIN, J. *O Povo de Deus*, p.40-41, 59.

<sup>1167</sup> A entrevista de César Kuzma, por exemplo, descreve essa dupla situação. A reivindicação legítima do reconhecimento e abertura da Igreja para o exercício da ministerialidade dos leigos, por um lado, assume um tom tão incisivo, quase beligerante, que a possibilidade de uma independência leiga – problema existente no protestantismo – no catolicismo está prestes a surgir. Cf. KUZMA, C. **Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas**. Entrevista de Cesar Kuzma. **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574387-kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas>>. Acesso em 08 fev. 2019.

Pelo lado das Igrejas protestantes, o problema continua. Atualmente, existem dois movimentos distintos na relação clero-laicato no seio do protestantismo brasileiro. O primeiro movimento é o da desconstrução da função do clero. Pastores e liderança ordenada não são considerados sujeitos investidos de alguma dignidade por conta da sua função. A secularização tem retirado de pastores e outros ministros ordenados a autoridade inerente à função que exercem, expropriando-os das suas competências e das responsabilidades do zelo pastoral, principalmente, no que diz respeito ao ensino bíblico. Ao mesmo tempo, todo o dever para a realização das atividades eclesiais, sociais e evangelizadoras recaem apenas sobre o ministro<sup>1168</sup>.

No sentido oposto, tem-se a projeção do clero sobre o laicato. Líderes com personalidade forte e ao mesmo tempo carismática<sup>1169</sup>, assumem sobre si mesmo múnus absoluto e se elevam a uma posição, em que os fiéis passivamente assistem suas performances. O que se percebe, neste caso, é a hierarquização ministerial individual algo impensável para o protestantismo histórico, com exceção de alguns ramos do luteranismo e o anglicanismo<sup>1170</sup>. Esse movimento tem sido observado, mais especificamente, em grupos pentecostais e neopentecostais<sup>1171</sup>.

Como a proposta Evangelização Integradora tem como pressuposto fundamental a ruptura e superação com qualquer dualismo, exceto aqueles que se apresentam no campo ético, a relação dualista clero-laicato também precisa ser superada. Pretende-se, aqui, determinar o lugar, as funções e as responsabilidades de cada um desses grupos que, no uso dos seus dons, formam um único corpo evangelizador.

---

<sup>1168</sup> LEONARD, E. **O Protestantismo Brasileiro**, p.309.

<sup>1169</sup> Cf. WEBER, M. **Economia e sociedade**, p.159.

<sup>1170</sup> Para a teologia batista, conforme demonstrado A. H. Strong, eminente teólogo batista norte-americano, “Cristo é o único rei, o governo da igreja no que considera a interpretação e execução da sua vontade pelo corpo, é uma democracia absoluta em que o conjunto todo dos membros é incumbido do dever e responsabilidade de executar as leis de Cristo expressas na sua palavra”. STRONG, A.H. **Teologia Sistemática**, p.658. Cf. ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**, p.456.

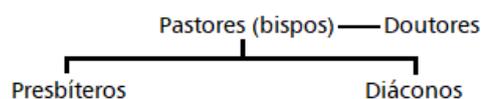
<sup>1171</sup> Cf. LOPES, D. V.; MARIANO, R. (Orientador). **A Organização Eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas/RS**. 2008. 152 fls. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

### 4.2.1 As Responsabilidades Clérigo-Pastorais

As responsabilidades clérigo-pastorais<sup>1172</sup> numa evangelização integradora devem ser pensadas a partir da função básica que cada ministério ordenado recebe. Essas funções dizem respeito a toda atividade que se configura na formação e mediação do Evangelho, bem como a mediação dos sacramentos, o acolhimento e o cuidado com os filhos e filhas de Deus, especialmente dos pobres. Para João Calvino, os ministros ordenados, dotados com os dons para o cumprimento de seus ministérios, conforme Ef 4,7-16, seriam as juntas, medulas e tendões que ligam o corpo, que é a Igreja, à Cabeça, que é Jesus Cristo<sup>1173</sup>. Essa é também a perspectiva de Comblin, os ministros ordenados estão a serviço da unidade do povo de Deus E sua contínua edificação<sup>1174</sup>. Desta forma, iniciar essa subseção tratando das responsabilidades clérigo-pastorais nada tem a ver com superioridade ou primazia desse grupo. Antes, a razão reside sobre a sua função ministerial.

<sup>1172</sup> Para a teologia presbiteriana a distinção clero-laicato não existe oficialmente. Apenas as funções distinguem os oficiais, isto é, presbíteros e diáconos, dos demais membros da comunidade local. O pastor é ministério que mais se aproxima do conceito de clero, uma vez que ele não é membro de uma igreja local, mas de um Concílio. Desta forma, quando o termo clero for utilizado de maneira mais específica para se referir ao clero presbiteriano é preciso que se considere apenas o pastor. No contexto católico, a hierarquia. Num contexto mais amplo, a hierarquia católica e o pastor presbiteriano.

<sup>1173</sup> Cf. CALVINO, J. **IRC**, IV.3.2; CALVINO, J. **Efésios**. São Paulo: Paracletos, 2007, pp.120-127. O clero na tradição protestante sofreu várias modificações. O esquema abaixo descreve o modo como Calvino articulava o clero ou ministério em Genebra; modelo seguido, com modificações, nas igrejas de tradição reformada ainda hoje.



Os pastores ou bispos eram responsáveis pelo ensino e ministração dos sacramentos, auxiliados na tarefa didática pelos doutores. Estes dois grupos de ministros formavam um colegiado denominado Companhia dos Pastores de Genebra ou ainda a Venerável Companhia. O pastor juntamente com os presbíteros de cada comunidade local, eleitos anualmente, exerciam as funções administrativas e disciplinares sobre aquela comunidade, formando um segundo colegiado, denominado Seção ou Conselho. Esses presbíteros tinham assento nos Concílios superiores de Genebra. O diaconato era um segundo corpo ministerial que respondia diretamente ao pastor da comunidade local. Uma estrutura muito semelhante a apresentada por Hipólito de Roma, em sua Tradição Apostólica. Cf. CALVIN, J. **Projet D'ordonnances Ecclesiastiques** (1541). In: CUNITZ, Edouard et al. (eds.) **Joannis Calvini opera quae supersunt omnia**. Tomo 10. Brunsvigae: C.A. Schwetschke, 1863, p.15-22; CALVIN, J. **Commentary on the Epistle to the Romans**, p. 359. KINGDON, R. M. **Calvin's Ideas about the Diaconate: Social or Theological in Origin?** In: LINDBERG, C. (Ed.). **Piety, Politics, and Ethics**. Kirksville: Sixteenthcentury Journal Publishers, 1984. p. 168; HIPPOLYTE DE ROME; DE LUBAC, H.; DANIELOU, J (eds.). **La Tradition Apostolique**, pp.26-27,37-41.

<sup>1174</sup> COMBLIN, J. **Efésios**, p.71.

Sobre a questão das funções ministeriais dos ordenados, Kevin Vanhoozer expressou a sua admiração diante do fato de muitos ministros nos EUA estarem vendendo o direito de primogenitura das suas vocações para o cuidado pastoral e ensino do Evangelho pelo prato de lentilhas da administração, do planejamento-estratégico, da gestão de negócios, entre outros<sup>1175</sup>. A alusão à passagem de Gn 25,29-34 é digna de nota. Por várias razões, que aqui não vêm ao caso, o ministério pastoral – incluindo nesta expressão clérigos católicos e protestante – tem se tornado um adendo na vida de ministros, segundo Vanhoozer<sup>1176</sup>. A ideia é que coisas urgentes estão substituindo o que é fundamentalmente importante. Não há a menor dúvida entre católicos e protestantes que a razão de ser da Igreja cristã é a missão outorgada por Jesus (Cf. Mt 28.19-20; Mc 16,15; Jo 20;21; At 1,8).

O fato é que os ministros ordenados “receberam dons, foram posicionados e designados a mobilizar para o estilo de vida ministerial”<sup>1177</sup>. Esses dons, posições e designações constituem o modo de organização da Igreja. A Igreja não é um organismo anárquico, nem tampouco uma estrutura democrática, a Igreja é teocrática<sup>1178</sup>. Ou seja, Cristo governa, sustenta e edifica sua Igreja por meio de pessoas, “tornando-os como que seus substitutos” – *et quasi vicariam operam*<sup>1179</sup>. Tão importante é a função dos ministros ordenados que “o formato do ministério de uma comunidade será determinado pelo espírito e exemplo de seus pastores”<sup>1180</sup>.

<sup>1175</sup> VANHOOZER, K. J. STRACHAN, O. (eds.). **O Pastor como Teólogo Público**, p.19. Ou ainda por um “ensopado psicológico”, cf. MOWRER, O. H. **The Crisis in Psychiatry and Religion**, p.60.

<sup>1176</sup> Ibid., p.60ss. Em sentido semelhante, Comblin crítica acidamente a sua própria Igreja, quanto a teoria e a prática do ministério católico, afirmando que essas duas dimensões não encontram correspondência na realidade. Comblin escreve: “Segundo a teoria o bispo seria o presidente da celebração litúrgica, o grande catequista, o presidente de um conselho de presbíteros que seriam os seus assessores. Na prática, o bispo é o representante do papa numa região criada pelo papa para aplicar a doutrina definida pelos papas, supervisionar a aplicação do ritual romano, nomear os ministros inferiores e aplicar o direito canônico romano na sua circunscrição. O bispo será deslocado ou promovido ou revogado de acordo com os planos do governo central romano. Embora seja proclamado sucessor dos apóstolos, é um simples funcionário da Cúria romana. Quanto às funções episcopais teóricas, elas são assumidas pelos presbíteros. Por sinal, há bispos na burocracia romana, bispos na carreira diplomática das nunciaturas, bispos capelães do exército, bispos reitores de universidades, bispos ditos auxiliares que não têm nenhuma diocese e recebem o título que desapareceu há 15 séculos. fictício de uma diocese da África ou do Oriente. Os presbíteros exercem as funções episcopais na área que lhes é atribuída. Não exercem nenhuma função coletivamente”. Cf. COMBLIN, **Evangelização e Inculturação: implicações pastorais**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**, p.84

<sup>1177</sup> Cf. TRIPP, P. D. **Instrumentos nas mãos do Redentor**, p.13.

<sup>1178</sup> Cf. HODGE, C. **What is Presbyterianism?** p.7.

<sup>1179</sup> CALVINO, J. IRC, IV.3.1. Cf. CALVINUS, I. **Institutio Christianae Religionis**. Berolini: Gustav Eichler, 1835. IV: iii, p. 213. Disponível em: <[http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutio2/Page\\_213.html](http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutio2/Page_213.html)>. Acesso em: 06 out. 2015.

<sup>1180</sup> Cf. BRISTER, C.W. **El cuidado pastoral en la Iglesia**, 1974, p.141.

Ser o exemplo para os demais na evangelização e no serviço é o papel dos ordenados.

Neste sentido, ao se observar a história da Igreja cristã e o desenvolvimento clerical é possível perceber que a função desse grupo estava orientada pelos três atos básicos, isto é, *martyria*, *leitourgia* e *diakonia* (cf. At 2,42ss)<sup>1181</sup>. Os apóstolos, depois destes, os bispos, presbíteros e diáconos estavam imbuídos no ensino da Palavra de Deus, da ministração dos sacramentos e do culto divino, no testemunho da vida cristã e no zelo pastoral pelo rebanho de Jesus Cristo<sup>1182</sup>. Assim, os atos fundamentais da Igreja constituem a responsabilidade dos ordenados, principalmente do episcopado<sup>1183</sup>. Esses atos se dividem entre (1) pregação e testemunho, (2) culto divino, sacramentos e oração e (3) o serviço ao próximo<sup>1184</sup>.

#### 4.2.1.1

##### A Medlação do Ensino

A responsabilidade primeira dos clérigos, dentro da construção de uma evangelização que seja capaz de superar os dualismos presentes na realidade eclesial, os quais tendem a dificultar uma relação integrada entre a Igreja e o Mundo, é o exercício do ensino da Palavra de Deus, bem como da doutrina cristã.

---

<sup>1181</sup> Isso pode ser visto na CI-IPB, quando esta fala sobre o ministério pastoral e descreve suas funções: Art.30 - O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela Igreja, representada no Presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos, edificar os crentes e participar, com os presbíteros regentes, do governo e disciplina da comunidade. Parágrafo Único - Os títulos que a Sagrada Escritura dá ao ministro, de Bispo, Pastor, Ministro, Presbítero ou Ancião, Anjo da Igreja, Embaixador, Evangelista, Pregador, Doutor e Despenseiro dos Mistérios de Deus, indicam funções diversas e não graus diferentes de dignidade no ofício. Art.31 - São funções privativas do ministro: a) administrar os sacramentos; b) invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus; c) celebrar o casamento religioso com efeito civil; d) orientar e supervisionar a liturgia na Igreja de que é pastor. Art.32 - O ministro, cujo cargo e exercício são os primeiros na Igreja, deve conhecer a Bíblia e sua teologia: ter cultura geral; ser apto para ensinar e são na fé; irrepreensível na vida; eficiente e zeloso no cumprimento dos seus deveres; ter vida piedosa e gozar de bom conceito, dentro e fora da Igreja. Embora não seja privativa a pregação da Palavra de Deus, o CMW, Q-R 158, afirma que: “A Palavra de Deus deve ser pregada somente por aqueles que têm dons suficientes e são devidamente aprovados e chamados para o ministério”. O que, por sua vez, não impede a pregação, ensino e testemunho leigo. Cf. VOS, J.G. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**, p.508.

<sup>1182</sup> Cf. WIEDENHOFER, **Eclesiologia**, p.103.

<sup>1183</sup> A utilização do termo episcopado aqui se refere a relação existente entre as funções do bispo católico e do pastor presbiteriano, visto que ambos têm as mesmas funções relacionadas ao ensino, a celebração dos sacramentos e ao governo eclesial. Cf. WIEDENHOFER, **Eclesiologia**. In: SCHNEIDER (ed.). **Manual de Dogmática**, v.2, p.124-125. HODGE, C. **The Church and its Polity**, pp.242-243.

<sup>1184</sup> Cf. WIEDENHOFER, **Eclesiologia**, p.103ss.

Embora, se entenda que todos os batizados participem do tríplice múnus de Cristo – profético, sacerdotal e régio – reconhece-se que, apenas em virtude da função exercida no corpo de Cristo, que é a Igreja, os clérigos<sup>1185</sup> têm responsabilidade maior nesse exercício, uma vez que são deles, em maior ou menor grau, a condução e pastoreio do rebanho de Deus. Porquanto, não há evangelização se não houver “familiaridade com a Palavra de Deus” (EG, 175). Portanto, nenhum ministro ordenado deve se furtar da responsabilidade de ser profeta de Deus em sua comunidade, sem que isso signifique, de alguma maneira, deslealdade à sua vocação.

Tanto presbiterianos como católicos concordam que o espaço da primeira evangelização é a família<sup>1186</sup>. Entretanto, a Igreja assume a importante função de ser aquela que auxiliará o cristão neófito no desenvolvimento da fé ensinada no lar. As atividades religiosas são o primeiro espaço no qual os ministros cristãos oferecem ao povo de Deus a mediação com os mistérios da fé. As celebrações litúrgicas das Igrejas cristãs se constituem no ambiente em que o Evangelho é primeiramente partilhado por diversas maneiras. E, em geral, é um ministro que será responsável pela direção dessas celebrações e do anúncio do Evangelho.

A primeira responsabilidade do clero numa evangelização integradora está relacionada com caráter predicante do ministério ordenado. Na tradição protestante, a pregação assumiu a primazia do culto e, em alguns seguimentos, como é o caso da tradição reformado-calvinista, essa condição colocou os sacramentos, em especial, a eucaristia num segundo plano<sup>1187</sup>. Neste sentido, o Diretório de Culto de Westminster afirma que a pregação da Palavra de Deus, sendo o poder de Deus para salvação é uma das maiores e mais excelentes obras que cabem ao ministro do Evangelho, para de ser realizada de modo tal que o obreiro não precise se envergonhar, salvar-se e aqueles que o ouvem<sup>1188</sup>.

<sup>1185</sup> No caso presbiteriano, o ministério diaconal não se responsabiliza da pregação ou ensino em função do ofício. Entretanto, como parte do povo de Deus, os diáconos podem ser chamados ao ensino nas Escolas Dominicais ou mesmo à pregação dominical, tendo em vista sua capacitação e os dons conferidos pelo Espírito Santo.

<sup>1186</sup> Cf. CUNHA, **Deixai vir a mim os pequeninos**, pp.108-109;

<sup>1187</sup> Um exemplo disso, é que a Eucaristia era celebrada apenas quatro vezes ao ano, não apenas na Genebra de Calvino, mas também na Escócia de John Knox. Cf. COMBY, J. **Para ler a história da Igreja II**, p.21. KNOX, **Works of John Knox**, p.339; KLEIN, C. J. **Os Sacramentos na Tradição Reformada**, p.86.

<sup>1188</sup> DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER, pp. 27,40. “[...]. Fielmente, com o olhar voltado à honra de Cristo, à conversão, edificação e salvação das pessoas, e não ao seu próprio

A tradição católica também dá destaque ao ensino bíblico-doutrinário no contexto litúrgico. É interessante observar a importância que o Papa Francisco deu à pregação, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, dedicando um capítulo inteiramente à Palavra de Deus e sua apresentação. Para Francisco, “a homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG, 135).

Para tanto, a formação teológica dos ministros ordenados, tanto protestantes como católicos, tem como traço característico a capacitação do futuro membro do clero à mediação do ensino bíblico ao povo de Deus, porquanto é sua função ser “mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade”, particularmente “pastor e guia da comunidade paroquial” (DOC 93). Porém, como somos lembrados por Francisco, “não é só a homilia que se deve alimentar da Palavra de Deus. Toda a evangelização está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização” (EG, 174). Neste sentido, é possível apontar alguns desdobramentos do ministério profético do clero, como ministros do Evangelho.

O primeiro desdobramento do ministério da Palavra é o ensino e o discipulado dos membros da comunidade. Os bispos católicos latinoamericanos e caribenhos expressaram muito bem a necessidade da formação dos discípulos-missionários de Jesus, no DAp. (304-305). Para eles,

a dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. Essa dimensão especial tem sido vivida de diversas maneiras ao longo dos séculos. A Igreja é comunhão. As Paróquias são células vivas da Igreja e lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja. Encerram inesgotável riqueza comunitária porque nelas se encontra imensa variedade de situações, idades e tarefas. Sobretudo hoje, quando as crises da vida familiar afeta [sic.] a tantas crianças e jovens, as Paróquias oferecem espaço comunitário para se formar na fé e crescer comunitariamente. Portanto, deve-se cultivar a formação comunitária especialmente na paróquia.

Os ministros ordenados, responsáveis diretamente no trato com as comunidades eclesiais, tem o dever de zelar pela formação bíblico-teológica de sua membresia. Necessariamente, isso não significa que pastores e padres tenham que ministrar em todas as celebrações, encontros, formações, estudos bíblicos.

---

proveito ou glória: nada retendo que possa contribuir para a promoção desses santos objetivos, dando a cada uma sua própria porção, e mostrando respeito indiferenciado a todos, sem negligenciar o mais simples, ou poupar o maior em seus pecados”.

Entretanto, tampouco quer dizer que não se fará um acompanhamento do que catequistas, ministros extraordinários e leigos estão ensinando. Se a razão de ser da Igreja é o anúncio do Evangelho para a salvação de todo aquele que crê (cf. Jo 3,16), então, a fidelidade a essa missão exigirá do clero empenho. Ainda mais que a lida com o texto bíblico impõe certas dificuldades, como enumerou o teólogo católico Leonardo Agostini, comentando EG (n. 164-175):

O grande desafio está em criar a necessidade de estar diariamente diante da Palavra de Deus, mas não é o que acontece na maioria dos casos e por diversos motivos. Se, em um primeiro momento, a dificuldade residia em ter uma Bíblia, hoje, a maior dificuldade está nos critérios que devem nortear a leitura, a interpretação e a aplicação que dela se faz à vida. Ao lado disso, é indiscutível que a hermenêutica que se faz dos textos bíblicos não está isenta de influxos sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos. Nesse sentido, preconceitos e paradigmas pessoais interferem, mais ou menos, na leitura e interpretação dos textos se estes são acolhidos e lidos no contexto da tradição eclesial que os recebeu, os conservou e os transmitiu com fidelidade.

Os desafios apontados por Agostini colocam em risco a própria evangelização, ainda que o Espírito Santo seja poderoso para corrigir as falhas humanas, e fazer com que a Palavra de Deus, enviada “do céu para expor o plano, para realizar e revelar a salvação” (cf. Is 55,11)<sup>1189</sup>. Por isso mesmo, é tão importante e urgente que aqueles que receberam o ministério profético, se tornem os responsáveis pelo acompanhamento do ensino nas comunidades sob sua responsabilidade, a fim de dirimirem dúvidas ou erros. Infelizmente, na realidade presbiteriana, mal-entendidos quanto ao conteúdo bíblico e doutrinal permanecem na Igreja pela via da religiosidade popular que, carente do envolvimento pastoral, perpetua no ensino equivocado, que em alguns casos, é quase impossível mudá-los sem que isso custe uma transferência ou muitos atritos.

O desdobramento seguinte acontece por meio da evangelização litúrgico-sacramental<sup>1190</sup>. O ambiente da celebração dos sacramentos é um ambiente de evangelização, no qual se anuncia a Boa-Nova do Reino de Deus e o convite à participação em uma nova vida em Jesus. O gestual, a movimentação, luzes, cores, cheiros, os ritos, enfim, tudo o que é ritual também é anúncio evangélico, porque se trata da atualização da história da salvação; história da caminhada de Deus que, por graça, se inclinou para ver o que se passava sobre a face da terra, e, deste ato de

<sup>1189</sup> SCHOKEL, L.A; SICRE DIAZ, J.L. **Profetas I**, p.340.

<sup>1190</sup> A despeito dos demais sacramentos reconhecidos como tais pela Igreja católica. Tratar-se-á aqui pela comum aceitação do sacramento batismal e eucarístico. Embora, reconheçamos que cada um dos demais sacramentos da Igreja católica sejam igualmente meio sacramentais de evangelização.

amor totalmente gratuito, se dispõe a salvar (cf. Sl 113,5-9). O culto divino é o espaço em que a revelação se torna acessível ao ser humano, por ser o lugar do encontro de Deus com o seu povo, como bem tratou de explicar o teólogo católico Francisco Taborda:

“Lugar teológico” poderia ser definido como o lugar da expressão da fé, em que a revelação se torna acessível a nós. A fonte da teologia é a fé da Igreja, não só a fé explicitada em dogmas e outras verbalizações, mas também a fé vivida concretamente em ações, obras, símbolos, ritos. Essas expressões de fé (ou “lugares teológicos”) constituem a teologia primeira, a teologia no frescor de sua expressão mais lídima e viva. Nela se fundem e confundem teologia e vida. O que os teólogos e o magistério fazem é teologia segunda. A primeira não é menos importante que a segunda. Pelo contrário, sem a primeira, a segunda perde sua fonte originária, sai do caminho seguro, corre o risco de tornar-se seca e estéril, porque alheia à vida. Dando atenção à teologia primeira, o teólogo mantém a modéstia e a atitude doxológica, dando glória ao Deus que age na vida da Igreja<sup>1191</sup>.

Dando também atenção a essa teologia primeira, todos os cristãos são postos diante do mistério de nossa fé. Na liturgia é contemplado “aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória”, isto é, Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo (1Tm 3,16; Mt 16,16). Ao estar diante desse mistério revelado aos filhos e filhas de Deus, está-se também em frente ao cerne do Evangelho. Perante a Palavra da nossa Salvação. Portanto, a celebração litúrgica não é apenas uma ação humana de ofertar algo a Deus. Pelo contrário, o culto é também o falar amoroso de Deus, que não acontece somente na pregação ou homília, mas perpassa toda a celebração que o revela, sendo, um dos grandes momentos, a celebração eucarística, porquanto, afirma o apóstolo Paulo: “Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11,26).

No entanto, qualquer simples observação da celebração do culto divino, em qualquer tradição eclesial, se perceberá uma expressão de não-compreensão do que está acontecendo. Muitos são os cristãos que não sabem por que as coisas são como são. E, por isso, não conseguem ser alcançados por esse tipo de evangelização simbólica. Assim, como os ministros ordenados são os intérpretes das Escrituras<sup>1192</sup>, eles também devem ser hermeneutas da liturgia e dos sacramentos. Precisam ser mistagogos.

<sup>1191</sup> TABORDA, F. **Da celebração à teologia**: Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. In: In: COSTA, P. C. (org.). **Sacramentos e Evangelização**, p.34.

<sup>1192</sup> A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), como participante da tradição reformada, admite e incentiva o livre exame das Escrituras sagradas, contudo, nega o direito a livre interpretação. A interpretação e o ensino bíblico na IPB é confessionalmente restrito para “aqueles que têm dons

Mistagogo era o responsável a ensinar o significado das cerimônias e dos ritos nas religiões místicas da Grécia antiga. Literal e etimologicamente, *mystagōgós* significa aquele que conduz no mistério. Esse termo tem a sua raiz na palavra *mystes*, donde se tem a palavra *mysterion*, que, no contexto cristão, diz respeito àquilo que já foi revelado por Deus (cf. Cl 1,26-27). A mistagogia, por sua vez, é o termo que descreve o processo pedagógico realizado enquanto se vivencia os mistérios religiosos. Os Padres gregos adotaram o conceito e utilizaram no sentido da instrução oferecida aos novos cristãos, a partir das experiências litúrgico-sacramentais<sup>1193</sup>. Deste modo, a intenção era oferecer um maior acesso ao mistério da fé, um conhecimento não meramente intelectual, mas percebido na dinâmica viva do que é celebrado no culto divino. É perceber a Palavra de Deus sendo proclamada de várias formas “e, sobretudo, à participação dos fiéis na Eucaristia, como forma fundamental da educação da fé”<sup>1194</sup>.

Dito isso, é preciso perceber que a responsabilidade clerical vai além da celebração e da condução da liturgia tal, como está prescrito no missal, no diretório de culto ou outro instrumento que demonstre como que deverá ser realizado o serviço de adoração. Como dito anteriormente, ser intérprete da liturgia e dos sacramentos é função do bispo, pastor, padre e diáconos. Não se pode furtar dessa tarefa outorgada pela imposição de mãos e pela presença do Espírito Santo. Os clérigos devem se preocupar com a evangelização dos fiéis. Ainda mais dentro da mudança de época pela qual a sociedade ocidental está passando, na qual o ser humano pós-moderno, decepcionado com as grandes sínteses, abandona as grandes

---

suficientes, e são devidamente aprovados e chamados para o ministério [ordenado]”. Cf. CMW, Q-R, 158.

<sup>1193</sup> Enrico Mazza, citado por Taborda, a partir de estudos de importantes Padres da Igreja, do século IV, enumerou cinco passos do método mistagógico: 1) Descrever o rito, o gesto, a ação ou o formulário litúrgico; 2) Identificar na Escritura, seja no AT, seja no NT, a passagem ou passagens que explicitem a salvação que se celebra nessa liturgia; 3) Aprofundar o evento salvífico narrado no(s) texto(s) escolhido(s) de forma a mostrar, com recurso a outros textos e à reflexão teológica, seu significado para a salvação. Neste passo o enfoque é o evento salvífico e não o sacramento como tal; 4) Retornar ao rito, aplicando a ele o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é, assim, interpretada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta; 5) Explicitar o dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental, recorrendo à gama de textos específicos para designar a dinâmica sacramental: mistério, sacramento, figura, imagem, semelhança e os pares semânticos imagem-verdade e tipo-antítipo. Principalmente nestes últimos se pode ver o aspecto relacional do sacramento: o sacramento se relaciona com o evento salvífico que lhe serve de base numa relação de identidade e diferença. Cf. MAZZA, E. **La Mistagogia: Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il método**, p.11 apud TABORDA, **Da celebração à teologia**, p.41.

<sup>1194</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**, n. 51,

narrativas e recorre às pequenas, que se caracterizam por serem intuitivas, participativas, sinfônicas e simbólicas<sup>1195</sup>. O que é celebrado no culto cristão, portanto, também anuncia o Evangelho do Reino.

Por fim, o último desdobramento da responsabilidade clerical é a formação de outros formadores. Se num primeiro momento é função do clero ensinar, neste momento, é dever do clero ensinar a ensinar. É responsabilidade clerical a capacitação e o estímulo da membresia, a fim de que ela cumpra sua missão evangelizadora. Porquanto, é impossível ao clero dar conta de todas as tarefas que estão relacionadas com a vida e a missão da Igreja. Principalmente ao clero católico, cujas paróquias são formadas por várias comunidades, não sendo possível prestar uma assistência mais constante, devido ao número de sacerdotes<sup>1196</sup>. Não apenas isso, mas as diversas pastorais e sociedades internas<sup>1197</sup>, grupos de liturgia, de música, ação social, como estar à frente de todas essas atividades, sendo que muitas delas acontecem simultaneamente. A resposta para isso é simples e conhecida: o envolvimento e participação das leigas e leigos na vida da Igreja é a forma pela qual todas as atividades evangelizadoras podem ser realizadas.

A questão do laicato será tratada mais adiante, por ora, é preciso ter em mente que a capacitação desse grupo é uma forma de preparar todo o povo de Deus no cumprimento da missão dada a Igreja. Mais ainda, como a evangelização integradora trata de rupturas com os antigos pressupostos dualistas, perpetuados na Igreja, tanto pelo clero como pelo laicato, é fato que a formação dos leigos por parte de seus pastores já conscientes da necessidade da transformação das estruturas de pensamento e mesmo percepções da fé, equivocadamente ensinadas, terão, à princípio, maior possibilidade de transmissão dessa perspectiva de evangelização aos fiéis da comunidade. Mas não apenas isso. Portanto, ao se pretender uma mudança de mentalidade e de práxis, é preciso que exista consonância do que se

<sup>1195</sup> Cf. TABORDA, **Da celebração à teologia**, p.43.

<sup>1196</sup> Em Santa Teresa, a Paróquia católica de Santa Teresa D'Ávila possuía 48 comunidades e contava com os serviços de 2 padres, o Pároco e o seu vigário. No entanto, eles tinham a ajuda de dois outros sacerdotes capuchinhos, porém, como ambos têm mais de 80 anos, o que dificulta também a assistência, de uma população católica estimada em mais 17mil pessoas.

<sup>1197</sup> O nome que se dá ao modelo presbiteriano que agrupar seus membros de acordo com faixa etárias e sexo. Existem cinco delas: a União de Crianças Presbiterianas, para crianças de 6 a 11 anos, a União Presbiteriana de Adolescentes, para adolescentes de 12 a 18 anos, a União de Moços Presbiterianos, para jovens de 19 a 35, União Presbiteriana de Homens, para homens a partir dos 18 anos e a Sociedade Auxiliadora Feminina, para mulheres a partir dos 18 anos.

pretende fazer. Treinar e capacitar a liderança leiga é o primeiro passo para se alcançar essa meta.

Quando o clero assume essa tarefa de ensino e formação em sua paróquia, ele também propõe um novo modelo de ser Igreja. Segundo o teólogo católico Julio A. Ramos, um modelo eclesial deve ter a pretensão de ordenar a realidade a partir de interesses teóricos e práticos, isto é, programar a ação pastoral de maneira metódica e ordenada<sup>1198</sup>. Portanto, um novo modelo de fazer a experiência de ser Igreja, baseada na evangelização deverá transmitir a todos os seus membros o padrão do que se pretende fazer ou como se pretende evangelizar. Sem o engajamento clerical no ensino da Palavra de Deus, pela pregação, pelo culto divino e pela formação da liderança diocesana, paroquial e ou mesmo comunitária, não será possível a mudança de paradigma que se pretende na evangelização integradora.

Assim, diante de tudo o que foi demonstrado acima, reconhece-se que, ao clero, está posto um desafio de ação de elevada importância, uma vez que sobre a base por eles lançadas é que se edificará toda a estrutura evangelizadora das comunidades eclesiais que os mesmos encabeçam. Tamanha é essa responsabilidade que a ação evangelizadora da Igreja local ficará de pé ou cairá, se houver falhas no exercício e na ação do clero.

#### **4.2.1.2 A Mediação dos Sacramentos<sup>1199</sup>**

A experiência sacramental, na vida da Igreja cristã, tem sido uma das principais formas pela qual a fé é animada. Porque os sacramentos são os sinais do nosso pertencimento a Deus. Meios pelos quais a graça divina é comunicada ao povo de Deus, que tanto distingue visivelmente aqueles que caminham ao seu encontro, como também solenemente obriga, os que dele participam, ao serviço de Deus (Cf. CFW, XXVII.1). Sinais que visivelmente apontam para uma realidade ainda não alcançada, mas, por conta da promessa presente em cada um desses sinais, a esperança e alegria de sua concretização, são antecipadas e renovadas. Assim, os

<sup>1198</sup> RAMOS, J.A. **Teología Pastoral**, p.125. Ramos apresenta quatro modelos de ação pastoral. E o modelo evangelizador chamou a atenção durante os estudos para esta tese. Sobre esse tema, cf. RAMOS, **Teología Pastoral**, pp.134-141.

<sup>1199</sup> Diante divergência quanto ao número dos sacramentos, ao utilizarmos a palavra sacramento, se referirá ao batismo e a eucaristia, embora em maior ou menor grau, o que for tratado pode ser aplicado ao contexto dos demais sacramentos católicos.

sacramentos se tornam ação animadora para Igreja, porque são a automanifestação do amor divino<sup>1200</sup>.

Por isso mesmo, a Igreja cristã é reconhecida na existência em comum de dois principais sacramentos: batismo e eucaristia. Para Calvino, como representante da tradição reformada, afirmou que onde as Sagradas Escrituras fossem “sinceramente pregadas e ouvidas, onde os sacramentos fossem administrados segundo a instituição de Cristo, ali estaria a Igreja de Deus”<sup>1201</sup>. No mesmo sentido, o Vaticano II admitiu que mesmo as igrejas e suas respectivas membrasias que “não professem integralmente a fé ou não guardem a unidade de comunhão com o sucessor de Pedro”, estão unidas à Igreja católica pelo batismo, pelo apreço pela a Sagrada Escritura, pela celebração da sagrada Eucaristia e pelo episcopado – entende-se aqui o ministério ordenado – entre outras formas de unidade que aqui não vêm ao caso” (LG, 15).

Ainda mais recente, o Documento nº111, da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas, também conhecido como Documento B.E.M., destaca que para se alcançar a unidade visível pretendida, “uma das premissas essenciais será concordar fundamentalmente no que concerne ao batismo, à Eucaristia e ao ministério”<sup>1202</sup>. Resumindo, a Igreja cristã é caracterizada pela experiência sempre renovada da vida sacramental e dela depende a sua peregrinação.

O que se observa é que os ministros ordinários dos sacramentos são os membros do clero. Com exceção do diaconato, tanto o episcopado como o presbiterato exercem a função de ministros ordinários dos sacramentos<sup>1203</sup>. Neste

<sup>1200</sup> Cf. BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, pp.570-571; NOCKE, **Doutrina Geral dos Sacramentos**, pp.191-102; AULÉN, G. **A Fé Cristã**, p.301.

<sup>1201</sup> CALVINO, J. **IRC**, IV.1.9-10; IV.2.12.

<sup>1202</sup> CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. **Documento de Fe y Constitución, nº 111 - Bautismo, Eucaristía, Ministerio** (1982). Disponível em: <[https://www.oikoumene.org/es/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/baptism-eucharist-and-ministry-faith-and-order-paper-no-111-the-lima-text?set\\_language=es](https://www.oikoumene.org/es/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/baptism-eucharist-and-ministry-faith-and-order-paper-no-111-the-lima-text?set_language=es)>. Acesso em 03 de março de 2019.

<sup>1203</sup> Para o catolicismo, a ordenação diaconal não é “para o sacerdócio, mas para o serviço”. “Os diáconos são ministros ordenados para as tarefas de serviço da Igreja; não recebem o sacerdócio ministerial, mas a ordenação lhes confere junções importantes no ministério da Palavra, do culto divino, do governo pastoral e do serviço da caridade, tarefas que devem cumprir sob a autoridade pastoral de seu bispo” (CIgC, §1569, 1596). Para o presbiterianismo, “O diácono é o oficial eleito pela igreja e ordenado pelo Conselho, para, sob a supervisão deste, dedicar-se especialmente: a) à arrecadação de ofertas para fins piedosos; b) ao cuidado dos pobres, doentes e inválidos; c) à manutenção da ordem e reverência nos lugares reservados ao serviço divino; d) exercer a fiscalização para que haja boa ordem na Casa de Deus e suas dependências. Cf. CI-IPB Art.53. A

sentido não se pode pensar numa evangelização integradora, que se dispõe não apenas a integração das realidades eclesiais ao seu contexto sociocultural, mas também uma disposição à integração e à ação comum do povo de Deus, sem que haja um subsídio sacramental efetivo. E essa função mediadora é do clero.

No item anterior foi tratado o aspecto evangelizador dos sacramentos. Neste item, pretende-se refletir sobre a relação entre a correlação clero, sacramento e serviço. O ministério clerical é o serviço ao povo de Deus e que, nos sacramentos, o clero serve o povo em nome de Jesus Cristo, mediando-lhe a graça e as promessas sacramentais, como demonstrou o teólogo católico Ramón Arnau:

O ministro na administração dos sacramentos tem um papel vicário, uma vez que ele administra os sacramentos em nome de Jesus Cristo, o principal ministro, de quem faz a vez. E esta delegação, em virtude da qual o ministro está instalado na Igreja para desempenhar um papel vicário, recebe-o através da missão que o capacita a agir em nome do presente. Esse sentido de representatividade é extremamente importante dentro da teologia sacramental, porque o ministro, a partir do momento em que é representante, só pode atuar no campo para o qual foi treinado pela delegação<sup>1204</sup>.

Tamanha e sublime é esta tarefa dada os clérigos, que os casos em que os sacramentos são ministrados por leigos e ministros não-ordenados para o sacerdócio, como o diácono, como acontece no catolicismo, ainda assim, esses leigos são denominados de ministros extraordinários – fora da ordenação ou fora do que é ordinário. Dito de outra forma, na autoridade do próprio Cristo, os ministros assumem a prerrogativa de celebrarem, em benefício de todo povo de Deus, os sacramentos. Esta autoridade é dada pelo próprio Senhor da Igreja. Porquanto, a ordenação prefigura a participação do clero nesse ministério específico, entendo que, quem preside, o faz em lugar do próprio Jesus, como é expresso num cântico utilizado na celebração da Ceia do Senhor na IP-ST, que diz:

Quem serve o vinho e parte o pão  
É o próprio Cristo Ressurreto e nosso irmão

---

distinção entre presbítero docente e presbíteros regente na IPB opera numa distinção das funções presbiterais, cabendo especialmente aos presbíteros docentes a instrução bíblico-doutrinária e ministração dos sacramentos. Assim, ao presbítero regente é vetado a ministração dos sacramentos Cf. CI-IPB, Art.30-31. Após consulta enviada pelo Presbitério Central do Espírito Santo (PCES), o qual exerce jurisdição eclesiástica sobre mim, sobre o , o Supremo Concílio de 2018, respondeu: “Esclarecer que a tarefa da ministração da Santa Ceia, batismo e impetração da bênção apostólica cabe aos presbíteros docentes, cujo chamado específico deve ser acompanhado do testemunho da Igreja, ainda que haja falta de textos explícitos sobre este assunto”. Cf. DOC. CVI – **Consulta do PCES sobre Administração do Batismo, da Santa Ceia, e da Impetração da Bênção Apostólica**. SC-IPB/2018. Disponível em: <<http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1552759298496>>. Acesso em 16 de março de 2019.

<sup>1204</sup> ARNAU, R. **Tratado General de los Sacramentos**, p.351.

O Rei da terra e céu é nosso anfitrião  
Com vinho e pão nós celebramos comunhão<sup>1205</sup>.

Deste modo, os ministros ordenados, que possuam o dever de celebrar os sacramentos, deve estar plenamente consciente de que, por meio desse ministério, a Igreja também é nutrida e fortalecida na fé e piedade, crescendo e sendo animada na fé, na esperança e no amor. Como Cristo, o clero se torna servo para o povo (cf. Jo 13,13-16).

Por outro lado, Ramón Arnau afirma que a vicariedade dos ministros é também no sentido oposto, isto é, na mediação do povo a Deus. Os ministros, nas celebrações, assumem a responsabilidade de representar diante de Deus todos os anseios, medos, alegrias e esperanças da congregação reunida. É por ela e pelo seu bem, que as orações e intenções são dirigidas a Deus Pai, mediante o Filho, com o auxílio do Espírito Santo (cf. Jo 14,13; Rm 8,26-27). O mesmo é válido para os sacramentos.

Na mediação sacramental identificam-se ministros e povo. Nessa irmandade celebrante dos mistérios cristãos, sinalizados nos sacramentos, o ministro é quem conduz o povo como parte. Aliás, não é essa a ideia de coletividade que o sacerdote católico indica, quando conclama a assembleia a orar antes da Oração Eucarística, dizendo: “Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo poderoso”? A partir dessa questão, podemos considerar algumas consequências da responsabilidade sacramental do clero para a realização de uma evangelização integradora.

Em primeiro lugar, na celebração dos sacramentos fornece o fundamento de uma mútua dependência entre o clero e o laicato. O clero está a serviço do povo. Se não há povo, a quem servir? Os leigos, servidos pelo clero, têm participação na fé pelos ministros ordenados. Esta é uma relação simbiótica, porquanto, clero e laicato são beneficiados, apesar de suas diferenças, pela mutualidade dessa relação.

A segunda consequência está no próprio sacramento, isto é, na expressão máxima da unidade entre os diferentes. O material que sinaliza o espiritual sem anular nem o signo e nem o significado. É um ser humano e, ao mesmo tempo, o Deus-homem, Jesus, que concelebram o sacramento. Mas também é o clero e povo,

---

<sup>1205</sup> VENCEDORES POR CRISTO. **Vinho e Pão**. LEECH, B. J. [Compositor,]. KERR, G. versão em português. In: Vencedores Por Cristo. Louvor X. VPC Produções, Brasil, 2003. 1 CD. (ca. 30). [s.l.]. Faixa 5 (3min 34s).

em unidade que adoram o único Deus verdadeiro revelado pelo seu Filho, feito carne. Nisto se verifica que os dualismos, possíveis neste momento, desaparecem diante sublime ato de unidade, que é a celebração do culto divino e dos sacramentos, especialmente, o eucarístico.

#### **4.2.1.3 A Assistência Pastoral**

A responsabilidade pastoral numa evangelização integradora compreende, como se tem apresentado, ações coordenadas para a efetivação do anúncio e apreensão da Boa-Nova do Reino de Deus na vida comunitária e individual do cristão. No que foi chamado de primeira teologia, que acontece em larga escala em momentos litúrgicos, cujo anúncio feito está num contexto de comunidade e de ajuntamento, é possível considerá-la como a mais ampla e abrangente de todas as responsabilidades evangelizadoras do clero, embora se reconheça a participação dos leigos. Na responsabilidade seguinte, a de mediar a formação de agentes evangelizadores, leigos ou não, percebe-se que esse círculo diminui, especialmente porque a formação é mais específica e restringe a participação das pessoas. Nesse nível a proximidade e o relacionamento entre o clero e laicato se torna mais estreito.

No entanto, deve existir uma evangelização que seja mais próxima e pessoal, que deve aproximar ainda mais o clero do povo. Uma evangelização que seja específica às necessidades individuais das discipulas e discípulos de Jesus. E o exemplo dessa ação está no próprio Cristo, em sua abertura ao contato, a escuta, à compaixão e à evangelização, que conferia ao acolhido a cura e o perdão.

Essa evangelização pessoal, que pode ser chamada de acompanhamento pastoral, assume a função de acompanhar, na medida do possível, cada membro de uma comunidade eclesial. A ideia é oferecer apoio, de todas as formas possíveis e necessárias, aos discípulos de Cristo que, no seguimento do seu Mestre, encontra alguma dificuldade para continuar na caminhada; cumprindo, assim, a exortação paulina: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). Lei que, aliás, se baseia no mútuo amor entre os seres humanos e no cuidado sempre bondoso àqueles que necessitam de nós. E, neste caso, os ministros ordenados são os primeiros a seguir essa lei de Cristo, uma vez que essa tarefa está ligada ao múnus sacerdotal do qual eles participam.

O acompanhamento pastoral pode acontecer de diversas formas. Porém, no sentido aqui pretendido, existe, em cada uma das tradições cristãs trabalhadas nesta tese, um lugar central em que o acompanhamento pastoral acontece e que, a partir desse espaço, evolui para um acompanhamento mais próximo e interessado.

Na tradição protestante, esse espaço é o gabinete pastoral. Trata-se, tão somente, do ambiente de atendimento em que o ministro presbiteriano pode se reunir com um ou mais membros para um atendimento pastoral. Mesmo que não seja um recurso sacramental, do aconselhamento pastoral, podemos afirmar que a sua origem está ligada ao sacramento católico da Penitência<sup>1206</sup>. No contexto presbiteriano, o aconselhamento não é visto como um tipo de intervenção psicoterápica; porém, ele é entendido como um processo evangelizador<sup>1207</sup>. Embora não seja um modelo de consenso entre todos os ministros presbiterianos, o modelo de aconselhamento denominado noutético<sup>1208</sup>, tem sido o padrão utilizado

<sup>1206</sup> Calvino não reconhecia o caráter sacramental da Penitência. Porém, ele não desconsiderava o valor da confissão mútua dos pecados. Calvino, comentando Tg 5,16, afirma: “Conforme se disse, seu objetivo era diferente; pois relaciona a oração mútua com a confissão mútua, por meio de que sugere que a confissão serve a este fim – que possamos ser ajudados quanto a Deus pelas orações de nossos irmãos; pois aqueles que conhecem as nossas necessidades são estimulados a orar para nos auxiliar, mas aqueles a quem nossas doenças são desconhecidas são mais tardios em nos trazer auxílio”. O que necessariamente não elimina a confissão a algum ministro, como considerou Simon Kistemaker, ao dizer: “Tiago não menciona especificamente a igreja ou os presbíteros; ao invés disso, fala de confissão a nível pessoal dentro de um círculo de crentes. Ele não elimina a possibilidade de membros da igreja se confessarem para o pastor e presbíteros (cf. Tg 4,14). Cf. CALVIN, J. **Commentary on the Epistle of James**. Albany: The Ages Digital Library, 1998, p.79. KISTEMAKER, S. **Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p.243.

<sup>1207</sup> “Aconselhamento e evangelização são ministérios que muitas vezes permanecem segregados. Parece que o aconselhamento é apenas para pessoas com “problemas” dentro da Igreja e a evangelização é apenas para pessoas de fora da Igreja, que ainda não professam fé. Essa separação é antibíblica - considere a “Grande Comissão” do nosso Senhor em Mateus 28,19-20 para ganhar pessoas para Cristo e ensiná-las a seguir a Cristo na vida diária. Não há separação”. JONES, R. D. **Biblical Counseling: An Opportunity for Problem-Based Evangelism**. In: **The Journal of Biblical Counseling**, vol. 31, n.1, (2017), p.75. Disponível em: <[https://www.ccef.org/wp-content/uploads/2017/03/6-Preview-Biblical\\_Counseling\\_An\\_Opportunity\\_for\\_Problem\\_Based\\_Evangelism-Jones.pdf](https://www.ccef.org/wp-content/uploads/2017/03/6-Preview-Biblical_Counseling_An_Opportunity_for_Problem_Based_Evangelism-Jones.pdf)>. Acesso em 06 de março de 2019.

<sup>1208</sup> O modelo de Aconselhamento Noutético foi desenvolvido pelo teólogo e conselheiro presbiteriano estadunidense Jay E. Adams. De acordo com Adams, o verbo grego que aparece em Cl 3,16, *νοῦθητέω*, [transl. *nouthetēō*], que pode ser traduzido por admoestar (BJ), ensinar (BP), instruir e aconselhar (ARA, NVI), é o fundamento para o seu modelo. Para ele, a ação pastoral tem a ver com a busca daquela conversão diária requerida de todos os cristãos pelo Evangelho, mas que encontra algum tipo de resistência. Adams sugere que “a confrontação noutética sempre envolve um problema c pressupõe um obstáculo, que tem que ser vencido: algo vai mal na vida daquele que é confrontado”, isto é, a existência de “alguma coisa errada, algum pecado, alguma obstrução, algum problema, alguma dificuldade, alguma necessidade que precisa ser reconhecida e tratada, [ou ainda] algum problema em sua vida, problema esse que requer solução”. E assim, o aconselhamento ou a confrontação noutética tem o papel de “efetuar mudança de conduta e de personalidade”. Portanto, conclui Adams: “A obra de [...] aconselhamento, quando abençoada pelo Espírito Santo, capacita os homens, mediante o Evangelho e a Palavra santificante de Deus. a se tomarem puros de coração, a terem a consciência revestida de paz, c a confiarem sinceramente em Deus”. Cf. ADAMS, J. E.

formalmente nos seminários da IPB na formação dos seus futuros pastores<sup>1209</sup>. De modo geral, esse modelo de aconselhamento parte do princípio que os problemas do ser humano estão relacionados ao pecado, que gera todo tipo de disfunção na vida do indivíduo. Desta maneira a função seria a confrontação do fiel acerca da sua vida cristã<sup>1210</sup>. O pastor-conselheiro, depois de atenta escuta, procura relacionar problema pessoal e o Evangelho, a fim que o consulente se veja diante do verdadeiro problema da sua vida, que é o pecado, cuja definição é “toda falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei”<sup>1211</sup>.

Na tradição católica, esse lugar é o confessional. Primeiro, como ato sacramental; segundo como escuta atenciosa do sacerdote. Antes de qualquer coisa não se pretende qualquer análise do sacramento, apenas demonstrar o seu uso evangelizador. O cerne do sacramento católico da Penitência é o enfrentamento do cristão com o seu próprio pecado e suas consequências. O enfrentamento do pecado acontece na confissão, pela qual o fiel expõe seus pecados e fraquezas. Esse é o enfrentamento do mal, vencido por Cristo, mas ainda não pelo cristão, que se encontra em processo. O aspecto positivo nesse sacramento é uma nova abertura

---

**Conselheiro Capaz**, pp.55-67 passim. Ver também de ADAMS, J. **Teologia do Aconselhamento Cristão**, 456p. BENNER, D. G; PETER C. H. **Baker Encyclopaedia of Psychology & Counseling**, p. 249. A atividade de conselheiros nos Estados Unidos é desvinculada da psicologia. É uma profissão autônoma com legislação, formação específicas e credenciamento pela [...], diferente do Brasil, onde não existe a profissão de Conselheiro, mas, que é reconhecida como uma das funções para a “família” denominada pelo Classificação Brasileira de Ocupações de 2631 “Ministros de Culto, Missionários Teólogos e Profissionais Assemelhados” (2631).

<sup>1209</sup> É fato que existem outros entendimentos acerca do aconselhamento que divergem do entendimento Jay Adams e de seus partidários. Pode-se destacar o modelo denominado Integracionista que procura uma aproximação maior das ciências humanas, principalmente da psicologia. Entre os autores e teóricos dessa linha estão Gary R. Collins. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2001, 389pp.; Roger F. Hurding, **A Árvore da Cura**. São Paulo: Vida Nova, 1995, 487pp.; CRABB, L. **Princípios Básicos do Aconselhamento Cristão**. Brasília: Refúgio, 1984, 113pp. Para um melhor entendimento desse último modelo de aconselhamento e de uma proposta mais ampla de aconselhamento integrado às Ciências Humanas, recomenda-se a leitura de: BACELAR, A. S.; MORAES, A. O. **Por um Aconselhamento Pastoral Integral a partir do diálogo entre Teologia e demais Ciências Humanas**. 2018. 235 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

<sup>1210</sup> “Pôr para fora, aos poucos, o íntimo e comprometer-se com os padrões bíblicos de conduta – depois do reconhecimento do pecado e do arrependimento – parecia produzir alívio e outros bons resultados. Defrontar as pessoas e falar-lhes honestamente de questões que para elas tomavam vulto fora de proporção, parecia-me importante atitude como pastor, a vista de Mateus 5.23,24 e 18.15-18”. Cf. ADAMS, **Conselheiro Capaz**, p.11.

<sup>1211</sup> BCFW, Q-R 14. No mesmo sentido, o CIgC §1849, no mesmo sentido, afirma: “O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Foi definido como “uma palavra, um ato ou um desejo contrário à lei eterna”.

para Deus, que o cristão, consciente de seu pecado, e demonstrando seu arrependimento recebe (cf. CIgC, §1455). E não apenas isso, mas também a experiência da cura e libertação provocados pelo pecado abandonado (Cf. SI 32,1-3; SI 51; Pv 28,13), como disse Nocke:

É verdade que a consciência atual está marcada profundamente pela experiência de fraqueza, culpa e maldade humana, por envolvimento em pecado social e por impotência em face do fracasso individual próprio e coletivo; sem dúvida, existe uma crescente necessidade de libertação desse envolvimento e dessa impotência, bem como uma correspondente procura de cura no diálogo libertador, na experiência de um grupo ou na terapia profissional; mas somente poucos associam uma esperança de libertação e cura com o sacramento da penitência<sup>1212</sup>. [grifo nosso]

O destaque feito acima traz à cena as atuais demandas de cristãos – católicos ou protestantes – diante do mal-estar generalizado da presente era. A busca pela solução, comenta Nocke, passa pelos consultórios de psicólogos e psicoterapias<sup>1213</sup>. Enquanto, o conceito recuperado da reconciliatio, que tem se tornado mais presente no pensamento teológico católico sobre o assunto, aponta para o caráter transformador da penitência, uma vez que “o propósito e efeito deste sacramento é a reconciliação com Deus” (CIgC, § 1468). Reconciliação que liberta e refaz a perspectiva do seguimento de Jesus Cristo.

Desta maneira, o sacramento da Penitência pode assumir também uma característica evangelizadora, quando os fiéis são lembrados do ministério para o qual são chamados<sup>1214</sup>. Ao expor seus pecados e ser, pelo sacerdote, admoestados ao arrependimento e à conversão, penitente deve buscar constantemente uma vida que reflita a santidade e pureza de vida, disposição que é atraída e movida pela graça de Deus (cf. CIgC, §1428). Esse chamado é reconhecidamente feito por Jesus Cristo em seu Evangelho. Uma nova evangelização acontece – e sempre é necessário que aconteça na vida dos discípulos do Senhor. Portanto, evangeliza-se no confessionário e no gabinete, ao mesmo tempo que o arrependimento é evocado e uma nova decisão pelo seguimento de Jesus é assumida. Isto é também evangelização.

Dito isto, podemos considerar os seguintes pontos em comum. Primeiramente, o entendimento de que existe um sério problema que conduz os fiéis

<sup>1212</sup> NOCKE, F-J. **Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência**. In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol. II, p.275.

<sup>1213</sup> Ibid., p.275; Cf. AVELAR, M.C.C. **Sacramento e Experiência cristã**: Uma pedagogia rumo à maturidade em Jesus Cristo. In: COSTA, **Sacramentos e Evangelização**, pp.184-185.

<sup>1214</sup> ROSATO, P.J. **Introdução à Teologia dos Sacramentos**, pp.63-67.

a esses lugares – gabinete e confessionário – isto é, o pecado. O segundo ponto em comum é a necessidade do realinhamento da vida aos padrões da vida cristã presente na Palavra de Deus. Outro ponto é a intervenção do ministro ordenado, que deverá conduzir o aconselhando ou o confessando ao reconhecimento do que lhe conduziu ao estado que o conduziu até a esse momento. É evidente que nesses momentos o ministro tem à sua disposição para assim fazê-lo a Palavra de Deus e, mais especificamente, além da sempre necessária ação do Espírito Santo<sup>1215</sup>, convencedor do ser humano do pecado, da justiça e do juízo (cf. Jo 16,8). O quarto e último ponto, tem a ver com os resultados alcançados. Em ambos os casos, o objetivo é o mesmo a conformação ao viver evangélico.

O que temos diante de nós é que, a assistência pastoral, muito mais do que a presença dos ministros no maior número possível das inúmeras atividades realizadas pelas comunidades ou paróquias, é a responsabilidade de cada ministro ordenado em conduzir a comunidade, posta sob os seus cuidados pelo Supremo Pastor, no caminho da salvação e da santificação, ou seja, no caminho do Evangelho. Desta maneira, a comunidade se torna consciente de que suas demandas têm acolhida pelos ministros, não apenas aquelas, que, na mentalidade dualista vigente, são colocadas numa ordem espiritual, mas também aquelas que fazem parte do cotidiano e, que muitas vezes, são resultados de alguma disfunção no seguimento de Cristo, como também das dúvidas, medos e anseios que surgem a partir dos confrontos com o mal parasitário que existe em nosso mundo criado por Deus.

Na experiência no pastoreio da IP-ST, não foram raras as vezes que um problema era uma máscara para um pecado – uma palavra, um ato ou um desejo contrário à lei eterna ou a transgressão dessa mesma lei (cf. ClgC, §1849; BCW, Q-R, 14). Nestes casos, não havia apenas um problema para ser tratado, mas dois<sup>1216</sup>.

<sup>1215</sup> Cf. ADAMS, **Conselheiro Capaz**, p.37-41.

<sup>1216</sup> Um exemplo disso, foi uma mãe que me procurou para falar sobre a filha de 16 anos. Era desejo desta mãe que a filha fizesse a sua Profissão de Fé, o equivalente presbiteriano à Confirmação ou Crisma. Porém, a filha adolescente não demonstrava o interesse pessoal por esse caminho, o que levou o Pastor e os Presbíteros a sugerir o adiamento da profissão de fé da adolescente. Na conversa, algumas vezes em lágrimas, era uma tentativa da mãe em provar que a filha estava apta, mesmo que as reticentes faltas nos cultos, escolas dominicais, relatos da mãe e da família que as coisas não iam nada bem, que desabilitavam a filha, uma vez que não se percebia o prescrito na BCW, Q-R, 87. A questão era mais profunda, a mãe, que sempre competiu com sua irmã, também membro da IP-ST, estava com ciúmes da irmã e da sobrinha, que foi considerada apta à Profissão de Fé, principalmente pelo seu testemunho, vida religiosa, inclusive sendo auxiliar da Escola Dominical. Ao ser confrontada com este fato, iniciou uma crise que envolveu todas as pessoas citadas nesta narrativa e que demandou muito trabalho. O BCW, Q-R 87, diz: “O que é arrependimento para a vida?

Por outro lado, havida certos anseios que eram simples aspirações humanas que careciam de uma atenção pastoral. Uma ação que o simples acolhimento, uma orientação quanto ao futuro, decisões que impactariam a vida familiar. Porém, cada simples trato pastoral diante dos mais simples conflitos pessoais, também possibilitavam que a mensagem evangélica fosse apresentada para o bem, salvação e santificação do consulente.

#### 4.2.2 As Responsabilidades do Laicato

Dentre as tarefas atuais das Igrejas cristãs, no cumprimento da missão, encontra-se a de repensar o lugar e papel dos leigos e leigas em sua tarefa evangelizadora. Há quem possa inquirir que no protestantismo não há diferença entre o clero e leigos. Entretanto, ao contrário do que é propalado pelo discurso protestante, a distinção clero e laicato insiste em existir no seio do protestantismo brasileiro. O conceito da Reforma de sacerdócio universal dos cristãos tem desaparecido de várias denominações protestantes, principalmente na tradição pentecostal, sendo substituído por uma nova forma de hierarquia protestante. Assim, é possível afirmar que esse novo clericalismo tem retirado do povo o protagonismo na evangelização. Algo muito estranho ao protestantismo de missão brasileiro, que ainda insiste, como Lutero, que existe uma diferença apenas no que diz respeito à função e não à dignidade<sup>1217</sup>.

Por outro lado, esse protagonismo também tem sido cedido pelos leigos. Esse fenômeno já é observado na IPB desde meados do século XX. O leigo abre mão de ser agente evangelizador para se tornar o mantenedor ou o patrocinador de ações evangelizadoras<sup>1218</sup>. Sobre isso o Benjamin Cesar, pastor da Igreja Presbiteriana de

---

Resposta: O arrependimento para a vida é uma graça salvadora (At 11,18), pela qual o pecador, tendo uma verdadeira consciência de seu pecado (At 2,37) e percepção da misericórdia de Deus em Cristo (Jl 2,13), se enche de tristeza e de aversão pelos seus pecados, abandona-os e volta para Deus (2Co 7,11; Jr 31,18-19; At 26,18), inteiramente resolvido a prestar-lhe nova obediência (Sl 119,59)".

<sup>1217</sup> LUTERO, *A Nobreza Cristã da Nação Alemã*, p.282.

<sup>1218</sup> De acordo com os dados apresentados por Emile Leonard, a IPB teve um bom desenvolvimento em solo brasileiro até meados do século XX, quando a ela representava 0,22% da população brasileira constituída de um pouco mais de 50 mil habitantes. Sendo, a maior denominação protestante no Brasil, a IPB demonstrou sérias dificuldade ao não saber lidar com a mudança do espaço rural para o urbano. A nova estrutura social urbana teve influência direta no modo de ação do leigo, uma vez que no contexto rural, como observou Caldas, a ação leiga era uma “necessidade imperiosa” para a expansão da IPB. É possível considerar que o modelo de trabalho, a organização do tempo e outras demandas urbanas funcionaram como um inibidor da ação leiga. Bem como a

Campo dos Goytacazes por mais de 30 anos, por aquela época já alertava e criticava a terceirização da evangelização por parte da membresia urbana da IPB aos ministros ordenados. De acordo com Benjamin Cesar, uma vez remunerado pela membresia da comunidade, o pastor tornar-se-ia o agente exclusivo de todas as ações evangelizadoras e toda responsabilidade pelo sucesso ou fracasso da evangelização seria unicamente dele<sup>1219</sup>.

Contudo, esse mesmo ministro chamou a atenção para fato da necessidade de capacitação da membresia leiga para o exercício da evangelização. Ele considerou que se não houvesse uma séria preparação dos leigos e leigas presbiterianos no Brasil, a atividade dos pastores não teria nenhum proveito, ainda que estes últimos tivessem a melhor formação<sup>1220</sup>. O interesse desse pastor presbiteriano era a capacitação bíblico-teológica dos leigos presbiterianos para o exercício do ministério compartilhado do presbiterato, que, aliás, é ponto ainda muito complicado no presbiterianismo, porquanto a relação entre pastores e presbíteros regentes é em muitos casos é tumultuada<sup>1221</sup>.

Observa-se também, no contexto da Igreja católica, um anseio que opera no sentido inverso, isto é, busca maior participação do leigo na vida e missão da Igreja, sendo esse tema tratado ao longo de 2017-2018, o Ano Nacional do Laicato. Há quem se posicione com duras críticas ao aparente fechamento da Igreja católica aos leigos. Neste caso o tom beligerante e o discurso inflamado se assemelham a uma espécie de desejo por uma revolução do laicato, que destituiria o clero de suas

---

percepção que os pastores são renumerados para isso. Cf. LEONARD, **História do Protestantismo Brasileiro**, pp.307-313; CALDAS FILHO, **Fé e Café**, p.33-34.

<sup>1219</sup> Cf. CESAR, B. **O Estandarte, 31 de maio 1950** apud LEONARD, **O Protestantismo Brasileiro**, p.309. Não é sem sentido dizer que existiu – embora haja resquícios desse entendimento – a ideia da substituição do ministro presbiteriano à medida que a sua capacidade de “ganhar almas para Jesus” fosse percebida como fraca ou inexistente, não atingindo as metas traçadas pelo Conselho local. Ainda hoje a maneira mais comum de escolha pastoral é pela avaliação da capacidade de ensinar e a qualidade da pregação. Neste sentido, um pastor, convidado com vistas a assumir o ministério de uma outra comunidade, deve proferir um estudo bíblico-teológico e sermão em cultos públicos. Assim, o culto se transforma em “entrevista de emprego”.

<sup>1220</sup> CESAR, B. **O Estandarte, 31 de maio 1950**, p.310.

<sup>1221</sup> CESAR, B. **O Estandarte, 31 de maio 1950**, p.310. Seguindo a tradição reformada, a IPB admite que, ao ministério pastoral, é exclusivo a administração do ensino e do sacramento. Porém, a insistência de que o presbiterato é uma única ordem, faz com que presbíteros regentes queiram também ter os mesmos deveres acerca dos sacramentos e a impetração da bênção apostólica que compete apenas aos presbíteros docentes, isto é, aos pastores. Por exemplo, o Presbitério Central do Espírito Santo (PCES) encaminhou, a pedido de um presbítero regente, uma consulta para sobre o embasamento bíblico-teológico dessa diferenciação.

funções e ministérios<sup>1222</sup>. Contudo, há também aqueles que têm um entendimento mais brando sobre o assunto, com uma abertura para o diálogo num tom mais integrador<sup>1223</sup>.

O que se percebe é que o laicato, por um lado, tem vendido o seu direito de primogenitura da ação evangelizadora, seja pelo conforto de uma liderança ordenada que se assenhora de todas as ações da Igreja ou do comodismo de outorgar aos ministros todas as ações missionárias da comunidade. Por outro lado, têm-se aqueles que pretendem uma reversão dialética do status quo, enquanto outros estão à procura de uma identidade eclesial, de uma maneira de se perceber como parte da Igreja cristã.

Aliás, o fato que mais chama a atenção é que a própria Igreja católica tem tido o cuidado de refletir e incentivar a participação do leigo. De acordo com Joel Portella Amado, existem momentos específicos que as ações evangelizações recaem como maior ou menor intensidade ora sobre o clero ora sobre o laicato<sup>1224</sup>. Em tempos de “perda da plausibilidade sociocultural ação evangelizadora mais voltada aos sacramentos e a moralidade”<sup>1225</sup>. Essa é a função do clero.

Complementar a essa ação do clerical permanece a ação evangelizadora promovida pelos leigos, isto é, na família e no convívio com os demais cristãos<sup>1226</sup>. Porém, diz Amado, a mudança de época que a sociedade tem experimentado nas últimas décadas e as questões ligadas à plausibilidade sociocultural exigem uma nova postura na ação evangelizadora da Igreja, cujo modelo de ação clerical não

<sup>1222</sup> Comblin é um desses autores. Cf. COMBLIN, J. **O Povo de Deus**, p.320-326; COMBLIN, J. **Efésios**, pp.70-75; O teólogo católico leigo César Kuzma, por exemplo, chegou a ser incisivo em declarações, como: “De modo muito seguro e direto, posso dizer que o clericalismo é uma doença que impede a Igreja de ser serviço e, com isso, inibe as demais vocações, sobretudo os leigos, de assumirem o seu papel, a sua missão dentro do corpo eclesial, e também na sociedade” Cf. KUZMA, C. **Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas**. Entrevista de Cesar Kuzma. **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574387-kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas>>. Acesso em 08 fev. 2019. Seguindo essa tendência: PINHEIRO, J.E. **Os Impasses Eclesiais: O clericalismo como centralização dos serviços e como mentalidade reinante na Igreja**. In: COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO. **Sujeitos Eclesiais: Sal da Terra e Luz do Mundo**, pp.81-91.

<sup>1223</sup> Cf. AMADO, J.P. **Leigos na linha de frente? Uma reflexão a respeito do laicato no atual momento evangelizador**. In: **Atualidades Teológicas**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 387-416, mai./ago.2016,

<sup>1224</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** p.392.

<sup>1225</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** p.392.

<sup>1226</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** p.392,

mais faz sentido, tornando o leigo uma nova força para uma nova evangelização dentro do catolicismo<sup>1227</sup>. Desta forma,

[Os] sacramentos e moral tendem a ser muito mais ligados ao clero. O laicato tende a ser muito mais o receptor destas duas dimensões. Tendo recebido a fé através do pais [sic.] e da família, o cristão leigo ou leiga se apresenta para firmar sua adesão através dos sacramentos e receber ajuda para viver de modo condizente, ou seja, em termos de moral. Quando, porém, exatamente nas mudanças de época, se trata de dar as razões da convicção, o peso sociocultural do laicato aumenta bastante. A importância do clero se enfraquece enquanto brota de uma instituição, no caso, a instituição Igreja Católica. Num processo de forte individualização, o clero adquire plausibilidade muito mais a partir do testemunho pessoal do que de sua condição institucional. [...]. O laicato, que, nos momentos de maior plausibilidade institucional e tradicional, não é visto como personagem relevante para a transmissão e a vivência da fé, assume papel preponderante. Mudanças de época e nova evangelização são momentos, portanto, para o laicato. São momentos do laicato. Por isso, o Doc. 105 afirma claramente que, “mais que no passado, temos hoje as condições eclesiais, as condições sociais, políticas e culturais e as bases eclesiológicas para que o cristão leigo exerça sua missão como autêntico sujeito eclesial, apto a atuar na Igreja e na sociedade e a promover uma relação construtiva entre ambas” (122)<sup>1228</sup>.

Embora pareça autoevidente, seria prudente aqui, definir o que é um leigo, a fim de não causar maiores dificuldades, principalmente, para protestantes de missão que pouco usam esse termo. Utilizar-se-á a definição da *Lumen Gentium*, que diz:

Pelo nome de leigos aqui são compreendidos todos os cristãos, exceto os membros de ordem sacra e do estado religioso aprovado na Igreja. Estes fiéis pelo batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do *múnus* sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo (LG, 31).

A definição faz a diferenciação entre o laicato e o clero. Doutra forma, aqueles que não foram ordenados ao diaconato, presbiterato e ao episcopado são leigos, mas que igualmente são responsabilizados ao anúncio do Reino de Deus nas duas dimensões de uma mesma realidade no mundo e na Igreja. Desta forma, uma evangelização que pretende ser integradora precisa superar o dualismo em chave de oposição clero-laicato, fazendo com que os membros leigos do povo de Deus assumam a sua missão de evangelização como parte ativa da Igreja, fazendo-os compreender e participar efetivamente da sua natureza missionária no mundo. Assim, é possível falar tanto de uma ação *ad extra* e uma ação *ad intra*, as quais se integram e não se excluem.

<sup>1227</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** pp.392-393.

<sup>1228</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** pp. 392-393.

### 4.2.2.1

#### O Testemunho no Mundo: ação ad extra

De acordo com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (31b), o que caracteriza o leigo é a sua índole secular. É, desta forma, que desde o Vaticano II, a Igreja católica tem considerado o modo de atuação do laicato. Entretanto, o que isso realmente quer dizer?

Sem dúvida, essa definição indica uma particularidade característica do leigo, isto é, a possibilita do acesso a diversas áreas e setores do cotidiano da sociedade humana, que jamais poderiam ser alcançadas pelos ministros ordenados. São os leigos que entram na política, na educação, no comércio, na indústria e nos canteiros de obra – ainda que os ministros possam acessar essas áreas<sup>1229</sup>. É nesse sentido que o papa Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, descreveu esse espaço de atuação do laicato:

Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal, devem também eles, através disso mesmo, atuar uma singular forma de evangelização. A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial, esse é o papel específico dos Pastores, mas sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento. Quanto mais leigos houver impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos claramente nas mesmas, competentes para as promover e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua capacidade cristã muitas vezes escondida e asfixiada, sem nada perder ou sacrificar do próprio coeficiente humano, mas patenteando uma dimensão transcendente para o além, não raro desconhecida, se virão a encontrar ao serviço da edificação do reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo (EN, 70)<sup>1230</sup>.

Paulo VI é enfático no trato desta questão. A lógica evangélica da missão dos leigos se demonstra de maneira clara – “quanto mais leigos houver impregnados do Evangelho [...] tanto mais essas realidades, [...] se virão a encontrar ao serviço da edificação do reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo (cf. Mt 5,13-16; 13,33). As figuras parabólicas do sal, da luz e do fermento apontam para

<sup>1229</sup> Tem surgido no Brasil, a ideia da Capelania Empresarial. De maneira, a Capelania Empresarial é a presença de um ministro ordenado numa empresa de qualquer setor, cuja função é ser “um serviço proativo de apoio, trato da espiritualidade e aconselhamento. voltado ao que é mais importante em uma empresa, ou seja, as pessoas que nela trabalham; compromete-se sempre com a visão integral do ser humano”. Mas é algo que está ainda no começo, ao passo que o cristão leigo já está inserido nessa realidade. Cf. FAQ – As 19 Perguntas Mais Frequentes! Disponível em: <<http://www.capelaniaempresarial.com.br/faq/>> Acesso em 04 mai. 2019.

<sup>1230</sup> PAPA PAULO IV. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, p.89-90.

a realidade constatada e admitida pelos documentos oficiais da Igreja católica, mas que está em conformidade com o entendimento comum do cristianismo, ou seja, os leigos vão onde o clero jamais irá<sup>1231</sup>. Neste mesmo sentido, num artigo publicado em 1952, Newbiggin afirmou:

A força evangelizadora da Igreja é – ou deveria ser – a totalidade de seus membros, nada menos. Nós falamos de “leigos” como se fossem uma espécie de corpo passivo (ou problemático) com o qual “a Igreja” tem que lidar. Esquecemos que a Igreja é o laicato, o Povo de Deus, e que o leigo cristão em seu ofício, campo ou fábrica é precisamente o soldado da linha de frente da Igreja em seu compromisso com o mundo<sup>1232</sup>.

A percepção newbigginiana demonstra o entendimento protestante-presbiteriano acerca do laicato, que está em plena conformidade com o entendimento católico pós-Conciliar. Por essa característica, Paulo VI e Newbiggin afirmam o quanto é valoroso e indispensável que os leigos estejam envolvidos na tarefa evangelizadora da Igreja. A relação é simples: se a Igreja é o sacramento da salvação, o leigo deve ser entendido como sinal da Igreja.

Desta forma, o testemunho do leigo deve ser pensado dentro das seguintes perspectivas. Primeira perspectiva é a da sujeição ao Reino. De acordo com Christopher Wright, antes de enviar os seus apóstolos ao mundo, Jesus teve que torná-los discípulos por meio de várias lições práticas e objetivas, que teriam o papel de lhes mostrar o que seria viver no Reino de Deus aqui<sup>1233</sup>. Se o testemunho é a confirmação, pela vida e gestos, das palavras anunciadas com palavras da Salvação, é preciso que o Evangelho anunciado seja intensamente vivido. O Evangelho vivido representa o compromisso com o Reino de Deus e a sua justiça. Percebe-se nessa relação a necessidade de um equilíbrio entre o que se diz e o que se faz ou como se vive<sup>1234</sup>. Apenas aqueles que estão no seguimento de Jesus são capazes de ajustar vida e palavra de tal maneira, que se cumpra a exortação de Jesus: “Assim, brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mt 56,16). Como visto no

<sup>1231</sup> Embora exista no contexto da IPB pastores que não exerçam exclusivamente o ministério, e que atuam em outras áreas profissionais, como professores, funcionários públicos, profissionais liberais, entre outras profissões, a regra geral é que os pastores da IPB exerçam o ministério com dedicação exclusiva. Existem casos de Presbitérios, o segundo concílio na estrutura organizacional da IPB, possuírem decisão específica que proíbe que o ministro exerça outra função. Cf. **CE - 2011 - DOC. CLVIII**: Quanto ao documento 159 - Diretrizes para atuação no Ministério - Estrutura de Côngruas Pastorais.

<sup>1232</sup> NEWBIGGIN, L. **The Christian Layman in the world and in the Church**, p.185.

<sup>1233</sup> Cf. WRIGHT, C.J.H. **A Missão do Povo de Deus**, p.194.

<sup>1234</sup> WRIGHT, C.J.H. **A Missão do Povo de Deus**, p.195.

capítulo anterior, o povo de Deus é chamado para ser povo de contraste para aqueles que ainda não se uniram a ele no seguimento.

A segunda perspectiva do testemunho é a informação sobre Jesus e o Reino. Dizer quem é Jesus e o que é viver em seu Reino é o fundamento de toda ação evangelizadora; tendo em vista a afirmação do apóstolo Paulo, quando ele diz que a fé vem pelo ouvir a palavra de Cristo (cf. Rm 10,17 BPNt)<sup>1235</sup>. Desta forma, os leigos também participam do testemunho contínuo da Igreja, que é o de falar ao mundo sobre a nova vida dada por Deus em Jesus, e, por isso, devem estar conscientes não apenas da sua responsabilidade, mas também da fé que trazem em suas vidas, ao ponto de serem capazes de compartilhá-la com aqueles que o pedirem (cf. 1Pe 3,15).

Entretanto, diante desse grande desafio, a formação bíblico-doutrinária do leigo a fim de capacitá-lo ainda mais a cumprir esse comissionamento cristão (cf. Mc 16,15), a Igreja deve urgentemente viabilizar o preparo de seus membros para um mais efetivo anúncio do Evangelho ao mundo. A situação de despreparo para a proclamação verbal da Boa Nova foi observada algumas vezes em relação aos membros entrevistados na IP-ST<sup>1236</sup>. Grosso modo, no meio do protestantismo missionário brasileiro, esse aparente despreparo colocaria o membro numa condição bem problemática, uma vez que a incapacidade de falar sobre sua fé é encarada como prova de sua não-salvação, deixando de lado todo o dado de fé possível que pode ser verificado na vida desta pessoa. Como no caso, de uma das entrevistadas, é algo vergonhoso<sup>1237</sup>. Tendo isso em mente, Paulo VI advertiu e conclamou a Igreja católica a promover condições para uma formação séria de sua membresia, quer fossem leigos ou não. Ele escreveu:

Para todos os obreiros da evangelização é necessária uma preparação séria; e é necessária de modo muito particular para aqueles que se dedicam ao ministério da Palavra. Animados pela convicção, incessantemente aprofundada, da nobreza e da riqueza da Palavra de Deus, aqueles que têm a missão de a transmitir devem dedicar a maior atenção à dignidade, à precisão e à adaptação da sua linguagem. Todos sabem que a arte de falar se reveste hoje em dia de uma grandíssima importância. E como poderiam então os pregadores e os catequistas descurá-la? Nós auspiciamos vivamente que, em todas as Igrejas particulares, os Bispos

<sup>1235</sup> Cf. NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. **Nestle-Aland, 28th Edition**. Deutsche Bibelgesellschaft. Disponível em: <<https://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/text/bibeltext/lesen/stelle/55/100001/109999/>>. Acesso em 17 abr. 2019.

<sup>1236</sup> IPF-4.06: “Eu... eu como pessoa tenho muita dificuldade às vezes de falar “pras” pessoas de Jesus. [...] Eu tenho essa dificuldade. Não tenho, não tenho, assim, como é que fala? eu não tenho o dom de evangelizar, chegar pra uma pessoa e falar: “– Olha! Jesus transformou minha vida. Jesus fez... pode fazer por isso você”!

<sup>1237</sup> IPF-4.06.

velem pela formação adequada de todos os ministros da Palavra. Essa preparação séria fará aumentar neles a indispensável segurança, como também o entusiasmo para anunciar nos dias de hoje Jesus Cristo (EN,73).

Neste sentido, diante da gravidade que é a missão, pode-se entender que não cabe a Igreja qualquer amadorismo sobre este assunto, que em muitos casos (DOC 105, 47)<sup>1238</sup>. É neste sentido que também caminha o Documento de Aparecida (DAp), que afirma:

A missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, que compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base destas dimensões está a força do anúncio kerygmático. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar a Jesus Cristo, a crer n'Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá o pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível no processo de formação de discípulos e missionários. Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e como serviço que são chamadas a prestar, em meios às exigências da história (DAp, 279).

Assim, o que é dito, no âmbito do catolicismo, é igualmente válido para o protestantismo<sup>1239</sup>. Não basta apenas anunciar a Palavra de Deus dominicalmente ou em outros encontros semanais. É preciso mais. Como finaliza o DAp, é preciso uma formação permanente e dinâmica que oportunize ao laicato o exercício do seu ministério no mundo.

A última perspectiva, que deve ser assumida no testemunho cristão, é o princípio da influência. Todo os cristãos estão no mundo para serem o fermento do Reino, isto é, para que as suas mínimas ações e intervenções impliquem na transformação profunda da realidade em que se encontram (cf. Mt 13,33). Assim, os leigos, como já dito, participam diretamente da vida do mundo em todas as suas

<sup>1238</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **DOCUMENTO 105**. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, 2017. “Ainda que a religiosidade popular desempenhe um papel na própria experiência de fé, tanto do sujeito como do coletivo, há que se admitir que, nesse ambiente pouco controlado pela Igreja cristã, há também deformação da fé cristã. A Igreja deve ser capaz de alcançar todos os níveis sociais, culturais e intelectuais na apresentação da Palavra de Deus, a fim de não permitir um distanciamento tão grande das verdades do Evangelho. Exemplificando, a leitura de um texto de Clodovis Boff sobre uma possibilidade de sincretismo entre a santíssima virgem Maria e Iemanjá se demonstrou impalatável. São duas personagens que em vários sentidos se aproximam, porém, num nível ético as duas se tornam inconciliáveis. Contudo, quantos são aqueles que tomam uma pela outra como se a mesma pessoa fosse? Ou quando cristãos utilizam conceitos estranhos à fé, como fazer a passagem, típico e significativo do espiritismo, ou assumem credences e superstições que obstaculizam os princípios da fé? Neste sentido, compreende-se que esses desvios se devem a falta de respostas concretas que a Igreja deixa de dar à sua membresia”.

<sup>1239</sup> Há no ideário protestante uma falsa percepção de que o cristão está pronto para evangelizar. E, em muitos casos, não há um esforço concentrado na formação evangelizadora do crente.

dimensões, na diversidade das ações humanas. O testemunho assume, então, a característica de gerar influência no mundo, transformando-o de dentro para fora. Deste modo, o leigo se responsabiliza de fazer com que cada “esfera de sua vida contribua com sua plena participação no serviço, honra e glória daquele que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.16)”<sup>1240</sup>. Essa é a exortação de Gaudium et Spes (43) aos leigos, os quais “devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a serem testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana”.

Trata-se, portanto, de assumir a atribuição de ser testemunha não apenas às pessoas, mas às culturas e às sociedades, enfim, essa é uma atribuição de todos os cristãos para testemunho para todo o mundo, fazendo conhecidos os valores e princípios do Reino de Deus.

Entretanto, como bem reconheceu o DOC 105 (133),

o cristão encontra alguns entraves para a vivência de sua fé de modo integral e integrado. Algumas oposições estão tão enraizadas na mentalidade e na prática das comunidades e dos fiéis que podem chegar a impedir alguns cristãos leigos a se verem como verdadeiros sujeitos na Igreja e no mundo.

Retoma-se aqui a questão da necessidade de ruptura com os dualismos, uma vez que o referido documento se refere a alguns tipos que têm sido tratados nesta investigação, a saber, fé e vida, sagrado e profano, Igreja e Mundo, identidade eclesial e ecumenismo (cf. DOC 105, 133-). Não é suficiente que o clero, com sua formação teológica admita a necessidade de desfazer sozinho os imbrólios práticos dos dualismos na vida cotidiana das Igrejas. Essas estruturas são empecilhos para que o testemunho do Evangelho seja vivido de maneira mais abrangente, que a mensagem salvadora ultrapasse os limites da Igreja e do sagrado. Como essa investigação tem demonstrado e o DOC 105 (133) afirmou, a continuidade da existência de uma perspectiva dualista, faz com que a Igreja se volte para si mesma e, “em detrimento dos compromissos com a inserção na realidade, leva os cristãos leigos e leigas à esquizofrenia religiosa: o cristão leigo corre o risco do comodismo, da indiferença, da intolerância e da incoerência em sua vida de sujeito eclesial e cidadão do mundo” (DOC 105, 134). Esta conclusão está relacionada a uma grave

<sup>1240</sup> HENDRICKSEN, W. *Mateus*, vol.2, p.92.

e preocupante constatação do papa Francisco, em sua *Evangelii Gaudium*, diante do cenário eclesial. Francisco diz:

Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade (EG, 102).

O triste diagnóstico de Francisco alerta que, a busca aguerrida por ocupação leiga no espaço intra-eclesial, é resultado na inaptidão ou incapacidade para a realização da missão leiga no mundo. Portanto, a Igreja cristã deve repensar o quadro geral da evangelização intramundana dos leigos, observando e corrigindo as causas desta inaptidão. Porquanto, o laicato é o grupo que atua na linha de frente e que, juntamente com o clero, dá conta de todos os espaços que necessitam ser evangelizados.

#### **4.2.2.2**

#### **A Vivência eclesial: ação ad Intra**

No item anterior, foi considerado que a tarefa primeira do laicato é pôr em prática todas as possibilidades de ações cristãs e evangélicas escondidas nas coisas do mundo, para operar a transformação de todas as realidades seculares (Cf. EN,70). Porém, é preciso ressaltar que a ação leiga não está restrita ao ambiente secular. Como também considerado, a evangelização integradora precisa romper com todo e qualquer dualismo, inclusive aquele que polariza a ação, ou ainda, aquele que surge de uma ênfase tão forte sobre o lugar de ação, tanto do clero como do laicato, que o realce dado acaba por dar origem ao dualismo opositor, comprometendo, assim, a evangelização efetiva e integradora. Portanto, há que se considerar as duas dimensões da ação leiga, ou mesmo clerical, como partes de um todo. A índole secular do leigo não exclui sua pertença ativa no meio eclesial.

Numa simples observação, é verificado que o laicato constitui a grande maioria dos membros de qualquer comunidade cristã (cf. EG, 102), de modo que, “o laicato é não só numericamente bem maior que o clero como também vital para que as diversas atividades evangelizadoras aconteçam”<sup>1241</sup>. Portanto, existe sim espaço para a ação leiga na realidade eclesial.

<sup>1241</sup> AMADO, *Leigos na linha de frente?* p.401.

Neste sentido, os conceitos de corresponsabilidade e de ministerialidade, desenvolvidos a partir do Vaticano II, são de suma importância para a formulação de um modelo de ação leiga ad intra. Do lado protestante, esses conceitos têm seu lugar na práxis das Igrejas surgidas na Reforma, por meio da doutrina do sacerdócio universal dos fiéis. Deste modo, percebe-se que, em ambas tradições, há o interesse na participação do laicato na vida comunitária.

A ideia de corresponsabilidade é muito simples e autoexplicativa. Implica o mútuo reconhecimento da interdependência de cada sujeito eclesial, tanto da hierarquia como do laicato, na efetivação da missão da Igreja; conquanto, todos os batizados são feitos participantes do tríplice múnus de Cristo – régio, profético e sacerdotal. Assim como os ministros ordenados são orientados em suas atividades pelos atos básicos da *martyria*, *leiturgia* e *diakonia*, assim também, dentro das especificidades das suas funções, os leigos são chamados à participação ativa no exercício do tríplice múnus, para concretização das ações evangelizadoras de suas comunidades.

Diante disso, uma reconfiguração eclesial possibilita também a participação leiga nas ações evangelizadora eclesiais, porquanto, a corresponsabilidade traz o leigo para dentro da comunidade, para servir nas diversas áreas, como conselhos paroquiais, assembleias gerais<sup>1242</sup>, também na liderança de pastorais, grupos de jovens e de casais, enfim, a vivência comunitária do povo de Deus. E ainda assim, esses cristãos são enviados para fora desse espaço, a fim de ser fermento para a transformação do mundo (cf. Mt 13,33). Aliás, a observação na tabela abaixo indica essa possibilidade de ação numa responsabilidade compartilhada entre os dois estados da vida cristã.

---

<sup>1242</sup> Embora o governo na IPB seja representativo, isto é, os presbíteros são eleitos como mandatos de 5 anos para fazer representar a membresia e, simultaneamente, auxiliar o pastor na gestão administrativa e disciplinar da comunidade; todavia, existe em cada comunidade a Assembleia Geral que é formada por todos os membros comungantes ou, em casos específicos, dos membros comungantes civilmente capazes, a qual tem função deliberativa, conforme a CI-IPB, Art. 3 in totum, que diz: “O poder da Igreja é espiritual e administrativo, residindo na corporação, isto é, nos que governam e nos que são governados. § 1º - A autoridade dos que são governados é exercida pelo povo reunido em assembleia, para: a) eleger pastores e oficiais da Igreja ou pedir a sua exoneração; b) pronunciar-se a respeito dos mesmos, bem como sobre questões orçamentárias e administrativas, quando o Conselho o solicitar; c) deliberar sobre a aquisição ou alienação de imóveis e propriedades, tudo de acordo com a presente Constituição e as regras estabelecidas pelos Concílios competentes. § 2º - A autoridade dos que governam é de ordem e de jurisdição. É de ordem, quando exercida por oficiais, individualmente, na administração de sacramentos e na impetração da bênção pelos ministros e na integração de Concílios por ministros e presbíteros. É de jurisdição, quando exercida coletivamente por oficiais, em Concílios, para legislar, julgar, admitir, excluir ou transferir membros e administrar as comunidades”.

Tabela 7 - Ministérios e Ação corresponsável leiga

		Ordenado	Leigo
MARTYRIA	Ensino/Catequese	X	X
	Testemunho	X	X
	Pregação	X	X
LEITOURGIA	Celebração Litúrgica	X	X
	Celebração da Palavra	X	X
	Celebração dos Sacramentos	X	X
	Orações	X	X
DIAKONIA	Administração eclesial	X	X
	Serviços das pastorais	X	X
	Ações Sociais	X	X
	Assistência aos doentes e idosos	X	X

A corresponsabilidade indica que o leigo participa ativamente nesses processos; porém, deve-se admitir que, no âmbito eclesial, a responsabilidade primeira é do clero. Os leigos tomam parte nesta responsabilidade que é clerical. Nesta relação, existe um grande risco para ambos os grupos. O clero precisa agir não “como dominadores dos que lhes foram confiados”, mas como modelo a ser seguido pelo povo (cf. 1Pe 5,3-4). Caso contrário, incorrerá em gravíssimo pecado, uma vez que tiranizará o povo libertado por Jesus Cristo (cf. Gl 5,1). O que também aponta à soberba, que conduz à ruína e a queda (cf. Pv 16,18). Igualmente, o que é dito, em 1Pe 5,3-4, aos presbíteros, é repetido aos jovens, que nesse verso se refere ao laicato: “sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça (1Pe 5,5)<sup>1243</sup>.”

O risco existente na relação clero-laicato está num entendimento em chave oposição-exclusão. O resultado desse entendimento, em chave de oposição-exclusão, é o conflito, que pode existir em ambas as tradições. Na tradição presbiteriana, o historiador francês Émile Leonard ressalta que o conflito entre os

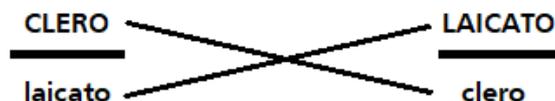
<sup>1243</sup> Cf. REICKE, *The Epistles of James, Peter, and Jude*, p.130; BIGGS, *Commentary on the Epistles of St Peter and St Jude*, p. 190;

pastores e os presbíteros<sup>1244</sup> é algo muito comum e conhecido em qualquer igreja calvinista, em todo mundo<sup>1245</sup>. O problema apresentado por Leonard é conhecido na IPB, criando, muitas vezes, situações difíceis de serem resolvidas sem trazer danos a comunidade local ou ao pastor e sua família, que são a parte mais fraca.

No caso da tradição católica, a força do clero é reconhecidamente maior. Todavia, isso não impede que o laicato não deseje certa ascensão<sup>1246</sup>. Aliás, como demonstrado noutra lugar, existe quem dentro do clero como do laicato católico, almejam essa reversão, que na experiência presbiteriana é catastrófica para vida da Igreja.

Assim, pode-se considerar que a reversão dialética é o primeiro perigo que a Igreja enfrenta quando os leigos, não entendendo a sua função na vida eclesial, buscam posições e competências que não são suas. Tornando, reivindicações legítimas cenário de conflitos e razão para desunião do povo de Deus. Deste modo, a tentativa de superar os dualismos conduz apenas à reversão dialética, que não é de nenhum modo uma superação, mas tão-somente a valorização do termo antes inferiorizado ou negado.

FIGURA 2 - Reversão dialética clero-laicato



O outro perigo é a acomodação do leigo. A acomodação, por sua vez, se dá em dois níveis diferentes. No primeiro nível, a acomodação acontece em virtude das grandes dificuldades enfrentadas pelo ministério leigo no ambiente secular. O triste diagnóstico constatado pelo papa Francisco (EG, 102), do qual falávamos no item anterior. O ambiente eclesial é mais seguro, dualistamente tem maior importância,

<sup>1244</sup> Embora sejam ordenados e recebam a imposição de mãos, os presbíteros na IPB são considerados leigos. Como são maioria no Conselho da comunidade local, como direito a voto, impõe muitas vezes o pastor a situações constrangedoras. Na narrativa da Nota de Rodapé 1215, a mãe, inconformada com a não aceitação da filha para a Pública Profissão de Fé, procurou um presbítero e o convenceu a apoiá-la, reabrindo novamente a discussão e, por conta de sua influência sobre os demais presbíteros, a decisão foi revertida, com meu voto em contrário, e, contra minha vontade, tive que recebe-la como membro comungante da Igreja. Infelizmente, não são raros os casos em que pastores são demitidos da Igreja por conta de algum mal-entendido com esposa ou filhos de presbíteros. O que força os Presbitérios a ter que tratar desses problemas.

<sup>1245</sup> LEONARD, **O protestantismo brasileiro**, p309-310.

<sup>1246</sup> Ver os exemplos da Nota 1220.

porque é o serviço direto para Deus, porque prevalece o espiritual. Como expressou Joel Amado:

Trata-se da fuga para dentro da proteção eclesial em face de um mundo compreendido como caótico. É por isso que, já no título, o Documento recorda a condição de sal e fermento, para não permitir a acomodação no interior das comunidades como consequência do desprezo tácito pelas realidades temporais. De fato, a problemática da fuga religiosa atinge índices preocupantes quando, para problemas de natureza secular, são dadas soluções exclusivamente religiosas. Diante de um povo, por exemplo, carente de atendimento de saúde, propostas religiosas voltadas para as curas imediatas tendem a se mostrar bastante atrativas, seja para os que as recebem, seja também para os que as geram. Os impactos de um mundo em transformação, com as sequelas da já mencionada globalização da indiferença, acabam funcionando como uma espécie de ímã na direção ad intra. Afinal, por que se comprometer pela transformação, se a solução é muito mais rápida no âmbito seguro e acolhedor da vida intracomunitária? O medo de um sal que não consegue salgar é a razão da insistência na atuação laical no mundo e não uma concepção eclesiológica de oposição (DOC 105, 39-40)<sup>1247</sup>.

Na experiência presbiteriana, a participação leiga está diretamente relacionada com a compreensão da importância que a atividade leiga tem dentro da comunidade. Porém, em qualquer tradição essa situação é cômoda. É mais fácil, servir a Deus dentro do ambiente mais harmonioso da comunidade do que no espaço caótico do mundo. Porém a postura da Igreja e de sua liderança é fazer sair do comodismo templário os leigos e leigas chamados por Deus, em Jesus Cristo, e capacitados pelo Espírito Santo para participar de sua missão de vida e salvação.

O segundo nível de acomodação está ligado ao não-envolvimento na missão. Como já foi tratado noutro lugar desta tese, na tradição presbiteriana, esse não envolvimento acontece pelo entendimento que, toda atividade evangelizadora cabe ao pastor, que para isso é remunerado. Ou porque a contribuição mensal ofertada é generosa para o não-envolvimento. Ou ainda pelo simples desinteresse. Neste último caso, a única explicação é uma interpretação que apenas sacramenta a participação no culto divino e a recepção dos sacramentos, desvinculada de qualquer outra atividade nem dentro, nem fora da Igreja.

Diante do exposto, surge uma questão: Como o leigo pode assumir o seu lugar de ação nas duas dimensões de chamado, isto é, em suas ações ad extra e ad intra?

A primeira forma de alocar o cristão leigo na missão da Igreja, embora esse critério também valha para os membros do clero, está diretamente ligada a inclinação dos dons e carismas. Para o teólogo protestante Wayne Grudem o dom ou carisma “é qualquer talento potencializado pelo Espírito Santo e usado no

<sup>1247</sup> AMADO, **Leigos na linha de frente?** p.402.

ministério da Igreja”<sup>1248</sup>. A abrangente definição feita por Grudem não delimita ou restringe o número dos carismas àqueles encontrados nas listas paulinas (Rm 12; 1Co 12-14, Ef 4, 11-16; 1Tm 5,17; Tt 1,5). A definição de Grudem vai muito além das listas de Paulo, afirmando que todas e quaisquer competências e habilidades humanas, quando a serviço do Reino de Deus e de sua expansão sobre toda a terra, são instrumentos úteis nas mãos do Espírito, que as dinamiza com a força do seu poder.

Neste sentido, a liderança ordenada e leiga das comunidades cristãs deve observar como os leigos e leigas estão vivenciando os dons trazidos pelo Espírito Santo, a fim de orientá-los, de maneira adequada, as posições apropriadas tanto no mundo como na vida tanto intra como extra eclesial. Essa orientação deve ser pensada e vivenciada pela liderança comunitária.

Além disso, é necessário também a construção de um entendimento de mutualidade entre clero e laicato, entre laicato e clero, como afirmou Amado:

Interessante observar a diferença que existe entre o clero e o laicato quando se trata de viver nos dois âmbitos, o ad intra e o ad extra. Os leigos têm a graça e o dever de binar, isto é, de atuar nos dois espaços. Os clérigos, por vocação e missão, recolhem-se, esvaziam-se da possibilidade de agir no mundo, para exatamente dar espaço a que os leigos o façam. Pela formação e pela eventual disponibilidade de tempo, os clérigos até poderiam agir também no mundo, de modo mais direto, mais incisivo. Como, no entanto, agem como sinais do Deus-Comunhão, que, por amor, se esvazia para dar espaço ao outro, no caso, ao laicato, os clérigos, ao assim se tornarem, abrem mão de agir mais diretamente nas atividades temporais. Servem ao mundo, servindo àqueles(as) que atuam no mundo<sup>1249</sup>.

Na justa cooperação entre os polos eclesiais transparece a própria relação Cristo-Igreja. Quando cada grupo constituinte do corpo de Cristo, ajustados e bem ligados uns aos outros, se esforçar para realizar a sua tarefa da missão de evangelização do Mundo; tanto mais os valores, princípios, como justiça e equidade, do Reino de Deus conquistarão corações e, daí, contribuirão para transformação das estruturas perversas e malignas da realidade, fazendo como que o reino deste mundo, torna-se de Deus e do seu Cristo, que reinará para sempre (cf. Is 9,7).

<sup>1248</sup> GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*, p.859.

<sup>1249</sup> AMADO, *Leigos na linha de frente?* p.407.

### 4.3 OS Caminhos para uma Evangelização Integrada

Nas seções anteriores deste capítulo, discorreu-se sobre uma proposta de evangelização que se torna integradora dos dualismos que, permeando a mentalidade teológica e prática da Igreja cristã, dificultam a leitura da realidade numa chave de relação-integração, começando pela relação Igreja-Mundo. Nunca se esquecendo, que não existe nenhuma possibilidade nesta proposta de uma relação integradora com o mal, em todas as suas possíveis manifestações na história do Mundo.

Foi visto que uma evangelização integradora, em primeiro lugar, precisa se conformar a certos aspectos ou características que, embora não sejam conceitos novos, porém, apenas esquecidos na práxis evangelizadora da Igreja, são fundamentais para a proclamação da Boa Nova trazida por Jesus Cristo ao mundo, não apenas para criar um povo exclusivamente seu e acomodá-lo protegido em santuários, mas para que, inclusivamente, esse povo pudesse levar a mesma mensagem, em missão, até aos confins da terra (cf. Mt 28,29; Mc 16,15; Lc 24,46-49; Jo 20,21; At 1,18).

No segundo momento, procurou-se demonstrar que o esforço missionário da Igreja é realizado no esforço comum, porém, com o exercício de funções diferentes entre o clero e o laicato. A integração desejada aqui não é de natureza sintética, que significa a transformação desses dois grupos num terceiro e novo grupo eclesial. Tampouco interessa uma reversão dialética, que, aliás, não é uma legítima forma de se superar uma relação dualista. Muito pelo contrário, trata-se da integração-interação de ambos os grupos eclesiais na realização do esforço missionário, cada qual no seu lugar de ação e em cooperação entre as partes. Isso determinaria na mútua edificação e fortalecimento da Igreja, ligando os seus membros entre si e todo o corpo à sua Cabeça, Jesus Cristo (cf. 1Co 12,12-31; Ef 4,11-16).

Nesta última seção, será a intenção deste trabalho responder à seguinte questão: Como transformar a mentalidade dualista da Igreja local, almejando por implantar a nova forma de evangelização que busca um tipo de integração entre dimensões da realidade humana? Neste sentido, a proposta que é oferecida parte de um processo de transformação da percepção atual e dualista que, majoritariamente, ordena e mantém o entendimento dualista dentro da Igreja tanto entre o clero como entre o laicato. Esse é um itinerário que parte da conversão da mente e coração para

se alcançar as transformações desejadas por meio de uma nova práxis eclesial. Propõe-se, então, os três caminhos para se chegar à experiência de uma evangelização integrada e integradora, os quais são: o da conversão, o da adesão e o da renovação. Como se pode ver, trata-se de uma analogia construída, a partir da salvação pessoal, para se aplicar a Igreja e sua salvação institucional.

#### 4.3.1

#### O Caminho do Conversão

O primeiro caminho, a ser tomado para se fazer uma experiência comunitária da evangelização integrada, é o da conversão. O termo arrependimento é a tradução da palavra grega *metánoia*, que etimologicamente significa transformar a mente. Essa transformação da mente é requerida como meio de conhecer a boa, perfeita e agradável vontade de Deus (cf. Rm 12,2). Pelo arrependimento, na contemplação e horror diante do pecado, o indivíduo retorna à comunhão com Deus, como afirma a CFW:

Movido pelo reconhecimento e sentimento, não só do perigo, mas também da impureza e odiosidade do pecado como contrários à santa natureza e justa lei de Deus; apreendendo a misericórdia divina manifestada em Cristo aos que são penitentes, o pecador pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos (CFW XV, 2).

Assim, a conversão se transforma num posicionamento para a nova vida a ser experimentada diante de Deus e dos homens.

Neste sentido, ao objetivar uma evangelização que rompa e supere com os dualismos existentes na teologia e práxis cristã, a Igreja precisa estar consciente do mal que essa mentalidade dualista tem promovido. Uma vez que essa mentalidade opera numa lógica excludente, que separa, divide e afasta a Igreja do Mundo, local da sua atuação e missão, não é possível continuar sustentando ou apenas relevando a sua presença no meio eclesial. Há que se pensar numa renovação das percepções teológicas e optar pelo caminho oferecido e vivenciado pelo próprio Deus, principalmente na encarnação do Verbo.

Para Louis Berkhof “a conversão pode ser uma crise agudamente marcante”<sup>1250</sup>. Se isso é válido para a pessoa, também é válido para a Igreja. E nada é tão patente para a Igreja cristã do que o atual momento de crise. A mudança de época, pela qual o mundo está passando, tem trazido várias transformações nas

<sup>1250</sup> BERKHOF, *Teologia Sistemática*, pp.446-447.

estruturas socioculturais da sociedade. Uma dessas transformações, já percebidas, é a morte das grandes narrativas, entre as quais a Escritura é contada<sup>1251</sup>. Também é possível considerar a privatização cada vez mais intensa da religião, que na própria vida do *homo religiosus* tende a ocupar um lugar mais privado, o que leva às vezes a pessoa se afirmar cristã, ter suas experiências de piedade e devoção, porém, ser alheio a vida comunitária e, até mesmo, fazendo graves ataques à ela, arrogando sempre a dispensabilidade da Igreja.

Diante desse cenário, a Igreja se pergunta sobre como agir. Mas também se questiona sobre a sua validade. Modismos surgem na tentativa de manter a membresia e, se possível, conquistar mais adeptos. Troca-se o terno pelo xadrez<sup>1252</sup>, os púlpitos por tambores vazios de óleo combustível, como se isso desse um ar de modernidade à igreja<sup>1253</sup>. Além de outras tantas possíveis mudanças formais, porém não substanciais. Volta-se a pergunta do início deste parágrafo: como a Igreja deve agir?

A resposta que já foi apresentada é simples. A partir da crise experimentada pela Igreja na sua peregrinação missionária é mister uma conversão. Por conversão, deve ser entendida toda a ação que mude a rota que está sendo seguida, no caso da Igreja não o trajeto do seu seguimento – este é imutável – mas, no modo como ela caminha. Como dito anteriormente, a conversão exige arrependimento ou mudança de mentalidade, metánoia. E é o primeiro passo para ação da Igreja em obediência ao seu mandato missionário, como enfatizou o teólogo luterano Werner Klän:

Mas antes de falar da situação de seu tempo e mundo e da situação da humanidade caída em seu relacionamento defeituoso e arruinado em relação a Deus, a igreja deve primeiro falar consigo mesma, voltar-se para si mesma e permitir-se ver que sua mensagem sobre a situação da humanidade e do mundo é também o seu próprio diagnóstico. [...] Quando a Igreja fizer isso, ela poderá falar com essas questões em nossas nações e nos tempos em que os padrões divinos da vontade de Deus foram abandonados, desprezados ou rejeitados arbitrariamente.<sup>1254</sup>

<sup>1251</sup> Cf. HARVEY, D. **A Condição Pós-moderna**, p.19.

<sup>1252</sup> Essa é uma referência à uma mudança verificada. Muitos pastores deixaram de usar ternos e mesmo algum paramento litúrgico, que assumiram trajes informais. E como o xadrez esteve em alta para camisas masculinas, era possível observar, na Internet, que a grande maioria desses ministros seguiram a tendência e todos estavam usando o xadrez.

<sup>1253</sup> Basta uma simples busca por “púlpitos de tambor” na Internet para verificar isso. Acesse: <<https://www.imgrumweb.com/hashtag/pulpitodetambor>>. Acesso em 20 jun.2019.

<sup>1254</sup> KLÄN, W. **Reformation Then and Now: Ecclesia Semper Reformanda**. In: **Journal of Lutheran Mission**, vol. 3, n. 2. 2016, p.18. Disponível em: <<http://www.ctsfw.net/media/pdfs/Kl%C3%A4nReformationThenandNow.pdf>>. Acesso em 09 de maio de 2019.

O mundo é outro, seu modo de pensar e agir são outros. O que era válido para uma cristandade há muito destruída perdeu sua validade. Não seria incorreto dizer que a Igreja continua pensando e agindo com as mesmas categorias da cristandade ou, para os protestantes, da Reforma, no tempo pós-tudo de nossa época. Neste sentido, algumas ações podem auxiliar a Igreja nesse caminho de conversão.

A primeira ação no caminho da conversão de uma mentalidade e práxis dualista é o reconhecimento do problema. A relação entre a Igreja e o mundo tem sido discutida desde que a comunidade apostólica teve que tomar as primeiras decisões que deveriam nortear a vida da Igreja (cf. At 6,1-7; 11,1-18; 15,1-21). E o Espírito Santo foi o guia da Igreja em todas essas decisões.

As demandas não são mais sobre a aceitação dos gentios, sobre o que se deve comer ou não. Sem supervalorizar as demandas atuais, estas são profundas porque estão relacionadas a mudança radical da mentalidade cristã, construída nos últimos vinte séculos. O problema básico a ser pensado não está numa relação com o externo, mas está relacionado com o que é interno à Igreja: sua teologia e práxis. Para Garcia Rubio, a existência do dualismo tanto na teologia como na praxis da Igreja, distorcem a abrangência da salvação, fazendo-a repousar de maneira predominante no âmbito do espiritual, minimizando ou excluindo a importância do físico ou material, como ele mesmo explica:

O que acontece quando a visão dualista de ser humano, herdada da antropologia neoplatônica e reforçada pela antropologia cartesiana, continua a influenciar a consciência católica [e protestante]. É verdade que se trata de um dualismo mitigado e não radical, mas, mesmo assim, leva a estabelecer uma acentuada oposição entre elementos positivos pertencentes ao mundo das realidades da criação e da salvação. A predominância da relação de oposição-exclusão faz com que seja acentuado de maneira unilateral um dos polos relacionados, enquanto o outro é descuidado ou desprezado. Assim, por exemplo, quando o assunto é a salvação cristã, será acentuada a dimensão espiritual e eterna desta realidade e concomitantemente será descuidado, desvalorizado ou desprezado o influxo da salvação no mundo e na história atuais; na vida da pessoa, com todas as suas dimensões; no mundo da família, das comunidades e das realidades macrossociais. É óbvio que esta visão de homem constitui um forte obstáculo para o caminhar da Igreja na concretização da salvação-libertação integral<sup>1255</sup>.

Esta teologia e práxis, sendo mantidas, continuam sustentado uma evangelização em chave de oposição-negação que terá muito a dizer acerca da alma e pouco sobre o cotidiano do corpo. E o Evangelho pregado por Jesus não é assim. Levado às últimas consequências, poder-se-ia dizer que essa é uma deturpação do Evangelho.

<sup>1255</sup> RUBIO, **Unidade na Pluralidade**, p.89.

Por conseguinte, a segunda ação no caminho da conversão é refletir na nova possibilidade. Para participar do seguimento de Jesus é preciso compreender que ser um cristão não é um mar de rosas e tem as suas dificuldades e riscos (cf. Lc 14,25-33)<sup>1256</sup>. Assim como as pessoas são exortadas a dar conta da gravidade inerente ao seguimento ou discipulado cristão, a Igreja também é chamada a calcular os riscos de ser Igreja que deseja se desvencilhar do dualismo e buscar uma evangelização integradora. Refletir sobre a possibilidade desta mudança, portanto, faz como que a Igreja entenda que essa é uma demanda que incorre em riscos, mas também em alegrias. Superar os dualismos presentes na mente e na práxis cristã, a fim alcançar uma percepção integrada da relação Igreja-Mundo, é o meio de viabilizar que os processos evangelizadores alcancem sua meta de implantação da justiça, paz e alegria, sinais evidentes da presença do Reino de Deus (cf. Rm 14,17).

A percepção integradora da evangelização demanda uma ação e um esforço muito maior do que aquela exigida pela percepção dualista. A razão disso é que a evangelização integradora vê o ser humano como um todo. A salvação deixa de ser apenas da alma, mas torna-se também salvação do corpo, da vida social e cultura, da economia, enfim, de todas aquelas dimensões carentes da novidade do Reino de Deus e de todas as transformações que ele traz consigo.

A evangelização integradora clama pela conscientização de suas intenções tanto direcionada ao clero como aos leigos, pela elaboração de projetos e diretrizes de ação. Ela também obriga a liderança da comunidade ao esforço de mudar aquilo que não mais se ajusta ao modelo integrador de evangelização. Trata-se, portanto, de uma mudança de paradigma.

A terceira ação é a disposição para mudar. Se, como considerado anteriormente, a evangelização integradora é uma mudança paradigmática, então, a opção pela mudança se configura numa profunda transformação das concepções básicas e fundamentais daquilo que é aceito e partilhado entre os membros de uma comunidade de fé<sup>1257</sup>. A transformação, portanto, acontece naquelas estruturas mais profundas da fé cristã. Para a comunidade cristã, a ruptura dos dualismos soará com uma tentativa de destruição dos dogmas da Igreja.

Como foi visto nesta tese, o modelo evangelizador adotado pela IP-ST não tem sido tão efetivo como poderia ser, porquanto, a influência de uma posição

---

<sup>1256</sup> HENDRICKSEN, W. *Lucas*, vol.2, p.276.

<sup>1257</sup> Cf. KUHN, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, p.219.

dualista na relação Igreja-Mundo, direciona a praxis da Igreja num sentido de evangelização com um grande fechamento, embora jamais absoluto, ao mundo. E a mesma realidade está presente nos outros ramos do cristianismo brasileiro, salvo consideráveis exceções. Desta forma, a proposta desta tese pode representar um ponto de estranhamento por indicar uma via interpretativa diferente daquela que orienta a atual prática daquela comunidade. O encontro entre a atual perspectiva e a nova via interpretativa propostas geraria uma crise.

É, neste sentido, que Thomas Kuhn considerou que uma mudança paradigmática ocorre no âmbito científico como uma revolução<sup>1258</sup>. Para Kuhn, uma revolução científica é como uma revolução político-social qualquer. De acordo com ele, quando o paradigma existente deixa de funcionar, esse “funcionamento defeituoso pode levar à crise, um pré-requisito para a revolução”<sup>1259</sup>. O fato é que o antigo paradigma dualista não é mais adequado ao atual momento da Igreja que tem optado por uma interpretação integral da realidade. No entanto, a adesão a uma nova proposta significa um compromisso com um novo paradigma, que implica mudanças que podem ou não ser bem-vindas.

Assim, disposição pela mudança é a opção pelo novo paradigma e pela mudança da mente, pelo caminho da conversão. Optar por ele é pôr a si mesmo em risco dentro de uma denominação ou mesmo dentro de uma comunidade eclesial. Não há como mensurar todas as implicações e desdobramentos dessa opção, por mais que eles tenham que ser calculados. No entanto, o que confere segurança é a certeza que a missão deve ser cumprida. Muitos foram, no passado, aqueles que optaram por uma nova compreensão e direcionamento da missão e sofreram com mal-entendidos. Contudo, em algum momento, sua intenção foi reconhecida.

Verifica-se, portanto, que o caminho da conversão tem demandas radicais. Uma evangelização integrada não se realiza numa realidade dualista, porque os pressupostos teológicos, jamais sugerirão a inculturação, o diálogo, a publicidade e o serviço, pois são aspectos que tocam o mundo visto como mal. Mesmo o aspecto teo-referente da evangelização tem a tendência de se referenciar uma interpretação tão absoluta da soberania divina, que inclina para uma visão tirânica de Deus. A conversão é o encontro de uma rota diferente daquela que se estava caminhando.

---

<sup>1258</sup> Cf. KUHN, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, pp. 125-144.

<sup>1259</sup> KUHN, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, p.126.

Aliás, é o caminho proposto por Deus e abandonado pela humanidade. Sendo verdade, que o dualismo é uma antítese daquilo que a revelação divina indica<sup>1260</sup>; então, a evangelização integradora deve ser entendida como o retorno ao caminho de Deus.

### 4.3.2

#### O Caminho da Adesão

A conversão ao caminho de uma evangelização integradora conduz à necessidade da adesão. Aqui, como no seguimento de Cristo, é uma decisão calculada em seus riscos, que revela que, os necessários abandonos, nada significam ante a grandeza da participação na missão do Deus Uno e Trino. Missão que deseja não apenas salvar a alma, mas que intenta a salvação de tudo o que é humano e de tudo que fora divinamente criado.

Da mesma forma, como na adesão pessoal à fé e ao seguimento de Jesus, a Igreja deve estar ciente que a adesão ao modo não-dualista e integrador de evangelização implica num compromisso. Lembrando que não se trata de um padrão pré-definido de ações ou métodos que, aplicados na dinâmica eclesial, serão capazes de mudar tudo e levar a comunidade à uma experiência de crescimento, de edificação nunca visto. Evangelizar integradoramente não é método, mas a conscientização de que a antiga forma de evangelização que dividia o ser humano dualistamente e, em consequência disso, não agia para a salvação de todas as esferas da vida humana, não mais atende ao atual momento histórico. Numa realidade pós-metafísica, anunciar o Evangelho em categorias dualistas é algo que não faz o menor sentido para quem ouve. Portanto, aderir à evangelização integradora é admitir que se trata numa reformulação de toda a percepção interpretativa bíblico-teológica que conduzirá, por sua vez, a uma praxis evangelizadora numa chave de integração-inclusão.

Assim, a advertência evangélica também, por analogia, faz todo o sentido para a evangelização integradora – “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62). O caminho da adesão por uma evangelização integradora deve ser orientado por algumas atitudes honestas por parte dos aderentes. Trata-se de um compromisso análogo ao seguimento ou

---

<sup>1260</sup> Cf. DUSSEL, *El dualismo en la antropología de la cristiandad*, in totum; Idem. *El Humanismo Semita*, 177pp.

disciplinado, no qual foco, imitação e perseverança são atitudes exigidas daqueles que se apropriam pela fé da promessa do Reino e da graça do Evangelho.

Deste modo, a primeira atitude é a manutenção do foco. A advertência lucana chama a atenção para o trabalho que está sendo realizado. O uso de provérbio, possivelmente atribuído a Hesíodo, mas colocado na boca de Jesus pela comunidade lucana, traz o entendimento que a ação, iniciada pelos seus discípulos, não pode ser hesitante, mas deve contemplar firmemente o seu objetivo, isto é, o cumprimento da missão<sup>1261</sup>. O voltar-se a Deus exige a resoluta e completa decisão por uma nova obediência a Deus (cf. BCW, Q-R, 87). Portanto, não pode ser abandonada sem um enorme prejuízo para aquele que se propôs ao seguimento.

Do mesmo modo, o caminho da adesão da Igreja à evangelização integradora demanda por uma nova disposição à obediência do mandato missionário de Jesus (cf. Mt 28,19-20; At 1,8). É nesse sentido que o teólogo batista Bruno Albuquerque considerou que, por meio do critério escatológico, superação do dualismo de tornaria possível<sup>1262</sup>. Por escatológico, ele entende que “a prática do cristão deve ser um exercício ininterrupto, processual, gradual, contínuo e constante de caminhada pessoal e comunitária que chamaríamos de vida no Espírito”<sup>1263</sup>.

Assumir o compromisso por uma evangelização integradora é um engajamento para a vida. O objetivo último dessa forma de evangelização é, utilizando da tradição presbiteriana, a glória do Deus Uno e Trino e o compartilhar humano da alegria divina (cf. CMW/BCW, Q-R, 1). Por outro lado, a evangelização tem o objetivo da salvação e da reconciliação da humanidade com Deus (cf. 2Co 5,18-19). Desde o início, a Igreja viu-se desafiada pelas forças das culturas e pelo poderio estatal e religioso das cidades e nações em que adentravam. As barreiras linguísticas, comportamentais e culturais sempre existiram como um meio dificultador do anúncio da Boa-Nova. Entretanto, a Igreja teve que escolher em ser uma religião étnica ou ser uma religião universal, como mostrar o Evangelho – *para todas as nações* (cf. Mt 28,19). Deste modo ela procurou proclamar a mensagem salvífica do Evangelho às nações, aculturando-se até poder inculturar os valores do

<sup>1261</sup> Cf. HENDRIKSEN, Lucas, v.2, p. 53; PLUMMER, A. **The Gospel According to St. Luke**. New York: Charles Scribner's Sons, 1920, p.268;

<sup>1262</sup> SILVEIRA, B. A.; AMADO, J.P. [orientador]. **Política, Púlpito e Poder: A relação entre as dimensões cültica e sociopolítica da fé nas Assembleias de Deus no Brasil**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019, pp.203-204.

<sup>1263</sup> Ibid., pp.203-204.

Reino de Deus nas culturas alcançadas. A nova época em que a Igreja se encontra clama por uma nova percepção evangelizadora que responda aos anseios do presente e não as antigas questões que se encontram nos nossos catecismos.

O Evangelho precisa falar ao novo mundo. Entretanto, as categorias dualistas da teologia ou da práxis cristã, como se tem visto, impedem essa fala. Seja pelos pré-conceitos teológicos e eclesiais, que levam a não querer se envolver com a sociedade, seja pela arrogância da sociedade pós-tudo, que insiste que a Igreja cristã nada tem a dizer com suas fábulas e mitos. Logo, é responsabilidade da Igreja, mais uma vez, superar as barreiras levantadas e, anunciar o Evangelho. As barreiras do dualismo precisam ser destruídas e o caminho da integração trilhado.

A segunda atitude é a vida de imitação. Ao longo de toda essa tese, entre outras coisas, procurou-se confrontar as práticas evangelizadora da IP-ST à luz do entendimento teo-missiológico de Lesslie Newbiggin e José Comblin. E algo que se apresentou como ponto de contato entre os dois teólogos foi que Jesus, no cumprimento de sua missão, que agora é também nossa, deve ser imitado, seguido. A razão que aqui interessa é que a sua praxis rompe com o dualismo, sendo o próprio Cristo sinal absoluto da superação do dualismo, algo evidenciado em sua própria Encarnação (cf. Jo 1,1-14). Deste modo, Jesus é o exemplo vivo e sempre presente diante de sua Igreja que deve ser imitado, inclusive no modelo de sua evangelização não-dualista, mas era, sem qualquer anacronismo, integradora.

Ao longo desta tese, investigaram-se os processos evangelizadores para que, a partir deles, fosse possível avaliar se a evangelização realizada na IP-ST era feita em que chave de leitura. Como não se pode falar em termos absolutos, a IP-ST tem uma experiência preponderantemente dualista em sua práxis evangelizadora. Nesse modelo mais fechado, essa comunidade eclesial entende que a missão é tão-somente a pregação verbal do Evangelho e acontece especialmente em momento de culto, quer seja no templo ou em casas de membros ou não-membros. A salvação exclusiva de suas almas e a preparação para a vinda de Jesus é a aspiração de grande parte dos membros. Entretanto, sinais de abertura podem ser vistos na ação individual de membros junto a sociedade e mesmo na participação IP-ST, enquanto sociedade civil organizada, em setores da organização pública.

Voltando para a imitação de Jesus Cristo, a ideia de uma evangelização integradora mira no exemplo evangelizador do seu Mestre. Assim, como ele incorporou uma cultura, não fez acepção de pessoas, esteve em todo tipo de

ambientes, inclusive em sinagogas. Tocou pessoas de todos os tipos e origens. Também se deixou tocar por aqueles que eram considerados imundos (cf. Mc 5,25-34; Lc 5,12-13). Sentiu e chorou com outros a sua dor (cf. Lc 7,13; Jo 11,35). Anunciou boa nova de salvação e liberdade aos pobres e pecadores, não deixando também de alcançar pessoas com outros status. Morreu por todos. Ressuscitou por todos. Na sua carne, Jesus nos ensina que não há um Evangelho etéreo, mas apenas encarnado.

A evangelização integradora deve almejar pela encarnação da mensagem cristã na realidade concreta do mundo. Uma evangelização verbal que seja feita com os instrumentais teóricos deste tempo, mas que transmita a eterna mensagem do amor divino, que acolhe aos amados de Deus. Uma evangelização não-verbal que comunique a graça de Deus. Assim, ver o ser humano em sua integralidade é o primeiro passo para uma evangelização encarnada e integradora. Neste sentido, imitar a evangelização de Jesus é “ir ao encontro das pessoas, em seus caminhos de vida, e ouvi-las expressar suas preocupações, seus sofrimentos, suas decepções”<sup>1264</sup>, podendo, assim, direcionar a forma integral de evangelização da Igreja cristã.

A atitude final é a perseverança no seguimento, neste caso específico da evangelização integradora. A teologia cristã reconhece que o dom gratuito da fé carece da perseverança do cristão, sendo que cada confissão oferece critério diferentes para a continuidade no caminho da salvação (cf. CFW, XVII.1-3; CIgC, §162, §2016). Independentemente disso, existe a consciência de que a opção pelo seguimento de Jesus exige uma contínua persistência. Para o teólogo presbiteriano James M. Boice, a perseverança é a alegre disposição pela continuidade da missão dos discípulos de Jesus. Todavia, não se trata de uma alegria eufórica e descabida, porém diz respeito ao contentamento sempre atualizado pelo poder daquele que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5; Is 40,31)<sup>1265</sup>. Nesse sentido, Boice afirma:

Nossa corrida aqui na terra não é de 100 metros. É uma maratona. Começa com nossa conversão e só terminará na hora da nossa morte ou na volta de Cristo. É o desafio mais difícil que enfrentamos, mas enfrentado com a maior alegria. Nós o enfrentamos no poder daquele que prometeu estar conosco até o final e que disse que jamais pereceremos. Ninguém jamais nos arrebatará de suas mãos<sup>1266</sup>.

<sup>1264</sup> DUMAS, M. *A Nova Evangelização*, p.105

<sup>1265</sup> BOICE, J.M. *O Discipulado Segundo Jesus*, p.196. James Montgomery Boice foi ministro e teólogo presbiteriano norte-americano. Doutor em teologia pela Universidade de Basileia.

<sup>1266</sup> BOICE, J.M. *O Discipulado Segundo Jesus*, p.196.

Analogicamente aplicada à evangelização integradora, a perseverança implica a insistência em manter a Igreja envolvida numa práxis não-dualista e integradora da relação Igreja-Mundo, sempre advertindo que em hipótese alguma é possível a integração-inclusão com aquilo que é ético e moralmente errado à luz da revelação divina, tal como compreendem as tradições cristãs aqui envolvidas.

### 4.3.3 O Caminho da Renovação

O caminho final para a aplicação e para se fazer experiência da evangelização integradora é a via da renovação. O retorno a uma forma de evangelização que compreende que toda criação pertence a Deus e tão-somente a ele. E que, por isso, pretende reconciliar todas as coisas e toda humanidade com o Criador. E na força do mesmo Espírito que renova a face da terra (cf. Sl 104,30), a Igreja, na busca por uma evangelização integradora deve também renovar sempre o compromisso evangelizador, afim de se manter perseverante nesse caminho e, deste modo, continuar como igreja e não, nas palavras de Comblin, vir a ser uma sinagoga<sup>1267</sup>.

O que mais ilustra o que está sendo dito é o aforismo, que Karl Barth alegou ter origem em Agostinho, que diz: *ecclesia semper reformanda*<sup>1268</sup>. Este conceito reconhece que a Igreja cristã é uma comunidade no caminho, ou seja, a Igreja está num processo de contínuo desenvolvimento em busca por se tornar mais aceitável a Cristo. Nesse lema, existe problema implícito e cíclico que deve ser vencido. Ou seja, a Igreja está sempre sob risco de um enrijecimento de sua estrutura e de sua dinâmica. Comblin deixou bem clara a possibilidade de existir um ciclo sistêmico

<sup>1267</sup> COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, p.85.

<sup>1268</sup> Cf. MAHLMANN Th. **Ecclesia semper reformanda: Eine historische Aufarbeitung**, pp.384-388. De acordo com Werner Klän, “pode-se mostrar que um dos primeiros exemplos é Jodocus van Lodenstein, que afirma a “verdade... que também na Igreja há sempre muito a reformar”. Outra versão do termo *ecclesia reformata semper reformanda* (“igreja reformada está sempre se reformando”) é ampla, mas informalmente usada nas igrejas reformadas e presbiterianas como seu moto”. Esta última forma é atribuída ao teólogo holandês Gisbertus Voetius (1589-1676), um dos grandes defensores da ortodoxia reformada contra semipelagianismo dos seguidores de Jacob Arminius, que ensejou a convocação do Sínodo Nacional de Dordrecht, do qual se originou o documento confessional denominado Cânones de Dort. A Igreja católica admite a necessidade de constante renovação da pureza e santidade da Igreja, ao afirmar que “a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação” (LG, 8b). Cf. KLÄN, **Reformation Then and Now**, p.14.

que conduza Igreja-sinagoga à Igreja missão e, novamente, a Igreja missão à Igreja-sinagoga<sup>1269</sup>. Comblin adverte:

Contudo, acontece que o cristianismo se transforma num código de dogmas, de gestos rituais ou de costumes. Nesse caso, é evidente que não se trata mais de uma missão, de falar ao coração dos homens, sobretudo dos outros, mas apenas de integrar uma geração nova dentro do sistema social e cultural estabelecido. Suprema desobediência! [...]. Faz-se essa integração para facilitar a entrada dos pagãos na Igreja. Porém, à medida que as massas aceitam entrar na Igreja, a carga de paganismo aumenta entre os cristãos. Uma fusão muito intensa da Igreja com a cultura popular, com a vida diária, uma identificação com a vida e as aspirações dos povos leva insensivelmente a uma degradação e uma sacralização do pecado estabelecido. A reconciliação em Cristo pode chegar ao estado de pura ficção. De certo modo assim aconteceu no império bizantino, na cristandade medieval ou nas monarquias modernas: sob uma ilusão de sociedade cristã predominava o atavismo insuperável dos paganismos seculares<sup>1270</sup>.

A advertência combliniana, longe de ser um delírio exagerado, aponta para um fato, infelizmente conhecido, na história da Igreja que, desde os primeiros dias de sua caminhada, sofre para não se conformar com o seu próprio tempo e costumes (cf. Rm, 12,2; Ap 2-3). Neste sentido, o caminho da renovação é semelhante ao da santificação, porquanto a busca pela santidade conduz o fiel a maior proximidade e envolvimento com Deus e com sua ação santificante e salvadora e a uma maior conformação com a vontade divina. Isso é alcançado, segundo a tradição presbiteriana, por meio da Palavra, dos sacramentos e das orações (cf. BCW, Q-R, 88), que conduzem o cristão por um constante e contínuo processo santificador por toda sua vida. Desta forma, o caminho da renovação passa por apenas dois trilhos.

O primeiro trilho é o da constante avaliação. Trata-se da revisão de tudo o que se pretendeu ao iniciar a promoção de uma forma de evangelizar que vê o mundo da criação e, principalmente, a humanidade que nele reside, mesmo em meio a suas lutas, decepções, alegrias, opressões e experiências libertadoras, o objeto do grande e gratuito amor de Deus (cf. Jo 3,16).

O que se tem discorrido nesta tese é a urgente necessidade de mudança da perspectiva teológica e antropológica que influencia profundamente na praxis evangelizadora da Igreja cristã, principalmente ao se refletir sobre a relação Igreja-Mundo. Nesta simples expressão, percebe-se o dualismo em chave de oposição-exclusão. Assim, a influência dualista sob a antropologia teológica desintegrará o ser humano, que se tornará numa alma boa e que precisa ser salva, e num corpo, um invólucro grosseiro e desprezível. A partir disso tudo o que diz respeito ao espiritual

<sup>1269</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Missão*, p.29.

<sup>1270</sup> COMBLIN, J. *Teologia da Missão*, pp.29,89.

é bom e o que diz respeito ao corpóreo ou material é considerado mal. Conseqüentemente, toda a ação evangelizadora da Igreja terá um único objetivo a salvação exclusiva da alma humana. Assim, qualquer ação em favor das necessidades materiais será também uma expressão de amor à pessoa. Porquanto, a sociedade, a cultura, as artes, as ciências, a economia e outras tantas realizações humanas estão literalmente “entesouradas para o fogo” (cf. 2Pe 3,7). Desta forma, por que fazer algo para o mundo, que, aliás, jaz no Maligno (cf. 1Jo 5,19)?

A evangelização integradora, por outro lado, é uma tentativa de superação deste dualismo que, a partir da antropologia teológica, alcança e subverte a prática pastoral e evangelizadora da Igreja. Como dito anteriormente, a ambição da evangelização integradora é a reconciliação de tudo e todos com o Deus Uno e Trino, porquanto, como na experiência de Pedro, em At 10,11, somos advertidos para considerar imundo aquilo que Deus purificou.

Neste sentido, a Igreja deve se aperceber da necessidade de uma contínua revisão de sua caminhada. Se existe alguma tendência a uma reversão dialética, ou se há alguma inclinação aos valores pecaminosos que operam no mundo. Observar se o foco está sendo mantido ou se o ânimo está debilitado. Deste modo, a reavaliação é necessária para diagnosticar aquilo que não está funcionando como deveria ser. Quais aspectos que a evangelização está negligenciando ou o quanto a Igreja tem permitido sincretismos ao invés de uma profunda inculturação da fé. Logo, ou a Igreja zelosamente se avalie ou perigosamente ela experimentará um afastamento ou mesmo uma reversão em sua caminhada.

O segundo trilho é caminhado quando a constate autoavaliação da Igreja encontra alguma dificuldade e, nessa dinâmica, decide superar o obstáculo encontrado. Voltando ao *Semper Reformanda*, a ideia desse moto cristão é que sempre haverá algum tipo de enfrentamento a vencido. Como visto, a sedução pelo poder ou no mínimo da proximidade daqueles que o detém é uma daquelas tentações feitas a Jesus no deserto que continua sendo soprada aos ouvidos da Igreja pelo demônio – “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4,9).

A superação proposta aqui é a continuidade da conversão. É *semper vertit*, sempre voltando onde caiu e recomeçando, como admoesta o Cristo Glorificado (cf. Ap 2,5). É volver a atenção sistematicamente a tudo aquilo que, num dado momento, conduziu a indagação pela efetividade dos processos e sua capacidade de comunicação com o mundo, que era temido e rejeitado. É considerar o quanto a

Igreja, desde uma pequena comunidade local até os seus maiores concílios, tem objetivado uma integração, que não comunga do erro, mas deseja tocar e transformar o mundo por meio da justiça, paz e alegria do Reino de Deus.

#### 4.4 Síntese do Capítulo

Neste último capítulo, apresentamos o que foi chamado de evangelização integradora. Antes de ser um método, pretendeu-se considerá-la como um modelo de evangelização capaz de fazer a integração de diferentes manifestações de influência dualista, que operam em chave oposição-exclusão, na teologia e práxis da Igreja cristã.

Entendeu-se que a dificuldade da evangelização verificada na IP-ST, julgada pelo pensamento teológico de Newbigin e Comblin, estava relacionada com o entendimento do que é evangelização e quem eram os responsáveis por ela. Neste sentido, demonstrou-se que um processo evangelizador com caráter integrador necessariamente não estava relacionado apenas com as formas, mas que certas características, ligadas ao sentido da própria ação de evangelizar, determinariam ou a manutenção de um modelo de relação Igreja-Mundo numa perspectiva dualista ou a um modelo de relação em chave de inclusão-integração entre a Igreja e o Mundo.

Diante disso, foram propostos cinco aspectos que deveriam tomar parte na ação evangelizadora da IP-ST, mas também da Igreja cristã como um todo. Aspectos estes que têm como função a superação do dualismo Igreja-Mundo, para que a mensagem evangélica seja levada às pessoas dentro de suas respectivas culturas e realidades, conformando-se com essas situações em tudo, exceto no mal e no pecado que parasitam o mundo. O Evangelho, como poder de Deus para a salvação, deve penetrar a sociedade e às culturas humanas e transformá-las, o que justifica a necessidade de a Igreja anunciar em todas as áreas da sociedade, em todos os ramos profissionais. Enfim, em todos os espaços públicos numa relação dialógica, interessada e responsável com todos aqueles que ainda não tiveram o encontro salvífico com Jesus. Tornar o Evangelho, uma voz a ser ouvida numa sociedade polifônica, também é um aspecto dessa forma de evangelização. A recuperação do valor do Evangelho como verdade pública só será possível, quando a Igreja se der conta de que há muito para ser dito, além de “salvai vossas almas”.

Porém, nada melhor que assumir um caráter de encarnação do que as ações concretas da Igreja para aliviar o sofrimento e lutar para que a paz e a justiça do Reino de Deus venham sobre esta terra. O pedido “Venha o teu Reino” é também um compromisso de nossas ações, com o propósito de que “a vida da terra se aproxime o mais possível da vida no céu”<sup>1271</sup> – “assim na terra como no céu”. Muito além do assistencialismo, a Igreja deve utilizar de todos os meios de promoção do ser humano, na formação de cidadãos, cujo caráter cristão se torne meio de evangelização.

No entanto, essa não é uma responsabilidade eclesiástica, mas eclesial. Não diz respeito somente ao clero, mas diz respeito a todos os batizados, que por este sacramento participam do tríplice múnus de Jesus Cristo. Neste capítulo, procurou-se esclarecer que a todos os cristãos são agentes evangelizadores, porém, agindo em áreas diferentes e em funções diferentes. Isto para a própria diversidade orgânica da Igreja de Cristo (cf. 1Co 12,12-30).

Por fim, num tom mais homilético, tratou-se de aprofundar a importância do compromisso com essa evangelização integradora, demonstrando que, assim como no seguimento pessoal de Jesus, a Igreja, em face das mudanças radicais impostas pela supressão do dualismo na teologia e praxis cristã, está diante de um processo contínuo de conversão e trabalho.

---

<sup>1271</sup> STOTT, J. A Mensagem do Sermão do Monte, p.151.

## 5 Conclusão

Fazei discípulos de todas as nações (Mt 28,19). O mandato missionário da Igreja tem o seu fundamento nesta ordem do Jesus Cristo Ressuscitado, um envio para anunciar o Evangelho. A mensagem de um amor gratuito de um Deus que é infinitamente amor. E que nesse amor chama e acolhe a tantos quantos querem experimentá-lo. Essa é a mensagem que não permaneceu apenas em palavras, mas que foi expressa na carne de Jesus desde os primeiros instantes de sua virginal concepção, passando pelos dias de sua infância e juventude, alcançando o tempo de seu ministério, em que gestos e palavras se confundiam, mas todos falavam do mesmo amor do Pai. O Pai nosso que está no céu foi, na força do Espírito, revelado pelo Filho e, através dele, que era a própria imagem do Deus invisível (cf. Cl 1,15).

A mensagem de amor, salvação e reconciliação com o Pai teve sua culminância no Calvário, naquele lenho maldito estava pendurada a salvação da humanidade. Porém, na manhã pascal, Jesus foi ressuscitado dentre os mortos pelo Pai, revogando a sentença humana e iniciando o processo de ressurreição dos demais mortos, marcando o avanço proléptico do Reino de Deus<sup>1272</sup>. Desta mensagem procede o “ide e façam discípulos”. Essa é a mensagem; esse é o Evangelho.

Ao longo de toda esta investigação, o Evangelho e o processo para fazê-lo conhecido entre todas as pessoas, tornando-as discipulas de Jesus, foi analisado, pensado e refletido. O anúncio do Evangelho é a razão de ser da Igreja cristã e, por isso, é mister que o Corpo de Cristo esteja sempre refletindo sobre esse assunto, a fim de tomar consciência de como ele tem sido proclamado e propagado mundo a fora. Esta tese foi um desses momentos de reflexão. O problema que originou este trabalho foi o seguinte: os processos evangelizadores adotados na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa têm sido capazes de criar um tipo de relação Igreja-Mundo não dualista? Sendo assim, o primeiro momento desta tese foi observar a IP-ST, uma pequena comunidade local, representativa de toda uma denominação, semelhante a qualquer outro grupo eclesial, que enfrenta suas lutas e dificuldades

---

<sup>1272</sup> Cf. MOLTMANN, **O Deus Crucificado**, pp.207-213.

para se manter sua obediência ao mandato missionário de Jesus. E, em meio a isso, tudo avança, buscando ser sinal da salvação.

Os processos evangelizadores dessa comunidade cristã ocorrem como em qualquer outra igreja cristã. O culto divino é celebrado, os sacramentos ministrados, encontros para o estudo bíblico-catequético. Paralelo a isso, existem os grupos e suas pastorais. Clero e leigos participam de sua administração, estruturação e manutenção dessas ações. O testemunho da comunidade é apresentado à sociedade teresense nas diferentes estruturas sociais e culturais da cidade. Existem presbiterianos em diversos setores profissionais de Santa Teresa. Importava, entretanto, compreender um pouco mais a específica relação Igreja – Mundo, investigando em que sentido a atuação dos presbiterianos da comunidade estudada e a comunidade eclesial como um todo incidem sobre a realidade sociocultural em que estão inseridos.

A pesquisa de campo revelou uma mentalidade que lê a realidade predominantemente em chave de oposição-exclusão, oriunda de uma evangelização dualista recebida e continuada por seus membros. Antes de ser um problema específico da IP-ST, essa percepção dicotômica tem sido um obstáculo para todo o cristianismo, principalmente num momento em que a cultura ocidental enfrenta uma mudança de época, em que transformações em todas as estruturas da sociedade estão sofrendo algum tipo de mutação. Nessa mudança de época, duas possibilidades se apresentam para as igrejas cristãs, dentre as quais a Igreja Presbiteriana, representada nessa pesquisa pela comunidade em Santa Teresa. As duas opções estão diretamente ligadas à relação Igreja-Mundo. A primeira opção consiste em a experiência de Igreja se fechar diante do mundo. A segunda, em se identificar de tal modo que já não consiga se distanciar e interpelar a sociedade e a cultura. No primeiro caso, temos o fortalecimento do dualismo, com o risco de se chegar até mesmo a configurações fundamentalistas. Na segunda possibilidade, encontra-se o risco de aquela comunidade assumir opções que reforcem características dos tempos atuais: forte individualização, centralização nos prodígios e perspectiva predominantemente de autoajuda.

Diante desses fatos, essa pesquisa buscou compreender os ritmos vivenciais de uma comunidade cristã específica, identificando o modo específico da mesma compreender a relação Igreja-Mundo e, alargando o horizonte da reflexão, buscar

caminhos para, num contexto de mudança de época, comunicar o Evangelho para as novas gerações.

A pesquisa mostrou que, na IP-ST, predomina uma tendência para o espiritual em detrimento do material ou mundano. A valorização da comunhão interna, dos membros da comunidade algumas vezes até mesmo se opondo à abertura para os demais, para o Mundo. Como indicado nas entrevistas, o verdadeiro auxílio que a igreja poder oferecer encontra-se mais na oração e na mútua intercessão, do que numa vigorosa forma de atuar e testemunhar de uma maneira mais efetiva o Evangelho.

Para essa comunidade, a salvação é sinalizada pelo pertencimento a uma comunidade cristã. O contrário, isto é, a não salvação, é sinalizado pelo tripé ético protestante: fumar, beber e dançar. De maneira assertiva, a dicotomia entre Igreja e Mundo está assim apresentada. A igreja é santa e pertence a Deus. O mundo é mal e jaz no Maligno. Predominaram, desse modo, as portas fechadas entre a Igreja e o Mundo, porque a comunidade entende que a evangelização consiste em exatamente tirar as almas do mundo.

Como, pois, compreender teologicamente essa mentalidade? Até que ponto ela corresponde ao dado revelado e à reflexão teológica cristã de nosso tempo? Em vista dessas perguntas, o propósito do segundo momento da pesquisa foi construir as lentes que auxiliariam na compreensão da IP-ST. A opção foi por Lesslie Newbigin e José Comblin, que, no cumprimento pessoal ao mandato missionário de Cristo, refletiram teologicamente sobre o conceito de missão e sobre a relação entre a Igreja e o Mundo.

A partir de ambos os autores, esta investigação assumiu que uma evangelização que se faz em fechamento, ainda que não de todo, ao mundo não é capaz de comunicar plenamente o Evangelho. Em primeiro lugar, porque a visão dualista da realidade não faz justiça aos próprios atos salvadores de Deus, entre os quais, a própria encarnação, que é o símbolo maior de abertura para o outro. Em segundo lugar, a realidade inteira pertence a Deus. Ao romper com a visão dualista da realidade, entende-se que a Igreja e o Mundo são, no máximo, duas dimensões da mesma realidade. Como foi dito nesta tese, o mundo são aquelas pessoas que ainda não conheceram o Evangelho.

O mundo e a totalidade das produções culturais, sociais, científicas e artísticas da humanidade pertencem ao Deus Uno e Trino (cf. Sl 24,1). Além disso, o mundo

é o esplendido teatro da manifestação da glória de Deus, esta foi dada a conhecer em Jesus (cf. Jo 1,14). É neste cenário que opera a salvação da humanidade. E esta salvação é apresentada atualmente pela Igreja, sacramento da salvação. A missão da Igreja está direcionada ao Mundo. Sem mundo, qual é o sentido da Igreja?

Dessarte, o julgamento alcançado por este trabalho é a confirmação da sua hipótese inicial, isto é, a evangelização ou os processos evangelizadores na Igreja Presbiteriana em Santa Teresa não correspondem à atual consciência da relação Igreja-Mundo, conforme apresentada pelos autores que foram estudados. Percebeu-se que a IP-ST possui uma compreensão da realidade predominantemente dualista, de modo que a leitura da realidade é feita em chave de oposição-negação. Uma chave de leitura como essa faz com que a experiência da vida cristã não seja plenamente feita. Um exemplo disso é a vivência que a membresia da IP-ST faz em relação a comunhão entre si. Essa comunhão é uma experiência do amor da comunidade, mas que atua de maneira mais efetiva internamente, refletindo externamente como um reflexo indireto dessa experiência amorosa. Neste caso, a expressão do amor cristão extramuros é, em grande parte, uma expressão que ocorre num nível pessoal. O envolvimento da IP-ST, que possui assento no Conselho Municipal de Saúde, expressa uma possibilidade de envolvimento com a sociedade teresense. Mesmo que se admita que essa é uma participação discreta, deve-se, por outro lado, considerar o Reino de Deus se manifesta a partir de coisas pequenas, mas que possuem grande potencial de crescimento e influência positiva e benéfica (cf. Mt 13,31-33)<sup>1273</sup>.

Confirmada a hipótese, esta investigação voltou-se para considerar uma ação, a fim de contrabalançar os rumos seguidos não apenas pela IP-ST, mas também por outras comunidades cristãs, quer protestante, quer católicas. O fundamento dessa ação é a superação do dualismo em chave de oposição-exclusão nas estruturas teológicas da Igreja cristã. Superar a dualização da realidade passa pelo entendimento que toda ela pertence a Deus e ao seu Reino. O mal não é inerente ao mundo. Antes, o mal é uma oposição obstinada a vontade de Deus, tanto que o mundo não é o real problema para os discípulos de Jesus Cristo, porém, o mal.

---

<sup>1273</sup> Cf. DODD, C. H. *Las Parabolas del Reino*, p.182

De acordo com o Quarto Evangelho, a oração feita por Jesus, antes de sua paixão e morte, foi um pedido para que o seu povo fosse livrado do mal e do maligno que, presentes e agindo no mundo o corrompem (Jo 17,15). Esses mesmos agentes podem também influenciar de modo perverso a Igreja<sup>1274</sup>. Em outras palavras, o pedido presente nesse verso, lido de maneira positiva, seria: “Deixe-os no mundo e livre-os do mal”. Assim, a ação evangelizadora da Igreja não deve evitar o mundo, porém, deve intensamente lutar contra o pecado, o mal e os agentes demoníacos que estão presentes no mundo. A Igreja deve ocupar os espaços dominados pelo mal e reconciliá-los com Deus, por meio do testemunho da graça e do amor desse mesmo Deus. Influenciando e santificando a sociedade e a cultura com os princípios e valores do Reino de Deus, além de funcionar como luz a apontar-lhe Cristo (cf. Mt 5,1316; 13,33).

Assim, o terceiro momento desta pesquisa buscou indicar algumas diretrizes para reorientação conceitual do pensamento teológico que oferece o conteúdo para a práxis evangelizadora. Tomando como base a realidade encontrada no caso da IP-ST, que é um exemplo possível de ser encontrado em qualquer igreja cristã, a via para a reorientação da sua teologia é a superação do dualismo, que caracteriza seu modo de percepção. Assim orientada, essa nova teologia geraria uma práxis também não-dualista. Desta maneira, ao se recuperar que o objeto material desta investigação admite a evangelização como parte constituinte da relação Igreja-Mundo, uma teologia e práxis não-dualista teria efeitos diretos sobre a evangelização, que é a missão Igreja. Diante disso, o último capítulo desta tese ofereceu uma proposta de relação Igreja-Mundo que foi denominada de Evangelização Integradora.

O que foi chamado de evangelização integradora é, entre outras coisas, uma proposta de superação de todos os traços dualistas que, numa chave oposição-exclusão, operam na interpretação dicotomizada da realidade, da teologia e, conseqüentemente, da práxis da Igreja. A proposta da evangelização integradora é ser um modelo de evangelização que, rompendo com o dualismo, procure integrar os elementos dicotomizados da relação Igreja-Mundo.

---

<sup>1274</sup> Cf. JERÔNIMO, São; BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.A (eds.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**, p. 803. Compare também com: LÉON-DUFOUR, **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.3, p.241.

O anúncio da Boa-Nova é um convite para a integração e participação de toda humanidade, de todas as suas culturas e sociedades no Reino de Deus, que é justiça, paz e alegria no Espírito Santo, que faz novas todas as coisas (cf. Rm 14,17; Sl 104,30). Deste modo, a evangelização integradora é definida como a integração de tudo o que foi dicotomizado no campo do pensamento e prática cristã, a fim de que seja possível superar também a dualização feita entre a Igreja e o Mundo. Isso significa que toda e qualquer ação evangelizadora da Igreja perceberá o mundo como o ambiente da ação salvadora de Deus, que é levada ao seu fim na ação do povo de Deus, que é a Igreja. Um povo para todos os povos, como enfatiza Newbigin<sup>1275</sup>.

Nessa experiência integradora, o mundo não seria mais visto como inerente e profundamente mal e perverso, o que tem criado, ao longo da história da Igreja, certas tensões e distanciamentos, dificultando ou impedindo a efetiva ação evangelizadora da Igreja. Antes, a Igreja entende o mundo como o seu outro, para quem deve ser voltada a sua ação missionária. O mundo, amado salvificamente por Deus, torna-se também alvo do agir amoroso da Igreja. O Cristo amoroso e gratuitamente dado por Deus Pai ao mundo é anunciado e sinalizado pela Igreja (cf. Jo 3,16). A conciliação, portanto, da Igreja e Mundo por meio da superação da dualização da realidade promove uma nova forma de entender essa realidade e superar essa hedionda separação, superada inicialmente na cruz de Jesus (cf. Ef 2,13-18).

A partir da observação da IP-ST à luz do objeto formal desta tese, isto é, a teologia missionária comparada de Newbigin e Comblin, verificou-se também rupturas entre indivíduo e comunidade eclesial e entre comunidade eclesial e sociedade. Neste sentido, a evangelização integradora tem como função superar essas divisões e dualizações.

O Evangelho é elemento de transformação do indivíduo, mas não apenas dele. Diferente de outras religiosidades que admitem a experiência individual da sua crença, a fé cristã exige que a experiência pessoal com o Deus revelado plenamente por Jesus Cristo seja também fé comunitária. Todavia, essa experiência comunitária não pode ficar limitada ao espaço eclesial nem às pessoas que participam da mesma fé. A mística do Evangelho é de tal modo dinâmica, que impele a Igreja para fora

---

<sup>1275</sup> Cf. NEWBIGIN, *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, p.117.

dos espaços e esferas sagradas, no intuito de alcançar a sociedade em todas as suas estruturas, conduzindo-as ao senhorio de Cristo (cf. 2Co 10,5 BJ).

O fato é que o Evangelho não deve apenas fazer com que a pessoa, por exemplo, assuma simplesmente um padrão de vida honesta, mas que continue admitindo a existência da corrupção sem nada fazer contra ela. A honestidade de um cristão deve ser também o desejo pela honestidade das instituições sociais. Para a evangelização integradora, o anelo por justiça e paz faz com que o cristão se responsabilize efetivamente para que esse anseio se concretize no mundo. A ação cristã passa a ter um âmbito muito maior, porquanto, numa relação inclusão-integração todo o mundo se torna tão sacralizado quanto a igreja.

Refletindo acerca da evangelização integradora, esta tese considerou que, para se alcançar esse modelo, é necessário que os processos evangelizadores assumam cinco aspectos que os tornaria integradores. Em primeiro, o aspecto teo-referente que exige que a evangelização siga o modelo da ação salvífica de Deus: que pode ser descrita tanto pela encarnação como pelo esvaziamento de Cristo (cf. Jo 1,14; Fl 2,5-11). Pela encarnação, a Igreja se torna sinal da salvação, revelando e comunicando a mensagem do amor divino ao mundo, tal qual fez Jesus Cristo em seu ministério. Igualmente, pelo seu esvaziamento a Igreja abre mão do que poderia representar algum tipo de superioridade para estar no mundo como um igual, contudo, sem perder a sua identidade de Igreja. Ambas as ações de Cristo, repetidas pela Igreja, têm o único propósito de “fazer abertura ao outro e se encontrar no outro”<sup>1276</sup>. Não se trata apenas do que deve ser dito, mas também do como deve ser dito. A encarnação e a *kenosis* de Jesus indicam que a evangelização que pretende ser integradora precisa ir ao encontro daquele que é o seu objetivo numa condição de abertura e igualdade.

Nesta condição, a evangelização integradora assume a responsabilidade de ser meio de transformação de dentro para fora. É nesse sentido que a evangelização integradora assume o aspecto inculturador. A salvação de Deus não diz respeito apenas a mudanças culturais, como se existisse uma cultura cristã padrão. Inculturar é fazer com que os valores e princípios do Reino de Deus assumam os espaços ocupados pelo mal e pelo pecado nas diversas culturas humanas. Não se trata de uma imposição cultural dos missionários, como muitas vezes aconteceu. Também

---

<sup>1276</sup> Cf. SANTOS, E.; XAVIER, D. J. **A Descida do Deus Trindade: A Kénosis da Trindade**. In: Revista de Cultura Teológica, v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008, p.111.

não se trata do oferecimento de uma moralidade comportamental, que não modifica as motivações mais profundas do coração humano. Antes, diz respeito ao oferecimento à cultura dos princípios e valores do Reino, deixando que o Espírito Santo esses princípios em meio a cultura receptora, seja ela qual for.

Consequentemente, evangelizar integradamente exige a disposição ao diálogo. O diálogo aqui não pode ser entendido como uma simples conversa que servirá como meio de conquistar uma audiência ou atenção de pessoas. Antes, a ideia do aspecto dialogal da evangelização aponta para um interesse real de ser ouvido, mas também de ouvir. A Igreja tem pecado, ao longo da história, ao impor um monólogo ao mundo, como se esse nada tivesse a dizer.

Por outro lado, essa abertura dialogal da Igreja na evangelização integradora demonstra respeito e interesse no que o outro tem a dizer. Essa abertura também é o que permite a reciprocidade nessa nova relação que se torna possível entre a Igreja e o Mundo. Desse modo, essa relação precisa ser recíproca e interativa, produzindo proximidade e estima mútua. Aliás, é desta maneira que a Igreja primitiva, conforme a narrativa de At 2,47, estava se relacionando com o povo. O texto grego afirma que a Igreja “tinha a benevolência de todo o povo”<sup>1277</sup>. Schökel traduz: “todo o mundo os estimava” (At 2,47 BPNt). A proximidade e interação da Igreja e do mundo é o que permitirá ao mundo ouvir o que a Igreja tem a dizer. E, posteriormente, esse modelo de interação é o que permitirá a inculturação dos princípios e valores do Evangelho na cultura.

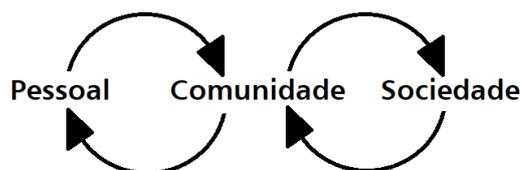
Ainda pelo aspecto dialógico da evangelização é que o contato com o diferente cria oportunidade de aproximação. Porém, no contato como as demais e diversas comunidades eclesiais cristãs, a abertura atenciosa para o outro modo de experimentar a fé cristã constrói uma interação importante para o testemunho público do Evangelho de Jesus Cristo.

A publicidade da evangelização integradora é o compromisso que o Evangelho requer da Igreja, porque a Boa-Nova não pode ser escondida debaixo do alqueire (cf. Mt 5,14-16). Desta forma, o que a Igreja tem a dizer ao mundo deve ser dito de maneira pública e abertamente manifesto. Isto vale tanto para a mensagem evangélica, que convida a sociedade à conversão, como para a leitura e

<sup>1277</sup> ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν. In: DEUTSCHE BIBELGESELLSCHAFT. **Novum Testamentum Graece**. Nestle-Aland, 28<sup>th</sup>. Disponível em: <<https://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/text/bibeltext/lesen/stelle/54/20001/29999/>>. Acesso 20 jun.2019.

interpretação cristã da realidade comum experienciada pela Igreja no Mundo. Conquanto, a Igreja passa a se importar com as demandas, os sofrimentos e as angústias presentes no mundo, porque, numa chave integradora, a Igreja se percebe como coparticipante dessas situações. E por se importar, a Igreja precisa de apresentar suas opiniões e oferecer alternativas de ação, sempre iluminadas pelos princípios divinos presentes no Evangelho.

Por outro lado, como discurso público, a evangelização também se transforma em compromisso com a atividade e atuação pública das igrejas cristãs no mundo. Não se trata apenas do que dizer ou da mensagem. Antes, é preciso que a Igreja assuma a sua participação na construção histórica do mundo, bem como a responsabilidade de ser sujeito ativo nesse processo. Desse modo, as igrejas cristãs e sua membresia assumem o compromisso de serem agentes sociotransformadores. Afinal, o bem do mundo traz consigo o bem para a Igreja, como pode ser visto figura abaixo:



**Figura 3 - Sociotransformação**

A ideia é muito simples. A transformação realizada pelo Evangelho e pela adesão ao seguimento de Jesus é a causa das mudanças radicais experimentadas por um indivíduo em sua conversão. Essa nova criatura passa integrar uma nova comunidade, que é a Igreja. No entanto, a comunidade eclesial não é um fim em si mesma. Uma comunidade cristã é responsável pela sociedade como um todo. E assim responsabilmente assume a tarefa de operar para a transformação da realidade socioambiental na qual está inserida. Consequentemente, o bem-estar da sociedade refletirá sobre a comunidade eclesial e sobre cada indivíduo, que pertença a ela ou não (cf. Jr 29,7).

Essa dinâmica pública da evangelização, como proposto neste trabalho, conduz finalmente ao aspecto diaconal, que deve estar presente nos processos evangelizadores da Igreja. Essa característica da evangelização integradora é orientada pela mística do serviço, que é exatamente a transformação do discurso em ação, em práxis. O Evangelho não se restringe apenas a conceituações ou a

teologização das coisas. É necessário que a Igreja admita que o Evangelho exige ações e atitudes que sinalizem a mudança do indivíduo. Essa mudança interna na pessoa extravasa numa nova forma de agir. É o caso do ladrão que abandona o roubo e assume o trabalho, que traz para si os benefícios do ganho honesto, mas que também propicia o auxílio ao outro (cf. Ef 4,28).

O serviço que a Igreja pode prestar à sociedade deve perfazer todas as dimensões do existir humano, sem dicotomizar ou hierarquizar qualquer uma delas. Essa diaconia da Igreja precisa acolher também as pessoas, em sua individualidade, mas também alcançar o todo social. Deverá existir ações diaconais que servirá para o atendimento emergencial e imediato das demandas humanas. Mas isso só não basta. A Igreja que se apresenta no cenário e espaço público da sociedade humana e, dela se torna participante, deverá assumir o protagonismo de reivindicar, de lutar e busca incessantemente o estabelecimento da justiça e paz na sociedade da qual participa. A Igreja não pode ficar alheia aos debates políticos, ideológicos e sociais, sem que isso comprometa a sua capacidade de servir diaconalmente à sociedade humana.

Assim, o que foi pretendido no último capítulo desta investigação foi o como agir para a superação do dualismo Igreja-Mundo, bem como as demais formas de dicotomias da realidade, a fim de encontrar um modelo de ação evangelizadora que, de maneira mais efetiva ainda, pudesse apresentar a experiência de salvação que é mediada por Jesus. Demonstrou o como realizar essa superação do dualismo e, ao mesmo tempo, como evangelizar o mundo, cumprindo, desta forma, a missão outorgada por Jesus Cristo à sua Igreja (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15; Jo 20,21; At 1,8).

Entretanto, também foi demonstrado, no último capítulo deste trabalho, que a proposta da evangelização integradora é aplicada por meio das pessoas que formam o povo de Deus, que é a Igreja. Assim, os agentes responsáveis por essa dinâmica evangelizadora e integradora da Igreja com o Mundo são os homens e mulheres que fizeram a experiência do encontro transformador com o Deus trino e uno, por meio de Jesus Cristo.

Neste caso, o povo de Deus está dividido em dois grupos, em função dos papéis e das responsabilidades de cada um tem no desenvolvimento desse processo. Clero e laicato são duas dimensões de uma mesma dinâmica. E da mesma forma que a leitura em chave de oposição-exclusão é nocivo para relação entre a Igreja e

o Mundo, assim também ocorre na relação clero-laicato. Em ambas as tradições cristãs, estudadas nesta tese, é possível verificar a existência conflituosa desses dois grupos. A renovação de uma chave de articulação desses dois grupos é essencial para o desenvolvimento de uma evangelização integradora. Porquanto, clero e laicato são corresponsáveis pelo anúncio evangélico até os confins da terra. Cada um à sua maneira.

Desse modo, quando os clérigos se empenham no ensino bíblico-doutrinário, abandonando uma leitura tanto dualista como fundamentalista das Escrituras e mesmo textos confessionais, os leigos assumem um modo percepção da realidade, que faz justiça à Revelação, mas que também permite uma abertura maior para o mundo e um compromisso maior com a missão evangelizadora, que acontece no chão da realidade do mundo. Ao cumprir sua tarefa evangelizadora, o clero habilita o leigo ao cumprimento da sua parte na missão.

A mediação sacramental é outra maneira que o clero age para possibilitar o laicato a se tornar participante da evangelização integradora. Se o ensino bíblico não pode ser dualista e fundamentalista, a ministração dos sacramentos não pode assumir uma forma ou uma utilidade meramente individualista. Desta forma, ao mediar os sacramentos, o clero se torna o responsável por ensinar os significados contidos em cada sacramento, a fim de que o laicato entenda que a participação no rito não tem valor em si, o que obriga o participante ao compromisso integral com a fé professada no rito. Não se trata de um ato mágico e individualizado, nem tampouco um ato de adesão ou uma ritualística de passagem. Antes, os sacramentos são mediadores da graça divina, que age para a animação e fortalecimento da fé, ao mesmo tempo que reitera o compromisso com o Reino de Deus anunciado pela Igreja.

Nessa renovação, clero e laicato são responsabilizados a serem agentes do anúncio evangélico. Aliás, não é isso que se diz na Oração Eucarística na Igreja católica: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus”? Não é com as mesmas palavras de instrução, que é recomendada à uma comunidade presbiteriana a dinâmica do testemunho do significado do sacramento: “O Senhor é servido em que, por meio desta ordenança, anunciemos sua morte como preço da nossa vida e em que, até a sua segunda vinda,

vejamos nesta ordenança um monumento da salvação eterna que por ele têm todos os que descansam no seu sacrifício”<sup>1278</sup>?

Assim, pelos sacramentos, clero e laicato são exortados à ação anunciadora do Evangelho, que apresenta o Deus que amou o mundo e entregou o seu Filho, para que este pudesse mediar a salvação e a vida para aquele.

E por fim toda assistência pastoral tanto acolhe como envia os leigos à ação. Assistir, acolher e cuidar do leigo é função do clero. Mas não se trata de um cuidado apenas espiritual, como se as demais dimensões existenciais do acolhido não tenha sentido algum para a fé cristã. É por essa razão que o clero deve ser o primeiro a compreender a necessidade sempre constante de estar preparada para prestar esse tipo de atenção aos que o procuram. Porém, essa atenção e cuidado não podem se restringir à indivíduos. Os grupos comunitários, os grupos paroquiais e mesmo a sociedade extramuro também carecem do cuidado e da atenção pastoral.

Diante disso, constou-se que a evangelização do mundo precisa ser uma atividade que extrapola os limites institucionais e confortáveis da Igreja. A finalidade da Igreja não é tão-somente o seu desenvolvimento, crescimento ou a conquista de espaço e influência. Clero e laicato devem ser instados a dar conta de que a missão exige uma partida ao encontro da ovelha que se perdeu (cf. Mt 18,10-14; Lc 15,3-7). E a sua maneira, cada um desses dois grupos, que compõe a Igreja, deve assumir suas respectivas posições e tarefas, a fim de que a missão seja cumprida.

O desafio que esta tese apresenta é a superação de algo que, por tão enraizado na cultura ocidental, pode ser confundido como o Evangelho, sem, no entanto, o ser. O dualismo é como o joio plantado nos campos do Senhor, que crescendo junto com a verdade dificulta o seu conhecimento (cf. Mt 13,24-29). Fazer essa separação é dolorosa, mas necessária. Representa a continuidade da Igreja e da relevância da sua pregação. Porém, desvencilhados, tanto quanto possível, de todo peso dessa carga, a Igreja terá o Evangelho tal como foi anunciado, livre de empecilho e senões. E como comunidade missionária poderá correr, com perseverança, a carreira que lhe está proposta (cf. Hb 12,1). Um Evangelho e uma Igreja aberta a ouvir e dar ouvidos, cooperar, servir, semear vida e vê-la crescer em outros campos,

---

<sup>1278</sup> IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Manual de Culto**, p.31.

chamados, culturas, será o meio para a salvação e transformação do mundo amado por Deus.

## 6 Referências Bibliográficas

### A. OBRAS DE/SOBRE LESSLIE NEWBIGIN

DODDS, A. **The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin.** Eugene: Pickwick Publications, 2017 [Edição Kindle].

FLETT, J. G. **“Who is Jesus Christ?”: The Necessary Missionary Form of the Confession of the Trinity.** In: LANG, Mark T.B.; WESTON, Paul (eds.). **Theology in Missionary Perspective: Lesslie Newbigin’s Legacy.** Eugene: Pickwick, 2012 [Edição Kindle].

GOHEEN, M. W. **“As the Father Has Sent Me, I Am Sending You”:** J. E. Lesslie Newbigin’s Missionary Ecclesiology. 2000. Tese (doutorado) – Universiteit Utrecht, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gospel, Culture, and Cultures: Lesslie Newbigin’s Missionary Contribution.** In: **Cultures and Christianity A.D. 2000 International Symposium of the Association for Reformational Philosophy, 21-25 August, 2000.** Hoeven, Netherlands. Disponível em: <<http://missionworldview.com/wp-content/uploads/2011/06/Gospel-and-Culture-in-Newbigin.pdf>>. Acesso em 23 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Introducing Christian Mission Today.** Downer Grove: InterVarsity Press, 2014.

\_\_\_\_\_. **The Legacy of Leeslie Newbigin for Today.** In: **Reformation & Revival Journal: A Quarterly for Church Renewal, v.14, n.3, 2005, p.51.** Disponível em: <[https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3\\_goheen.pdf](https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ref-rev/14-3/14-3_goheen.pdf)>. Acesso em 06 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. BARTHOLOMEW, C. **Introdução à Cosmvisão Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

LANG, M. T.B.; WESTON, P. (eds.). **Theology in Missionary Perspective: Lesslie Newbigin’s Legacy.** Eugene: Pickwick, 2012 [Edição Kindle].

NEWBIGIN, L. **A Igreja Missionária no mundo moderno.** São Paulo: Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_, L. **The Christian Layman in the world and in the Church.** In: **National Christian Council Review 72, 1952.**

\_\_\_\_\_, L. **A South India Diary.** London: SCM Press, 1951.

\_\_\_\_\_, L. **Christ and the Cultures.** In: **Scottish Journal of Theology 31, 1, 1978.**

\_\_\_\_\_, L. **Dear Friends.** In: **Selly Oak, Box 1, Document no. 1/2/44.**

\_\_\_\_\_, L. **Evangelism and the Whole Mission of the Church.** In: **The Auburn Report. (Forum on Faith & Society), Australia, 10, no. 4, August 1998.**

\_\_\_\_\_, L. **Foolishness of the Greeks.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003 [1986].

\_\_\_\_\_, L. **La Familia de Dios: La Naturaleza de la Iglesia**. México, DF: Casa Unida de Publicaciones, 1961.

\_\_\_\_\_, L. **O Evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.

\_\_\_\_\_, L. **Sin and Salvation**. London: SCM Press, 1956.

\_\_\_\_\_, L. **The Christian Layman in the world and in the Church**. In: National Christian Council Review 72, 1952.

\_\_\_\_\_, L. **The Finality of Christ**. London: SCM Press, 1969.

\_\_\_\_\_, L. **The Future of Missions and Missionaries**. In: Review and Expositor, v.74, n.2, 1977.

\_\_\_\_\_, L. **The Good Shepherd: Meditations on Christian Ministry in Today's World**. Oxford: Mowbray, 1977.

\_\_\_\_\_, L. **The Gospel in Pluralist Society**. Grand Rapids/Geneva: Eerdmans Publishing Co/WWC Publications, 1994.

\_\_\_\_\_, L. **The Holy Spirit and the Church**. Madras: The Christian Literature Society, 1972.

\_\_\_\_\_, L. **The Household of God**. New York: Friendship Press, 1954 [1953].

\_\_\_\_\_, L. **The Light has come: An exposition of the Fourth Gospel**. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.

\_\_\_\_\_, L. **The Mission of the Triune God**. In: NEWBIGIN RESOURCES. Disponível em: <http://newbigindotnet.wpengine.com/wpcontent/uploads/2016/12/62mtg.pdf>. Acesso em 21 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_, L. **The Nature of the Unity We Seek: 1**. From the Church of South India. In: Religion in Life, 26, 2. 1957.

\_\_\_\_\_, L. **The Nature of the Unity We Seek: From the Church of South India** In: Religion in Life, 26, 2 (1957), p.182-183. Disponível em: <https://newbigindotnet.wpengine.com/wp-content/uploads/2016/12/57nuws.pdf>. Acesso em 23 de março de 2019.

\_\_\_\_\_, L. **The Open Secret, 2.ed.** Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co, 1995.

\_\_\_\_\_, L. **The Other Side of 1984: Questions for the Churches**. Geneva: World Council of Churches, 1983.

\_\_\_\_\_, L. **Una Verdad que hay que decir**. Santander: Sal Terrae, 1994.

\_\_\_\_\_, L. **Unfinished Agenda: An Updated Autobiography**. Eugene: Wipf & Stock, 2009.

NICOLAJSEN, J. B. **Beyond Sectarianism: The Missional Church in a Post-Christendom Society**. In: Exchange 41, 2012.

\_\_\_\_\_, J. B. **The Distinctive Identity of the Church: A Constructive Study of the Post-Christendom Theologies of Lesslie Newbigin and John Howard Yoder**. Eugene: Pickwick Publications, 2014. [Edição do Kindle].

\_\_\_\_\_, J.B. **Missional ekklesiologi. En teologihistorisk analyse af en ekklesiolo-gisk tradition**. In: Norwegian Journal for Missiology 63/1 (2009), 19-3. Disponível em:

<[http://egede.no/sites/default/files/dokumenter/pdf/NTM\\_2009\\_1-Nikolajsen.pdf](http://egede.no/sites/default/files/dokumenter/pdf/NTM_2009_1-Nikolajsen.pdf)>. Acesso em 05 jul.2018.

STAFFORD, T. **God's Missionary to Us**. In: CHRISTIANITY TODAY, December 9, 1996.

STOUT, Andrew C. **A Presbyterian Bishop: Leslie Newbigin and Reformed Ecumenism**. In: PRO ECCLESIA, A Journal of Catholic and Evangelical Theology, vol. 26, n.3 (2017).

YOUNG, F. **The Uncontainable God: Pre-Christendom Doctrine of the Trinity**, p.324. In: FOUST, T. F. (ed.). **A Scandalous Prophet: The Way of Mission After Newbigin**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002

WAINWRIGTH, G. **Leslie Newbigin: A Theological Life**. New York: Oxford Press, 2000.

## B. OBRAS DE/SOBRE JOSÉ COMBLIN

COMBLIN, J. **A Teologia da Missão**, 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes,1983.

\_\_\_\_\_, **A Oração de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2010

\_\_\_\_\_, **As Sete palavras-chave do Concílio Vaticano II**. In: VV.AA. Vaticano II: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_, **Atos dos Apóstolos – Vol.1:1-12**. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_, **Evangelizar**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_, **Evangelização e Inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**. Petrópolis, Vozes/Soter, 1995.

\_\_\_\_\_, **Jesus de Nazaré**, 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_, **Jesus, o Enviado do Pai**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_, **Mitos e Realidades da Secularização**. São Paulo: Herder, 1970

\_\_\_\_\_, **O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005

\_\_\_\_\_, **O Povo de Deus**. 2.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **O Tempo da Ação**. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_, **Os Sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968.

\_\_\_\_\_, **Teologia da Cidade**. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_, **Theologie de la Paix: Principes**. Paris: Editions Universitaires, 1960.

\_\_\_\_\_, **Trinta anos de teologia na Latino-americana**. In: SUSIN, L. C. (org.). **E o Mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2000.

HOORNAERT, E. **O tema da transformação no pensamento de José Comblin**. In: **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 11, Especial José Comblin, 2015, p.33. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/viewFile/531/415>>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

PEREIRA, P. C.; DOUETS, S. S. (orientador). **Pastoral urbana: uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin**. 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Pernambuco, Programa em Ciências da Religião.

RAIMUNDO, G. M.; PEREIRA, A. S. **Igreja: missão permanente: a missão na "teologia da missão" de Jose Comblin e sua importância para a compreensão da identidade da Igreja. Aplicação ao texto brasileiro**. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1995.

SOUZA, A. R.; DERROITTE, H.(orientador). **El Análisis de la desconexión de sentido entre la Esperanza e la Acción humana, a partir de la obra de José Comblin**. 2014, 541 f. Tese (Doutorado). Université Catholique de Louvain.

SOUZA, A.R. **Análise da ação humana a partir do pensamento de José Comblin**. In: Paralellus, Recife, v. 5, n. 10, p. 9-18, jul./dez. 2014, p.13. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/529/pdf>>. Acesso em 25 de dezembro de 2018.

SUSIN, L. C. (org.). **E o Mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2000.

### **C. OBRAS SOBRE A IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL E SOBRE O PROTESTANTISMO BRASILEIRO**

ARAÚJO, J.D. **Inquisição sem Fogueira**, 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

AZEVEDO, M. A. F.; MAZZAROLO, I. **Evangelização e inculturação: Uma análise dos desafios e perspectivas de uma evangelização inculturada do Presbiterianismo no Brasil hoje**. 1997. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1997.

BAIRD, C. W. **A Liturgia Reformada: Ensaio Histórico**. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001;

BRAGA, E. **Pan-Americanismo: Aspecto Religioso**. New York: Missionary Education Movement of the United States and Canada, 1916.

CALDAS FILHO, C.R. **Fé e Café: um estudo do crescimento do presbiterianismo no leste de Minas Gerais de 1919 a 1989**. Manhumirim: Editora Didaquê, 1999.

CUNHA, G. P. **Deixai vir a mim os pequeninos: Apontamentos de uma soteriologia infantil numa perspectiva Reformada**. In: Revista. São Leopoldo (EST), v.39, nº 3, pp.96-121. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2413/2508>>. Acesso em 08 de dezembro de 2017.

\_\_\_\_\_, **O Culto presbiteriano como performance do tempo sagrado**. In: Protestantismo em Revista. São Leopoldo (EST), v.31, nº 2, pp.94-108. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/795/1035>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER. São Paulo: Os Puritanos, 2000,  
 HAHN, C. J. **História do Culto Protestante no Brasil**, 2ed. São Paulo: ASTE, 2011.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL CE - 2016 - DOC. XXXVI: Quanto ao documento 073 - Consulta sobre recepção de membros incapazes. Disponível em: <http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1484148075648>. Acesso em 11 de janeiro de 2017.

\_\_\_\_\_. CE - 2017 - DOC. LXXXI. Relatório do Secretário Executivo do Supremo Concílio da IPB. Disponível em: <http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1497726672095>>. Acesso em 17 de junho de 2017.

\_\_\_\_\_. ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/estatisticas/>>. Acesso em 17 de junho 2017.

\_\_\_\_\_. SC - 1998 - DOC. LXXIV. Disponível em: <http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1538675941375>>. Acesso em 07 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. SC - 2018 - DOC. CVI – **Consulta do PCES sobre Administração do Batismo, da Santa Ceia, e da Impetração da Benção Apostólica**. SC-IPB/2018. Disponível em: <http://se.icalvinus.net/icalvinus.php?d=1552759298496>>. Acesso em 16 de março de 2019.

IGREJA PRESBITERIANA EM SANTA TERESA. Ata de Organização. Livro I. 1997.

LÉONARD, E. G. **O Protestantismo Brasileiro**, 3.ed. São Paulo: ASTE, 2002.

MANUAL PRESBITERANO. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960.

MENDONÇA, A. G. **O Celeste Porvir**, 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_, VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

PRESBYTERIAN CHURCH (USA). **Book of Confessions, Part I**. Louisville: The Office of the General Assembly, 2014.

PRINCÍPIOS DE LITURGIA. In: **Manual Presbiteriano**, 15.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

RIBEIRO, L.M. **Magia e Linguagem simbólica no Protestantismo Rural**. In: Ciências da Religião: História e Sociedade, vol.8, n.2, 2010.

\_\_\_\_\_, L. M. **Mapeamento do Protestantismo Rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. In: Cadernos CERU, série 2, vol.19, n.2, dezembro de 2008.

SATHLER, A. **Uma Igreja Centenária**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

VON DIXHOORN, C. **Guia de Estudo da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo; Cultura Cristã, 2017.

ZAPAROLLI, G. A.; ANDRADE, D. R. **Ação missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil no Rio de Janeiro: regaste histórico e perspectivas de futuro**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 1997.

## D. Documentos Oficiais da Igreja Católica

COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO. **Sujeitos Eclesiais: Sal da Terra e Luz do Mundo**. São Paulo: Paulinas, 2017, pp.81-91.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. Brasília/São Paulo: CNBB, Paulinas e Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. DOCUMENTO 62. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_, DOCUMENTO 105. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade**. Brasília: Edições CNBB, 2017

\_\_\_\_\_, DOCUMENTO 107. **Iniciação à vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários**, 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. **Ad Gentis: Decreto sobre a atividade missionária da Igreja**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **Apostolicam Actuositatem: Decreto sobre o apostolado dos Leigos**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, **Unitatis Redintegratio: Decreto sobre o Ecumenismo**. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**, n. 51. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_17041998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html). Acesso em 17 de abril de 2019,

IGREJA CATÓLICA APOSTOLICA ROMANA. **Catecismo da Igreja Católica**, 4.ed. São Paulo: Loyola, 2017.

IGREJA CATÓLICA APOSTOLICA ROMANA/FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação**. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rcpcchrstuni\\_doc\\_31101999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rcpcchrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html). Acesso em 19 ago. 2018.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2017.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate**. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA JOÃO XXIII. **Encíclica Mater et Magistra**. §1. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/johnxxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jxxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html#\\_ftnref1](http://w2.vatican.va/content/johnxxiii/pt/encyclicals/documents/hf_jxxiii_enc_15051961_mater.html#_ftnref1)>. Acesso em 21 de abril de 2018.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em 12 jun. 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Cathequese Tradendae**. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechesi-tradendae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html)>. Acesso em 03 set. 2019;

PAPA PAULO IV. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. São Paulo; Paulinas, 2016.

## E. Obras sobre Metodologia

ABREU, W. F. **História de Vida como Metodologia de Pesquisa: O relato de vida de um menino de rua da Praça da República em Belém do Pará**. In: Revista Margens Interdisciplinar, v.1, n.2 (2004), p. 43. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2849>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

ACKOFF, R. L. **Planejamento da pesquisa social**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1975.

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**, 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2015

CARDOSO, R. (org.). **A Aventura Antropológica**, 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**, 5.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**, 4.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1973.

LONERGAN, B. **Método em Teologia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**, 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SALOMON, D. V. **A Maravilhosa Incerteza**, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WICKS, J. **Introdução ao Método Teológico**, 4.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

## F. Obras sobre o estado do Espírito Santo e Santa Teresa

ARNDT, A. **Cento e vinte anos da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Rio Perdido**. Santa Teresa: 2004 (Brochura).

CUNHA, G.P. **Religiosidade e Protestantismo**. São Paulo: Reflexão, 2012.

CUNHA, G.P. **Sobre o conceito de corresponsabilidade na eclesiologia de João Calvino**. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 210-225, jul./dez. 2017.

CUNHA, G. P. **Vinte e Cinco de Julho: Intolerância e Perseguição religiosa no interior do Espírito Santo no Período Vargas**. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo (EST), v.41, n° 3, pp.16-35. 2016.

GENOVEZ, P. F.; SANTOS; M.A.; SCALZER, S. Z. **O processo de formação do município de Santa Teresa (Espírito Santo)**. In: **Antípoda: Revista de Antropología y Arqueología**, (25), 121-139, p.129. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/antipoda25.2016.06>>. Acesso em 28 jul.2017.

GROSSELI, Renzo. **Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênets e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

MARCARINI, B. **Colégio de Santa Teresa vira exemplo da rede estadual no ES**. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2018/06/colégio-de-santa-teresa-vira-exemplo-da-rede-estadual-no-es-1014137854.html>>. Acesso em 05 jul.2018.

OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**, 3.ed. Vitória: APEES, 2008.

PARÓQUIA DE SANTA TERESA D'ÁVILA. Disponível em: <<http://www.paroquiasantateresadavila.org.br/ver-paroquia.php?id=54>>. Acesso em 22 de agosto de 2017.

## G. Teses e Dissertações não relacionadas com os Autores

AMADO, J. P. **Deus e a cidade: chances e desafios para a experiência cristã de Deus em contexto condominial**. Orientador: Alfonso Garcia Rubio, vol.3. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1999, p. I-III.

ANDRADE, J.C.S.; QUINTELLA, R.H. (orientador). **Conflito, Cooperação e Convenções: A Dimensão Político-Institucional das Estratégias Socioambientais da Aracruz Celulose S.A. (1990-1999)**. 2000, 422 fl. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Núcleo de Pós-graduação em Administração, 2000. Disponível em: <[http://www.teclim.ufba.br/site/material\\_online/teses/tese\\_j\\_andrade.pdf](http://www.teclim.ufba.br/site/material_online/teses/tese_j_andrade.pdf)>. Acesso em 05 ago. de 2017.

BACELAR, A. S.; MORAES, A. O. **Por um Aconselhamento Pastoral Integral a partir do diálogo entre Teologia e demais Ciências Humanas**. 2018. 235 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

CUNHA, G.P.; SANTOS, V.S. (orientador). **Pequenos Grupos na Igreja Presbiteriana do Brasil: Um modelo estratégico para revitalização de igrejas a partir de uma perspectiva bíblico-teológica reformada**. Tese (Doutorado em Ministério). Reformed Theological Seminary (RTS)/Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ), 2014.

GUIMARÃES, A.Q.; ALMEIDA, M.E. **Os Jovens e o Mercado de Trabalho: Evolução e desafios da política de emprego no Brasil**. In: **Temas de Administração Pública**, v8, n.2, 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/temasadm/article/view/6845>>. Acesso em 28 mar. 2018.

NORTHWAY, E. W. **The reception of the fathers and; Eucharistic theology in Johannes Oecolampadius (1482-1531), with special reference to the Adversus Haereses of Irenaeus of Lyons**. Durham Theses, Durham University, (2008).

SILVEIRA, B. A.; AMADO, J.P. (orientador). **Política, Púlpito e Poder: A relação entre as dimensões cútica e sociopolítica da fé nas Assembleias de Deus no Brasil**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

## H. Obras de Teologia

ADAMS, J. E. **Conselheiro Capaz**, 8.ed. São José dos Campos: Fiel, 1999.

ADAMS, J. e. **Teologia do Aconselhamento Cristão**. Eusébio/CE: Peregrino, 2016.

AGUSTIN. **Obras Completas de San Agustín, vol. XXIII, Sermón CLXIX,13**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983.

ALVES, R. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Ática, 1979

AMADO, J.P. **Leigos na linha de frente? Uma reflexão a respeito do laicato no atual momento evangelizador**. In: **Atualidades Teológicas**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 387-416, mai./ago.2016.

ANGLADA, P. **Introdução a Hermenêutica Reformada**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

ARNAU, R. **Tratado General de los Sacramentos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

AULÉN, G. **A Fé Cristã**, 2ed. São Paulo: ASTE, 2002.

AVELAR, M.C.C. **Sacramento e Experiência cristã: Uma pedagogia rumo à maturidade em Jesus Cristo**. In: COSTA, **Sacramentos e Evangelização**.

AZEVEDO, **Contexto geral do desafio da inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**. Petrópolis, Vozes/Soter, 1995.

AZEVEDO, M.A.F. **A Liberdade Cristã em Calvino**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2009.

BARRO, J. H. **De Cidade em Cidade: Elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos**. Londrina: Descoberta, 2006, p,108.

BARTH, K. **Church Dogmatics: The Doctrine of the Word of God, I/1**. Edinburgh: T& T Clark, 1975.

\_\_\_\_\_, **Church Dogmatics: The Doctrine of Creation III/2**. Edinburgh: T&T Clark, 1968.

\_\_\_\_\_, **The Knowledge of God and the Service of God**. London: Hodder & Stoughton Publishers, 1960.

BAVINCK, H. **Dogmática Reformada**, vol.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2012

\_\_\_\_\_, H. **Dogmática Reformada**, vol.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

\_\_\_\_\_, H. **Dogmática Reformada**, vol.3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

- BAZARRA, C. **O que é a Teologia da Libertação?** São Paulo: Paulinas, 1987
- BEEKE, J.; JONES, M. **Teologia Puritana.** São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BENDINELLI, J. C; MORAES, A. O. (orientador). **Servidor da mesa da Palavra de Deus: estudo teológico-pastoral sobre o ministério do diácono permanente.** 2016. 336 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Departamento de Teologia, 2016.
- BENNER, D. G; PETER C. H. **Baker Encyclopaedia of Psychology & Counseling.** Grand Rapids: Baker Book House, 1999,
- BERGSTÉN, E. **Teologia Sistemática**, 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- \_\_\_\_\_, L. **Princípios de Interpretação Bíblica.** São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- BLAUW, Johannes. **A Natureza Missionária da Igreja.** São Paulo: ASTE, 1966,
- BOFF, C. **Sincretismo Maria-Iemanjá.** In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia.** Petrópolis, Vozes/Soter, 1995.
- \_\_\_\_\_, L. **Igreja, Carisma e Poder**, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1982
- BOFF, L. **Puebla: Ganhos, avanços, questões emergentes.** In: Revista Eclesiástica Brasileira, nº 153, 1979.
- \_\_\_\_\_, **Teologia do Cativo e da Libertação.** Lisboa: Multinova, 1975.
- BOICE, J.M. **O Discipulado Segundo Jesus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BONHOEFFER, D. **Resistência e Submissão**, 2.ed. Rio de Janeiro/São Leopoldo: Paz & Terra/Sinodal, 1980.
- BORCHERT, G. L. **Luz e Trevas.** In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas**, 2.ed. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008.
- BOSCH, D. J. **Missão Transformadora**, 4.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BOUNDS, E.M. **Poder através da Oração.** São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1990.
- BRAKEMEIER, G. **Panorama da Dogmática Cristã**, São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- BREITENBERG JR. H. **To tell the Truth: Will the real Public Theology please stand up?** In: Journal of the Society of Christian Ethics, v. 23, n. 2 (Fall/Winter), 2003.
- \_\_\_\_\_, H. **What is Public Theology?** In: HAINSWORTH, D. K.; PAETH, S. R (eds). **Public Theology for a Global Society: Essays in Honor of Max Stackhouse.** Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., 2010.
- BRISTER, C.W. **El cuidado pastoral en la Iglesia.** Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1974.
- CALDAS FILHO, C.R. **Diálogo Inter-Religioso: Perspectivas a partir de uma teologia protestante.** In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, jan./mar. 2017, pp.114-115.

CALVIN, J. **Projet D'ordonnances Ecclesiastiques** (1541). In: CUNITZ, Edouard et al. (eds.) **Joannis Calvini opera quae supersunt omnia**. Tomo 10. Brunsvigae: C.A. Schwetschke, 1863.

CALVIN, J. **Sermons sur La Premiere Epistre a Timothée, Sermon XIII, Chap. II, v.3-5**. In: CUNITZ, E. BAUM, J-W, REUSS, E.W.E. (eds). **Joannis Calvini opera quae supersunt omnia**, vol.81. Brunsvigae: Schwetschke, 1863.

\_\_\_\_\_, J.; REID, J.K.S. (org.). **Calvin: Theological Treatise**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2006.

CALVINO, J. **A Instituição da Religião Cristã**, tomo I. São Paulo: Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_, J. **A Instituição da Religião Cristã**, tomo II. São Paulo: Unesp, 2009.

CALVINUS, I. **Institutio Christianae Religionis**. Berolini: Gustav Eichler, 1835. IV: iii, p. 213. Disponível em: <[http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutio2/Page\\_213.html](http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutio2/Page_213.html)>. Acesso em: 06 out. 2015.

CARDOSO, M. T. F. **Eucaristia, evangelização e ecumenismo**. In: COSTA, P. C. (org.). **Sacramentos e Evangelização**. São Paulo: Loyola, 2004.

CARSON, D.A.; MOO D.J., MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

COMBY, J. **Para ler a história da Igreja II: Do século XV ao século XX.**, 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. **Documento de Fe y Constitución, nº 111 - Bautismo, Eucaristía, Ministerio** (1982). Disponível em: <[https://www.oikoumene.org/es/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/baptism-eucharist-and-ministry-faith-and-order-paper-no-111-the-lima-text?set\\_language=es](https://www.oikoumene.org/es/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/baptism-eucharist-and-ministry-faith-and-order-paper-no-111-the-lima-text?set_language=es)>. Acesso em 03 de março de 2019.

CUNHA, G.P. **Sobre o conceito de corresponsabilidade na eclesiologia de João Calvino**, p.212. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 210-225, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2817/pdf>>. Acesso em 12 mar. 2019.

DUNN, J. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2004.

DURKHEIM, E. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUSSEL, E. **El dualismo en la antropología de la cristiandad**. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1974.

\_\_\_\_\_, E. **El Humanismo Semita**. Buenos Aires: EUDBA, 1973.

\_\_\_\_\_, E. **História da Igreja Latino-Americana (1930-1985)**, 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989.

DUSSING, M. **The New Testament Church**. In: HORTON, Stanley M. (ed.). **Systematic Theology**. Springfield: Logion Press, 1994.

EAGLETON, T. **Culture and the death of God**. London: Yale University Press, 2014.

ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ESCOBAR, S. **The Legacy of John Alexander Mackay**. In: International Bulletin of Missionary Research, July 1992, pp.116-122. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/1992-03/1992-03-116-escobar.pdf>>. Acesso em 05 jul.2018.

FERNANDES, L. A. **Evangelização e Família**. São Paulo: Paulinas, 2009.

FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FEY, H. E. (ed.) **A History of the Ecumenical Movement, vol. 2 (1948-1968)**. Eugene: Wipf & Stock, 2004.

FISCHER, G.J. **Sacerdício Universal dos Cristãos e Ministério da Igreja: Apreciações balizadas na teologia de Martinho Lutero**. In: **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul/SC, vol. XXVI. n. 1 (Jan-Abr., 2018),

GAITAN, J. D. **Mundo y existencia mundana del cristiano**. In: *RevEspir*, 38, 1979.

GEORGE, T. **A Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GILBERTO, A. **Soteriologia: A Doutrina da Salvação**. In: Gilberto, A. (org.). **Teologia Sistemática Pentecostal**, 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, [s.d.].

GIORDANI, I. **Il messaggio sociale del cristianesimo**. 8.ed. Roma: Città Nuova, 1963.

GONÇALVES, C. B. **Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

GREGÓRIO DE NISSA, **A Criação do Homem**. In: **Gregório de Nissa**. Coleção Patrística, v.29. São Paulo: Paulus, 2011.

GRINGRICH, F.W.; DANKER, F.W. **Léxico do NT Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GUTIERREZ, G. **Teología de la Liberación**, 7.ed. Salamanca: Sígueme, 1975

HAINSWORTH, D. K.; PAETH, S. R (eds). **Public Theology for a Global Society**: Essays in Honor of Max Stackhouse. Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., 2010.

HARVEY, D. **A Condição Pós-moderna**, 17.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HENDRICKSEN, W. **Lucas**, vol.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

\_\_\_\_\_, W. **Mateus**, vol.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HIEBERT, P. G. **Anthropological Reflections on Missiological Issues**. Grand Rapids: Baker Books, 1994,

HIPPOLYTE DE ROME; DE LUBAC, H.; DANIELLOU, J (eds). **La Tradition Apostolique**. Paris: Du Cerf, 1946.

HODGE, C. **The Church and its Polity**. New York: Thomas Nelson & Sons, 1879.

\_\_\_\_\_, C. **What is Presbyterianism?** Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 2002.

\_\_\_\_\_, C. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

- HOEKEMA, A. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999
- HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**. Petrópolis. Vozes, 1974.
- HURDING, R. F. **A Árvore da Cura**. São Paulo: Vida Nova, 1995,
- JÄRVELÄINEN, M. **Gemeinschaft in der Liebe**. Heidelberg: DWI-Verlag, 1993, p.116 apud HOCH, L.C. **A Diaconia na IECLB: O despertar da Igreja para um ministério esquecido**. In: **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 1, p. 21-31, 2005.
- JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica e Paulus, 2004.
- JONES, R. D. **Biblical Counseling: An Opportunity for Problem-Based Evangelism**. In: **The Journal of Biblical Counselling**, vol. 31, n.1, (2017).
- JOSAPHAT, C. **Evangelho e Diálogo Inter-religioso**. São Paulo: Loyola, 2003.
- KAISER, JR, W. **Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations**. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.
- KASPER, W. **La Misericordia: Clave del Evangelio y de la vida cristiana**. Santander: Sal & Terrae, 2012.
- KELLER, T. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- \_\_\_\_\_, T. **Serving a Movement: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in Your City**. Grand Rapids: Zondervan, 2016. [ePub].
- KINGDON, R. M. **Calvin's Ideas about the Diaconate: Social or Theological in Origin?** In:
- KISTEMAKER, S. **Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- KLEIN, C.J. **Calvino e os sacramentos: Algumas considerações sob a perspectiva da Teologia de Tillich**. In: **Correlatio**, v.7, n.14, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1157/1167>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.
- \_\_\_\_\_, C.J. **Os Sacramentos na Tradição Reformada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- KNOX, J. **The First Book of Discipline**. In: KNOX, J.; LAING, D. (ed.). **Works of John Knox**, vol.2. Edinburgh: Bannatyne Club, 1847.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**, 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- KUIPER, R.B. **Evangelização Teocêntrica**, 2.ed. São Paulo: PES, 2013.
- KUYPER, A. **Sphere Sovereignty**. In: KUYPER, A.; BRATT, J. D. (ed.). **Abraham Kuyper: A Centennial Reader**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1998.
- KUZMA, C. **Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas**. Entrevista de Cesar Kuzma. **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574387-kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2019.
- LADD, G.E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

LARRIBA, J. **Eclesiología y Antropología en Calvino**. Madrid: Cristiandad, 1975.

LIBÂNIO, J.B. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_, J.B. **Jovens em tempos de pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_, J.B. **Juventude e Fé cristã**. In: *Perspectivas Teológicas*. Belo Horizonte, Ano 45, Número 126, p. 235-266, Mai./Ago. 2013.

\_\_\_\_\_, J.B.; MURAD, A. **Introdução à Teologia**, 5.ed. São Paulo: Loyola, [sd].

LIDÓRIO, R. **Comunicação e Cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

\_\_\_\_\_, R. **Comunicação Missionária**. São Paulo: JME, 1998.

\_\_\_\_\_, R. **Plantando Igrejas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LINDBERG, C. (Ed.). **Piety, Politics, and Ethics**. Kirksville: Sixteenthcentury Journal Publishers, 1984.

LONGUINI NETO, L. **Teorias sobre crescimento da igreja: uma análise crítica na perspectiva missiológico-pastoral**. In: **Ultimato Online**. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/278/teorias-sobre-crescimento-da-igreja>>. Acesso em 17 de março de 2019.

LOPES, D. V.; MARIANO, R. (Orientador). **A Organização Eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas/RS**. 2008. 152 fls. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva**. São Paulo: Editora Hagnos, 2014

LUTERO, M. **A Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão**. IN: LUTERO, **Obras Selecionadas**, vol.2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1988.

\_\_\_\_\_, M. **Da Liberdade Cristã**. In: LUTERO, M. **Obras Selecionadas**, vol.2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1988

MACHADO, R.T. **Teologia e experiência: Uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia**. In: *Atualidade Teológica*, Ano XVI nº 40, janeiro a abril/2012.

MADUREIRA, J. **Inteligência Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MAGALI, M.N. **A Linguagem que dá forma ao mundo protestante**. In: **Debate**: Suplemento do Jornal Contexto Pastoral nº 38, maio/junho de 1997, p.6. Disponível em: <[http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Contexto-Pastoral-Suplemento-Debate\\_038.pdf](http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Contexto-Pastoral-Suplemento-Debate_038.pdf)>.

MAHLMANN, Th. **Ecclesia semper reformanda: Eine historische Aufarbeitung**. In: JOHANSSON, T.; KOLB, R.; STEIGER, J.A. (eds.). **Hermeneutica Sacra: Studien zur Auslegung der Heiligen Schrift im 16. und 17. Jahrhundert**. Berlin: De Gruyter, 2010.

MATIKITI, R. **Church and State relations**. In: **Studia Historiae Ecclesiasticae**, v.35 n.2, October 2009. Disponível em: <[http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/4568/Matikiti-SHEXXXV\\_2-October2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/4568/Matikiti-SHEXXXV_2-October2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em 09 de março de 2019.

- MAZZA, E. **La Mistagogia: Le catechesi liturgiche dela fine del quartosecolo e il método.** Roma: Edizione Liturgiche, 1996.
- MCGRATH, A. **Christian Theology: An Introduction**, 5.ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- MEDEIROS, E. **Evangelização e Ministério Pastoral.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- MIRANDA, J.C. **Manual de Iglesiocrescimeinto.** Miami: Editorial Vida, 1985.
- MIRANDA, M.F. **A Salvação de Jesus Cristo.** São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_, M.F. **Inculturação da Fé: Uma abordagem teológica.** São Paulo: Loyola, 2001.
- MOSLEY, Albert. **Kingsmead 1969-77: Preparing for Mission Overseas.** Disponível em: <<http://www.methodistheritage.org.uk/missionary-history-mosley-kingsmead-2004.pdf>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.
- MOWRER, O. H. **The Crisis in Psychiatry and Religion.** Princeton: Van Nostrand Co., 1961.
- NOCKE, F-J. **Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência.** In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol. II. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NORDSTOKKE, K. **Diaconía.** In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C.; ZWETSCH, R. E. **Teología Práctica en el contexto de la América Latina.** Quito/São Leopoldo: CLAI/Sinodal, 2011
- NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. **Nestle-Aland, 28th Edition.** Deutsche Bibelgesellschaft. Disponível em: <<https://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/text/bibeltext/lesen/stelle/55/100001/109999/>>. Acesso em 17 de abril de 2019.
- OLINGER, D.B. **Geerhardus Vos: Reformed Biblical Theologian, Confessional Presbyterian.** Philadelphia: Reformed Forum, 2018.
- OTT, L. **Manual de Teologia Dogmática.** Barcelona: Herder, 1966.
- PACTO DE LAUSANNE. In: **Movimento de Lausanne.** Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em 09 de março de 2019.
- PADILLA, C. R. **Mision Integral.** Buenos Aires: Nueva Creación, 1986.
- PINHEIRO, J.E. **Os Impasses Eclesiais: O clericalismo como centralização dos serviços e como mentalidade reinante na Igreja.** In: COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO. **Sujeitos Eclesiais: Sal da Terra e Luz do Mundo.** São Paulo: Paulinas, 2017.
- PLANTIGA, Jr., C. **Não era para ser assim.** São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- PLUMMER, A. **The Gospel According to St. Luke.** New York: Charles Scribner's Sons, 1920.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA TERESA. **Conselho Municipal de Saúde: Membros.** Disponível em: <[https://santateresa.es.gov.br/site/conselho\\_municipal/conselho\\_municipal\\_de\\_saude%09%09%09%09%09%09/13](https://santateresa.es.gov.br/site/conselho_municipal/conselho_municipal_de_saude%09%09%09%09%09%09/13)>. Acesso em 03 de março de 2019.
- RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé.** São Paulo: Paulus, 2015.
- \_\_\_\_\_, K. **Sentido Teológico de la Muerte.** Barcelona: Herder, 1969.
- RAHNER, K. **The Trinity.** New York: Continuum, 2001

- RAMOS, J.A. **Teología Pastoral**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995
- RHYMES, D. **La Oración en la ciudad secular**. Salamanca: Sígueme, 1969.
- RIBEIRO, C. O. **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RICHARDSON, D. **O Fator Melquisedeque**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- RIDDERBOS, H. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004,
- ROBERT, D. L. **Christian mission: How Christianity became a world religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.
- ROBERTSON, O. P. **O Cristo dos Pactos**. Campinas: LPC, 1997.
- ROLDÃO, F. D. **Apoio Espiritual a Famílias que vivenciam a experiência do Divórcio**. In: Rev. Pistis & Praxis., Teol. Pastor., Curitiba, v. 2, n. 1, p. 173-191, jan./jun. 2010.
- ROSA, M. **Psicologia da Religião**, 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- ROSATO, P.J. **Introdução à Teologia dos Sacramentos**. São Paulo: Loyola, 2006.
- RUBIO, A.G. **Unidade na Pluralidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RUFIN, W. K. **Diálogo entre culturas e missão: perspectiva antropológico-teológica**. In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n. 56 - jul/set 2006, p.117.
- S. CYPRIANUS EPISCOPUS CARTHAGINENSIS. **Liber De Catholicae Ecclesiae Unitate**. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/20\\_30\\_0200-0258-\\_Cyprianus\\_Carthaginensis,Sanctus.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_30_0200-0258-_Cyprianus_Carthaginensis,Sanctus.html)>. Acesso em 25 de setembro de 2017.
- SALVADOR, F. R. **Caminos del Espiritu**, 5.ed. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1998.
- SANTA ANA, J. **Diálogos Inter-religiosos: desafios e promessas**. In: **Religiões e Paz Mundial**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SATLLER, D.; SCHNEIDER, Th. **Doutrina da Criação**. In: SCHNEIDER, Th. (org.). **Manual de Dogmática**, vol.1, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SCHLEIERMACHER, F. **The Christian Faith**. Berkeley: Apocryphile, 2013.
- \_\_\_\_\_, F. **Sobre a Religião**. São Paulo: Novo Século, 2000.
- SCHMIDT, K. L. **Igreja**. In: KITTEL, G. (ed.). **A Igreja no Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1965.
- SCHNEIDER. **Doutrina sobre Deus**. In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol.1. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SCHOKEL, L.A; SICRE DIAZ, J.L. **Profetas I**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p.340.
- SIMONTON, A. G. **O Diário de Simonton**, 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- SINGH, A. **The Role of Missionaries in abolition of sati custom in India with special reference to Serampore Missionary**. In: IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS), Volume 20, Issue 10, Ver. II (Oct. 2015) pp. 52-55 (1-10). Disponível em: <<http://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Vol20-issue10/Version-2/H0201025255.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2018.
- SPROUL, R.C. **A oração muda as coisas?** São José dos Campos: Fiel, 2012.

- STEDMAN, R. **Igreja: corpo vivo de Cristo**, 5.ed. São Paulo. Mundo Cristão, 1991.
- STRONG, A.H. **Teologia Sistemática**, vol.2. São Paulo: Hagnos, 2003.
- SUESS, P. **A disputa pela Inculturação**. In: ANJOS, **Teologia da Inculturação e Inculturação da Teologia**. Petrópolis, Vozes/Soter, 1995.
- TABORDA, F. **Da celebração à teologia: Por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos**. In: In: COSTA, P. C. (org.). **Sacramentos e Evangelização**. São Paulo: Loyola, 2004.
- TAVARES, R. A. **Em suas mãos**. Vitória: Grafitusa, 2015.
- TINKER, M. **O Pastor como teólogo público**. In: VANHOOZER, K. J.; STRACHAN, O. (eds.). **O Pastor como Teólogo Público**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- TRACY, D. **Theology as Public Discourse**. In: **The Christian Century**, March 19, 1975, pp.280-284. Disponível em: <<https://www.religion-online.org/article/theology-as-public-discourse> >. Acesso em 09 de fevereiro de 2019. Formato on-line sem paginação.
- TRIPP, P. D. **Instrumentos nas mãos do Redentor**. São Paulo: Nutra, 2009.
- URSINUS, Z.; OLIVIANUS, G. **El Catecismo de Heidelberg**, 4.ed. Rijswijk: Felire, 1993.
- VAN ENGEN, C. **Povo Missionário, Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- VAN GRONINGEN, G. **Criação e Consumação**, vol.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- VANDERVELDE, G. **The Church as Missionary Community: The Church as Central Disclosure Point of the Kingdom**. (Unpublished Paper). Given at a colloquium on the theme “A Christian Society? Witnessing to the Gospel of the Kingdom in the Public Life of Western Culture. Leeds: England, 1996.
- VANHOOZER, K. J STRACHAN, O. (eds.). **O Pastor como Teólogo Público**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- VELASQUES FILHO, P. **“Sim” a Deus e “Não” à vida: Conversão e disciplina no protestantismo brasileiro**. In: MENDONÇA; VELASQUES FILHO, **Introdução ao Protestantismo Brasileiro**.
- VICEDOM, G. F. **A Missão como obra de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 1996,
- VON ALLMEN, J.J. **O Culto Cristão**. São Paulo: ASTE, 2003.
- VON SINNER, R. **Teologia Pública no Brasil: Um Primeiro Balanço**. In:
- VON SINNER, Rudolf. **Teologia Pública no Brasil**. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. **Teologia pública: Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- VON SINNER, Rudolf. **Teologia Pública no Brasil**. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. **Teologia pública: Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- VOS G.; GAFFIN JR., R. B. (ed.). **Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos Hardcover**. Phillipsburg: P&R Publishing, 2001.

- VOS, G. **Teologia Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- VOS, J.G. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Os Puritanos, 2007.
- WELLS, D. **The Painful Transition from Theoria to Praxis**. In: MARDSEN, G (ed.). **Evangelicalism and Modern America**. Grand Rapids: Eerdmans, 1984, p.90 apud KELLER, **Igreja Centrada**, p.109.
- WIDENHOFER, **Eclesiologia**. In: SCHNEIDER, **Manual de Dogmática**, vol.2. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WILLEMS, E. **Dicionário de Sociologia**. Porto Alegre: Globo, 1950.
- WRIGHT, C.J.H. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- \_\_\_\_\_, C.J.H. **A Missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

### I. Comentários, Dicionários e Enciclopédias Bíblicas

- ALLEN, W. C. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to St. Matthew**. New York: Charles Scribner's Sons, 1907.
- BIGGS, Charles. **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St Peter and St Jude**. New York: Charles Scribner's Sons, 1901.
- BRUCE, F.F. **João: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova & Mundo Cristão, 1987.
- CALVIN, J. **Commentary on the First Epistle of Peter**. Albany: AGES Library, 1988.
- \_\_\_\_\_, J. **Commentary on the Epistle of James**. Albany: The Ages Digital Library, 1998.
- \_\_\_\_\_, J. **Commentary on the Epistle to the Romans**. Albany: AGES Library, 1998.
- CALVINO, J. **Efésios**. São Paulo: Paracletos, 2007.
- CAULLEY, T.S. **Espírito Santo**. In: ELWELL, Walter (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, vol. II. São Paulo, 1992, p.58;
- COENEN, Lothar. **Proclamação**. In: COENEN; BROWN, DITNT, vol.2, p.1857
- DODD, C. H. **Las Parabras del Reino**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974
- GERMAN, T.J. **Quacres**. In: ELWELL, Walter (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, vol. III. São Paulo, 1993, pp.215-216.
- GUHRT, J. Kosmos. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, vol.2. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- JERÔNIMO, São; BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.A (eds.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André/São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011.
- HENDRIKSEN, W. **Efésios**. São Paulo: Cultura Cristã, 1992.
- \_\_\_\_\_, W. **Exposición de las Epístolas Pastorales**. Grand Rapids: Libros Desafío, 2006.
- \_\_\_\_\_, W. **Mateus**, vol.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

- \_\_\_\_\_, W. **Mateus**, vol.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- HENSLEY, J. **Liberal Protestantism**. In: In: HILLERBRAND, Hans J. (ed.). **The Encyclopedia of Protestantism**, vol. 3. London: Routledge, 2004.
- LÉON-DUFOUR, X. **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.1. Salamanca: Sígueme, 1989.
- \_\_\_\_\_, X. **Lectura del Evangelio de Juan**, vol.3. Salamanca: Sígueme, 1995.
- LOCK, W. **A Critical and Exegetical Commentary on the Pastoral Epistles**. New York: Charles Scribner's Sons, 1959.
- PIERARD, R.V. **Mott, John Raleigh**. In: ELWELL (org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica**, vol. II,
- PIGGIN, F.S. **Temple, William**. IN: ELWELL (ed.). **Enciclopédia Histórico-Teológica**, vol. II,
- REICKE, B. **The Anchor Bible: The Epistles of James, Peter, and Jude**. New York: Doubleday, 1964.
- RENZ, T. **Mundo**. In: ALEXANDER, T. D.; ROSNER, B. S. (eds.). **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.
- ROPES, J. H. **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of St. James**. New York: Charles Scribner's Sons, 1916.
- SMITH, H. L. **Temple, William (1881–1944)**. In: HILLERBRAND, H. J. (ed.). **The Encyclopedia of Protestantism**, vol. 4. London: Routledge, 2004.
- STOTT, J. **1,2 e 3 João: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1982.
- STOTT, J. **A Mensagem do Sermão do Monte**. São Paulo: ABU Editora, 2000.

## J. Obras em Geral

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. **Trânsito religioso no Brasil**. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, Julho, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2017.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, Th. **A Construção Social da Realidade**, 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRUGGER, W. (org.). **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Herder, 1962.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1977.
- CLIMATE-DATA.ORG. Disponível em: <<https://pt.climate-data.org/location/43458/>>. Acesso em 17 de novembro de 2017.
- COHEN, J. **Homo Psychologicus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.
- EAGLETON, T. **Culture and the death of God**. New Heaven: Yale University Press, 2014.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_, C. **La Interpretación de las Culturas**. Barcelona: GEDISA, 2003.
- GOLDMAN, S. N. **As dimensões culturais, sociais e políticas do envelhecimento**. In: ALVES JUNIOR, E. D. (org.). **Envelhecimento e vida saudável**. Rio de Janeiro: APICURI, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. TABELA 1489 – População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião - Resultados Gerais da Amostra. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1489&z=t&o=1&i=> P>. Acesso em 24 jun. 2017.
- KANT, I. **Crítica a Razão Pura**, 5.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- \_\_\_\_\_, I. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** In: KANT, I. **Immanuel Kant: Textos Seletos**, 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_, I. **Textos Seletos** (edição bilingue), 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos: Princípios da Doutrina Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- LYOTARD, J-F. **A Condição Pós-Moderna**, 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MASLOW, A. H. **Motivation and Personality**. New York: Harper & Row Publishers, 1970.
- NERI, M. C. (coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. Disponível em: <[https://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN\\_texto\\_FGV\\_CPS\\_Neri.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf)>. Acesso 14 ago. 2019.
- O’CONNOR, D. **All change at Selly Oak**. In: CHURCH TIMES. (02 november 2006). Disponível em: <<https://www.churchtimes.co.uk/articles/2005/30-september/features/all-change-at-selly-oak>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.
- SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. **Inserção dos jovens no mercado de trabalho**. In: **Estudos Avançados (USP)**, 29 (85), 2015, p.153-168. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/108929/107378>>.
- SILVA, R. B.; MENDES, J. P. S.; ALVES, R. S. L. **O Conceito de Líquido em Zygmunt Bauman: Contemporaneidade e produção de subjetividade**. In: **Athenea Digital**, 15(2): 249-264 (julio, 2015). Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v15-n2-silva-mendes-alves>>. Acesso em 03 set. 2019.
- TYLOR, E. B. **Primitive Culture**. vol.1, 2.ed. London: John Murray, 1873,
- WAGNER, R. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UNB, 1991.
- WEBER, M.; PIERUCCI, A. F. (ed.). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- VENTURI, E.R.; FERRI, C.F.S. **O Pensamento da Alteridade: Do “Eu e Tu” (Martin Buber) ao “Entre Nós” (Emmanuel Lévinas)**. Pressupostos de Humanismo, Cidadania e Inclusão Social. IN: **Revista Jurídica Luso Brasileira**, v.1 (2015), n. 3, pp. 483. Disponível em: <[http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2015/3/2015\\_03\\_0473\\_0498.pdf](http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2015/3/2015_03_0473_0498.pdf) >. Acesso 01 set. 2019.

## K. Vídeo e Áudio

AGRESTE, R. **O que é a Igreja Missional**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZozA87Y8v8>>. Acesso em 30 de novembro de 2018.

VENCEDORES POR CRISTO. **Vinho e Pão**. LEECH, B. J. [Compositor,]. KERR, G. versão em português. In: Vencedores Por Cristo. Louvor X. VPC Produções, Brasil, 2003. 1 CD. (ca. 30).] [s.l.]. Faixa 5 (3min 34s).

## **Anexo**

## ANEXO

### Transcrição das Entrevistas

Os membros entrevistados são os membros comungantes maiores a partir dos 16 anos. Os membros não-comungantes não participaram da coleta de dados, por ser formada basicamente por crianças. E os quatro adolescentes que estão ainda inseridos nesse quadro possuem uma baixa frequência aos processos evangelizadores. O esquema abaixo, bem como o modelo da transcrição, segue o modelo presente na tese do orientador deste trabalho.

Nº	Código	Nome	Idade	Profissão
<b>FEMININO = IP-F</b>				
<b>Faixa 01 - entre 13 e 17</b>				
1	1-01	LPB	16	Estudante
<b>Faixa 02 - entre 16 e 35</b>				
2	2-01	LBS	18	Estudante
3	2-02	NPB	22	Estudante
4	2-03	LSS	22	Estudante
5	2-04	JPM	24	Professora
6	2-05	CFMZ	27	Doméstica
7	2-06	SSS	30	Professora
8	2-08	APF	34	Dona-de-casa
9	2-09	DOE	34	Dona-de-casa
<b>Faixa 03 - entre 36 e 50</b>				
10	3-01	IS	40	Comerciante
11	3-02	OPB	46	Comerciante
12	3-03	TAPB	49	Comerciante
13	3-04	MAPT	50	Dona-de-casa
<b>Faixa 04 - entre 51 e 60</b>				
14	4-01	MFPM	52	Dona-de-casa
15	4-02	MLGK	52	Comerciária
16	4-03	RLOF	52	Dona-de-casa
17	4-04	NEBR	52	Professora Federal
18	4-05	MNJS	54	Comerciante/Cozinheira
<b>Faixa 05 - &gt; 60</b>				
19	5-01	MZPB	69	Comerciante/Cozinheira

Nº	Código	Nome	Idade	Profissão
<b>MASCULINO = IP-M</b>				
<b>Faixa 01 - entre 13 e 17</b>				
-	-	-	-	-
<b>Faixa 02 - entre 18 e 35</b>				
1	1-01	GISL	20	Estudante
2	1-02	BBR	22	Estudante
3	1-03	LMDV	22	Estudante
4	1-04	OF	28	Professor
<b>Faixa 03- entre 36 e 50</b>				
5	2-01	GFGF	36	Marceneiro
<b>Faixa 04 - entre 51 e 60</b>				
6	3-01	DMS	56	Militar Aposentado
7	3-02	JC	55	Militar Aposentado
8	3-03	MRF	55	Professor
9	3-04	MCE	58	Militar Aposentado
<b>Faixa 05 - &gt;60</b>				
10	4-01	AF	69	Bancário Aposentado
11	4-02	VB	73	Aposentado
12	4-03	AVM	82	Militar Aposentado

<b>Data:</b> 23/11/2016	<b>Gênero:</b> Feminino
<b>Nome:</b> MLGK	<b>Idade:</b> 52
<b>Profissão:</b> comerciária	<b>1/31</b>

**Quais os problemas que você enfrenta no seu dia-a-dia? Quais são os problemas da sua vida? Quais são as suas dificuldades?** Ai... as minhas dificuldades é em relação aos meus filhos.

**Quais os problemas dos seus filhos?** É porque [eles] ainda não conhecem o Senhor, né? Então, ai [eles] vivem, né?, essa vida mundana, né? E isso faz eu, assim, entristecer e a gente quer resolver os problemas, mas a gente sabe que não consegue, né? E somente o Espírito Santo de Deus que vai fazer isso na vida deles.

**Que tipo de vida mundana que eles vivem?** Assim..., a desobediência, tipo, os vícios, né? Então isso acaba afetando, me afetando, e, as vezes em que eu não consigo controlar e afeta até a minha saúde que eu percebi isso também, e as dificuldades... ainda o caso que eu não resolvi o meu caso ainda, isso também eu fico meia, né?, parece que eu parei no tempo, então eu fico meia assim, então, é as dificuldades que eu acho... o restante

**O caso, é o divórcio?** Isso! **Que ainda não aconteceu?** Que ainda não aconteceu... hãhã!

**A Igreja ajuda você a enfrentar esses seus problemas? Sim ou não? Seja sincera!** Sincera...! Não!

**Por que ela não ajuda?** Assim..., uma é porque eu também não procuro, acho que é muito... sei lá... é coisa minha, particular, então não gosto de ficar... parece que tem tanto tempo, então assim eu converso mais com a Cida, que o senhor sabe assim, então, eu exponho mais o meu problema com ela, assim minha vida, minha casa, minha situação, tudo então eu já coloco diante da Cida..., mas eu nunca, assim, cheguei pra ir lá e conversar, entendeu? Então..., eu sei, que é lógico, que se for lá, o senhor vai abrir as portas e atender, né?, você vai falar. Mas eu nunca, assim, porque nem eu sei do que eu quero também! Então, não tem nem como, né?

**Então a Igreja não te ajuda?** Espiritualmente, sim! Né? Na Palavra que consola, conforto, né?... porque se não tivesse a Igreja eu também não... não teria... não estaria sobrevivendo, né?, porque, por isso, sempre que a gente tá lá ouvindo a Palavra, né?, porque isso nos ajuda, em relação a isso, sim!

**Na parte espiritual ajuda?** Sim! Com certeza!

**O que é “Igreja” para você?** A Igreja...? Eu vejo assim, que é um lugar onde você tem uma família, né?, uma família. E é assim aquele corpo de Cristo que você está sempre, assim, unido... que a gente, assim, pode contar, né?, com as pessoas. Então eu vejo assim, que a gente não conseguiria, eu creio assim, viver sem uma igreja. Eu vejo igreja assim, , né?, é uma família pra gente, isso dá um suporte, as vezes o que a gente não tem em casa, né?, então lá é um suporte pra gente.

**Como é que você entende “mundo”?** Mundo...? Ai, mundo...? Como se diz na Palavra, “o mundo jaz no maligno” [1Jo 5,19], né? E... eu vejo assim, que eu não tenho mais aquele negócio... eu tinha... eu ansiava por tantas coisas, assim, do mundo, mas agora, para mim, já não é nada mais...

**Mas o que você ansiava do mundo?** Ah... eu achava que o mundo trazia felicidade, e hoje eu já não vejo dessa forma... eu vejo que o mundo que nos

consumir, quer nos destruir, né? Então, eu vejo isso agora, né?, que antes eu não via assim.

**Me fale um exemplo de uma coisa do mundo que você gostaria, gostava... ansiava...** Ah... eu achava assim que, igual, eu achava... que... a gente saia... ai para as festas... achava que a alegria estava ali naquele lugar, mas hoje eu vi que nada disso, né?, que nada disso preenche, né?, o mundo pra mim é um vazio, então, se você for contar com o mundo totalmente... é uma coisa diferente do que é a Igreja, são duas coisas... como é que fala... opostas... que, tipo assim, não sentido nenhum no mundo.

**Se você puder estabelecer diferença, qual é, para você, a diferença entre a Igreja e o mundo?** Igreja e Mundo... É... porque Igreja traz vida, né?, E o Mundo traz morte, traz tristeza, né?, então eu vejo por esse lado...

**Deixa eu voltar lá atrás, você falou o seguinte que a Igreja te dá um suporte. Que tipo de suporte que a Igreja te dá como família, como você disse?** Ah... sei lá... como é que vou falar...? É assim, que eu posso estar contando com pessoas, né?, eu posso tá falando com as pessoas, igual, que cada um tem o problema diário, familiar. Então, a gente... é... é esse suporte que eu te falo de... que as pessoas entendem o que eu falo, tanto pessoal quanto espiritual. Então, eu vejo esse suporte... talvez eu vou falar com as pessoas do mundo e eles não vão entender o que eu estou falando, né?

**Você está na igreja a quanto tempo?** Uh... 2004... nós estamos em 2016... tem... 2004, 2016 **12 anos...** 12 anos...

**Você considera que a sua vida mudou? Sim! Em que áreas? De que forma ela mudou?** Mudou assim a minha forma de pensar... o meu jeito de viver..., né? De falar, também, né? De respeitar coisa que assim eu... tipo, eu não respeitava a opinião do outro, achava que a minha estava certa, né? Então, assim, de respeitar mais o ser humano, a vida das outras pessoas, o comportamento delas, o jeito delas serem... E ainda eu tenho ainda muito que caminhar e aprender ainda

**Deixa eu fazer uma última pergunta, o que você sente falta na Igreja para te ajudar mais na sua vida, no seu cotidiano, no seu dia a dia, nas suas lutas com os seus filhos, nas decisões que você tem que tomar no dia a dia, de trabalho, de como você vai viver, de como você vai testemunhar Cristo, mostrar Cristo?**

**O que você sente falta na Igreja?** Assim..., a Igreja já tem, é as reuniões de orações! E também não é só, tipo assim, só depender da Igreja, eu tenho que começar a partir de mim, né?, de também buscar, assim, não achar qualquer dificuldade e deixar de ir, é que a gente faz muita coisa, e diz: Ah... ! E não se esforça para poder ir [às reuniões de oração]. A Igreja tem esse dia para a gente por ir, se juntar, em dupla e qualquer outra pessoa. Então, é mais, eu creio que é em oração, que através das orações que vem as respostas, né?, eu vejo isso!

**Alguma coisa que falamos aqui que você queria comentar, que você lembrou? Do que a gente estava falando sobre Igreja, sobre mundo? No que a Igreja te ajuda?... Não?** Ah... Não eu acho que a gente tinha que ser um pouco mais unido, mais aberto um com o outro, e, às vezes, a gente passa muito tempo na Igreja e ainda não conhece as pessoas, assim, da Igreja. Deveria isso... devia ter mais isso... a gente poder se abrir... assim, ter uma intimidade com o outro, de poder falar com o outro porque tem gente que tem mais tempo, então eu vejo assim, que precisa desse... aquecimento! [risos]

<b>Data:</b> 24/11/2016	<b>Gênero:</b> Feminino
<b>Nome:</b> TAPB	<b>Idade:</b> 49
<b>Profissão:</b> Comerciante	<b>2/31</b>

**Quais os problemas que você enfrenta no seu dia-a-dia? Quais os problemas que você enfrenta na sua vida?** Problemas que eu enfrento, da minha vida? Acho que... problemas de administração, né?, do dia, principalmente, quando a gente consegue administrar o dia, o tempo, a gente consegue ser mais feliz, né?... as coisas caminham melhor. Acho que o meu problema maior é esse.

**Mas, por que é tão importante você administrar o seu tempo? O que no seu tempo precisa ser administrado?** Porque o tempo é o que comanda tudo. E, principalmente, é tão importante porque, se eu não tiver um tempo primeiramente para mim, né?, para saber quem eu sou, eh... um tempo com Deus, que é o mais importante de tudo, ai, a partir daí, eu vou conseguir administrar o tempo com a família, que é a base e o tempo com o trabalho. Então, eu não posso deixar uma coisa tomar o tempo da outra. Tem que tá tudo muito bem cronometrado pra que tudo possa sair bem.

**Como é a relação família para você? Como é que você tem enfrentado a sua vida com a busca por tempo e o cuidado com a sua família? O que é importante nessas relações familiares?** É... eu tenho encontrado dificuldade. Tenho deixado pouco tempo para a família e já tenho percebido momentos de achar que somos quatro pessoas estranhas dentro de uma mesma casa. É uma sensação ruim, não desejo para ninguém. Eu tenho buscado a melhoria disso.

**A Igreja te ajuda, de alguma forma, a trabalhar esses problemas, a enfrentar esses problemas?** Muito! A Igreja entra assim como um fator primordial na minha vida, porque ela me dá base, ela me orienta, ela me ensina, me instrui, me reanima, sabe? Muitas fontes mesmo pra a gente por buscar e organizar isso, colocar em prática, que é o mais importante.

**Como a Igreja te ajuda?** Como a Igreja me ajuda? É no sentido de que todas as vezes que eu vou a Igreja, eu não consigo sair da mesma maneira, não é simplesmente aquela palavra: “você vai sair diferente de como você entrou”, não! Porque, de eu entro para ouvir e é um ouvir, assim, que mexe comigo, mexe com a minha estrutura, né?, me tira do comodismo e me ajuda a enfrentar e não ficar da mesma maneira.

**O que é, então, “Igreja” para você? O que significa Igreja para você?** Igreja para mim é um ajuntamento mesmo, de pessoas que, no caso, falando bem da Igreja aonde a gente congrega, pessoas que pensam, eh..., igual não seria, mas um pensamento mais aproximado, que querem, que buscam o mesmo objetivo, né?, mas que o define é que buscam o mesmo Deus, o Deus único e soberano, e que estão ali, assim, eh... é um grupo de pessoas doentes também, necessitados e que se auto ajudam, né?, um vai somando com a vida do outro.

**E o que seria o “mundo” para você? Quando o pastor prega e fala sobre o mundo?** O mundo é uma massa de pessoas que andam de um lado para o outro, muitas vezes bem desorientadas, pensando estar buscando um objetivo principal quando na verdade é... estão caminhando pra um outro destino, né?, que não é tão agradável assim. O mundo, a Palavra diz, que “jaz no maligno” [1Jo 5.19]. Porque, de fato, ele tenta..., ele sufoca as pessoas, sufoca a mente, né?, tira esse tempo que

eu comecei, dizendo, que é tão importante. E, de fato, ele induz a pessoa a morte, morte mesmo.

**Então, como a Igreja deve se relacionar com o Mundo?** A Igreja... o papel da Igreja no mundo? Ela tem que ser muito sábia para poder se infiltrar, né?, não levando algo, assim, como uma intolerância, não levando algo que seja, como vou dizer...?, insuportável, uma coisa pesada, né? Mas ela tem que levar o que é a verdade que ela prega, de uma maneira coerente, de uma maneira simples, né?, e mais ainda com o testemunho dela.

**Qual é a verdade que ela prega, que ela deve anunciar?** A verdade que ela deve anunciar é a verdade de Cristo, né? Que Jesus Cristo é o nosso único caminho, nossa única fonte, o único que morreu por nós, é a verdade... “conhecereis a verdade e ela vos libertará”. **Mas libertar de quê?** Libertar de muitas opressões que o mundo nos oferece, libertar do pecado que nos escraviza e que nos conduz a morte. Essa é a verdadeira libertação para que Cristo morreu por nós.

**Qual é, para você, a diferença entre a Igreja e o mundo?** A diferença entre Igreja e mundo? Olha é difícil a resposta, porque, nem todos os que estão na Igreja, igreja física, são Igreja. E muitos que estão no mundo e são Igreja também. Porque a gente consegue entender que... – *Qual é a igreja que você pergunta?* É a igreja “paredes” mesmo?

**A Igreja pode ser o quê?** A verdadeira Igreja, ela é invisível, né? Ela é invisível. Todo aquele que creu, todo aquele que entendeu a obra redentora do Senhor Jesus, e a busca e a segue, esse aí é uma Igreja, essa é a igreja viva do Senhor.

**Então seguir a Jesus é o que define Igreja?** Seguir a Jesus é o que define a Igreja! A igreja verdadeira, invisível, a noiva que um dia ele vai voltar para buscar.

**Você é presbiteriana de origem ou não?** Não.

**Quanto tempo você está na Igreja?** Estou na Igreja a uns 20 anos.

**E nesses 20 anos, você considera que sua vida mudou em alguma coisa?** Mudou totalmente!

**Me dê um exemplo?** Olha, principalmente na intimidade com Deus. Porque, eu aprendi, na outra Igreja a qual eu pertencia, que ele não se relacionava assim com a gente, era um Deus distante, era um Deus longe e também e também nem poderia ser incomodado com qualquer coisa, né? Hoje, eu aprendi ao longo desses 20 anos que ele é um Deus que, de fato, né?, se fez homem e teve a natureza nossa, sentiu dor, sentiu fome, sentiu sede, sentiu medo, em tudo foi semelhante menos no pecado e isso é o que define a minha base, quando eu estou triste, quando eu estou preocupada, eu tenho certeza que quando eu estou falando com ele, ele está do meu lado ouvindo e se preocupando com a minha vida.

**E para gente encerrar, o que você sente falta na Igreja para te ajudar a enfrentar os seus problemas no dia a dia?** Eh... eu creio que dentro da Igreja existem muitas pessoas que já caminham a frente das outras, porque é uma escola; então, vamos dizer que um tá lá, terminando a “faculdade”, o outro começou agora o “ensino médio”, coisa e tal. Se as pessoas que têm maior conhecimento, que têm essa fé mais amadurecida, se elas pudessem ter – volto a falar do tempo – um tempo melhor para estar acompanhando esses outros que, muitas vezes, a gente chama de “fracos na fé” muita coisa mudaria. Porque eu aprendi isso ao longo desses vinte anos, quando eu canalizei a minha fé para esse único Deus verdadeiro, eu aprendi que com isso, eu pude ajudar muitas pessoas já, muitas oportunidades me foram dadas, aonde eu pude anunciar esse Deus, e vejo que as pessoas têm essa necessidade, essa carência. Então, muitos dentro da igreja e ainda estão famintos

por isso, não simplesmente a fala do pastor, que está ali, mas poder ter essa soma, **essa mútua ajuda**, que vai fazer a diferença.

<b>Data:</b> 02/01/2017	<b>Gênero:</b> Masculino
<b>Nome:</b> DMS	<b>Idade:</b> 54
<b>Profissão:</b> Militar reformado	<b>3/31</b>

**Primeira pergunta, então, quais os problemas, dificuldades, suas demandas diárias, do seu dia-a-dia e de sua vida familiar?**

Os meus problemas é o problema que quase todas as famílias enfrentam. Problemas de ordem financeira, essa crise que estamos passando aí – a dificuldade é muito grande e cada vez ela se amplia e as dificuldades são muitas e tem que ter muita, muito jogo de cintura para ir sobrevivendo. Tenho uma dificuldade que me incomoda muito meu coração é meus filhos fora da igreja, tenho dois filhos que estão fora da igreja, mas são sempre alvos de minhas orações aí, porque eu creio que no momento certo Deus irá trazê-los de novo, eu não tenho dúvida, mas é um problema para mim, é um desafio, é uma dificuldade. Eu tenho outra dificuldade também é de, às vezes, ter que deixar de vir a algum evento da igreja, a algum trabalho da igreja

**Por que você se preocupa com os seus filhos fora da igreja? O que significa isso para você? [...] Como você entende isso?**

Eu me entristeço muito porque eles foram nascidos na igreja, foram batizados na infância, foram acompanhados enquanto eles estavam sob a minha tutela, né? Em todo os cultos, em todos os afazeres da igreja, né? O meu filho que mora no Chile, Wesley, até fez a profissão de fé. Isso me incomoda muito. Eu tenho falado muito com eles sobre isso. Eu tenho conversado muito com eles sobre isso. Sempre eu estou tocando neste assunto. Dizendo para eles darem uma repensada na vida deles, sobretudo agora no início de ano, final de ano, sempre tenho essa conversa com eles. Isso me preocupa muito, porque o homem sem Deus não é ninguém, não é nada. E quando você que fez a sua parte na criação, mesmo que não houve uma reciprocidade em 100% com a minha esposa, porque, às vezes, a gente tinha um pequeno conflito na criação dos filhos, eu queria de uma forma, ela queria de outra, e acabou que não dava certo. E aí, eu creio que é uma das razões para eles não estarem na igreja, também, hoje. A gente não estava junto com o mesmo propósito; estava como, às vezes, numa situação estava num cabo de guerra. E aí os resultados são... estão aí.

**Quantos filhos você tem mesmo?**

Tenho três. Tenho três filhos. Dois filhos e uma filha, que mora em Belém, a mais velha.

**E os três estão fora da igreja?**

Não! A minha filha está numa igreja lá em Belém; não é presbiteriana, mas é regular na igreja, tem um trabalho dentro da casa dela, semanal, e tá firme lá na igreja. Só esses dois filhos, os mais novos que não estão na igreja. Inclusive, até o Wesley que está no Chile, essa semana eu estava conversando com ele, falando esse assunto mesmo, ele falou que nunca se esquece disso: todas as decisões dele, todas as escolhas dele, ele sempre lembra dos ensinamentos meus; saber fazer as escolhas certas, saber fazer... plantar as sementes certas, porque ele sabe que vai colher o que planta; isso é bíblico, isso incomoda o coração dele. Então é sinal que alguma coisa tá lá incomodando o coração dele quanto aos ensinamentos bíblicos que ele recebeu, né?

**Você acha, então, que evangelizados eles foram?**

Com certeza! Com certeza! ... O filho Dinho, o W., o caçula, que é o mais caladão, o mais difícil de todos, mas é um que já até leu a Bíblia toda. Entendeu? Então, tudo o que você vai conversar com ele de Bíblia, ele sabe. Ele tem consciência, ele abaixa a cabeça, ele aceita, porque ele sabe que não tem argumentos, porque ele conhece a palavra de Deus. Ne? Isso aí, quanto a minha obrigação de pai, eu sou muito tranquilo de ter feito certo. Agora, tem coisas que não dependem de mim.

**E olhando para todas essas dificuldades que você enfrenta, como é que a sua fé, a sua vida dentro da igreja te auxilia a enfrentar isso?**

A minha vida na igreja, na verdade, não me auxilia, ela anda comigo, ela caminha comigo nessas decisões, porque eu não me vejo fora da igreja. Eu tenho a igreja, para mim, em todas as celebrações e cultos e os encontros que temos aqui, como se fosse um local de recarga de baterias para sair e usar lá fora. E dentro da família e fora da família. Eu creio que, sem essa ajuda..., ela é vital para a vida da gente, e sem isso eu não teria como suportar essas... esses desafios, essas dificuldades se eu não tivesse esse... essa... esse escape que é o viver em comunidade, onde a gente pode... tem pessoas aqui [a gente] pode confiar e se abrir, tem amigos de fato, né?, que a gente pode confiar, pode se abrir, pode receber um conselho, uma ideia e pode, até a gente, ser essa...esse conselheiro, esse... Então, para mim, é fundamental em todos os aspectos. A igreja sem ela não tem como eu... eu, pra mim, não tem como sobreviver.

**Então, quer dizer que a igreja é o local onde a sua fé é avivada, é animada e fortalecida?**

Exatamente! É isso aí!

**De modo prático, de quais maneiras a igreja te auxilia, mesmo, com esses seus problemas? Por exemplo, em relação aos seus filhos, como a sua fé te leva a conduzir esse relacionamento?**

Isso é uma coisa um tanto quanto... não é difícil, mas também não é tão fácil de se... pelo menos como eu penso, eu penso o seguinte: a minha fé, a certeza das coisas que eu creio, ela é tão grande, que ela está acima de qualquer coisa. Mesmo que os meus filhos não creiam, por eu crer, eu tenho a obrigação de ficar sempre falando e cobrando deles. E eu e a minha fé é fortalecida, no sentido de não somente eu esteja aqui na igreja, recebendo aqui **essa ajuda mútua**, de irmãos e de conhecimentos, de um aprendizado diário, é círculo diário que está sempre se repetindo, né? Mas eu não fico só aqui, eu também busco em minha casa, eu leio muito a Bíblia, eu procuro muito a me orientar, né? E eu creio que o mais fundamental na igreja é você saber que você tem pessoas aqui – eu sempre disse isso para muitas pessoas – o mais legal da igreja é que você sabe que tem muitos irmãos aqui, que não são de frequentar a casa uns dos outros, mas eu sei que se eu levantar a minha mão vai ter vários para segurar nela. Independente se a gente te relacionamento de ficar junto, de um ir na casa do outro, de almoçar junto, de jantar junto. Eu sei que eu pertencço a um grupo que me acolhe em qualquer necessidade eu tiver. Eu tenho absoluta certeza disso. E isso me faz ficar tranquilo, né?, e sabendo que se alguma coisa não der certo nesse sentido, temos Deus, que acima de tudo, supre as lacunas que, porventura, possam aparecer.

**O que você tem mais medo, ou mais receio no fato dos seus filhos não estarem na igreja? Você tem medo que se percam eternamente?**

Na verdade, eu não me preocupo com isso, por causa da minha formação doutrinária-teológica; eu sei que todas as coisas acontecem dentro de um projeto de Deus. E se os meus filhos são eleitos para a salvação, eles virão... eles virão. Eu não sei quando, eu não sei de que forma, não sei de que maneira; isso aí eu sou

muito tranquilo quanto a isso. Eu só não fico tranquilo porque me causa muita tristeza. Gostaria muito de tê-los aqui comigo. Mas, medo e tal eu não tenho porque eu sei que, se for vontade de Deus e se eles forem eleitos para a salvação, eles virão. Independente se eles queiram ou não, chega a hora que, quando for a hora de Deus, eles virão.

**Então, me defina uma coisa, quando eu falo igreja, o que você entende? Qual é a sua ideia sobre o que é igreja?**

Igreja, eu creio, porque igreja tem, pelo menos eu entendo, tem duas formas de igreja. Tem uma Igreja visível e uma Igreja Invisível, não é isso? A Igreja Visível é essa comunidade de irmãos que professam a mesma fé e se reúnem e cultuam ao Deus, cultuam o nosso Deus, trabalham em comunidade e vivem em comunidade; e buscam, mesmo nas diferenças, viver em harmonia. E que igreja é isso é o lugar vivem pessoas de diferentes ramos da sociedade, mas que comungam a mesma ideia; quando chegam todo mundo fica igual porque são um só diante de Deus. Eu creio que igreja para mim, essa que nós podemos ver, é isso! É onde pessoas que comungam da mesma fé, que creem no mesmo Deus, que têm uma mesma visão bíblica, a mesma visão teológica, a mesma visão espiritual da coisa, doutrinária mesmo, até uso e costumes também, culturalmente, isso tudo faz parte do conjunto.

**Certo! E o que seria a Igreja Invisível?**

A Igreja Invisível é aquela, que nós sabemos, que existe uma igreja só, que é a Igreja do nosso Deus, é a Igreja Invisível onde todos os salvos fazem parte desta igreja. Essa igreja visível pode ter alguém que não seja salvo que faça parte dela, pelo menos no meu pensamento, eu posso estar equivocado, mas eu penso dessa forma. A igreja visível, essa que nós podemos ver, se posso ver ela é humana, se ela é humana pode ter o erro dentro dela, pode ter várias coisas, várias pessoas não salvas. Muito joio no meio do trigo. Agora a igreja invisível não vai ter isso, a Igreja Invisível ela é a Igreja do Senhor Jesus, então, essa igreja ela é... ela não tem joio. Essa é a igreja dos salvos, pelo menos esse é o meu entendimento.

**Ok! Considerando que dentro da Igreja [Presbiteriana em Santa Teresa] nós temos três momentos de culto ou, usando outro termo para identifica-los, três processos evangelizadores, Escola dominical, culto dominical a noite, e reunião de oração e estudo bíblico, numa quarta-feira, qual a importância disso para você? Esses momentos de culto, esses momentos de celebração? De estudo da Bíblia?**

É, isso como eu disse lá no início é como se fosse... locais e períodos de tempo que a gente passa se alimentando..., se alimentando. Cada coisa no seu lugar. Na Escola dominical, onde você tem uma liberdade, onde você pode interagir, onde você pode tirar dúvidas, pode aprender, né? Sempre aprende coisa nova, nunca a gente sabe tudo, sempre aprende, sempre surge uma pergunta diferente, uma dissertação de uma pergunta que fala alguma coisa que a gente não ouviu ainda, que a gente passa a entender mais de algum tipo de assunto, né? No culto à noite, no domingo, é um momento de celebração, um momento de adoração, é um momento profético da igreja, onde Deus fala com a igreja através do sermão, né? E as quartas-feiras é como a escola dominical, é um culto também, uma reunião de aprendizado e discipulado, é ali que a gente aprende sobre as coisas da igreja, haja vista que, você vê, as pessoas que não frequentam a escola dominical e as quartas-feiras são pessoas que não sabem nada de Bíblia, não conhecem nada de Igreja, pessoas que só vem domingo a noite não sabem o que é Igreja, não sabem o que é Bíblia, não sabem o que é teologia, não sabem de nada, né? Porque esses momentos são separados cada

um com uma finalidade diferente e os três formam um conjunto que o cristão precisa para o seu crescimento espiritual.

**E esses momentos tem te ajudado a crescer espiritualmente?**

Sempre, sempre! Sempre e muito!

**Outra coisa que queria ver com você. Quando se fala na igreja em mundo o que você entende? O que é mundo para você? O pastor está lá no púlpito e diz: “o mundo”... “Deus amou o mundo?”... O que que é isso?**

É, mundo, o mundo é difícil de definir de definir sem ler essa palavra dentro de uma frase, porque *mundo* pode ser pessoas, o mundo pode ser coisas contrárias a palavra de Deus, contrárias a sã doutrina são qualificadas como *mundo*. *Mundo* tem nuances diferentes independente, ou melhor, depende apenas da frase onde ele tá colocado para você entender a conotação do que que é. Mas, em suma é isso, mundo é pessoas, mundo é... “*Deus amou o mundo de tal maneira*”, amou pessoas. O mundo é sistema de coisas que vai passar que a palavra de Deus diz que o mundo vai passar, a terra vai passar. E tem o mundo que é tudo aquilo que é contrário a sã doutrina que é o... onde as pessoas que não tem compromisso com Deus tem compromisso com esse mundo.

**Então, para você, alguém que abraça a fé, conforme o preceito presbiteriano, como ele deve viver, então, no mundo? Dizer que ele pode viver dentro do mundo, como ele deve viver?**

É, ele tem que viver de forma que, pelo menos no meu entendimento, ele tem que viver de forma que ele comprove a fé que ele fala que tem, porque é lá no mundo que a gente demonstra quem, de fato, nós somos.

**Mundo como sociedade?**

Como sociedade! Como sociedade! Então eu creio que se não houvesse esses desafios do mundo aí, as tentações da carne e mais uma porção de coisas seria muito fácil ser cristão, porque a gente não ia ter desafios!

**Quais são esses desafios?**

São de diversas maneiras! Até um programa de televisão, um programa de televisão... eh, isso aí eu não vou assistir... Isso aí... não quero saber desse programa na minha casa. Lá na minha casa a gente aboliu a GLOBO, não vê Globo lá em casa... isso é coisa pessoal e familiar, mas tem essas coisas. Tem que escolher aquilo que a gente quer ouvir e a vida que a gente quer levar e viver conforme aquilo que a gente crê e acredita, porque não adianta ter duas formas de vida, né?, duas personalidades. O cristão é cristão. Ele tem que ser cristão onde ele for. Ele vem aqui [na igreja] para se alimentar mas para gastar as energias lá fora. Ele não vai se alimentar para ir dormir. Então, eu creio que é por aí.

**Sua formação cristã é qual? Você sempre foi presbiteriano?**

Sempre. A família é toda de origem presbiteriana. A gente tem desde berço, tem sido criado na igreja.

**Qual sua idade?**

Cinquenta e quatro

**Para gente terminar, o que você acha que ainda faz falta aqui na igreja? Na nossa comunidade, o que falta para você? O que a igreja deveria se preocupar mais?**

Eu, sinceramente, tem a algum tempo que tem me incomodado um pouco aqui na igreja é que a gente não tem feito muita... muita não, a gente não tem feito atividades evangélicas. Isso é uma coisa que tem me preocupado muito. Eu “tava” querendo ano passado fazer, não deu... vou ver se eu consigo fazer esse ano, mas eu creio que a gente precisa de fazer algum... desenvolver alguma forma de

trabalho evangelístico, porque, sem esse trabalho evangelístico, eu creio que tem muitas pessoas, muitos eleitos nessa cidade aí, desse município nosso que não virão se não ouvirem, como ouvirão se não há quem pregue [Rm 10,14], né? Então, eu creio que a missão da igreja, uma das missões da igreja também é levar a esse evangelho. E, às vezes, a gente pensa em ir para outro continente, para outro país, para outra língua, mas às vezes na cidade da gente tem uma porção de pessoas precisando de ouvir e que não ouvem, né? Eu creio que isso é uma coisa que incomoda meu coração e quero ver se esse ano eu consigo fazer alguma estratégia de evangelismo, mas evangelismo que prático, que funcione, não essa coisa de panfletagem, de... isso aí é coisa que entra num ouvido e sai no outro, coisa que você tenha tempo com a pessoa e tal. Eu “tô” pensando em fazer isso.

### **O que é evangelismo para você?**

Evangelismo é, basicamente, apresentar Cristo para a pessoa, né? Apresentar Cristo, apresentar a missão dele, a missão da igreja e para onde a gente vai depois. Então, eu creio que evangelismo é isso!

### **Agora sim, talvez para terminar, qual é a missão da Igreja?**

Missão da Igreja... missão da igreja é pregar Cristo Jesus e esse ressuscitado (TXT BIBLICO). Porque o evangelho está todo focado em Cristo, né? Todo focado em Cristo, na pessoa de Cristo e de sua obra redentora dele na cruz do Calvário. E o evangelho está todo voltado nessa atividade aí e é preciso que a gente saia daqui de dentro das quatro paredes da igreja e vai aí para fora para falar isso, né? Essas verdades, a verdade que liberta. E quando a palavra diz que conhecereis a verdade e ela vos libertará [Jo 8,32], a gente tem que falar dessa verdade, se a gente não falar dela como ela vai libertar pessoas? E muitos não vêm na igreja, de jeito nenhum. Se você não abordá-los na residência, na rua, no trabalho, eles não vêm na igreja. Eles podem vir depois, mas num primeiro momento não vêm. Quanto mais numa cidade como a nossa que culturalmente, caracteristicamente é uma cidade católica romana de... fundada por italianos e a gente tem um pouco essa dificuldade. Muitos têm vontade de vir, e muitas pessoas me disseram isso aqui em Santa Teresa, pessoas daqui, natos daqui da cidade, já me falaram: “Poxa! Passei em frente a sua igreja e estavam cantando uns hinos lindos, deu até vontade de entrar”. Aí eu falei: “Por que você não entrou? Você perdeu uma oportunidade”. “Eu, para o pessoal me ver lá dentro e falar que eu virei crente?” Então, essa é a visão das pessoas, por isso eu penso que o evangelismo prático... a gente precisa arranjar uma forma de trabalhar ele aqui em Santa Teresa para atingir essas pessoas.

<b>Data:</b> 10/01/2017	<b>Gênero:</b> Masculino
<b>Nome:</b> JLC	<b>Idade:</b> 55
<b>Profissão:</b> militar aposentado	<b>4/31</b>

**Quais são as dificuldades que você enfrenta dentro da sua vida, no seu dia-a-dia? Na sua história? No seu cotidiano? Quais são as suas grandes dificuldades?**

Olha só, eu diria que... seria uma só dificuldade. Eu diria, assim, que... família! É família! Estar longe da família é horrível!

**Mas por que você está longe da família?**

É a separação, né? Num deu certo e, então, eu sinto falta de esposa, de filhos, entendeu? Só isso.

**Quantos filhos que você tem?**

Três!

**São só os três, eles são casados, solteiros?**

Dois solteiros... todos três solteiros, porque eu tenho uma filha minha que ela tem uma neném, mas não é casada... mãe solteira.

**E dentro desses desafios, a Igreja que você frequenta te ajuda em alguma coisa?**

Sim! Eu tenho recebido apoio dos irmãos no sentido de oração até no sentido de providenciar uma companheira para mim! Sou muito grato aos irmãos da igreja lá que se preocupam, se preocupam muito comigo. Então, isso é muito importante para mim.

**E como é que você entende a sua fé? Como é que a igreja te ajuda na sua fé em Cristo? Na sua perseverança? Na sua vida?**

Olha, o... eu vejo dessa forma ô Gladson, olha só, eu não sei se a minha resposta vai ser o suficiente para você, mas eu posso dizer o seguinte, quando eu vejo que os irmãos oram pra mim e se preocupam comigo, eu acho que, né? Eu acho que... eu não sei se a resposta seria correta...?

**Não tem resposta correta...**

É, eu acredito que é assim mesmo, você, como pastor, tem dado apoio, então eu assim, não posso reclamar nada com relação a igreja, entendeu, não posso reclamar. Agora, eu acredito que a igreja tem me apoiado e muito!

**E outra coisa, a gente fala muito sobre mundo. O que é o mundo para você? Quando o pastor fala sobre o mundo, qual é o seu entendimento?**

Olha ô pastor, o mundo..., o mundo que eu vejo é assim, no meu entendimento, o mundo lá fora é quando você..., nós estamos no mundo, né? Nós estamos no mundo, fazemos parte do mundo só que nós temos que ser diferentes do mundo. Então, eu vejo o mundo o seguinte, nós estamos no mundo, mas temos que fazer diferença no mundo.

**E se eu puder perguntar para você, e a igreja, como é que você entende a igreja, já que ela tem que ser diferente? Como a igreja deve ser?**

Eu vejo a igreja... ela é... a igreja... eu vejo da seguinte forma a igreja está deixando a desejar em questão assim, eu acho que nós estamos muito fechados ali em quatro paredes, muito fechado. Eu acho que nós devemos voltar a ter aquele

culto no lar, entendeu? Ah... eu não sou muito de visitar... eu vou lá fazer uma visita ao A., ao M., ao A., mas eu vou lá fazer a visita do J., não vou lá fazer a visita do irmão J. Então, eu acho que tá faltando isso na nossa igreja. Eu... comunhão entre nós ali, para nós fazermos a diferença, entendeu? Eu acho que nós estamos a desejar nesse ponto aí, entendeu?

**Mas o que seria “fazer diferença”?**

Eu diria, eh..., fazer essa diferença, é a gente fazer que o povo, lá de Santa Teresa veja ali, veja ali, aqui tá um povo de Deus fazendo um culto aqui na praça, ali está o J., ali está o D., ali está o A., fazer diferença, aquele povo ali é um povo evangélico, entendeu? Meu ponto de vista é esse!

**Certo! Outra coisa. Você sempre foi presbiteriano?**

Sim! Ah... Os meus avós, os meus pais... eu nasci em um lar presbiteriano!

**Sua idade?**

Cinquenta e cinco

**Você já disse que sente falta da igreja mais unida. Tem mais alguma coisa que você sente falta na igreja?**

Sim! Eu vou falar, quando eu era jovem, no meu período de adolescente, eu lembro que a... isso acontece aqui, com pouca frequência, mas acontece, eu vejo ali..., assim, devido a nossa igreja ter poucos membros, poucos adolescentes, eu acho que deveria ter mais, assim, um piquenique, igual já participei de piquenique aqui. Ah... a gente vai reunir um grupo de jovens vão à praia. Eu acho o que falta aqui na nossa igreja. Apesar de que são pouquíssimos jovens, mas eu acho que é muito importante, entendeu?

<b>Data:</b> 16/01	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> CFMZ	<b>Idade:</b> 27
<b>Profissão:</b> Doméstica	<b>5/31</b>

**Quais são as dificuldades que você enfrenta no seu dia-a-dia? E o que te angustia na sua vida, no seu cotidiano? O que te causa problemas? Quais são os seus problemas da vida?**

*Sinceramente... se eu fosse falar assim eu num... minha vida é tão tranquila agora assim, eu não teria lago para especificar, assim, de angústia hoje. [incompreensível] o que eu vivo no dia-a-dia.*

**Isso agora, e antes? O que te preocupava antes?**

Preocupação? Eu me preocupava, às vezes, eu pensava assim, eu tinha medo de ficar sozinha. Não sozinha no espaço, mas sozinha não ter alguém, tipo assim, marido, essa questão assim. De sei, “tô” muito velha, não ter família... era, assim, o que me angustiava. Porque, às vezes, eu “tava” em casa, assim, olhava para o lado não tinha ninguém, isso me deixava um pouco preocupada...

### **Mas qual é a sua idade?**

Vinte e sete

**Está nova!** Éh [risos]

**Agora você não tem mais essas preocupações?**

Ah acho... eu me vejo uma pessoa mais tranquila! E as coisas estão, assim, caminhando direitinho, graças a Deus!

**Está noiva! Vai casar!**

É! [risos]

**A igreja... estar participando de uma igreja, te ajudou nessa tranquilidade, de alguma forma?... A sua fé em Deus...?**

Muito! Praticamente foi lá que... que tudo aconteceu. O fato de eu conseguir controlar a minha mente; depois que eu tive esse contato com Deus, a minha é completamente diferente. Se, tipo assim, no momento que eu tive problema na minha vida, se eu não tivesse Deus, provavelmente a minha vida não estaria como está! Que eu teria tentado resolver os meus problemas de outra forma, né? No caso, resolver um problema arrumando outro. Mas, com Deus, colocando nas mãos de Deus foi tudo se resolvendo no tempo certo.

**Esse problema que você fala é de talvez ficar sozinha? De relacionamento?**

É! Por conta da angústia de um relacionamento que não deu certo e aí, né?, isso vai vindo na mente da gente. E tudo depois que eu tive contato com Deus, foi tudo se transformando.

**Mas de que maneira, então, a igreja te ajuda a concretizar a sua fé, a você ter... viver a sua fé? Como é que ela te ajuda nisso?... Então, você ter essa fé em Deus, viver essa fé com Cristo?**

É... pelo fato de eu estar frequentando a igreja, conviver com pessoas que tem esse contato com Deus, eu creio que foi a cada dia, né?, que eu ouvi louvor,<sup>1279</sup> que... eu estar lá presente na igreja ouvindo a palavra. É tudo, tipo assim, foi o que me ajudou a crescer. Porque se eu tivesse... não tivesse esse contato com pessoas da igreja, provavelmente não teria sido da mesma forma. De me aconselhar, né?, de ouvir conselhos corretos na vida para... seguir.

**É, deixa eu te perguntar outra coisa. Como é que você entende igreja? Igreja é um local, igreja uma comunidade, como você entende igreja?... Para você é só aquela construção ou tem algo mais?**

Eu acho que é mais o que a gente vive ali. A questão família. Um pelo outro, né?, quando um tá precisando de ajuda o outro..., tá sempre um dando apoio pro outro, né? Eu penso assim!

**Então igreja para você é esse corpo, essa família?**

É! Não, assim, um local.

**Por outro lado, o que seria para você o mundo? Por exemplo, quando pastor fala Deus amou o mundo ou coisas parecidas, o que que é o mundo para você? O mundo lá fora fala-se isso, o que você entende?**

O mundo...? As coisas em si... eu nunca parei pra... tipo assim, a gente usa falar assim que nós somos cristãos, mas não queremos viver como as pessoas do mundo lá fora, ou seja, a maldade, né? Tudo assim que acontece de ruim, assim...

<sup>1279</sup> Louvor possui um sentido muito amplo. Pode ser um momento de cânticos mais alegres e menos tradicionais e geral executados com instrumentos mais populares, diferente dos hinos que, na IP-ST, são conduzidos ao piano. Pode também funcionar como sinônimo para um desses cânticos. No caso aqui, o sentido dado é o primeiro.

num... num entende Deus como ele é. Tipo assim, preferem viver por si mesmos, sem... sem ter Deus como base, assim, saber se isso está certo ou se tá errado. **As pessoas, então ... o mundo, então, seria esse viver contra Deus? Ou longe de Deus?**

É! Sem ter Deus como base, né?... Sem se policiar...

**O que você acha das programações da igreja? Os cultos, a escola dominical, reunião de oração, estudo bíblico? Você frequenta essas reuniões? É! O que você acha delas?** Muito interessantes. **Por quê?** Porque ali que a gente aprende mais sobre Deus..., tira dúvidas... **E nesse tempo que você está em nossa igreja, você aprendeu alguma coisa?** Muito! Muita coisa. **Por exemplo?** Por exemplo...? [balbucios] Ah! Tipo assim, o principal é a viver de acordo com aquilo que Deus tem pra mim, né? Assim, essa questão de saber o que é certo o que é errado, principalmente. E... o que mais? É... é... é isso a base, você concentrar a sua vida na vontade de Deus, que é o principal.

**Outra coisa, então, para gente ver aqui. A quanto tempo você é membro da igreja? Você lembra?** Eu comecei a frequentar por volta, assim, do ano de 2014, eu fui... eu comecei mesmo assim, mais pro finalzinho, que aí eu já ia com mais frequência. **Antes disso você pertencia a outra igreja?** Eu era católica, mas eu também não frequentava. **Praticante ou não?** Não. Eu ia raramente, **E nesse tempo que você está conosco, você acha que a sua vida mudou em alguma coisa?** Totalmente!

**Para encerrar, então. É... o que você sente falta na nossa igreja que poderia te ajudar mais? Alguma coisa que a gente, que a igreja poderia fazer, que poderia te ajudar mais como pessoa a enfrentar os seus desafios, a enfrentar a sua vida?**

Eu, particularmente, não sinto falta de nada, porque no caso assim, que eu preciso de um conselho, uma coisa assim, tem a C., a M. [membros da igreja], com quem, às vezes, eu tenho alguma dúvida eu pergunto. O resto, para mim, é tudo tranquilo.

<b>Data:</b> 16/01/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> IS	<b>Idade:</b> 40
<b>Profissão:</b> Microempresária/comerciante	<b>6/31</b>

**Na sua vida diária, no seu cotidiano, você com uma mulher Cristã como é que você enfrenta... Aliás, quais os desafios o que você enfrenta?**

O primeiro desafio já é logo de manhã quando eu chego no meu trabalho, você já abordada por cliente, que não são cristãos, né? Você já leva cantada, você já é abordada com a maneira, com olhares, com abordagem totalmente vulgares e com críticas, com... além das cantadas, com coisas assim com palavras de baixo calão, com brincadeiras, né? Palavrões com coisas... desonestidades, né? Que todo mundo fala: “mas aqui é desonesto, não é desonesto, né? E muitas outras coisas também nosso Deus do céu! **Você trabalha com o quê?** Meu comércio é de padaria.

**Mas, então, quais seriam outras coisas além dessa imoralidade, dessas cantadas que você, às vezes, recebe, dessa tentativa de fazer também que o seu comércio seja algo corrupto, enganoso, desonesto?**

Seria tipo assim: “Ah! Esse pão é de agora”? “Ah, não esse pão é de ontem”. E você fala: Esse pão acabou de sair! Ou então, quando eu treino um funcionário para falar sempre a verdade: “*Não, o pão doce ele é de ontem ao meio-dia, o pão doce de hoje saiu agora. Ou: volta mais tarde que ele sai às 11*”. E ele sempre acham que você está mentindo. Então ele... o que o que move hoje e sempre é mentira, né? A data do produto tá errado, o horário que você falou que saiu, tá errado. Tudo é uma mentira! O preço é uma mentira, né? Aquilo que você tá falando é uma mentira: “*não você tá mentindo, esse pão é ontem, esse pão é de anteontem*”! Tudo gira em torno disso: uma grande mentira! Como se tudo fosse a menti... uma fraude.

**Mais alguma dificuldade que você enfrenta fora do seu trabalho?**

Ah na própria família, na sua atitude você é sempre criticada por você ter uma postura muitas vezes e ser diferente de não ser uma pessoa escandalosa, de não ser uma pessoa de se meter em confusão, de manter uma postura mais distante, mais discreta, o seu modo de vestir não ser escandalosa, não usar roupa indecente, ensinar suas filhas mais educadas, com a verdade; né? não frequentar bailes, não frequentar festas escandalosa, não tá sempre envolvido em bebidas, não fazer uso, não ser viciado em alguma coisa. São tantas situações nas quais você não frequenta, não se envolve e você é ridicularizada dentro da própria família.

**A sua família é composta por quantas pessoas?**

A minha família, minha casa, nós somos em três: eu e duas filhas. Eu sou divorciada.

**Mas quando você fala “família”, é o que fora a sua casa?**

Fora a minha casa, a família do meu ex-marido, porque eu moro bem próximo, né? Eles são católicos, então já tem uma divergência muito grande, porque a minha postura, o meu modo de vida é diferente, né? E fora isso tem uma família dos meus irmãos. Como nós fomos criados berço evangélico, né? Mas mesmo assim eu tenho postura bem diferente frente muita coisa.

### **A sua família do lado dos seus pais, sempre foi evangélica?**

Não, a família do meu pai se converteu a 25 anos atrás. A família da minha mãe é de berço evangélico. **Presbiterianos?** Sim, da minha mãe, sim! Do meu pai era católico, luterano e quando converteu foi para Maranata<sup>1280</sup>. **Você sempre foi presbiteriana?** Sim, sim, mas numa época presbiteriana da Unida<sup>1281</sup>, quando era pequena que eu me lembro. E depois da Batista e quando eu vim para Santa Teresa da Presbiteriana do Brasil.

### **E a igreja, te ajuda a enfrentar esses desafios que você enfrenta? Te ajuda com isso?**

Sim! Porque você tem uma base bíblica muito boa, a partir do momento que você frequenta cultos, reuniões oração, estudos, escola bíblica, culto à noite, você tem embasamento bíblico, você tem todo esse aparato. **Mas esse embasamento bíblico serve para que?** Para você reforçar a sua fé! Você tem todo o embasamento de doutrina, entendeu? Tem a Palavra falada, lida, ensinada, esplanada, vivida. Você troca ideia seja com o pastor seja com a comunidade ali vivida dentro. Você aprende também através de exemplos da convivência. E aquilo vai te reforçando, te crescendo, te fazendo crescer.

### **E o que significa igreja para você? Quando você pensa em igreja, é o que? É uma construção? São pessoas? O que é igreja?**

Eu fui criada como a igreja sendo o corpo de Cristo e dentro disso é exatamente isso, essa construção de pessoas, de família, entendeu?, de membros, que vai todo mundo, vai agregando, vai crescendo, nascem pes[soas]..., vai nascendo gente ali dentro, isso aí que é igreja para mim, um conjunto de pessoas. **Mas só um conjunto de pessoas? O que esse conjunto de pessoas precisa ser para ser igreja?** Uma família.

### **E se você... se nós fossemos olhar outra coisa, o que seria o mundo para você?**

Um nojo. Uma perdição. **Por quê?** Ah, por que jaz no maligno! [1Jo 5,19]. **O que seria jazer no maligno, para você?** Ah, uma coisa muito maldita, muito ruim. **Não tem nada de bom no mundo?** Tem os prazeres, mas num... num te leva... te leva para perdição, para a maldição. Você está ali, mas não precisa viver isso não. **Se a gente fosse comprar igreja e mundo, como é que você percebe a relação dessas duas coisas?** A relação das duas coisas? **Conflito, oposição, aproximação como deveria ser essa relação da igreja com o mundo, para você?** Da seguinte forma, você, a partir do momento que você é nascida e criada dentro de uma igreja, como eu fui, você ensinado na Bíblia, na regra... como regra de fé e prática, você é luz, se você é luz e tá no mundo, porque a gente nasce, cresce, tá ali, se insere numa sociedade, frequenta uma escola, tem o seu comércio, tudo você tem que ser diferente! Faz a diferença! Você mostra o seu caráter cristão, né? Você não precisa ser como as pessoas no mundo. Você convive com as pessoas do mundo, mas você tem que fazer a diferença! Você tem que mostrar para as pessoas o caráter de Cristo, a... a... a sua diferença; o amor, a luz, né?, que ele é na sua vida. Você não precisa

<sup>1280</sup> Igreja Cristã Maranata é uma denominação pentecostal e um cisma da Igreja Presbiteriana do Brasil, ocorrido no Espírito Santo no final dos anos 1960, possuindo vários templos dentro e fora do estado.

<sup>1281</sup> Isto é, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), uma denominação presbiteriana surgida de um cisma da IPB, ocorrido em 1978.

ser podre como as pessoas são podres. Você não precisa comungar daquela nojeira...

**E aí, quando você fala que no seu trabalho, como você disse lá atrás, que no seu trabalho, na empresa, na sua padaria, você é honesta em tudo, procura ser honesta em tudo, isso é um reflexo da sua da sua fé cristã?** Sim, da minha fé cristã, da minha criação, da minha doutrina, daquilo que eu aprendo na igreja, daquilo que Cristo..., daquilo que eu leio na Bíblia, daquilo que o pastor ensina, eu tento viver isso e mostrar isso para os meus funcionários, meus clientes, é o que eu tento ser dentro do meu comércio, desde dentro da minha casa.

**Ah, vamos pensar aqui então, quando você olha para a vida da igreja, dos cultos, dos estudos bíblicos, da escola dominical, também, as reuniões de oração, qual é o propósito que você acha que essas celebrações têm?** Exatamente de você crescer, de você se aperfeiçoar, de você ser alimentado da palavra de Deus, de você se fortalecer, de você aprender com as pessoas, passar conhecimento e você afinar mais, de você interagir mais, crescimento em tudo. **Mas esse crescimento tem qual propósito?** De você mostrar para o mundo mais do caráter de Cristo, você levar isso para as pessoas, converter pessoas, levar o conhecimento ali para as pessoas, alcançar mais pessoas... **Você considera que isso seria uma forma de evangelização?** Sim, de certa forma sim, porque você sendo diferente automaticamente as pessoas vão olhar e vão falar assim: *“Meu Deus do céu, porque ela é tão diferente”*? *“O que essa mulher tem que ela tem essa diferença”*? Isso gera uma curiosidade. Porque várias pessoas, perguntam muitas vezes: *“Nossa! Você passou por tantas coisas, você tem alguma coisa diferente”*? Sim, eu tenho um Deus na minha vida! Mas que Deus é esse que eu não conheço? Eu não agiria assim! Mas o Deus que vive em mim me faz agir assim.

**Que tantas coisas foram essas que você passou?**

Passei por uma traição, divórcio, da perda repentina dos meus pais [morreram num espaço de 75 dias um do outro]. Aí as pessoas acham assim que: *“Nossa! Você ficou em pé”*! Não é que eu fiquei em pé, eu tenho um Deus que me sustenta. Eu caí, mas ele me levantou todos os dias, assim como ele continua me levantando todos os dias, entendeu? Isso é uma forma de você mostrar o Deus que você..., o Deus que eu tenho na minha vida! Não é que... eu precisei: o pastor me atendeu na minha casa com a esposa dele e isso é uma comunidade que te assiste, são orações que várias pessoas os mem...[bros], a igreja orou, entendeu? Isso é assistência, isso é comunhão, isso é a família da igreja me assistindo como família, entendeu? Porque no momento eu não tinha mais uma família, meus pais, meu marido, tudo eu tinha família da igreja, me assistindo. Então isso é uma forma de... isso é, como eu diria?, isso é um exemplo, não seria essa a palavra, seria um seria um testemunho, testemunho de Deus refletindo o caráter de Cristo para o mundo, entendeu? Pera aí! Isso é uma vida diferente, né? Tem a medicina que ajuda com o remédio [e tudo - *pouco audível*], mas tem uma religião, tem um Deus, é uma coisa diferente, entendeu?

**Fazendo um diagnóstico, o que você acha que falta na nossa igreja?** Mais amor! **O que seria mais amor para você?** União, mais ligação, mais visita, mais oração

de casa em casa, de ligar mesmo, sabe? De um pouquinho mais de se importar, um pouquinho mais humano, mesmo menos internet, mais humano; é uns 20 anos atrás, é 15 anos atrás. Hoje... hoje, eu por exemplo, eu tenho muito mais atribuições, é... muito menos tempo para algumas coisas, né?, porque me foram atribuídas mais responsabilidades, exatamente, porque a gente, né?,... que você passa por mudanças que geram mais responsabilidades, né? E elas tiram mais tempo, né?, te tomam mais tempo. Então, hoje, você falar assim que: “*Você tem um tempo para visita*”? É uma coisa um pouquinho mais complicada, mas você consegue tempo; você faz! Basta que você administre melhor. Então, só que eu tenho um tempo mais curto, e eu tenho um pouco mais de cansado, né? Então, isso daí eu ainda não consigo administrar muito bem, devido a esse monte de turbulência que eu passei. Então, acho que talvez falta um pouquinho mais. Talvez é uma falha minha e eu transponho isso pra igreja, mas eu acho que falta um pouquinho, né? Mas como são talentos que não é distribuída da mesma forma para todos, né? Talvez seja dessa forma, né?

**E como é..., tentando voltar um pouquinho atrás, você falou de suas filhas. Qual a idade delas? Doze e Vinte. As duas moram com você? Não! A de 20 já mora em Vitória, vai fazer quatro anos que tá lá. E a de 12 mora comigo.**

**Como é que você consegue administrar essa situação tempo, mulher, empresária, dona de casa, mãe com uma filha dentro de casa e uma filha morando a 70 km de você numa capital? Aí é um pouquinho confuso, mas dá um jeito [risos]. Uma hora tá aqui, uma ora tá em Vitória, 12 horas no comércio, dar um pulinho, escapole vem para casa 20 minutinhos, fica com a mais nova, e vai sim vai levando, vai administrando mais ou menos desse jeito... num tem jeito [risos].**

**Só uma pergunta mais chata, sua idade? Quarenta.**

<b>Data:</b> 16/01/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> LSS	<b>Idade:</b> 20
<b>Profissão:</b> Estudante de medicina	<b>7/31</b>

**Vamos lá então. Primeira pergunta, quais são os problemas, as dificuldades, que você como cristã enfrenta no mundo? Na Sociedade?**

Primeiro, nessa área assim mais de jovem, de faculdade: festas, bebidas, drogas, é... brigas, né?, que, às vezes, você se estressa com faculdade, não sei o quê, você tem que pensar muito bem, né?, com as amigadas para não dar aquela resposta feia, né? Brigar, então tem que ter bastante calma. É...pessoas tentando, digamos que, te tirar do sério, para ver a sua reação, sabe? É bem complicado!

**Você estuda o quê?** Eu? Medicina.

**Tá, mas o que você enfrenta? Na sua vida? Quais são as dificuldades de sua vida, sentimento, família? Essas coisas.**

Minha família, assim, eu, mamãe e Laura, e meus tios é bem tranquilo, sabe? Mas assim, da família do papai é muita fofoca e sempre aquelas intrigas, e tem que respirar bem fundo, também, contar até 1000 para não dar “respostão”... pensar direito se vale a pena, se é melhor ficar quieto..., mas o resto não é que é problema assim.

**Então, é mais o que você enfrenta dentro da faculdade. Esses...**

Cola! Porque eu fiquei... eu reprovei em anatomia porque eu não colava. O pessoal passava com cola..., muita cola, aí é complicado

**Por que você não colava?**

Porque não! Sei lá! Eu me sentia meio assim: “Caraca! Não tá certo! Pera aí, se eu não sei, eu não sei, né”?

**Mas você acha que a sua fé tem alguma implicação nisso?**

Com certeza! **Como?** Sempre fui criada com essas coisas, sabe, de não forjar as coisas, tipo: “vou forjar que eu sei essa resposta”. Vou pedir para alguém, pedir cola para alguém, sabe? Complicado né!?

**Qual a sua idade? 20. Tá, e a sua fé te ajuda a enfrentar essas dificuldades, como?**

Pelo fato, principalmente, de... das consequências. Se eu agir impulsivamente, sabe?, aí eu penso nas consequências, aí penso assim Jesus

falando, assim, um anjinho assim, digamos: “Será que tá certo isso? Será que tem que fazer isso? Será que isso vai te trazer alguma coisa de bom? Influencia bastante!

**E a igreja? Pensando, assim, igreja enquanto comunidade de celebração, os cultos, os estudos bíblicos, a escola dominical, reunião de oração, como é que isso tem influência na sua vida?**

É te chama a atenção, né? Às vezes, você sabe as coisas, mas, às vezes, você vai esquecendo um pouco, né?, sei lá... é bom para renovar, entendeu?... o entendimento, renovar a fé, renovar no que você acredita, entendeu?... tipo: tem que amar o próximo, orar pelos seus inimigos, aí, às vezes o negócio é complicado, né? Mas é bom, você ser lembrado disso, igual ontem mesmo, né?, na pregação: Tem orar pelos os seus inimigos, é bem complicado. **Dá vontade de quebrar os dentes!**<sup>1282</sup> Dá vontade de arrastar a cara no asfalto... não consigo!

**O que seria para você Igreja? Como você vê a sua igreja? O que que é igreja para você?**

Igreja é quando as pessoas se reúnem, em nome de Deus, é... vão estudar a palavra de Deus, vamos cantar louvores, entendeu? Tanto pode ser na igreja mesmo, no templo, quanto ir na casa de alguém, chamar mais pessoas e fazer um culto ali mesmo. **Então, igreja não é espaço físico para você? Não! Igreja são pessoas?** Tanto, por exemplo, se acontecesse alguma coisa – Deus me livre! – mas, acontecesse alguma coisa no templo, assim, que tiver que fazer fora, o culto..., se reformar, entendeu?, aí faz em outro lugar. Acho que espaço físico não conta muito.

**O que conta são as pessoas? É.**

**E para você, o que seria o mundo?**

Uma “doidera”! **Por que?** Porque... acho que, é engraçado que a medida que você vai crescendo, amadurecendo, vivendo outras coisas, outros ambientes, você vai vendo que é tudo contorcido, você vê que é tudo errado! Você vai vendo ali, é corrupção, é... o pessoal dando, digamos..., forjando, de novo, forjando uma coisa, sei lá, imposto, sabe? Ou deixando de pagar alguma coisa, ou, é... aquelas leis que se contradizem; o pessoal vai inventando mais leis ainda para tentar tapar os

<sup>1282</sup> A pregação a que a entrevistada se refere foi baseada na exposição do Salmo 3. “Quebrar os dentes se refere ao versículo 7, que diz: “*Levanta-te, Senhor! Salva-me, Deus meu! Pois tu feres no queixo todos os meus inimigos; quebras os dentes aos ímpios*”.

buracos. Mas só que, no final das contas, isso não dá em nada, né? Porque, sei lá, o pessoal é muito...muito falso, muito mentiroso.

**Quando você olha para seus colegas de faculdade que não são cristãos ou, se são cristãos, são cristãos nominais, você percebe alguma diferença na sua vida, na sua prática da vida deles?**

Assim, alguns, né? Porque tem uns que são pessoas boas. **Então, há algum bem no mundo?** Algumas pessoas sim! Não dá condenar tudo! Vou explodir isso aqui! Tem umas pessoas de bom coração sim!

**E se a gente tivesse que fazer uma comparação entre igreja e mundo, como é que você faria análise? Como é que você compararia igreja e mundo? Como algo conflitante, como algo que se aproxima? Que se aproxima, não. Porque?** Porque não! Porque... digamos que a gente colocaria o mundo como o Pacman e a igreja como a comidinha do Pacman. **Você acha que o mundo como Pacman vai...?** Vai tentando destruir! Vai lá! Vai tentando englobar aquilo para destruir com isso. **Você acha que a ideia do mundo é destruir o Corpo de Cristo?** É! É isso que eu percebo.

**Você nasceu de um lar presbiteriano ou você veio de uma outra igreja?**

Presbiteriana. Fui batizada na igreja presbiteriana. Desde de sempre frequento a igreja presbiteriana. **Sua família também?** Sim!

**Última pergunta. O que você sente falta na nossa igreja?**

Mais proximidade entre as pessoas, sabe? Aquela confraternização, aquele...sei lá, aquele abraço! Sabe? **Comunhão?** Comunhão, isso!

<b>Data:</b> 13/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> AF	<b>Idade:</b> 68
<b>Profissão:</b> Bancário Aposentado	<b>8/31</b>

**Começemos então. É... quais são os problemas, as dificuldades, que você enfrenta no seu dia-a-dia? Quais são as suas lutas pessoais?** As minhas lutas pessoais..., eu, graças a Deus, a grande dificuldade que eu passei e tô vencendo é o problema de saúde. O que você tem? Eu tive um PSA alto e aí fiz a biópsia, acusou um câncer, né? Mas no início eu senti um baque. Na hora que veio a notícia, né? mas após isso, juntamente com a minha esposa, né?, a gente orando, aí vem a tranquilidade, veio assim aquele: “Vamos confiar em Deus e ele abrirá portas para que haja uma solução”. Se for necessário submeter a cirurgia, tudo seja feita à vontade dele. Então, quanto as parte... outras partes, tanto da parte do convívio conjugal, muito bom! Excelente! Nós convivemos muito em harmonia, né? Sempre procurando um, muita das vezes, a gente cede um pouco, né?, mas sempre procurar entender o outro. E na parte financeira, graças a Deus, é... sempre com a dificuldade que a gente tem financeira como aposentado, é, muito tempo, né?, passamos por dois anos sem ter nada de reajuste, e sempre minha esposa dizendo: “Nós vamos viver de acordo com que ganhamos”. E sempre foi muito controlada. No entanto, não faço nada para pagar juros, né? Que eu acho que juros está tirando do meu salário, né? Então, quanto a parte financeira é muito controlada, porque ela [a esposa] me ajuda.

**Vocês estão casados a quanto tempo? É... são 12 anos.**

**No caso você trabalhava com o quê antes?** Antes eu era bancário. Trabalhei e me aposentei como bancário, né?. A última profissão.

**Você estava dizendo sobre o problema de enfermidade que você atravessou. Você e sua esposa oraram muito. Você deve... você entende que a oração tem que papel em sua vida? Tem um papel importante? Sim ou não?** Eu sinto que a oração, no meu ponto de vista, no meu ponto de vista, é um elo que a gente tem entre nós e o nosso Pai, né? Onde ele nos dá... a gente descarrega tudo aquilo que a gente tem, não só quando chega o problema, mas no dia-a-dia, nos momentos de fraqueza, de pecado, a gente volta aquela consciência e ele... a gente sente que através desse contato que é oração, esse conversar com ele, nos revigora, nos dá confiança, nos dá também uma abertura para que a gente vença também as tentações que o mundo nos oferece no futuro. Então, se a gente falha aqui, e a gente falha constantemente, mas através depois da conversa com Deus, a gente ver que dá uma abertura na gente que refaz todo nosso ser e é uma confiança muito grande e através dessa confiança é que a gente se sente, é... leve, né? Leve a culpa, né? Porque a gente joga nas mãos deles, né?, aquilo que a gente errou.

**E nesses seus enfrentamentos, também na sua vida pessoal. O quê que a igreja tem te ajudado? Como é que a igreja influencia sua vida? E a sua vida dentro da igreja influencia a sua vida?** Eu sinto igual nós temos, muita das vezes, a gente... eu converso muito com R., né?, e a gente e aqueles momentos que a gente

vai à igreja que a gente vê lá 10% da membresia ali presente, aí pode bater da gente... dentro da gente desânimo. Mas eu sinto que igreja como um todo, mesmo com pequena quantidade de irmão, a gente indo lá tendo 5, 10 é re..., também a gente refaz, porque a comunhão com os irmãos é... e você indo são momentos que você tá ouvindo uma lição, uma passagem bíblica, aquilo ali está refazendo sua vida espiritual, você tá se enriquecendo. Então, você além da comunhão com os irmãos, que nos fortalece muito, a comunhão com Deus é muito mais e ela se torna muito importante. Então, eu acho que o dia que, o dia que eu fico em casa e deixo de ir à igreja, eu sinto... então, me sinto muito realizado. E sempre com... eu chego até comentar com o pastor ou com alguém, a gente muitas vezes, num sermão, a gente não vai captar 80% do sermão, mas se captar, por exemplo, 2% já nos santifica muito.

**É... como... o que você entende como comunhão entre os irmãos?**

Comunhão é você se entregar, é você estar juntos, né?, se unindo um ao outro, comungando a mesma fé, né?, no mesmo pensamento. A gente sente que há irmãos que tem uma natureza diferente da gente; a gente procura superar e aquela... aquele momento que você estar junto você... você beneficia o irmão e você beneficiado muito mais. **Beneficia em que sentido?** No enriquecimento de santificação, né?, de aprendizado, em tudo, né? **E a comunhão com Deus, o que é comunhão com Deus?** A comunhão com Deus é você também, é como eu disse, você está em oração com Deus você está em comunhão com ele, né?, você está se entregando a ele, sendo submisso a ele, sendo também, como eu disse, submissão é você pedir auxílio a ele porque você não é nada sem ele. Então, eu acho que isso aí é um ato de comunhão com ele. **E o estudo da Bíblia, qual é a importância dele na comunhão com Deus? Qual é a importância do estudo da Bíblia na comunhão com Deus, para você?** O estudo da Bíblia... é que cada dia que você lê um texto você se renova cada vez. Num dia você tem uma lição num versículo, no outro dia ele vai te dar argumento para você crescer, se santificar, estando mais perto dele, né? Porque através da Bíblia, através dos mandamentos é que você aprende a grandeza dele e aprende obedecê-lo, né? Só através da Bíblia.

**E nesta questão de você aprender da palavra de Deus, também viver uma vida de oração, em comunhão com os irmãos e em comunhão com Deus, e a igreja ocupa que papel? E aí eu vou fazer outra pergunta: O que você entende como igreja? O que é igreja para você também? Então são duas perguntas: primeiro, qual a importância disso para na sua vida? A igreja a importância dela? E o quê que é a igreja para você?** Igreja é um ponto fundamental na minha vida, né?, porque eu acho que... eu já vivenciei longe da igreja no mundo, e me

reconciliei, reconciliei com Deus e automaticamente com a igreja, né? Ela... pois é através dela que eu vou aprender, né? Eu, sendo igreja, né?, um elo é da igreja também, né? eu sinto que ela é fundamental na minha vida.

**Você disse que você é elo da igreja, por que? Igreja é...** É um conjunto de pessoas, né?, que ali você se congrega, né? E você, através dessa momentos de congregação, de estar junto ali, né?, você está procurando a se santificar a cada dia mais. Só através dela. É por isso que eu acho que as coisas deste mundo não substitui a igreja. **Você disse que teve um tempo fora da igreja. Você sempre foi presbiteriano? Fui. Mas você teve afastado da vida comunitária por um tempo, é isso?** Isso. Tive uns anos fora da igreja né? e me, depois disso, né?, eu me, cair por terra, né?, e vi através de uma... de momentos, né?, que estava me entregando ao pecado integralmente, né?, e aí o Espírito Santo veio, vi, sei que é, tenho certeza que foi o Espírito Santo que me tocou... me tocou e através disso eu fui voltando pra igreja, fui voltando e depois completou mais ainda, porque eu achei... encontrei R-L dentro da igreja, né?, presbiteriana também.

**É você falou sobre a sua experiência no mundo. Em poucas palavras, o que é o mundo para você? Quando você fala o mundo, o que é o mundo para você?** O mundo, acho que, o mundo nos oferece coisas passageiras; acho que você ali são coisas, né?, que aquilo que eu disse, passageiras. Então, se você se entregar ao mundo é degradação total do ser humano, né?, porque você vai lá embaixo e a consequência do mundo é morte. **Então você acha que o mundo é, aquela fala de Joao, jaz no maligno? É, isso. E ele só orienta para mal?** Para o mal, cada vez que vai se aprofundando mais, uma coisa puxa a outra. O álcool puxa a droga, o álcool puxa a prostituição, o álcool puxa também a inimizade das pessoas, porque você muda de temperamento, né? Então, o mundo só te leva para o poço mesmo. **Então, se você pudesse definir para a gente, no seu modo de pensar, estabelecer a relação entre igreja e mundo, como é que você definiria isso?** A igreja nos traz paz. Paz na confiança que Deus nos promete e essa paz, que ele nos promete nas coisas mínimas que a gente tem no dia a dia, se você procurar se refletir e ver que essa paz vem através da comunhão que você igreja te induz a este caminho. Mas o mundo, o mundo é aquilo que eu falei, que realmente são coisas lindas, mas tudo ali não é duradouro. Aquela amizade que você diz que tem lá no mundo, você sente que se você tiver dinheiro você tem aquela amizade, mas..., se você tiver posição

social que tem que amizade, mas a partir do momento que você perde o dinheiro ou a posição social, você perde também essa paz, né?, que... aquela alegria que você tem lá no mundo. **A igreja pode se relacionar com o mundo?** É... no meu ponto de vista é aquilo que a própria Bíblia diz : “todas as coisa me são licitas, mas nem todas me convém” [1Co 6,12-13], né? Eu acho que o papel fundamental da igreja é estar no mundo, né? **Estar no mundo como?** Procurando mudar o mundo você, para estar ali, procurando alertar, procurando anunciar as Boas Novas, né?, porque é a nossa missão, né? Você, através do seu exemplo, você dizer: “Deus me ama e é por isso que eu sou assim”. **Então você acha que a relação com o mundo se dá pela evangelização?** É! você tem que tá... é que você participa lá no mundo, está no meio lá, mas você... você não se entrega as ações no mundo, né?

**Você usou uma palavra várias vezes que é santificação. O que significa santificação?** A santificação..., eu me sinto na parte espiritual é a condição do homem estar mais próximo a Deus, né?, porque sem ela nós não conseguimos chegar a ele [Hb 12,14], né? Então, é você estar puro, você procurar estar, é..., conduzindo a sua vida para não se entregar ao pecado, né? Então, a santificação é..., só através dela que a gente se chega a Deus, né?

**E..., olhando para a nossa igreja, o que você sente falta na nossa igreja? O que poderia realizar para melhorar? É..., melhorar..., melhorar o seu relacionamento com o mundo, para melhorar essa ação evangelizadora? O quê que você sente falta na nossa igreja? O que a nossa igreja poderia dar mais atenção?** Não é só na nossa igreja. A gente hoje sente é... as igrejas evangélicas é, né?, principalmente, o mundo está requerendo do ser humano, né?, muitas atividades que você não está se valorizando ao trabalho da igreja. o que a gente precisa, o que eu sinto na nossa igreja é mais compromisso, né? De cada irmão de assumir realmente a nossa missão, né?, de sermos um cimento mão de Deus. Então você... a única coisa que eu sinto, né?, e que a gente ora, coloca nas mãos de Deus, mas..., a gente sente uma dificuldade muito grande de..., de se realizar essa vontade da gente; é ver, é..., a posição dos nossos irmãos e sentir a alegria de ir a igreja, de estar participando, né? que a gente sente muito, né?, que, muitas das vezes, nosso pastor prepara muito, né?, e não há dedicação dos irmão para valorizar aquilo que ele prepara e entrega para nós, né? A gente sente a ausência daqueles, né?, que deveriam estar e não estão. **A sua idade?** É 68 anos. **Então tá!** 1948.



<b>Data:</b> 13/02/2017	<b>Gênero:</b> f
<b>Nome:</b> RLOF	<b>Idade:</b> 52
<b>Profissão:</b> Dona-de-casa	<b>9/31</b>

**Então, vamos pensar algumas coisas juntos. Como cristã, quais são as suas dificuldades na vida? Quais são os problemas que você enfrenta? Quais são as suas lutas pessoais?** Complicado, né?, porque... isso é do dia a dia, né? Como cristã, eu creio plenamente que Deus o Senhor, que Deus é soberano, que ele cuida de mim todo tempo. Então, lutas eu sei que eu vou ter todo dia. Então medo da circunstância eu não tenho, eu tenho medo do ser humano... [atendendo o telefone]. [Atendido o telefone]. **Você dizia que você tem medo é do ser humano?** Do ser humano, porque é... inesperado, né?, atitudes, comportamentos... Então, medo que eu tenho é este, mas eu não tenho. Na vida cristã, como cristã eu confio em Deus.

**E nessa confiança em Deus, que te garante esse consolo na sua vida, o que a igreja..., qual é a participação da igreja nisso?** Ah... é fundamental, né? **Por quê?** Porque a igreja é..., ela preenche, às vezes, uma mensagem, companheirismo, né?, amizade, o amor pelos irmãos, isso complementa, né? **Então você diria que... então, a mensagem, é... comunhão, isso é o refle... você diria que é isso que a igreja te ajuda?** Ajuda! **Pelo ensino da Palavra?** Ensino da Palavra, comunhão com os irmãos, né? É... porque em casa eu leio a palavra, eu leio a Bíblia, eu oro, tenho minha vida devocional, né? Mas, na igreja, às vezes, a gente tem uma dúvida que lê a Bíblia e que, às vezes, a gente não entende da forma que deveria ser entendida. Aí através de uma palavra do pastor, uma mensagem a gente abre um leque... e compreende melhor, né?

**E para você, o que então seria a igreja? Se você pudesse definir igreja pra nós, o quê que seria?** Igreja não são as quatro paredes, né?, igreja são as pessoas que ali estão e a vida... é que a gente comunga, né?, essa comunhão, o partir do pão ali, né?, que para mim é igreja. A mesma fé, o mesmo amor, né?, que a gente vive, que a gente compartilha, né?, uns com os outros! A palavra de Deus, o amor de Deus, né? Essa... é interessante que quando o A. descobriu o câncer e que ele falou para a igreja..., então os irmãos começaram a orar, e sempre alguém pergunta e fala: “*Olha, estou orando por você*”, né? Então, isso é igreja, né? Isso é igreja, a gente sentir esse amor dos irmãos para conosco, isso é igreja. **O mais importante para você, então, na igreja é a comunhão?** A comunhão.

**Se a gente fosse pensar, e o mundo, o quê que você entende como o mundo?** A gente vive no mundo, né? [risos]. A gente tá no mundo, igreja tá no mundo. O mundo para mim é tudo isso que a gente vive, a gente vai, volta, vem, viaja, vai para lá, vem para cá e essa participação com amigos, com vizinhos, essa..., isso é um o mundo. **O mundo não é mau?** A Bíblia fala que o mundo jaz do maligno [1Jo 5,19], né? Mas o mundo em si, eu acho que não é mau não. Tem...tem as consequências da maldade, porque o mundo jaz no maligno [1Jo 5,19], né? Então, mas existem muitas pessoas estão boas ao nosso redor... as pessoas que convivem com a gente, a gente sabendo de escolher as pessoas pra convivência, a gente tem a vida boa e pode dizer que não é mal, o mundo não é mal.

**E então, como a igreja, então deveria se relacionar com o mundo? Já que a igreja está “no mundo”, como é que a igreja deveria se relacionar com o mundo?** Ah... eu acho que de forma mais... mais ampla, né? Participar mais, levar mais, estar mais próximo, porque, às vezes, eu não falo por mim, porque eu, às

vezes, não falo com o vizinho, com um amigo, com uma pessoa que tá próxima, às vezes, eu não falo do amor de Deus para com ele. Tem momentos que conversa, em situações que a gente não fala. Então, acho que a igreja deveria falar mais de Deus, né?, falar mais do amor de Deus pra essas pessoas que estão ao nosso redor, que às vezes a gente deixa de falar, deixa de testemunhar do amor de Deus.

**E testemunhar do amor de Deus, para você, significa também evangelizar? É...** porque a evangelização vem através da nossa... da nossa vida, não só falando, né?, através de palavras, mas também de gestos, ações é, às vezes, até mesmo em silêncio a gente testemunha, né? Até, às vezes sem falar nada, eu acho que, às vezes, a gente já testemunha.

**E para você, qual... quais são... qual a função principal das programações da sua igreja? Quando você olha para a escola dominical, culto dominical, os trabalhos da quarta-feira [reunião de oração e estudo bíblico], qual que é o centro daquilo para você?** A palavra de Deus, né? De conhecer, de aprender mais a palavra do Senhor. **Mas por que conhecer a palavra do Senhor é importante?** Porque ela para nós é o alimento do nosso dia a dia e sem ela a gente não vai conhecer Deus, como a gente precisa conhecer para viver nessa vida o que a gente chama de vida cristocêntrica, né?

**Para gente encerrar então. Ah... antes disso, deixa eu te perguntar. Você sempre foi presbiteriana? Sempre. Sua família, então, é presbiteriana?** Presbiteriana. Minha mãe sempre foi presbiteriana. Eu passei um período na Igreja Cristã, na Casa de Oração,<sup>1283</sup> porque o meu pai era da Casa de Oração, e aí ele queria muito que a gente fosse com ele para igreja, Aí passamos a ir, minha mãe e todo mundo. Porque minha mãe ia para a presbiteriana e ele para Casa de Oração, então ficava dividido. Aí fomos, mas ele saiu da igreja, deixou de ir, aí eu voltei para a Igreja Presbiteriana e minha mãe também.

**Dentro da nossa igreja, o que você sente falta? O que... como é que nossa igreja poderia ser mais atuante? Como é que a nossa igreja poderia, talvez, até te ajudar melhor a viver a sua vida cristã?** Aqui a igreja em Santa Teresa? **Em Santa Teresa!** Difícil... difícil responder essa pergunta. **Por quê?** Como poderia me ajudar a viver? Não! **Tem alguma coisa que você acha que falta na nossa igreja?** Eu acho que falta mais companheirismo, mais união, ma... assim, aquela unidade, né?, todos no mesmo objetivo de tá... porque não tem..., às vezes, eu sinto que não tem amor verdadeiro, amor verdadeiro eu acho que não tem. Eu acho que é mais fingido do que verdadeiro. Então, às vezes, eu sinto que as pessoas que procuram agradar, mas não é sincero. **Ok. Mal pergunte, sua idade?** 52. **Obrigado!**

<sup>1283</sup> Igreja Cristã/Casa de Oração é uma denominação congregacional de origem inglesa.

<b>Data:</b> 14/02/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> LPB	<b>Idade:</b> 16
<b>Profissão:</b> Estudante EM	<b>10/31</b>

**Ok! Você como uma garota Cristã, Quais são os problemas que você enfrenta no seu dia a dia? Pelo fato de você ser cristã, o que você tem dificuldade na sua vida?** Ah... dificuldades eu acho, às vezes, quando ocorrem enfrentamentos, principalmente de pessoas do meu meio social, com algumas razões, principalmente, da atualidade, que envolvem pessoas que se dizem “evangélicas”, mas que não verdade não são tão quanto, principalmente aquelas que estão na mídia, né? E talvez debates com alguns professores da minha escola, que não seguem a mesma fé que eu (0’ 48”) e que muitas vezes nas aulas não falam coisas que eu concordo, que muitas vezes eu não me sinto na vontade de rebater, porque eu sei que vai ser uma discussão. Então, às vezes, eu vejo isso como um problema, Mas, eu acho que, assim, é... problemas que eu mais vejo, olhando a minha vida, são esses que eu enfrento muito assim, na questão nas redes com os meus amigos, né?, e no ambiente escolar, algumas coisas.

**Você acha que a fé cristã é algo difícil de ser entendida ou difícil de ser vivida por você?** Eu não acho que ela é difícil de ser entendida, mas muitas vezes as pessoas veem um tipo de fé cristã, principalmente na mídia, que não... é... não é a mesma que eu prego, que a gente prega, né? Então, às vezes elas fazem um modelo errado. Então, às vezes, quando elas veem a nossa fé mesmo, vivida. elas ficam espantadas, tipo” “Nossa eu achei que era diferente as coisas”! Assim, entendeu?

**Como você, então, eu diria que é a fé que você vive, descreva a sua fé em..., do jeito que achar melhor, eu ia falar em rápidas palavras, mas do jeito que você acha melhor, descreva a sua fé!** Descrever a minha fé...? **É! Como é que é essa fé que você vive?... Diferente dessa fé da mídia! Como é que você diria isso?** É... eu acho que a fé que eu vivo e que eu vivencio mostra que eu sou diferente das outras pessoas, que eu sou separada, escolhida, mas não me colocando numa posição melhor do que os outros, uma posição até de igualdade ou de pior, porque todo mundo, na verdade, é pecador. E eu acho que é uma fé que transborda muito amor, porque ultimamente a fé que eles colocam na mídia é uma fé que invés de aproximar as pessoas elas estão afastando... a fé que eles mostram, né?, tá afastando cada vez mais. É... então, eu acho que é isso, tipo, mas baseada é... no amor, né?, mas também que não me mostra que eu sou diferente de ninguém, que eu sou melhor ou pior que ninguém.

**Você acha que essa fé da mídia, exposta na mídia, é uma fé que gera preconceito? Com certeza! Também poderia gerar conflito com outros grupos religiosos, ideológicos?** Acho! Eu já escutei pessoas baseados, citando pessoas que se dizem evangélicas na mídia, é... comentários de pessoas criticando mesmo, assim, falando mal, mesmo, perguntando: “Que tipo de fé é essa que as pessoas pregam, que não conseguem amar o próximo, só porque ele é diferente da gente no caso”?

**Aonde você aprendeu essa sua fé?** Eu acho que a base mesmo dessa fé... eu acho que eu aprendi muito com a minha família, né?, mas também muitas coisas eu acho que eu aprendi na igreja, mas também com o meu meio social com os irmãos da igreja não dentro do templo, dentro do templo, mesmo, mas às vezes, é... em conversas ou encontros fora, entendeu? Eu acho que foi uma construção, com

certeza minha também lendo a Palavra, orando, essas coisas, assim. Mas eu acho que se eu fosse juntar três elementos, três a quatro elementos assim, talvez a minha família, né?, a minha família de sangue, mas também a minha família da igreja, né?, e também tudo o que eu fui aprendendo com o tempo principalmente na “escolinha” dominical. 4’44”

**Deixa-me perguntar. Quando você fala igreja o que você entende? O que é igreja para você?** Pra mim... **Você disse que igreja é família, o que mais é a igreja para você?** Eu vejo que, igreja pra mim, não é simplesmente aquelas quatro paredes, né?, do templo, mas eu vejo que são um conjunto de pessoas que estão num local, é... juntas que pregam, né?, que tem o mesmo desejo e que uma ajuda a outra, uma compartilhar a outra, né? Eu vejo que é uma família na verdade, né? Que não necessariamente de sangue, mas que um conhece o outro, um ajuda o outro.

**Mas prega o quê? Qual é a pregação da igreja?** Ela prega... a igreja ela vai pregar é... o Senhor, Jesus Cristo, que a gente confia, né?, nele, que ele é o nosso salvador e que ele morreu por nós. E aí através de que a gente vai pegar é... a mudança que a gente tem em nossa vida diferente das pessoas que não acreditam nisso ou que pelo menos fingem que acreditam nisso e tentar mostrar como que é a vida é diferente quando a gente aceita Jesus Cristo.

**Mas por que a nossa vida muda quando nós recebemos Jesus Cristo como senhor da nossa... da nossa vida?** Por que... não que a vida não ficar mais fácil, mas diante dos problemas, de todas as situações do cotidiano, eu tenho a certeza de que eu tenho um pai, né?, posso dizer, um pai que é Jesus Cristo, que ele vai zelar para mim, que ele vai me ajudar nas dificuldades. Então, muitas vezes quando eu encontro uma dificuldade, eu encontrei um problema, eu sei que eu vou ter alguém para firmar, alguém que vai me ajudar. Mas também, eu acho que em outros... em outros aspectos também; é... a partir do momento que eu creio em Jesus Cristo, que eu começo a ir a alguma igreja, né?, que eu... eu... tipo assim, uma igreja, eu ganho uma família a mais. como foi a família que eu ganhei lá dentro. Então, você ganha com uma confiança, você sa... tem certeza que no final vai dar tudo certo, mas também se não der, ele vai... Jesus vai tá lá por nós, e você também vai ganhar pessoas que te amam.

**Mas Jesus é Pai?** Sim! Ele... eu aprendi que Jesus Cristo, Deus na Trindade, ele... ele é pai, ele... ele cuida de mim e ele me tem como filha. **Mas Jesus é Pai, é Filho ou é o Espírito Santo? Se é Trindade, como é que Jesus fica nessa construção, então? Respira... e...** Ah...então, acho que de uma forma melhor, vou colocar Deus então, Deus é pai, né?, porque ele me amou que mandou o seu filho Jesus por mim, né?, para morrer por mim. **E o Espírito Santo nessa conversa?** [risos da entrevistada] Eu acho que ele tá junto, mas, ele é... como vou explicar? É eu vejo que quando a gente vai falar, assim, do Espírito Santo, de Jesus e de Deus, é... eu vejo que as pessoas, elas..., não é que elas dividem, mas eu sempre aprendi assim, sempre escutei assim, sempre acreditei assim, que tem a Trindade mas que o Espírito Santo sempre vai ser aquela... aquele que vai tocar no meu coração. No caso, eu sempre escutei, o Espírito Santo de Deus tocou em mim e eu vi, por exemplo, um exemplo, né? o Espírito Santo de Deus tocou em mim e vi aquilo que era certo e que aquilo era errado. Então eu acho que... eu não consigo muito assim, é... separar os três... eu sempre vejo como um conjunto. Mas que cada um... eu não sei assim falar se função delimita muito, mas cada um tem o seu papelzinho lá dentro, mas que no final é um conjunto.

**É... você falou “lá dentro da igreja” e fora da igreja o que você tem? o quê que existe fora da igreja?** Como assim!?! **Você falou: Lá dentro da igreja eu tenho**

**uma família”. E fora da igreja?** Ah tá! Fora da igreja eu também tenho a minha família, né?, eu também tenho os meus amigos, , né?, é...minha escola, meu ambiente social. É...minha família fora da igreja, a gente tem nossas, é... nossos desentendimentos, nossas brigas, mas também no final tudo acaba bem [risos]. A gente sempre procura fazer culto doméstico, quando alguma situação não tá bem, minha mãe sempre chama a gente no quarto para orar, para chorar, para falar mesmo. Dentro do meu ambiente escolar, todo mundo tem ciência de que eu sou cristã, minhas atitudes mostram isso, ou mesmo em conversas assim. E eu também sempre tento mostrar que a fé que eu prego é um pouco diferente dessa fé que eles estão acostumados a ver assim, por exemplo, na televisão.

**E o mundo. O que é o mundo para você?** Olha, eu vejo que talvez é... posso dividir em duas, por exemplo, primeiro, quando alguém fala muito comigo, eu logo lembro do conjunto de tudo, assim, de todas as pessoas que vivem aqui, todo mundo, todos... os conjuntos das pessoas, de cultura, das ideias. Mas também eu lembro um pouco da parte que o mundo é... são aqueles, são, é..., são as pessoas que não aceitaram Jesus Cristo, aquelas pessoas que ainda estão na escuridão, aonde ainda reina o pecado, onde elas ainda não entenderam, né? Mas também é... é o conjunto de tudo, eu vejo assim, principalmente dessas pessoas. E aí vão haver confusões, violências, essas coisas assim. Então, eu vejo duas formas dependendo do contexto, vamos dizer.

**E como a igreja deve se relacionar com o mundo, para você? Já que esse mundo, para você, tem a sociedade, a cultura, para você, mas por outro lado também tem aquele grupo de pessoas e coisas que são contrárias a Deus? Como é que ficaria isso?** Eu acho que a igreja, ela tem que entrar no mundo, mas não o mundo entrar na igreja. eu acho que um papel muito importante da igreja é..., nesse mundo, assim, levando a parte das pessoas que não acreditam em Deus, nesse mundo entre aspas “Sombrio”, é levar a luz e tenta mostrar o caminho correto, a direção certa a seguir, tanto nas atitudes, tanto é...é no...no falar, tanto no evangelizar, tanto no chamar para ir à igreja, mas eu acho que principalmente nas atitudes, entendeu?, porque eu vejo que a igreja ela no conjunto, mas eu sozinha também eu sou a igreja, porque eu também represento a igreja quando eu tô sozinha.

**Nesse caso, então, você entende que a igreja precisa de evangelizar. O quê que é evangelizar para você?** Eu acho que é levar o evangelho aquelas pessoas que não tem o conhecimento ou se tem conhecimento e tiveram conhecimento, assim, um pouco equivocado porque realmente é. Aí existem, pra mim, vários métodos de eu fazer isso eu posso simplesmente evangelizar com as minhas atitudes, mas eu também posso criar um projeto de sair nas ruas, né?, ou eu posso fazer um evangelização nas redes sociais, assim, né? Mas acho que o centro da ideia é levar ao evangelho a aquelas pessoas que não têm conhecimento do evangelho. **E o que é o evangelho?** O que é o evangelho? Eu acho que é... é principalmente a palavra de Deus, né?, que é a Bíblia e todas as... as ideias entre aspas, todas, tudo aquilo que tem, né?, dentro do livro que a gente consegue ler e extrair para a nossa vida, todos os ensinamentos, todos os...os, é... todas... regras não, mas tudo que ela me ensina. Então, eu acho que o evangelho é tipo também um conjunto, né?, do que a gente vive de como a gente deve viver a nossa vida, de como é... isso também que mostra o amor de Deus por nós. Então eu acho que é, tipo, um conjunto.

**E como é que Deus revela o seu amor por nós?** Eu acho que quando falam, assim, como Deus revela seu amor por nós e a primeira coisa que vem na minha... na minha mente é a figura... num é bem figura, mas de Jesus na cruz. A primeira... a primeira coisa que vem, assim, é que ele entregou o filho por nós, né?, que não

merecíamos nada, nada mesmo. Então, eu acho que a primeira coisa que vem na minha cabeça é isso. Mas ele também revela o seu amor de várias formas, principalmente, no nosso cotidiano. E também na Bíblia que ele fala que sempre estaria com a gente, que ele nunca ia abandonar a gente. E que ele sempre ajuda, né?, em todas as nossas coisas que, tipo, do cotidiano. **Você já nasceu na igreja presbiteriana, né? Sim. Outra coisa. É... qual a importância das programações da igreja para você? Vamos chamar essas programações de ações evangelizadora: o culto do domingo, escola dominical, as reuniões de oração estudo. Como é que você... qual é a importância disso para você?** Eu acho que elas são de extrema importância porque, primeiramente, a gente vai, né?, na casa do Senhor e... mas também a gente aprende um pouco mais, né?, a... tipo assim, a escola dominical, os estudos bíblicos, o próprio nome já diz tudo, a gente vai pegar mesmo a Bíblia, a gente vai ler, é muito bom, porque a gente vai aprender a manusear, né?, o... a Bíblia. os cultos também, porque muitas vezes são... os sermões é... eles trazem... parece que o sermão foi feito pra gente, que o que a gente precisava ouvir naquele dia o pastor fala, né? E também eu acho que é o momento que a gente depois vai tá com o... os nossos irmãos. Então, é um momento onde a gente parece que fica mais próximo de Deus, não que em casa a gente não fique, mas o fato da gente tá lá, todo mundo junto, assim, vamos supor, que na mesma sintonia, ali orando com pessoas da minha a geração, levantando um clamor por uma causa, eu acho que é muito importante. Eu acho que é uma coisa que sustenta, que sempre sustenta a gente, e que vai sustentar a gente cada dia mais.

**Para finalizar. O quê que você acha que falta na nossa igreja?** O que falta na nossa igreja? **É!** Eu acho que falta muito amor, principalmente de um irmão com outro. E um irmão reconhecer que está errado que tem pecado. Eu vejo que tem muitas... muitas intrigas, muitas brigas. Então, eu acho que o que falta na nossa igreja é amor de um com os outros, da gente entender que a gente é corpo e que precisa permanecer unido. **Mas a igreja não se ama?** Ama, ama muito! Só que eu vejo que muitas vezes não é o amor de Cristo, é um amor, assim, eu vejo que é um amor muito raso, que precisa ser mais profundo. **Obrigado!**

<b>Data:</b> 18/02/2017	<b>Gênero:</b>
<b>Nome:</b> LBS	<b>Idade:</b> 18
<b>Profissão:</b> Estudante odontologia	<b>11/31</b>

**Vamos lá, então! Bom, entendendo que você é uma pessoa cristã, entendendo você é membro da igreja presbiteriana em Santa Teresa [barulho de tumulto] – estava fechando uma porta por causa do barulho - entendendo você é membro da igreja presbiteriana em Santa Teresa, uma mulher cristã, é... quais são os seus problemas do dia a dia? Como é que você enfrenta a sua vida? Quais são os desafios que você tem?** É... primeiro eu acho que o maior problema que eu enfrento no dia a dia é a questão da falta de tempo. Não que o dia seja curto, mas eu acho que a minha rotina acaba ocupando é... muito tempo, tipo, e eu às vezes, é... disperso, esqueço umas coisas, outras coisas e por causa disso, às vezes, eu acabo fazendo algo errado, pensando ao... ao tempo pensando algo errado, e... mas oh, eu acabo me corrigindo, eu até que me corrijo. E a questão por estar, na minha rotina, fazendo faculdade, é..., isso ocupa meu tempo.

**Como é que a sua rotina, então? Descreva um dia seu!** Vou te descrever o meu dia! Eu acordo por volta de 7:30 ou 8h. Tomo meu café, é estudo a parte teórica da matéria que cai na faculdade. É..., almoço e fico na faculdade de 13:20 às 10h da noite. **Você faz qual curso?** Odontologia. É... chegando em casa, eu chego já bem cansada, às vezes até mesmo estressada, isso também é um problema que me aflige, entendeu? É... acabo..., tomo meu banho, comendo alguma coisa, ainda, se eu tiver tempo ou se eu não tiver tão cansada, eu acabo revisando mais parte da matéria. E quando eu vou deitar, que eu paro para conversar com Deus. E eu acho que isso é um problema grande na minha rotina. **É... por que que só conversar com Deus e fazer suas orações à noite é um problema para você?** Porque eu acho que a gente deveria dar prioridade, acho que as coisas do mundo poderiam até ficar mais de lado, eu acho que a gente tem que ter Deus como princípio, entendeu? Até por meio de amor, de gratidão. Ele que te criou, você o ama, você tem que demonstrar, você tem que tirar mais tempo para demonstrar isso, e... essa questão. Tipo, eu acho... que eu queria mais tempo com Deus, entendeu? nessa questão de trabalhar, de estudar a Palavra, desses negócios. **É... você disse que numa de suas**

**perguntas, numa questão anterior que às vezes no dia-a-dia por conta da correria e tal, você faz algumas coisas erradas. O que você considera “coisas erradas”, por exemplo?** Como que é, que é muito estressante isso me dá muita dor de cabeça, me estressa e eu acaba brigando com as pessoas desnecessária, é...principalmente com a minha família, entendeu? Ai, chego na faculdade trato alguém mal, às vezes, e eu me sinto mal por isso, entendeu? Porque, acabo extravasando e acaba passando uma pessoa que eu não sou. E isso me deixa muito triste, mas é por causa que chega uma hora que você não aguenta. É tanta coisa em cima de você é uma pressão muito grande. É isso que eu acho que eu faço mais errado no dia a dia, na minha rotina na questão de aqui assim.

**Tá! Então vamos pensar aqui duas coisas. Primeiro você disse que o seu problema é tempo, colocar Deus não em primeiro... num lugar melhor no seu tempo, mas você consegue identificar algumas falhas no seu comportamento que, é..., que de alguma forma é negativa. Como é que a igreja, a sua fé te ajuda a entender essa realidade? A necessidade de você cuidar da sua vida devocional, mas também de lidar com seus amigos, seus parentes, sua mãe, seus avós dentro de um comportamento cristão?** Então, eu cresci, eu nasci na igreja, na verdade, desde quando eu nasci, eu já fui para a igreja. E esse tempo lá, com os estudos, com o culto, com... com convivência você consegue decifrar o que é certo errado, e eu consigo isso. Só que, às vezes, a gente é tão falho, tão miserável que isso ultrapassa e você acaba esquecendo, entendeu? Mas aí eu sempre tento voltar: “– *Olha L., você não aprendeu isso na igreja! Você aprendeu outra coisa! Então, para essas coisas, você tem que agir disso, disso e disso*”! Eu acho que eu consigo discernir as coisas, eu consigo ver: “– *Olha, você tá errada*”! Eu errei! O quê que eu tenho que fazer, porque eu errei. Então eu acho que essa questão é porque eu nasci, eu conheço e eu sei que eu tenho também passar isso pra os outros, por isso eu acho errado eu tratar os outros mal, entendeu? A pessoa... por mim, a pessoa olharia e falaria: “– *A L. é diferente, por isso, isso e isso*”! Entendeu? Então, eu acho que é essa a questão, entendeu? Porque eu prefiro que a pessoa me olhe e fale: “– *A L. é diferente, por causa disso, disso e disso*”! “*Ah! Ela foi criada na igreja, então ela sabe...*”! Eu queria conseguir passar “pros” outros para perceber como que é bom, entendeu? Porque eu me orgulho muito... muito de ter nascido na igreja.

A... você... A gente poderia chamar isso de testemunho. Você gostaria de testemunhar a sua fé, é isso? Ahã...! A... o que seria, então, esse testemunho de fé para você? O que seria essa diferença por você viver a vida... a sua vida orientada pela igreja? O que você aprendeu na igreja, melhor dizendo? Eu acho que, na verdade, eu queria que todo mundo tivesse nascido na igreja, na verdade, mas, como não pode, eu acho que o meu desejo seria passar isso “pros” outros. **Passar isso, o quê?** É... esse amor, esse conhecimento que eu tenho... **Conhecimento de quê?** De Cristo, como que é, porque, às vezes, a pessoa tem uma visão errada. Às vezes, a pessoa vê um negócio: “– Ah, Nossa! Crente! Não sei o quê”? Mas, tipo assim, eu queria passar essa imagem de: “*Gente, não é uma doença, isso! É um amor! Ele te criou! Você tem que ter gratidão! Você tem que ter isso*”! Eu queria muito passar, principalmente, para os meus colegas de faculdade, que são as pessoas que eu mais convivo durante todos os dias. E eu acho que é isso.

**Tá! E deixa eu te perguntar uma coisa: O que seria, então, igreja para você? Quando eu falo igreja, quando a gente tá falando aqui, na nossa conversa, igreja, o que vem na sua mente?** O quê que vem mais na igre... na minha mente? Logo quando fala em igreja eu já lembro pai e mãe! **Por quê?** Porque que eu lembro disso, porque eu me sinto acolhida, entendeu?, e eu sei que quando eu precisar de alguma coisa eu posso contar com o pessoal da igreja entendeu? Isso eu tenho essa sabedoria e se também precisar de alguma coisa pode conta... eu lembro de pai e mãe, porque a questão de comunhão, entendeu?, como a pessoa pode ser unida, como que você pode chegar para a pessoa e conversar, entendeu?, e se abrir. Eu acho que...que é isso! **Na comunidade onde você frequenta, você percebe que ali você tem uma família?** Sim, ãhã!

**E se a gente pensar em outra coisa. Você falou em viver no mundo, o que é o mundo para você? Como é que você entende o mundo?** O mundo eu entendo como se fosse... o mundo em si, falando... logo quando eu falo em mundo, eu lembro de coisas erradas, mas coisas, assim, não que você não vá, porque a gente vive aqui, então, a gente tem que se adaptar à várias coisas que...que o mundo trás, mas se adaptar de um jeito certo, conforme a Bíblia, claro! E eu lembro, quando fala de mundo, de...de pecado, de coisas erradas, não sei...! **Então é possível como cristã você viver no mundo? É! Como? Você já disse: se orientando nas Escrituras.** Isso, pela Bíblia! **Vamos pensar de forma bem prática, como a Bíblia te orienta viver no mundo? Por exemplo?** É como se fosse um manual. Mas

muitas vezes eu pego e não consigo entender direito, entendeu?, eu acho que tá aí o papel de membros da igreja, entendeu?, de explicar, o papel do pastor, o papel de presbítero, o papel de quem entende mais disso, o quê que eu posso buscar! Então, eu acho que é importante essa parte de igreja também pra você entender, entendeu?, porque se não fosse isso, eu muitas vezes, eu ia ler um texto e não ia saber o verdadeiro significado, às vezes, de questão de palavras, a questão de interpretação, entendeu? Essa questão!

**A... pensando nisso, no ensino, no aprendizado da sua fé, como é que você vê os, eu vou chamar aqui de Processos Evangelizadores, que é o culto dominical, a Escola Dominical, e as reuniões de oração e estudo bíblico que temos semanalmente. Qual é a importância disso para você?** Isso é bem importante! Porém, igual, cultos que tem durante a semana eu não posso comparecer pelos motivos... **Mas você teve em outros?** Já! Todo domingo e quando tem oportunidade eu vou. É importante a questão de aprendizado. Eu vejo isso, entendeu? Que é através disso que você consegue estudar mais ainda, que você consegue passar “pro” seu dia a dia, entendeu? Então, é através de, exemplos, cultos aos domingos que você consegue trabalhar durante a semana, lembrando do que você estudou no domingo, vamos supor, ou pode ser em qualquer outro dia, o quanto que... que essa semana vai... vai caminhar, entendeu?, mesmo que eu achando que as pessoas teriam dar mais importância pra isso, teriam que ter isso como em primeiro lugar. Mas essa é a visão que eu tenho, como ensino é... a sua caminhada, ajudando na sua caminhada.

**Certo! Você falou uma coisa aqui... Qual a sua idade mesmo?** 18 anos. **Dezoito...! Digo isso, porque quando eu cheguei nessa igreja ela era uma menina! [risos] O que você mais sente falta na nossa igreja?** O que eu mais sente falta? **É! O que poderíamos fazer para melhorar?** Eu acho que responsabilidade. **Como assim?** Às vezes a gente tenta fazer alg..., na nossa igreja, assim, às vezes a gente tenta fazer alguma coisa e se programa tudinho e não vai a quantidade de pessoas que você espera, entendeu? Eu acho que isso é um problema na nossa igreja, entendeu? Independente de ser quem for, independente se você conhece direito, de você poder se abrir, quando você faz alguma coisa na igreja, você espera uma quantidade, entendeu?, você espera que as pessoas se empenham mais, não por você, mas por Deus, entendeu? Eu acho um grande problema, porque na nossa igreja não tem essa responsabilidade, esse empenho. Eu vejo isso!

**E sobre evangelização. O que você pensa da evangelização? Primeiro, o que é evangelização? E o que você pensa sobre evangelização?** Evangelização é passar o que você conhece de Deus “pros” outros, pra eles também conhecer. É..., mas assim, questão pra mim ou geral... **Geral!** Eu acho que a gente é meio falho nessa questão, eu acho que a gente deveria evangelizar mais, até porque é um dos princípios que Deus nos...nos mandou no mundo, para passar a palavra dele “pros” outros. Eu acho que a gente deveria fazer isso muito mais do que a gente faz, se programar, ter mais responsabilidade nesta questão, porque é uma questão muito importante. A importância dela é grandiosa, entendeu?, nas nossas vidas. **Se você pudesse definir essa importância, além de grandiosa, ela seria o quê? Uma ou...defina isso!** Eu acho que é amor, eu colocaria..., porque não tem coisa melhor do que você falar de Deus para outras pessoas, entendeu? Falar da pessoa... do ser que te criou, entendeu?, não tem coisa melhor.

<b>Data:</b> 18/02/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> NPB	<b>Idade:</b> 22
<b>Profissão:</b> Estudante de direito	<b>12/31</b>

**Vamos lá! Primeira pergunta... você... estou partindo do pressuposto que você é uma pessoa cristã. É... como cristã, no seu dia a dia, quais são os seus desafios?** Um... eu acho que o dia como um todo, assim, né? Eu acho que não tem uma resposta definitiva... as circunstâncias, como em determinadas... determinadas ocasiões, né?, que isso vai demonstrar mesmo, assim, com algum nível de intimidade que eu tô mesmo é, ali guiado, em comunhão com Deus e tal. Assim, é, eu mesmo respondo por mim, vejo que as dificuldades são essas, assim, no campo espiritual.

**Por quê? Você tem outro campo de vida que as coisas são diferentes?** Não! Na verdade, não. É tudo assim... a gente tem que viver o quando, né? Quando vem a dificuldade, quando vem as situações tem que, às vezes, tem que parar e pensar de qual forma eu vou agir, à vezes a gente tem várias escolhas. A dificuldade tá em como... em como eu vou, né?, me direcionar ali. **Então você está dizendo, ah..., que no seu dia a dia impõe desafios diversos?** Exato! **Então para cada desafio desses você entende que você entende que você precisa ter uma resposta para eles.** Ahã, uma postura para eles. **E como é que você... e o que te dá essa condição de resposta ou de postura diante desses desafios?** Ah... muitas vezes é, dependendo do dia, o meu estado de emoção, é, assim, às vezes, vem é... às vezes não consegue controlar alguma coisa, eh... às vezes, né?, quando dá para pensar, raciocinar, né?, o que define é isso, a ponderação.

**E como a sua fé te ajuda nisso? Como ela da resposta aos seus enfrentamentos?** Ah...saber que independente que eu fizer, né? No fim sempre dá certo, porque tem alguém ali por mim. E tá... tá me ajudando, me guiando, né? Não importa o que eu fizer, mas, é... claro assim, é... não posso interferir no que vai acontecer no final, né?, interferir de maneira radical, mas a maneira que eu vivo, , né?, talvez reflète, é... como eu vou chegar no ponto eu preciso chegar. Eu vou chegar naquele ponto e tem... e tem um ser, no caso Deus, que ainda tem ... [3'20"] para isso.

**É... e como? Eu vou tornar a repetir. Como a sua fé, e como a igreja contribui para que você tenha essa percepção de que Deus está no controle de sua vida? De que maneira a igreja consegue fazer isso com você?** A igreja é... instituição? A igrejas as pessoas? [riso]. **No caso vou perguntar... vou fazer uma outra pergunta, então. Quando eu digo, igreja, o que vem na sua cabeça?... pelo que você respondeu, são... são diversas frentes. Como é que você vê essas frentes? Cada uma dessas partes do que é igreja?** Acho que é... hoje em dia, infelizmente, igreja, quando a gente joga para o lado de igreja é... tem... tem muita depravação do termo, né?, com novas doutrinas... do tipo que vem seguindo. Então, tem igreja instituição, entendeu?, que ali é o tijolinho, o papel. E tem a igreja o corpo, né? E tem a igreja corpo que são as pessoas são... que são... são a família. [4'37"], que somos nós mesmos, né? Então eu vejo nesses dois sentidos. **E o que é essa família..., essa igreja corpo e família para você? Como é que você isso pra gente?** A igreja corpo e família, eu defino como é... são pessoas que estão ali ao nosso lado, é..., compartilhando a mesma fé, do mesmo sentimento, do mesmo

objetivo e que estão ali como um elo pra um ajudar o outro, para orientar o outro, crescer junto. **E ai eu retorno a pergunta: como é que essa igreja que você define como corpo e família te auxilia nos seus enfrentamentos no dia a dia?** Ah... é... muitas vezes num choque de vivências, vendo o que um passou, o que o outro passou, vendo que a gente não está sozinho, né?, que pode acontecer várias coisas mas sempre vão ter alguém ali pra orar por nós, orar conó, conosco, né? É... alguém talvez pra puxar a orelha: “*Você tá fazendo isso*”!... “*É desse jeito*”! Então, eu acho a... é... é... que essas atitudes, essas vivências ajudam a gente a enfrentar esses desafios do dia a dia, né?

**Eu vou chamar aqui de processos evangelizadores. Processos evangelizadores, estou definindo aqui, é o culto dominical, a escola dominical, reunião de oração e estudo bíblico que nós temos semanalmente. Como isso tem influenciado em sua vida? Como um todo assim? Como os cultos tem influenciado a sua vida? Como a escola dominical tem influenciado a sua vida? Como a reunião de oração e estudo bíblico tem influenciam na sua vida?** Então, todos esses... processos, né?, fazem o cristão, falando de mim, eu crescer também, né?, porque a gente vai aprendendo, vai conhecendo acerca de Deus aquilo quer para as nossas vidas, né?, e como... **tivemos uma pequena interrupção, mas vamos continuar. Então, como é que esses processos evangelizadores te auxiliam a compreender Deus, a viver Deus, essa vivência da sua fé?** Então, todos eles auxiliam na perspectiva que nos ajudam a entender mais o propósito de Deus, entender mais o que é Deus, o que ele quer para as nossas vidas e, ah..., como o ser humano deve se portar diante disso aqui na terra. Como ele deve adorar Deus e todas essas outras questões.

**Quando você fala em Deus, o que você está pensando? Quem... Defina esse Deus que você crer, que você quer conhecer mais dele? Quando falamos em Deus, como cristãos, estamos falando de que? De quem?** Então, um ser, né?, um espírito que nos amou profundamente, né? Nos escolheu, nos salvou. E vivemos por ele e para ele. nossa ra... a razão de ser. A nossa razão de ser é totalmente e exclusiva dele. **E de que forma ele se revelou ao mundo de forma mais enfática, para você? Na cruz! Na cruz de quem?** É... entregando o próprio filho dele, Jesus, para morrer na cruz por nós, né?, seres humanos, como somos ensinados, pecadores. **E Jesus, é o que? É Deus ou é homem?** É Deus, Deus-Homem [riso]. **Então, quando falamos em Deus, como cristãos, nós falamos sé em Deus, em Jesus?** Não, no Espírito Santo! **Qual a importância do espírito santo em sua vida?** É através dele que nós discernimos o que é certo e o que é errado. Essa comunhão maior que podemos sentir assim, né?, a presença dele realmente em nossas vidas.

**Falando em certo e errado. Nós falamos sobre igreja. Tem uma outra palavra que se relaciona muitas vezes com a igreja que é mundo. O que é o mundo para você? Quando o pastor diz mundo... tá pregando, tá ensinando, o que é o mundo para você? Como você entende o mundo?** Mundo nessa perspectiva cristã é todo avesso aos ensinamentos cristãs, né? Tudo aquilo que... que vem de embate com, assim, com que Deus nos revelou em seu ensino. **Então o cristão não pode viver no mundo? Pode! Como?** Da maneira correta, como Deus exige! Que Jesus veio e viveu no mundo! **Então o mundo não é só mau, ele pode ser bom também?** Nã... é! O mundo... qual? O mundo relação físico? O mundo em relação... em relação abstrato? Porque o mundo relação física, o... como posso dizer, a geografia ali, é uma coisa boa, a criação de Deus, mas o mundo na questão abstrata, né?, que eu digo, são as doutrinas... a... a... os ensinamentos que são ao contrário a Deus,

não, isso não tem como ser bom, mas o mundo como criação é boa, porque foi criado por Deus. Quem destrói somos nós, é o pecado.

**Se a gente for pensar em igreja e mundo, como deveria ser a relação entre essas duas partes? Entre igreja e mundo?** O mundo seria essa questão abstrato... o mundo é questão [risos/nervosismo]...? **Essa dupla questão do mundo?** É na du... sei lá! Tem que ser em um embate também, né? Indo para fora, falando, mostrando, né?, como é que é o padrão de vida exigido por Deus, né? E também... é a questão da Igreja no mundo é essencial, porque... é... faz a diferença, porque eu creio que, assim, que não vivemos no caos completamente, porque existem pessoas crentes, existem pessoas que entendem o que Deus quer de nós, né?, assim, que Deus quer de nós em relação ao mundo, né? Eu acho que é por isso que ainda não virou um caos ainda na terra, enfim, no mundo, enfim. Então, é essencial. **Então como é que igreja pode... como é que a igreja comunica, então, essa vontade de Deus e de como viver ao mundo?** Eu... assim, vejo de várias formas, né? Uma delas são os processos que nós falamos agora, os cultos, prepara os cristãos. O cristão vai a igreja, escuta aquilo, né?, e se ele não for para fora, na vivência dele, né?, no seu emprego, na escola, na faculdade, dentro da família, não for aquilo aprendido dentro da igreja, então, para ele, o processo não funcionou. Prá ele! Pro ser individual ali, né? Existem várias formas, né?, uma dessas seria essa. Também seria evangelismo. **O que é evangelismo? Defina evangelismo para gente? O quê que é evangelismo?** Evangelismo é... é... anunciar... anunciar a palavra de Deus.

**É... sua idade?** É vinte e dois!

**Outra coisa também. Você nasceu num lar evangélico? Sim. Presbiteriana de origem?** Sim, graças à Deus!

**É... talvez seja a nossa última questão. O que você sente falta em nossa igreja? Em que a nossa igreja tem falhado que poderia ser melhor?... Esquece que sou seu pastor, fala o que tiver na cabeça!** [Silêncio entre 14'12" e 14'35"]. A entrevistada se emocionou e chorou]. **No seu tempo! Não... eu acho que...** [chorando] falta as pessoas entenderem porquê a gente tá aqui... sei lá. Um envolvimento maior porque muita gente critica assim, mas eu vejo pouca gente envolvida, querendo assim, [Voz embargada. Sem compreensão]... não tô falando que eu faço tudo também... a gente podia, os membros como um todo..., muitas gente tá ali e só vai num...a gente vê a disposição para tantas outras coisas, mas quando é pro Reino não tem [chorando]. **Mais alguma coisa que você queira considerar de tudo isso que a gente falou?** Não acho que só! **Obrigado!**

<b>Data:</b> 18/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> LMDV	<b>Idade:</b> 21
<b>Profissão:</b> Estudante de biologia	<b>13/31</b>

**Sua idade?**

22

**Você sempre foi presbiteriano?**

Sim. Desde que me entendo por gente, sim. Porque minha mãe quando eu era pequeno.... Uns 4 ou 5 anos a gente frequentava a Batista. Mas pelo que eu me lembro foi um período curto Porque o meu tio, né?, ele é da Batista. Então a gente frequentava junto com ele. Só que aí Minha mãe se identificou mais com a Presbiteriana, aí com essa idade de 5 a 8 anos a gente mudou para a Presbiteriana, a gente começou a frequentar.... é... Começou a frequentar lá e eu não lembro porque faz muito tempo.

**E você nasceu em Santa Teresa?**

Não. Eu sou de Vitória. Vim para Santa Teresa em 2014 para estudar, em 2014.

**Então você está em trânsito Em Santa Teresa?**

É, até então, como esse é o meu último ano de faculdade eu não sei se eu fico se eu saio para continuar os estudos então apesar de eu precisar decidir isso logo eu... eu não sei ainda se eu fico. Mas já tem tudo que há já tem quer dizer o endereço que eu dou para as pessoas É daqui para mim eu não moro mais em Vitória quem mora em Vitória e minha mãe minha família eu já moro aqui

**Ok. Então como um rapaz cristão quais são as dificuldades que você enfrenta no dia a dia?**

Referente a quê?

**Quais são as suas dificuldades que você achar que é relevante.**

Dificuldades.... No início quando eu cheguei aqui em 2014, não tinha muita dificuldade. Porque Como eu vim de um lar cristão, minha família toda, minha vó, apesar de ser dá...dá. Aquela que tem um coraçãozinho e uma pomba no meio?

**Universal!?**

Isso, minha vó ela frequenta a Universal. Frequentava né que eu acho que acabou não sei. Mas ela é dessa linha Pentecostal. Mas ainda assim ela todos os ensinamentos que ela passou para a gente foi baseado na cultura Cristã. Minha mãe, meu tio, então que é pastor agora. Então no início eu não tinha muita dificuldade porque meu contato com as outras pessoas fora da igreja era pouco. Até porque quando eu vim para cá eu morei dentro da igreja né. Então no início eu não tive tanta dificuldade como por exemplo apresentar minha fé. Mas assim que foi pegando intimidade com pessoas da faculdade e também na intenção de querer conhecer gente nova, pessoas novas, a gente se desvia um pouco do caminho. Então a dificuldade é... é ter as vezes essa noção de saber que a gente está indo para o lugar errado e tentar voltar.

Para mim a dificuldade maior é essa. E agora quando vim para cá tinha 18 anos, acabado de sair da casa de minha mãe. Então para mim como se eu tivesse passado 18 anos em treinamento. E agora eu vim para o mundo para ver se eu me dava bem se eu ia para o mundo ou trazia o mundo para mim. Assim digamos. Só que aí nesse pensamento eu não fui bem-sucedido, acabei sendo seduzido. Mas agora mais velho já com a cabeça feita, não só a respeito disso, mas mais estudado também. Acerca, não só da biologia que é o que eu estudo, mas, a questão das ciências, das filosofias, filosofia de vida, estudos da sociedade também e isso tudo influencia para formar a cabeça que eu tenho hoje. Que, de certa forma estou começando, já comecei a voltar a contornar esse caminho a qual eu estava seguindo. Eu estava me perdendo.

### **O que é esse caminho que você estava se perdendo?**

Por exemplo deixar de me esforçar para ir à igreja no domingo de manhã nas reuniões de quarta-feira, é ficar na rua até tarde conversando e bebendo. Perdido mesmo perdido mesmo. Ficar até ser o último a sair das festas. E tudo mais assim. Mas o maior problema que eu enfrentei foi justamente a questão da bebida que me seduziu de uma forma muito forte. Que é foi uma surpresa para mim porque eu vim de uma família que sempre me ensinou a questão dos exageros, por exemplo minha mãe nunca falou não bebe ela nunca falou proibido fumar ou proibido bebê proibido fazer tudo que fazem lá fora, ela nunca falou isso que é proibido. Ela falou toma cuidado ela sempre falava vai para uma festa toma cuidado se você ver que está tendo alguma coisa de errado saia, mas a festa acabou de começar, mas ainda assim não queira ser identificado como uma pessoa assim. **Hum!** Quando eu cheguei beleza, mas aí né mimado a vida inteira, agora tenho que viver sozinho. Tem aquele estágio de rebeldia aquele, estágio de eu aguento eu não vou me misturar mas acabei me misturando de uma forma que eu não gostaria. E é uma das coisas que eu tento esquecer as vezes, mas esquecer disso também é esquecer que eu sou uma pessoa falha e que eu sei disso eu sei que eu tenho a capacidade, não por mim, mas eu tenho a capacidade de mudar. E eu posso usar também, infelizmente, eu posso usar esse meu mal exemplo como exemplo para outras pessoas que estão indo por outro caminho que, que por um acaso se encontraram com o mundo. E não percebem o quanto traiçoeiro ele é. Então, por mais que eu tenha passado por tudo isso, eu ainda posso usar isso ao meu favor. E a minha maior dificuldade é falar. Não falar para as pessoas é talvez sim Mostrar para as pessoas isso, que não vou negar eu fiz. Naquele dia eu sair assim naquele dia eu saí assado. Mas eu percebi que naquele dia eu não estava feliz naquele dia eu tava fazendo para me esquecer de uma prova que eu fui mal. De um dinheiro que faltou no mês anterior. De alguma coisa assim. É, e tentar colocar Deus das coisas. Minha dificuldade é essa. Como jovem tentar colocar Deus nas coisas. Porque voltando lá, foram 18 anos praticamente de treinamento falando. Deus está em todo lugar. Mas aí quando chega no mundo, quando cheguei fui viver sozinho. Eu senti dificuldade de enxergar e colocar Deus nas coisas. Nas ações, não só em objetos por exemplo, Bíblia, crucifixo, alguma coisa do tipo. Alguma coisa mais simbólica, Mais nas ações né. Tô aqui com uma galera que eu acabei de conhecer, devido ninguém me conhece pelo que que você conhecido aqui? Pelo cara que só tá aqui para beber e divertir que pode ficar doido aqui até o fim da festa ou o cara que vai conversar, vai tentar trazer para perto, no sentido bom. E aí minha maior dificuldade é essa.

**Você falou duas vezes que você saiu de casa para o mundo. Como que você entende essa palavra, esse conceito de mundo? O que é isso para você?**

Eu penso mundo tudo aquilo que não seria coisas envolvidas a igreja. Igual por exemplo, uma amiga minha no acampamento falou que é muito bom a gente ficar em acampamento, que é uma bolha que a gente mesmo constrói que a gente interage com pessoas que são do mesmo meio. Então as dificuldades são mínimas. A gente sabe que invejar outras pessoas é ruim ficar falando mal da roupa da pessoa por exemplo fulano assim assado a gente sabe isso. A gente sabe que isso não faz bem nem para a gente nem para outra pessoa, muito menos para Deus. Só que quando essa bolha estoura, no caso para mim foi justamente essa saída de casa, desse meio que eu estava inserido. Esse meio profundamente não profundamente religioso né por que aonde é que eu ia eu conhecia alguém deste meu meio, da igreja família, encontro da família, encontro da igreja, eu só fazia isso em Vitória. Fui para poucas festas sai, para poucos lugares. Eu saía para reunião da igreja festas, da igreja, alguma coisa da família, então esses encontros, isso era a minha bolha. Já quando eu vim para cá, no caso vim para cá como entrar no mundo, porque eu tava sozinho né. Eu cheguei aqui sem conhecer ninguém. E eu sempre quando paro com os amigos dou graças a Deus pelas primeiras pessoas que eu ter conhecido serem pessoas da igreja, porque me ajudaram. Por mais que eu tenha falhado em determinados momentos, é elas em comunhão com elas junto com elas me ajudaram. Mesmo sem dizer nada, a voltar.

### **Então, o mundo é o mal?**

Não direi que o mundo é algo mal, mas o mundo despertou mal na gente. Mal que a gente por exemplo, minha mãe sempre falava não bebe. Não posso beber em respeito a ela em casa. Eu não fazia isso quando eu saía eu não bebia. Mas aqui eu paro e penso, minha mãe não tá aqui. Ela não vai falar nada. Eu sei até então, eu sei que eu não posso exagerar, aí dá um golinho aqui dá um golinho ali dá um golinho cá aí começa a gostar aí (inaudível) Vai ter não sei o quê... pô, esse negócio eu gosto, então eu vou lá. E assim vai entendeu? O mundo não falou, por mais que ele tenha um leque assim de coisas que a gente atribui como mal, mas dentro da igreja por exemplo, esse mal ele é, a gente consegue controlar, enxergar que aquilo não é bom. Ao contrário de bom é mal. Mas eu não acho assim que o mundo é mal em si, mas o mundo permite que a gente seja mal.

### **Entendi. Uma outra coisa. Você disse que o mundo é o contrário da igreja. O que seria então a igreja para você? Como você entende igreja?**

Igreja? Que eu entendo como igreja? É uma eu considero uma igreja em si, uma instituição social onde se reúnem várias pessoas que buscam, buscam a mesma coisa. Que isso também dá para se passar por religião. Mas eu acredito que religião é diferente de igreja, por que religião por exemplo, nós temos o cristianismo, cristianismo é uma religião são várias linhas de pensamento. Principalmente de pensamento, não tanto de ações, pensamentos e perceptiva acerca de uma de uma fala que, no caso a fala de Jesus Cristo, Jesus Cristo, cristão. Já igreja ela é diferente de religião, porque na igreja nós temos várias denominações, que são várias interpretações diferentes e ações acerca dessa palavra que foi dada. Então, a igreja ela é a reunião de pessoas que mesmo que tenham associação com a religião elas praticam a religião, elas entendem essa religião de forma diferente. E mesmo assim por exemplo, existem o que a gente tem hoje, né?, as igrejas evangélicas. Dentro das igrejas cristãs temos as evangélicas e a católica praticamente. Só que ainda assim, dentro das evangélicas tem esse outro e mais separações em uma, né?, de

práticas, de tipos de cultos, de forma de se portar, até mesmo formas de se vestir. Para mim a igreja em si, por exemplo, Igreja de Santa Teresa, Igreja Presbiteriana e uma igreja Batista, são ambas cristãs evangélicas, só que tem diferenças de interpretações, tem diferenças de ações. Então seria isso.

**Como é que você define então a sua igreja? Igreja onde você é membro hoje. O que ela significa para você? A comunidade onde você frequenta. Como é que você a entende? Qual o significado dela para você?**

Olha, para mim é como se fosse, falando de comunidade, né?, é como se fosse talvez um amparo onde quando eu tiver com dificuldade, quando eu tiver precisando conversar com alguém, falar com alguém ou, ao contrário, alguém que quer conversar que eu faço parte da igreja também. Então, essa pessoa ou eu se dispor ajudar, não só por que pratica as mesmas coisas, porque ninguém pensa igual, muito difícil você achar uma pessoa que pensa exatamente igual a você. Só que nessas diferenças vai ver alguma coisa funciona para um, outro pra não, e pode ajudar, é um caminho. Então, eu acho que a comunidade da igreja, por exemplo, ela é muito forte. Onde de fato eu por mim, né?, me sinto seguro. Porque eu sei que lá dentro por exemplo, se eu falar alguma coisa igual essas coisas que aconteceram comigo, eu sei que lá dentro o julgamento não vai ser dela. Já no que a gente falou aqui de mundo, que fazem as pessoas serem más. As pessoas vão me julgar. Vão me apontar o dedo. Então eu não posso buscar por exemplo, esse tipo de certas ajudas nas pessoas fora da igreja. E como eu tô inserido nessa comunidade, por mais que as reuniões sejam breves e poucas durante um ano, durante a semana. Aquela comunidade me conhece e eu conheço a comunidade. Então, a relação um com o outro fica bem mais fácil. Eu não conheço todo mundo, assim como nem todo mundo me conhece. Conhecer eu não digo só saber o nome, mas saber o que que faz, o que ele estuda nesse assunto, saber o que ele pensa em determinadas situações, o que que ele faria. As pessoas da dessa minha comunidade sabem. Então poxa, se ela me conhece o suficiente, talvez na perspectiva que ela tem de mim, ela sabe para onde eu posso ir. Então a igreja para mim é uma uma ajuda né.

**Você disse que quando você chegou para Santa Tereza você morou na igreja. Como assim? Explica isso para a gente?**

É morei dentro da igreja mesmo. É porque quando eu vim para cá, a minha intenção na verdade para fazer faculdade sempre foi sair de casa. Não queria ficar em casa. Não é nem pela questão de pressão da mãe ou da família, ficar em casa ou porque eu era muito preso dentro de casa. Não era não porque eu queria conhecer novas pessoas. Fazer, sair da rotina porque em Vitória, a rotina ia ser: acordar de manhã vai pegar um ônibus, enfrentar trânsito, vai para a faculdade. Estuda, estuda, estuda. Pega um ônibus de volta, pega trânsito, chega em casa tendo que estudar, tendo que limpar a casa fazer comida. Tem que cuidar da casa. E assim voltar a estudar e aí dorme. E assim por diante. E lá a própria cidade me prendia a isso e minha própria família me prendia a essa rotina. Como eu disse, eu não podia eu não saía muito, não era muito de sair. Aí quando eu vim para cá, essa comunidade e essa Igreja me acolheu por conta da igreja onde eu estava, famílias próximas, uma grande família, uma parte frequenta aqui, a outra parte frequenta lá em Vitória. Então nessa comunicação eu consegui literalmente morar dentro da igreja, conseguir morar numa salinha lá que fica nos fundos da igreja. Para começar essa caminhada de estudos. Por isso que eu, por esse motivo que eu considero essa minha comunidade como uma ajuda, porque foi a primeira a me ajudar.

**Você falou também das programações da igreja. A gente chama as programações da igreja de processos evangelizadores. Então culto, escola dominical, reuniões de orações e estudo bíblico semanais. Qual a importância disso para você, embora sejam poucas, como você disse? Qual a importância disso para você? Qual papel delas para você na sua vida cristã?**

Acho que abrir os olhos, né? Porque uma coisa que acontece, não sei se é com todos mas, acontece comigo, que é o quê, nascemos no lar cristão, praticamente fomos alfabetizados com a Bíblia. Desde pequenas historinhas, historinhas de Davi e Golias nascimento de Jesus, Jonas, Jó e assim por diante. Todas essas histórias acerca da Bíblia, fomos e eu, eu fui alfabetizado como a Bíblia né. Porque minha mãe ela sempre foi ainda mais até uns 5 2,3, 5 anos atrás, era professora de escola dominical de educação infantil. E ela é professora de educação infantil, então ela me ensinou a ler e escrever com a Bíblia dentro da escola dominical. Então, teoricamente, eu sei da Bíblia. Se você me falar, perguntar a história tal onde é que fica? E eu vou lá me esforço pouco para lembrar, mas posso achar. Mas eu não sei as vezes por saber da história, é uma dificuldade que eu tenho também. Quanto a isso é eu sei história, mas a Bíblia ta ai há mais de 2.000 anos, sempre a mesma coisa escrita, mas ela cada momento da sua vida um “a” que você percebe já faz diferença. Um artigo, aqui não “é” aqui é “o”. Eu sempre achei que fosse “a” se é “o”. Então já quer dizer outra coisa, está se referindo a outra outra palavra. Então, a partir do momento que eu fui conhecendo, que eu fui criando mentalidade suficiente pra entender a Bíblia, foi mudando e essas reuniões, esses encontros eles facilitam esse processo de reconhecimento da palavra, reconhecimento da Bíblia. Como todo, além de aproximar a igreja, como por exemplo, na escola dominical, que é aberta para debate, para conversar, para a gente trocar informações. Isso também aproxima a igreja rumo ao foco não só a religião, não só focado ao cristianismo. Mas focado nas doutrinas da igreja, o que que é a nossa comunidade, o que que nossa doutrina pensa a respeito de tal assunto. Então eu acho, que essas, esses encontros eles servem para nos relembrar para nos atentar para essas coisas, nessa caminhada.

**E para você qual que é a importância da evangelização na vida da igreja?**

Qual a importância? Bom, é foi uma obrigação que Deus nos deu, pros seus discípulos para fazer, para, para as pessoas conhecerem a palavra de Deus. A verdade, conhecerem a verdadeira Palavra de Deus. Qual o significado de ela e para agregar.

**Agregar o quê?**

Agregar a igreja, vamos dizer assim. Agregar a essas pessoas que estão falando. Eu falo eu, falo da vida cristã, eu prego para uma pessoa, essa pessoa começa a acreditar, então eu agreguei ela a minha comunidade. E como ela tá na minha comunidade e a minha comunidade se prega em falar para outra pessoa, essa pessoa agora vai do meu lado vai falar para outra pessoa. E assim por diante, a evangelização vem com essa questão, de evangelização né? Então beleza. Tem com essa questão de divulgar a palavra de Deus. Porque Jesus falou para, pra todo mundo. Porque o que era dele não aceitaram. Ele disse que para pregar para todo mundo. Então o evangelismo é essa coisa para a gente ir falar da palavra de Deus.

**Última coisa então para a gente zerar. Olhando para a vida da sua comunidade onde você frequenta, onde você faz parte. O que você sente falta nela? O que eu sinto falta? O que que você acha que ela é deficiente?** Eu acho que comprometimento. Eu vejo isso também que agora que eu sou presidente da UMP, vejo claramente isso. Assim como eu errei lá atrás em não me importar em participar das reuniões de oração, da escola dominical, que são coisas importantes. E eu acredito por mais que tenha sido tarde, ainda não é tarde demais para ter me aberto os olhos para isso. A questão dessa importância, eu acho que falta um pouco da, do comprometimento das pessoas em se esforçarem mais a essas programações. Não só do culto à noite, porque infelizmente, a gente só vê a igreja cheia ou quando tem festa ou quando tem ceia. E ver a igreja lotada quando tem os dois. Quando você ver todos os bancos vazios. Todos os bancos vazios quando tem os dois, Ceia e festa no mesmo domingo. Só no domingo as quartas-feiras por exemplo, eu não consigo participar porque é no horário dos meus estudos porque eu tô na faculdade, mas nos anos passados, nesses dois anos passados, Mmsmo de férias as vezes, eu não participava. Ou eu estava em Vitória e ainda assim lá eu não participava ou aqui sempre inventava uma desculpa. Ah quero dormir, tô cansado por que fui caminhar, fui jogar uma bola, sei lá alguma coisa assim sempre inventava uma desculpa. É uma crítica pra mim também né pra buscar mais comprometimento. Mas a nossa igreja é composta por pessoas mais velhas. A maioria da comunidade sim, ela é composta por pessoas mais velhas que tem 35 para cima né. Então, elas, essas pessoas já tem essa noção diferente de nós jovens que somos poucos. A gente vê isso pelo número de membros da UMP. Porém ainda assim, como não tem comprometimento dessas pessoas mais velhas em ir para escola dominical, em ir no domingo à noite, comuns, sem ceia por exemplo ou no evento da igreja, nas quartas-feiras. Isso reflete também principalmente aqueles que têm filhos, reflete nas nossas programações dá um UMP. Então, a gente vê que esse déficit ele parece que tá sendo passado de geração pra geração. O que é um problema, porque o número de membros acarreta, interfere em várias outras coisas, como pode levar isso, por exemplo, até o fechamento da igreja como instalação, né?, porque se eu não tiver o número, a quantidade x de membros eu não vou ter a quantidade X de dízimo. Por exemplo, que é o que sustenta a igreja, que paga o aluguel, que é o que paga o IPTU, que paga a água, que paga a luz, que é... **O pastor...** Que paga o pastor, que é para isso que serve os 10%. Para justamente isso fixar a igreja e conseguir levar essa igreja adiante. Para fazer por exemplo o evangelismo pra fazer um evento, pra trazer novas pessoas pra Cristo, e esse essa falta de comprometimento vai se vai definindo a igreja aos poucos, por exemplo, vou pegar a escola dominical, você sabe quem tá lá, você não precisa nem ir, você sabe quem vai tá lá, são sempre as mesmas pessoas que vão, no domingo e quarta-feira. Você sabe quem é que tá lá, você sabe quantas pessoas vão e quem que vai. Se tiver, você sabe quem foi, se por exemplo, igual já aconteceu comigo, de eu na semana de oração a UMP foi responsável no sábado, foi responsável por dirigir a reunião de oração. Na hora que a gente chegou lá no horário combinado, cadê todo mundo? Não teve ninguém, foi, e quando vão é chega atrasado, ou chega em cima da hora. Aí começa às 7:30 E chega 7:29 e ainda vai no banheiro, ainda vai beber água, aí depois que sobe e muda o foco, perde a atenção de quem tava falando e, assim, eu não tenho nada a ver com que as outras pessoas fazem fora ali da igreja. Mas não sei o motivo porque que elas chegam atrasadas, não sei o motivo que ela não foi. Mas uma coisa que por exemplo, minha mãe sempre me falou, poxa, se você se esforça tanto para acordar cedo. Durante a semana você acorda cedo a semana

inteira pra ir para escola porque se você chegar atrasado você não assistiu aula, porque que eu fico com esse descompromisso em acordar cedo no domingo para participar da escola dominical sendo que, esse cedo da escola dominical não é tão cedo quanto ir para a escola, por que por exemplo, no meu caso eu tinha que acordar 5:00h para ir para a escola, mas na, no domingo eu poderia acordar as 7h, as 8:00h, que dava tempo de ir para a igreja. Mas aí, ficava enrolando, aquela acho que isso acontece em toda a casa cristã, de chegar no domingo os pais terem que tocar os filhos para levantarem pra ir para igreja. E com o passar do tempo eu fui agregando e isso, esses valores, né?, ainda são dificuldades, poxa eu tava trabalhando até agora, trabalhei a semana inteira, tô cansado meu corpo não aguenta acordar cedo. O único tempo que tem para descansar é final de semana. Aí você levanta numa má vontade, ah sim porque aí você tem que ir para a igreja, é uma obrigação de certa forma pode até ser mas antes da obrigação tem que vir o prazer, estar lá porque você não vai lá para ver pessoas, se for para ver pessoas você senta na porta de sua casa e fica olhando para a rua, mas você vai lá para que para saber da Bíblia foi o que falei, né?, para saber da bíblia para se informar, para se instruir, pra para receber por exemplo. Eu não lembro onde que eu vi, para receber sua dose de Deus semanal. Porque é sempre assim, a gente chega na igreja, nossa essa semana foi difícil, aí você ouve uma palavra e você sai de lá todo alegre. Aí na segunda você tá com aquele gás, tá com aquilo lá na cabeça que o pastor falou, aí na terça começa definhar, na quarta-feira acontece um problema você já esqueceu tudo de novo que o pastor falou. Aí chega na quinta você já tá triste, na sexta você já tá desesperado, e aí chega no sábado você não é ninguém. Aí você para e pensa, vou para igreja para melhorar. Eu acho que também é um erro, é você ir para a igreja pra se sentir feliz por você mesmo, por que a felicidade, ela não é nossa. Então, é um problema isso aí também. **Muito obrigado.**

<b>Data:</b> 20/02/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> MNJS	<b>Idade:</b> 54
<b>Profissão:</b> microempresária/cozinheira	<b>14/31</b>

**Ok. Sua idade?** Cinquenta e quatro. **Ok! Sempre foi presbiteriana?** Não, quer dizer, fui. Desde que me converti eu na presbiteriana. **Você se converteu quando?** Quando eu conheci o D. Tem trinta anos. Não lembro a data? **Tudo bem. É mais para a gente saber...** O ano é que eu não lembro, né? **Então tem trinta anos que você é presbiteriana. Então vamos considerar você como presbiteriana de muito tempo.**

**É quais as dificuldades que você como uma mulher cristã enfrenta no seu dia a dia? Quais são os seus problemas? As suas lutas diárias?** Em que sentido que o senhor fala. **Em todos os sentidos possíveis?** Eu... eu como pessoa tenho muita dificuldade às vezes de falar “pras” pessoas de Jesus. **Tem dificuldade de evangelizar?** Eu tenho essa dificuldade. Não tenho, não tenho, assim, como é que fala? eu não tenho o dom de evangelizar, chegar pra uma pessoa e falar: “– Olha! Jesus transformou minha vida. Jesus fez... pode fazer por isso você”! Isso aí que eu tenho dificuldade. **Problemas com família, na sociedade, você tem?** Na sociedade não. Eu não tenho problema de fato não.

**Mas a igreja tem como te ajudar nesse... nesse seu problema de não conseguir comunicar o Evangelho, de não evangelizar?** Acredito que sim, né? **Como?** Não sei de que forma, como posso pedir ajuda, por exemplo, quero falar de Jesus pra uma pessoa... Eu não tenho, assim, pelo fato de eu não... não ter muito estudo e não estudar muito a Bíblia, tá!? Eu falo a verdade. Se é para falar a verdade, vou falar. Eu não sou estudiosa de Bíblia. Tenho dificuldade em decorar texto, tenho dificuldade de ler e interpretar o texto, e, por causa disso, eu tenho dificuldade de falar “pras” pessoas, igual por exemplo, eu quero falar para Andréia e as meninas do salão, que sempre me pergunta. Aí eu não sei citar o texto, onde tá, decorar o texto, falar: “– O tal em tal lugar, você vai procurar, você vai achar”! Isso aí eu tenho dificuldade. **Entendo!** Aí eu acabo ficando só comigo, né?

**E... eu vou chamar aqui de processos evangelizadores, mas o que são os processos evangelizadores? Nosso culto dominical, escola dominical, a reunião de oração e estudo bíblico. Qual é a importância disso para você? Dessas ações de evangelização para você?** Pra mim é importantíssimo, né? Em tudo! **Por quê?** Tanto na oração, os estudos tudo para mim é importante. **Por que é importante?** Porque é aonde você se alimenta da Palavra, né? Se eu não vir na igreja e não participar, eu não vou me alimentar da palavra, porque, em casa, eu sou... não sou estudiosa. **Então... então, quer dizer que você, para você manter a sua fé, você precisa estar presente dentro da igreja? Preciso! É o seu auxílio?** Fundamental. **Tá! E o que é igreja para você?** A igreja... é a base de tudo, né? Base da minha vida. Mudança de vida. Pra mim é isso! **Como é que você vê a sua igreja?** Em que sentido o senhor fala? **Quando a gente fala igreja o que você está pensando?** Igreja somos nós, né? Eu vejo que a igreja somos nós, porque isso aqui é um templo [estávamos no templo da igreja], mas a igreja somos nós. **Nós, quem?** Família, né? Eu, o senhor e todos nós que participamos, nós somos a igreja. **Então você entende igreja como família?** Como família.

**Nessa família, o quê que é o mais importante para você?** Hoje, a minha família, quer dizer como... eu tô tão afastada da minha família de sangue, a minha família

que a família que eu considero é a família da igreja. Eu não tenho praticamente, assim, às vezes eu ligo pro um irmão, converso, bato um papo, mas não tenho convívio com ele no dia a dia, eu convivo com a família da igreja. Pra mim é como se fosse os meus irmãos que eu tenho.

**E quando o pastor ou outra pessoa fala sobre mundo, o que você entende sobre o mundo? O que é o mundo para você? O mundo? Você não consegue definir?** Não sei...

**Uma outra questão. Quais são as lições que você tem aprendido nos cultos que a igreja tem? Nesses processos evangelizadores da nossa igreja?** O que eu aprendi...? O que eu aprendo na igreja é respeitar as pessoas, a amar a pessoa, às vezes, por exemplo, quando a gente tá no mundo lá fora, você tem... você não tem limite, né? Aí, às vezes, que eu quero fazer uma coisa assim que eu vejo que, eu como cristã não posso fazer aquilo ali, eu vejo que: não, tá errado! Eu tenho que me freiar, botar limite em mim. Assim eu compreendo. Isso que eu aprendi na igreja.

**Para finalizar então. O quê que você acha que falta na nossa igreja?** Mais união. Mesmo sendo uma família? Mesmo sendo. Às vezes tem pessoas que é difícil, você não consegue se aproximar, né? E aí a gente acaba se fechando naquele grupinho ali, e ficando só aqueles que você consegue aproximação que você consegue aquele vínculo, os outros você vai... vai acabar não tendo aquele... aquela união que devia ter com todo mundo, né? Principalmente aqui na nossa igreja **Por que “principalmente aqui na nossa”?** Porque é uma igreja pequena e que você não vê todo mundo aquele grupo de pessoas mais unido. Que família que fica mais... por exemplo, o mesmo tipo de amizade que eu tenho com C. e M., com a A. eu não consigo ter com a D. do M., não consigo ter com a S. Eu não tenho essa amizade, esse vínculo que eu tenho... eu não consigo ter. Por que? Falta o quê? Acho que é mais convívio, sei lá! Pouquinho de tempo que tem é no domingo, às vezes, mas fora disso... **Ok! Obrigado.**

<b>Data:</b> 20/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> GFGF	<b>Idade:</b> 36
<b>Profissão:</b> Marceneiro	<b>15/31</b>

**Sua idade?** Trinta e seis anos. Fala um pouquinho mais alto senão... É vamos pensar aqui. **Você como um homem cristão, quais são os problemas que você enfrenta no dia-a-dia? Quais são as suas lutas pessoais? Quais são suas lutas familiares? Quais são as dificuldades que você enfrenta dentro do seu trabalho, dentro do relacionamento com seus amigos? Quais são suas dificuldades na vida?** Olha, as dificuldades é...são aquelas que todos os brasileiros comuns enfrenta no país que a gente vive, né? Onde a vida financeira, às vezes, aperta um pouquinho, mas de relacionamento, não, não tem problemas de relacionamento não. **E dentro dessa dificuldade sua, a igreja te ajuda em alguma coisa?** Ajuda sim. **A sua fé?** Creio que é a base, né? **Por quê?** Porque é aonde a gente renova as forças, aonde que você tem sempre um aprendizado, sempre rodeado de pessoas cultas que tem informações que sempre nos auxiliam... e por aí vai. **É... o que é igreja para você?** Igreja, se a gente for falar biblicamente, é a Noiva de Cristo, né? Mas eu creio que é o local onde a gente tem oportunidade de estar vivendo em comunhão com os irmãos, de estar aprimorando o aprendizado, estar se relacionando com pessoas diferentes, e onde a gente um pouquinho também para poder tá passa... o evangelho para poder passar pra outras pessoas.

**Você falou 3 vezes sobre aprendizado. O que você tem aprendido na experiência de estar na igreja, de fazer parte de uma comunidade de fé?** Apreende... a servir a Deus um pouco melhor, a gente aprende que Cristo é o caminho, que sem ele nós não somos nada, a gente aprende muitas vezes a negar a nós mesmos em função do Reino de Deus e, eu falei anteriormente, se relacionar com as pessoas, até mesmo com os... os que não são da fé.

**Ah... Vamos fazer um outro pensa... outra coisa, o que seria o mundo para você?** Mundo... ah, depende do lugar que tá colocado a palavra mundo, né? **Por quê? Mundo pode ficar outras coisas, várias coisas?** Eu creio que sim. **Quais seriam esses significados para você?** Talvez de bate pronto assim, eu ia ter um pouquinho de dificuldade, mas, por exemplo, vão pensar aqui: *“Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crer não pereça mas tenha a vida eterna”* [Jo 3,16]. Creio que aqui tá falando o mundo, mas não tá generalizando é, todas as pessoas, porque nem todos serão salvos. Em outras colocações, talvez significa... significaria alguma coisa diferente, talvez, eu não lembro agora, né? Quando fala: *“o mundo jaz no maligno”* [[1Jo 5,19]], por exemplo, talvez seriam as coisas da carne, as satisfações pessoais, né?

**Você acha que essa última concepção de mundo está em oposição à igreja?** Sim. **E a primeira definição que você deu de mundo, como alvo e objeto do amor de Deus, está em oposição ao mun... a igreja?** Não. **Por que, não?** Porque aí são aqueles que Deus amou, né? **Todas as igrejas, em todas as igrejas existem ações evangelizadoras os processos evangelizadores, quê que é isso: os nossos cultos, a escola dominical, reunião de oração, estudo bíblico. Qual a importância disso para você?** Importância é que a gente cresce na fé, né? E pode alcançar também outras vidas, né?, cumprido aquilo... que cumprindo o *ide* que Deus nos dá ordem, né? **O que que é esse “ide que Deus nos dá ordem”? Do que você está falando?** Eu creio que é fazer a diferença aonde você estiver, né? Não preciso sair daqui pra

ir lá na Itália pregar o Evangelho, Mas aonde eu estiver eu posso estar pregando a palavra de Deus com testemunho, com palavras, com ações.

**Você acha que a igreja tem te auxiliado a fazer isso, a viver dessa forma, anunciando o evangelho pelo seu testemunho, também pelo suas palavras, suas ações?** Sim, pelo conteúdo que nos é entregue, sim.

**Você sempre foi presbiteriano?** Não, nasci e fui criado na Igreja Católica. **Você se tornou presbiteriano a quanto tempo?** Eu tenho 36, a partir dos 22 eu comecei a frequentar, com os 24 mais ou menos, assim, eu creio que me tornei membro.

**Você poderia dizer que sua vida mudou alguma coisa?** Muita coisa. **Me dá um exemplo, por favor!** [riso] Olha controle de si mesmo, né? Controle. É... as formas de viver e de pensar, no que diz respeito também, assim, viver uma vida alegrando a carne, hoje eu vivo de forma diferente, e a gente não tá, na verdade, ainda tem muito a aprender, né? A gente nunca deixa de aprender, mas mudou sim!

**Uma coisa que você falou lá atrás, que eu achei interessante, foi... aquele momento que você disse que, “na igreja, nós aprendemos negar a nós mesmos”.**

**Qual é a importância disso na sua vida?** Negar a si mesmo? É porque quando a gente deixa de fazer a vontade da gente para fazer a vontade daquele que entregou a vida por nós, eu creio que a gente tem a recompensa depois, né? Às vezes, a gente pensa que algo é bom para gente, na verdade, não é. Às vezes a gente busca os próprios interesses, né?, e lá na frente a gente enxerga se a gente se voltar para a palavra de Deus, para o evangelho, analisando, a gente vê que, talvez não de imediato, mas lá na frente, a gente vê que seria talvez um erro alguma atitude. E de certa forma, se a gente analisar pra palavra de Deus, depois com..., às vezes, com a cabeça fria ou... ou sempre há aquele momento que a gente vê que valeu a pena ter negado a si mesmo.

**Para finalizar então. O que você sente falta na nossa igreja?** O quê que eu sinto falta? **É! Esquece que sou seu pastor e seja sincero, franco. Bom é... Pode até falar mal de mim!** Não! [risos] Como coletivo? Como, Igreja como um todo? Eu creio que arregaçar as mangas e sair pregando o evangelho, fazer um trabalho num bairro diferente, às vezes; tem que alcançar novas vidas. **Mais alguma coisa?** Não. De mediato, assim, eu acho que é necessário assim que, ao meu ver, eu gostaria de fazer é isso aí, levar um grupo de pessoas e, num local diferente, num bairro diferente começar a fazer um trabalho de evangelização. **Ok! Obrigado!** Eu creio que seria importante ser feito para na igreja também não trabalho com casais voltado para família. **Por quê?** Porque a igreja é o retrato daquilo que a família é.<sup>1284</sup>

<sup>1284</sup> Esse trecho foi gravado imediatamente após o termino da gravação anterior, porque o entrevistado considerou algo que ele pensava ser importante para a igreja.

<b>Data:</b> 20/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> VB	<b>Idade:</b> 73
<b>Profissão:</b> Aposentado/soldador	<b>16/31</b>

### Sua idade?

Setenta e três.

**Vamos lá! O senhor como um homem cristão, quais são os seus problemas do dia a dia? Quais são as dificuldades que o senhor enfrenta?** A dificuldade que a gente enfrenta é, que eu acho, é o mundo de hoje, né? Sobre o espírito da gente, não. Isso aí a gente sempre leva uma vida, a gente é uma família alegre e... e honestamente é muito boa.

**Mas, o que o senhor acha do mundo que a gente vive hoje? Como é que ele está para o senhor?** Muito difícil, né? Eu acho que é muito difícil é a..., eu acho no meu pensamento as lei que tá tendo e do... do país, né?, o país mudou muito a “deferença” que eu achei nessa idade foi muito grande sobre a honestidade, primeiro era mais, e hoje, então, é muito difícil a honestidade.

**E como a igreja te ajuda a enfrentar esses problemas que o senhor vê no mundo hoje?** É por intermédio do Espírito [Santo] que a gente pede e Deus, acho que, ilumina o caminho pra caminhar pela frente, né?

**E a igreja te ajuda então... Ajuda! a enfrentar isso? Claro... Dessa forma? Nossa Mãe! Muito mesmo e acho que é o caminho, né?**

**E o que a igreja é para o senhor? Como é que o senhor entende igreja?** A igreja que eu entendo é a família, né? Eu acho por mim que a igreja é família praticamente é isso aí, né? Nós reúne na igreja, nós reúne em casa e qualquer lugar. eu acho que nesse momento que tá falando em Deus, tá em qualquer lugar.

**E, às vezes, o pastor fala assim: Ah, porque o mundo...”. “O mundo lá fora”, ou qualquer coisa assim, o que é o mundo para o senhor?** Quando o pastor fala sobre mundo, o que o senhor entende? O mundo, eu entendo o seguinte, é..., se a pessoa abusar do mundo lá fora ele... ele tá na barreira do espinhaço lá, pra cair lá no fundo do poço e não voltar mais. Aí que é o perigo do ser humano, né? É muita mordomia que tem lá fora e tem que se pegar nesse momento com Deus e enfrentar as dificuldade. E um por outro, um ser humano por outro, né? Sempre ter a... e sempre vendo a palavra do pastor, né?, que tá na igreja, pregando. Então, é isso aí é... lá na igreja, por exemplo, o pastor é o pino central nosso, é o que o pastor está falando sobre a Bíblia e “nóis” é , eu acho, é o caminho que “nóis” tem que tá ensinando

**E o que o senhor tem aprendido participando dos cultos na igreja?** Ah... muita coisa, né? É, é..., a gente antigamente e, por exemplo, ia numa festa e era aquela bebedeira, e morte, e facada, tiro, e hoje a gente vê lá, e eu comento isso muito com o povo, tem a palavra lá, depois desce<sup>1285</sup> todo mundo conversando. Então, isso daí, eu fico feliz em ver as minhas neta lá, minha família, isso aí é o caminho mais certo que a gente encontrou na vida.

**O senhor sempre foi presbiteriano?** Não. A gente ia nas igrejas Católica, né?

**E o que o senhor sente falta na nossa igreja? O que poderia ter em nossa igreja que o senhor acha que ainda não tem e que faz falta para o senhor?**

Ah... isso aí é pesado, viu? Eu sinto muita coisa difícil lá na igreja. **Por exemplo?** Eu sinto..., o cara que tá pregando, tocando e tudo. E daí a pouco, pular entre...as

<sup>1285</sup> Ele está se referindo ao salão social da igreja que fica abaixo do templo.

peessoas mesmo, uma picuinha lá, uma conversinha, a pessoa larga de ir lá na igreja, isso aí é um tapa que tomo por cima da cara. Que eu acho que esse momento não era para acontecer. A gente via tanto o rapaz tocar lá na igreja; ele e a esposa dele. E eu me pergunto: “Por que ele não vai mais”? Puxa vida, é difícil, né pastor?, uma coisa dessa aí, meu Deus do céu! Conversa não tem nada a ver que o cara tá com uma ideia em Deus lá frente pregando...,<sup>1286</sup> porque, olha o tanto de inocente que ele tá puxando lá. As crianças estão vendo isso daí, oh. Um louvor, uma coisa linda igual é. E então isso aí num... ele tá abusando das crianças, dos inocentes o cara que faz isso. **Mais alguma coisa, que o senhor...? Não. Eu acho que é isso aí, pastor.** Eu peço a Deus que ilumine o caminho que o povo... deixe de conversinha fiada para lá e segue o caminho certo, né?

---

<sup>1286</sup> O entrevistado, na verdade, está se referindo à dois casais que eram membros da igreja e tinham envolvimento com a música, que deixaram de participar da igreja – um desses casal foi para outra denominação (o marido ensinava violão na igreja para crianças e adolescente, e com a sua saída parou com as aulas), e outro casal permanece ligado à igreja, mas encontra-se ausente (o marido desse último casal ministrou algumas palestras para jovens e dirigiu reuniões de oração).

<b>Data:</b> 20/02/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> MZPB	<b>Idade:</b> 68
<b>Profissão:</b> Microempresária/cozinheira	<b>17/31</b>

**Qual é idade da senhora, mesmo?**

Sessenta e oito.

**Quais são os problemas que a senhora enfrenta no seu dia a dia? Quais são as dificuldades da sua vida como uma mulher? Questão de serviço? Sobre o serviço, sobre a vida, sobre a família...** É sobre o serviço... sobre... sempre a gente tem um probleminha, na família. Todas as partes, né?, pastor. É difícil pra gente pra falar hoje que tá tudo bem. Sempre tem uma coisa para atrapalhar, pra gente ficar triste. Um dia a gente tá triste outro dia a gente tá alegre, e aí vai, né?

**E como a igreja te ajuda nesses momentos? Como é que a sua fé te ajuda nesses momentos?** Na oração, né pastor? Tanto dos irmãos da igreja quanto a gente pede muito a Deus, agradece. E a gentes tá sempre em oração e agradecendo a Deus por tudo. E os irmãos da igreja está sempre orando com a gente, né?

**A... a senhora estava dizendo, antes de gravar aqui, que a senhora tem uma dificuldade. Que dificuldade é essa?** Eu não sei, pastor, explicar por eu sinto essa dificuldade. **Mas qual é a dificuldade, primeiro?** Eu quero responder, mas não consigo. Sei lá... não sei explicar o que que me dá! **A senhora entende o que é ensinado para a senhora, mas a senhora não consegue explicar.**<sup>1287</sup> Sim!

**E voltando a pensar em igreja, o que é igreja para a senhora? Como é que a senhor entende a igreja?** A palavra de Deus, né pastor? **É algo importante na vida da senhora?** Demais! **Qual é a importância que a igreja tem para a fé da senhora?** Ah... depois que eu comecei a frequentar a igreja aí, a minha vida mudou 90%, né pastor? Que a gente frequentava a Católica, a católica é desse jeito: tanto faz, tanto fez. A gente não tem aquela ligação na palavra igual a gente tem nessa daí, né? E um fala e outro fala e a gente vai começando a entender as palavra, né?

**E o mundo. O que é o mundo para a senhora? ... Quando o pastor prega e fala sobre o mundo, o que a senhora entende?... É aí eu não sei... Aí não é capaz de falar. Tudo bem!**

**O que a senhora acha dos cultos, da reunião de oração, da escola dominical...?** Tudo maravilhoso! **Por quê?** É porque tá lá, tá ligado na palavra de Deus, na palavra do Senhor, prestando atenção. A gente não está pensando nas coisas lá fora, quando ... a gente tá ligado nessa palavra, né? Pensando só nas palavras boa, só na palavra de Deus.

**E uma última coisa para a gente terminar. O que a senhora acha que falta na nossa igreja?**

Eu acho que deveria ter mais união, né pastor? Porque sempre tem uma reclamaçãozinha dum lado, uma reclamaçãozinha de outro. Parece que o povo não se contenta com o que está fazendo. É tão bom ter tudo unido, ter tudo ah... uma pessoa só, quero dizer. Todo mundo unido igual, mas sempre tem um que puxa de um lado, que puxa de outro. E no final tudo dá certo. **Amém! Obrigado!**

<sup>1287</sup> A questão dessa senhora é retransmitir o evangelho por meio do discurso.

<b>Data:</b> 20/02/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> OPB	<b>Idade:</b> 46
<b>Profissão:</b> microempresária/restaurante	<b>18/31</b>

### Sua idade por favor?

Quarenta e seis

**Vamos lá! Como uma mulher cristã, quais são os problemas, os desafios que você enfrenta no seu dia a dia?** Dentro da igreja ou fora da igreja? **Nos dois sentidos?** Nos dois! Vamos falar primeiro dentro da igreja. Dentro da igreja, quando eu comecei, era melhor. Você se sentia útil, você se sentia, assim, abraçada pelas pessoas, pessoas carinhosas E no dia a dia, os anos vão passando, as pessoas se acostumam muito com a gente e vai deixando de lado. Só que eu não tive um problema na minha vida. Quantas vezes que eu já quis um abraço de uma pessoa, um carinho de uma pessoa. A nossa igreja tem muito isso: só abraça quando chega. Quando tem um tempo, fica normal aquela coisa. Isso se chama-se... e lá dentro da nossa igreja há grupos. Você não consegue se infiltrar, não consegue. É aquele grupinho... eu já participei de grupo de louvor, já participei muito tempo. Chegou um tempo que eu tava na praia, eu vim pro ensaio, deixei, porque eu podia ter ficado lá, não, mas eu tinha a minha responsabilidade. Aí o que é que aconteceu? Marcaram o ensaio. Eu vim para sex... para ir para o ensaio, marcaram um dia antes d'eu chegar. Então, você vai se sentindo excluída. A gente se sente excluída, né? É... então isso é uma coisa que vai deixando a gente o que? Amargurada, amargurada. Tem vezes que eu não tenho coragem de pedir uma oração, não tenho! Parece que as outras pessoas já olham para gente, assim, de uma forma diferente e... e não peço. Peço no meu coração quando me ajoelho, ultimamente eu estou orando lá sozinha ou então com uma colega mais próxima, assim, aquela colega, aquela amiga, que você sabe que é amiga, desde o primeiro dia que tá lá que continua até hoje. E não aquela que tratou bem no primeiro dia e que depois vai se afastando, né? Então as pessoas têm que lembrar o seguinte: não é porque tá 20 anos lá dentro que não tá carecendo de um abraço, de uma conversa, de... de... uma oração, o que é de principal na vida de uma pessoa é uma oração, né? Pastor, tem presbítero ali que nunca deu a mão, quanto mais uma oração, né? É uma... é uma... preo... isso se torna uma preocupação. Eu tenho essa preocupação com a nossa igreja, né? Agora, voltando pro mundo, dá medo. **Por quê?** Porque a gente conhece a palavra, a gente sabe o que é certo e você vê as pessoas do mundo fazer tanto coisa errada e a gente quer consertar. Só que não cabe a mim consertar! Eu sou um grãozinho de mostarda perto de uma pedreira. O que é um grãozinho de areia da praia perto de uma montanha de pedras? Então, e o que a gente tem que fazer... é só Deus para mudar, Deus para nos proteger, Deus para nos amparar, para nos apoiar. E, infelizmente, a gente não pode mais confiar em ninguém. Hoje em dia você não pode falar mais nada que a pessoa fica carrancuda, de repente você, por uma palavra que você fala, a outra não concorda, vira a cara. Daí a pouco a outra pessoa tá fazendo pior. Então, são coisas que se resumem em preocupação e medo. Porque uma pessoa que está dentro de uma igreja, conhece a palavra, mas se ela não olhar o lado do irmão, o que ela está fazendo lá? Às vezes o mundo te olha de uma maneira que lá dentro eles não te veem daquele jeito, né? Às vezes até te dá um apoio maior do que o próprio que tá do seu lado.

**Mas o que é igreja para você? Quando a gente fala em igreja, o que é igreja para você?** Igreja é um conjunto. É família. É quando você necessita é o... meu

lado bom e... e o estar junto no momento de alegria, no momento de tristeza...né? E a gente pensa mais no momento de tristeza quando você tá pra baixo é... ruim. Claro que não gosta de uma palavra gostosa: “Ah! Hoje passei aqui para te dar um abraço. Vou orar com você”! Quando você está alegre tá tudo bem. Então, quando você está triste, você fica carente, né? E essa carência, o dia a dia das pessoas, eu acho que nem deixa mais ver quem tá carente que num tá. É... a correria, hoje em dia, é tão grande que passa despercebido, né? Igreja não é só o templo, igreja somos nós. Igreja tem as paredes aonde a gente se reúne para orar, pra louvar, pra agradecer, pra pedir, para se confraternizar, né? Mas aí cabe no coração de cada um, né?

**O que você... ah... Nós temos na igreja os cultos, culto do domingo à noite, escola dominical, as reuniões de oração e estudo bíblico, que nós temos nas quartas-feiras. Qual a importância desses momentos para você?** É fundamental, né? **Por quê?** Porque o Estudo é aquele momento da gente aprender, já fala, estudo, né? De tirar as dúvidas. Aquelas... né? Tudo... “Não vá para casa não durma com uma dúvida”!<sup>1288</sup> Eu gosto... as vezes eu fico na dúvida lá na hora, mas depois eu sempre te pergunto, eu sempre tiro. Reunião de oração é para a gente se expor os problemas da gente, expor o nosso, ouvir o do irmão que está ao lado e, se nós somos igreja, somos família, é nessa hora de orarmos uns pelos outros, né?, porque eu tenho o meu problema, o senhor tem o seu, o daqui do lado, o meu irmão, tem o dele. Não existe ninguém que não tenha problema. Não existe. Falou que é ser humano, já nasceu com problema... já nasceu com problema, porque ali é...é... já veio do pecado, né pastor? Então, já nasceu com problema. E continua até morrer. O culto à noite. Eu acho que o culto do domingo ele mexe mais com as pessoas.

**Por quê?** Eu não sei, pastor... é...é... aquela sensação... é o último dia e o primeiro dia da semana, você já pensa assim, na... é diferente o culto à noite, né? Você vê que as pessoas se arrumam mais, vão mais bonita, cabelo escovado, salto alto, né?. É diferente. Parece que é... não sei... às vezes a gente sente uma presença tão forte de Deus no domingo à noite, no culto. Momento de perdão, louvor, adora... é diferente o culto, né? Eu num sei o porquê, mas o culto do domingo é diferente. E o meu sonho [em lágrimas] é, olha a chorona da igreja, e o meu sonho é a escola dominical... **Por que é seu sonho a escola dominical?** Porque eu tive poucos meses de participar [chorando]... e adorei. E vejo que pessoas que entraram na igreja junto comigo, elas tiveram aprendizado diferente. Eu não tive, eu não tive acompanhamento nenhum, com ninguém. Nem com os pastores passados, a 20 anos atrás, quando eu entrei, vai fazer agora dia 4 de novembro. só que na minha época...teve as pessoas que entraram mas elas tiveram a escola dominical na vida dela e eu vejo algo diferente na vida delas. Isso vem da escola dominical. Que eu vejo que pessoas começaram a participar da escola dominical elas aprenderam mais, já fala escola, né?, porque dominical porque amanhã, é domingo. E então, cê vê, que quando a gente estava indo, a gente tava, assim, começando no... a aprender era... era diferente, né? **Você não vai na Escola Dominical por quê?** Pelo trabalho, né? Não dá. **Qual trabalho? Qual o trabalho que vocês têm?** Restaurante. Aí tem que fazer o almoço, arrumar tudo, limpar, como que vai? Difícil, mas Deus vai abençoar a venda do nosso ponto, para gente começar a ir.<sup>1289</sup> As pessoas falam: “Que você vai mexer depois”? Eu falo: “Eu quero descansar um

<sup>1288</sup> Essa é uma frase que o pastor usa com frequência ao final dos Estudos e Escolas Dominicais.

<sup>1289</sup> Como o restaurante é uma empresa familiar, o “a gente” da entrevistada envolve o pai, a mãe e a filha, tanto na produção como no atendimento.

ano. Deus vai colocar certo o que eu vou fazer! Vai estar nas mãos de Deus! Porque eu quero voltar para escola dominical. Eu quero! E eu vou conseguir!”! Ontem eu fiquei muito triste [chorando]. **Por quê?** Porque você começou a dar o estudo que eu tanto queria ouvir.<sup>1290</sup> Aprender. Mas quero que você me dá tudo anotado. Porque eu sonho tanto com isso. Todo domingo quando eu vou levantar, acordo às vezes 5 hora, às vezes eu fico... eu num levanto 5h, eu levanto mais tarde, mas eu penso: “oh meu Pai amado, até quando vai ser assim? Eu queria acorda 8 horas, tomar café e ir para a Igreja. Descansar o domingo... São 27 anos, que a gente não sabe o que é sair no domingo, do quê que é um descanso, né? Mas, Deus só dá o fardo conforme a gente consegue carregar! Se o nosso é esse...mas eu tenho certeza que Deus vai tirar um pouco do peso, quando a gente vender isso.<sup>1291</sup> Que... aí o fardo fica leve e ele vai colocar a coisa certa para eu fazer pra poder participar.

**Para gente encerrar. O que você acha que ainda falta em nossa igreja?** O principal é a união. acho que o mundo tá tão difícil! A gente vê tantas guerras. A gente vê tanta dificuldade ali fora, das pessoas, e nós somos um grupinho tão pequenininho e sem união. Falta amor. O amor está esfriando. Tá acabando, pastor, tá no final. As famílias não se amam mais. Tá faltando amor! Tá faltando carinho! As pessoas é...é... se juntam... poxa, me entristece! Eu chego na igreja a irmã tá sentada lá, você vai dá um sorriso, você vai conversar... **Dá um sorriso de canto de boca!** É. te corta, né? Não dá aquela oportunidade pra... pra... conversa. Eu observo, de lá o senhor já deve ter olhado isso também, do altar, do púlpito, olha se tem um da igreja que senta perto de nós? Por que eles... só nós somos excluídos? Quando foi que uma pessoa da igreja sentou perto..., né? A igreja, ela tá fazendo tudo quanto é programação de manhã, a gente tá sentido muita falta da Nicinha<sup>1292</sup>, por conta disso. Que quando começou com as programações de manhã, a Nicinha falou: “*Epa, meus lá da Penha não vão poder participar. Vamos fazer no sábado à noite*”! Era bom a gente se envolvia, tinha mais entrosamento. Agora não! Fazem só de manhã. A gente continua excluído, né?, sem... Tem muita coisa que acontece que é feita lá dentro que a gente só fica sabendo depois que passou, depois que fizeram ou somos os últimos. Isso é muito triste, né?, porque não é por aí. Eu acho que se é uma família, é uma igreja: “ – Ah! O fulano tá com problema de saúde”! Por quê só falar com uma ou duas, né? Mas essa uma ou duas ficar elas espalhando, assim, né? Por que falou primeiro pra ela, né? Por que num... num... tem reunião de oração é pra isso, para expor; e não é para se ficar falando na rua também, né? Nem pensar! E na nossa igreja já teve esses casos de ter que parar de pedir, porque a rua tava sabendo. Então é uma coisa... é uma coisa muito séria, é uma coisa delicada, né? No pensamento da gente, é o melhor lugar que tem pra ir é igreja, mas, às vezes, a gente chega, senta, passa um, passa dois, no outro faz... [parou de gravar] **Concluindo o que você estava dizendo, as pessoas é... as pessoas chegam cumprimentam outros não cumprimentam você. Faz festa...** Tem muito disso na nossa igreja. **Você tava dizendo que no seu coração muitas vezes você...?** Às vezes já sentir vontade de sair de dentro da igreja e vir embora. De quando terminar o culto, chegar em casa e eu falar: “*Mae, o quê que eu fui fazer lá*”? de você ficar lá no culto as pessoas passam, só dá aquela olhada. O outro vai faz festa com o outro. Como se não existissem. Você dá um boa noite a pessoa não responde. O quê que é isso tá dentro da igreja e tem uma atitude dessa. Só que as pessoas tem quer ter as mesmas atitudes dentro da igreja, né? Só que muitas vezes

<sup>1290</sup>

<sup>1291</sup> O ponto comercial.

<sup>1292</sup> Uma membro da igreja falecida em 2014.

tem uma atitude dentro da igreja e fora tem uma completamente diferente. **Dentro positiva e fora negativa ou como?** ... Acontece muito isso. Dentro da igreja é uma coisa, conversa, cumprimenta; passa por você na rua nem olha, né? É... então o que faz a pessoa... leva a pessoa numa igreja e depois disso? E a nossa igreja tem uma história de “*num vou, tô doente, tô passando mal*”. Pera aí... *tá doente, tá passando mal*? Mas eu quero saber na segunda-feira, para ir no culto tá doente, tá passando mal, e na segunda para ir pro trabalho? Ela num tá não? Ela tá doente pra Deus? Eu tenho uma preocupação com isso! Fala longo: Não quero ir! Eu não vou!, né? Agora, esse negócio é preocupante, tá? A pessoa falar que tá doente para não ir a igreja, e depois na segunda-feira levantar e pro trabalho. Agora, na hora que pesa... Por que não fica na segunda dentro de casa? Sabe por não fica, pastor? Pelo lado financeiro, porque sabe que o aluguel vai pesar, a despesa vai pesar, vai vir a conta de água, vem a conta de energia, vai vir a conta do telefone, despesa do supermercado, farmácia. Na igreja não tem que pagar nada! Só receber, né? E ainda a pessoa falar que está doente? É complicado, viu? Então, não pode reclamar mais tarde se Deus pesar a mão sobre a vida da pessoa, né? Esse negócio da pessoa ir lá participar dum momento tão sagrado que é a Santa Ceia, tocar lá na frente e, por picuinha, difamar a igreja e não voltar, eu acho que... eu acho que futuramente pessoas, assim, vão ter um arrependimento muito grande na vida, né? Que Deus possa tocar no coração deles e [elas] pedir perdão. Não vou falar que eu sou santa não, mas eu creio que Deus já me perdoou, né?, mas é... é perigo, né? A língua é o bacalhau do corpo, tá? É um órgão pequenininho e perigoso que nós temos, chama-se a língua, né? É difícil! É complicado! **Ok, mais alguma coisa?** Não! [risos] **Obrigado, então!** Talvez foi um desabafo pastor...

<b>Data:</b> 27/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> AVM	<b>Idade:</b> 82
<b>Profissão:</b> Militar da Reserva	<b>19/31</b>

**Então, para a gente ficar informado, qual é a sua idade?**

Oitenta e dois anos completos.

**Vamos lá, primeira pergunta que eu tenho para você é: Para você como o senhor cristão, alguém que já tem uma experiência de vida, quais são, como cristão, as que suas dificuldades, os seus problemas, as suas demandas do cotidiano da sua vida? Suas preocupações?** Olha, a gente tem uma história, não é? Cada um tem sua história, mas não as nossas dificuldades, hoje, estão exatamente, é..., mais condicionadas ao fator idade, porque durante um período X da minha vida, eu vivia viajando, evangelizando, pregando evangelho em várias igrejas; cheguei a ser pastor mais de 20 anos, viúvo? E isso me traz até uma certa angústia, hoje, porque estou me achando assim muito, muito inanimado, muito desativado. E quando a gente fica numa desativação, a gente começa a se considerar como superado, de tal maneira que não vai ser mais utilizado, não vai ser mais útil. E o que gostaria de... enquanto o pavio tiver aceso, a chama de vida existir, eu queria estar mantendo o mesmo ritmo, proporcionalmente, naturalmente, de atividade na igreja. Quando digo a Igreja, não é apenas a igreja local, onde eu estou funcionando a minha atividade..., atividade natural, mas à Igreja no sentido mais expansivo, sempre foi assim! Então, inicialmente é isso!

**E você foi pastor de que igreja?** Eu fui pastor na Igreja Cristã Presbiteriana, tão longo houve uma cisão, né?, da Igreja Presbiteriana do Brasil. Esta..., a igreja começou num trabalho, assim, mais ligado a avivamento, a evangelismo, exatamente a evangelismo mais intensificado. E a Igreja Presbiteriana [IPB] estava passando por uma fase meio complicada, que já estava sofrendo influências de uma ala chamada, podemos assim dizer, “ecumenista” muito ativa e pessoas que tinham uma influência muito determinante na igreja... **Por exemplo? Você lembra o nome de algum deles?** Lembro! Lembro! Já todos eles praticamente falecidos Rev. Wellste Guida, Joaquim Beato<sup>1293</sup>, ultimamente, rev. Rubens Albuquerque, rev. Francisco Neto, e... Wellste Guida, eu não falei... acho foi o primeiro, um outro

<sup>1293</sup> Foi senador da República pelo Espírito Santo

também Eduardo Ramos Coelho, ele apesar aparentemente, como se fosse assim, é... uma... trabalhando na retaguarda..., mas ele era um dos mais fortes neste sentido. Então, isso aí fez com que a gente, na Igreja Presbiteriana, na atividade que a gente desenvolvia começou a ser muito impactada. Essa impactação, ela trouxe, por outro lado, a liberdade de se agir em outro ângulo, mesmo dentro da Igreja Presbiteriana, até que nós fomos cobrados por estarmos fugindo as normas mais fundamentais da igreja, da IPB, e isso fez com que é um dos nossos pastores, principalmente, o que mais trabalhava com a gente, também já falecido, rev. Milton Otto de Albuquerque Leitão<sup>1294</sup>, era um evangelista nato, um homem de *front*. Então o Presbitério se transformou num agente julgador, num Tribunal<sup>1295</sup> e julgou o rev. Milton e despojou do cargo. **Por que ele estava... por que ele estava no front, evangelizando e chamando a igreja para evangelizar?** Chamando a igreja para evangelizar! **Ele foi disciplinado por isso?** Ele foi... ele foi exatamente por isso, eles achavam que ele estava..., ele estava ferindo os postulados tradicionais da Igreja Presbiteriana do Brasil. O que ele fazia: fazia culto em praça pública, culto à tarde, culto nos lares e até mesmo nos calçadões da praia, cultos de evangelismo e com apelo a se aceitar Jesus, assim, na linguagem mais comum, não é? E isso eu trouxe uma certa, eu não diria uma preocupação, mas uma certa inquietação do Presbitério, na ocasião me parece que ele era presidido pelo rev. Eduardo Ramos Coelho, que era pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, hoje Rua Sete de Setembro, que também acabou por haver uma nova cisão ali, né?, ficou com a... inicialmente FENIP – Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas – e, posteriormente, IPU, que prevalece até hoje. Então com isso, quando o rev. Milton foi despojado do cargo, eu era um dos presbíteros que fez parte das reuniões do Tribunal. E claro que fiquei insatisfeito por que eu era da mesma linha dele [rev. Milton], era da mesma linha dele. E outros presbíteros, né?, não sei se seria interessante citar nomes? **Pode citar!** O Gedelti Gueiros, viu?, o outro presbítero de Itacibá, Moisés Lima, e outros que para gente falar rápido não consiga fazer uma nomeação, mais...mais completa. Mas a adesão foi muito grande, muito grande

<sup>1294</sup> Tio da jornalista política Mirian Leitão

<sup>1295</sup> De acordo com o Código de Disciplina da IPB, concílios inferiores como o Conselho de uma igreja local e o Presbitério, passam a funcionar como tribunais, diante da necessidade de julgar e aplicar a disciplina eclesiástica, oferecendo ampla defesa aos acusados – existem de duas a três instâncias de recurso: acima da igreja local apela-se ao Presbitério, depois ao Sínodo e, por fim, ao Supremo Concílio. À partir de um Presbitério, ao Sínodo e ao Supremo Concílio.

mesmo, tanto que várias igrejas sofreram com esse processo de perda de membros, exatamente por isso. Então esta igreja ficou... o grupo que saiu, aí foi praticamente uma espontaneidade, porque na verdade quem saiu foi o pastor, né?, o pastor. E quem trabalhou muito conosco nessa ocasião foi o rev. Sebastião Bitencourt dos Santos... como é que é?... dos Passos..., Sebastião Bitencourt dos Passos, mas logo em seguida ele foi transferido para outra igreja... da IPB. Então, com isso, a gente tinha que trabalhar, num... tínhamos, o grupo cresceu, houve um número muito grande de conversões, criamos pontos de pregação em Vila Velha mesmo, viu?, e... com isso a igreja foi organizada com o nome de Igreja Cristã Presbiteriana, ou seja, tomou o nome da igreja presbiteriana antiga<sup>1296</sup>. E nessa igreja é que eu trabalhei como pastor, naturalmente e sem... sem ônus para a igreja, né?, pelo contrário, até colaborando financeiramente tão quanto possível.

**Na época, qual era a sua profissão?** Na época, eu era sargento do Exército e já estava em atividade na..., eu usava... eu tinha outras atividades. Entrei na faculdade de odontologia posteriormente desenvolvendo a minha atividade como cirurgião dentista. Foi armando essa corrente, fazendo esses elos naturalmente. **Já está aposentado. Aposentou como?** Eu aposentei na, já na Polícia Militar que eu troquei a área, né?, eu sair do Exército, pelo fato de transferências, um concurso na minha área da Polícia Militar, por conveniência própria, eu fiz um concurso para área de saúde PM e fui, fui licenciado do Exército por ter sido nomeado oficial da Polícia Militar, na ocasião no posto Segundo-Tenente Cirurgião Dentista. **E hoje qual é o seu posto?** Hoje meu posto é Coronel. Ativo tive ainda mais uns 3 anos. Lá eu sempre desenvolvi a atividade de cirurgião dentista nos batalhões por onde eu passei e... e também, eh... e também particular, eu tinha um consultório particular.

**Você disse uma fala anterior que a sua linha era uma linha mais voltada para o evangelismo. Sim! De onde surgiu essa..., esse..., esse desejo? A igreja que você frequentava quando você era jovem influenciou em alguma coisa?** Influenciou. Bastante. Mas, eu trazia também boas recordações do meu tempo de criança numa igreja, quando o meu pai era coletor Estadual, numa cidade

<sup>1296</sup> Esse era o nome da denominação IPB, antes de uma reestruturação finalizada em 1950.

chamada Iconha, lá não tinha igreja presbiteriana era difícil. A Igreja Presbiteriana era...era Capim Angola, hoje é chamada Primeira Igreja Presbiteriana de Rio Novo do Sul, até hoje no local chamado Capim Angola. Então, a gente para ir lá tinha que ser ou a pé, ou fretar um carro, ou ir a cavalo, mas o que me fez..., como criança, foi perguntar uma igreja batista num lugar chamado Confiança. E eu guardo muitas recordações de uma professora que ministrava, que apesar da simplicidade, mas despertava na gente um sentimento muito..., muito, assim, objetivo no sentido de vida cristã e evangelismo, de pregar o evangelho, de ser um cristão pescador, digamos assim, de almas, né? Como criança, eu já gostava de... de pregar, falar na igreja. E quando veio, quando nós saímos de Iconha e viemos para Vila Velha, nós ingressamos na Igreja Presbiteriana, “Congregação, ainda, de Vila Velha”<sup>1297</sup>, foi organizada, se não estou enganado, em 1954, viu? E como congregação a gente trabalhou intensamente ali. Como igreja, fui presidente de mocidade, criamos trabalhos na penitenciária, todos os domingos levamos um grupo para a penitenciária, criamos um trabalho na Rádio Espírito Santo, durante três anos trabalhamos na Rádio Espírito Santo com um programa de evangelismo e mantínhamos pontos de pregação em casas, em lares, ou mesmo ainda em praça pública. Isso praticamente com esse grupo, né? Isso aí foi, isso aí foi cada vez mais acentuando na minha vida. E com isso a gente recebia, mesmo jovem, recebia convites para pregar outras igrejas até presbiterianas, porque até então não tinha havido essa cisão. E Maruípe, por exemplo,<sup>1298</sup> preguei algumas vezes na igreja de Maruípe, só nunca preguei na Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória..., mas eu pegava Itacibá, Paul...<sup>1299</sup> e a gente tinha esses trabalhos, viu? E cultos, cultos de evangelismo em bairros constantemente, e agente, quase sempre, “tava” a frente disso aí.

**Então, foi a Escola Dominical que motivou, então, essa paixão pela evangelização?** Isso! A Escola Dominical principalmente, essa dessa igreja batista, aquelas lições, aquela... aquela professora, hoje ela deve estar com... eu espero que ela esteja viva ainda, tenho muita vontade de vê-la novamente, ela deve

<sup>1297</sup> Uma congregação é uma comunidade local sem autonomia e dependente organizacionalmente de outra Igreja organizada.

<sup>1298</sup> Bairro de Vitória, onde havia uma igreja que era pastoreada pelo rev. Wellste Guida. Atualmente essa comunidade está sob a jurisdição da IPU.

<sup>1299</sup> Bairros de Vila Velha.

estar, provavelmente, como os seus 90 anos, daí pra lá. Ela mora próximo a essa igreja batista de Confiança, outros davam o nome de Pedra D'Água, outros..., outros parecem que tem já davam..., hoje. o nome do local parece que já mudou, mas permanece a igreja ali do meu jeito, né?

**Lá atrás também, você fez uma consideração acerca de igreja. Como é que você entende igreja?**

Olha, eu entendo igreja..., vamos tentar na minha, na minha, talvez, dificuldade de expressar, mas, como o corpo místico de Jesus Cristo. Ela é abrangente. A Igreja de Cristo ela não atende por uma bandeira denominacional definida. Ela é a Igreja de Cristo. É a Noiva. Então, eu me mantenho dentro dessa linha de pensamento. Muito embora, hoje, com a idade minha e tempo de trabalho, eu me mantenho, até certo ponto, faço de tudo para me manter fiel, a Igreja Presbiteriana do Brasil, viu?, e não é que eu também me desenvolvido. E também nela é que eu me desenvolvi, a maior parte do meu desenvolvimento, no sentido de avanço evangelístico é... exatamente na Igreja Presbiteriana do Brasil, principalmente em Vila Velha onde morei durante alguns anos.

**Então, quer dizer que a Igreja um corpo místico, é uma estrutura muito maior que uma denominação. Sem dúvida! Supera isso! Como é que você vê a sua dominação hoje a Igreja Presbiteriana do Brasil e como você ver a sua igreja local aqui em Santa Teresa?**

Eu vejo IPB como aquela que, realmente, eu considero como Deus me tendo colocado lá, o tempo que eu passei afastado dela, como nós dissemos a princípio, por mais de 20 anos, 20 ou 25 anos por aí, assim, não posso precisar com muita segurança, mas a minha atenção sempre foi voltada para sempre pensando na cerveja esperando por questões de também eu vou dar um tempo que talvez se encaixa de um jeito, mas que não seria o perfeito, no sentido de tradição do meus pais, né? Meu pai foi presbítero até morrer, criou os filhos na Igreja Presbiteriana com exceção dos que... ele também egresso de uma igreja batista, mas por questões óbvias, ele teve que sair da igreja batista, ele foi excluído, mas a Igreja Presbiteriana o acolheu, exatamente essa igreja de Rio Novo do Sul<sup>1300</sup>, de Capim Angola, na

---

<sup>1300</sup> Cidade capixaba ao sul da capital.

ocasião, me parece, que o pastor de lá já era o rev. Jader Gomes Coelho foi quem me batizou também. Então eu vejo a Igreja Presbiteriana com o melhor da minha ótica de evangélico, viu?, não teria, assim, nenhuma..., nenhuma preocupação ou sentimento em pensar: “Não, essa igreja, hoje, eu não estou me encontrando, eu sairia para atacar de frente outra atividade fora dessa denominação”. Até então, não passa pela minha..., pela minha mente essas a ideia.

**Como é que você vê a sua igreja local hoje?** Bem, a local hoje... **Santa Teresa?** Santa Teresa! Eu tenho de membro da igreja em Santa Teresa, praticamente, o mesmo número de anos, que ela tem como organizada, teve aí uma hiato, quando passou por essa igreja um pastor... **Desconsidera no nome!** Como? **Desconsidera o nome!** Sim! Um pastor e houve uma coisa que não..., não..., não trouxe bem-estar para gente, principalmente por questões de uma..., de uma impetuosidade a partir da própria esposa dele, e depois um comportamento numa reunião do Conselho<sup>1301</sup> praticamente ele... dis..., dispensou a gente de pertencer a Igreja Presbiteriana, sabe? Então a gente teve um essa... esse hiato na Igreja Presbiteriana.

**É... tá... mas como é que você... eu vou repetir a pergunta e vou tentar melhorar a um pouco. Essa igreja ela é uma... vou fazer a última pergunta sobre a igreja, agora: O que você sente falta na nossa igreja? Quando olha para ela, você tá aí é quase 21 anos?** eu sinto falta na igreja é uma maior... é um melhor conagraçamento entre os irmãos. parece a gente olha assim um grupinho e não... não se adapta bem ao outro e isso... isso, eu olho, pode ser até uma visão na visão deturpada da minha parte, e, com isto, a gente percebe que as vezes um culto poderia ter uma participação maior às vezes por questões óbvias a frequência acaba... acaba caindo, o que a gente sente profundamente com isso. Mas a minha... a minha visão para a igreja é que ela é uma igreja que continua com aquele desejo de expansão, mas é uma impactação, mas, às vezes, a gente pode pensar: “Bom, mas é a cidade”. A cidade de formação... de tradição católica romana, né?, bem acentuada, mas eu não olharia para isso porque nós temos, na Igreja Presbiteriana de Santa Teresa, pessoas que vieram do catolicismo e estão excelentemente bem

<sup>1301</sup> Colegiado dos presbíteros regentes e presbítero(s) docente(s)[pastor] de uma comunidade local.

localizadas na... na nossa IPB, em Santa Teresa. O que eu vejo, assim, parece... parece ainda um pouco de dificuldade no sentido de assimilar a pessoa, cada membro, de *per si*, assimilar sua própria responsabilidade para com a igreja e, às vezes, se acomoda, não se dá para igreja, se retrai, não valoriza o culto, deixa de valorizar, tanto faz ir como não ir. Eu associo, talvez, quem sabe, isso é um julgamento meu, à uma outra coisa mais importante, eu vou dormir até mais tarde, não vou escola dominical ou não chegar, ou então trocar por um programa qualquer, aí, às vezes, é uma pessoa que devia ter um pouco mais de responsabilidade na igreja, mas, às vezes, deixa, porque acha que a igreja pode ir da forma como tá indo, mas isso traz nossa... até desmotivação, porque a igreja tem que ser um como o corpo, ela tem que funcionar em unanimidade... em unanimidade; cada um tem a sua função, não existe... não há... não há... eu diria, não há aquela preocupação de dizer: *“Esse é mais aquele a menos, esse é imprescindível esse aqui é dispensável”*. Então, eu vejo a igreja aqui com algumas dificuldades neste sentido de maior integração, maior consagração. Eu não sei, ao meu ver precisa um despertamento maior para que os membros, de um modo geral, amem mais a igreja, se dedique mais a igreja, vivam mais para igreja, sejam mais à igreja, porque a igreja é... ela é considerada aqui, e em qualquer lugar, como sendo o total de seus membros, exatamente isso.

**Percebi que você tem uma percepção muito positiva da necessidade dos cultos, dos trabalhos da igreja. Qual é a importância, para você, da escola dominical, do culto dominical, reunião de oração e estudo bíblico?**

A importância que esses trabalhos internos têm para mim? Para mim é que eles são fundamentais! Eles não podem atender... não podem ser relegados maneira nenhuma. **Por quê?** Por que, a escola dominical, como o próprio nome indica, é ali que se aprende, é ali que se discute, é ali que se pergunta, é ali que se contesta, é ali que se esclarece, e dentro desse princípio cada membro, os... os neófitos, tem mais liberdade de perceber que tem oportunidade também de se desenvolver com perguntas, com questionamento. Que sejam esses questionamentos até o sentido públicos de pregar..., de se perguntar de se fazer essa pergunta na hora ou então questionando diretamente com pastor, com os presbíteros, com alguém mais experiente para chegar ao esclarecimento. Então, um culto de escola dominical. O culto público, então, à noite, eu acho ele fundamental, é uma hora de... muitas...

de muita... ele deve prender muito a atenção da gente. A gente deve valorizar muito o culto, culto... o culto que a gente chama de culto da noite, culto de louvor, de glorificação ao Senhor, se bem que a Escola Dominical também é um culto de glorificação ao Senhor. Mas esse culto à noite, ele precisa ser mais valorizado também pelos membros. A gente, e eu me ponho, assim, como faltoso, nesse sentido, porque estar sempre saindo, ou viajando, ou ... de tratamento [de saúde], então, eu tenho sido um pouco sacrificado nisso. Mas é preciso ser olhado com mais valorização. Ele não deve ser prescindido. Ele não deve ser colocado em nível de que: *“Não! eu não vou hoje; hoje, eu não tô... não tô para ir ao culto! Não tô bem”!* Isso aí é uma falha que eu considero altamente reprovável. Acho que nós temos que nos deslocar para igreja quer chova, quer faça sol, só não pode... só não pode fazer sol de noite; mas que a nossa a nossa obrigação está na igreja, porque se nós temos obrigações profissionais ou estudantis, obrigações contratuais com A, com B ou com alguma coisa, eu... eu acho muito desconforme a pessoa deixar de fazer parte de um trabalho junto, trabalho da igreja, dentro do da sua agenda habitual, porque recebeu um visitante em casa: *“- eu não vou à igreja, porque fulano chegou aqui em casa”*. Então, acho que isso aí: *“olha, meu amigo, você me desculpe, mas esse horário eu tenho que estar na igreja”*. E então, isso não justifica o fato: *“Eu vou ser indelicado”!* A... gostar..., há situações altamente consideradas diferenciais, um repente, num é?, uma súbita, num é?, Mas, em regra geral, eu acho que esse é o problema o culto de oração devia ser muito mais valorizado do que o que é. Então, às vezes a gente vai num culto de oração, e o grupo tá até menor. Há ate quem chegue a dizer: *“- Ah, é culto de oração, vou lá não! Hoje é só culto de oração”*. Então, o culto de oração talvez fosse a base, o fundamento, o momento mais propício para se entregar a uma consagração maior, a quebrantamento, acerto de contas de certas diferenças entre irmãos, tudo isso. Então eu vejo quaisquer cultos... quaisquer cultos... dentro da programação como altamente significativos, importantes, devem ser valorizados.

**Mais uma pergunta nesse sentido. Evangelização, como é que você entende evangelização e qual a importância disso para a vida da igreja?**

O primeiro aspecto da evangelização... **São duas perguntas!** É... é... mas uma completa a outra. É o primeiro... o primeiro aspecto da evangelização é o testemunho do cristão, porque senão, desculpas vou usar um provérbio popular,

porque se ele não demonstrar através da vida dele que é um cristão, se ele não testemunhar, a casa cai. Ele vai ser até um desestímulo ou embaraço para que alguém compareça culto ou diga até: – “Ah, aquela igreja! Fulano! Ah, então, eu não vejo razão de estar ali onde tá fulano. Ele diz que é crente, olha...” Então, nesse aspecto eu considero que... que a gente tenha que procurar aprimorar a nossa... a nossa visão de cristão, de cristão individualmente, para que, como um bom cristão, eu diga... o mundo veja que eu sou cristão, meu vizinho, o meu companheiro de escola, meu companheiro de trabalho, veja em mim um verdadeiro cristão. **O que seria o verdadeiro cristão?** Verdadeiro cristão é aquele que busca se aproximar de você cada vez mais, que busca se identificar com os ensinamentos de Cristo, está mais próximo... às minhas orações, pastor? <sup>1302</sup> **Pode!** ...nas minhas orações, pastor, meus cultos matinais, têm sido, assim, um pouco pesados para mim, eu tenho pedido muito ao Senhor, que o Senhor me esvazie de mim mesmo, tire de mim o eu... eu! E se instale em minha vida... e se instale em minha vida! Então, a partir daí eu vou ter que fatalmente é..., é..., refletir isso meu relacionamento tanto em casa, familiarmente falando, como no meu passar, todos nós temos nossas dificuldades, existem coisas que nos defrontamos com elas, que não são provocadas pela a gente, mas seja qual for o ângulo de observação de alguém, mesmo que seja um adversário, ele não pode ver em nós um tropeço ou então uma desconfiança de que nós somos cristãos. E não pode nunca encontrar esse..., esse pezinho de desconfiança. Então, partir daí como vem a segunda, a partir daí, é despertado em nós esse sentimento de evangelismo, de nós sabermos conversar com alguém apresentarmos... não sei se poderia citar um dos últimos exemplos, o último exemplinho dos últimos dias... **Pode!** a gente estava em Vila Velha, eu sai cedo de casa para fazer uma caminhada no calçadão de Itaparica, uma caminhada 5 ou 6 km. E quando eu passei de um daqueles quiosques, tinha dois, três, quatro rapazes, um deles quando eu passei ele fez uma brincadeira: eu ia passando: “ – A velho, corre... corre, pode ficar para traz não, corre”! Aí eu simplesmente parei, mostrei pro outro, que fez um gesto, um sinal de que eu devia acelerar, né? Aí eu só parei para ele e fiz assim no meu cabelo [risos]. **Mostrando era branquinho!** Mostrando era branquinho! E fui embora. Provavelmente, nesse período que eu fui até um ponto X e voltei, estavam os dois sentados no mesmo lugar. Quando ele me

<sup>1302</sup> O entrevistado queria saber se poderia dar o seu exemplo de piedade/espiritualidade. Particularmente, achei lindo!

viu, ele voltou atenção para mim novamente: “– *Aí! Gostei de ver, hein! Foi lá e voltou, ta caminhado bem... To te admirando. Eu falei aquela hora, aquelas coisas que te falei, mas eu to te admirando. Sua disposição*”. Pois é, aí eu parei. Parei, conversei com ele, falei com ele: Mas isso aí... a gente tem que caminhar sabendo que precisa de exercício físico, ele é tão importante na vida da gente como exercício espiritual, falei com ele, viu?. Ele ficou assim, né? Ele perguntou: “*Qual é o seu nome?*” A. E aí eu falei: “*E o seu?*” “*O meu é Daniel*”. Eu disse: “*Muito bem Daniel, você se lembra de um Daniel que enfrentou os leões, na cova dos leões, e saiu ileso, porque Deus estava com ele! Aí eu peguei essa linha, né?, falei: Pois é, que você possa ser um Daniel, capaz de enfrentar leões, adversários, você prevalecer, você ser uma pessoa que seja vito... vitoriosa! Agora, você só alcançará isso se você colocar sua confiança no Deus vivo verdadeiro, aquele senhor Jesus Cristo, que é o nosso salvador, é ele que gera em nós esse estímulo para tudo isso. Aí me abraçou! O senhor me permite que eu te dê um beijo?* Disse: “*Pode beijar*”! Ele me beijou e a lágrima desceu..., dele não é? E ele ficou impressionado, e disse: “*Olha, eu tô aqui, mas eu sei que eu... eu preciso ser um crente*”! E eu falei: “*Deve ser! Se você ainda não é, passa a ser a partir de agora*”! E o seu colega aqui, qual é o nome do seu colega? Aí ele se levantou para falar comigo, e disse, meu nome é Tiago. Eu falei: Muito bem Tiago, mostre-me a sua fé sem as suas obras, e eu mostrarei a minha fé... mostra-me... mostra-me a tua fé sem as tuas obras, eu mostrarei a minha fé pelas minhas obras! Você tá agindo de tal maneira que alguém veja em você a característica de alguém que teme a Deus? Então aproveitei ali! Ambos ficaram impressionados e se quebrantaram. Pediram desculpa, porque brincou comigo, uma pessoa de mais idade, pediram desculpas e um deles, Daniel, inclusive, perguntou onde eu morava: “– Santa Tersa”! “Ah, tenho muita vontade de ir lá. Quando eu for lá, posso te procurar? Disse: “– *Pode procurar, você vai ser bem recebido*”. Então, quer dizer, são coisas que surgem de repente. E isso é apenas uma, né?, de tantas outras no decurso desses anos que a gente viveu, que teve muita oportunidade, e precisamos ainda ampliar esse campo de ação. Evangelizar é fundamental!

**Última pergunta, acho que agora a última mesmo. E o que é o mundo para você? O quê? O mundo! Quando a gente fala sobre essa palavra como você entende essa palavra? Como é que você entende isso?**

Se a gente olhar pelo prisma bíblico, diz assim: “o mundo está posto no maligno” [1Jo 5,19]. Mas essa estrutura que a gente vê como o mundo é... às vezes a gente lamenta, hoje nós estamos num época tremendamente perigosa, né?, é... é... carnaval, carnaval... festa da carne, expansão da carne, e isso..., isto a gente ver a ausência do temor de Deus, ausência total. Então, o mundo..., o mundo precisa ser sacudido pela presença da Igreja do Senhor Jesus Cristo. Não adianta o sujeito fazer campanhas e por fim, às vezes, campanhas que visam mais assim arrecadar fundos e dinheiro para isso, dinheiro para aquilo. Esse crescer finalmente grandes obras, mas arrematam também um número fabulosos de participantes ou de frequentadores, mas será que todos estão com a vida voltada para o Senhor? Então, a... a... partir daí, eu vejo o mundo como um sistema permanente, permanentemente carente de um brado de evangelho de Cristo, de um brado de cristão a chamar atenção dele... com a Bíblia diz: “Desperta tu que dormes e Cristo vos esclarecerá” [Ef 5,14]. É preciso um brado e esse brado nós, às vezes, damos falando, mas, às vezes, damos silenciosamente vivendo.

### **Como é que mais a igreja poderia influenciar o mundo de forma positiva?**

A igreja denominacionalmente falando? Ou a igreja como... **A Igreja como corpo!** Olha, nunca perdendo a noção de que ela tem que ser diferenciada, ela tem que estar num patamar de total “divorceamento” daquilo que o mundo faz, como para se satisfazer, em busca dos prazeres da carne. A Igreja tem que ser um agente motivador de mudanças no mundo e essa forma de agir para ser esse agente é ter uma vida de mais... mais comunhão com Deus, mais integração com a obra do Senhor, mais responsabilidade para com Deus, para com Deus, refletida na sua vida no mundo. Então é, o que eu vejo é naturalmente isso, para a gente falar sobre isso a gente teria que puxar um fio de meada mais extenso. Mas, em suma, é isso. A igreja está no mundo, mas ela não pode se assemelhar em nada o mundo. Ela tem que ser diferente, ela tem que ser aqui palavra de Cristo diz: “Vós sois o sal da terra e luz do mundo”. Alguém pensa que sal é apenas tempero, mas não é apenas tempero, o sal tem conservação. O sal tem um fator específico de conservação também, né? E mais à frente ainda, o sal é adubo, é adubo. O sal, em determinadas plantas, faz a planta vicejar, ele incentiva o reflorestamento. Desde a árvore até uma... um plantio especificamente. Quando Jesus sois o sal da terra, é porque a gente, na terra, tem que ser um adubo para fertilizar o solo em que nós estamos.

Então, a igreja tem que ser fertilizante, agente fertilizador, nessa linha. A luz do mundo tem como se falar outra coisa, senão, o refletir realmente, porque... eu aprendi quando eu entrei no Exército, noções de guerra, de combate a distância, que um fosforo aceso a 16km de distância em linha reta, a gente num acampamento é capaz de perceber aquilo ali. Isso é uma teoria, que faz parte dos nossos, eu não tenho mais esses manuais de... de instrução militar, mas eu lembro perfeitamente, quando eu fiz o curso no Rio de Janeiro, cursos de aperfeiçoamento, o nosso instrutor falava. E a gente pensava e o vagalume? Mas a luz do vagalume é bem diferente. A do fósforo é um fogo, então, assim é a luz do cristão, é um fogo, e ele tem que aparecer. Então, nessa ótica à 16 km de distância, na escuridão, escuridão densa, se alguém riscar um fósforo o pessoal que está olhando para aquele ponto vai ver que foi acendido um fósforo, surgiu fogo, ou seja, tem alguém lá. Então, a igreja, ela tem que ser luz assim. Pode ter trevas? Aos montões! Mas ela precisa resplandecer!

<b>Data:</b> 27/02/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> MFPM	<b>Idade:</b> 52
<b>Profissão:</b> dona-de-casa	<b>20/31</b>

**Você como mulher cristã quais são suas dificuldades, seus embates do seu dia a dia e quais são as coisas que te preocupam?**

Os embates do dia-dia é enfrentar as realidades da vida deste mundo e tendo conhecimento na verdade daquilo que Deus quer de cada um de nós. Aquilo que o Apostolo Paulo nos ensinou, vivemos um conflito, conhecendo o que Deus quer e não conseguindo viver exatamente essa vida, mas não desistindo desta busca sempre buscando melhorar aprender e avançar.

**Como sua participação na Igreja lhe auxilia nesta busca, nesse seu embate?**

A igreja é fundamental e os ensinamentos da igreja, pois são eles que fortalecem a nossa fé nos fazem refletir sobre nossa conduta e principalmente nos estimulam a transmitir a mensagem que Deus quer de cada, um a mensagem de salvação.

**Quem é Jesus, Para quem ele veio e qual futuro nos espera?**

Jesus é aquele que nos cremos ser o filho de Deus Todo Poderoso que teve o poder de vencer a morte nos dando perdão dos nossos pecados e a grande esperança da vida eterna, pois foi promessa dele o Senhor de Todas as coisas o nosso Salvador.

**Qual a importância dos cultos da EBD e as reuniões de oração estudos bíblico para sua formação de seu entendimento de quem Cristo, o que ele fez e do que nos espera?**

Todos esses programas da Igreja eles reforçam a nossa fé, eles estimulam o nosso desejo de pregar a palavra e na minha maneira de pensar ela é uma escola preparatória e ela tem que ser essa escola preparatória ali é que temos que aprender desenvolver e levar adiante, mostrar serviço. Já fiz muito hoje confesso que estou bem desarticulada, mas me incomoda isso e gostaria muito de voltar aquele tempo em que a gente era bem ativa.

**Qual a razão que você acha que está lhe fazendo estar desarticulada nesta ação?**

É a correria com o dia a dia e compromissos com casa a família enfim nada mais como as coisas diárias

**O que é Igreja para você?**

É aquele lugar gostoso onde irmãos e aqueles que entendem que querem viver uma vida separada buscar mais de Deus entender mais acerca deste Senhor Todo Poderoso se encontram e ali aprimorar entendimento compartilhar a vida crista e a unidade de poder viver essa vida e transmitir essa palavra.

**O que é Evangelização, como você entende esse ato e qual sua importância para você?**

Eu penso que é fundamental porque se Jesus disse ide e pregai o evangelho por todas as nações é uma missão da igreja e de cada um de nos individualmente e em conjunto também e a igreja é um campo preparatório, dali nos precisamos sair

evangelizar mesmo porque precisamos crescer, tanto na graça como no conhecimento.

**O que é mundo e o que vem na sua mente?**

Vem os dois sentidos tanto geográfico como àquelas pessoas que tem ações e atitudes de pessoas que não andam segundo a vontade de Deus sujeitos as coisas do mundo e o mundo desenvolve de simulações contra a palavra de Deus ensinamentos que confrontam as verdades espirituais.

**Como a igreja deveria se relacionar com este mundo que você entende como indisposto com Deus?**

Ultimamente eu tenho pensado muito nisto e eu acho que vou pensar igual aos cristãos antigos a igreja precisa de se posicionar no sentido de realmente viver uma separação estar no mundo, mas não nele, a igreja precisa pensar seriamente nisso, nessa separação em todos os sentidos dessa forma o mundo vai ver a diferença.

**O que você sente falta em nossa igreja?**

Exatamente disso do evangelismo de sair das portas, bolarem um esquema e isso faz parte de uma estrutura de que alguém tem que ter disposição vontade e ardor e realmente evangelizar e os meio são variados desde os métodos mais antigos até os mais atuais e isso faz falta.

<b>Data:</b> 06/03/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> GISP	<b>Idade:</b> 20
<b>Profissão:</b> Estudante EM	<b>21/31</b>

**Sua idade?** Vinte anos. **Como um rapaz cristão, quais são as dificuldades que você enfrenta no dia a dia na sociedade onde você vive?** Pecado. **Como assim, pecado?** A maneira que ele se manifesta em nossas vidas, né? [Barulho]. **Pode falar!** A maneira que ele se manifesta em nossas vidas, é... as dificuldades que ele muitas vezes nos traz, em relação as tentações da carne, desejo, às vezes vontade, né?, que não tá de acordo com a Palavra.

**Mas você falou em pecado, o que é pecado para você?** Pecado? Eu compreendo que pecado é tudo aquilo..., é tudo aquilo de...de mal que a gente faz... fazemos que afeta principalmente diretamente pra Deus, mas que afeta nós. É uma ofensa, ofensa.

**E...por que os desejos, você disse, “os desejos da carne” seriam pecados contra Deus?** Ah, porque eles estão desalinhados da vontade dele. Não estão de acordo com a vontade deles, né?, dele! **Dá um exemplo, então, de “desejo carnal”, de pecado carnal, para você como jovem.** Masturbação, pornografia. É... mais o que? Práticas que não são licitas de acordo, que não agrada a Deus, né? A gente, como é jovem, afeta muito. Principalmente as coisas que tá bem atual.

**E deixa eu te perguntar uma coisa. Como é que a sua fé, como é que a sua presença na igreja te ajuda a lidar com isso?** Ah... creio que dá forças, né?, para encarar assim, muitas coisas a gente passa por uma semana difícil, e chega, ao chegar na igreja, e que assim, a comunhão dos irmãos eles ajudam muito, né? E ai nos fortalece a presença na igreja.

**Mas que tipo de força que ela te dá?** Ah, um tipo de força espiritual, né? Uma força espiritual, que as vezes a gente tá tão cansado, que as vezes a gente quer ficar só em casa e só acumula, né? Acho que a presença com os irmãos, né?, no momento de louvou, isso é... ajuda muito. **O que seria essa força espiritual que você diz? Como você explicaria isso?** Explicaria, na minha forma de entender que é o Espírito Santo, né? Quando a gente se aproxima mais da comunhão, com... com os irmãos, né?, eu acho que essa comunhão, né?, nos auxilia, né? O Espírito Santo atua em nosso meio e acaba nos fortalecendo; não apenas eu, mas os outros, todos juntos. **Tá! Ai a gente precisa pensar o seguinte: Se o modo para vencer as suas tentações, as suas dificuldades, ligadas principalmente ao desejo depende da, a igreja tem papel, te ajuda com essa força, com a presença do Espírito Santo na sua vida, aí eu tenho que fazer uma pergunta: como é que essa força te ajuda? Como é que o Espírito Santo, então, a partir dessa ação com a igreja te ajuda, então, a não pecar ou a pecar menos?** Acho que... essa força em mim ela atua de uma forma de alertar, para e refletir, talvez assim, até cessar um pouco a vontade da carne, e assim, focar mais em Cristo, focar mais nas... nas coisas que ele quer realmente para a nossa vida, na minha vida, principalmente, e creio que é assim.

**E como é que você encara a ideia de mundo? O que é o mundo para você?** Bem, quando eu me converti eu achava que era, era só questão do pecado, e tal, tal, mas eu encontrei, realmente eu aprendi a uns anos atrás que... que o mundo em si... há o mundo que o mundo da criação que Deus criou e há o mundo que pertence ao maligno, o mundo que jaz no pecado [1Jo 5,19], né? é duas formas de interpretar,

né?, a palavra mundo: mundo que Deus criou para a sua criação, toda sua criação e o mundo que jaz no pecado.

**E como é que você define esse mundo da criação? O que ele é para você? Ele é bom, é mal?** Ele é bom. **Por quê?** Porque Deus criou tudo, é... todas as coisas que ele criou foi... foi bem nos olhos dele, né?, são boas aos olhos dele, né? Então são tudo... toda natureza, ela é perfeita aos olhos de Deus, mas infelizmente ela cau... causa da queda de Adão, né?, não apenas afetou a gente, mas também toda... toda... toda a natureza. **E esse mundo que jaz no maligno, qual a característica dele?** É... eu creio que seja o afastamento da vontade de Deus, né? Que a natureza segue, assim, um ritmo, né?, de acordo com a vontade de Deus, né? O mundo que jaz no pecado, eu acho que ele, ele foge, tenta de todas as maneiras fugir, se afastar da vontade de Deus. E criar... e viver da sua própria maneira.

**Qual é a relação que esses dois mundos têm para você? Eles se relacionam como?** Você podia explicar um pouco melhor? **É... a gente fala em mundo. Você disse que é a criação, mas também existe uma...uma realidade oposta à vontade de Deus. Essas duas coisas estão num mesmo lugar, numa mesma sociedade, numa mesma cultura ou são coisas distintas, são realidades distintas para você?** Não. Creio que não. Elas são, fazem parte da mesma, da mesma, do mesmo eixo, né?, que a gente viemos, o pecado em si não é uma coisa a parte, uma coisa ali, um E.T.... ele faz parte da gente. Nós, nós realmente faz parte do pecado. Então, isso afeta toda nossa sociedade, também como afeta todo mundo. Então, eu creio que ambos os, ambos os mundos fazem parte um do outro.

**Então, como é que a igreja, então, se relaciona então com o mundo? No seu ponto de vista, como é que ela deveria se relacionar?** Então, creio que a igreja tem o papel importante de pregar o evangelho, né? Então, ela também não apenas prega o evangelho, ela também atua, eu creio, eu creio, eu creio que, que a igreja é atuante que faz parte, sempre ativa na sociedade. Ela está envolvida na questão de leis, questão de, concernente a própria sociedade. Não é só aquela coisa dentro da igreja ali, aquela coisinha pequena, mas sim, ach...abrange tudo. Toda a sociedade. Ela faz parte do mundo, mas ela não é, assim, do mundo, né? Então, ela tá ali quando ela tá atuando, tá pregando evangelho, tal, tá mostrando o que Deus quer de verdade, tal.

**Tá. Você disse que ela prega o evangelho, mas é preciso de participar da sociedade. Como é que ela participa da sociedade dá um exemplo?** É... por exemplo, Igrejas que atuam na questão de como, não vou falar ONG, mas, nas questões de... sei lá, ocorreu um problema den...den... numa cidade, uma enchente e a igreja vai lá e se mobiliza pra auxiliar famílias que perderam casa, que perderam isso e aquilo. Então, aí eu vejo uma igreja atuante que não esta apenas ali em questão de estudo, pregação e tal. Uma igreja que abrange, que tá, tá ali para servir, né?, as outras pessoas. Acho que também é isso aí, a igreja também ela serve as outras pessoas.

**E você sempre foi presbiteriano? Não. E qual era, qual foi a sua última igreja? Qual foi a sua última igreja que você participou?** Assembleia de Deus. **Como assembleianos, você era de tradição pentecostal, o que você veio caçar na igreja presbiteriana?** Eu sai da igreja penten, pentecostal final de 2014, porque eu estava realmente cansado das questões, né?, das questões de... que fugiam realmente da palavra, realmente, quando eu aprendi é..., comecei ler mais da Escritura, de buscar na palavra e percebi que determinadas práticas não estava de acordo com a Escritura, né?, que aquilo que Deus falava, aquilo que Deus queria pra nossa vida. Então, eu acabei entrando... numa briga, não briga em si, mas numa... **Conflito!?**

Num conflito, né?, com a pró..., com a própria igreja, não com as pessoas em sim, mas com a própria denominação. E questionei e tal, mas vi que não, não seria, não seria, não teria proveito nenhum ficar lá batendo cabeça com ninguém, brigando com ninguém, né?, querendo, mesmo crendo que aquilo não estava realmente certo com aquilo que tava aprendendo da Escritura, eu percebi que num, num, fui aconselhado a realmente sair e vim para Igreja Presbiteriana do Brasil, porque creio que ela é uma, uma das únicas ainda que realmente, é..., acredita e confessa realmente a Escritura e não “achismo” de homem, né?

**Deixa eu te fazer uma pergunta: Me dá um exemplo daquilo que você aprendeu mas que você percebeu que não, não estava coerente com a Palavra de Deus.** É... aquilo que eu aprendi e que era bem comum nos cultos era as questões de manifestações de, de, é, do, de espirituais, né?, uma das coisas que me, mais batia de frente era por causa disso, porque che, chegava o momentos de culto que “tava” que a palavra estava sendo ministrada e de repente o pa, o pregador que estava ali presente falava: “– Agora tá tendo o mover do Espírito Santo”. Mas o que me incomodava em si não era o mover, né?, aquela coisas que eles chamava de mover, mas sim aquele avivamento que, que assim era chamado não durava nem uma semana. Depois estava lá outro de novo, pregando sempre a mesma coisa. Então, não havia um, um avivamento real. E, e nem, e nem a prática da leitura da... é... da prática do estudo das Escritura. Creio que é isso.

**Tá. E vindo da Igreja Presbiteriana você participou do seu processo de evangelizadores Isso é só dominical culto e Revelação estudo bíblico certo que você acha disso como é que foi como está sendo a sua experiência com os processos evangelizadores da nossa igreja?** Como eu sai da Assembleia, eu tive um choque de realidade, né?, que me surpreendi muito o que a questão da própria, do próprio culto em si, o primeiro culto que eu tive aqui quer acho que foi bem chocante porque eu estava: “Uai! como assim”? A forma que era, como ela tinha, tinha uma leveza. Você não precisa, não tinha aquela, aquela bagunça que tem, que tinha na Assembleia e isso me surpreendeu muito. Isso eu maravilhei e assim, da primeira vez que eu vim, eu não queria mais sair, né? Não queria pro, procurar outra igreja, porque eu realmente vi que aqui era realmente o que Deus queria pra nós, né? Então, eu tenho aprendido muito, né?, com essa igreja, como os presbíteros, a sabedoria que o Senhor atua através deles, com o pastor, tal. Creio que é uma coisa maravilhosa, digamos, quando a Escritura é realmente pregada.

**O que mais você tem... Melhor, vou refazer a pergunta. O que mais se chama atenção no ensino da Igreja Presbiteriana?** Acho que é fidelidade à Escritura. Vejo que, igual, o que me surpreendeu muito é isso a fidelidade. Independente do que outras, que as pessoas achem, independente do que pode ser pensado, mas em si é a fidelidade, aquilo, os textos bíblico, né?, acho que é o que a Igreja Presbiteriana, diferente de outras denominações, não julgando nem, nem menosprezando elas, é que é a questão de valorizar realmente a tradição reformada da escritura, da, da leitura, da pregação expositiva, não se deixar ser pego por aquilo, pelo “achismo” mundano, qualquer coisa fora, fora da Escritura. Acho que é isso. Isso é a essência de realmente pregar a Escritura.

**É... que mais você tem aprendido nesses momentos de culto, nesses momentos de ensino na nossa igreja?** Acho que é a questão da própria modéstia cristã. Me dá sabedoria. Antes eu era muito teimoso, ainda sou um pouco... bem teimoso, né?, mas chegar aqui eu aprendi muito a questão de ter intimidade, de humildade de ouvir, de saber ouvir, ao invés, antes de chegar lá, ficar pulando, fazendo isso e aquilo, não! Senta ouve, né?, através, ouvindo a Palavra ser compartilhada, acho

que isso é muito importante. Acho que isso tem feito bem muito, um bem muito grande pra mim de aprender mais de Deus, né?, aprende, acho que, é aprender mais de Deus, seus atributos, principalmente, do que achar que ele é aquele Deus que pode me dar isso ou aquilo, do que achar aquele Deus que é um pais realmente, né?, que intervém, que ajuda, né?, que está presente em todos os momentos, não só no momento de querer dá a benção que isso e que aquilo.

**Uma outra coisa. O que você sente falta na nossa igreja? Falta? É! Você olhando, você tá aqui já a quase três anos, você é membro aqui a quase três anos, o que você acha que a nossa igreja poderia fazer para melhorar, por exemplo, a pregação do evangelho ou mesmo a sua participação na sociedade como você havia dito?** Melhorias, eu acho que sempre são boas. Independentemente elas sempre são boas. E talvez, pro, programas já tem, já, já, já vi, mas acho que não me empenhei para, de não empenhar é a questão de evangelismo. Evangelismo é uma parte bem importante. Eu, eu creio assim questão de evangelismo, questão de é..., a igreja aqui também ela, ela é muito ativa também a questão de ajudar, sempre está havendo visita na casa de irmãos, não tem irmãos que passam necessidade em si, com certeza se tivesse “taria”, todo mundo seria se mobilizar dar cesta básica, dar isso e aquilo para ajudar. Eu acho que melhorias em si... só a questão de evangelismo só. A partir da minha pressima só a questão de evangelismo.

**O que é evangelismo para você?** Ah, evangelismo para mim é a questão de pregar o evangelho, sei lá... questão de ir na rua, por exemplo, né?, ir ali na rua ler, ou as vezes panfletos, ou essas coisas, né? Mas às vezes acho que também a igreja tem feito bem, aqui na igreja, tal. [Incompreensível]... por exemplo, todo mundo aqui conhece a igreja, então, num adianta a gente ir na casa da pessoa, bater na porta dela e falar..., acho que isso. Mais divulgação, talvez assim. Nada muito grande então.

<b>Data:</b> 13/03/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> MRF	<b>Idade:</b> 55
<b>Profissão:</b> Professor	<b>22/31</b>

**Idade?** 55 anos

**Quais são os problemas que você enfrenta no dia a dia, quais são as suas dificuldades, as suas lutas até mesmo suas preocupações, angústias pessoais?**

Eu, nesse aspecto Gladson, eu não tenho grandes angústias, grandes preocupações, né?, mas eu tenho aquelas do cotidiano que são comuns pra gente que vive nesse mundo aí, né? Eu sou uma pessoa muito bem resolvida na questão familiar, né?, na questão afetiva, sou muito bem resolvido a questão profissional, né? Eu acho que eu tenho até mais do que eu mereço, Deus me permitiu chegar é muito além do que era minha expectativa, mas ainda assim você tem algumas preocupações, né? **Por exemplo?** Por exemplo, a minha preocupação maior hoje, que eu tenho, é com relação aos meus filhos, né? Como é que eles irão se realizar? O quê que eles irão fazer? Como é que eles vão estar depois que eu não tiver aqui? E como eu poderia, o quê que eu poderia fazer para que eles estivessem bem, né? Tivesse uma boa condição de moradia, boa condição de alimentação, a boa condição de trabalho, né?, se realizar enquanto um chefe de família, se realizar profissionalmente, enfim, completar o ciclo da vida, né? Essa preocupação minha fundamental. Hoje, não é mais com as minhas realizações que eu acho que eu já me realizei nesses campos aí, profissional, afetivo. Então realmente a preocupação minha hoje, minha angústia é não saber, por exemplo, né? como eles vão para que é um certo tempo inclusive na minha ausência, né? Então essa é uma... não é angústia, mas é preocupação. É uma coisa que me deixa assim, em segundo plano, mais também preocupado a questão assim da saúde a minha mãe, do meu pai também que já tão avançado, né?, tão velho e tenho essa preocupação. Então, assim, é uma preocupação bem egoísta, bem no seio, né?, familiar mesmo, ce tá entendendo? preocupação [...]. **Quantos filhos você tem?** Eu tenho três filhos. **Idades?** Tenho um de 26, um de 22 e um de 15. **Mas o de 26 já deve estar formado?** É o de 26 já está formado. Já fez medicina e tá ai trabalhando e tentando fazer a residência dele. **O de 22?** O de 22 tá concluindo, falta um ano para concluir o cursos de odontologia, de odontologia. E o meu menor tá iniciando o ensino médio. **Mas a preocupação é quanto ao futuro deles, mesmo parecendo já engatilhado ainda você se preocupa?** Ainda me preocupo diante do desafio que é ainda me preocupo diante do desafio que é, é você nesse mundo, né?, se manter íntegro, correto, ser uma boa pessoa, ser portavoz do bem, ajudar as pessoas e se livrar dos males que o mundo, né?, que a todo momento confronta com a gente aí, né?, na vida, mesmo tendo esse encaminhamento mais ou menos realizado, mas eu acho que tem ainda todo o caminho que eles têm que percorrer e que eu sei que eu não vou estar nesse trajeto sempre, em algum momento eu não vou estar aí é isso me preocupa.

**E quanto a seus pais pela idade avançada, então a gente já pode supor alguma enfermidade, o quê que te preocupa com eles é a morte a perda?** Não, não é nem a morte em si, né?, a minha preocupação é assim, é a necessidade que eles têm da presença no cotidiano deles, né?, dos filhos e de um modo particular, eu, porque eu não moro no mesmo lugar que eles residem e, né?, a minha contribuição nessa direção de ajudá-los, de me fazer presente e de contribuir com coisas simples, né?, que às vezes meus irmãos podem fazer eu não posso. Então, é a angústia é essa: não

poder contribuir, não poder, poder ajudar nesse, nesse momento. Ajudar com presença, ajudar com a falas, com a assistência, né?, que agente de uma certa forma a contribuir de outra forma, mas essa forma afetiva de presença, de calor humano, que é importante, a gente não tem condição de dar. **Eles moram onde?** Eles moram em Montes Claros, norte de Minas.

**Olhando para essas duas coisas: seus filhos, essa preocupação futura, e seus pais, essa preocupação presente, mas também emocional, afetiva, igualmente com seus filhos, mas como é que a sua fé ajuda a lidar com isso?**

É a fé é para mim um conceito ainda, do ponto de vista literal definido, mas do ponto de vista do sentimento, é assim ainda indefinido, que na realidade fé é você crer, né?, pelo menos é o que eu penso que, que é a fé. É você acreditar em algo que você não vê, mas você sente é isso aí e aí você é a parte da sua fé acredita que existe. Então eu sou uma pessoa que tem muita fé mas eu sinto maior presença de Deus nas minhas dificuldades que nas, nas minhas realizações muita dificuldade pois eu tô passando por provações, né?, eu normalmente são nesses momentos que eu sinto mais a presença de Deus. E nos momentos de alegria eu lembro também de agradecer, mas não é como nesses momentos que a gente para para refletir de que existe aí alguém que tá olhando por nós, que tá decidindo daquele que é melhor para a gente, pra nós, para mim... para mim, né? Mas, é... ao contrário, né? normalmente a gente tende nas dificuldades quando não é atendido ter... sentir um afastamento natural e ter menos fé, eu exatamente o contrário, eu não sinto fortalecido nessas dificuldades, porque é onde sinto mais a presença. A fé para mim é isso! É eu tá acreditando... eu acho que eu ter chegado onde eu cheguei, fazendo a forma que eu faço, ter família que eu tenho, o trabalho que eu tenho, né?, tenho uma conduta que não é me desmerece, isso não conseguiria sozinho e se eu não tivesse uma força divina guiando meu caminho. Então isso para mim é se deu em função da fé que eu sempre tive que eu ia conseguir, ia conseguir e tive alguém muito superior, né?, que eu chamo de Deus que teve... teve me conduzido por esses caminhos aí.

**É você falou aqui, já por duas vezes, de onde, o que você alcançou, de onde você saiu, onde você chegou, sobre o seu trabalho. O que você faz? Qual é a sua origem? Um pouquinho se eu puder, se você quiser também, narre a sua história de vida em..., de uma forma resumida, só pra gente entender quem é você?**

Então, eu sou filho de um casal que viveu a minha infância toda no meio Rural, né? Meu pai foi agricultor e eu comecei a frequentar escola ainda, já bastante tarde com 9 anos de idade. E sempre teve uma educação muito rígida e venho de uma família numerosa tenho 11 irmãos, né? E não era uma família abastada, em função desse número elevado, a gente teve, eu tive muitas dificuldades, muitas privações, muitas coisas que os jovens, que as crianças e os jovens das minha idade, da minha idade tinha, eu não tive, né? Mas isso nunca foi para a gente um empecilho para que a gente olhar para frente, né? E, no caso específico, meu sempre numa perspectiva de que eu sairia dessa dificuldade, entendeu? Então a gente vem de uma família humilde, uma família que foi da área de agricultura, depois meu pai virou motorista de caminhão e acabou se aposentando essa profissão. De uma família muito grande de uma família de 11 irmãos nós somos... nós somos apenas 3 com curso superior, né? Eu diante das dificuldades de estudo, a uma certa altura, eu vi aqui em uma escola interna, onde eu pudesse dedicar exclusivamente aos estudos era minha

alternativa, porque eu não dava conta de fazer... de trabalhar e estudar. Então, e como eu queria estudar, a alternativa que eu via no colégio interno. Então aos 16 anos, 15 16 anos, foi pro colégio interno fazer um curso técnico, em tempo integral, e a partir daí é que se abriu para mim as possibilidades de mundo. Aí fui, através da conclusão deste curso, fui para um curso superior no Rio de Janeiro e fui fazer um curso que, em princípio, não era o que eu queria, porque eu queria um curso da área de agricultura, né?, um engenheiro agrônomo, médico veterinário, mas na época o que era possível de eu fazer era um curso de licenciatura na área de agrárias. Esse curso me trouxe a condição de professor, né? Abracei a profissão que é uma coisa com a qual eu me realizei muito, com essa profissão sou, né? Não consegui ganhar tanto dinheiro assim, mas eu acho que, né?, os degraus que eu fiz a partir da minha escolaridade, né?, fiz um curso técnico, fiz uma universidade, né?, me especializei concurso mestrado, de doutorado, que é uma condição para o exercício profissional demanda. E hoje eu tô no pico do plano de carreira da minha profissão. Hoje eu cheguei a professor titular, por exemplo, que é o maior na minha área profissional. então foi uma trajetória de sucesso para mim, que eu considero, e para dizer que eu já, já me realizei não tenho mais um sonho, obviamente que eu atuei na questão da educação, né?, mas acredito que, eh... se a gente tiver numa posição de poder decidir e, mais efetivamente, você influenciar sobre, eh... um sistema de educação, às vezes, você pode contribuir mais de que na condição de simples professor na sala de aula, onde o seu campo de atuação fica muito restrito. Então, uma das... das minhas ambições ainda, talvez se eu pudesse ser a chegar o direção de escola, para que eu pudesse, né?, experimentar um novo projeto educação, que difere daquele que eu tive inserido nele a minha vida inteira. Então, essa é a minha história.

**E nessa história você vê esse Deus agindo? Esse Deus que você crer, que você tem fé?** O tempo inteiro até porque, né?, pela minha...pela minha personalidade, né? Eu sou uma pessoa muito honesta, muito reta, mas só uma pessoa de temperamento, que as pessoas dizem, que é difícil, né? Sempre tem posição a respeito das questões que me são apresentadas, do mundo em que eu vivo, e são, sou uma pessoa e temperamento personalidade muito forte, difícil convívio, é o que as pessoas dizem pelo menos, né? *Como é mesmo a pergunta que você me fez?* **Se você vê Deus agindo...** Tá! Então, quer dizer, em função dessa personalidade, né?, eu...eu me precipitei em várias oportunidades na minha vida, diante de decisões que poderiam ter sido tomadas de forma diferente, com uma forma de preservar esse universo do... do relacionamento pessoal e profissional, né? E às vezes coisas que poderiam ser muito pior, em decorrência dessa conduta minha, não aconteceram e eu tenho certeza que foi a mão de Deus me protegendo nesses momentos, em que estive à margem daquilo que seria o mais apropriado. Então, tanto nessas horas de proteção quanto nessas horas, às vezes de alegria, eu sempre vejo a presença de Deus na minha vida.

**Outra pergunta. Qual o significado da igreja para você?** A igreja, ela teve sempre uma importância muito grande na minha vida, é Gladson. Eu nasci dentro da Igreja Católica. A minha mãe sempre foi uma pessoa muito religiosa e, ela educou os filhos dela dentro da religião católica, todos eles, e já na velhice, minha mãe mudou de religião. Minha mãe era católica, hoje ela é crente de uma denominação... Congregação Cristã no Brasil, né?, que eu respeito, mas que eu tenho algumas, eh... tenho algumas restrições, né? E desde lá da minha época, quando eu fui para o colégio interno, quando eu me afastei da minha família com 16 anos, né? mesmo nessas condições, eu sempre busquei na religião, né?, um refúgio para aquelas horas difíceis que a gente vive. Então, vai pro colégio interno,

por exemplo, eu me envolvia muito com a igreja, porque eu participava muito de grupos de jovens, né?, de algumas festividades e participava de retiros, né? E depois, eu nunca fui assim crente em Deus, participante ou se nunca fui uma pessoa de frequentar muito a Igreja Católica, quando era católico e hoje eu acho que eu poderia frequentar mais a igreja, que eu sou presbiteriano, né? então, mas a imagem da Igreja na minha vida como um ponto de refúgio, um ponto de orientação, ponto de referência, né? um ponto de buscar solidariedade. Essa imagem de Igreja sempre apresenta minha vida, e de uma certa forma, eu sempre encontrei muito refúgio na Igreja. Qualquer... qualquer uma dessas que eu busquei na Católica, quando era muito jovem, e fui levado para a Igreja Presbiteriana quando eu conheci a Beta [esposa], né?, no Rio de Janeiro, quando eu tava fazendo faculdade e...eh... passei a frequentar a Igreja Presbiteriana, porque era um católico não-praticante e ela era uma presbiteriana muito praticante, né?, e acabei me redescobrimo religiosamente e me identificando muito com a Igreja Presbiteriana. Tanto é que me converti, casei. Hoje os meus filhos recebem essa a educação e a igreja tem importância muito grande na educação religiosa que eu passo para os meus filhos, apesar da gente não conseguir levar eh... da forma como é necessário, da forma que a gente gostaria, mas a igreja ainda, né? Mas a igreja ainda tem uma importância muito grande na vida dos meus filhos, na minha vida e na forma... que é uma fazer um apoio que eu tenho na educação... Então, a gente hoje, né?, por exemplo, senta à mesa e faz as orações, a gente sai... a oração é constante na nossa vida. Realmente que eu não faço tantas quantas são necessárias, e nos momentos que seria necessário, mas Deus está presente, né?, no nosso cotidiano em vários momentos durante o dia. A igreja é esse refúgio, é esse apoio, é esse ambiente de...de proximidade com Deus.

**E qual? E para você qual seria a função dos cultos, da escola dominical e outras programações da igreja? Qual a função que você acha que esses momentos têm?** Quando eu quando eu fiz a primeira comunhão na Igreja Católica, né?, eu tive naquele momento ali d'eu muito jovem ainda, fazendo estudos bíblicos foi quando na Igreja Católica, quando eu era, era lá que a gente fazia esse estudo mínimo né?, essa formação religiosa que a gente tinha. Quando eu fui pra Igreja Presbiteriana, né?, eu pude ver uma diferença muito grande na questão dos ensinamentos bíblicos. Aquele ensinamento não ficou restrito a uma faixa etária, uma faixa da minha vida, uma época restrita da minha vida. Eu vejo a igreja hoje como o momento em que você tem que estudar, você tem que ler, você tem que entender, você tem que, né? que é a escola dominical, eu acho que é o momento, para mim, é um dos momentos, não vou falar o mais importante, mas é um momento muito importante, porque é onde eu passo é... entender melhor a Bíblia, né?, e redescobrir novos conceitos, consolidar alguns conceitos que já tenho, então é um momento muito importante. E vejo o momento do culto, né?, um momento em que, não sei se é essa palavra, um momento de contrição, não sei se seria essa palavra, mas eu momento em que de alguma forma eu não estou ali para... para estudar a Bíblia, para concordar ou discordar ou para ter uma visão diferente daquela que tá sendo dada. Acho que é um momento assim de...de... proximidades realmente muito grande com Deus mande alguém em quem vai se inspirar ali para trazer uma palavra no momento para a gente e que a gente tem que ir... Então acho que é um momento de...de..., eu não tenho uma palavra para dizer, mas acho que é um momento de congregação, de reunião... **Entrega!** De entrega! De você fazer uma reflexão sobre o seu dia, sobre o seu trabalho, sobre os seus filhos, sobre sua família, enfim, é uma reflexão do teu cotidiano, né?, do que você tá fazendo, do que você

pode melhorar, né? Eu acho que o momento de culto é... esse momento que você faz essa reflexão e ao mesmo tempo é o momento você reúne para agradecer tudo que você recebe, se arrepender de um monte de coisa que você não deveria tá fazendo, né? Então, é só esses momentos...

**Esses momentos te ajudam a sua articulação em sua vida, no seu cotidiano?**

A Igreja e os eventos na igreja ele sempre ajuda muito claro exemplo eu tenho tempo já faz uma semana que eu tô cansado tão quero ir para igreja não estou afim de pegar e Juventus em quilômetros também né e não a Deus por isso mas eu faço uma oração no moto momento no outro contexto entendeu mas tem um momento que eu sinto a necessidade muito grande de ir dependendo do cansaço de ontem domingo que amanheça assim muita vontade de ir também esses momentos assim não sei se é uma necessidade e assim eu me sinto muito incomodado quando eu fico por exemplo muito tempo sem ir à igreja não faz que a gente tem que ir lá para os outros aí para gente for eu vou para dar uma satisfação Mas é uma necessidade mesmo dia em algum momento você ter um para ir naquele local e confraternizar com as pessoas 22:11

na sua vida a igreja ele sempre ajuda um exemplo eu tenho tempo já faz uma semana que eu tô cansado que eu não quero ir para igreja não estou afim de ir para igreja ou menos 100 quilômetros também né Não peça perdão a Deus por isso mas eu faço uma oração no moto momento no outro contexto se deu mais tem o momento que eu sinto a necessidade muito grande de ir dependendo do cansaço você me deu não tem domingo que amanheça assim muita vontade de ir então tem esses momentos assim não sei se é uma necessidade e assim eu me sinto muito incomodado quando eu fico por exemplo muito tempo sem ir à igreja não só acho que a gente tem que ir lá para os outros e se a gente for eu vou para dar uma satisfação Mas é uma necessidade mesmo dia em algum momento você tem um peso excessivo dedicado para ir naquele local né e confraternizar com as pessoas então é a igreja me ajuda muito é porque me traz paz me traz a reflexão né e eu já certa forma não vou na igreja não deixa o que é o que acontece na igreja lhe ou tá acontecendo comigo e relações na minha relação com Deus e Deus eu não troco por que a igreja está fazendo em Chã de fazer eu vou lá porque tenho necessidade dela eu consigo sentir uma paz eu já sinto que eu fico mais próximo de Deus quando eu vou até costume dizer às vezes né as pessoas também até falo com o presidente da igreja que quando ele está por perto eu sinto que eu tô mais próximo de Deus coisa muito gostosa com ele porque ele me dá essa sensação de proximidade da igreja acho que é mesmo Aquele momento aquele momento eu tô concentrado ali mesmo para tratar com Deus para encontrar com ele para falar dele né ele me preocupo muito com a igreja no que se refere se a tá você não tá cumprindo o papel dela para mim isso não é relevante não entendeu eu acho que inclusive eu não tenho essa condição ainda de criticar isso ou aquilo na igreja que eu acho que você para fazer isso você tem que ter uma participação mais efetiva e eu não tenho acho que ainda não tem não reúne a condição para tá acreditando na igreja não que ela tá fazendo porque eu acho que eu tô fazendo muito pouco daquilo que eu poderia tá fazendo então não me sinto à vontade para fazer é esse de Cristo na igreja seus filhos no mundo que você entende com o mundo eu acho que todos nós temos mas acho que a gente já recebeu essa daqui a vida e que a gente tem uma missão aqui E esse aqui é matéria é espírito Nós estamos no espaço físico e onde as pessoas vivem trabalho cresce desenvolve envelhece e ss5 né é eu demanda da gente é uma organização social de pessoas a fazer isso né todas as relações que se estabelecem nesse universo físico aqui é que contribui de uma forma positiva ou de uma forma negativa é com a vida de cada

um de nós precisa que é essa coisa coisa boa né aqui que é stack e ao mesmo tempo esse desafio de tá vencendo essas adversidade porque o mundo muda esse essa mistura esse Caldeirão de coisas que acontece conosco mundo para mim é isso e como é que a gente tem coisas positivas em coisas negativas entendeu as pessoas tem que conquistar o seu espaço as pessoas tem que dar tem que receber tem que ir né Tem como está o seu espaço e a conquista do espaço depende do contexto a cidade de coisas como é que você se insere nesse neste mundo né que você é qual qual seria a missão da igreja nesse nesse mundo nessa sociedade nessa nesse caldeirão com você diz o mundo e no mundo das nuvens no mundo e essa coisa aqui em cima do mundo tem coisas boas e tem coisas ruins em coisas positivas tem coisas negativas e a gente que acredita em Deus acredita que essas relações elas acontecem do positivo negativo do bom e do ruim né que esses acontecimentos ele está sobre o controle ele é o nosso pai que Deus me Deus tá no controle de tudo mas para a gente merecer um né de que só as coisas boas acontecem com a gente ou de que agente tenha condições de compreender quando as coisas boas não acontecem conosco a gente tem que ter uma certa o acento atento a relação e e uma afinidade com Deus e a igreja vai fazer transição mas assim trouxe pra gente Esse armas jovial essa concepção nova é uma igreja renovada mas essa essa concepção mais mais aberta mas livre Tá certo e da igreja que eu acho muito interessante eu não sei porque a igreja com esse perfil de ter um pastor jovem de ter essas concepções e um estudioso né você já fez mestrado tá fazendo doutorado de ter muito conhecimento bíblico e teológico da nossa igreja ela não cresce na certeza ela envelhece dance muito e ela não se renova então assim e eu fico quieto por exemplo quando eu vejo por exemplo os meus filhos não são teus filhos mas é complicado demais mas não faz a frequência eu não acho que eu também não sou exemplo poderia frequentar mais mas eu viajo paz por exemplo sou muito frequência muita sismo participativos de também não consegue levar seus filhos me deu essa Porque que a igreja não consegue nos ajudar nessa luta de fazer com que os nossos filhos enquanto estão por aqui na igreja nessa proporção que eu tenho gostaria de ir às vezes em que vou levar os meus filhos e assim para levar o bairro Novo A cada vez que você tem mais pulso para se não não vai dar então cada vez mais mais novo os jovens alguns né deixa onde eu por exemplo acho linda família daí eu vou citar aqui né Com todo respeito da Cida tá todo mundo as meninas tão tudo lá é só participar de grupo de oração participa de louvor da família todo mundo eu já fui preocupada em arrumar diferencie renovado mais dinâmico acaba não acontecendo porque é são sempre as mesmas pessoas estão contribuindo mas alguma coisa que eu nunca vivi

<b>Data:</b> 13/03/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> NEBR	<b>Idade:</b> 52
<b>Profissão:</b> Professora	<b>23/31</b>

**Quais são suas dificuldades, seus problemas, enfrentamentos e angustias do seu dia a dia?**

A minha preocupação maior e dar tempo para realizar minhas atividades que eu tenho trabalho, casa, filho essa é uma preocupação que me incomoda de eu não dar conta de fazer tudo que eu tenho este é o principal e com isso a minha fé e não tenho tempo para ter uma devocional sozinha para ler a bíblia e às vezes o tempo que tenho vago eu podia estar lendo a bíblia e eu amo televisão eu corro para ver uma televisão e aí eu não arrumo esse tempo para ter essa devocional, e eu gostaria muito. Sou professora, ensino médio nível técnico (na área animal) e na graduação ambas na área animal (Agronomia), sou mãe de três filhos rapazes nas idades de 26,22 e 15 anos, sou casada a 28 anos.

**Como sua fé lhe ajuda nesta falta de tempo, nessa correria que você tem nessas suas demandas?**

A primeira coisa que faço quando eu levanto é agradecer a Deus por estar viva pelo presente que ele me deu que é a vida, eu não deixo minha cama sem antes agradecer, por mais um dia pela vida que Ele esta me dando, aí no transcorrer do dia a todo o momento eu agradeço a Deus. Não deixo de fazer minha oração no almoço, não deixo de fazer a oração com caçula e toda a noite ele me chama para orar. Mas o meu momento de leitura bíblica com outra pessoa ou com a família é difícil, pois não consigo reunir todo mundo. É muito difícil.

**Como a Igreja entra na sua vida, qual o papel da igreja na sua vida?**

O que mais me incomoda assim da igreja é à distância, eu acho longe e isso me desanima, eu não gostaria de ter essa preguiça, mas eu tenho preguiça e te confesso que tenho preguiça de pegar meu carro para ir para igreja e você vê que vou a um culto só. Para ir e voltar ir e voltar de manha a tarde e a noite e durante a semana eu sei que tem reunião de oração e eu também sou um pouco preguiçosa de ter que ir, lá na reunião de oração, mas tenho certeza se ela fosse mais próxima de mim, eu participaria muito mais das atividades. Só para constar a distancia é 25 km para ir e 25 km para voltar dando um total de 50 km. Eu sei que poderia, mas você acaba chegando do trabalho e acaba fazendo outras atividades e a igreja acaba ficando esquecida e às vezes eu não tenho também em casa alguém para animar. Da preguiça também porque todo mundo fica preguiçoso e aí ninguém vai. Deixa de ir e fica vendo televisão em casa.

**O que seria Igreja para você e como você entende?**

A igreja eu gosto muito de ouvir a palavra de Deus, gosto dos ensinamentos e gosto muito da escola dominical e é o que eu mais gosto, então eu gosto de aprender, já trabalhei muito com criança, já dei aula para as crianças, gosto também de fazer as atividades, mas como te falei a distancia para mim é um empecilho, mas eu sempre gostei de trabalhar com criança, passar também os ensinamentos, e a igreja para mim eu sinto falta, eu sinto falta de escutar a palavra na minha vida todo dia e eu

busco pelo menos no Domingo os ensinamentos, uma palavra de Deus, no culto também eu sinto falta da igreja

**O que você acha dos cultos da escola dominical e como você se sente participando destes momentos?**

É um aprendizado para mim e eu tento levar isso para minha vida do dia a dia é difícil, porque o mundo te enche de outras coisas e que a igreja fica para trás as coisas de Deus. Mas eu sei dos ensinamentos, então eu tento sempre esta buscando esses ensinamentos e levando pra minha vida na prática tentar praticar isso ai e é complicado porque o meio que também eu trabalho, vivo e convivo não têm ninguém que frequenta a mesma igreja a não ser um casal, que agente também possa ter esse dialogo então a igreja eu tento aprender levando para minha família e também na minha pratica do dia a dia.

**Você acha que Igreja e mundo não são coisas diferentes?**

Tento caminhar junto, pois não posso me isolar de uma e me dedicar a outra vice-versa. Sim eu tenho que estar junto do mundo, mas pregando os ensinamentos e doutrinas da minha igreja.

**Você acha que esses ensinamentos da sua igreja estão inseridos na palavra de Deus lhe motivam a viver o seu cotidiano de uma forma melhor e transformar onde você esta?**

Se não tivesse Deus a minha vida e no meu coração a minha vida não teria sentido e tudo que tenho ate hoje, graças a Deus só devo a ele.

**Quando você diz que tudo deve a ele ao que você se refere?**

A minha família, profissão, bens materiais e se não tivesse essa inspiração na vida não conseguiria nada disso, pois sempre tento colocar Deus em primeiro lugar. E sempre questiono se este é o melhor lugar, e se este é o caminho que devo seguir. E não peço só para mim não, mas também peço para minha família, meu marido e filhos também.

**Como você entende mundo ate mesmo quando o pastor esta pregando como este conceito se forma na sua cabeça?**

Olha eu já sou assim o mundo não me abala o mundo não me influencia mais, agente chega a certa idade que agente já viu de tudo que tinha que ver, mas eu sempre, por ser mãe eu zelo e fico muito preocupada com meus filhos e que o mundo influencie meus filhos, porque para mim não vai alterar nada, pois já sei o bem e o mal, onde devo seguir tudo e sempre pedindo a Deus para me mostrar o caminho certo. Mas tenho medo mesmo é por meus filhos.

**Que mundo é esse que você tem medo?**

É a violência, a falta de amor, tudo que gera no mundo... a saúde, mas tenho mais medo da violência, más companhias, os costumes os valores que se perderam.

**Qual sua origem crista e diz que nasceu em um lar presbiteriano?**

Desde que nasci meus pais eram presbiterianos frequentei igreja. No inicio era obrigada e ai se eu não fosse, frequentei a igreja obrigada. Chega certa faze de sua adolescência que você não quer ir, arrumava um monte de programa no domingo, e, meu pai não deixava participar então nós íamos obrigados e já cheguei ate a levar

casado porque disse a meu pai que não iria à igreja. E já com meus filhos eu não consigo fazer isso. Eu obrigo até certa idade, agora eu só convido, mas o convite parece que não está funcionando. Mas sou presbiteriana, desde quando eu nasci e me batizei e tudo na igreja presbiteriana.

**O que você sente falta em nossa igreja e que poderia desenvolver e poderia melhorá-la?**

A distância Ela tenta promover bastante as atividades. A igreja receber mais visitas dos irmãos, ninguém vem na minha casa, bate um papo, gosto às vezes de pappear e jogar conversa fora. Agente só se encontra nas reuniões de orações. A igreja poderia fazer mais bate papo. Mas tudo é tão longe e não gosto de pegar a estrada à noite. Poderia ter mais no grupo, colocar essas informações nos grupos de WhatsApp. Eu gosto muito que você continuasse nessa igreja, Gosto muito de você como pastor nessa igreja. Não vejo essa questão de votação como positiva. A igreja não deveria ter muito essa questão política. Quando o pastor sai alguns irmãos junto com ele. Gostaria que você permanecesse conosco por muito tempo. Tem membros que somem desaparecem e alguns estão até afastados e a igreja poderia resgatar os antigos que estão saindo e a igreja está falhando nisso. Visita a casa dela, faz uma tentativa e não busca.

<b>Data:</b> 27/03/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> MCE	<b>Idade:</b> 58
<b>Profissão:</b> Aposentado	<b>24/31</b>

**Quais são problemas que você enfrenta no seu dia a dia na sua vida, no seu cotidiano e o que te faz parar e pensar na sua vida?**

Primeiro administrar o que ganha com baixo salário, o que comprava a cinco anos atrás não compra hoje a mesma coisa, é administrar financeiramente, uma filha que faz faculdade, é filho querendo uma coisa, e a agente tem que fazer uns bicos por fora para poder manter esse padrão e continuar indo na igreja e pedir força a Deus para conseguir romper as barreiras. Tenho três filhos, o Hugo com 5, a Mariana 24 e Michel com 30. Hugo é do atual casamento.

**Como a igreja lhe ajuda a enfrentar os problemas de administração de recursos do seu ganho?**

Na verdade a igreja não me ajuda, ela me orienta a buscar a santificação através da palavra, orientação pastoral, com fé, para não descambar. Espiritualmente sim.

**Além dessas formas pela palavra, pela santificação, pela busca, pelo fortalecimento da fé, existe mais alguma coisa que a sua vivencia na igreja te orienta numa busca de uma vida mais santa, mais justa e mais honesta diante dos seus deveres?**

Eu acho que sim, para mim tem sido importante, porque quando eu estava fora da igreja, eu não buscava, eu não tinha essa orientação, não tinha como importante a palavra que é o caminho para agente seguir na fé, na administração do lar.

**O que você acha daqueles momentos que a Igreja se reúne para celebrar, os cultos nos domingos, a escola dominical, a reunião de oração, o estudo bíblico na quarta-feira e qual a importância disso para você e que você acha desses momentos?**

Todos são importantes, no meu entender particularmente falando eu gosto da escola dominical porque não desfazendo dos outros dias, mas a escola dominical é onde agente discute aquelas duvidas da palavra que agente tem e busca orientação ali, pois a oportunidade é essa. Pois acho a escola dominical muito importante.

**O que seria o mundo e como você entende?**

O mundo somos nós seres vivos, nascido por Bondade e Graça de Deus, nos colocou aqui para um dia ter fim, isso aqui é uma passagem, o mundo para mim é uma passagem. Eu e o mundo nos viemos e outros foram, e outro dia nos iremos e outros virão.

**Você acha que o mundo bom ou é mal?**

O mundo é bom para quem nasce na orientação dos seus pais, segue o que é certo e principalmente, aquelas pessoas religiosas que seguem aquelas doutrinas, sem falar de denominações. Pois é importante ter aconselhamento, tanto lá fora como na igreja.

**Você sempre foi presbiteriano?**

Não. Praticamente segui os passos dos meus pais, era coroinha da igreja católica, e depois de crescido não era muito assíduo na igreja católica, depois disso teve a mudança por opção para igreja presbiteriana, que foi onde eu aprendi a ler a bíblia e segui muitas coisas e tentando viver na santificação

**O que você sente falta em nossa igreja e que poderia melhorá-la?**

Na minha opinião, para melhorar, primeiro é o relacionamento entre nos irmãos na igreja, tem que ter uma maneira da agente estar cultuando e se relacionando em outros eventos, onde agente passa a conhecer um melhor ao outro, pois as vezes agente vai na escola dominical e vira as costas para casa, vai a noite aos cultos e volta e não tem aquele convívio, particular entre irmãos e companheiros. Tinha que ter uma convivência e interagir mais.

<b>Data:</b> 27/03/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> DOE	<b>Idade:</b> 34
<b>Profissão:</b> Dona-de-casa	<b>25/31</b>

**Vamos lá então. Qual a sua idade?** 34

**E no seu dia-a-dia, como uma mulher cristã, mãe e esposa, quais são as suas dificuldades? O que você enfrenta no seu dia a dia que às vezes faz sofrer, te deixa angustiada, com medo, chateada?** Ai, cansaço do dia-a-dia,, porque eu acordo 5:30, 6:00h, preparo o café da manhã quando dá tempo, levo o Hugo [o filho] para escola, vou para academia, volto, adianto o almoço, adianta um serviço de casa, já tenho que descer para buscar o Hugo, aí tem que dar atenção para ele, atenção para marido, casa tudo por minha conta. Aí de tarde, o tempo livre que eu tenho eu brinco com o Hugo. Aí a noite janta... Aí é o cansaço do dia a dia mesmo.

**Quantos anos tem o Hugo?** O Hugo está com 5 ano!

**Mas fora esse cansaço, tem mais alguma coisa que você sente medo na vida, fica apreensiva, ansiosa?** O medo que eu tenho, assim, são bloqueios de fala em público. Eu tenho, tipo um bloqueio, insegurança de orar principalmente, entendeu? Às vezes, eu tenho pavor. Mas orar em público? Em público. Igual eu tenho um pequeno, eu ensino, eu oro com ele todas as noites, entendeu? Todo dia de manhã a gente agradece a Deus pela vida, mas em público é uma coisa que eu tenho pavor.

**Na sua vida diária como é que a sua fé te ajuda?** Ah, eu sou uma pessoa assim, tipo, feliz. Eu penso assim muitas coisas positivas. Então, não é qualquer coisa que me abate, porque a nossa força vem de Deus. Então, a gente está sempre presente, sempre buscando a Deus em oração e me sinto em paz em tudo. Eu sou uma pessoa muito feliz, porque eu vivo para minha família, a gente vai para igreja, eu gosto muito. E graças a Deus sou feliz!

**O que é igreja para você? Como é que você dente fica a igreja? Como é que você definiria igreja?** Igreja!? Igreja é muito importante, né? **Por quê?** Porque, a gente aprende os Ensinamentos da Bíblia, coloca em prática e eu acho muito importante a gente hoje em dia ter o privilégio de criar os nossos filhos na igreja, né? É muito importante nos dias de hoje.

**Você sempre foi presbiteriana?** Sempre.

Seus pais, sua família, eram da Igreja Presbiteriana, também ou não? Minha mãe era, meu pai era católico. Só que quando eu nasci, ele já não praticava, e não ia na igreja, mesmo assim, ele mandava para igreja. **Para qual igreja?** Presbiteriana! Desde pequenininha eu fiz parte do conjunto Pequena Luz, criança, né? Eles não iam mas nesse na vão o caminho certo, né?

**O que seria o mundo para você?** O mundo, para mim, a gente sabendo viver, o mundo é muito bom! A nossa vida no mundo... Eu gosto deve de viver! Tendo o entendimento... não a vida mundana.

**O que seria essa vida mundana?** Essa vida mundana que eu cito é coisas do mundo, né? Bebedeira, farra, adultério. Então, essas coisas assim a gente tem que ficar distante, porque isso traz problemas, só problemas para pessoa que segue esse caminho errado.

**Mais uma pergunta. O que você acha das programações da igreja? Escola Dominical, culto à noite, estudos bíblicos? Qual é a sua opinião sobre esses momentos?** Ah, é muito bom a gente estar reunido com os irmãos, que a gente sabe que todo mundo que está ali tem o mesmo propósito. Eu gosto muito de participar!

**Na sua opinião, qual que você mais gosta? Escola dominical, culto, oração, estudo bíblico?** Na minha opinião, domingo à noite.

**E o que você acha que falta na nossa igreja? Seja franca, sincera, esquece que eu estava no seu casamento, que estava lá quando o Hugo nasceu, esquece tudo isso, e fala o que você acha.** O que eu acho que falta? É aquele que eu acabei de falar! O quê? Visitas! Visita nas casas, trabalhos com casais. **Por que que você acha isso importante?** Eu acho importante porque é bom dividir experiências, trocar experiências com casais da nossa igreja, outras pessoas. E a gente fica mais unido, mais próximo. **E a visitação? O que que você acha que visitação importante? Visitação de quem? Quem tem que visitar quem?** A igreja, né? Visitar os membros, até pessoas de fora, que querem ouvir uma palavra de conforto. Eu acho que seria muito importante. **Mais alguma coisa que você acha que a nossa igreja poderia fazer?** Mais almoços comunitários, porque é tão bom a confraternização entre os irmãos, tão gostoso, tão agradável, né!

<b>Data:</b> 28/03/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> SSS	<b>Idade:</b> 30
<b>Profissão:</b> Professora	<b>26/31</b>

**Qual sua idade?** 30

**Ok. Vamos lá, você como uma moça cristã, quais são os últimos problemas, os desafios, as angustias que você enfrenta no dia-a-dia?**

“Gente”! Ah, eu acho que a maior dificuldade é a gente ter critério e discernimento pra não se conformar, pra saber como não se conformar.

**Não se conformar com o que?**

Com o que é secular, com o que parece muito normal e a gente acaba aceitando como muito normal, porque a gente vai perdendo aos poucos a capacidade de julgar. E aí a gente tem momentos quando a gente para pra pensar, acho que de vez em quando, eu né? Me encontro um pouco em crise. Pra tentar saber, até que ponto, se eu estou me conformando, se eu não estou me conformando, se eu devo ou não devo me conformar e de que forma devo me portar.

**Me dá um exemplo desse não se conformar, Jéssica, uma coisa mais concreta.**

Olha, por exemplo, na minha profissão eu convivo com gente de todos os perfis. E eu tenho que me portar, obviamente, de forma respeitosa, não por causa da minha profissão. Mas por ser cidadã. E aí, eu me vejo em situações, diante disso, por exemplo, pessoas homossexuais, em que muitas delas se abrem comigo e me procuram pra conversar, e aí me procuram conselhos, muitas vezes, acadêmicos, mas algumas vezes tão relacionadas a essa conduta, sabe? E a minha postura diante disso é, como que eu vou aconselhar de uma forma profissional, sem ferir o que a pessoa acredita, sem ferir, sem fazer com que ela se sinta ferida por ter feito essa opção, ou por ter essa orientação, entendeu? Então, eu devo me relacionar com essas pessoas, eu devo respeitá-las, eu devo aceitá-las, não posso de forma alguma agredir ou, hoje em dia nem opinar, mas também eu não posso me conformar e não posso acreditar que isso é normal.

**Qual é a sua profissão?** Professora

**Joia. E como é que a sua fé, sua igreja te ajuda a lidar com essas dificuldades?**

Olha, é, eu vivi sempre nessa igreja. Eu não tenho convívio com outras denominações. Eu digo assim, né? Nessa denominação, mesmo em outras igrejas, todas elas presbiterianas. E, é muito comum a gente encontrar em todos esses lugares outras pessoas dispostas a debater sobre a Palavra. Debater, as vezes, questões polêmicas, no sentido de buscar esclarecimento. Quase todos os dias eu me encontro nessas situações conversando com amigos. Então, esses debates, esses diálogos exploratórios com pessoas. O que será? Nem tudo na bíblia está marcado como certo ou errado. Não que eu esteja dizendo que a gente, que tudo é relativo porque também não é, mas nem sempre é evidente pra gente como aplicar um exemplo, uma coisa construída em um outro contexto pra nossa realidade. Então, a forma como a minha fé, a igreja com que eu frequento, e a minha relação com a Palavra tem me ajudado nesse contexto atual. Seria a oportunidade de sempre ter alguém para conversar, mesmo que a pessoa não me dê a resposta, não estou buscando nenhuma resposta da pessoa, mas estou buscando diálogo de construção [...3:39m] entendeu? “Um”. Eu acho que isso é muito edificante.

**E, o que que seria pra você, Igreja?**

Igreja é um grupo de pessoas. É, envolvidas num esforço comum e esse esforço necessariamente está em buscar a deus e honrar a Deus no mundo.

**Já que você falou, e o mundo? Como é que você entende esse conceito?**

Mundo é, tanto a criação de Deus, como aquela porção perdida da criação de Deus. Mundo ou planeta são as pessoas, mas a gente também entra na conotação de mundo para as pessoas que estão distantes de Deus.

**E como deveria ser a relação entre a igreja e o mundo?**

Vai um pouco, da forma como eu te disse, vai um pouco, acho que a segunda questão que eu respondi. Eu acho, nós estamos no mundo, nós também estamos pecadores, de forma, não distantes de Deus, mas estamos convivendo com pessoas que estão distantes de Deus. Acredito, que a relação da igreja com o mundo ela deva ser mais respeitosa do que ela tem sido, na minha opinião. Eu vejo alguns expoentes que se denominam evangélicos se destacando por agredir o mundo o tempo todo. E eu sei que, muitas vezes, os argumentos não estão errados, ou talvez, nem a cultura, mas, eu acho que a relação da igreja com o mundo, ela está mais, ela deveria ser mais um testemunho. Mais uma disposição de abertura, de recepção para receber quem quiser sair do mundo e vir pra igreja, do que, necessariamente, uma postura de sempre ataque ao mundo. Entendeu? Eu acho que o ataque, ele é o pecado e ele é individual. A gente como igreja, como elementos/membros de um igreja, nós temos que nos fortalecer mutuamente, para que a gente consiga na nossa luta pessoal combater o pecado. Mas, a igreja como corpo, embora, sim, muitas vezes ela tem que se posicionar contra, com algumas coisas no mundo, eu acho que ela deveria ter uma postura mais receptiva do que necessariamente o tempo todo de ataque.

**Você usou uma expressão “em abertura” agora também “mais receptiva”. Como que a igreja poderia ser mais aberta, mais receptiva no seu ponto de vista? Esquece o que você pensa mesmo, por favor, seja...**

Olha... Vai um pouco, eu vejo muita falta de esclarecimento das pessoas. A gente gosta muito de julgar. Todo mundo, todo mundo com quem eu convivo, é, a gente sempre para pensar: Olha, o que que o fulano está fazendo da vida! Olha, fulano largou o marido! Olha, o fulano está traindo! A gente gosta muito de apontar os erros das pessoas. Como cristão, eu vejo isso uma conduta muito, muito frequente. E isso, na minha opinião, é uma postura de ataque, uma postura que não deveria acontecer. O que que eu chamo de uma postura receptiva e aberta? É a gente estar disposto a aceitar a aproximação do pecador. E não do pecado. Mas, ser mais abertos e apontar menos o dedo, não é?

**E como você olha, por exemplo, as programações da igreja. O que que você entende? Qual que seria as funções, ideias dessas programações, culto, escola dominical, reunião de oração, estudo bíblico. Qual sentido disso para você?**

Bom, eu acho que cada uma dessas programações elas têm um perfil diferente. Com objetivo diferente. É, o culto a noite de domingo ele tem um perfil mais solene, porque o objetivo, é, nós tributarmos culto a Deus. Não que nos outros momentos Deus não esteja presente da mesma forma. Mas a nossa postura diante do momento da atividade é diferente. A escola dominical, ela tem uma postura mais informal, porque, embora ela seja centrada em Deus, o debate está entre nós. Então, é mais aberto e mais construtivo, digamos, porque é no diálogo que a gente constrói certos raciocínios. Que é mais ou menos o mesmo perfil dos estudos bíblicos.

E as Reuniões de oração são reuniões de oração. [Risos]. É um pouco do que lembro que estou descrevendo. Mas elas também têm outro perfil.

**Qual quer seria a importância, por exemplo, da reunião de oração para você?**

Olha, eu acho que por mais que a gente tenha uma vida de oração em casa, ela difere da oração na igreja por dois motivos: primeiro que a nossa oração em casa é individual e na igreja ela passa ser coletiva, não porque a gente está orando uns com os outros, mas porque a gente está mais ligado aos objetivos uns dos outros. [...] é o pedido de todo mundo que está ali. E, geralmente a gente também tem uma dificuldade de preparar a “marmitta” diária, um momento de oração, de dedicar aquele momento só para a oração. E quando a gente tem o hábito de ir para reunião de oração na igreja a gente está indo só e unicamente para isso. Então, é uma hora de consagrar todos esforços na [...]

**Certo. E deixa eu te perguntar mais uma, mais uma não, tem outras coisas também, mas, por exemplo, voltando lá atrás na questão igreja, mundo, você acha então que essa ideia de desviar isso é coisa de crente, é coisa do mundo, isso é sagrado, isso é profano, fazer essa dualidade. Você acha que isso é interessante ou é mais prejudicial para a vida da igreja, até mesmo para esse relacionamento em abertura um com o outro?**

Olha, não é só interessante, é necessário como é real, mas a forma como ele é feita vejo muitos equívocos na minha forma de julgar como essa dualidade, essa separação é feita. Porque eu me lembro muito no texto de Coríntios que fala sobre as coisas sacrificadas. E, Paulo escreve para algumas pessoas que estavam em dúvida, elas estavam sendo muito radicais em relação a isso, se mantendo, e até mantendo algumas relações com pessoas no mundo para não ter, para não cair no erro de provar uma comida que eventualmente fosse sacrificada. E Paulo fala: Cara, não liga para isso não, porque não vai te afetar. É claro que você não vai comer sabendo, e principalmente se tiver um outro irmão que possa ver e escandalizar por não entender essa dualidade. Mas, aquela questão de puro, de santo e profano, quando você é santo e você está com Deus, não interessa o meio onde você está, você não vai se contaminar pelo o que é profano. Então, existe sim essa dualidade, só que ela é menos categórica, ela é menos, nossa que difícil explicar isso!

**Você diria que é uma dualidade que é possível relacionar-se ou tem que ser excludente uma a outra?** Olha, a prática é excludente.

**Mas qual que seria o ideal? Integração?** Eu tenho que tentar imaginar isso na prática para tentar imaginar qual seria minha opinião, tentar imaginar exemplos práticos, entendeu? Repete a pergunta, por favor? [Risos]

**Você acha então que essa relação dualista, ela precisa ser em exclusão, o mundo negando a igreja e a igreja negando o mundo ou a igreja e o mundo em uma integração podendo abrir um para o outro e se relacionar e tentar aí um diálogo?**

Essa pergunta é perigosa pra “caramba”! Porque a gente pode ter uma opinião e acabar se expressando de uma outra forma. Mas existe a dualidade e deve haver essa separação sim. Essa separação ela deve ser nítida. Mas, volta no que eu estava falando sobre, mesmo a igreja sendo santa e o mundo profano, a igreja tem que estar aberta, não ao mundo, mas até saber o que é e abandonar o mundo. Então, existe uma dualidade sim, muito marcante, e deve existir. Mas a igreja faz parte do mundo e ela deve se integrar ao mundo sem se integrar ao que é profano.

**Última pergunta. O que que você acha que falta na nossa igreja?**

Na nossa igreja... **É aqui, aqui em Santa Teresa!** Em Santa Tereza? O que eu acho que falta na nossa igreja? Às vezes eu penso um monte de coisas, mas agora não está vindo em minha cabeça. Olha, o que eu tenho pra falar não é em relação a igreja Presbiteriana de Santa Tereza, acho que falta no templo todo, dentro ou fora da

igreja. Porque os problemas que eu vejo acontecendo ali, são problemas que acontecem fora dali também. Problemas de relacionamento entre pessoas. Aquele nosso dedinho doido para julgar e apontar o dedo... Fulano está fazendo fofoca do outro fulano. Então são coisas que elas existem no meio profissional, em uma empresa profissional de limpeza, por exemplo. Mas, se lá você quiser se distanciar de uma pessoa e manter uma relação estritamente profissional possível, agora dentro da igreja não é possível, porque igreja é o corpo de Deus representado na Terra. Então falta auto avaliação. Falta eu parar e olhar pra mim. E avaliar minha postura, não somente em relação ao irmão da igreja, mas em relação a todas as pessoas com que me relaciono. Para ver se eu estou espelhando a imagem, o reflexo de Jesus, se estou realmente vivendo.

**O que que, por exemplo, a gente poderia melhorar, fazer para melhorar a nossa prática, então, como comunidade, como igreja, além de uma auto avaliação individual?** Nossa! Estratégias mesmo né? Para integração dos membros da igreja?

**Pode ser...!** Não sei! **Então tá...** [Risos]. Que tem, sempre tem muita coisa, mas eu... **Agora... Então tá... “Brigadão”** De nada.

<b>Data:</b> 01/04/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> JAM	<b>Idade:</b> 26
<b>Profissão:</b> Professora	<b>27/31</b>

**Vamos começar então. Sua idade?** Vou fazer 26 anos. **Quais são as dificuldades que você enfrenta no seu dia a dia? Quais são as lutas que você tem, suas angustias, medos e sonhos?**

É..., angustia assim de..., por enquanto , né?, estou sem emprego, eu fico, nossa fiz faculdade e não consegui nada ainda. Eu fico , né?, meio angustiada com isso. É ... ,medo ? Deixa-me pensar; não conseguir um emprego, é... , a idade já está chegando vindo, 26 anos, - hum rum- já, é estou pensando o que vai ser da minha vida , né?, -hum- então construir uma família , né?, -hum rum- casar e tudo . É... , medo, angustia, o que mais você falou ?

**Os problemas que você enfrenta, também algum problema no seu dia a dia que...** Às vezes, eu sinto dificuldade é... , de focar muito em uma coisa, - hum rum- as vezes é uma dificuldade hum rum - que eu tenho, -hum- . Eu já percebi tem um tempo , -hum rum- focar, conseguir focar, tipo assim; tem uma coisa pra fazer, eu não consigo focar só naquilo, entendeu ? -Hum rum- . Multitarefa [risos], mas, isso às vezes me prejudica também.

**Qual é a sua profissão mesmo?** É... , eu sou professora de Biologia né **-hum rum- embora eu não esteja atuando agora, -hum rum- e, principalmente essa questão do trabalho, você acha que a Igreja como comunidade de fé, até mesmo a sua fé, te ajuda a suportar isso ?** Ha, eu acho que sim, porque se não fosse DEUS, eu acho que, sei lá . Acho que a gente não seria nada , né?, eu não teria tanta força para suportar as dificuldades da vida, eu acho.

**Você acha que é uma força espiritual que te ajuda a enfrentar isso?** Também, a Igreja em conjunto, eu acho. Porque eu vejo como uma família mesmo, -hum rum- é cada um, mesmo com a palavra e tudo mais, vem e conversa com você, e aquilo vai te ajudando também . Hum rum . Você até já entrou numa outra questão que eu ia fazer, que é; o que é e como você entende Igreja ? Igreja, você já disse que é família, mais alguma coisa, outra forma como você vê a Igreja ? É, eu vejo como uma família, como irmãos, né?, é... , tentando seguir o caminho correto do Senhor assim .

Como seria para você o conceito mundo ? O que é o mundo para você ? Como é que você vê isso ? Até mesmo quando o pastor fala sobre mundo ou alguém usa essa palavra em algum momento, como é que você entende isso ? Mundo eu entendo até pela questão da Igreja, é, o que tem fora , né?, da vida cristã; entendemos assim, que tem la fora, que não tem a ver com a Igreja . Hum rum ok .

**Como é que você acha que Igreja e mundo deveriam se relacionar? São antagônicos, são complementares, podem caminhar juntos ou não, como é que você vê isso?** Eu vejo que a Igreja é uma forma de tentar melhorar o que tem lá fora, entendeu? É, agora, eu vejo que trabalhar junto, junto e, é, eu não sei dizer.

**Ha, você sempre foi presbiteriana?** Não, já fui da católica, -hum rum . **Tem quanto tempo que você é presbiteriana assim?** Ai, tem, acho que deve ter uns cinco anos, eu acho. **Só cinco anos? eu acho que tem mais de sete, cheguei aqui vocês já estavam aqui.** Dois mil, agora não vou lembrar o ano. **Um, tem mais de sete com certeza [risos]. É, outra coisa, é, como é que você vê as programações da igreja? O meu trabalho é sobre processos evangelizadores, como é que você**

**vê o culto da nossa Igreja? Como é que você vê a escola dominical? Culto? A reunião de oração? O estudo bíblico? Como é que você vê as programações?** Acho que é uma oportunidade de estar buscando mais a Deus, mais a palavra. E mesmo que eu não tenha a possibilidade de estar sempre, ou na escola dominical, ou as vezes só no culto, mas eu gosto muito de vir.

**Joia! Então vamos a nossa última pergunta: O que você acha que está faltando na nossa Igreja?** [risos] Talvez é, a questão do louvor, a gente sabe que nem sempre tem pessoas para... **Joia, então tá, obrigado.**

<b>Data:</b> 01/04/2017	<b>Gênero:</b> M
<b>Nome:</b> OF	<b>Idade:</b> 28
<b>Profissão:</b> Professor	<b>28/31</b>

### **Sua idade?**

27 anos.

### **Deixa-me te perguntar quais são atualmente os problemas que você mais enfrenta na sua vida, quais são os seus medos o que te angustia no seu dia a dia?**

Não sei se é só um problema, mais hoje né devido essa correria nossa no dia a dia, dá aula e mestrado, e pós-graduação e essa pressão assim em cima da gente e sem querer , a ajuda minha família por fora lá em Vitoria chega um ponto que a gente desanima , vou parar com isso , vou ficar só lá em casa ,vou largar o mestrado, o grande desafio que eu vejo é esse ai o tempo é o trabalho são os pontos que me deixam para baixo ,às vezes eu não faço tudo o que eu queria fazer, às vezes então.

### **Então você faz mestrado, você é professor né certo?**

Sou

### **Pós-graduação, tó acabando, pós-graduação e:**

E ainda ajudo por fora minha família, a gente tem oficina, então às vezes tem que comprar peças, às vezes tô em Vitoria, eu tenho que está em Vila Velha, e às vezes está em cima da hora, então tem que voltar, então muitas vezes desespera um pouco a gente, aquela! E aí você desanima, vou largar esse restante dá aula, vou voltar então pra minha vida lá, da saudade da família também é um problema assim que eu vejo, ficar longe, assim sozinho é um problema assim que eu vejo. É complicado também.

### **Aí você mora aqui em Santa Tereza?**

Não eu moro em Vitoria, durante a semana eu fico só, semana inteira, venho tenho aula na pós no sábado só, venho no sábado à noite, fico ali o dia. 21:00 horas da noite vou dormir, domingo cedo eu acordo fico o dia inteiro estudando, não tenho muito contado com ninguém também faço alguma coisa e tal e a tarde vem a igreja e tal, segunda-feira já retorno pra Vitória de novo e começa a rotina é só correria.

### **E sua família mora dentro de Santa Tereza?**

Dentro de Santa Teresa, no distrito de Santa Tereza.

**Quantos quilômetros da sede mais ou menos?**

18 quilômetros

**Ok, e como você acha que a igreja, enquanto uma comunidade de fé, como você acha que ela pode de ajudar nisso, de ajuda nessa dificuldade de tempo, da saudade da família e das correrias?**

Ajuda às vezes, até me cobro muito porque às vezes deixo a desejar um pouco, porque às vezes não tô direto na igreja às vezes me faz falta porque eu sinto uma paz quando vou a igreja, e eu vejo que Deus trabalha na minha vida porque igual eu te falei situações que eu penso em desisti essa semana por exemplo me deram uma notícia que eu fui de todo o grupo de professores, embora eu não sou efetivo, sou um professor substituto lá, eu tive a maior pontuação assim na avaliação pedagógica. Os alunos chegam me parabenizam então isso é uma coisa que eu nunca imaginava, nunca tinha dado aula na vida primeira experiência do primeiro semestre e você receber uma notícia dessa aí eu não vejo outra coisa diferente há não ser Deus trabalha em nossas vidas.

**Você dá aula onde?**

Dou aula no IFES.

**O que que é IFES?**

Instituto Federal do Espírito Santo.

**É, pra você então, o que você entende como igreja?**

Ah! igreja pra mim então é grupo de pessoas ali que tem que tá no mundo fazendo a diferença, pra tá levando a luz de Cristo, pra mostrar que é diferente fazer a diferença pra chegar no nosso alvo que é Cristo, pra levar os irmãos também que às vezes estão perdidos no caminho, pra poder alcançar nossa meta maior que é Cristo.

**É você usou a palavra mundo. O que que é mundo pra você?**

Ah! Mundo hoje em dia tá complicado né, o mundo tenta levar a gente pra coisas que são de fora da realidade da igreja né, fora do que tá escrito na palavra de Deus, então o mundo hoje tá um pouco perdido né, cheio de promiscuidade, juventude de hoje em dia tá meio perdida só pensa em beber, só pensa em farra, então eu vejo um pouco do mundo é isso aí né uma perdição.

**Você já sinalizou lá traz, mas é só pra reforçar. Como é que então você acha que o mundo e a igreja devem se relacionar?**

Olha eu acho assim, a gente não pode tentar trazer as coisas do mundo pra dentro da igreja, a gente tem que tentar levar as coisas da igreja pro mundo. O mundo vê qual a realidade, a gente não pode se adequar ao mundo, a gente tem que se adequar a palavra de Deus né.

**O que são essas coisas da igreja que a gente tem que levar pra fora?**

A palavra da salvação né, o que Cristo pregou lá para os seus discípulos, mostrar para pessoa onde é o erro porque né através da palavra né.

**Ah! O que você acha então das programações da igreja, uma das noções de tema do meu trabalho é de processos evangelizadores: cultos, escola dominical, apresentação e estudos bíblicos?**

Ah! Acho que isso aí envolvendo programações né , programações tendo alguma coisa da mocidade é tentar trazer novos jovens né, resgatar isso aí né através da escola dominical, culto, aprender mais a palavra, você poder levar a palavra, mais o que você aprendeu aqui reproduzindo na rua né, e você mostrar para pessoa né qual é a verdade então isso aí é legal, porque se dá um embasamento vamos dizer assim de como um debate , porque às vezes existe pessoas que são meio contra o que você fala né, às vezes se for a verdade você acaba ganhando mais às vezes você quer expor do seu jeito e então a pessoa acha meio grosseiro, então começa debater de frente ali, você tem que ter argumento. Argumento você concretiza aqui né, você faz uma base mais sólida.

**A última pergunta: O que você acha que falta na igreja?**

Hum uma coisa que eu me cobro muito, eu acho muito bom assim o louvor. Porque eu fui no retiro de carnaval que uma música marcou a minha vida , aquele retiro, e toda vez que ouço essa música eu começo a chorar eu lembro daquele momento eu comecei a conhecer Cristo ali né, tô a fim de conhecer mais a Cristo eu sei que isso ..., mas tipo assim aquilo ali me tocou , quando eu vejo aquela música ali eu lembro mais e mais e faz falta, então o louvor eu acho às vezes que quando uma pessoa tá aqui na igreja, uma música toca às vezes no coração da pessoa, você acaba né um jovem e tal que gosta de tocar começando a seguir ou desistir \* do caminho o louvor e tal vou tentar a tocar , sei tocar teclado, sei tocar bateria, sei tocar contra baixo, talvez aquele ponto ali Deus vai tocar no coração daquela alma por causa daquilo ali, não que esteja criticando né, de alguma forma o pessoal faz o que eles podem, mas eu acho que é uma coisa legal. Eu é, reforçar essa parte do louvor, é

uma coisa que eu me cobro poderia participar mais, tentar aprender e tal, volta lá na primeira pergunta a correria dos dias a dias é complicado.

**Ah! Uma você sempre foi presbiteriano?** Não. Tenho oito anos que eu tô na presbiteriana

**Joia. Alguma coisa que poderia acrescentar que a gente conversou aqui que vem na cabeça?** Não pastor.

**Então obrigado**

<b>Data:</b> 07/04/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> MAPT	<b>Idade:</b>
<b>Profissão:</b> Dona-de -Casa	<b>29/31</b>

**É começamos então sua idade? 50**

**Quais são as dificuldades as angústias os problemas que você enfrenta no seu dia a dia?** É dificuldades financeiro, enfrento bastante, às vezes um pouco ansiosa, mas é isso não tem tanta muito angústia não

**Mas o que, que te causa essa ansiedade?** Ansiedade que eu tenho é devido a mudança de vida que eu tive nos últimos tempos né de ficar mais em casa e cuidando das coisas da casa que eu gosto de trabalhar fora sempre trabalhei fora , e algumas coisas mudaram na minha vida nos últimos tempos e eu to tentando me adaptar a isso , tem dias que eu to bem tem dia que eu não to tão bem e isso as vezes causa ansiedade mesmo.

**Mas porque que você teve que ficar em casa está desempregada coisa assim?**

Não minha mãe idosa, dependente de cuidar dela ,por todas situações saúde dela , debilitada e eu decidir ficar em casa pra ajudar , ajuda- lá porque tudo que ela vai fazer ela precisa de ajuda ai eu to cuidando dela , porque somos uma família de 7 irmãos, mas não é todos irmãos que tem tanta disponibilidade , como a gente estava com ela antes morando eu fui ficando , fui ficando e to cuidando

**É na sua casa são quantas pessoas?** É, são de 4

**Sua mãe você?** Minha mãe, eu, meu esposo e minha família.

**Como a igreja te ajudar a lidar com esses problemas, com essas dificuldades financeira, essa angústia até mesmo esse cuidado com sua mãe que deve ser algo que pra você querendo ou não é um problema ou é uma dificuldade?**

**Como é que igreja te ajuda?** Olha a igreja pra mim é um esteio forte, é meu maior apoio porque é minha segunda família eu falo que é mesmo, e depois que eu conheci a igreja eu comecei que Jesus mudou a minha vida que eu vim pra igreja é eu me sinto mais forte, resistente eu sei onde encontrar apoio abrigo eu posso contar com meus irmãos em oração eu sei que a igreja oro por mim eu sinto o poder da oração agindo na minha vida e isso faz toda a diferença pra mim suportar .

**Mas como a oração te ajuda a enfrentar isso, a oração dos seus irmãos de dá essa força como você diz?** É porque assim eu vejo os irmãos assim com muito carinho um se importando com outro e se unindo em oração perguntando como esta entendeu , é união realmente, uma união de família e que em casa eu não tenho com minha família porque é diferente, a família da igreja pra mim é uma família diferente

**Além de família o que mais a igreja é para você?** A igreja pra mim é um lugar onde eu aprendo mais de Deus, onde eu aprendo mais da palavra é porque tem os estudos bíblicos onde eu tiro minhas dúvidas e vou aprendendo mais á cerca da palavra de Deus da salvação em Cristo é um lugar que me dá refrigério assim da certeza do futuro, um lugar que eu tenho certeza que um dia os dias vão mudar que Jesus vai voltar , onde eu aprendo de Jesus é isso

**E o que seria o mundo pra você?** O mundo pra mim eu vejo mundo assim como um lugar assustador assim, tipo assim de pecado mesmo, coisas contraria a vontade de Deus, que fazem mal a nossa vida a nossa alma, eu vejo mundo perigoso, perigo! Nós não tivermos alicerçados realmente na palavra do Senhor qualquer um pode cair nas armadilhas do mundo

**Ok, e como que você acha que a igreja e o mundo devem se relacionar? Primeiro igreja e mundo se relacionam? Segundo como deveriam se relacionar?** Igreja e mundo se relacionam eu acho porque não tem como separar né, a igreja está no mundo, é mais eu acho que igreja deveria é buscar mais aprender mais, nós principalmente que somos os escolhidos do Senhor deveríamos nos preparar mais para enfrentar o mundo, levar mais a palavra por que o mundo tem muita sede , sede de justiça e muitas vezes não sabe a onde encontrar, não sabe por onde correr, onde buscar , então é isso

**E o que seria essa sede de justiça que você falou?** Essa sede de justiça que o mundo quer a qualquer custo encontrar uma solução pra suas necessidades, mais só que quer buscar talvez no homem, no próprio homem e isso ai é impossível, ai que entra uma sede de justiça que mundo não sabe a onde encontrar , muitas vezes nós que já somos conhecedores da palavra as vezes deixamos de falar e...

**O que você acha das programações da igreja? Como é que as programações da igreja te ajuda, como é que as programações da igreja te auxiliam na sua vida, te preparam pra sua vida pro seu dia adia, até mesmo pra ir ao mundo e a sociedade?** As programações contribuem sempre porque sempre que a uma programação eu vejo assim que a uma oportunidade nova ta gente ta aprendendo né tendo novas experiências, é mudando a nova visão pra determinado conhecimento e eu acho que tudo venha a somar quando a gente realmente valoriza aquele momento, a oportunidade, tudo venha somar para que a gente né cresça, pra poder dividir com os irmãos , com tantos que precisam

**Outra coisa, você diz que quando você veio para a igreja, com quanto tempo... Você sempre foi presbiteriana?** -Não, eu nasci no lar católico

**E quanto você está na igreja presbiteriana?** Eu tenho 16 anos praticamente que eu congrego nessa igreja já.

**É de lá para cá você acha que sua vida mudou em que?** Olha a minha vida eu posso dizer que a minha vida ela virou do avesso assim, mudou muita coisa tem mudado e logo no começo o que mudou foi que eu comecei a sentir algo diferente em mim um vazio , ai comecei não me encontrava mais na igreja que eu ia ai eu senti um incomodo eu fiquei parada um tempo e depois quando eu percebi eu estava congregando aqui, ai eu senti que Deus me falava comigo, Deus é ... eu conseguir entender algumas coisas, conseguir ver o que era antes o que era depois, ver a diferença do que tinha aprendido até então, do que eu tava começando aprender e eu acho que mudou sim eu não sei me expressar exatamente porque é difícil pra mim falar, um sentimento bom muito bom, grande

**O que você sente falta na nossa igreja?** Ah! Eu sinto falta de visitas, eu sinto falta (riso). e por começar por mim também que não sou muito de visitar eu sinto falta de visita mesmo é isso que eu sinto

**Mais nada não, você está lembrando?** Não no momento, é isso mesmo que eu quero falar visitas, assim mais união dos membros visitar um o outro é isso.

**Obrigado!**

<b>Data:</b> 20/04/2017	<b>Gênero:</b>
<b>Nome:</b> BBR	<b>Idade:</b>
<b>Profissão:</b> Estudante de Odontologia	<b>30/31</b>

**Bom a primeira pergunta geralmente é ruim para as mulheres, qual a sua idade? 22. Como um rapaz cristão quais são os seus desafios, seus problemas, suas angústias, medos e sonhos? Na vida, no seu dia a dia, o que está te angustiando?** Medo de aprovação, às vezes, que você tem que conseguir fazer aquilo que as pessoas esperam, entendeu? Por exemplo na minha questão lá na faculdade, ter que realmente formar no tempo certo, é isso mesmo!

**Você faz faculdade de quê? Odontologia. E você acha que a igreja te ajuda em alguma coisa? Nesse sentido?** Ajuda algumas vezes como ponto, às vezes, como base para, quando você não tem muita base para fazer..., você diz assim vou entregar mesmo para Deus porque não tem o que fazer, entendeu? Muitas vezes te dá uma tranquilidade estudar com mais calma, te dar uma, uma tranquilidade para saber o que você vai... Aceitar aquilo que você vai ter que fazer no momento que você vai ter que fazer, momento você vai passar naquilo na sua vida, entendeu? É isso!

**E como é que você acha que ela (a Igreja) te ajuda - você disse: Te dando essa, essa tranquilidade - Motivação! Tranquilidade e motivação.**

**O que seria a igreja para você?** Eu não sei responder Gladson!

**Tenho outra pergunta. Que a gente fala muito na igreja sobre mundo. O que seria o mundo para você?** São perguntas bem assim né, bem vasto... O que é mundo? Poxa Tem tantas definições tantas partes plantas partes...! **Quando o pastor está pregando e fala sobre mundo, o que vem na sua cabeça?** O lugar em que a gente está hoje, que representaria a sociedade em que a gente está hoje, o que se passa atualmente no que a gente está vivendo. **E você acha que a igreja e o mundo devem se relacionar de que forma? Já que você pensou mundo como sociedade, como é que você acha que a igreja deve se relacionar com essa sociedade?** Repete por favor.

**Entendendo o mundo como sociedade, a sociedade onde nós vivemos, como é que você acha que a igreja deve agir nessa sociedade?** Eu vejo de forma..., não sei como dizer o Gladson. **Fique tranquilo não-resposta também é resposta.**

**Outra coisa o que que você acha das programações da nossa igreja? Escola dominical Os cultos reuniões estudo bíblico, as reuniões de oração?** Eu, inclusive participo pouco. Eu já frequentei mais, eu acho o que é uma coisa boa que aproxima mais as pessoas a vir mais a igreja. São coisas que saem de padrão de cultos todo dia e questiona as pessoas a se aproximarem vir na igreja. Eu acho... por exemplo, uma criança, uma criança vir com os pais e ficar de 7 às 9 horas da noite ouvindo com o pai, às vezes a criança, não gosta e a partir disso aí ela passa não querer vir mais a igreja. De forma que a escola dominical cria uma alternativa para criança se interessar de forma diferente no mesmo assunto, entendeu?

**Que você acha que faz falta, o que você sente falta, o que a igreja poderia fazer para melhorar suas atividades?** O que ela poderia fazer para melhorar as atividades? Eu acho que ela deveria procurar uma área de maior interação com as pessoas, infelizmente ela abrange uma pequena parte da população. O negócio seria encontrar outro jeito de ampliar isso. **Quando você fala “população” é a população da cidade toda?** Da cidade toda! **Nesse sentido você acha que deveria ser um trabalho social ou mesmo um trabalho evangelizador?** Eu acho que deve

ser um trabalho evangelizador não chega a ser tanto social é mais evangelizador mesmo. **Ok! Obrigado!**

**Em conversa posterior o entrevistado começou a dizer:**

[Igreja] é um lugar onde você vai ouvir um culto e tal é muito mais do que isso, e tal. É uma família sociedade diferente mesmo, é um grupo diferente. **E por que você acha que é diferente?** Todo grupo é diferente, somos um grupo diferente, universitários, grupo de músicos, grupos de cristãos. Todos os grupos são diferentes. Diferente nisso! **A igreja tem esse lado juntar todo mundo.** É, ela é a única que tem isso aí. De querer juntar todos nela.

<b>Data:</b> 12/04/2017	<b>Gênero:</b> F
<b>Nome:</b> APF	<b>Idade:</b> 30
<b>Profissão:</b> Dona-de-casa	<b>31/31</b>

**Sua idade?** 30 anos

**Ok, vamos lá. Quais os problemas que você como uma mulher cristã enfrenta no seu dia a dia? Suas angústias, medos, essas coisas?**

Acredito que muitas vezes é a preocupação com a família né a gente acaba se envolvendo, filhos, né?, como trazer pra igreja e lidar com eles , né?, e dar o exemplo.

**Você falou duas coisas: primeiro, família e depois filhos. Vamos pensar primeiro: Qual é essa preocupação que você tem com família especificamente?**

A de eles não estarem na presença de Deus, né?, a maneira que eles vivem , né?, e a gente tem outro jeito de viver , né?, de buscar a Deus e eles não.

**Quando você fala em família você está falando referente a quem?** Meus irmãos meu pai. **Como você descreveria o comportamento deles diante dessa não fé em Deus?** Comportamento? **É!** Triste! **Por quê?** Porque existem brigas, não existe afeto, muitas vezes a gente acaba entre família mesmo tendo desentendimentos, não conseguimos ter diálogo é complicado principalmente religião, muitas vezes têm conflitos da maneira que você quer levar sua vida e a outra pessoa não concorda.

**A sua família interfere na sua vida cristã? O que você acha?** Um pouco, o meu pai, ele critica em si todas as igrejas e a dele é a perfeita; **Posso perguntar; qual a igreja dele?** Mundial

**Ok! E quando você fala de filhos quantos filhos você tem?** Um! **E mesmo esse filho é complicado mostrar como deve ser o caminho a seguir?** Eu acredito que é assim uma fase, tem nove anos, ainda é criança, muitas vezes que curtir a coisa é brincar, às vezes não quer estudar, faz aula de piano, às vezes não quer fazer, não quer treinar, às vezes são coisas assim, não são coisas muito grandes, mas é de pequeno que você mostra o caminho.

**E a sua igreja te ajuda a lidar com esses dois problemas; família e criação de filhos?** Olha, já tive uma conversa uma vez com o pastor, mas, assim, eu não envolvo muito e o mesmo no caso, não falo, né?, das coisas que acontecem a gente pede oração somente;

**Mas você acha que só a oração é suficiente pra te ajudar?** É complicado não sei te responder. **O que é igreja para você?** Igreja Templo, ou igreja em si? **Tá! Você falou igreja templo, e você falou igreja gesticulando... Ah tá, igreja em si. O que você tá chamando de igreja em si?** Assim, igreja, casa de Deus, no momento que você tem para celebrar, para louvar a Deus, acredito que você tá em casa e em vez de você ir numa festa, é melhor você estar na casa de Deus e o convívio também com as pessoas, você acaba no caso, eu sou muito quieta, na minha, então na igreja você tem um convívio melhor com as pessoas!

**E o que você acha mais importante na igreja? O que te chama mais atenção nessa vida em convívio com seus irmãos?** Pessoas que se importam com você!

**Você acha que a sua igreja se importa com você?** Acredito que sim!

**Você falou alguma coisa sobre festa; ao invés de ir para uma festa, ir para igreja. Qual o problema de ir numa festa?** É porque são ambientes né... vamos supor, eu vou para uma balada? não se eu estou na igreja eu não vou buscar esse

caminho porque aí eu estaria indo para o mundo e você indo para igreja, você sabe o caminho que você está seguindo né.

**Você falou que você estaria indo para o mundo; o que é o mundo para você? Como é que você entende isso?** O Mundo é... é viver ele assim, festas ,baladas, bebidas alcoólicas, cigarro, essas coisas; coisas que na igreja você não vê isso. **Mas qual o problema dessas coisas? Na balada, bebida...** Não é o caminho de Deus; não é o que ensina né; não é! A igreja não ensina isso,

**E como é que a igreja e o mundo deveriam se relacionar então? É possível ter um relacionamento?** É pelo fato de, vamos supor, muitos parentes não são evangélicos, então muitas vezes você tem que ir alguns lugares que eles Te chamam, mas aí você tem que ir e manter a sua posição.

**Mais outra forma que a igreja deveria agir, ou poderia agir, em relação ao mundo? Mais alguma outra forma que a gente poderia relacionar você acha?** Ah... eu acredito que poderia ter mais palestras, explicando mais, porque hoje em dia os jovens estão conhecendo o mundo.

**Entendo, ok! Qual é a função que você acha que tem as programações da nossa igreja?** Olha, tem coisas que eu não concordo, mas como diz, a gente tem que ir conforme... tipo assim, se eu não concordo, eu muitas vezes não participo, eu vejo assim.

**Quais são? Que programações você não concorda? Por exemplo?** Coisas de comida! Em tudo que é programação tem muita comida. Eu não concordo nisso, entendeu? Eu acredito que não que falte oração, mas é que muitas vezes as pessoas ficam muito envolvidas com a comercialização, no caso, comida, em vez de oração; mas aí é uma opinião minha.

**Mas é a sua opinião que eu quero saber! Mas por exemplo; qual você acha que é a função da escola dominical, dos cultos, da reunião de oração, do estudo bíblico?** Muito bom! igual escola dominical, Wendell ama vir, ele até reclamou outro dia com pai dele que se quando ele tiver 10 anos, se ele pode vir de bicicleta, quando não der para ele vir, assim no caso do Jean trazer!

**Wendell é seu filho?** Sim

**E para você qual dessas programações que você mais gosta?** Olha, reunião de oração eu acredito que eu participo mais; e culto à noite! Não venho muito a escola dominical! Falho nisso, mas acredito que todas elas contribuem muito.

**Você falou sobre reunião de oração; primeiro, qual a importância da oração na sua vida?** Tudo! Sem oração, a gente não vive né! Deus nos ensinou assim né.

**E você sempre foi Presbiteriana? Não. Qual era a sua outra religião? Católica**  
**E agora pra gente encerrar. O que você sente falta na nossa igreja? O quê que você acha que ela poderia realizar para te ajudar mais a viver? A enfrentar os desafios da sua vida? A educar seu filho?** Eu acredito que palestras! Em questão de educação de filhos, para casais, convivência marido e mulher, acredito que isso falta na igreja. Se você ver, que muitas vezes, muitos filhos se desviam; bem, eu acredito que então é o que vêm dentro de casa. Então a gente tem que tomar muito cuidado com isso.

**Sim! Deixa eu lhe perguntar: Você acha que educação de filhos, palestras de casais são uma necessidade na vida da igreja?** Sim. **Não é algo dissociado da sua vida?** Não! É porque a gente vê muitos casos, acho que pelo fato da gente ver na família, a gente gostaria de estar trazendo, né?, eu não sei, a educação, a questão de filhos, é muito bom a gente lidar com isso e muitas vezes a gente não sabe

assistir, exemplo: bota o filho de castigo, vai lá e tira. Entendimento, quer dizer, se fica com dó, vai lá, e tira! E a nossa criação é diferente das de hoje, muito diferente.

**Ok. Mais alguma coisa que você gostaria de colocar aqui?** Eu gostei da entrevista! é bom! **Também gostei! muito obrigado então!**